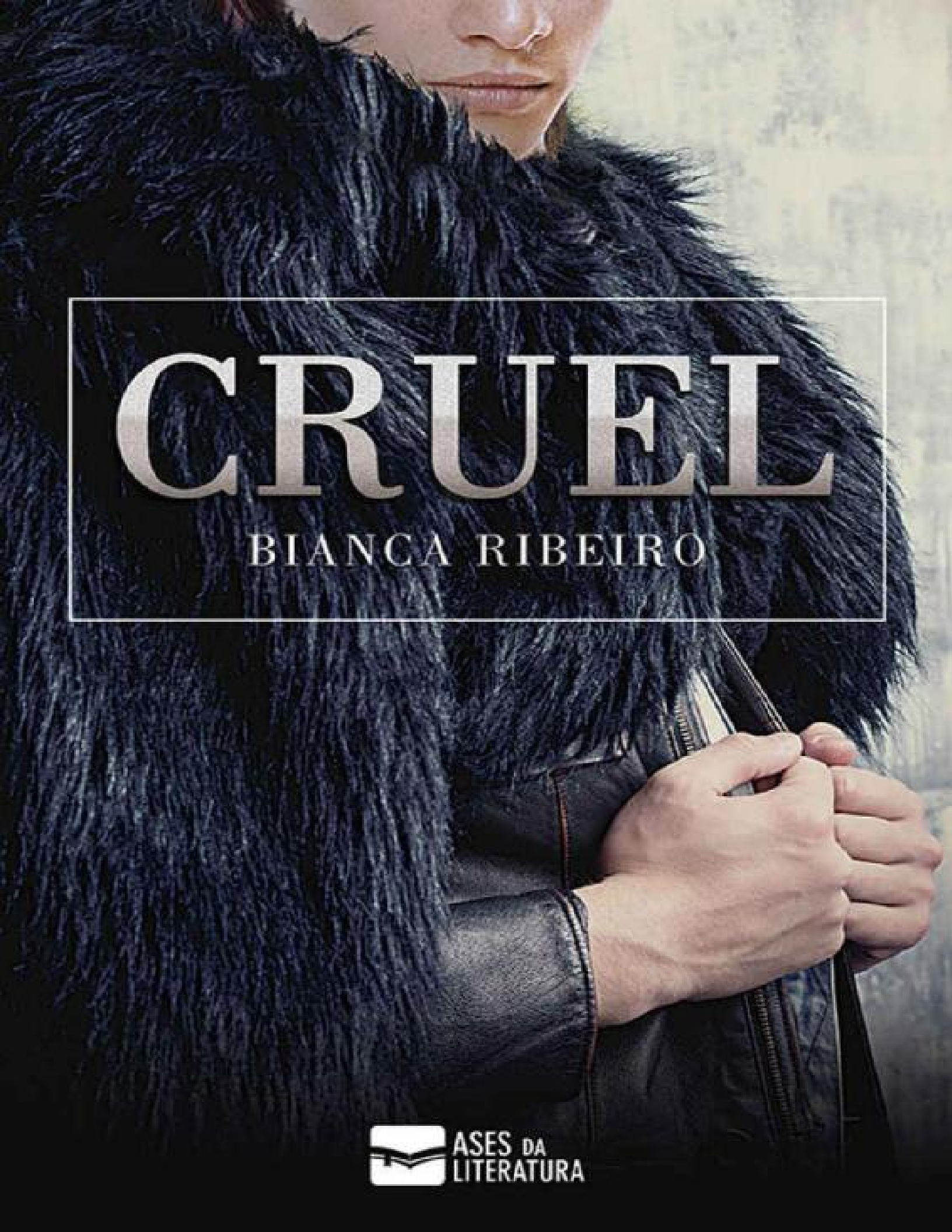




CRUEL

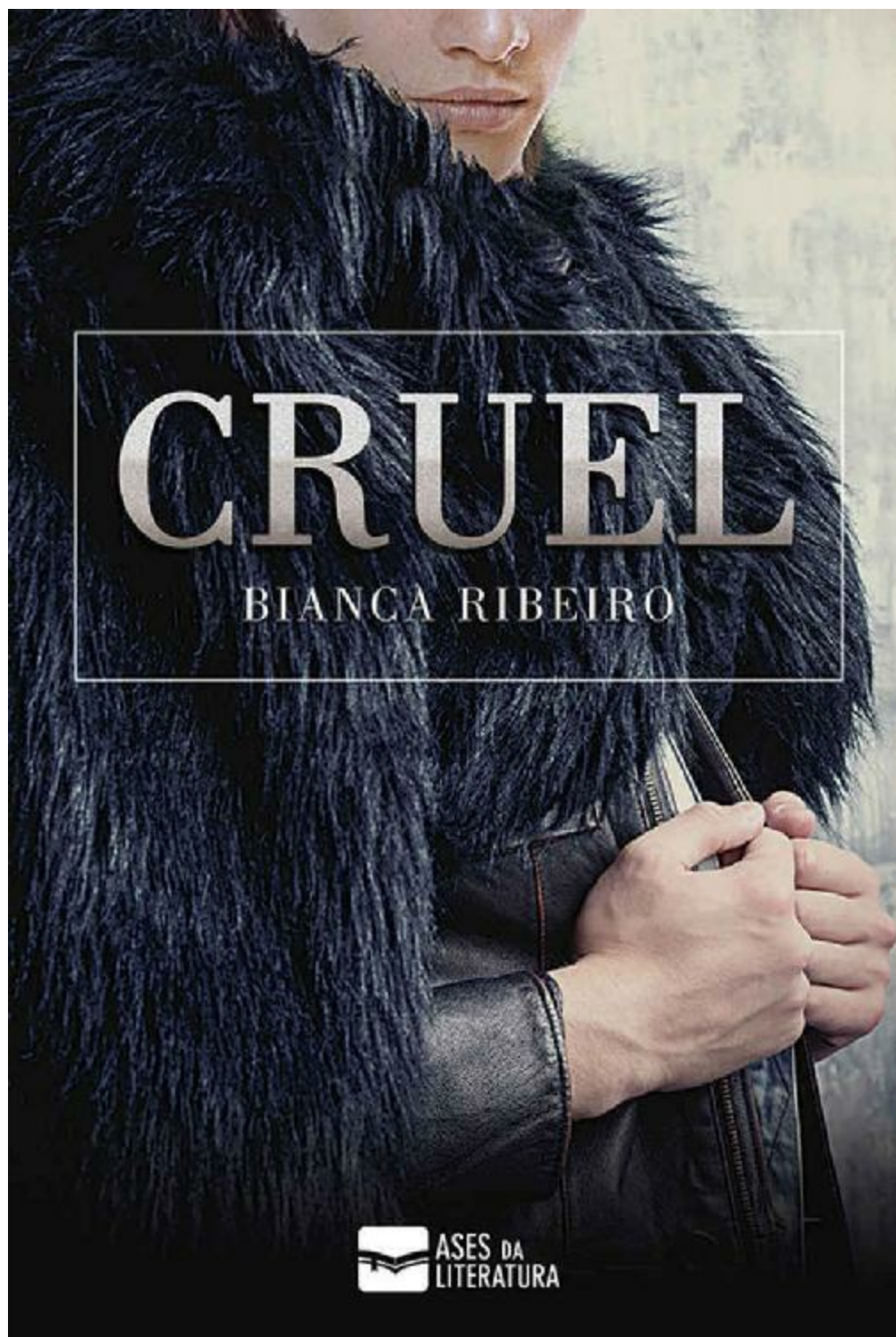
BIANCA RIBEIRO



ASES DA
LITERATURA



PERIGOSAS



CRUEL

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Bianca Ribeiro

COPIDESQUE

Coordenação editorial Júlia Vasques

Revisão Amanda Mesquita

Diagramação Renan Barros

Capa Hugo Breves

FICHA CATALOGRÁFICA

Ribeiro, Bianca

Cruel / Bianca Ribeiro

1. Ed. – Braga

16X23 cm.

CDD B869.8

Agosto: Ases da Literatura, 2017.

NACIONAIS - ACHERON

(broch.)

1. Literatura.

I. Título.

Capítulo 1

Meu nome é Rosie Vallahar. Tenho dezessete anos.

No momento, estou sentada em um banco de espera na delegacia da minha província. Eu

cheiro a queimado e minha testa arde por causa de um corte que os enfermeiros tentaram fazer

parar de sangrar. Não deu muito certo.

Hoje fiquei órfã.

Um incêndio varreu minha casa e minha família do mapa. Só eu sobrevivi. Posso parecer fria

falando dessa forma, mas já chorei nas últimas duas horas o suficiente para a vida toda. Já dei

meus depoimentos à polícia sobre o acidente e comi uma rosquinha com granulado colorido.

Minhas

costas doem e eu estou com sono.

— Querida, querida — A policial responsável por mim abre a porta de sua sala, chamando-

me. Eu me levanto e vou até ela. — Aqui — Ela me estende um pacote de papel pardo. — Uma

troca de roupas para você. Eram da minha filha.

A policial Mac foi quem me encontrou nos escombros e permaneceu olhando por mim durante

as últimas seis horas. Ela perdeu a filha mais velha há um ano. É estranho receber roupas de uma

garota morta, mas estou muito grata pelo gesto.

— Obrigada — sussurro, fitando o pacote.

Ela afaga o topo da minha cabeça. Sou muito baixa, apesar da minha idade, o que já me

PERIGOSAS

rendeu confusões com professores, policiais e garotos.

— Está cansada, querida?

Assinto.

Estou prestes a deitar no chão da delegacia.

— O senhor DeVil acabou de chegar, Mac! — grita um policial no corredor.

Suspiro.

Collumbus DeVil tinha uma grande "dívida moral" com o meu pai e, caso algo acontecesse,

ele é quem deveria ficar responsável por mim. Desde pequena fui instruída por minha mãe a dizer

isso à polícia se me perdesse ou algo acontecesse aos meus pais. E foi o que eu fiz. Não tenho

parentes próximos e todos os pertences da minha família viraram cinzas. Que escolha eu tenho a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

não ser confiar nesse estranho?

— Tem certeza de que está tudo bem em ir viver com este senhor? — pergunta Mac. —

Pode recorrer no tribunal ou, quem sabe, tentar uma emancipação?

Faço que não.

— Era isso que a minha mãe... — Um nó na garganta me impede de falar. De respirar.

Ainda não parece verdade que estou completamente só.

Mac me dá uns tapinhas no ombro.

— Entendi, querida, entendi. Se sua mãe queria dessa maneira, então deve ser o melhor para você.

Tento engolir o choro e me acalmo. Não quero mais chorar.

NACIONAIS - ACHERON

— Vamos encontrar o senhor DeVil — A policial Mac sorri. Ela é alta, tem a pele cor de

chocolate, bonita e com um ar jovem. Como a tia que eu queria ter tido. Confio nela.

Seguimos pelo corredor até o hall de entrada da delegacia. Antes que eu veja o senhor

DeVil em si, vejo seus casacos de pele luxuosos e volumosos. Então, meus olhos focalizam na figura

dele e eu paro no meio do caminho. Ele é jovem. Mais velho do que eu, mas bem mais jovem do

que pensei que seria. Que tipo de contato tinha com o meu pai?

A policial Mac também hesita e me olha de esguelha, desconfortável.

— Senhor... DeVil?

Ele se volta em nossa direção e caminha a passos calmos e elegantes até estar diante de nós

duas. Os cabelos dele são do mais escuro preto, lisos e escorridos e quase chegam aos ombros. Ele

é pálido e esguio. Veste *smoking* por baixo das peles luxuosas. E os olhos... não sei. Não consigo

encará-lo nos olhos.

— Você deve ser a Rosie — ele diz. Sua voz é pegajosa e grave. Sinto vontade de me

esconder atrás da policial Mac.

— Siiim — sibilo.

O senhor DeVil troca um brevíssimo aperto de mão com a policial Mac.

— Obrigado por tomar conta dela, policial.

Mas ela não está convencida.

— O senhor é o senhor Collumbus DeVil? — Mac arqueia uma sobrancelha.

— Se eu sou? — Ele dá um sorriso torto. — De

maneira nenhuma, senhora policial. Collumbus

é meu falecido pai. Quem cuida dos negócios da família agora sou eu, e isso inclui... — Ele olha

para mim e eu desvio o olhar para o chão. — Isso inclui as dívidas que ele fez em vida.

— Entendo — Ela assente. — E o senhor se julga apto a zelar por esta *criança*? — Mac

ênfatiza a última palavra de um modo estranho. Deixa-me preocupada.

O jovem senhor DeVil arqueia uma sobrancelha.

— Mas é claro.

Estremeço. Não me sinto segura. A tensão no hall é quase palpável. A policial Mac e o senhor

DeVil permanecem encarando um ao outro pelo que parece uma eternidade. Então ela suspira,

olha para mim e sorri.

PERIGOSAS

— Você deve ir agora, querida.

Não quero.

— Você ficará bem.

Não ficarei.

Mac me abraça e sorratamente enfia algo no bolso da frente da minha calça jeans.

— Até logo.

Fico olhando para ela quando ela se afasta. Minhas mãos estão frias, mas algo ainda mais

frio toca meu ombro. Congelo.

— Venha, Rosie Vallahar — murmura o senhor DeVil —, vamos para casa.

Tudo no jovem senhor DeVil é enigmático. Desde a maneira como ele caminha, até o modo

como me olha de canto do olho. Eu sabia que ele era rico, mas me surpreendo quando vejo um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

carro vermelho e chique — daqueles antigos e caros — diante da delegacia, com direito a

motorista particular. Abraço o meu pacote. Meus únicos pertences.

Tenho frio. Já passa da meia-noite e tanto o asfalto negro como a calçada brilham. Deve ter

chovido. Conduzida pelo ombro pelo senhor DeVil, aproximo-me do carro. O motorista se adianta

e abre a porta para mim. É um homem bem alto e magro, de bigode grisalho e rosto sem

expressão. Se eu não estivesse vendo-o se mexer, podia jurar que estava morto.

— Senhor, senhorita — ele resmunga, respeitosamente.

Atrás de mim, o senhor DeVil ronrona:

— Primeiro as damas.

Olho para ele rapidamente. Está sorrindo de um

NACIONAIS - ACHERON

jeito debochado. Tropeço nos meus próprios

pés, mas entro no carro. Os bancos são de couro bege e o veículo é forrado de veludo vermelho.

Sinto cheiro de menta e algo que não sei nomear. Espremo-me contra a porta para a abrir a maior

distância possível entre mim e o senhor DeVil. Ele entra depois de mim e o motorista fecha a porta.

O trajeto é longo. Muito. Vejo casas e estabelecimentos rarearem conforme o carro corre

pela estrada. Com certeza já estamos fora da cidade. Ao meu lado, o senhor DeVil acende um

cigarro. Fico olhando para ele, fitando seu rosto ser iluminado pela pequena chama alaranjada.

Seus olhos são azul-gelo e suas maçãs do rosto são salientes. Ele me flagra olhando. Desvio os

olhos para a janela. Meu coração falha por um segundo. Tenho medo de olhar diretamente para

os olhos dele. Muito medo.

— Quer um, Rosie? — ele pergunta, mostrando-me o cigarro aceso. Faço que não com a

cabeça, olhando para o vidro escuro. — Ah, é mesmo — Ele ri. —, você é somente uma criança.

Uma boa criança, por sinal. E boas crianças não fumam, estou certo?

Concordo. Ele espera.

— Não sabe falar, *Rosie*?

Sinto um nó formar-se em minha garganta.

— Sei — respondo, de uma maneira mais rude do que gostaria. Olho de canto de olho e

pego-o olhando fixamente para mim. Com maldade. Como se eu fosse um brinquedo novo que ele

está ansioso para quebrar.

Armo-me de toda a minha coragem e digo:

— Agradeço se o senhor parar de olhar para mim desse jeito, senhor DeVil.

Suas sobrancelhas têm um leve sobressalto. Ou, talvez, seja a minha imaginação inventando

coisas. Ele ri.

— Desse jeito — ronrona, olhando para o cigarro aceso entre seus dedos. — Pergunto-me...

que jeito seria esse?

Prendo a respiração. Ele está zombando de mim. Que infantil.

Ninguém diz mais nada durante a meia hora seguinte. Estou a ponto de ficar apavorada

quando vejo uma construção enorme e cinzenta cercada por muros negros e cobertos de hera.

Parece um castelo, mas não tem torres. É gigante e antigo. É aqui que vou morar de agora em

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

diante? Nesse lugar assustador?

O motorista usa um controle automático para abrir o portão de ferro principal, que não

parece nada eletrônico, mas é. Ouço o som de correntes. Então, entramos. O jardim da frente tem

uma fonte com uma estátua de mulher derrubando um fio de água de seu jarro. Há plantas bem

podadas por toda parte, mas nada de flores. Bem, ainda nem é primavera mesmo. O carro

contorna a fonte e para diante das portas de madeira enormes. Dois homens de uniforme se

aproximam.

— Senhor DeVil — Um deles abre a porta para o senhor DeVil. — Senhorita — O outro

abre a porta para mim.

Salto do carro chique e antigo sem olhar para o empregado que abriu a porta para mim.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Não sei para onde ir ou ficar, por isso permaneço parada ao lado do carro, fitando o chão.

— Ei — o senhor DeVil chama, sobressaltando-me.

Olho para ele, parado diante da porta. Está irritado, impaciente.

— Venha, entre logo.

Abraço meu pacote e corro até ele. Meus sapatos fazer um som engraçado quando batem

nos degraus brancos e eu tenho que me frear para não trombar na figura esguia e imponente que

me espera. Olho para ele. Parece ainda mais irritado.

— Tsc. Acompanhe-me.

Os dois empregados abrem as portas e recolhem as roupas de pele e o paletó do senhor

DeVil. Dentro da casa está quente, agradável. As paredes e o chão são de bonitos tons de branco

NACIONAIS - ACHERON

e pastel e a mobília é escura. Um lustre incrível ilumina o hall e uma escadaria belíssima estende-se

ao andar superior. O senhor DeVil parece mais relaxado e arregaça as mangas de sua camisa

branca. Seus braços parecem firmes e capazes, mas não muito musculosos. Não parece ser muito

mais velho do que eu. Ele me flagra olhando.

— Sabe — diz entre dentes —, agradeço se a senhorita parar de olhar para mim desse

jeito.

Sinto meu rosto arder e fito o chão branco. Ele está bravo. Mas, por quê? O que foi que eu

fiz?

— Desculpe — acabo sussurrando.

Ouçoo suspírar alto.

— Agatha! — grita ele, assustando-me.

Uma mulher baixinha e de meia idade chega apressada. Veste um uniforme de empregada bastante tradicional.

— Senhor?

O senhor DeVil enfia as mãos no bolso da calça social. Há uma tira de couro vermelha em seu pulso.

— Cuide das acomodações da... — ele hesita, olha para mim e coça a testa. —, dessa garota. Estarei ocupado, então dê um jeito nela.

E então ele desaparece por um corredor sem dizer mais nada. Minhas mãos estão tremendo.

Frio ou medo? , eu me pergunto.

— Qual o seu nome, senhorita? — pergunta a empregada, Agatha.

Pigarreio.

— Rosie, senhora.

— Oh, não me chame assim. O patrão vai brigar com nós duas — ela diz e me olha da

cabeça aos pés. — A senhorita é uma jovem realmente muito bonita. Bonita demais para o próprio

bem. É mesmo uma pena.

Estremeço.

— Uma pena... por quê? — indago.

Agatha suspira.

— É uma pena que tenha caído nas mãos dele.

Capítulo 2

Meu quarto é bonito. Não sei se eu esperava que me dessem um sótão ou um armário de

vassouras para viver, mas minhas acomodações realmente me impressionaram. Há uma cama

grande de madeira com um dossel e edredons brancos. Três travesseiros fofos. Uma penteadeira e

um guarda-roupa branco. Janelas grandes. Uma poltrona de leitura e uma estante cheia de livros.

— E aqui fica o banheiro — Agatha gesticula para uma porta branca no fundo do quarto.

— Eu tenho meu próprio banheiro? — indago baixinho, para mim mesma.

É um banheiro pequeno, mas muito bem arrumado. Todo branco e bege. Aliás, tudo em meu

quarto tem cores neutras e suaves. Faz-me sentir que estou num hospital de luxo ou algo assim. Mas

não posso reclamar. Sou sortuda por ter todo esse luxo enquanto garotas da minha idade vão

para abrigos até completarem dezoito anos e, depois, rua.

— O que é isso que a senhorita tem aí? — pergunta Agatha, quando deixamos o banheiro.

Dou-me conta de que ainda seguro o pacote da policial Mac com força contra o peito.

— Uma... uma amiga me deu. São roupas.

— Oh, pode me dar isso aqui — Ela estende as mãos. — Você terá roupas novas e dignas

assim que...

— Não. — Abraço o pacote com mais força. — Eu quero ficar com isso, Agatha. É meu.

— Mas o senhor DeVil lhe dará roupas novinhas e de marca. Pense só nesse guarda-roupa

cheio de vestidos e saias maravilhosos.

Olho para o guarda-roupa.

— Eu aceito as roupas que ele quiser me dar. Mas isso foi um presente. Não me livrarei dele.

Agatha suspira.

— Que teimosia. Isso é mau, senhorita Rosie.

Franzo a testa.

— Por favor, me chame só de Rosie.

Agatha revira os olhos e apoia as mãos na cintura.

— Isso será complicado — ela resmunga. — Sente-se, menina.

Sento-me na beirada da cama. É menos fofa do que eu pensei que seria. Agatha puxa o

banco da penteadeira e senta-se de frente para mim.

— Escute, as coisas por aqui são sempre exatamente como o senhor DeVil quer que sejam.

Ele é dono de toda a propriedade e é nosso dono, menina. Se você for uma boa garota obediente

e ficar fora do caminho dele, tudo ficará bem.

Meu estômago se agita.

— Por quê? — pergunto.

— Por que o quê?

Meus dedos tremem. Não gosto dessa história de pertencer àquele homem.

— Ele... ele tem apenas a minha guarda temporária, Agatha. Em nove meses, farei dezoito

anos e não precisarei mais de um guardião legal. Então, irei embora.

Agatha faz uma expressão estranha. De pena. Como se...

— Se é assim que a senhori... que você quer pensar... — Ela coloca-se de pé. — Achei mais

seguro adverti-la. O senhor DeVil é severo e não admite ser contrariado. Mantenha isso em mente.

Agatha vira-se e caminha até a porta.

— Eu... — digo, e ela para e olha para mim por cima do ombro. — Eu não tenho medo dele.

Agatha dá um sorriso fraco que evidencia suas

rugas.

— Que bom. O café da manhã estará à mesa assim que o sol nascer. Há petiscos ali em sua

mesa de leitura. Fique à vontade e... bem-vinda.

A porta é fechada. Estou só. Deixo o pacote sobre a cama e devoro os biscoitos e as fatias

de torta deixadas ali para mim. Estava com mais fome do que pensei.

Decido abrir o pacote que a policial Mac me deu. Há uma blusa de moletom com estampa

florida, um par de meias azuis e uma calça moletom cinza. Eram da filha dela. Sinto um aperto no

peito, mas quero muito ficar com essas roupas. Por alguma razão, me lembram da sensação de

perder alguém importante, e Mac e eu perdemos. Quero me lembrar disso, já que não tenho

PERIGOSAS

recordações de família. Perdi tudo.

Olho de esguelha para o banheiro e cheiro meu cabelo.

Argh.

Preciso de um banho.

Encontro um roupão, shampoo e sabonete. Ligo o chuveiro chique e deixo a água me lavar.

Choro. Não queria, mas choro muito. Daquele jeito em que as caretas são inevitáveis e os soluços

sacodem o corpo todo. Então, começo a me ensaboar e lavo meus cabelos. São muito louros, como

os da minha mãe. E os meus olhos verde-escuros são como os do meu pai. Quem disse que não

tenho nada para me lembrar deles, mesmo?

Quando termino de me enxugar, visto o roupão e olho-me no espelho grande do banheiro.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Meus olhos e nariz estão vermelhos e enormes de tanto chorar. Respiro fundo três vezes antes de voltar ao quarto. E sou surpreendida.

Ele está aqui, no meio do quarto, com as mãos nos bolsos da calça. Seus olhos quase

perfuram os meus. Fico paralisada, consciente de que estou apenas de roupão, cabelos molhados e

que meu rosto está uma bola vermelha. Flagro seus olhos me avaliando.

Eu tenho medo dele, sim. Não consigo me mover. Nem respirar direito. Nem pensar. O senhor

DeVil também não faz movimento algum. Apenas me olha. Talvez esteja esperando que eu faça

algo ou diga algo, não sei.

Meu estômago está congelado.

— E-eu... — gaguejo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Não pensei que você já estaria tão à vontade — ele ronrona, crispando os olhos.

— Eu estava cheirando a fumaça — digo, sem olhá-lo direto nos olhos.

— É mesmo? E agora?

Franzo a testa.

— Agora?

Ele se aproxima calmamente, pega uma mecha de meu cabelo molhado e cheira. Fico ainda

mais congelada. Nem sinto meu sangue correr. O senhor DeVil cheira a menta e ele... ele é quente.

— Hum... rosas — ele suspira, de olhos fechados. Então os abre e me encara. Está muito

perto de mim. Perto demais. — Que cheiro de criança, Rosie — zomba. — Combina bastante com você.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ele se afasta um pouco, com um sorriso sarcástico e torto nos lábios pálidos. Levanta o

indicador e dá um peteleco doído em minha testa.

— Você está muito vermelha, sabia? Espero que não esteja tendo *ideias*.

Toco o local que ele atingiu.

— Ideias? — repito, atraindo sua atenção. Vou tentar entrar no jogo dele. — Pergunto-me...

que tipo de ideias seriam. Se eu sou só uma *criança*, não tenho essas ideias. Não é mesmo, senhor?

Seu sorriso vacila por um momento tão breve que me pergunto se não é minha imaginação.

Cruzo os braços, fazendo força para não tremer na frente dele.

— Eu... só vim ditar algumas regras — o senhor DeVil diz, após um longo segundo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Engulo em seco.

— Estou ouvindo. — E decido acrescentar: —
Senhor.

— Bem, você mora aqui agora. Esta é sua casa,
mas não quer dizer que pode fazer o que

quiser. Não quero ter que ver você por aí,
entendeu?

Meus olhos correm para o rosto dele. Não é
brincadeira. Ele parece irritado outra vez.

— Sim — assinto.

— Você continuará com seus estudos, seja lá onde
você estude, mas sempre terá um dos meus

homens com você, entendeu?

Franzo a testa.

— Por quê? — Minha voz soa indignada.

Ele trinca os dentes.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Por que você está vivendo sob o meu teto agora e eu não quero que faça burrices

quando estiver lá fora. Isso pode pegar muito mal para mim, pois parece que a sua cidade inteira

ficou sabendo sobre seus pais. É uma questão de tempo até que saibam que está vivendo aqui.

— Mas... mas eu não faço burrices — argumento, sacudindo a cabeça. — Sei bem como me

comportar em lugares com mais gente. Eu não...

O senhor DeVil ri com maldade, me interrompendo. Suas mãos voltam aos bolsos da calça.

— Ah, isso não é divertido, você é muito previsível, Rosie. Previsível demais. Que patético.

Ele vira as costas e começa a caminhar para fora do quarto tranquilamente. Eu sinto meu

peito queimar. Ele... me chamou de patética?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Olha... *senhor*... — eu digo, aproximando-me dele. — Desculpe se você não foi com a

minha cara, mas eu também não estou nem um pouco feliz com essa situação. Puxa, meus... meus pais morreram e eu...

— Ah, você quer consolo? — Ele ergue uma sobancelha.

— Não, eu só...

Ele abre a porta e olha para mim por cima do ombro com tanto desdém que sinto vergonha de mim mesma.

— Como eu disse — resmunga —, é patético.

E vai embora. Eu permaneço parada, mordendo o lábio com força. Não vou chorar. Não vou.

Não por isso. Não por ele. Como... como vou viver assim? Serei vigiada o tempo todo por um cara

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que me considera uma vergonha em potencial e alguém patética? Teria sido melhor viver num

abrigo. Meu aniversário não está tão longe. Teria sido melhor ouvir a policial Mac e entrar com um

pedido de emancipação. Teria sido melhor esquecer o que minha mãe disse sobre o senhor

Collumbus.

O que eu esperava, afinal? Receber cuidados de alguém como ele? Gentileza porque fiquei

órfã?

É. Eu esperava por acolhimento. Que idiota.

Enxugo as lágrimas que teimam em vir. Visto a roupa que ganhei da policial Mac e me enfito

debaixo das cobertas. Nem me incomodo em apagar as luzes. Talvez eu tenha pesadelos se o fizer.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Amanhã será um dia melhor, diria minha mãe em situações como esta. Ela sempre me dizia

essas frases motivacionais e sempre esteve certa. Segundo meu pai, assim que eu nasci ela jurou

que me criaria de maneira diferente das outras crianças. *Ela me fez prometer que faríamos de você*

uma pessoa genuinamente gentil. Gentil e forte, ele disse.

E aqui estou eu, chorando por um homem desprezível que se comporta como um menino

mimado. Sim, é isso que ele é. A criança aqui não sou eu, definitivamente.

Reviro-me na cama enorme até ser vencida pelo cansaço. Apago. Sonho que sou arrastada

por correntes ao longo de um corredor sujo. Uso apenas o roupão e estou imunda dos pés até a

cabeça. Ouço uma risada alta e maldosa, e procuro pelo seu dono. Mesmo sem ver, eu sei. É ele.

NACIONAIS - ACHERON

— Venha, minha linda cadelinha — ele cantarola.
— Quero fazer um casaco bem lindo com

essa sua pele bonita.

Eu grito.

Acordo.

E grito novamente.

Capítulo 3

Agatha entra correndo, acompanhada de dois empregados. Estou sem fôlego, abraçada ao

travesseiro. Fico repetindo para mim mesma que aquilo tudo foi só um pesadelo. Que está tudo

bem. Que ninguém arrancará minha pele. Mas não paro de tremer.

— Puxa vida, senhorita Rosie! Está ferida?

Olho para Agatha.

PERIGOSAS

— Não. Foi só... um sonho bobo.

Ela crispa os olhos. Então dispensa os empregados com um gesto e se aproxima da minha

cama enquanto eles saem. Respiro fundo e paro de tremer.

— Estou bem.

— Rosie... — Agatha me encara, preocupada. Ao menos tenho ela para ser gentil comigo.

Sacudo a cabeça.

— Foi uma bobeira, estou bem.

Ela suspira alto.

— O patrão está bravo. Irado, na verdade. — Ela ri com sarcasmo. — Quem diria que

Cruel DeVil tem tão pouca paciência com garotas...

Arqueio as sobrancelhas.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

O nome...

O nome dele é...

— Você está brincando, Agatha? O nome dele é...
Cruel?

Ela arregala os olhos e cobre a boca. Então me dá um tapa na mão.

— Nunca mais repita isso! — sibila. — Ele... ele não gosta do nome. Ninguém o chama assim.

Franzo a testa.

— Nem mesmo os pais? Os amigos?

Agatha revira os olhos, como se estivesse entediada.

— Que pais? Que amigos? — ela devolve minha pergunta, irritada. — O senhor DeVil não

tem nada disso e é melhor que a senhorita nunca use essa informação contra ele porque são

NACIONAIS - ACHERON

pouquíssimas as pessoas que sabem disso e eu não tenho permissão para sair contando a qualquer

um...

Então, ele é como eu. Toda aquela postura de superioridade esconde um cara solitário? É

isso? Meu estômago ronca alto. Agatha faz cara feia.

— Você perdeu o café da manhã, menina. Por isso o senhor DeVil está irritado.

— Ele queria que eu comesse com ele?

— Lógico que não. Ele reservou o nascer do sol para o seu café da manhã — Ela aponta

para mim. — Agora a sala de jantar é só dele e de seus visitantes.

Suspiro. Quero sumir. *Que problemático!*

— Eu estava cansada — digo. — E posso muito bem tomar café da manhã na cozinha, não

posso?

Agatha arqueia as sobrancelhas.

— Na cozinha? De jeito nenhum! Eu seria esfolada se permitisse isso.

— Então, onde?

— Vou trazer o seu café para cá, não se preocupe.

Antes que eu possa protestar, ela sai e fecha a porta. Desço da cama e vou ao banheiro

escovar os dentes. Encontro uma caixa fechada de escovas de dente cor-de-rosa novinhas, prontas

para mim.

— Que coisa ridícula. — Abro a caixa e pego uma escova.

Enquanto escovo os dentes, penso que não quero ficar trancada no quarto — mesmo que

tenha nele muita coisa para explorar. A casa DeVil

PERIGOSAS

é enorme e eu não vi quase nada dela. Além

disso, qual seria a probabilidade do senhor DeVil
topar comigo num castelo como este? Serei

cuidadosa. Darei uma olhada em tudo e retornarei
ao meu quarto sem que ele sequer sonhe que

eu saí.

Calço um par de pantufas brancas que encontrei ao
lado da cama e prendo meus cabelos

num rabo de cavalo alto. Tenho que sair antes que
Agatha volte com a comida. Se ela me vir, me

impedirá. Abro a porta e coloco a cabeça para fora.
O corredor de quartos imenso está vazio.

Deixo o quarto e fecho a porta atrás de mim
silenciosamente, e então minha exploração começa.

Caminho pelo corredor de portas brancas e tapete
vermelho até topar com uma bifurcação

à minha frente e com o topo da linda escadaria à

NACIONAIS - ACHERON

minha esquerda. Não posso descer agora. Todo mundo deve estar lá embaixo, incluindo o senhor DeVil. Olho para a bifurcação e escolho abrir as portas duplas da direita. Elas dão para outro corredor, com um aparador em um canto e alguns quadro nas paredes. Sigo em frente e faço uma curva.

Então, deparo-me com uma grande sala. Há um piano coberto num canto e algumas

partituras debaixo dele. As janelas ocupam toda a parede principal e, se as cortinas escuras não

estivessem fechadas, com certeza dariam para uma vista incrível. Há mais instrumentos, alguns que

nunca vi e outros dos quais não lembro o nome. Vejo uma estante de livros cheia do chão ao teto e

outra com caixas de papelão branco e porta-retratos. Uma vitrolinha empoeirada. Um divã de

PERIGOSAS

veludo vermelho. Uma mesa comprida e vazia. É um lugar desarrumado e bonito. Eu poderia

passar horas aqui, fuçando em tudo. E é o que decido fazer. Escolho um livro persa de grandes

gravuras e abro-o na mesa vazia. É enorme, cheio de mapas e desenhos coloridos tradicionais do

país. Depois de ler um pouco, vou até o piano e descubro-o. Tem muita poeira. Toco uma tecla e um

som agudo ecoa pela sala. Toco outra e sorrio. Eu sempre quis aprender a tocar piano. Talvez

possa aprender a tocar sozinha, em segredo. Cubro o piano.

Há mais na casa para explorar, mas preciso comer alguma coisa. Agatha já deve estar

furiosa comigo, me procurando. Saio e fecho a sala, fazendo uma promessa a mim mesma de que

voltarei o mais rápido possível. Refaço o caminho

NACIONAIS - ACHERON

pelo qual vim, procurando pela escadaria e pelo
corredor do meu quarto. Dobro duas esquinas. Não
encontro. Retorno à porta da sala e refaço o
caminho outra vez. Acabo indo parar em um
banheiro. Essa não. Tento voltar à sala, mas outra
vez
tomo uma curva errada e acabo em outro corredor.
E pronto.

Estou completamente perdida.

Você precisa manter a calma, é o que repito a mim
mesma, incansavelmente, enquanto

perambulo pelos corredores e curvas das entranhas
da casa DeVil. Tudo é tão igual que nem

mesmo um ou outro quadro ou aparador serve de
referência. Estou ficando cansada e não tenho

ideia de quanto tempo se passou desde que
escapuli. Isso não pode estar acontecendo. Ele

ficará

furioso se descobrir que saí.

Lembro-me de meu sonho. Das risadas do senhor DeVil. Não quero topar com ele por aí, tão

desprevenida. Decido que na frente dele serei um iceberg. Ele não vai mais ter o gostinho de me

causar medo ou constrangimento. Então preciso voltar, de algum jeito.

Refaço o caminho até a sala do piano novamente, tentando me lembrar do lado para o qual

virei. Paro diante da porta. Está aberta. Tenho quase certeza de que a fechei ao sair. Aproximo-

me e dou uma olhada na sala, que parece exatamente como deixei. Devo mesmo ter esquecido a

porta aberta.

Viro-me para sair e bato com a testa em algo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ou melhor dizendo, alguém.

Olho para cima e vejo o senhor DeVil com os olhos azuis frios fixados em mim. Furioso. Sua

mandíbula está rígida e seus dentes trincados. Sua expressão me lembra aquele momento

agourento antes de uma tempestade: nuvens negras que cobrem tudo e sons distantes de

relâmpagos rasgando o céu. Não sei o que dizer, por isso apenas olho para ele, consciente de

quão mais alto e forte que eu ele é. Ouço meu coração martelar em meus ouvidos.

Ele crispa os olhos e levanta a mão com a palma virada para mim. Encolho-me. E então sinto

seus dedos na minha nuca, ele me puxa para mais perto.

— O que...

— Calada — ele rosna.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Puxa-me pela nuca e tira-me da sala de uma maneira que poderia ser considerada abrupta.

Mas não dói. Quase não presto atenção ao trajeto de volta ao meu quarto, tamanha a minha

consciência daquela mão em minha pele. Estou formigando. Estou assustada e inquieta. Quero ver

que tipo de expressão ele está fazendo, mas quando tento olhar, o senhor DeVil simplesmente me

obriga a permanecer olhando para frente.

Chegamos ao meu quarto. Agatha está parada à porta, fitando o chão.

— Senhor...

Ele a interrompe com um rosnado.

— Vá — ordena.

Agatha olha de soslaio para mim, preocupada. Arregalo os olhos. O que... ele...?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Agatha, vá — o senhor DeVil repete.

Ela assente e nos deixa. Meu coração dispara.
Agatha, não me deixe sozinha com ele!

O senhor DeVil abre a porta do meu quarto e me empurra para dentro. Tropeço, mas

permaneço de pé. Ele apoia os dois braços nos batentes da porta, como se estivesse me impedindo de sair.

— Esta — ele começa a dizer, entre dentes —, é a minha casa e aqui as coisas são feitas do

meu jeito. Se eu pegá-la perambulando pelos meus corredores outra vez, vou coloca-la para

dormir com os cães!

Arquejo.

Eu não fiz nada errado. Sei disso. Mas por que ele age como se eu tivesse cometido um

NACIONAIS - ACHERON

crime?

— Por... — Minha voz sai em um fio. Pigarreio. —
Por que eu não posso sair?

Ele range os dentes.

— Porque eu não quero ver você! — explode,
aproximando-se de mim como uma onda

gigante e raivosa. — Não quero que o que
aconteceu hoje se repita, entendeu? Eu não quero
ter

absolutamente nada a ver com uma criancinha
repugnante como você. Então, fique aqui e não saia
até que eu diga que pode!

Ele se vira para sair. Sinto meu peito esquentar.
Minha respiração está acelerada.

Pego um dos meus tênis do chão e,
impulsivamente, atiro contra o senhor DeVil. O
calçado

acerta suas costas, pegando-o de surpresa. Ele olha para mim por cima do ombro, completamente perplexo.

— Você... — eu digo, sentindo meus olhos encherem-se de água. — Qual é o seu problema?

Por que você tem que ser tão cruel comigo?

Antes que eu possa perceber, já disse. Aquilo soa como um trocadilho maldoso com o nome

dele e eu vejo seus olhos acenderem em fúria. Um silêncio pesado invade o quarto. Droga.

— Sua pequena... — ele rosna e dá um passo em minha direção.

Como a covarde que sou, corro para o banheiro e me tranco. Cubro a boca com as duas

mãos. Estou assustada comigo mesma. Esse tipo de atitude... não sou eu. Eu não sou agressiva, não

costumo levantar a voz para ninguém. Então, por

quê?

Bem, então culpa é do senhor Devil. A culpa é de Cruel. Talvez, por estar exposta a

arrogância e agressividade dele, eu esteja sendo contagiada.

Gentil e forte. É o que meus pais queriam que eu fosse. Não importa o que aconteça, não

posso deixar que essa convivência temporária com esse cara me mude. Não vou. Por isso não

posso deixar ele me tirar do sério.

Olho-me no espelho. Achei que estaria chorando, mas não estou. Devagar, abro a porta do

banheiro e vasculho o quarto com os olhos. Ele foi embora. Sinto-me um pouquinho culpada por

chama-lo de cruel sabendo que é o nome dele. Uma parte de mim lembra do que Agatha disse

sobre ele não ter pais e amigos e odiar o próprio

nome. Eu sei que é maldade fazer uso de algo tão pessoal contra ele. No entanto, minha outra parte me dá um tapinha nas costas e diz que Cruel mereceu.

Agatha surge minutos depois com uma bandeja prateada e cheia de comida. Enquanto como na mesa de leitura, ela fica me encarando, preocupada.

— Rosie... — ela sussurra enquanto fecha a porta.
— Ele a machucou? Ele... encostou em você?

Engulo a comida.

— Não. Ele só gritou comigo. E... bem, eu joguei meu sapato nele.

— Santa mãe, Rosie! — Agatha coloca a mão na testa. — Não o provoque!

PERIGOSAS

— Estou começando a achar que ele dá uma de durão, mas é só um mimado, Agatha.

Imagina só, por uma coisinha de nada...

— Não, Rosie.

Olho para ela. Está séria.

— Você nunca ouviu porque é só uma garota e não frequenta eventos da alta sociedade —

ela diz —, mas a fama do senhor DeVil não é nada boa. Especialmente com jovens senhoritas.

— É? — Tento parecer indiferente.

Agatha assente.

— Ele tem vários "títulos" — Ela faz aspas com os dedos. —, entre as damas. Conquistador,

Lábios de fogo e até...

— O quê?

NACIONAIS - ACHERON

— É o pior deles. Por isso eu temo por você, Rosie...

— Pode dizer — Toco seu braço.

Agatha suspira e desvia o olhar.

— O senhor DeVil também é conhecido como... — Ela pausa e faz o sinal da cruz. — O

deflorador de virgens.

Capítulo 4

Passo a tarde no quarto, lendo sozinha. Quero me distrair e esquecer todas as coisas que

Agatha me disse. Tudo. Só de imaginar que, por um momento, Cruel DeVil e eu ficamos sozinhos no

meu quarto, sentados um ao lado do outro nos bancos de trás do carro, frente a frente na

abandonada sala do piano... Céus! Algo sério poderia ter acontecido. Não entendo por qual razão

ele não me fez nada, mas estou grata. Tive sorte.

Leio sobre a geografia do Nepal, sobre a biografia de Aristóteles e marco em um guia

turístico lugares que eu gostaria de visitar. Não há livros menos entediantes aqui, então não tenho

muitas opções. Minha tarde parece uma maratona de estudos, embora seja julho e eu esteja no

meio das férias de verão. Largo os livros e caio de bruços na cama.

Que tédio. É impossível ficar enfurnada aqui dentro por um dia, que dirá o tempo todo, como

Cruel quer. Será que posso fazê-lo mudar de ideia sobre isso? Cruel me escutaria? Ele é conhecido

como um conquistador bem cafajeste e deflorador de...

Não. Não quero pensar nisso. Sacudo a cabeça, tento expulsar os pensamentos nervosos que

PERIGOSAS

tentam me sufocar. *Eu ficarei bem, se ficar longe dele. Certo?*

Ouçõ latidos vindos do lado de fora. Cruel disse que tem cães, não disse? Vou até a janela e

abro um pouco a cortina, apenas o suficiente para dar uma espiada. Há três dálmatas adultos

correndo e saltitando na grama ao redor de uma figura magra. Os animais latem e rosnam,

brincando. Aperto os olhos para tentar reconhecer a pessoa com eles. É um homem e está usando

calças sociais e uma camisa branca desabotoada por fora da calça. É ele. Não reconheci de cara

por conta da postura relaxada e... bem... pelas roupas desarrumadas. Sua risada alta me assusta.

Por um momento, consigo ver seu rosto e suas expressões enquanto corre com os cães e rola na

grama com eles, como se fosse uma pessoa normal se divertindo com seus animais de estimação. E

NACIONAIS - ACHERON

não um deflorador de virgens.

Não sei por quanto tempo fico ali, assistindo-os lá embaixo, mas a chegada de alguém em

meu quarto me assusta. Fecho a cortina rapidamente. Há uma empregada parada à porta,

olhando para mim. Ela é alta e mais nova que Agatha, mas tem uma cara severa e tediosa.

— Senhorita Rosie — ela diz com voz monótona —, meu nome é Humberta e eu tomarei

conta da senhorita de agora em diante.

Pisco três vezes.

O quê?

— Onde... onde está a Agatha? — pergunto. — Ela é quem cuida de mim.

Agatha é a única pessoa em quem confio nessa casa. Ela se preocupa de verdade comigo.

— O patrão tomou certas providências a respeito da má conduta que Agatha apresentou

nos últimos dias — resmunga Humberta, toda monótona.

Meu estômago gela.

Agatha... não.

— O que ele fez com ela? — Aproximo-me da varapau sem graça. — Ele... ele não a

machucou, certo? Nem mesmo Cruel faria isso, não é?

Cubro minha boca com uma das mãos. Essa não. Eu disse o nome dele.

Humberta arregala os olhos por um milésimo de segundo. Então, suspira.

— Agora entendo.

— Mas eu...

Humberta me interrompe com um gesto de mão.

— O jantar será servido às sete e meia. Virei buscar a senhorita. Com licença.

Não. Não, não, não. Já não basta ter que ficar trancada o dia todo? Agora terei uma múmia me vigiando?

— Diga... diga onde Agatha está.

Humberta olha para mim por cima do ombro.

— Não estou autorizada a fazer isso. Diferente de Agatha, eu cumpro as ordens que me são dadas. Se me permite...

Ela sai e fecha a porta. Cerro as mãos em punhos. O que foi que ele fez? Pobre Agatha...

com certeza foi por minha causa. Foi porque eu saí. Preciso consertar isso.

Agarro a maçaneta da porta e abro com força,

fazendo-a bater na parede. O barulho é bem alto, mas não é ele que me faz encolher.

— O que pensa que está fazendo? — pergunta Cruel, parado diante de mim. Seus cabelos

negros estão desarrumados e sua camisa para fora da calça agora está abotoada. Ele está um

pouco... suado? Recuo um passo. Deflorador de virgens.

— O que você fez com ela? — pergunto, hesitante. Se ele tentar algo, fecharei a porta na

cara dele com todas as minhas forças.

Cruel ergue uma sobrancelha.

— Do que está falando, garota?

— Agatha — respondo rapidamente.

Uma expressão de raiva toma seu semblante. Seus olhos azuis faíscam. Irritado.

PERIGOSAS

— Não venha me falar daquela incompetente! Ela não sabia ficar de bico fechado... mas

talvez agora saiba — Ele me encara e ri como uma criança travessa.

Arquejo.

— O que você...

Ele enfia as mãos nos bolsos.

— Deixarei os detalhes para sua imaginação de garotinha assustada, Rosie.

Quero fazer algo. Bater nele, talvez. Meu corpo está quente e minhas mãos formigam com a

vontade de fazer alguma coisa. Mas tenho medo. Não quero ter, mas tenho.

— Por que fez isso? — sibilo.

O sorriso dele fica mais largo. Os dentes aparecem. São brancos e certinhos.

NACIONAIS - ACHERON

— Quem sabe? — Cruel suspira, sarcástico.

— Eu estava disposta a fazer o que você pediu! —
grito, sentindo o controle das minhas

emoções escapando de mim aos poucos. Mas agora,
pouco importa. Ele já está se divertindo às

minhas custas, de qualquer forma. — Eu ficaria
aqui numa boa com esses livros chatos e essa

atmosfera deprimente, mas não vou mais! Não sem
a Agatha!

A expressão sarcástica some. Cruel permanece
quieto por alguns segundos, fitando meu rosto

excessivamente. Então, trinca os dentes.

— Que atrevimento. — Ele toca o topo da minha
testa com o indicador. Prendo a respiração.

Sua expressão agora é fria e vazia e ele me encara.
— Você é atrevida demais para uma pobre

e inútil garota órfã. Não entende que vai fazer o que

PERIGOSAS

eu mando com ou sem Agatha aqui? Ridícula.

Cruel me dá outro peteleco e vai embora sem dizer mais nada. Não estou muito certa do que

acabou de acontecer. Há muitas outras coisas que eu gostaria de dizer a ele, mas a maneira como

seu rosto ficou inexpressivo e o jeito como ele me repreendeu antes de sair... Fiquei desarmada.

Suas palavras foram duras, mas o modo como ele as disse foi quase... gentil? Isso faz sentido?

— Argh — Dou tapinhas em minhas bochechas. Não consigo esquecer o modo como Cruel

olhou para mim.

Humberta é, definitivamente, a pessoa que mais me irrita no mundo. É mandona, grossa e

traz um clima depressivo sempre que entra em meu quarto — como se eu já não estivesse

NACIONAIS - ACHERON

suficientemente afundada na depressão.

Há três dias Agatha sumiu. Três dias que a horrorosa da Humberta está no meu pé. Três dias

que eu não tenho sequer um vislumbre de Cruel. Tenho feito minhas refeições sozinha na incrível

sala de jantar e em momento algum eu o vi, nem mesmo por acidente. Eu sei que Cruel programou

minhas saídas para que não nos encontrássemos, mas ainda assim é estranho não vê-lo.

Epa.

Não.

Era exatamente isso que eu queria, não era? Ficar o mais longe possível dele. A própria

Agatha disse o quanto ele é ruim e olha só o que aconteceu com ela. Eu sou sortuda por ser

deixada em paz. É melhor assim.

PERIGOSAS

— Se a senhorita não se levantar, os travesseiros não farão isso por você — resmunga

Humberta, parada ao lado da minha cama. As coisas que ela diz não fazem sentido.

Olho para o relógio. São seis da manhã.

— Ah, Humberta... hoje é sábado — Cubro o rosto com o cobertor. — Me deixe dormir.

— Negativo. Hoje é um dia importante para o patrão e para a senhorita também.

Sou pega de surpresa. Sento-me.

— O que quer dizer? — Humberta apoia as mãos nos quadris magros. Sério, será que ela

se alimenta alguma vez ao dia?

— Pensei ter dito ontem à noite. Um representante do conselho tutelar vem ver como estão as

coisas. Se a senhorita tem sido bem alimentada, vestida e protegida.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Eu não tenho é sido *bem tratada*!

— Ah — É o que eu digo. Porque não tenho mais nada a dizer.

Levanto-me da cama, escovo os dentes, tomo um banho e visto o que Humberta escolhe para

mim, como nos últimos dias. Hoje uso um vestido branco de mangas compridas de renda e que roça meus joelhos e calço sapatos pretos de salto baixo.

— Venha — chama Humberta, perto da penteadeira —, vou prender seu cabelo.

Franzo o nariz.

— Não quero. Deixe solto.

Humberta bufa, mas não insiste.

— A senhorita sabe como deve se portar, não sabe?
— ela pergunta, assim que saímos de meu quarto.

NACIONAIS - ACHERON

Lanço-lhe um olhar feio como resposta. É claro que sei. Não devo falar muito nem dizer

qualquer coisa que envergonhe Cruel. Isso *se* eu quiser continuar vivendo aqui. Mas... será que eu

tenho escolha? Será que posso ir embora? Eu... quero ir?

Humberta desce as escadas lado a lado comigo, como um cão de guarda rabugento. Ela fica

ajeitando meu vestido e meu cabelo até que chegamos ao hall de entrada de uma maneira tão

irritante que me dá vontade de dar uns tapas nela. E isso é mal. Eu não sou agressiva assim. Ouço

passos atrás de nós e viro-me.

Cruel está descendo a escadaria enquanto arruma a gravata vermelha e tem aquela

familiar expressão esnobe e irritada no rosto. Uma empregada desce correndo atrás dele com o

paletó preto em mãos. Cruel resmunga com ela, apressando a mulher. Então, ele me vê. Sua

expressão se transforma naquela máscara de indiferença igual da última vez em que nos vimos.

Desvio o olhar. *Por que meu coração está tão acelerado de repente? Desde quando eu tenho tanto*

medo dele?

— Humberta? — ele chama. Sua voz está firme e severa. — As recomendações?

Humberta, ao meu lado, assente e diz:

— Rosie está perfeitamente instruída sobre o que deve fazer, senhor.

Múmia empoeirada.

Cruel olha para mim de novo.

— Rosie?! Você entende a seriedade disto, não é?

— Ele ergue o queixo de um jeito

arrogante. — Nosso visitante é o próprio juiz responsável pelo caso do incidente com a sua família.

É importante que você não dê uma de criança mimada e...

— Eu sei! — interrompo-o, fitando-o com raiva. *Ele... quem ele pensa que eu sou? Uma*

garotinha burra? Que não sei ler a situação e me portar direito? Que grande idiota.

Cruel crispa os olhos e então os revira. A empregada o ajuda a vestir o terno. E a conversa

para por aí. Sinto o cheiro do café da manhã sendo preparado e meu estômago ronca. Humberta

escuta e me lança um olhar acusador, como se minha fome fosse culpa minha. Minha paciência com

ela está evaporando.

A campainha toca como um sino estridente. Um
NACIONAIS - ACHERON

empregado vai atender, apesar de o dono da casa estar a poucos passos da porta de entrada. Eu não estou interessada no tal juiz. Fico fitando o lustre belíssimo sobre as nossas cabeças até que dirigem a palavra a mim.

— Senhorita Vallahar — cumprimenta o juiz, sorrindo amigavelmente. Ele é baixo, calvo e rechonchudo. — Eu sou o juiz Iparis.

— Pode me chamar de Rosie, senhor Iparis — Aperto sua mão em resposta ao cumprimento.

— Quero lhe oferecer minhas condolências por sua grande perda — ele diz e parece bem sincero.

— Obrigada — assinto. A verdade é que a morte dos meus pais não me é real ainda, então, às vezes, parece que eles estão vivos e prestes a surgir do nada para me levar para casa.

Pensar essas coisas machuca. Muito.

O juiz Iparis e Cruel trocam cumprimentos e jogam conversa fora por um tempinho. É incrível

como Cruel pode ser tão falso: age todo educado e simpático, como se fosse alguém

completamente diferente. Ele até sorri, mas é de um modo tão obviamente artificial que me

pergunto se o juiz não nota. Vamos todos para a sala de jantar, onde alguns empregados terminam

de colocar a comida na mesa. Pergunto-me quanta gente trabalha para o Cruel. Ele deve pagar

bem.

— Essa casa é certamente formidável — comenta o juiz —, não é mesmo, senhorita Rosie?

Olho para ele. E depois para Cruel. Ambos estão me encarando.

— É linda — eu digo, forçando um sorriso.

PERIGOSAS

O juiz concorda e faz comentários irrelevantes sobre a tapeçaria. Sentamos à mesa — Cruel

à ponta, o juiz do seu lado direito e eu do lado esquerdo. Humberta para e fica encostada na

parede bem atrás de mim; eu sinto seus olhos em minha nuca.

— Bem — o juiz nos diz, suspirando —, creio que ambos já sabem o motivo de minha visita.

Cruel faz um gesto com a mão e um empregado enche a xícara do juiz Iparis com café.

— Obrigado — ele diz. Então me encara. — Vamos começar. Eu gostaria que você me

contasse como foi seu primeiro dia aqui, Rosie.

— Foi estranho — eu digo, atraindo todos os olhares da sala. — Eu nunca estive numa casa

grande assim e nunca tive um quarto enorme como o que me deram. Ainda não me acostumei.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Iparis assente devagar, bebericando seu café.

— Hum. E como são suas refeições?

— São todas aqui nessa sala, três vezes ao dia. Mas, às vezes, eu peço algo para comer no quarto.

— E as horas de lazer?

— Eu... — Penso na sala do piano e olho para Cruel. Ele está com a xícara nos lábios,

fitando o juiz. — Eu gosto de ler no quarto. Passo a maior parte do tempo lá.

Juiz Iparis assente.

— E de que maneira a senhorita se relaciona com o senhor DeVil?

Cruel olha para mim com uma expressão zombeteira, como se me desafiasse. Cerro os punhos debaixo da mesa.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Eu nunca o vejo — digo, tentando soar indiferente. — Ele é muito ocupado.

— De fato — murmura Cruel.

O juiz olha para ele e então olha para mim. Seus olhos estão crispados. Sinto um frio na

barriga. Será que ele está desconfiado de algo? Eu não disse nenhuma mentira e também não

falei nada imprudente, então...

Por um longo momento, ninguém diz nada. Ocupo-me com minhas panquecas e meu suco, e

quando me dou conta o café da manhã já terminou.

— Foi uma refeição formidável — O juiz sorri.

— Fico feliz que tenha apreciado, juiz Iparis — Cruel sorri de volta.

O juiz franze a testa.

— Eu gostaria de fazer algumas perguntas para a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

senhora que cuida de você, senhorita

Rosie — ele pede. — Se não for inconveniente.

Arregalo os olhos. Ele quer falar com a Humberta?

— Oh, claro. Sem problemas, né, Humberta? —
Olho para ela por cima do ombro.

A cara de múmia nada diz, apenas assente para o
juiz. Olho para Cruel e flagro seus olhos

em mim. Ele parece quase... intrigado.

— Onde podemos conversar, senhora?

— Acompanhe-me, por favor, senhor juiz —
Humberta resmunga. Os dois deixam a sala.

Apoio os cotovelos na mesa e relaxo um pouco.
Sinto os olhos de Cruel em mim, mas não o

encaro. Não quero olhar para ele.

— Deixem-nos — Cruel ordena aos dois
empregados na sala.

NACIONAIS - ACHERON

Ambos entreolham-se, hesitantes.

— Por acaso vocês são surdos? — Cruel resmunga.

— Saiam agora.

Eles obedecem. E então estou sozinha com o deflorador de virgens. Imediatamente sinto uma

insegurança tomar conta de mim e, por instinto, escondo uma faca de manteiga nas dobras do

vestido com discrição. Não deixarei que Cruel encoste sequer um dedo em mim. Nunca.

Capítulo 5

— Você é mesmo inútil, não é? — Cruel está sorrindo para mim. Não um sorriso amigável.

Nem perto disso. É um sorriso com pena e escárnio misturados com uma pitada de desprezo.

Crispo os lábios. Ele não vai me desestabilizar.

— O quê?

Cruel sacode a cabeça e ri.

— Você devia ter se esforçado mais, Rosie. Que droga foi essa? O seu primeiro dia aqui foi

estranho? *Estranho*? Qual é o seu problema, afinal?

Levanto-me, fazendo meu copo vazio tombar contra o pires de porcelana.

— Realmente, foi péssimo — digo, fitando-o diretamente nos olhos frios. — Ter que mentir e

dizer que estou vivendo bem aqui é mesmo uma droga. Aliás, por que você simplesmente não me

manda embora, já que me detesta tanto?

Cruel abre a boca e depois fecha. Sua expressão torna-se ainda mais irritada.

— Não é uma questão de detestar ou não — ele responde. — E eu não lhe devo

explicações sobre meus motivos para mantê-la aqui.

PERIGOSAS

Cruzo os braços.

— E se eu não quiser ficar? — desafio.

Ele afasta a cadeira da mesa e se levanta, de uma maneira graciosa demais para ser real.

Seus sapatos batem contra o piso de mármore e ele para diante de mim, imponente como uma montanha.

— Para onde acha que a mandarão se você se recusar a permanecer aqui, hein? —

sussurra ele, e minhas narinas são cheias do perfume de menta que ele usa.

Afasto-me.

— Eu ficaria por conta própria assim que completasse dezoito anos — digo, evitando olhar para ele. — E não falta muito.

Cruel ri.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Você não tem a menor noção das coisas, não é?

— Ele agarra meu pulso com força. —

Olhe para mim. — Viro ainda mais o rosto para o outro lado. Cruel sacode meu braço. — Rosie,

olhe para mim. Agora.

— Eu não quero — murmuro.

— Você... — rosna e de repente sua mão está em meu queixo. Ele me obriga a olhá-lo nos

olhos. — Preste atenção, garota idiota. Você deve ser grata porque meu pai arranjou dívidas com

o seu. Sabe o que isso significa? Como única filha, você deve cobrar essa dívida. Está tão presa a

mim quanto eu a você. E em hipótese alguma eu deixarei de pagar as minhas dívidas!

Meu coração está disparado. Tiro a mão dele do meu rosto e me afasto. Seus dedos ainda

estão agarrados ao meu pulso, mas não sinto dor.

NACIONAIS - ACHERON

Por que ele sempre faz parecer que vai me machucar e nunca o faz de fato? Estamos sozinhos. Ninguém veria. E que história é essa de que estamos presos um ao outro? Francamente!

— A dívida não é entre você e eu — eu digo. — Você pode simplesmente me deixar ir.

Cruel me solta. Ele me encara, inexpressivo. Então, abre lentamente um sorriso maldoso.

— Não vou deixá-la ir. Só porque você disse que quer, Rosie, eu vou fazê-la ficar. A partir

de hoje, farei tudo para contrariá-la, até nas coisas mais triviais. Tudo para ver essa expressão —

Ele me dá um peteleco na testa. —, em seu rosto outra vez.

Afasto sua mão agressivamente.

— Por quê? — indago. — Você não tem nada melhor para fazer?

PERIGOSAS

Cruel se afasta e volta para o seu lugar à mesa.
Sinto-me ignorada e diminuída. Isso quer

dizer que Cruel vai passar o resto dos meus dias
aqui me infernizando? Só por... diversão? Não.

— Eu quero ir embora — digo a ele. — E eu vou
embora.

Caminho a passos firmes até a porta e quando estou
prestes a alcançar a maçaneta, Cruel

me puxa pelo braço e me empurra contra a parede,
prendendo-me com seu próprio corpo. Meus

sentidos enlouquecem, gritando alertas de perigo. É
agora. Ele vai mesmo me machucar.

— Eu disse que você não vai, até que a dívida seja
paga — Cruel murmura, os olhos

buscando os meus. Não consigo olhar para ele, meu
rosto arde e minhas pernas tremem. Não

consigo respirar direito. É como o dia do incêndio
em casa.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Eu... — arquejo, sentindo uma onda de aversão.

— Saia... saia de perto de mim...

Ele ri.

— Não consigo ouvir direito — cantarola. — O que você disse?

Encolho-me ainda mais contra a parede.

— Deixe-me em paz, isso é infantil!

— Infantil? Quem você acha que é a criança aqui, Rosie?

— Você! — rosno. — Você é a criança!
Simplesmente me atormenta porque acha divertido,
seu... seu...

— Diga — Ele tira a mão que eu coloquei sobre meus olhos. —, vamos, quero ouvir você me

xingar. Ou é boa demais para isso?

Contorço-me.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu vou... eu vou gritar, Cruel...

Ele joga a cabeça para trás e gargalha.

— Oh, aquela inútil realmente te contou sobre meu nome.

— Deixe-me ir...

— Eu disse que faria o contrário de tudo que você pedir, não disse? — ele murmura.

Trinco os dentes. *Idiota, idiota, idiota!*

— Se é assim, então... — minha voz treme. É constrangedor, mas farei isso. Vou envergonhá-

lo. Engulo em seco. — Abrace-me, Cruel. Agarre-me e não solte nunca mais, seu idiota! Quero ver!

Minhas palavras extremamente constrangedoras ecoam pela sala de jantar. Eu permaneço

encarando Cruel, à espera de uma reação da parte dele. Seu rosto está muito perto do meu e seu

corpo me cobre quase completamente. Ele provavelmente está ouvindo o quanto o meu coração

está acelerado, quase explodindo peito afora. Nós nos encaramos. Então, Cruel dá um passo para

trás, dobra o corpo para frente e cai na gargalhada ao ponto de ficar com o rosto e pescoço

vermelhos e perder o fôlego. Não sei o que dizer ou fazer, por isso fico estática, encolhida contra

a parede.

— Eu... eu não acredito — ele diz, com dificuldade para respirar de tanto rir. Então olha

para mim, ainda rindo. — Você é inacreditável, garota. Não pensei que fosse realmente dizer isso!

— E volta a gargalhar. Cruel está me humilhando outra vez. Foi tudo uma grande piada, é claro

que ele não faria nada com o juiz aqui na casa. Sinto-me tão... — Rosie, você é tão bobinha! —

NACIONAIS - ACHERON

Ele

sacode a cabeça, recompondo-se. — Que me dera ter filmado isso! Não acredito que esqueci

desse detalhe!

— Você... — Minha voz falha. As lágrimas estão chegando.

— Isso torna tudo tão mais divertido, entende? Saber que você acredita em qualquer coisa

que eu diga... — Ele ri outra vez. — genial!

Estou a ponto de abrir um berreiro feito uma garotinha de dois anos, mas uso toda a minha

concentração para deixar a sala de jantar antes que Cruel me veja chorar. Já fui ridicularizada o

suficiente. Só de pensar que eu disse aquelas coisas constrangedoras tenho vontade de me bater

por cada uma de minhas palavras. Corro para fora e fecho as portas atrás de mim. Que bom que

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ele não me segue. Eu seria completamente incapaz de me controlar na frente de Cruel agora.

Ao invés disso, topo com o juiz Iparis e Humberta, que me encaram com preocupação. Deixo

escapar um soluço e corro para as escadas, em direção ao meu quarto. Exatamente como uma

menina imatura faria. Porque é isso que eu sou, após o que acabou de acontecer. Uma ingênua,

imatura e fraca órfã cujos pais queriam que fosse forte e gentil. Não. Não consigo sozinha.

Tranco-me em meu quarto e choro um pouco. Não muito pelo que Cruel me fez dizer, mas

pela minha fraqueza. Eu queria ter dito coisas bem feias para ele. Queria ter batido muito nele até

que não pudesse mais gargalhar daquele jeito. Queria humilhá-lo também.

Só saio do quarto quando Humberta chega para me buscar para almoçar. Jogo uma

NACIONAIS - ACHERON

almofada nela, mas ela desvia. Descemos para a sala de jantar e eu paro à porta, imaginando se

Cruel estará lá dentro, ainda com aquela expressão maliciosa no rosto. Mas então me lembro de

que ele não gosta de fazer as refeições acompanhado — principalmente por mim — e minha

insegurança diminui um pouco. Humberta abre as portas e entramos. Cruel não está lá.

— Humberta... — chamo, ainda parada à porta. — E quanto ao juiz Iparis? O que ele... o

que ele disse após me ver sair daquele jeito?

Ela arqueia suas sobrancelhas ralas.

— Oh, o juiz saiu há um tempo. O patrão explicou tudo e o homem prometeu remarcar a

visita.

Franzo a testa.

Isso não faz muito sentido.

— O que foi que Cruel... digo... que o senhor DeVil disse a ele?

Humberta me olha com desprezo e na hora eu sei que coisa boa não é.

— Meu patrão explicou que a senhorita tem apresentado um comportamento um tanto

indecente em relação a ele e que propôs um relacionamento proibido enquanto estavam sozinhos

aqui. O senhor DeVil, como o bom homem que é, recusou, é claro. — Humberta me fuzila com seus

olhos mortos. — Francamente, a senhorita é somente uma garota órfã. Não devia ficar se

oferecendo a rapazes mais velhos!

Suas palavras são como um soco em meu estômago. *O que foi que ele fez?! Como? Que*

direito ele tem de sair espalhando mentiras assim?

— Não... ele não disse isso! — grito.

Deixo Humberta falando sozinha e saio da sala.
Encontro um empregado carregando um
enorme vaso de flores pelo corredor e vou até ele.

— Onde está o senhor DeVil?

— Oh, olá, senhorita Rosie — ele cumprimenta
com um aceno de cabeça. — O patrão não

gosta de ser incomodado enquanto trabalha. Ele
pode ficar bravo com a senhorita...

— Eu me responsabilizo pela reação dele, só me
diga onde encontrá-lo.

E ele diz.

Corro para o escritório de Cruel, que fica no lado
oposto da sala de jantar e, conforme

caminho, sinto a raiva crescer. Agora direi todos

PERIGOSAS

aqueles palavrões e darei todos aqueles socos

que imaginei mais cedo. Um empregado está parado diante da porta do escritório e fica

assustado ao me ver ali.

— Senhorita... não deveria estar aqui! — ele sussurra. Por que todos aqui parecem ter tanto medo de Cruel?

Suspiro.

— Por favor, deixe-me entrar. Preciso falar com ele.

— Mas...

Agarro a maçaneta e giro. O empregado não me impede. Faço uma cena dramática

entrando no escritório e escancarando a porta.

— Cruel!

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ele está sentado à mesa, segurando papéis e com uma caneta prateada na boca. Cruel me

encara como se dissesse “Ah, é você. E daí?”.
Fecho a porta atrás de mim e caminho a passos duros até a mesa.

— Qual é o seu problema? — grito, sentindo cada parte do meu corpo esquentar. — Por

que disse aquilo ao juiz? Você é doente?

Cruel revira os olhos e tira a caneta da boca.

— Como você é dramática...

— Dramática? — interrompo. — Você disse coisas horríveis sobre mim e mentiu para um juiz!

Eu não estou sendo dramática coisa nenhuma! O problema aqui é você! — Aponto o dedo para

ele acusadoramente. — Você não tem a menor noção de como tratar uma pessoa, é grosso, sádico

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

e, por alguma razão desconhecida, você me odeia!
Eu tenho tentado uma convivência pacífica com

você e é completamente impossível porque você é
um completo idiota que não sabe socializar com

ninguém! E como se isso não bastasse, agora você
mexe comigo e com a minha reputação? O que

há de errado com você, Cruel? O que foi que eu te
fiz?

Com um olhar entediado, ele se coloca de pé.

— Terminou? — pergunta.

— Não estou nem perto de terminar!

Cruel caminha até mim até ficarmos a um palmo de
distância.

— Então continue — ele sussurra, os olhos
pregados nos meus. Essa não. Ele está perto

demaís. Não consigo pensar.

NACIONAIS - ACHERON

Cruel dá mais um passo para perto de mim.

— O que está fazendo? — pergunto.

— Diga-me para parar se você quiser que eu pare, Rosie.

Seu rosto está muito perto e eu sinto sua respiração no meu. Seu cheiro me invade. Não

consigo manda-lo parar. Não consigo respirar...

Cruel apoia a testa em meu pescoço e cheira meu cabelo. Eu estremeço.

— Não quer que eu pare? — ele indaga, os lábios agora contra minha clavícula.

— Você... é um idiota. E um deflorador de virgens...

Cruel ri, fazendo cócegas em meu pescoço com sua respiração.

— É o que dizem de mim por aí?

— É. Isso é... verdade?

Ele se afasta. Sinto frio.

A expressão em seus olhos é fria e... triste?

— Não acredite em tudo o que ouve, Rosie.

Capítulo 6

Subo devagar para o meu quarto, sentindo um incômodo na boca do estômago. Frio e calor

ao mesmo tempo. Raiva e compaixão. Sinto tudo isso. As palavras de Cruel bloquearam minha

onda de quase fúria e a expressão que ele fez quando as disse ainda está fresca em minha

memória. "Não acredite em tudo o que ouve, Rosie". O que isso quer dizer, exatamente? Ele não

quer que eu acredite nos rumores a seu respeito? Que arrogante. Depois de tudo que ele me disse

e que ele fez!

Por outro lado, aquela expressão...

Não.

Ele sem dúvida é um bom ator. Está brincando comigo outra vez, tentando confundir meus

pensamentos para que eu baixe a guarda e fique vulnerável novamente. Mas dessa vez, não.

Agora que conheço a maneira como ele joga, não cairei mais em suas armadilhas. Nunca mais.

Encaro meu reflexo no espelho do meu banheiro e vejo que minhas bochechas estão

vermelhas. Um vermelho fora do normal. Então, as memórias dos lábios de Cruel em minha pele me

invadem, por mais que eu queira bloqueá-las para sempre. Eu prometi a mim mesma que nunca o

deixaria me tocar. E ainda assim... por que não o parei? Cruel disse que se eu pedisse, ele pararia.

Por que eu não o parei? O que há de errado

comigo?

— Senhorita? — ouço Humberta chamar do quarto.

Suspiro. Ainda estou ofendida pela forma como ela falou comigo mais cedo.

— O que você quer? — pergunto do banheiro.

— A senhorita devia almoçar logo, o horário estipulado está quase no fim — ela diz, como

uma tediosa mensagem gravada. — O patrão disse que não quer vê-la mais hoje.

— Ah, ele disse? — resmungo, irônica.

Humberta surge à porta do banheiro.

— O que há com esse tom de voz? Deve ter mais respeito quando o nome do patrão é

mencionado.

— Por acaso você é obcecada por ele, Humberta?

— Arqueio as sobrancelhas para ela.

Seu rosto já sem muita cor fica ainda mais pálido, se é que isso é possível.

— Obce...? Como ousa? É óbvio que não!

— Então você poderia, por favor, parar de ser tão puxa-saco?

— Ah, finalmente consigo ver através desse seu rosto jovem e angelical, senhorita Rosie —

Humberta desdenha. — Não passa de uma criança mimada e arrogante. Acha que só porque

sabe o verdadeiro nome dele, você o conhece? Só porque viu uma ou outra de suas facetas a

senhorita já se acha uma especialista no senhor DeVil? Há! — Ela ri sem humor. — Eu sirvo o

patrão há quase vinte anos e posso assegurar que ele não lhe demonstrou nem um quarto de sua

verdadeira personalidade. Deve teme-lo. Deve ficar longe dele.

Trinco os dentes. O que é toda essa atmosfera agourenta?

— Eu não estou interessada em conhecer a verdadeira personalidade dele — respondo. —

E, mesmo que eu estivesse... sabe, Humberta, você não tem absolutamente nada a ver com isso.

Ela arregala os olhos.

— Pirralha arrogante! — Humberta silva e sai do quarto.

Olho-me no espelho novamente. Eu não pareço eu. O que foi tudo isso que eu disse?

Gentil e forte. Gentil e forte. Gentil e forte.

Mas, como posso ser forte e ainda assim ser gentil? Como posso ser gentil e ter força o

suficiente? Não sei bem o motivo, mas eu choro. Talvez por minha perda recente. Talvez porque

Cruel é mau comigo. Talvez porque estou confusa

sobre o tipo de pessoa que eu quero ser. Choro

como no dia do incêndio. Quando me dou conta, acordo em minha cama e lá fora está quase

escuro. Levanto-me e tomo um banho longo que me deixa bem desperta.

São quase sete da noite agora, o que quer dizer que logo Humberta estará à minha porta

para me escoltar para a sala de jantar. Estou com fome. Visto-me e espero por ela. Humberta

nunca se atrasa, mas hoje algo deve ter acontecido. Sete e vinte e nem sinal dela. Sete e meia. Dez

para as oito...

— Bem, não posso esperar mais — digo a mim mesma, sentindo o estômago roncar.

Deixo meu quarto e sorrateiramente me infiltro na cozinha. É a primeira vez que eu entro

aqui, apesar de saber onde fica. É um cômodo

PERIGOSAS

enorme, talvez o maior — com uma coleção de geladeiras prateadas de portas duplas, três microondas, um fogão de incontáveis bocas e vários

outros utensílios domésticos. Dirijo-me direto para a geladeira mais próxima e encontro pão,

presunto fatiado, queijo e latas de Coca-Cola. Faço dois sanduíches e sento-me no chão, as costas

contra a geladeira. Assim que estou prestes a dar a primeira mordida, alguém pigarreja.

Dou um pulo, assustada, e ouço uma gargalhada familiar.

Argh.

— Sua babá não te levou para jantar? — Cruel pergunta, apoiando-se no balcão central

da cozinha. Está como quando eu o vi mais cedo: calça social preta e camisa amarrotada por fora

NACIONAIS - ACHERON

da calça.

Fuzilo-o com o olhar e mordo meu sanduíche.

— Entendi — ele assente. — Ela te esqueceu e
você simplesmente resolveu assaltar a minha
cozinha?

Engulo.

— Ela não me esqueceu — digo. — Nós
discutimos. Tenho certeza de que ela me deixou
sem

jantar de propósito.

— Faz sentido — Cruel faz cara de pensativo. É
quase... engraçado.

— Ei, quantos anos ela tem? Parece uma múmia.
— Dou outra mordida no sanduíche.

Cruel ri. O som do seu riso é bonito. Espera... o que
eu acabei de pensar?

PERIGOSAS

— Posso me juntar a você? — ele pergunta,
gesticulando para o sanduíche extra no prato
ao meu lado.

Crispo os olhos.

— Não. É meu.

— O quê? Vai comer os dois? Essa casa e a comida
dentro dela são minhas, sabia?

Reviro os olhos.

— Como se eu precisasse desse lembrete...

Cruel caminha até mim e senta no chão ao meu
lado. Encaro-o, meio espantada. O que está
acontecendo aqui, afinal?

— Que foi? — ele indaga. — Tem alguma coisa no
meu rosto?

Meu coração dá um salto triplo. Os olhos azuis, o
nariz retilíneo, os lábios e dentes bonitos,

NACIONAIS - ACHERON

sua risada... tudo isso nele me atrai. Mas não posso ter esse tipo de pensamento. Cruel é lindo? Sim.

Só que também é orgulhoso, egoísta e arrogante. Sem contar aquele traço de sadismo que eu

detectei no café da manhã. Destas coisas eu não posso me esquecer.

— Você... não deveria estar jantando agora? — pergunto. — Lá, na sala de jantar?

Sozinho?

Ele suspira e cruza as pernas.

— Hoje, não. Estou quebrando algumas regras.

— Hum.

Cruel me encara.

— Hum, o quê?

Dou de ombros. Ocupo-me em comer meu sanduíche em silêncio. Cruel não tenta pegar o

outro, como pensei que ele faria. E isso me faz sentir esquisita.

— Você quer? — Ofereço, sem olhar para ele.

— Eu estava brincando — Cruel diz. — Mas estou muito a fim de comer algo que você

mesma faça.

Sinto meu rosto esquentar.

— Eu só faço sanduíches — Aproximo o prato de seu rosto. — Não vou oferecer outra vez.

Cruel segura minha mão, a que está segurando o prato.

— Você... é bastante diferente do que eu pensei, Rosie.

Olho para ele cautelosamente.

— Você me disse algumas coisas em meu escritório que me fizeram pensar em como estou

PERIGOSAS

seguindo com a minha vida. Coisas importantes. É difícil encontrar uma garota que grite comigo

daquela forma sem se importar com o que eu vou dizer.

— Cada palavra era verdade — eu murmuro.

— Sim — Cruel admite. — Eu sou tudo aquilo que você disse. E muito mais, sem dúvida.

— É — Olho para o chão.

Cruel segura meu rosto com as pontas dos dedos, fazendo-me olhar para ele. O prato com o

sanduíche escorrega para o meu colo.

— Hoje estou quebrando muitas regras — ele sussurra. — Incluindo a primeira regra que

estabeleci para mim mesmo assim que coloquei os olhos em você.

— Que re...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— A de não me apaixonar — Cruel sorri. Um sorriso quase tímido.

Meu coração enlouquece, a ponto de quase estourar. *O que ele está dizendo? Se apaixonar*

por mim? Não faz sentido ele dizer essas coisas. E faz menos sentido ainda ele me beijar nos lábios,

e ainda assim é exatamente isso que ele faz.

Cruel DeVil me beija.

Eu realmente acho que vou me desfazer em cinzas. Os lábios cálidos de Cruel queimam os

meus e, apesar de ser a única parte em que nos tocamos, eu me sinto incendiada por dentro. De

início, fico paralisada por completo. O beijo dele é lento e curioso, mais profundo do que qualquer

outro beijo que tenham me dado. É um beijo... adulto.

Cedo demais, Cruel se afasta. Nós nos encaramos.

NACIONAIS - ACHERON

Estou tão envergonhada que deve ser
muito óbvio à essa altura.

— Bem — Cruel suspira, sorrindo. —, é
exatamente como imaginei.

Franzo a testa.

Minhas mãos estão tremendo.

— Hum?

— Você tem gosto de sanduíche.

Ele se levanta, limpa a parte de trás das calças e
deixa a cozinha como se absolutamente

nada tivesse acontecido. Fico olhando para a porta
por um longo tempo, questionando se o que eu

acho que aconteceu realmente aconteceu. Quer
dizer... Cruel me beija e diz que tenho gosto de
sanduíche? Mas que...?

PERIGOSAS

Coloco-me de pé e minhas pernas tomam a direção dele, como se soubessem exatamente o

que eu quero fazer. Alcanço Cruel ao pé da escadaria.

— Espere! — chamo.

Ele para de andar e olha por cima do ombro para mim.

— Hum?

Não sei bem o que dizer. *Por que vim atrás dele mesmo?*

— O que foi... O que foi isso, Cruel?

Ele estala a língua e se vira para me encarar. Está irritado.

— Nossa, mas que liberdade é essa, Rosie? — ele indaga, completamente inexpressivo. —

Quem te deu o direito de me chamar pelo primeiro nome?

NACIONAIS - ACHERON

Arqueio as sobrancelhas.

O que ele está dizendo?

— Você... você acabou de me beij...

— Ah, aquilo nem foi nada — Ele sacode a cabeça, em desdém.

Hesito.

— Nada? Como... como não foi nada? Você...

— Eu fui pego pelo momento, só isso — Cruel me interrompe. — Como você é irritante. Até

parece que nunca foi beijada.

Sinto meu rosto esquentar de raiva.

— É claro que já fui!

— Que bom — Ele dá de ombros. — É um alívio saber que não ficarei marcado para

sempre como seu primeiro beijo. Esse tipo de coisa

brega é nojenta.

Cerro os punhos.

— Você está brincando, não está? — pergunto, entre dentes. — Cruel, você...

— Não me chame assim, idiota! — grita, os olhos selvagens e furiosos. — Eu beijei você

porque me deu vontade, e daí? Não é como se eu te achasse especial ou qualquer coisa do tipo.

Caramba, você é só uma mimada, desesperada por atenção.

— Você é o idiota aqui! Como você? Eu achei que...

Então, Cruel abre um sorriso que faz jus ao seu nome e gargalha bem alto. Algo em meu

peito se quebra. Dói. Ter aquele olhar sobre mim é como ser pisoteada por ele.

"Fique longe do senhor DeVil."

NACIONAIS - ACHERON

— Você é inacreditável — Cruel ri. — Realmente achou que eu sentiria qualquer coisa a não

ser pena por você? Qual é, Rosie, cresça.

Sinto uma lágrima escorrer por minha bochecha. Apresso-me a enxugar, mas é tarde demais.

Tarde demais.

— Oh, Rosie... — Cruel sacode a cabeça em desaprovação. — Assim você me estimula a

continuar com esses joguinhos divertidos...

Minha respiração começa a ficar alterada e mais lágrimas ameaçam chegar. Preciso sair

daqui. Preciso sair de perto dele. Corro para as escadas, segurando o choro o máximo que

consigo, mas Cruel me puxa pelo braço contra seu peito. Sua mão segura meu queixo, obrigando-

me a olhar para ele. E as lágrimas e gemidos chegam. Não posso conter mais. Olhando aquele

imbecil nos olhos, eu choro. E ele sorri.

— Sim. Essa expressão combina com você, garota. É triste, porque você se apaixonou por

mim muito mais rápido do que eu pretendia e acabou com meus planos de jogar mais um pouco...

Você perdeu a graça, Rosie.

E então ele me solta e sobe as escadas para o próprio quarto, sem nem mesmo olhar para

trás. Apoio-me no corrimão e choro. Porque sou uma idiota ridícula. Porque não enxerguei a

verdade até que o próprio Cruel jogasse diante de mim. Porque estou apaixonada por ele. Não

sei quando aconteceu nem como, mas meu coração dói tanto que deve ser verdade. Eu fiquei em

êxtase quando ele me beijou e me senti machucada quando ele deixou a cozinha com indiferença.

Agora eu quero desaparecer sem deixar rastros. Dói

muito.

Capítulo 7

Enxugo minhas lágrimas e me recomponho depois de chorar no quarto até a madrugada chegar.

Sinto meu rosto inchado e meu nariz não para de escorrer. Esta é a primeira vez que tenho meu

coração partido. Eu já tive um relacionamento há um tempo, no primeiro ano de colegial. O nome

dele era Tobey e ele era a criatura mais doce e tranquila do mundo. Era louro, baixo e magro e

parecia um anjo. As meninas da nossa turma diziam que éramos perfeitos um para o outro por

causa de nossa aparência. E nós acreditamos. Nosso namoro começou com sorrisos e olhares à

distância, evoluiu para caminhadas de mãos dadas e teve fim após apenas quatro daqueles beijos

de três segundos. Tobey e eu nos demos conta de

NACIONAIS - ACHERON

que o que sentíamos um pelo outro não passava de um carinho amigável e muito platônico. Dias depois do nosso último beijo — que, até então, não sabíamos que era o último — Tobey me contou que se mudaria para outra cidade e nós rompemos.

Simples assim. Sem lágrimas e sem emoções bagunçadas.

Eu sempre achei que o amor deveria ser assim: doce, bom e revigorante; mas o que sinto

agora machuca e dá vergonha. Como isso pode ser amor? Por que me apaixonei por Cruel? Ele

nunca demonstrou características positivas na minha frente — na verdade, ele se esforça para ser

mau quando estou por perto — fora que sempre arranja uma maneira diferente de me humilhar. O

que foi que vi nele? Por que a rejeição dele me fere tanto assim?

PERIGOSAS

Acordo tarde no dia seguinte sentindo-me mais leve. Olho para o relógio. Dez horas.

Humberta deve estar se corroendo de raiva de mim, mas isso pouco me importa. É estranho, mas eu

realmente a detesto bastante, mais do que qualquer garota da escola que um dia olhou torto ou

disse coisas desagradáveis para mim. Escovo os dentes e tomo um banho rápido. Visto um conjunto

de moletom e pantufas e decido de repente invadir a sala de TV da casa.

Cruel me proibiu de perambular pelos cômodos, mas com certeza não vai notar a minha

presença. Segundo os empregados, ele nunca vai lá — o que é perfeito para minha situação atual.

Meu estômago ronca alto, implorando por comida. Lembro-me que comi apenas um sanduíche

ontem à noite e fico com ainda mais fome. Deixo o meu quarto e, muito prudentemente, vou até a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

cozinha, onde as cozinheiras andam de um lado para o outro, agitadas. Tento não pensar nos

acontecimentos da véspera, mas meus olhos voam para o local onde Cruel e eu estávamos

sentados. Onde ele me beijou. Não.

— Com licença — digo, praticamente gritando para ser ouvida. A cozinheira mais próxima

olha para mim e arregala os olhos.

— Bom dia, senhorita! — E faz uma reverência com a cabeça. É alta, magra e asiática.

— Bom dia. Eu... gostaria de algo para comer... por favor?

Ela sorri e vai fuçar nos armários. Alguns minutos depois, me chama para perto do balcão,

onde ovos, panquecas e bacon me esperam numa bandeja. Fico tocada com o trabalho dela, pois

esperava que ela me desse um copo de suco ou um

NACIONAIS - ACHERON

sanduíche simples.

— Obrigada — digo, sentando-me para comer.

— Hoje a senhorita provavelmente notará uma agitação diferente na casa — ela comenta,

enquanto corta legumes. — O senhor DeVil está de bom humor.

Estremeço, mastigando.

— Bom humor? Por quê?

— Ah, hoje a madame Sunsung vem dar uma olhada nos projetos dele — responde outra

cozinheira, meio rechonchuda. — Ela é a principal investidora, sabe. Desde o começo apostou tudo no trabalho dele.

— Desde Paris, não foi? — pergunta a asiática.

— É. Eu acho que os dois têm um caso.

Engasgo com um pedaço de bacon e me dão água para ajudar a engolir.

Cruel tem um caso? Mas... mas... mas...

— Sabe o que eu ouvi, Yuki? — pergunta a rechonchuda para a asiática.

— Não, diga! — pede Yuki.

— A madame foi a inspiração da última linha de outono-inverno do senhor DeVil. Ele até foi

atrás das peles de cobra que ela queria...

— Jura?

— Sim! E todo mundo da "high" sabe que ele arrasta um caminhão por ela. Eu não duvido de mais nada.

Suspiro. Eu queria não ter ouvido essa conversa. Tenho raiva de mim por estar incomodada.

Só de pensar em como essa tal Sunsung é e o que

PERIGOSAS

Cruel vê nela que não vê em mim...

Argh.

Não!

Quão ridícula eu ainda posso ficar? Fala sério!

Decido mudar de assunto.

— Hum... vocês têm notícias da Humberta? —
pergunto, brincando com o garfo em minha
mão.

Yuki, a asiática, olha para mim.

— Oh. A Humberta... — Coça a cabeça. — O
senhor DeVil deu um jeito nela depois de ouvir
coisas que não o agradaram muito.

Arregalo os olhos. Humberta é tão devota a Cruel.
O que ela poderia ter dito para tirá-lo
do sério?

NACIONAIS - ACHERON

— Vocês... sabem o que aconteceu?

— Você viu tudo, não viu, Darla? — Yuki pergunta à rechonchuda.

A cozinheira suspira e olha de esguelha.

— Eu não devia dizer — Cruza os braços. —, mas como envolve a senhorita, acho que tem o direito de saber.

— Me envolve? — Franzo a testa.

— Sim. Humberta foi reclamar da senhorita com o senhor DeVil, dizendo um monte de coisas

feias a seu respeito e exigindo que ele a mandasse embora de uma vez. Ela até disse que a

senhorita fala desrespeitosamente dele quando ele não está por perto!

Ops.

— Mas o senhor DeVil colocou ela no devido

lugar, não foi? — Ri Yuki.

— E como! — assente Darla. — Ele disse que não vai mandar Rosie embora. Que essa casa

agora também é dela e que os empregados não devem reclamar dela outra vez. Qualquer um

que não estiver satisfeito, vai embora. Deu até medo, viu?

Sinto arrepios nos braços.

— Isso... isso é verdade? — pergunto.

— Eu mesma ouvi! — afirma Darla. — O senhor DeVil defendeu a senhorita.

Não. Só pode ser brincadeira. Ou, no mínimo, Darla ouviu demais e interpretou tudo errado.

Cruel não tem motivo nenhum para me defender. Ele me odeia, ele deixou tudo bem claro sobre o

que pensa de mim ontem à noite. Então não posso acreditar que ele tenha discutido com Humberta

PERIGOSAS

por minha causa. Não acredito.

— O senhor DeVil é mesmo um enigma —
murmura Yuki, temperando a salada. Darla

concorda e outro assunto surge.

Termino meu café, agradeço as duas pela comida e
saio de fininho, querendo evitar mais

fofocas sobre Cruel. A casa está agitada.
Empregados cruzam comigo e me dão bom dia,
mas se

vão tão apressadamente que mal consigo responder.
Levam vasos de rosas vermelhas, tecidos e

faixas de um lado para o outro como se não
houvesse amanhã. Isso me irrita. Cruel dará uma
festa

para essa tal de Sunsung ou o quê? Que bagunça.
Como uma pessoa pode ser tão importante

assim para alguém como ele?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Isolo-me na incrível sala de TV e passo horas assistindo a canais pagos numa televisão

gigante de tela plana. O sofá é um sonho e os tapetes são de peles de animais — o que é um

pouco assustador, mas tem gente que acha chique. Perco a noção da hora até me dar conta da

fome que estou sentindo. Checo o relógio da televisão e me surpreendo: quase duas horas da

tarde. Aqui dentro o tempo parece passar mais rápido.

Quando será que a Sunsung chega? Será que ela e Cruel almoçaram juntos ou ela só vem

mais tarde? Eu devia ter perguntado a Yuki ou a Darla. Ao menos estaria mais tranquila sobre

minhas perambulações na casa e poderia evitar topar com Cruel e sua querida convidada.

Desligo a televisão, frustrada. Faço uma pequena lista mental e chego à conclusão de que

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

estar apaixonada é uma das piores coisas que aconteceram comigo. A primeira, sem dúvida, foi perder minha família e a seguinte foi vir morar aqui. Tudo que eu quero agora é voltar no tempo e impedir que a policial Mac me deixasse ir com Cruel. Eu devia tê-la escutado e lutado por minha emancipação.

Argh.

Isso pouco importa. Está feito ; eu estou aqui como uma prisioneira domiciliar, apaixonada e

sujeita aos caprichos e joguinhos humilhantes de meu carcereiro. O amor é autodestrutivo? Olhe só

para o que estou dizendo!

Deito de barriga para cima no sofá e fito o teto pelo que parece uma eternidade. Não

quero sair daqui e correr o risco de encontrar Cruel expressando sua adoração à outra mulher. Vai

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

machucar mais. Contudo, estou faminta. Fome também dói. Resolvo sair da sala de TV e me esforço

para ser discreta e chegar à cozinha em silêncio e sem ser notada. Não topo com nenhum

empregado e as coisas parecem bem mais tranquilas do que há algumas horas.

Então, ouço risos. Risos femininos. Congelo. Estão chegando mais perto e são acompanhados

de gargalhadas masculinas bem familiares.

Estabanada, agarro uma vassoura que encontro num

canto e começo a varrer de costas para os dois que se aproximam. Não me vejam. Não me vejam.

Não me vejam.

— E o vinho nem era importado de verdade, acredita? — ouço a voz feminina dizer. É clara

e elegante.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Cruel resmunga alguma coisa, mas eu não entendo.
Varro o canto discretamente para que

não me notem, e tento me camuflar entre as
pesadas cortinas. Um silvo escapa de meus lábios

quando, desastrada, deixo a vassoura cair no chão.
Corro para trás das cortinas e cubro a boca,

concentrando-me em ouvir os sons dos dois. Acho
que não me viram.

Tudo fica silencioso por vários minutos. Permaneço
escondida para garantir que Cruel e

Sunsung já se foram, mas uma inoportuna vontade
de fazer xixi me atinge. Ai, não. A cortina de

repente se abre e o rosto de Cruel surge entre os
panos, bem perto do meu. Ele está sério, mas

não bravo. Encolho-me contra o vidro das enormes
janelas.

— Sentindo-se capturada? — ele indaga, erguendo
uma sobrancelha. Não digo nada. — O

NACIONAIS - ACHERON

que está fazendo aqui?

— Eu estava passando e ouvi vocês — respondo, olhando para os meus pés. Por que meu

estômago está tão gelado? — Eu não... não quis...

Cruel aproxima-se de mim e fecha a cortina atrás dele. Estamos muito próximos agora e

meu coração bate enlouquecido, lembrando-me de que eu gosto dele. Meu queixo está a ponto de

roçar seu peito, então afasto o máximo que esse pequeno espaço me permite. Mas Cruel apoia as

mãos em minha cintura, deixando-me paralisada. Então, ele me beija com força, segurando meu

rosto com as duas mãos e colando seu corpo no meu. Eu quase entro em combustão instantânea.

Nossos dentes se trombam e ele morde meu lábio inferior bem devagar.

— Não... — arquejo, lembrando-me de que, para

PERIGOSAS

Cruel, eu sou só uma garota sem graça.

Ele me dá mais um beijo, profundo a ponto de tirar meu fôlego. Bato com meus punhos em seu

peito. — Não me beij...

— Certo — Cruel me solta, fitando-me com intensidade.

Encaramo-nos. O rosto dele está vermelho e sua gravata está bagunçada. Vendo de perto,

noto fios brancos em seu cabelo negro, apenas em um lado da cabeça. Não deviam estar ali, ele é

muito jovem. Seus olhos azuis agora têm uma aparência um tanto felina e... furiosa. Eu também

estou furiosa, o bastante para cogitar enforcá-lo com minhas próprias mãos.

— Isso... — ele sussurra, tenso. — Isso foi só um teste.

Engulo em seco.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu realmente não vejo graça alguma em você mesmo. Agora tenho certeza.

Pisco e ele já se foi, deixando-me ali atrás daquela cortina. Cada centímetro de minha pele está insuportavelmente quente. Queimando.

Capítulo 8

Vou para a cozinha, sentindo as pernas bambas. Estou fraca de fome ou por causa do que

Cruel...?

— Senhorita Rosie, o que aconteceu? — Um empregado esbarra em mim no corredor e me fita, assustado.

Olho para ele.

— E-eu...

— Está tão pálida! — E então grita: — Joxer!

Outro empregado aparece, um tanto confuso.

— Que foi? — ele pergunta.

— Corra e diga ao patrão que a senhorita Rosie está passando mal e que...

— Não! — eu grito, atraindo o olhar espantado de ambos. — Eu não estou passando mal, só estou com fome.

— Tem certeza? — pergunta Joxer, crispando os olhos. — O patrão dará um jeito na gente

se souber que ficamos de braços cruzados enquanto a senhorita passa mal.

Sacudo a cabeça. Ele nem se daria ao trabalho de ficar preocupado, isso sim.

— Vocês estão exagerando — digo. — Vou comer alguma coisa e ficarei cem por cento bem.

— Se a senhorita diz...

Deixo os dois empregados e marcho para a cozinha, determinada a me entupir de comida

para não ser confundida com uma doente de novo. Yuki, a cozinheira asiática, está lavando alguns pratos quando chego.

— Hum... Yuki?

Ela olha para mim por cima do ombro.

— Olá, senhorita Rosie. Como estava o seu almoço?

Mordo o lábio.

— Vim aqui justamente por isso. Ainda não almocei...

— Ahn? Como não? Darla mandou entregarem seu almoço no quarto há quase uma hora.

Apoio os cotovelos no balcão central.

PERIGOSAS

— Bem... eu estava na sala de TV.

Yuki sacode a cabeça, rindo.

— Vocês, jovens e suas tecnologias... Esquecem até de comer!

Quero contar a ela que eu fui para lá com a intenção de sumir da vista de Cruel, mas não

conto. Por algum motivo, parece que os empregados acham que ele se preocupa comigo. Ele deve

tê-los enganado para que, além de temê-lo, o considerassem uma boa pessoa também. Que falso ridículo.

— Eu vi a senhorita Sunsung — Yuki finge sussurrar e faz um gesto para que eu me

aproxime. Chego mais perto dela, diante da pia. Yuki continua: — Ela é bem bonitona, sabe.

Cabelo escuro feito breu e boca muito vermelha.

NACIONAIS - ACHERON

Não quero saber.

— Hum... é mesmo? — murmuro.

— E adivinha? Ela estava usando um daqueles casacos de pele que o próprio senhor DeVil

desenhou para ela! Toda majestosa... parecia uma rainha...

Argh.

— Então... — decido mudar de assunto. — Cruel, digo, o senhor DeVil é algum tipo de

estilista, é isso?

Para falar a verdade, eu nunca parei para pensar muito no que ele fazia da vida. Era

herdeiro de uma fortuna imensa, então presumi que não trabalhasse.

— Oh, ele é — Yuki confirma. — Desenha para uma empresa chique de moda parisiense.

PERIGOSAS

— Que coisa... inusitada. Você se importa se eu fizer um sanduíche?

— De modo algum!

Repito minha proeza da outra noite e faço dois sanduíches rápidos. Ainda sinto fome após

acabar, então faço um terceiro e bebo um copo gigante de refrigerante para acompanhar.

— Você está aqui! — ouço alguém gritar.

É Darla, a cozinheira rechonchuda. Ela vem em minha direção com os olhos castanhos

brilhando.

— Se-nho-i-taaa — cantarola, animada.

Yuki enxuga as mãos em seu avental e se aproxima de nós para ouvir a novidade. Já sei

quem é a fofoqueira da casa.

— O que aconteceu, Darla? — pergunto. — Você

NACIONAIS - ACHERON

parece bem animada...

— Vai haver uma festa — ela diz — amanhã à noite em homenagem ao novo trabalho do

senhor DeVil! Coisa da alta sociedade e organizada pela própria senhorita Sunsung!

— Não brinque comigo, mulher! — exclama Yuki.

Duas fofoqueiras, na verdade.

Reviro os olhos enquanto elas começam a especular sobre as "intenções da Sunsung" em dar

a festa, sobre que roupas a Sunsung irá vestir na ocasião, se Cruel e Sunsung assumirão seu caso

amoroso secreto e um monte de outras baboseiras insignificantes.

Qual é.

Essa tal de Sunsung nem deve ser grande coisa, Yuki e Darla é que são exageradas.

— Vou voltar para o meu quarto — anuncio.

Darla puxa minha mão.

— Senhorita, eu não terminei de dar as boas notícias! — Ela ri.

Argh.

— E quais outras boas notícias você tem para contar? — suspiro.

— Eu acabei de servir o senhor DeVil e a senhorita Sunsung e eles falavam de você, senhorita Rosie.

Franzo a testa.

— De mim? Por quê?

Darla estufa o peito.

— A senhorita Sunsung quer muito conhecê-la e praticamente ordenou que o patrão a

convidasse para a festa — Ela bate palmas. — O próprio senhor DeVil me mandou avisá-la! Não é simplesmente fabuloso?

Essa não.

Não, não, não.

Uma oportunidade de me humilhar publicamente na frente de todas as pessoas que o

admiram e trabalham para ele e de sua preciosa Sunsung?

É claro que Cruel não perderia essa oportunidade.

Cerro os punhos.

— Eu não vou.

Darla e Yuki me encaram, espantadas.

Abro a boca para dizer algo, mas simplesmente decido que não vale a pena conversar com

as duas sobre meus motivos para não ir à festa. Elas já estão envolvidas na ilusão romântica que

acham que a vida de Cruel é. Além disso, são fofoqueiras.

Quebrando o silêncio constrangedor que instala-se entre nós, deixo a cozinha e rumo para

meu quarto apressadamente. Caio de costas na cama e fito o pequeno — e sem dúvida caro —

lustre em forma de gotas.

Toco meu lábio inferior, lembrando da pressão dos dentes de Cruel nele. A mera lembrança

faz meu rosto esquentar.

"Eu não vejo graça em você mesmo."

— Argh — Dou um soco num dos travesseiros.

Isso não pode continuar. Esses sentimentos que estou começando a ter por Cruel têm que sumir

PERIGOSAS

antes que cresçam. Qual é o ditado mesmo?
Arrancar o mal pela raiz?

É o que devo fazer. Tenho quase dezoito anos e
preciso agir como a adulta que quase sou.

Chega desses devaneios sobre os beijos dele. Chega
de me importar com quem ele tem casos.

Chega de ser tão terrivelmente afetada pela
presença dele.

Ouçõ três batidas na porta e ela se abre.

Dou um pulo da cama e vejo Cruel parado ali, com
uma das mãos na maçaneta. Sua

mandíbula está tensa e seus olhos transmitem raiva.

— Não pode entrar no meu quarto assim — digo,
mas soa como uma pergunta.

Cruel não se abala.

— A casa é minha, eu entro onde quero.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Levanto-me e vou para o banheiro, trancando-me lá dentro. É em momentos como esse que

preciso ser firme e ficar longe de Cruel.

— Vai mesmo jogar desse jeito? — ele grita lá do quarto.

— Eu não quero jogar! — grito em resposta.

Ele fica em silêncio por tanto tempo, que penso em sair. Mas então um papel desliza por

baixo da porta e para em meus pés descalços. Abaixo-me e pego.

"Vai mesmo fazer essa desfeita?"

Ah. É sobre a festa. A letra dele parece aquelas de convites de casamento: fina, comprida e

elegante. Fico com inveja.

Uma caneta desliza por baixo da porta e eu quase rio do quão ridícula essa situação é.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ainda assim, é melhor do que olhar para ele.

Pego a caneta, clico e ajoelho-me no chão frio do banheiro para escrever.

"Não é desfeita. Eu não quero ir à festa e pronto.", escrevi.

Perto da letra dele a minha parece feia e infantil — e olha que meus professores sempre elogiaram minha caligrafia.

Passo o papel de volta por baixo da porta e espero, sentada no chão, que ele escreva que

não preciso ir. Ele tem que escrever que não preciso ir.

O papel volta.

"Quero que você vá."

Suspiro, com raiva, e devolvo sem escrever nada.

O papel volta novamente.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

"Não é o suficiente que eu te queira?"

Penso na ambiguidade daquelas palavras e minhas veias fervem. Amasso o papel e jogo no

lixo. Outra armadilha.

— Vá embora — grito, dando um soco na porta. —
Eu não quero ouvir porcarias nenhuma

que você tem para me dizer.

Outro papel desliza e eu ouço a porta do meu quarto bater forte lá fora.

Leio o que Cruel escreveu.

"Farei você mudar de ideia, Rosie."

Engulo em seco. Arrogante! Será que ele pensa que tem tanto poder sobre mim assim?

Definitivamente eu não irei à essa festa, nem que tenha que me esconder em uma das caixas

daquela sala do piano.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Está anoitecendo e eu estou no quarto, estirada em minha poltrona de leitura enquanto

folheio um livro de figuras sobre animais selvagens em perigo de extinção, mas meus pensamentos

estão longe.

Penso em meu pai e em minha mãe com tanta saudade que quase posso sentir meu coração

se contraindo de dor. Uma dor muito pior do que ser humilhada por um rico arrogante que na

verdade não passa de um infantil. Fico pensando no que minha mãe faria se estivesse em meu

lugar. Ela provavelmente derreteria o coração de gelo de Cruel com sua bondade e firmeza, não

tenho dúvidas. Minha mãe era simplesmente cativante. Meu pai, se me visse agora, me sacudiria

pelos ombros e me diria para ser a adulta esperta e responsável que eles me criaram para ser.

NACIONAIS - ACHERON

Solto um longo suspiro.

E adormeço.

Capítulo 9

Antes mesmo de abrir os olhos, sei que o dia da festa que Sunsung dará para Cruel chegou. Eu

rolo na cama e resmungo comigo mesma, odiando que esse seja o meu primeiro pensamento do

dia. Não quero ter nada a ver com os assuntos particulares do infame senhor DeVil, principalmente

no que diz respeito aos seus casos amorosos. Mas já odeio Sunsung sem nem mesmo conhecê-la. É

tão injusto.

Será que o que sinto por Cruel é mesmo o que ele disse? Estou mesmo apaixonada? Quando

foi que isso aconteceu?

PERIGOSAS

Tenho um lampejo de memória repentino.

Uma breve lembrança da única vez em que vi Cruel sem sua máscara de arrogância. Foi

enquanto ele brincava com seus cães e eu observava da janela há alguns dias. Lembro que ficar

olhando para ele, meio fascinada, enquanto ele corria e saltava de modo quase infantil, mas na

ocasião eu não me dei conta de que estava me envolvendo. Aquele riso genuíno dele...

Meu coração acelera de leve.

E eu subitamente sei que é por aquele Cruel que estou apaixonada. Um Cruel raro e

profundamente coberto por aquela fachada de frieza e egocentrismo. O Cruel.

Ouçó baterem na porta e me levanto da cama para abrir. Custo a acreditar que a pessoa

NACIONAIS - ACHERON

diante de mim é realmente quem eu acho que é.

— Agatha! — Arregalo os olhos.

Ela sorri, tímida.

— Olá, senhori... quero dizer... Rosie. É bom ver que você está bem.

Seguro suas mãos.

— Você... voltou! Você está bem? Onde esteve? O que Cruel fez com você?

Ouçoo passos no corredor e a figura esguia de Cruel surge, vestindo calças num tom pastel e

uma camisa azul-marinho. Ele para ao lado de Agatha, diante de minha porta, com uma expressão

indiferente e fria no rosto. Uma máscara.

— Ah — suspiro —, você.

Cada partícula do meu corpo está ciente da presença de Cruel. Talvez até demais.

Ele me encara como se fosse me xingar.

— Bom dia para você também, Rosie — resmunga.

Cruzo os braços e me dou conta de que estou usando shorts de flanela e moletom e meu

cabelo provavelmente está um ninho de ratos.

Vejo Cruel me medir da cabeça aos pés, mas sua expressão entediada não muda. Evito olhar

para ele diretamente nos olhos. Esqueci que ele me acha sem graça.

— Caso queira saber, estou te devolvendo a Agatha

— Cruel diz, gesticulando com a

cabeça na direção da empregada. — Ela será responsável por cuidar de você de agora em

diante, como era antes.

Crispo os lábios.

— Tá.

PERIGOSAS

— E talvez esse extremo ato de bondade faça com que você reconsidere ir à minha festa

hoje à noite — ele acrescenta, tentando soar sutil.

Encaro-o. Cruel é mesmo baixo.

— Já disse que não vou. Não adianta ficar tentando me comprar — digo, começando a me

irritar. O que há comigo? Por que ultimamente tenho me irritado tão fácil?

Cruel trinca os dentes e sua expressão se fecha.

— Como é ingrata.

Ingrata? Eu?

— Eu não sou!

— Pois que fique com essa empregadinha a noite inteira nesse seu quarto — Cruel aponta o

dedo para mim. — , porque eu a proíbo de sair daqui!

NACIONAIS - ACHERON

Ahn?

— Como é?

— Você não é surda, Rosie. Terei que repetir?

— Você vai me manter trancada no quarto só porque eu não quero ir à sua festa chata? —

estou praticamente gritando.

— Vejo que entendeu bem.

Cerro os punhos. Ah, ele não vai me tirar do sério.

— Tanto faz. Já estou acostumada — eu rosno. —
Venha, Agatha. — Puxo Agatha pelo

cotovelo para dentro do quarto e fecho a porta com
todas as minhas forças, fazendo uma

barulheira.

— Farei você mudar de ideia! — ouço-o gritar e
dar um soco na porta.

Suspiro e Agatha olha para mim assustada.

— Rosie... o que foi que aconteceu enquanto estive fora?

— Ele... Eu...

Será que eu podia contar tudo o que passei com Cruel nesses últimos dias? Qual seria a

reação dela se eu dissesse que ele me beijou e eu gostei?

Melhor não.

— Nós temos brigado muito — resmungo, voltando-me para minha penteadeira para dar um jeito no meu cabelo.

— Brigado? — Agatha me acompanha com o olhar. — O senhor DeVil tem brigado com você e a deixa sair impune?

— Impune? — Rio sem humor. — Você não viu o

que acabou de acontecer? Ele vai me

deixar trancada aqui por quanto tempo o orgulho dele quiser! Como se eu já não fosse uma

prisioneira...

— Mas, Rosie, isso é uma raridade — Agatha aproxima-se e me ajuda a pentear o cabelo.

— O senhor DeVil nunca leva desaforo para casa. Isso que acabou de acontecer é quase... quase

inacreditável.

Franzo a testa e encaro Agatha.

— Por quê? — pergunto. — O que ele costuma fazer com as garotas que o desafiam?

Agatha desvia o olhar para a parede e mantém os olhos fixados ali, como se lembrasse de

algo. Então suspira.

— Ele se vinga delas. Porque ninguém pode estar

acima da vontade de Cruel DeVil.

Quando Agatha me deixa sozinha para tomar banho, tudo em que consigo pensar é no real

motivo pelo qual Cruel me quer em sua festa. Ele parecia determinado demais em me convencer

hoje de manhã e eu começo a me perguntar se sua razão é mesmo a que eu pensei: minha total

humilhação pública.

Quer dizer, por mais que não se comporte como tal, Cruel é um adulto. Ele administra as

riquezas de sua família e até mesmo tem um emprego sofisticado. Tem uma pretensa namorada

rica, empregados que não questionam suas ordens e um histórico de conquistas femininas de cair o

queixo. O que ele ganharia me humilhando, afinal? Ele até trouxe Agatha de volta.

Saio do banheiro e me olho no espelho de minha

PERIGOSAS

penteadeira. Sempre me disseram que sou

muito bonita. Quase um anjo, uma bela boneca de porcelana. Mas neste momento não me sinto

assim. Hoje faz uma semana que meus pais morreram. Dói pensar nisso. Meu coração se contorce

cada vez que vejo seus rostos em minhas lembranças. Talvez essa seja uma das razões pelas quais

eu não quero festa. Não quero companhia.

Ouçõ duas batidas apressadas na porta, que se abre num baque. Olho assustada para um

Cruel muito bem trajado parado na entrada de meu quarto. Terno, gravata, calças sociais e cabelo

penteado para trás. Dessa distância não consigo ver os fios brancos. Está tão bonito que parece

que vai desaparecer como uma névoa, como num sonho.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Mudou de ideia? — ele pergunta, arqueando uma sobrancelha negra.

Suspiro.

— Por que quer tanto que eu vá? — resmungo. — A festa é sua.

Cruel também suspira e dá dois passos para dentro do quarto.

— Bem, talvez... — Ele enfia as mãos nos bolsos da calça, como de costume. E olha fixamente para mim. — Talvez eu só queira exibir você.

Franzo a testa.

— Ahn?

Por um curto segundo, ele sorri.

— Seria bom ser o destaque da festa, ao menos uma vez — Cruel dá de ombros. — E ter você lá chamaria a atenção para mim.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Principalmente se você usar esse roupão maravilhoso.

Sinto minhas bochechas queimarem e cubro meu colo instintivamente.

— Saia — digo, afastando-me dele.

Cruel trinca os dentes.

— Você realmente acredita, não é? — Ele ri sem humor.

Não digo nada, apenas permaneço fitando-o com firmeza. É difícil. Será que ele tem noção

do quanto me deixa vulnerável?

— Tsc — Cruel estala a língua. — Esqueça. — Ele rosna e deixa o quarto, fechando a porta

atrás de si.

Estou confusa. Como ele me exibiria se me acha tão infantil e sem graça? E o que ele quis

NACIONAIS - ACHERON

dizer com acreditar? Acreditar em quê? Meu coração está muito acelerado. É por que ele me elogiou?

Ouçoo o som de buzinas e corro para a janela de meu quarto, para ver quem chegava. O

carro é preto e parece uma limusine. Os empregados ajudam um homem de trinta e poucos anos e

sua acompanhante loura e alta a descerem e ambos adentram a casa. Perco-os de minha linha de

visão e fico curiosa. Será que são esnobes ou legais? Conhecer gente assim nunca me passou pela cabeça, mas agora...

Minutos depois, outro carro chega e um homem sozinho desce. Deve ter quase a mesma

idade de Cruel e usa um terno muito chique. Parece que até o ar ao seu redor custa caro.

Mais convidados chegam. Logo ouço música tocando no andar de baixo e as vozes das pessoas. Pergunto-me sobre o que conversam. Dinheiro? Compras? Negócios? Diversão? Sobre o que gente rica conversa em festas assim?

Dou-me conta de que ainda estou vestindo o roupão e dou um jeito de vestir meu conjunto de

moletom, mesmo que lá no fundo eu não queira isso. De repente essa festa não parece tão ruim. E

eu sei que pareço volúvel ao dizer algo assim, mas estou muito curiosa.

Eu quero ir à festa.

Capítulo 10

Reviro meu acervo de roupas chiques nunca usadas, à procura de algo que seja, no mínimo,

decente para uma festa da alta sociedade. Baseio-me nas roupas das convidadas que vi

PERIGOSAS

chegando e encontro um vestido verde escuro de pregas, estilo tomara que caia, rodado e com um

broche prateado de enfeite. Ele chega aos meus joelhos e é do meu tamanho, o que pode ser

considerado um quase milagre.

Minha mãe me ensinou a andar bem arrumada, então não tenho dificuldades em achar

brincos que combinem nem em arrumar o cabelo. Opto por deixá-lo solto, meio bagunçado. Esse

tipo de coisa está na moda, não é? Calço sapatilhas escuras, mas logo me deparo com um par de

sandálias pretas de salto. Sempre quis usar salto, mesmo que não fossem meu tipo favorito de

calçado.

Largo as sapatilhas.

Talvez, se eu ficar bonita e um pouco mais alta, Cruel se impressione. Eu adoraria vê-lo sem

NACIONAIS - ACHERON

fala.

Olho-me no espelho e ajeito o vestido. Não estou nada feia. Nada desengonçada.

Assusto-me quando alguém bate à porta.

— Rosie? — É Agatha. Fico desconcertada. Ela me verá ceder aos caprichos de Cruel mais

uma vez. Agatha entra e olha para mim de olhos arregalados.

— Rosie! — silva ela.

Sorrio amarelo.

— O que achou?

— Você vai à festa? — Ela cobre a boca. — Quanto o senhor DeVil pagou a você para ir?

Arqueio as sobrancelhas.

— Eu podia ter pedido dinheiro?

PERIGOSAS

— Com certeza ele daria!

Suspiro. Então dou de ombros.

— Fiquei curiosa para ver essa festa, com todos esses convidados chegando... Como estou,

Agatha?

— Está bonita, está bonita, mas...

Não posso evitar sorrir.

— Ótimo. Vou descer.

— Espere. Vou avisar o patrão...

Rio.

— Não precisa. Vou surpreendê-lo.

Agatha suspira alto. E assente.

— Faça o que quiser, Rosie. Fará de qualquer jeito mesmo...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Seguro suas mãos e a giro. Estou um tantinho eufórica porque quero surpreender Cruel. Ele

definitivamente não espera que eu vá à festa após a cena que fiz mais cedo. E espera ainda

menos que eu pareça bonita.

Deixo o quarto e Agatha me segue ao longo do corredor. Chegou ao topo das escadas e

espio dois empregados — um deles é o Joxer, se não me engano — recolhendo os casacos dos

convidados que chegam e conduzindo-os a uma sala na qual nunca entrei.

Cerro os punhos, respiro fundo e olho para Agatha. Ela dá de ombros. Desço as escadas

devagar, os pés tremendo nos saltos, apoiando-me no corrimão. Os empregados me fitam.

— Senhorita Rosie... — aqueja um deles.

— O patrão não nos avisou que a senhorita viria —

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

diz o que eu achava ser Joxer.

— Eu... decidi de última hora — Sorrio.

— Acompanhe-nos, por favor.

Sou conduzida até as portas brancas e ouço o som de música. Não música do tipo que

tocava nas festas dos meus vizinhos adolescentes, mas música leve e ambiente. Como num filme.

Os empregados abrem as portas e, de repente, estou num salão grande e brilhante, cheio de

pessoas bem vestidas e brilhantes fazendo movimentos graciosos e brilhantes enquanto comem e

conversam. As portas são fechadas atrás de mim e eu sinto um frio percorrer meu corpo. O que

vim fazer aqui mesmo?

Tento ser discreta e me misturar, mas sou a pessoa mais baixa da festa, sem dúvida. Um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

garçom aproxima-se com uma bandeja de bebidas vermelhas e eu pego uma taça imediatamente.

Preciso me enturmar. Bebo o líquido vermelho e me surpreendo com o gosto bom e com o frescor.

Bebo tudo e pego outra taça.

Começo a perambular pelos cantos, à procura de qualquer sinal de Cruel ou da tal da

Sunsung. É estranho estar em um lugar cheio de pessoas estranhas. Entorno mais uma taça e pego

outra. Algumas pessoas começam a me notar e eu as vejo sussurrarem entre si quando passo por

elas.

Encontro uma mesa de frios e como dois pãozinhos deliciosos. Um garçom passa por mim e eu

pego outra taça avermelhada. Espero que não seja algo alcoólico, porque é muito bom e eu já

perdi as contas de quantas taças tomei.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Queridos amigos... — ouço uma voz familiar falar a um microfone.

Todos os olhares se voltam para a figura de vermelho que caminha até o centro do salão.

Aperto os olhos para ver melhor. É uma mulher alta, magra, de cabelos negros e lisos que roçam a cintura e um sorriso incrível. Ela exala charme e no mesmo instante, sei quem ela é.

— Gostaria de agradecer a presença de todos e expressar minha imensa admiração a uma

pessoa muitíssimo especial, o motivo de todos estarmos aqui hoje — ela estende graciosamente a

mão para Cruel, que de repente destaca-se do meio das pessoas e aproxima-se dela, elegante.

— Meu querido DeVil e eu gostaríamos de anunciar nossa mais nova parceria em um projeto

maravilhoso que chega às passarelas no próximo mês, e eu não pude encontrar data melhor para

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

celebrar do que o próprio aniversário dele!

As pessoas aplaudem.

Engasgo com um pedaço de pão e engulo a bebida para ajudar a descer. Olho espantada

para Cruel no centro do salão, perfeitamente postado ao lado da divina Sunsung. Aniversário dele.

Como pode ser? Por que ninguém me contou nada sobre isso?

— Agradeço a todos pela presença — Cruel diz, ao microfone nas mãos de Sunsung —,

aproveitem a festa!

Cruzo os braços com força. Preciso fazer algo, preciso fazer algo.

Num impulso, caminho a passadas largas até onde Cruel e Sunsung estão. Ele me vê e parece

realmente surpreso. Sinto-me vitoriosa até tropeçar

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

nos meus próprios pés e me estabacar no chão.

Bato forte a testa contra o piso de mármore frio e fico tonta. Ouço a risada de Cruel.

— Sunsung, você contratou acrobatas de circo para me entreter? — ele diz.

Fico de joelhos e olho para os dois. Sunsung de perto é ainda mais bonita. E maldosa.

— Parece que você é que proporcionou meu entretenimento, querido — Ela ri, olhando para

mim. Sua postura me lembra a de uma serpente. — É ela a garota?

Cruel enfia as mãos nos bolsos e me encara com um olhar maldoso.

— Sim. Uma garota malvada que entrou numa festa sem ter sido convidada.

Sinto minha garganta se fechar.

— Você me convidou! — digo, colocando-me de

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

pé.

Algumas pessoas nos observam com curiosidade.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Eu? — Cruel ri. — Por que eu iria querer alguém como você em minha festa?

— Você praticamente me forçou a vir! — eu já estou gritando. — Você me disse que faria

com que eu mudasse de ideia e eu mudei. Estou aqui. Por que não me disse que hoje é seu

aniversário?

Cruel olha ao nosso redor e depois me fita. Com muito desprezo.

— Por que você não se enxerga de uma vez e desaparece daqui, órfã?

Sung o puxa pelo braço e os dois se afastam. Fico paralisada. Então corro dali. Tropeço

mais uma vez, mas me levanto e deixo o salão com soluços fortes sacudindo meu corpo.

— Senhorita...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Saia! — grito.

Corro escadas acima, tirando as sandálias e lançando-as contra as paredes. Sinto raiva,

vergonha e mágoa. Machuca e sufoca.

Chego ao corredor e trombo em alguém com muita força. Meu braço dói.

— Ouch! Desculpe! — diz uma voz masculina.

Esgotada, fico tonta, cambaleio e tombo para frente. O dono da voz me segura com firmeza.

— Você está bem? Está... bêbada?

— Não... — Choro, sentindo meu peito doer. Pelo menos eu acho que não estou bêbada.

— O que aconteceu com você?

— Foi... foi ele. Ele é um doente, um monstro! Quero que ele morra!

O homem surpreende-me, me abraçando.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Cruel aprontou de novo, não foi? — ele murmura.

Ele sabe o primeiro nome de Cruel?

Encaro-o. Deve ter seus vinte e cinco, vinte e seis anos. É louro e alto, muito bem trajado.

— Sim, foi ele — deixo escapar. — Como... como você sabe...?

Ele me dá um olhar triste.

— Cruel é meu primo. Um primo bem distante, mas ainda assim... — Dá de ombros. — Qual

é o seu nome, querida?

Fungo.

— Rosie.

— Eu sou Eden, é um prazer.

Assinto. Enxugo os olhos com as costas da mão. É estranho ver alguém da família de Cruel.

NACIONAIS - ACHERON

Achei que ele fosse completamente sozinho no mundo.

— Está mais calma? — Eden pergunta, sorrindo.

— Estou — confirmo. — Obrigada.

Eden apoia a mão em meu ombro.

— Não dê tanta importância às brincadeiras dele. Cruel é infantil e caprichoso desde criança.

Franzo a testa. Nunca imaginei Cruel criança.

— É mesmo? Como... como ele era?

Eden me oferece o braço.

— Acompanhe-me em um passeio e te conto o que quiser saber.

Hesito. Estou descalça, com o rosto provavelmente vermelho e inchado, e ainda assim Eden é

PERIGOSAS

bem gentil comigo, como se eu fosse uma Sunsung.

— Tudo bem.

Dou meu braço a ele e, subitamente, sou puxada para um dos quartos de hóspedes escuro.

— E-ei!

Eden me segura com força e me tira do chão, jogando-me por cima do ombro. O que ele está fazendo?

— Ei! Me solte!

Eden me joga na cama e segura meus punhos contra o colchão. Seu corpo quase me esmaga.

— Saia de cima de mim! Socorro! Socor...

Ele cobre minha boca com a sua para me calar e morde meu lábio inferior com muita força.

Sinto gosto de sangue.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Escorrego por baixo dele e consigo sair de seu aperto por um momento, mas ele me puxa

pelos cabelos e me joga contra a parede.

— Achei que você fosse mais dócil, cadelinha...

— Socorro! So...

Ele cobre minha boca com a mão e apoia a outra em minha nuca. Sobe em cima de mim.

— Ah, vamos... não me diga que só Cruel pode brincar com você, cadelinha...

Tento chutá-lo e socá-lo, mas ele é muito mais forte do que eu.

— Pare de lutar! — Seu cotovelo atinge meu rosto e eu fico zonza.

Suas mãos começam a erguer a barra de meu vestido e eu sinto seus dedos em minhas

coxas.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Choro, grito, contorço-me, mas sei que ninguém vai me ouvir. Estão todos na festa, todos

ocupados. Ninguém se importará se eu for...

Ouço um estrondo e alguém irrompe no quarto. Está escuro, não posso ver. Eden é tirado de

cima de mim. Ouço sons de socos e urros. Cuspo sangue.

— Desgraçado! — alguém grita, com ira. — Não se atreva a tocar nela, seu animal!

Minha mente reage, mas meu corpo está flácido no chão. Eu reconheço aquela voz.

Reconheceria em qualquer lugar, falando qualquer idioma.

Braços me envolvem, mas são braços gentis. Sinto dor e sinto gosto de sangue.

— Droga... Rosie, fale comigo...

— Cruel — sibilo, tentando encontrar seu rosto no

NACIONAIS - ACHERON

escuro.

É mesmo ele?

— Sou eu. Você está bem agora, você está bem agora...

Ele me ergue do chão e me tira daquele quarto horrível. De olhos fechados, ouço-o trocar

algumas palavras com empregados que aguardavam no corredor. Minha cabeça pende contra seu

peito e eu choro. Estou com muito medo. Mais medo que já senti em toda minha vida.

Por uma questão de segundos, eu quase fui violentada. Parece um pesadelo. Dói pensar que

se Cruel tivesse se atrasado só um pouco, aquele homem teria... ele teria...

Por quê? Por que ele tentou aquilo comigo? Eu sou apenas uma garota numa festa cheia de

mulheres ricas e formosas. Por que eu? Por quê?

Por quê? Por quê?

Perco a consciência aos poucos e a última coisa que vejo é a expressão no rosto de Cruel.

Nunca na vida eu vi alguém tão furioso.

Acordo, mas não abro os olhos.

Uma retrospectiva das últimas horas passa zunindo por meus pensamentos e eu me encolho.

Sei que não estou em meu quarto, em minha cama. O colchão sob mim é bem mais fofo que o meu

e as cobertas sobre mim são de peles de animais.

Meu corpo todo dói, como se eu tivesse corrido uma maratona até meus ossos virarem pó.

Sinto-me menor do que já sou e tremendamente vulnerável.

Nunca vou esquecer o rosto dele. A cor de seu

NACIONAIS - ACHERON

terno. Seu cheiro enjoativo. Seu beijo

agressor. Seus dedos em minhas pernas. Queria poder trocar de corpo e colocar esse para lavar,

porque só a ideia de ter respirado o mesmo ar que ele já faz com que eu me sinta suja. A única

coisa que me consola é o fato de que poderia ter sido muito, muito pior.

Finalmente abro meus olhos. Fito um teto escuro, forrado de veludo preto. As paredes são

brancas e a cama de dossel é rodeada por cortinas pretas pesadas. Estou usando uma camisola

de mangas compridas e meias. Que quarto é este?

Quando tento me sentar no colchão, minhas costas protestam e eu solto um murmúrio agudo

de dor. Lembro-me de ser lançada contra uma parede.

— Rosie?

Sobressalto-me. Uso as cobertas para me cobrir até o queixo.

— Está acordada? — É Cruel. Ele está do outro lado das cortinas da cama. Meu coração

acelera, numa mistura de ansiedade e medo. — Olha, eu... Eu chamei a polícia e prestei queixa

contra aquele animal. Eles o levaram embora. Para bem longe, Rosie. Ele nunca mais chegará perto

de você outra vez. É sério, estou te prometendo. Você está segura agora.

Lágrimas escapam de meus olhos. Cubro a boca para que Cruel não me ouça chorar.

— Rosie? Fale comigo.

— Vá embora — choramingo. Não posso vê-lo agora. Não dá. Sequer quero que ele olhe

para mim. Quero desaparecer.

Cruel fica um bom tempo em silêncio, mas posso

sentir sua presença no quarto. Ele não diz mais nada durante horas e eu adormeço e acordo inúmeras vezes.]

Agatha aparece para me trazer comida, mas eu simplesmente não tenho fome. Aceito um copo de leite e depois água. E, após longas horas, meu sono acaba. Permaneço fitando as cortinas e concentro-me nos sons que Cruel faz no quarto. Virar de páginas, abrir de gavetas, arrastar de poltronas. E suspiros. Ele suspira muito e quase o tempo todo. E em momento algum me deixa sozinha.

— Preciso ir ao banheiro — digo com voz rouca, momentos depois.

Ouçõ o arrastar da poltrona novamente. Ele chama por Agatha. Escorrego para fora da

cama e abro uma fresta da cortina. Cruel está de

PERIGOSAS

costas para mim, olhando alto pela janela.

Apesar de tudo, sou grata a ele.

— Senhor? — Agatha chega, cautelosa.

— Leve-a ao banheiro, por favor.

Arqueio as sobrancelhas. É a primeira vez que o vejo dizer um "por favor" sincero. Agatha

olha para mim e eu olho para ela. Então corro e a abraço.

— Menina, menina... — Ela afaga o topo de minha cabeça maternalmente.

— Eu estou bem agora — digo, com a voz embargada. Olho de soslaio para Cruel, mas ele

já está novamente sentado na poltrona, absorto em seus assuntos.

— Venha — diz Agatha. Ela me leva para meu quarto e a sensação é como voltar para

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

casa. Uso o banheiro e tomo um longo banho. Ao me olhar no espelho, vejo um hematoma

esverdeado sob meu olho e um corte quase cicatrizado em meu lábio inferior.

Respiro fundo e expiro. *Ficarei bem. Ficarei bem. Ficarei bem.*

Visto as roupas que ganhei da policial Mac e vou para a cama. O sol já se põe e o céu está

bonito. Agatha me traz comida e dessa vez não recuso. Preciso me esforçar e esquecer tudo o que aconteceu e tenho certeza de que vou ficar bem.

Penso em Cruel enquanto a noite cai. Eu devia agradecê-lo. Devia dizer que, se não fosse

por ele, eu teria sido violentada de verdade. Mas não tenho coragem de encará-lo agora. Ainda não.

Sonho com o eco da voz dele xingando Eden

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

enquanto o tira de cima de mim. Cruel parecia muito mais do que furioso. Não consigo me esquecer de seu olhar feroz e do quanto seu corpo estava quente de raiva quando ele me tomou nos braços.

E acordo suando frio. Olho no relógio. Não são nem dez da noite. Levanto-me e vou ao

banheiro lavar o rosto. Volto para a cama e, justo quando estou para pegar no sono, vejo a porta

do meu quarto se abrir numa fresta. Sento-me ereta no colchão.

— Quem está aí?

Ouço um suspiro.

— Sou eu — Cruel abre a porta, fitando o chão.

Inclino-me e acendo a luz do abajur. Olho fixamente para ele, esperando que faça o mesmo,

NACIONAIS - ACHERON

mas Cruel não tira os olhos dos pés da minha cama.
Decido quebrar o silêncio. Afinal, ele veio até
aqui e...

— Só queria ver se estava bem — Cruel murmura,
enfiando as mãos nos bolsos. — Nada de
mais.

Engulo em seco.

— Obrigada — digo. — Por tudo. Você...

— Não precisa me agradecer. Mesmo. Afinal, você
é minha. É óbvio que eu espancaria
aquele idiota até a morte se te fizesse algo.

Sinto um frio na barriga.

— Ainda assim, sou grata.

Ficamos em silêncio. Então, Cruel finalmente me
olha nos olhos.

— É, tanto faz. Nunca mais vai acontecer, certo?

— Eu... eu não... Cruel, eu não entendo o que aconteceu — admito, sentindo meus olhos se

encherem de lágrimas. — Eu não fiz e nem disse nada que pudesse provocá-lo, eu nunca...

Cruel aproxima-se e num segundo está perto de mim, segurando meu rosto nas mãos. A

expressão em seu rosto á de... dor?

— Nunca mais insinue algo assim outra vez, entendeu? Ele é o problema.

Sacudo a cabeça.

— Eu deveria ter sido mais cuidadosa — Fungo. — Só conseguia pensar na raiva que eu

sentia de você porque você me humilhou na frente de todo mundo e... e então ele apareceu e

começou a falar sobre você e sobre como você era quando criança e daí eu...

PERIGOSAS

Cruel me abraça de um jeito desengonçado e eu aperto meu rosto contra seu peito. E choro.

Não quero pensar que a culpa é dele, mas... e se for? Pior, e se for culpa de nós dois? Ele por me

ridicularizar na festa e eu por baixar minha guarda com aquele homem? Como ficamos?

— Sei o que está pensando e acho melhor parar — Cruel sussurra. — Para o bem da sua

sanidade, Rosie.

Ele me solta e se afasta.

Sinto-me vulnerável e mais lágrimas escorrem. Meu coração dói.

— Eu... amo... você... — digo, entre soluços desesperados que sacodem meu corpo. — Mesmo

que você me ache... infantil... patética e... mimada. Não importa o que aconteça ou... o que você

faça. Ainda assim... eu... vou amar você.

NACIONAIS - ACHERON

Ouço-o rir por uma fração de segundo e seus lábios tocam minha testa.

— Obrigado — ele sussurra. — É o bastante para mim.

Capítulo 11

Acordo com Agatha sacudindo meu braço. Dói e eu protesto. Ela puxa minhas cobertas e abre as

cortinas do quarto. Uma luz co do sol de meio-dia queima meus olhos semiabertos. Cubro o rosto.

— Rosie, vamos...

— Que horas são? — resmungo.

— Você tem meia hora para se arrumar e descer para tomar o café. O senhor DeVil fez

questão de que eu viesse acordá-la pessoalmente.

Abro os olhos, desconfiada.

— Como assim, ele...?

Agatha tenta disfarçar um sorriso.

— É isso mesmo que você ouviu. Levante-se e vá escovar os dentes como uma boa menina.

Sento-me na cama, esforçando-me para me lembrar do que quer que possa ter feito Cruel

mudar de ideia e me chamar para tomar café da manhã com ele. Num estalo, lembro. De tudo. Da

visita dele enquanto eu adormecia, de seu abraço rígido e da minha... da minha...

— Ai, meu Deus! — grito. Olho para Agatha e cubro a boca. Ela me encara, confusa.

— Que foi?

Sinto um frio na barriga e me abraço. Eu disse a ele. Em alto e bom som. Que eu o amo. *Eu*

amo Cruel? Desde quando? Por que eu disse aquilo tudo?

Lembro-me de ter chorado bastante e de Cruel

tentar me consolar e me convencer a

esquecer o incidente com Eden. Meu estômago se embrulha quando penso naquele homem.

— Rosie, se você não me disser o que está acontecendo, serei obrigada a tomar medidas extremas...

Sacudo a cabeça.

— Não é nada, eu... só me lembrei de algumas coisas.

Agatha revira os olhos e começa a mexer nas minhas gavetas. Vou ao banheiro, escovo os

dentes e tomo um banho rápido. Encaro-me no espelho, olhando feio para os ferimentos em meu rosto. Será que vão demorar para sumir?

— Rosie! — grita Agatha, apressando-me.

Corro de volta para o quarto e visto a calça branca e

a blusa de mangas que ela me

entrega. Já não fico constrangida por me despir com Agatha aqui. Afinal, foi ela quem me trocou quando eu estava inconsciente.

— Estou bonita? — pergunto, calçando um par de sapatilhas.

Agatha suspira.

— Como um raio de sol — diz. — Agora, apresse-se.

Sorrio para ela e deixo meu quarto. Estou nervosa.
O que devo dizer quando o vir? Mais

importante, o que ele dirá? Será que me humilhará novamente? Depois de tudo o que aconteceu?

Estremeço ao reconhecer a porta de um dos quartos. Do quarto. Tento afastar os flashes de lembranças e caminho mais rápido. Chego às escadas e apoio as mãos no corrimão. Preciso

superar isso. Preciso esquecer.

Respiro fundo e caminho tranquilamente — na medida do possível — até a sala de jantar.

No momento exato em que estou para entrar, um empregado abre a porta e sai com uma bandeja vazia em uma das mãos. Ele me vê e acena com a cabeça.

— Bom dia, senhorita.

— Bom dia — respondo com um sorriso rápido.

Ele segura a porta para mim e eu adentro a sala. Sinto meu rosto arder antes mesmo de ver

Cruel. Quando o vejo à mesa, fico decepcionada. Porque Sung está sentada ao seu lado. Ela

me vê antes de Cruel e abre um sorriso peçonhento.

— Olha só, o botão de rosa acordou — comenta, pousando a mão de uma maneira nada

sutil no ombro de Cruel. Ele se vira e olha para mim. Não sorri, mas sua expressão é calma e até amigável.

— Bom dia, Rosie. Como dormiu?

Céus, como é estranho ouvi-lo dizer isso.

— B-bem. Bom dia.

— Sente-se conosco — ele pede.

E é o que faço. Noto que o terno cinza de Cruel combina com alguns traços da camisa de

mangas bufantes e da sala de cintura alta de Sung. Ela está muito bonita hoje. Como uma cobra

que trocou de pele.

— Deve estar estranhando esse meu convite repentino — diz Cruel.

Olho de soslaio para Sung. Ela me observa de

olhos crispados.

— Um pouco — digo, tentando tirar minha atenção da ameaça explícita que a mulher diante

de mim está me fazendo com o olhar.

Ele nunca escolheria você, seus olhos parecem dizer. Não quando ele pode ter a mim,

querida.

— Bem, eu quero tratar de um assunto importante, Rosie — diz Cruel, ganhando toda a

minha atenção. Hoje ele parece estranhamente maduro e centrado. — É por esse motivo que a

chamei aqui. Eu farei uma viagem de três dias para Paris e precisei procurar alguém que fique de

olho em você enquanto eu estiver fora. Sunsung se ofereceu, então... é isso. Espero que vocês duas

se entendam bem.

Como é que é?

— Ahn... você vai viajar? — Franço a testa. — Por quê?

Sung revira os olhos. Cruel me encara de uma maneira que nem parece ele. É como se

tivesse envelhecido dez anos. Ele não debocha de minha pergunta ou expressão de bobagem.

— Trabalho — Dá de ombros, simplesmente.

Sinto algo pousar sobre minha mão. A mão dela.

— Vamos aproveitar esses três dias para nos conhecer melhor, Rosie! — Sung exclama

numa falsa demonstração de empolgação. — Como meu descuidado DeVil nunca fala de você, é

como se fôssemos mesmo completamente estranhas uma para a outra!

E somos!

— É... verdade — digo, forçando um sorriso.

— Tudo certo, então — decreta Cruel.

Sinto o olhar dele em mim o tempo todo, mas não me atrevo a tirar os olhos da comida em

meu prato até ela desaparecer. Sunsung tagarela incansavelmente sobre a vida de pessoas que eu

não faço ideia de quem são, mas que pertencem ao mesmo círculo de amizades que ela e Cruel.

Sinto-me invisível. Ela não para de falar. Ele faz comentários vagos. Estou decepcionada. Não com

Cruel; ele não fez absolutamente nada dessa vez. Minha decepção envolve a mim mesma e meus

sentimentos. Achei que as coisas mudariam depois de ontem. Para mim, mudaram. E eu criei

expectativas de que para Cruel também. No entanto, estou errada outra vez. Ele irá partir e me

deixar uma cascavel como babá. Sei que será só por

três dias, mas só de pensar em passar mais

um segundo ouvindo a risada venenosa e artificial de Sunsung, tenho vontade de explodir.

Assim que termino o café, levanto-me, faço um breve aceno com a cabeça e saio.

Expectativas são uma droga.

"Tive que sair mais cedo que o previsto. Retorno em três dias. Comporte-se.

— C. DeVil"

"Acabo de chegar a Paris. Sunsung me disse que eu deveria mandar notícias, mas ela não

sabe que estou escrevendo para você. Tampouco sei eu. Só achei adequado, já que sou seu

responsável.

Você está se comportando, não está?

— C. DeVil"

"É noite aqui.

Você está se alimentando direito, não está? Não me faça ficar preocupado ou irei infernizá-

la pelo resto da viagem com essas cartas ridículas. Viu o que você me faz fazer? Estou escrevendo

à mão!

É bom que você saiba que Sunsung me mantém informado do que acontece em casa. Ela

disse que você se recusa a sair do quarto e que nem mesmo Agatha consegue animá-la.

Sente tanto assim a minha falta, pequena Rosie?

— C. DeVil"

Capítulo 12

As brevíssimas cartas que Cruel tem me mandado não ajudam em nada. Sinto sua falta, mas de

jeito nenhum darei a ele o prazer de me ouvir

admitindo isso. Não posso deixar que ele me humilhe

outra vez, principalmente depois de tudo que aconteceu entre nós dois.

Nestes últimos dois dias em que ele está fora, tenho pensado muito sobre esse assunto. O que

somos um para o outro, afinal? Porque não é como se Cruel fosse completamente indiferente a mim.

Estou quase certa de que sente algo também, o que não consigo imaginar é a intensidade desse

sentimento. É grande? Pequeno? Fugaz? Permanente?

Rolo na cama e me espreguiço. Logo Agatha chegará trazendo meu jantar e, como de

costume, estou com bastante fome. Olho para o desenho que fiz ontem à noite, que Agatha fez

questão de emoldurar e pendurar na parede do meu quarto. É um retrato dos meus pais que

rabisquei com um lápis após me pegar pensando neles. Agatha disse que tenho muito talento para desenho, mas não acho que seja para tanto.

Ouçõ alguém bater à porta três vezes e acho estranho. Agatha costuma bater duas vezes e

entrar. Levanto-me e ajeito meus cabelos rapidamente. Calço minhas pantufas e vou até a porta.

Abro.

— Bom dia, querida!

Sunsung abre um sorriso enorme e adentra meu quarto como um vento impetuoso. Não gosto.

— Bom dia — resmungo. — Posso ajudar em alguma coisa?

Ela caminha ao redor da minha cama com as mãos na cintura. Observa tudo com um olhar

debochado.

— Que lindo esse seu quarto. Lembra-me um berçário, sabia? — Ela gargalha. — DeVil

realmente mima você como a uma criança.

Engulo em seco.

— Eu gosto deste quarto.

Ela me fita. Seus olhos são levemente puxados e seu cabelo está preso num coque elegante e

complicado. Sunsung sem dúvida é a pessoa mais sofisticada que conheço e nem parece se

esforçar para isso.

— Bem, vim convidá-la para um café da manhã na cidade amanhã — Sunsung bate

palmas. Suas unhas são pintadas de vermelho escuro. — Vamos?

Arregalo os olhos.

— Na... na cidade? Quer dizer... deixar a casa?

Ela assente.

— Claro!

Faz quase duas semanas que vivo na mansão DeVil e desde que cheguei não botei os pés

para fora da casa. De repente parece terrivelmente abusivo que queiram me manter fechada aqui

dentro. No entanto, eu não confio em Sunsung a ponto de...

— Ahh, qual é, Rosie! — Ela se aproxima e segura minhas duas mãos. Fico rígida. — Você

mesma disse que iríamos nos conhecer melhor e não saiu desse quarto nos últimos dois dias!

— É que eu...

— Como consegue? Não sente falta de ir lá fora? Ver as pessoas, as lojas, as coisas...?

Mordo o lábio. Sunsung estala a língua.

PERIGOSAS

— Já sei. Vamos fazer compras. Muitas compras e depois salão de beleza! Quando DeVil

chegar, o deixaremos de queixo no chão — Piscou.
— O que acha?

Suspiro. Ela obviamente já sabe de minha fraqueza por Cruel. Só de olhar em seus olhos eu

sei que ela sabe. E não me deixará em paz.

— Posso... pensar um pouco? — pergunto.

Ela sorri.

— Sim! Mas pense rápido. Quero sair amanhã cedinho e voltar antes que DeVil chegue do

aeroporto — Bate palmas outra vez. — Vai ser ótimo, querida!

— Certo.

Eu quero muito ir à cidade. Passear, fazer compras e ir ao salão de beleza, como não faço

NACIONAIS - ACHERON

há um bom tempo. Mas com Sunsung... não sei.
Não consigo confiar nela. Conversarei com Agatha
e

pedirei sua opinião. Ela saberá o que devo fazer.

Observo enquanto Sunsung deixa meu quarto com
um andar elegante que mais me lembra o

arrastar de uma cascavel do que qualquer outra
coisa. Fecho a porta rapidamente. Devo confiar
nela?

— Não há problema algum — diz Agatha, assim
que pergunto sobre sair com Sunsung. — A

madame é uma mulher extraordinária e amiga do
senhor DeVil há anos.

Faço bico.

— Pensei que ele não tivesse amigos.

— É que a madame Sunsung é diferente — Agatha
dá de ombros.

Arqueio uma sobrancelha.

— Diferente como?

— Diferente, diferente, ora. Não fique me perguntando esse tipo de coisa, Rosie, eu não sou de me meter na vida particular de meu patrão.

Suspiro. Estamos sentadas no chão da cozinha, de costas para as geladeiras. É quase meia

noite, mas estou sem um pinga de sono. Mais cedo pedi biscoitos à Agatha e ela sugeriu esse

pequeno passeio para fora de meu quarto.

— Acha mesmo que é uma boa ideia? — pergunto, pela quarta vez, sobre o convite de

Sunsung.

— Por que está tão desconfiada da madame, hein?

— Eu... a culpa não é minha. Ela é que me olha de jeitos estranhos. Como uma serpente, sabe,

PERIGOSAS

pronta para dar o bote ao menor sinal de fraqueza de sua presa, que no caso sou eu.

Agatha joga a cabeça para trás e gargalha.

— Você é impossível, menina!

— Estou falando sério!

Agatha levanta-se com certa dificuldade, rindo.

— Vá passear com a madame, vá. Veja por si mesma a pessoa ótima que ela é.

Engulo meu último biscoito quase sem mastigar.

Sunsung está maravilhosa em um vestido florido de verão e sandálias que provavelmente

custaram uma casa. Quando a vejo, meu primeiro desejo é voltar para o quarto e trocar meu mini

macacão branco e tênis por roupas tão divinas quanto as dela. Mas não vou. Porque Sunsung me

NACIONAIS - ACHERON

puxa pelo pulso e me faz dar "uma voltinha".

— Vejam só se não está uma gracinha! Ainda bem que serviu direitinho!

— O quê? — gaguejo.

— Eu escolhi essa roupa! — Ela ri. — Combina perfeitamente com você!

Fico sem reação. Então foi por isso que Agatha insistiu tanto para que eu vestisse essa coisa.

Traidora.

— Madame, o carro está pronto — diz um empregado.

— Ótimo!

Sung me puxa pela mão e nós cruzamos o hall até a porta da frente. Crispo os olhos ao

olhar para o céu. É um dia quente e ensolarado, que me faz sentir um pouco menos pior por estar

PERIGOSAS

usando essa roupa infantil. Vamos até um carro branco e moderno parado frente à porta. O

motorista é alto, louro e charmoso e não tira os olhos de Sunsung.

— Javier — Ela para de sorrir e gesticula com a cabeça para que ele abra a porta do

carro para nós.

Javier, o motorista, tem um leve sobressalto — como se só de olhar para ela tivesse

esquecido de qualquer outra coisa — e se apressa para abrir a porta.

— Perdão, madame Yook.

Sunsung olha para ele, inexpressiva. Então me flagra olhando.

— Só... faça o seu trabalho, Javier. Vamos logo.

— Como quiser, madame.

NACIONAIS - ACHERON

Sunsung entra e eu a sigo em silêncio. Observo o jardim da casa através da janela do carro

e faço uma nota mental para não me esquecer de explorá-lo antes de Cruel voltar. Deixamos a

casa DeVil e Javier dirige tranquilamente pela estrada. Eu quase me esqueci de quão distante

moro da cidade agora. Faz parecer que tenho vivido em outra realidade nos últimos dias.

— Pode. Me. Contar. Tudo. — Sunsung volta-se para mim com um olhar cúmplice. Ela parece

uma atriz de cinema quando faz essas expressões.

Limito-me a franzir a testa.

— Ahn... Tudo o quê?

— Ah, não banque a desentendida. Está tudo muito óbvio para mim.

Acho que sei do que ela está falando, mas Sunsung seria a última pessoa na face da Terra

com quem eu me abriria. Não confio nela.

— Eu não tenho ideia de sobre o que você está falando...

Ela aponta o dedo para meu rosto.

— Eu disse que está tudo muito óbvio para mim, então pode parar com isso. Aigoo*, você é

exatamente como ele descreveu! — Ela torce o nariz. — Quem diria que meu querido e maldito

amigo seria um lolicon* algum dia!

Por algum motivo, sinto-me ofendida.

— Um o quê?

Sung sung suspira.

— Não sei se você é inegavelmente inocente ou pateticamente burra, mas o que quer que

seja, só lhe fará mal, querida. É para isso que estou aqui.

Cruzo os braços. Ela acaba de me chamar de burra, patética e inocente? Ninguém — a não

ser Javier, que faz ocasionais comentários sobre o clima — diz mais nada até chegarmos ao centro

comercial da pequena, rica e agitada cidade. Eu nasci e vivi aqui a vida inteira, mas nunca

frequentei a região mais abastada. Embora os moradores em geral sejam bem favorecidos

financeiramente, há uma pequena parcela da população que pertence à classe média e que não

nada no próprio mar de dinheiro. Era nessa classe que minha família se encontrava. Tínhamos uma

boa vida, mas não dava para comparar com o luxo que as outras famílias ostentavam. Sempre

pensei no quão curioso é essa divisão social, porque geralmente os ricos é que são a minoria.

— Então — Sung vira-se para mim de repente —, aonde quer ir primeiro?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Ahn... Você disse que tomaríamos café...

— Sim, mas me diga seu lugar favorito. Onde você costumava ir antes de... bem...

Ela parece genuinamente desconfortável.

— Eu costumava tomar café da manhã no caminho para a escola. Eu ia de bicicleta e ia

comendo um sanduíche enquanto pedalava.

— Não está falando sério, está?

Dou de ombros.

— Acredite se quiser.

— Isso não pode ficar assim — Ela bate com o punho na palma. — Javier, vamos à Red

Velvet imediatamente!

Posso ver o sorriso dele pelo retrovisor.

— Como quiser, madame!

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

E nós vamos. A padaria e café Red Velvet fica na principal avenida da cidade e dizem que

você só pode entrar se tiver reservas. Quando Javier estaciona, vejo pela janela motoristas e

empregados uniformizados carregando caixas de doces, pães e bolos para seus respectivos carros

chiques onde seus respectivos patrões chiques aguardam. É uma cena quase surreal de tão

inusitada. Javier abre a porta para Sunsung e a ajuda a descer. Eu vou logo em seguida,

deslumbrada com essa parte da cidade que pouco conheço.

— Você precisa provar da boa vida antes de voltar para casa, Rosie! — Sunsung diz, mais

determinada do que alguma vez já vi. — Javier, a porta.

— Sim, madame.

NACIONAIS - ACHERON

Javier abre a porta da Red Velvet e de repente eu me sinto no paraíso.

Capítulo 13

Não me lembro da última vez que comi tanto bolo de sorvete e bebi tanto capuccino. Sério,

Sunsung definitivamente passou a última hora pedindo as guloseimas mais caras e deliciosas para

mim e não me permitiu recusar nada. Segundo ela, eu não sei absolutamente nada da boa vida.

— Estou cheia! — choramingo, após me fartar de uma fatia generosa de bolo de coco com

sorvete e chantilly. — Não aguento comer mais nada.

Sunsung revira os olhos.

— Você não provou nem metade, como pode? Javier!

O motorista — ou devo chamá-lo de guarda-costas

NACIONAIS - ACHERON

também? — se aproxima de nossa mesa.

— Madame?

Sunsung apoia uma mão no queixo de forma charmosa.

— Peça uma fatia daquelas tortas coloridas e um expresso para mim. Ah, traga umas revistas também! — Ela bate palmas.

Quanto mais tempo passo com Sunsung, mais fico convencida de que ela é uma cobra dócil.

Inofensiva, talvez, mas ainda é cedo para dizer. Eu a observo e imagino o que pode estar

passando por sua mente agora. O que ela quer com tudo isso?

— Sei o que você está pensando — Sunsung murmura e ri.

Congelo.

— Ahn?

— Eu já vivi toda essa história mais de uma vez, Rosie — ela suspira. — Acredite em mim.

— Que história?

Sung apoia os cotovelos na mesa.

— Já fui babá das garotas na mira dele — sibila. Não há tom algum de brincadeira em sua

voz e, pela primeira vez, ela não termina a frase com um sorriso. Absorvo a nova informação.

Garotas na mira dele. Isso me coloca em que tipo de posição?

Remexo-me, desconfortável, na cadeira de veludo. Não sei o que dizer. Tampouco o que

pensar. Cruel não me tratou como de costume após aquilo com Eden, mas eu devo manter em mente

que ele tem uma reputação. Preciso permanecer lembrando quem ele é o tempo todo, assim não

PERIGOSAS

criarei expectativas e nem irei me machucar.

— Oh, que desconfortável — Sung resmunga, olhando para algo atrás de mim.

Sigo sua linha de visão até a vitrine da Red Velvet e sou pega de surpresa por um flash de

câmera que quase me deixa cega. Há fotografos e alguns curiosos do lado de fora, espiando pelo vidro.

— O que eles...?

— Argh, eles estão me seguindo. De novo — diz Sung. — É só ignorar.

Arregalo os olhos.

— Seguindo você? Tipo... fãs e paparazzi? Esse tipo de coisa?

Ela dá de ombros.

— Eu os chamo de eles.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Não sabia que você era...

— A herdeira de uma agência de moda internacional, filha de um magnata bilionário e ícone

fashion do ano? — Ela simula uma jogada de cabelo para trás e ri. — DeVil não te falou muito sobre mim, falou?

Crispo os lábios.

— Não conversamos sobre nossos círculos de amizade — respondo.

Sung revira os olhos.

— Sobre o que vocês conversam, então?

Abro a boca, mas nada sai. Nada deve sair. Não é como se Sung precisasse saber dos

detalhes de meu relacionamento com Cruel. Se é que ele existe.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— E-eu... não acho que seja da sua con...

— Ah, achei que já tínhamos passado desse ponto, queridinha — ela interrompe. —

Acredite, não vai me querer como inimiga. — Ela rouba uma cereja de meu prato com as pontas

dos longos dedos e leva à boca. — Se quer mesmo fisgar DeVil, vai precisar da minha ajuda.

Fico boquiaberta.

— Fisgar? Do que você...?

— Madame, aqui está — Um garçom gorducho e baixinho chega com os pedidos de

Sunsung numa bandeja. Ele tem sotaque francês e sorri o tempo todo.

Logo atrás vem Javier, com uma pilha de revistas nas mãos. É o bastante para Sunsung

esquecer nosso assunto.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Oh, Javier, encontrou a italiana? — ela pergunta, como uma criança esperançosa.

Ele abre um sorriso e mostra as capas das revistas.

— Italiana e francesa, madame.

— Você é o melhor! — Ela bate palmas.

Javier praticamente emite luz própria de tanta felicidade. Ele deve gostar muito dela. Tipo,

pra caramba. Sunsung pega as revistas como se fossem sagradas.

— Olhe, Rosie, veja a francesa primeiro — Ela me entrega uma das revistas. —, minha nova

coleção recebeu destaque esse mês! Veja! Veja se não é um espetáculo!

Contendo um sorriso e aceito olhar a revista. Coleções de roupas e acessórios são realmente

levadas a sério, tanto por Sunsung quanto por Cruel. Eu gosto da maioria das peças que vejo e,

NACIONAIS - ACHERON

infelizmente, sou obrigada a admitir que a tal linha de roupas de Sunsung é muito boa. E então eu

viro uma página que nunca devia ter virado. Meu corpo congela e tudo que consigo assimilar é a

manchete em negrito da matéria — que, por algum motivo, não está em francês.

"Estilista e milionário cobiçado, C. DeVil é flagrado na companhia da modelo Ann Lee!"

Meus dedos tremem. Meus olhos varrem as linhas maldosas do artigo.

"Na noite de ontem, após formidável inauguração da Carmen Condé, o casal mais quente da

semana foi finalmente flagrado saindo mais cedo da pós-festa dada pelo estilista Henric Condé.

Testemunhas que participavam do evento alegam que o estilista e milionário C. DeVil e a modelo

francesa Ann Lee passaram todos os minutos da festa juntos e rumores de que ambos visitaram o

NACIONAIS - ACHERON

apartamento privado de Lee deram o que falar na manhã de hoje. Vale lembrar que ambos já

foram fotografados em situações parecidas, mas negaram qualquer envolvimento romântico. Será

que DeVil veio a Paris realmente a negócios como alegou da última vez? Quando será que o casal

mais badalado do mundo da moda atual (e conhecido pelos fãs como DeLee) irá finalmente

assumir o relacionamento? #NósApoiamosDeLee"

A última coisa que vejo são as fotos de Cruel e uma garota magra de cabelos castanhos

abraçados no meio de uma festa. Cruel e uma garota rindo. Cruel falando algo no ouvido de uma garota.

E ela não sou eu.

É ridículo, eu sei.

É patético, eu sei.

Mas é simplesmente apenas nisso que consigo pensar: não sou eu.

Sung nota meu desconforto imediatamente. Fecho a revista. Não sei para onde olhar.

Afinal, o que eu esperava? É de Cruel que estou falando, esse tipo de comportamento é

apenas ele sendo ele mesmo. Agatha me alertou. Humberta me alertou. Até eu mesma me alertei. E

para quê? Ele me humilha até mesmo a quilômetros de distância e sem esforço algum. Quando foi

que minhas esperanças de Cruel nutrir algum sentimento por mim cresceram tanto? É porque ele me

beijou? É porque implorou para que eu fosse ao seu aniversário? É porque ele me salvou quando

fui atacada?

Nada disso importa agora. A mulher com quem ele está não sou eu. Ele não me olha e nem me trata daquela maneira.

Sunsung pega a revista — que de francesa não tem nada — e começa a virar as páginas.

Permaneço fitando a torta colorida que ela pediu e que de jeito nenhum vou comer. Quero ir embora.

— Ah — é tudo que ela diz.

Olho por cima do ombro e outro flash quase me cega. Fico de pé.

— Quero ir embora.

Sunsung me encara, inexpressiva. Então arranca ruidosamente a página da revista, dobra e guarda na bolsa de mão.

— Javier, vamos! — Ela agita uma das mãos.

O garçom apressa-se em pará-la.

— Madame, madame! A senhorita ainda não terminou a torta especial e mal tocou em seu café! Fique mais um momento, por favor...

Sunsung o fuzila com os olhos estreitos.

— Não tente me dizer o que fazer.

Javier abre a porta e nos protege do avanço dos paparazzi que não param de fotografar

por um segundo. Algumas pessoas gritam o nome de Sunsung e elogios para ela. Seria divertido, se

eu não estivesse com uma nuvem negra sobre minha cabeça.

Entramos no carro e Javier dirige habilidosamente para nos tirar daquela comoção. Sunsung

pragueja em outra língua.

— Vamos comprar umas roupas pra você — ela me

diz, mais como se estivesse me dando
uma ordem do que uma sugestão. Fecho a cara.

— Não quero roupas. Não quero nada.

— Não me interessa o que você quer, eu não
perguntei — ela rebate. — Vamos comprar

roupas e você não tem escolha, querida, vai
comigo.

Cerro os punhos.

— Qual é o seu proble...

— Ah, jura? Eu é que tenho um problema aqui,
Rosie? — interrompe, irritada. — Diga-me

qual é o seu problema! O que você esperava dele,
hein? — A pergunta me atinge como uma

flecha bem no meio do peito. Quero gritar que eu
sei. Eu sei que estou sendo ridícula e

tremendamente infantil, mas não consigo evitar.

Dói. — Se está tão obviamente apaixonada por ele, não deixe que isso afete você. Não o deixe afetar você — ela diz. — Ele não é uma boa pessoa quando se trata de amor.

— Ele não é uma boa pessoa de jeito nenhum! — despejo, sentindo minha respiração vacilar.

— E eu... eu sou uma idiota! Achei que depois do que aconteceu, as coisas mudariam entre nós. Ele estava me tratando de um jeito diferente, sei que estava! Não consigo entender mais nada agora!

— Simples: ele não corresponde aos seus sentimentos. O que você não entendeu? — Sung revira os olhos.

Encaro-a com raiva.

— E isso é para me fazer sentir melhor?

— Na verdade, não. A parte em que você se sente

PERIGOSAS

melhor é quando DeVil voltar para cá e
te vir maravilhosa em suas roupas novas.

Suspiro e viro o rosto para olhar pela janela.

— Ele nem mesmo vai me notar — resmungo.

— Pare de pensar nele! — Sunsung me dá um tapa
ardido no braço. — Concentre-se nas

roupas. Vou fazer com você o que faço de melhor.

Esfrego o braço e olho em dúvida para ela.

— E o que seria?

Sunsung ergue uma sobrancelha.

— Uma transformação.

Rio e sacudo a cabeça.

— Javier! — ela grita. — Para a loja de sempre!

Ouço a gargalhada grave e alegre dele.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Como quiser, madame.

Por um momento brevíssimo, vejo os olhos dos dois encontrando-se no espelho retrovisor.

Sunsung desvia e olha para a janela. Parece zangada e... de repente ela olha para mim.

— Que foi?

Sacudo a cabeça.

— Nada.

— Qual sua cor favorita, Rosie?

Dou de ombros.

— Branco. Por quê?

Sunsung ri.

— É claro que é branco — Ri mais alto, obviamente de algo que não entendo. E então

acrescenta: — Branco é a cor que DeVil mais

NACIONAIS - ACHERON

detesta, querida.

Faço cara feia.

— Não era para não falarmos mais dele?

— Touché — Sung sorri.

Chegamos à uma loja chamada Desire como celebridades. Algumas garotas simplesmente

voam para cima de Sung pedindo autógrafos e fotos. Fico grata por ser ignorada.

Assim que entro na loja, não posso conter minha surpresa. É simplesmente maravilhosa.

— Senhorita Yook! — aproxima-se uma das vendedoras e cumprimenta Sung com aqueles

beijinhos à distância. Então, ela baixa os olhos para mim e me mede da cabeça aos pés. — Ah, e

essa é...?

— Meu novo bichinho — responde Sung,

convencida. — Estou aqui para uma transformação, Mirta! Traga toda a nova coleção em tamanho P para a pequena Rosie aqui. E um café para mim.

A vendedora assente.

— É para já!

Sunsung vira-se para mim.

— Prepare-se para ficar um espetáculo.

Olho-me no espelho enorme do provador e prendo a respiração. O vestido preto de

babados que Sunsung escolheu para mim parece ter sido feito sob medida. Sinto-me bonita, mas

estranha. Parece que estou pronta para o funeral de meus pais que nunca aconteceu. Meus olhos

PERIGOSAS

enchem-se de lágrimas assim que penso no fato de que não sobrou nada deles que eu pudesse

sepultar. E, além disso, como eu bancaria um velório e um funeral?

— Preto não — digo para Sunsung, quando ela vem me ver no vestido.

Ela me encara, inexpressiva.

— Ficou muito bom...

Sacudo a cabeça. Não quero um vestido que me lembre mortes e funerais.

Sunsung suspira.

— Certo. Como quiser. Esse era o último mesmo... Todas as outras roupas que você gostou já

estão nas sacolas.

Arregalo os olhos.

— Todas? Sunsung, são umas trinta peças!

NACIONAIS - ACHERON

Ela dá de ombros.

— E quem liga para números? Aqui — Ela me joga um vestido azul celeste de pregas. —

Vista esse para irmos ao salão.

Suspiro.

— Gastar tanto dinheiro não deixa você cansada?
— pergunto.

— E o que mais eu faria com ele além de gastar?

Encaro-me no espelho outra vez. Poupar para um funeral decente para os seus pais, talvez?

Capítulo 14

Não consigo parar de sorrir. Olho-me várias vezes no espelho retrovisor e penso que aquela

garota bonita ali não pode ser eu. Faz tempo que não uso maquiagem desse jeito. Acho que eu

deveria começar a usar. Meu cabelo está escovado,

cheiroso e brilhante, e meu rosto parece

porcelana. Meus olhos claros estão destacados e também brilham. Sinto-me muito bem, como se

pudesse fazer qualquer coisa. Ouço um celular tocar e, ao meu lado, Sunsung atende.

— Oi, meu querido! — ela exclama, num tom de alegria que identifico como falso. — Estava

pensando em você... É mesmo? Que ótima notícia! Sim, sim, eu soube... É mesmo uma pena, ele é tão

imaturo... Sim... Entendo... Claro, nos vemos amanhã! Eu também!

Ela desliga o celular e o sorriso. Então me encara.

— Era o meu noivo — suspira.

— Noivo? — arqueio as sobrancelhas. — Você vai se casar?

Sunsung revira os olhos.

PERIGOSAS

— Não me lembre. Quer dizer... Eden é lindo, rico e muito educado, mas eu...

Um calafrio percorre todo o meu corpo assim que ouço esse nome. Eden. Qual seria a

probabilidade de ele ser o mesmo Eden que... Não. Não pode ser. Mas e se for? Engulo em seco.

— O nome dele... é Eden? — pergunto, tentando soar o mais natural e despreocupada

possível.

— Sim. Ele estava na festa que dei para DeVil outro dia, você chegou a vê-lo?

É ele. É mesmo ele. Só pode ser piada.

— Não, não vi — minto.

— Eden não é o homem dos meus sonhos, sabe, e nosso casamento foi arranjado por nossos

pais. Mas ele é rico e me respeita. O que mais posso pedir?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Simplesmente não consigo parar de tremer. Tento
disfarçar cruzando os braços e olhando

pela janela. Meu coração está enlouquecido. Como
Eden contatou Sunsung? Ele não foi detido?

Cruel me disse que a polícia o levou.

Assim que passamos pelo portão de ferro da
mansão DeVil, vejo um carro vermelho

chamativo parado à entrada. Meu coração
disparado para de bater por um milésimo de
segundo.

Olho para Sunsung e ela me devolve um olhar na
mesma intensidade.

— É ele — arquejo.

— É ele — ela repete. — Mas que droga DeVil
está fazendo aqui? Ele me disse que só

chegaria durante a madrugada!

Remexo-me, inquieta. Javier para o carro e nos

NACIONAIS - ACHERON

ajuda a descer.

— Devo tocar a campainha, madame? — ele pergunta à Sunsung.

Ela me encara de queixo erguido.

— Óbvio que não, Javier. Rosie mora nesta casa e tem todo o direito de entrar e sair

quando quiser. Certo, querida?

Arregalo os olhos.

— Ele vai me matar se eu fizer isso — digo.

Sunsung gargalha.

— Rosie, doce Rosie, ele sabe que você saiu. Vai matar você de qualquer jeito. Então, por

que se preocupar com algo tão trivial como entrar na sua casa sem bater?

Cerro os punhos. Ela está certa. Estou ferrada de qualquer jeito, por que me importar?

Subo os degraus de mármore da entrada e pouso a mão sobre a maçaneta. Ela se agita antes

que eu faça qualquer força e a porta se abre. Eu me encolho.

— Que merda você está fazendo, Sunsung?! —
Cruel esbraveja com tanta fúria que me faz

estremecer. Ele passa por mim e vai até Sunsung pisando duro. Começa a gritar com ela. — Qual é

o problema com você, sua idiota? Eu disse para mantê-la na casa!

Sunsung permanece olhando para ele, inabalável.

— Como soube que saímos? — ela pergunta entredentes.

Sem tirar os olhos azuis tempestuosos dela, ele enfia a mão no bolso e tira um celular de

dentro. Mostra a tela para Sunsung.

— Por que fez isso? — ele questiona.

Quero ver o que está no celular, mas não consigo.

— A garota não é sua prisioneira — diz Sunsung, fria.

— A garota é minha! — Cruel grita. — Não se atreva a tirá-la da minha vista outra vez.

Sunsung ri.

— Essa é a sua vingança?

Por segundos intermináveis os dois se encaram. Pensei que fossem namorados e depois pensei

que fossem amigos, mas agora só há faíscas de ódio nos olhos de ambos.

— Interprete como quiser — Cruel finalmente responde com voz cortante.

Ele dá as costas para Sunsung e vem em minha direção como de costume: igual a uma onda

forte e imensa. Mal me olha nos olhos. Cruel simplesmente me joga sobre um dos ombros e me

PERIGOSAS

carrega casa adentro e escada a cima. Estou apavorada demais para sequer soltar um miado de protesto. Acho que agora é a parte em que ele me mata.

Cruel me carrega até meu quarto e depois para o banheiro. Meu coração quase estoura quando ele tranca a porta.

— Cruel, o que você...?

— Sente-se — Ele me coloca no chão e fecha a tampa do vaso sanitário para que eu me sente.

Hesito, mas acabo obedecendo. Cruel abre o armário do banheiro e vasculha tudo até

encontrar lenços umedecidos. Então, avança sobre meu rosto e começa a limpá-lo, tirando minha maquiagem. Tento pará-lo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Ei! Não, Cruel!

Mas ele continua a limpar, desviando de meus empurrões e socos.

— Fique quieta — sussurra.

— Me solte!

— Você não é ela! — ele grita, segurando meu rosto com as duas mãos. — Você. Não. É.

Ela.

Empurro suas mãos.

— Do que você está falando?

Seus olhos azuis finalmente encontram os meus.
Sinto sua respiração em meu pescoço

enquanto ele se acalma aos poucos. Espero em silêncio.

— Não quero que você ande por aí com ela. Você não é ela, Rosie.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Franzo a testa.

— Eu...

Suas mãos voltam a limpar meu rosto, mas eu as retiro novamente.

— Pare com isso!

— Me deixe tirar essa coisa de você!

— Eu não quero tirar! Eu gosto de como fica em mim!

— Pois você fica muito mais bonita sem esse monte de maquiagem nojenta!

Fico quieta. Estática. Ele... ele realmente disse o que eu penso que disse?

— Pronto — resmunga, terminando de limpar meu rosto, e joga os lenços no lixo.

Permaneço olhando para ele. Queria dizer o quanto senti sua falta, mesmo que ele tenha

NACIONAIS - ACHERON

ficado apenas três dias longe. Quero segurar suas mãos. Quero que ele me abrace e diga que

sentiu minha falta também. Quero que ele me beije.

— Por que saiu com ela, Rosie? — Cruel pergunta, fitando o chão do banheiro.

Dou de ombros.

— Se não queria, devia ter pensado duas vezes antes de me deixar aqui com ela.

— Tive compromissos que não podia adiar. Não venha me culpar.

É claro. A modelo francesa. Como pude esquecer?

— Se eram compromissos tão importantes, por que voltou mais cedo? — pergunto.

Cruel trinca os dentes.

— Simplesmente porque vi você e Sunsung num site de fofocas ridículo, expondo a minha

PERIGOSAS

imagem!

Franzo a testa.

— Sua imagem?

— Qualquer coisa que diga respeito a você também é relacionada a mim, garota.

— Que coisa ridícula — Sacudo a cabeça. — E você só voltou por isso?

Cruel abre a boca, fecha e abre outra vez.

— Não preciso me explicar para você. Eu voltei porque me deu vontade e, se quer saber,

nem mesmo senti sua falta.

Arregalo os olhos.

— Ah, jura? Que ótimo. Eu também mal notei que você esteve fora. Estava me divertindo

muito mais com Sunsung...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Num impulso, Cruel me puxa contra o seu corpo e me beija com pressa e urgência por

segundos infinitos. Depois descola seus lábios dos meus. Nossos corpos, porém, permanecem juntos.

Tenho certeza de que ele pode ouvir meu coração prestes a explodir.

— Não... — sussurro sem fôlego. — Não me beije desse jeito...

— Muito mais divertido do que sair com Sunsung, não?

Ele me solta, destranca a porta do banheiro e sai, deixando-me apenas com borboletas no

estômago e um sorriso idiota no rosto borrado de maquiagem.

Acordo às sete da manhã. É sábado, eu ainda estou de férias e ainda assim acordo cedo

NACIONAIS - ACHERON

sem necessidade alguma. Levanto-me, escovo os dentes e troco de roupa. Sento-me na cama,

olhando para a parede clara. Revivo os acontecimentos de ontem, mesmo sem querer.

Após me

deixar sozinha no banheiro, Cruel simplesmente me ignorou durante todo o resto do dia — até

mesmo quando nos sentamos à mesma mesa para o jantar. Ele mal olhou para mim. Não falou

comigo. Eu não entendi nada e fui dormir bem mais cedo do que de costume.

Agora, não sei o que fazer. Tudo o que aconteceu ontem ainda está me enlouquecendo — e

não se trata apenas de Cruel. Descobrir que Eden, o homem que tentou abusar de mim, é noivo da

amante/melhor amiga/inimiga de Cruel foi um choque. Ainda é um choque. Cruel me garantiu que

a polícia tinha dado conta dele. Por que mentiu?

NACIONAIS - ACHERON

Foi uma tentativa de me tranquilizar? Pois

definitivamente não funcionou. Estou inquieta e preocupada. Quais as chances de Eden chegar a

mim através de Sunsung? Aliás, o que ela sabe sobre tudo isso?

— Rosie?

Dou um pulo e vejo Agatha parada à porta, olhando preocupada para mim.

— É você — Pousa a mão no peito. — Que susto.

— Por que acordou tão cedo? — ela pergunta. — Você sempre reclama de acordar cedo

nos fins de semana.

Dou de ombros.

— Só acordei.

— Como foi o passeio ontem?

Suspiro e caio de costas na cama.

— Só me trouxe problema. Mas você estava certa sobre Sunsung, se é isso que quer que eu diga.

Agatha ri.

— Em geral eu não me engano sobre essas coisas — ela se gaba. — O motorista da

madame deixou suas compras agora a pouco, quer que eu mande trazer?

— Roupas são o que menos me importa agora — Rolo na cama e olho para ela. — O que sabe sobre o noivo da Sunsung?

Agatha franze a testa.

— O primo distante do patrão? Sei muito pouco. Ele e a madame ficaram noivos há apenas

dois meses e o casamento está marcado para

PERIGOSAS

novembro, acredita?

— Ela disse que ele é rico.

Agatha concorda.

— Me pergunto se seria rico o suficiente para, sei lá, subornar autoridades... como a polícia,

quem sabe...

— Mas que conversa é essa? — Agatha ri.

Forço uma risada também.

— Nada. Só estou pensando alto. Quem tem dinheiro realmente é capaz de fazer qualquer

coisa, não é?

Agatha assente.

— Há muita maldade no mundo, Rosie.

O que ela diz me lembra algo importante. Sento-me na cama.

NACIONAIS - ACHERON

— Ei, você nunca me contou para onde foi quando Cruel te expulsou. O que aconteceu?

Ela mexe no avental branco que cobre a frente de sua saia.

— Oh, aquilo — Sorri. — É como uma lenda urbana: o senhor DeVil tem uma reputação a

manter, entende? Quando ele diz que dará um fim em algum empregado, quer dizer que

suspenderá nosso privilégio de servi-lo em sua casa e nos mandará trabalhar em sua fábrica.

Fico surpresa.

— Que coisa... Não sabia que ele tinha uma fábrica.

— Ah, tem. Uma fábrica de roupas de peles de animais sofisticadas. Tudo um luxo!

— Então você trabalhou lá enquanto Humberta cuidava de mim?

— Sim — ela assente. — Mas todos os empregados

preferem trabalhar aqui. Recebemos

moradia e uma ajuda de custo mensal para nossas famílias.

Sorrio, um tanto impressionada. Quanto mais conheço Cruel, menos sua personalidade faz jus

ao seu nome. Um patrão que faz isso por seus empregados não é mau. Reputação. É essa a

questão.

— Que expressão é essa — Agatha se aproxima e segura meu queixo. Ela ri. — Está

corada, Rosie. No que está pensando, hum?

Afasto sua mão.

— Você está vendo coisas — digo.

Ela franze a testa, desconfiada.

— Sabe, Agatha... — começo, sem graça. — Às vezes penso que Cruel não é quem todo

PERIGOSAS

mundo pensa que ele é.

Ela arregala os olhos.

— O que quer dizer, menina?

Não adianta. Ela não vai me entender.

— Deixe pra lá — suspiro. — É muito cedo para descer para o café?

Agatha bate na testa com a mão.

— Como pude esquecer? O senhor DeVil se trancou no escritório e não disse quando sai.

Quer tomar o café aqui no quarto?

Cerro os punhos e trinco os dentes.

— Quantos anos esse idiota imaturo pensa que tem? — esbravejo, assustando Agatha. —

Como... como ele pode me ignorar depois de...?
Argh! Inacreditável!

NACIONAIS - ACHERON

— Rosie...

— Eu vou falar com ele! — Salto da cama.

— Rosie, não... — Agatha tenta segurar meu cotovelo.

Esquivo-me dela.

— Não, Agatha. Não vou deixar passar dessa vez. Ele vai me ignorar para sempre se eu

não tomar uma atitude...

— Ele me pediu para manter você aqui, devo obedecer!

— Ah, ele pediu? Que covarde!

— Rosie, pare de...

Deixo Agatha falando sozinha e corro para o andar de baixo, sentindo meu coração

martelar nos ouvidos. Ele não vai me deixar de segundo plano. Não dessa vez. Não depois de me

PERIGOSAS

beijar daquele jeito ontem. Até parece que vou permitir!

Como da última vez, um empregado está parado à porta do escritório de Cruel, como sentinela.

— Por favor, me deixe entrar — peço, engrossando a voz.

— Não será possível, senhorita, o patrão não quer ser incomodado.

— Ele não liga se for só eu — ponho as mãos nos quadris.

O empregado sacode a cabeça.

— Tenho ordens específicas para...

— Eu sei, é o seu trabalho — suspiro. — Mas é urgente. Prometo que não vou causar problemas para você...

NACIONAIS - ACHERON

O empregado fica levemente corado.

— Bem...

— Prometo não demorar — insisto.

Ele hesita por alguns segundos. Então revira os olhos e abre passagem para mim. Meu

coração volta a acelerar. Viro a maçaneta e, como da outra vez, abro a porta num estrondo. Estou

com muita, mas muita raiva de Cruel e tudo o que quero é forçá-lo a tomar atitudes de adulto e

ser sincero comigo.

Mas assim que entro no escritório, fico completa e absolutamente paralisada com o que vejo.

Quero gritar, mas minha voz não sai. Sinto-me sufocada. Cruel está sentado em sua poltrona, me

encarando com espanto e diante dele está ninguém mais ninguém menos que um monstro

abominável e nojento: Eden.

Capítulo 15

Minha primeira reação é agarrar um candelabro decorativo e arremessar contra Eden. Não sei se

o objeto o acerta, porque imediatamente corro para fora do escritório como se o lugar estivesse

em chamas. Ouço Cruel gritar meu nome, mas não hesito ou recuo. Corro para meu quarto e não

encontro Agatha lá. Meu coração dispara. Não estou segura. Pego as roupas que a policial Mac

me deu e enfio tudo numa mochila vermelha que encontro — provavelmente seria minha mochila

escolar —, juntamente com uma escova de dentes embalada, creme dental, sabonete e papel

higiênico. Não penso, apenas faço tudo automaticamente. Calço meu melhor par de tênis e deixo o

quarto apressadamente. *Preciso sair daqui, preciso sair daqui...* Escuto passos subindo as escadas e

me escondo atrás duma cortina escura.

— Mas que droga — ouço a voz familiar de Cruel rosnar.

— Eu juro que tentei impedi-la, senhor — é Agatha.

Os dois passam por mim rapidamente e fica difícil escutá-los conforme se afastam. Aguardo

pelo momento certo e deixo meu esconderijo. Vou até a sala do piano que explorei há algum

tempo e fecho a porta atrás de mim. Estou ofegante. Não tenho tempo para pensar no motivo pelo

qual Cruel estava conversando com Eden e nem mesmo sei se quero uma resposta para isso. Meu

tempo aqui acabou, eu não estou segura.

Tiro minha roupa e visto a calça e moletom que a

PERIGOSAS

policial Mac me deu. Se vou mesmo fugir,
deve ser de maneira discreta para que ninguém me
note. Escondo a outra roupa numa das caixas
nas prateleiras de uma estante e cubro minha
cabeça com o capuz da blusa de moletom. Estou
prestes a fazer uma loucura. Abro uma das janelas
enormes e avalio a distância até o chão. Nunca
fui uma garota muito atlética, mas dessa altura devo
conseguir pular sem quebrar nenhum osso. Eu
espero.

Apoio os braços no parapeito e passo uma das
pernas para o lado de fora. Talvez, se eu
cair de costas, a mochila amortecia o impacto.
Escorrego um pouco mais e no momento em que
penso em passar a segunda perna para fora, ouço a
porta se abrir. Cubro a boca com uma das
mãos e me lanço janela afora. Caio de costas em

NACIONAIS - ACHERON

meio a arbustos podados em forma de cubos.

Dói, mas não é insuportável. Levanto-me, pulo em meus calcanhares e começo a correr. Só então

percebo que eu não faço a menor ideia de como sair da mansão sem ser vista.

— Ai, droga — arquejo, procurando por um portão dos fundos ou uma saída de lixo.

Dou sorte. Sorte tremenda, para falar a verdade. Vejo empregados abrirem um portão de

serviço para um caminhão de uma empresa de petshop e não penso duas vezes — nem mesmo

questiono o que um caminhão desses faz aqui. Corro até lá e me esquivo dos olhares de

empregados e do motorista. Não é difícil, eles estão ocupados demais para notar uma figura

pequena de capuz escapar em plena luz da manhã. Espero pelo momento certo e cruzo o portão

sem nem mesmo olhar para trás. Então corro mais ainda, até que a mansão DeVil fique do tamanho da minha mão de distância.

E agora? E agora? E agora? Meu corpo está elétrico, estimulado pela adrenalina. Mas não

tenho ideia do que fazer a seguir. Caminho por um bom tempo à encosta da estrada. A cidade

fica longe da mansão DeVil, mas talvez se eu continuar a caminhada em um bom ritmo acabe

chegando antes de escurecer. E então irei direto à delegacia.

Mal dou três passos e o som de um veículo vindo em minha direção, pelas minhas costas, me

sobressalta. Olho por cima do ombro.

— Droga!

Agarro com força as alças de minha mochila e corro em disparada à floresta paralela à

PERIGOSAS

estrada. Ouço gritos e sons de sapatos batendo no asfalto. Cruel deve ter mandado, sei lá, seus

seguranças atrás de mim. Trombo com uma árvore e caio para trás. Coloco-me de pé e continuo a

correr. Que bom que optei por vestir a blusa de moletom, do contrário os galhos e arbustos já

teriam me arrancado sangue. Só meu rosto e mãos ficam arranhados. Arde, e meus olhos começam

a lacrimejar. Meu instinto de fuga está apitando. Estou apavorada. A visão de Cruel e Eden na

mesma sala, um de frente para o outro, simplesmente não sai da minha cabeça. De certa forma,

sinto-me traída. Cruel disse que esse homem jamais se aproximaria de mim novamente e ainda

assim o recebe em seu escritório? Como se tivessem assuntos a tratar? De jeito nenhum eu volto lá.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Pelo menos, não viva.

Ouçó os sons de meus perseguidores. Estão próximos. Meus pés doem. Minha garganta e

boca já estão secas. Mas eu não paro. A floresta é úmida e barrenta. Escorrego num tronco de

árvore coberto de musgo. Caio no barro. Levanto. Continuo. Caio mais vezes, tantas que perco as

contas. Minhas pernas não querem mais colaborar. De repente, um som muito próximo me

sobressalta. Passos. Som de arbustos balançando. Perto demais. Quero gritar.

— Rosie! Ro-ose, pare!

Congelo no instante em que ouço a voz. A voz dele. Meu peito sobe e desce, enquanto puxo

o ar para meus pulmões com muita força. Ele veio atrás de mim.

— Rosie! — Agora, se eu me virar, provavelmente

NACIONAIS - ACHERON

poderei vê-lo. Porém, não o faço. Apenas

fico parada, congelada. Não acredito que ele veio até aqui. — Rosie... — ofega, a poucos passos

de mim. — Você precisa... me escutar...

— Você mentiu para mim! — grito. Alguns pássaros se assustam e voam dos galhos das

árvores. Minha garganta arde.

— Sobre o quê? — ele pergunta.

— Como pode se fingir de idiota desse jeito? Seu... seu idiota!

Ouçó um galho quebrar atrás de mim. E posso sentir a respiração pesada dele no topo de

minha cabeça.

— Se isso tudo é sobre Eden... eu não menti. Ele não vai chegar perto de você nunca mais.

Rio com escárnio e me viro para olhar para ele.

PERIGOSAS

Meu coração vacila. O rosto e os braços de

Cruel estão cheios de cortes. Sua camisa branca está suja de musgo e terra. Como eu, ele respira

com desespero, tentando recobrar o fôlego.

Ele veio até aqui.

Ele se machucou.

Ele...

— Cruel... — sussurro, incapaz de dizer qualquer outra coisa. Cruel me segura pelos ombros

e me sacode.

— Por acaso você tem merda na cabeça?! — grita.

— Como tem coragem de sair correndo

desse jeito? Quem deixou você sair da minha vista?

Tem ideia do que podia ter acontecido, sua

tonta?!

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— A culpa é sua! — Empurro-o. — Se você não trouxesse aquele monstro para dentro de casa, eu não teria fugido!

— Não era para você saber sobre a vinda dele!

— E por que não? O que você queria esconder de mim?

Cruel esfrega a testa, impaciente.

— Diga — peço, com raiva.

Cruel crispa os lábios.

— Diga! — insisto.

— Eu o subornei! — ele exclama, fitando-me com fúria intensa. Seus ombros sobem e descem

quando ele respira. — Eu mandei aquele desgraçado para outro lugar, para nunca mais voltar.

Trinco os dentes.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Por que não o entregou para a polícia? Você disse que tinha feito isso!

— Ele é meu parente! Isso geraria um escândalo gigante na mídia e refletiria direto sobre

mim e minha companhia! Será que você não pensa?

Sacudo a cabeça.

— Não devia ter mentido para mim. Não devia!

— E você não devia ter fugido de mim!

A vontade de chorar me atinge como uma avalanche e eu não apresento resistência. Choro.

Durante vários minutos, nenhum de nós diz absolutamente nada. Só me ouço choramingar. O olhar

de Cruel está fixo em mim e ele quase não pisca. Parece nervoso. Tenso.

— Vamos para casa — ele suspira.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Fungo.

— Não sei se quero ir — confesso.

Ele me encara.

— Você precisa, Rosie. Está machucada.

Enxugo um dos olhos com as costas da mão.

— Não é nada sério.

— Qual é — Cruel revira os olhos —, você parece exausta.

Dou de ombros.

— Posso parar e descansar.

Sua mão segura meu queixo abruptamente, obrigando-me a olhar para ele.

— Eu quero que você volte.

Engulo em seco.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— O quê?

— Não vou repetir.

Cruel larga meu queixo e segura minha mão, puxando-me consigo de volta por onde viemos.

Não resisto. Estou cansada e algo dentro de mim se agita conforme repito suas palavras em minha

mente. Pensei que Cruel mandaria homens a seu serviço atrás de mim, mas não. Ele veio

pessoalmente. Ele correu até me encontrar. Ele está me levando de volta para casa. Fito sua nuca

pálida. Em meio aos vastos cabelos negros, fios brancos teimosos destacam-se, como se quisessem

ser notados. Enquanto caminhamos, eu observo Cruel. Suas costas, seus ombros, seus cabelos. Ele é

umas duas cabeças mais alto do que eu e não é musculoso, apesar de ser esguio. Sua mão segura

a minha apertado.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Não consigo deixar de pensar que ele corresponde meus sentimentos. Não quero apostar

nisso, mas é inevitável. Cruel sente alguma coisa por mim, sim. Porém, é confuso, nebuloso e instável.

Como ele próprio. Detesto pensar que o amo, mas também não consigo evitar. Meu coração

dispara quando estou com ele e nada do que ele faz diminui a intensidade dos meus sentimentos.

Isso é mesmo amor ou eu sou só uma idiota que gosta de sofrer?

— Está planejando fugir outra vez? — Cruel pergunta, assim que pisamos no asfalto da estrada.

Ele solta minha mão. Olho para ele.

— Não sei — digo —, está pensando em mentir para mim outra vez?

NACIONAIS - ACHERON

Ele revira os olhos azuis. Eles parecem mais vivos.

— Não mentirei para você outra vez. Então não fuja de mim.

A verdade é que eu não poderia fugir nem se quisesse. Mesmo distante, eu ainda teria Cruel em meu coração. Mesmo que eu não esteja no dele.

— Fechado — digo e entro no carro que nos espera.

Capítulo 16

Após a porta da frente se fechar, Cruel suspira, pousa as mãos nos quadris e me fuzila com os

olhos. Sinto um arrepio percorrer meu corpo. Achei que tínhamos nos entendido agora a pouco.

— Senhor DeVil! Rosie!

Agatha desce a escadaria apressadamente e vem até nós. Outros dois empregados nos

rodeiam, preocupados.

— O que deu em você? — Agatha me dá um puxão de orelha.

— Ai! — grito. — Não me trate como criança!

— Então pare de agir feito uma! — ela rebate. E olha para Cruel. — Oh, céus... O senhor

está ferido, patrão...!

O olhar mortal de Cruel é direcionado para Agatha.

— A culpa é sua, infeliz — ele rosna. — Eu mandei mantê-la no quarto! A culpa é sua por

ela ter fugido!

— Cruel, ela não... — estendo a mão para tocá-lo.

Ele me afasta com um tapa em meus dedos.

— Você nem mesmo se atreva a encostar em mim agora, garota!

PERIGOSAS

Abro a boca, mas nada sai. Cruel aponta o dedo indicador para mim. Seus olhos faiscam. Ele

não está bravo. Está irado.

— Se você ousar sair dessa casa sem a minha autorização outra vez — sussurra para mim,

entre dentes —, trancarei você e essa sua mucama inútil no canil, está me ouvindo?!

Engulo em seco. Aquele Cruel de meus primeiros dias aqui, de quem tenho medo, se manifesta

outra vez. Eu me encolho.

Realmente achei que estávamos bem. Ele não disse nada enquanto voltávamos para casa de

carro. Talvez porque seus guarda-costas estavam junto? Não sei. Não entendo nada sobre ele.

Como pode estar tão indiferente num segundo e tão odioso no outro?

— Desculpe — sibilo, instintivamente.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Cruel rosna.

— Vá para o seu quarto.

— Eu não...

— Vá para a merda do seu quarto, Rosie! — ele grita.

Agatha pega minha mão.

— Vamos, menina...

Sinto-me ser puxada e Agatha me solta, assustada.
Os dedos de Cruel envolvem meu braço

como um torniquete. Ele fita Agatha. Há dor em
seu semblante, provavelmente devido aos

ferimentos.

— Rosie tem pernas. Ela não precisa de você —
resmunga ele.

— Senhor...

NACIONAIS - ACHERON

— Arranje alguma roupa para lavar e saia logo da minha vista!

Agatha me lança um olhar aflito e desaparece antes que eu conte até três.

— Ei! — protesto.

Os olhos azuis de Cruel me encaram, surpresos.

— Desconte sua raiva em mim, não nela! — grito.

Cruel ri com escárnio e me fita profundamente.

— Cale a boca, Rosie. Eu desconto o que eu quiser em quem eu quiser, sua idiota.

Ergo a mão num impulso, pronta para bater nele, mas um dos empregados me segura pelo

cotovelo. É aquele do outro dia... Joxer?

— Não faça isso, senhorita — ele pede, desconcertado.

— Vá para o seu quarto — repete Cruel,

impassível. — E não saia até eu dizer que pode.

— Você é inacreditável — murmuro. — Acha que eu sou seu brinquedo?

— Brinquedo? — Cruel sorri com mais malícia do que já vi na vida. — Você não é meu

brinquedo. É minha propriedade.

Trinco os dentes e tento avançar nele novamente, mas Joxer segura meus dois braços.

— E você ainda diz que me ama...

— Cretino! — grito, sentindo meu sangue ferver. Isso não é algo que se diz na frente de

outras pessoas. Que maldito!

— Vá, senhorita... — Joxer sussurra para mim.

Empurro-o e corro escadas acima. Isso foi o suficiente. Não suporto a inconstância desse

imbecil de jeito nenhum. Primeiro me humilha,

PERIGOSAS

depois dá mil sinais de que gosta de mim e em seguida me destrata na frente dos outros, como se eu fosse mais uma de suas empregadinhas? Eu vou matá-lo. Vou matar esse sentimento que insiste em me fazer correr atrás de Cruel feito um daqueles seus dálmatas. É o bastante, estou farta dessa montanha-russa de emoções. Eu não quero mais amar esse cara.

Uma empregada que não conheço me traz o almoço no quarto, sem nem mesmo olhar para

mim ou me direcionar uma palavra. Pergunto sobre Agatha, mas ela me ignora completamente e

fecha a porta quando sai. Mexo no band-aid grudado em minha bochecha. Foi preciso grudar três

deles em meu rosto após lavar com sabonete os cortes causados por minha correria na floresta.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Logo quando os meus hematomas do incidente com Eden já estavam começando a sarar.

Pensar nesse homem me dá calafrios. Eu me encolho na poltrona e abraço uma almofada.

Devia ter exigido uma explicação melhor sobre essa história de subornar Eden que Cruel

mencionou. Ele pareceu não gostar de tocar no assunto. Fiquei igual a uma tonta, preocupada em

me entender com ele, e perdi a noção da importância dessa informação. Porque eu preciso saber

se estou segura. Cruel pode me odiar e humilhar à vontade, mas sei que ele não vai me machucar

se eu ficar fora de sua vista. E quanto a Eden? Quem me garante que ele não vai voltar e me

encontrar? É capaz até de ser protegido por Cruel, que parece temer mais do que tudo um

escândalo envolvendo-o.

NACIONAIS - ACHERON

Num estalo, uma ideia me ilumina. É isso. Como não pensei em algo assim antes? É tão óbvio.

Cruel parece não ter fraqueza alguma, mas graças ao meu showzinho de hoje, ele me entregou de

bandeja a chave para conseguir o que eu quero. Com isso, posso me impor e exigir explicações e

mais respeito dentro desta casa. Pois agora conheço a fraqueza dele. Agora sei que Cruel fará o

que estiver ao seu alcance para evitar escândalos.

Animada, almoço rápido e me debruço sobre a escrivaninha para fazer uma lista.

"Possíveis maneiras de chantegear Cruel!"

Permaneço fitando a folha de caderno com o lápis entre os meus dedos. Preciso ser criativa

e não deixar que meus sentimentos interfiram. Cruel certamente não se incomoda com escândalos amorosos — muito pelo contrário, aparentemente.

Escândalos envolvendo funcionários também não parecem muito eficazes para tirá-lo do sério. Apoio o lápis nos lábios. Que assunto pode trazer à tona a maior fraqueza dele? Ouço o som de um telefone tocando e percebo que é daqui do quarto. Mal me lembro de ter um telefone aqui dentro. Alcanço-o e atendo.

— Já almoçou? — a voz do outro lado da linha pergunta. É Cruel.

Fico tensa.

— Uhum — murmuro.

— Certo.

E ele desliga. Deixo o telefone de lado e volto para a minha lista em branco. Sei que Cruel

preza muito o trabalho. Posso usar isso. O problema é que eu não conheço muito do que ele faz

PERIGOSAS

para usar ao meu favor. Preciso... saber mais. Deve haver algum estilista que não goste dele ou

algum cliente insatisfeito que possa contribuir para as minhas chantagens. Mas como os contatarei?

Os empregados não me dirão nada. Agatha não me dirá nada. O que me resta é me arriscar e

buscar essas informações sozinha. Quando Cruel estiver ausente ou durante a noite. Preciso

encontrar uma brecha. E então usarei isso para ganhar ao menos um pouco de respeito e

consideração. Se Cruel não gosta de mim por livre e espontânea vontade, terá que, no mínimo, me

suportar. Afinal, foi ele quem quis ficar com a minha guarda, não foi? Não posso mais ficar de

cabeça baixa e deixar que ele faça o que quiser comigo. Já aguentei muito disso.

Durante a tarde, escapo para a sala do piano e fico por ali até me dar conta de que várias

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

horas se passam. Os livros e objetos escondidos dessa sala são as coisas mais interessantes que já

vi. Distraio-me com porta-retratos velhos de pessoas de rostos antigos e fotos amareladas. Não

evito imaginar quem podem ser. Atrás de algumas caixas, encontro vasos de cerâmica e pincéis

usados, com tinta seca e desbotada. Exploro tanto esse lugar, que só me dou conta de que tenho

companhia quando ouço passos atrás de mim.

— Você nunca aprende — diz Cruel, num rosnado. Como eu, ele tem curativos no rosto.

Provavelmente também tem nos braços, mas o terno que ele está usando os cobre. Encaro-o com indiferença.

— Por que se incomoda em me procurar? — pergunto.

Cruel para no meio da sala e enfia as mãos nos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

bolsos da calça.

— Como se eu não tivesse nada melhor para fazer
— ele resmunga.

— Então vá embora — dou de ombros.

Isso o tira do sério.

— Ei, com quem você pensa que está falando?
Aliás, por que se enfia nesse buraco

mofado?

Olho para ele, com um dos retratos em minhas
mãos. Mostro-lhe.

— Quem são essas pessoas?

Por um momento, vejo curiosidade em seu
semblante e um leve arquear de suas sobrancelhas

enquanto ele fita os rostos no quadro. Mas então
seus olhos voltam para o meu rosto e Cruel se

fecha numa máscara de frieza.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Gente morta, com certeza — ele desdenha. —
Agora, volte logo para o seu quarto

antes que eu perca a paciência.

— Não! — Jogo o retrato no chão com força.

Cruel se encolhe por um segundo, surpreso.

— Mas que...!

— Eu cansei! Pare com esses jogos estúpidos, seu...
seu... — Aponto o dedo para seu rosto.

—, seu falso!

Cruel se afasta um passo, lutando para manter a
compostura. Porém, é evidente que o

peguei de surpresa.

— Diga de uma vez, Cruel — exijo, arquejando. —
Diga o que eu significo para você!

— Do que está falando? — Ele franze a testa.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Levanto a mão e tento dar-lhe um tapa, mas ele segura meu pulso antes que o acerte.

— Eu sabia que você era caprichosa, mas não imaginei que fosse maluca — resmunga.

Puxo minha mão, desvencilhando-me de seu aperto.

— Não me dê falsas esperanças... — peço.

Cruel faz careta.

— Esperanças sobre o quê?

— Sobre sentir algo por mim!

— Ah — Abre um sorriso zombeteiro. — Quando foi que te dei esperanças?

Fico boquiaberta.

— Como assim, quando? — grito. — Você constantemente vem atrás de mim para me beijar!

— E o que tem isso?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Você me salvou de um estupro!

— Qualquer ser humano decente faria isso, Rosie...

— Você aceitou minha declaração de amor, seu filho da mãe desgraçado!

Estou chorando de raiva na frente dele. Gritando com ele. E não me importo, porque dessa

vez um ódio inebriante queima em mim. Ódio dele.

Suas mãos me seguram pelos ombros e me dou conta de que ele está evitando que eu caia.

Minhas pernas estão bambas. Nunca gritei assim com ninguém e nunca expus meus sentimentos de

tal maneira. Eu mal me reconheço. Quem eu sou agora?

— Você não entende — Cruel sussurra e sua voz soa pesada e velha. — Não entende nem um pouco.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Então me explique — choro, de dentes cerrados.
— Antes que eu enlouqueça.

Ele me solta e eu caio de joelhos no chão, sem tirar os olhos dos seus. Seu olhar agora é o

mais profundo, intenso e mais triste que já vi na vida. Não consigo desviar. É como ver Cruel sem máscara alguma.

— Garota boba... — ele sussurra, sacudindo a cabeça. — O que você sabe sobre amor?

Sobre amar alguém? Só há uma mulher neste mundo capaz de me amar verdadeiramente e capaz de conquistar meu amor e devoção.

Cerro os punhos. Cruel aproxima o rosto do meu até nossos lábios quase se tocarem.

— E essa mulher está morta.

— Do que você está falando? — minha voz falha na última palavra.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Cruel volta a enfiar as mãos nos bolsos e estala a língua, irritado. Coloco-me de pé

devagar, mil ideias e pensamentos rodando em minha cabeça. Meus olhos não deixam os dele.

— Explique! — grito.

— Não interessa! — Cruel chuta contra a parede o retrato caído no chão. — Você diz que

me ama, não diz? Que não importa o que eu faça, irá continuar me amando, não é mesmo? Pois eu

duvido, Rosie! Você não sabe quem eu sou, você não me conhece...

— Você não me deixa!

— Eu não te quero perto de mim! — ele explode, respirando com dificuldade. Sua

expressão está tomada por uma angústia que não combina com ele e uma raiva com a qual já

estou me familiarizando. — Eu a trouxe aqui

NACIONAIS - ACHERON

porque você é algo novo... um... um novo

entretenimento para mim... Não era para se apaixonar por mim!

Enxugo as lágrimas com as costas das mãos.

— Eu... eu sou uma pessoa, Cruel. Como pode dizer esse tipo de coisa?

Ele morde o lábio inferior e pisca furiosamente. Se eu não o conhecesse relativamente bem,

diria que Cruel está segurando o choro. Ele me dá as costas, mas não vai embora.

— Não posso corresponder aos seus sentimentos. Não vou. Só que ainda assim...

Sinto um frio na barriga. Cruel me olha por cima do ombro.

— Eu negarei até a morte se você contar a alguém que eu disse isso, mas... — Suspira. —

Quero que fique perto de mim. Você é como um

analgésico para minha dor de cabeça infinita.

Não fuja de novo.

Seguro seu braço quando ele dá o primeiro passo para sair da sala. Sinto-o ficar tenso sob

meu toque.

— Não quero fugir — digo, fitando suas costas. — Mas não quero ser uma prisioneira.

Cruel cerra os punhos.

— Você não entende. Quando Eden tocou em você, tocou em meu orgulho. Não posso

permitir que algo assim se repita. Rosie, você pode fazer o que quiser... desde que não saia da

casa.

Solto-o e fungo.

— Ficar na casa não impediu aquele homem de me atacar — choro. — Você é mesmo tão

egoísta?

— Egoísta — Ele ri com sarcasmo.

— Controlador — acrescento. — Egoísta e controlador.

— Não vou ficar aqui parado, ouvindo você me ofender. Então, se já terminou...

Eu o deixo ir. Não tenho mais nada a dizer. As palavras dele — todas elas — me

quebraram em mil cacos e geraram ainda mais dúvidas sobre seu passado e sobre quem ele é

agora. Preciso descobrir de que mulher ele estava falando e preciso entendê-lo. E então decidirei

se vou continuar a amá-lo ou se seguirei em frente com meu plano de chantagem. De qualquer

forma, eu vou virar Cruel DeVil do avesso e vasculharei cada milímetro de seu ser.

Capítulo 17

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Duas semanas desde minha conversa dramática com Cruel na sala do piano. E nada. Não consegui

nenhuma nova informação sobre o passado dele, por mais que eu tenha perguntado a alguns

empregados — especialmente à Agatha. Foi tudo inútil. Parti então para as tentativas noturnas de

invadir o escritório de Cruel, mas ele trancou o lugar todos os dias. Além disso, não tenho visto

ultimamente com tanta frequência quanto antes.

Minha rotina na casa está cada dia mais pacata. Eu acordo, tomo banho, desço para o café

da manhã e vejo TV até a hora do almoço. Durante a tarde, leio e fico brincando no piano.

Quando me dou conta, já é hora do jantar e após isso vou direto para a cama. Nem com Agatha

tenho falado muito. Cruel limitou nossa convivência às refeições.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Você já está habituada à rotina da casa. Agatha tem mais o que fazer do que ser sua

babá em tempo integral, então cuide de si mesma — ele me disse quando nos falamos pela última

vez, há uns dez dias.

Sem Agatha eu realmente não tenho com quem conversar. Até mesmo as cozinheiras

fofoqueiras me dão gelo. Todos olham com certo medo para mim — não porque me temem, mas

porque temem Cruel. E é exatamente isso que eu não compreendo. Sei que Cruel é mandão, ríspido

e caprichoso, mas não consigo ver maldade nele além disso. Não consigo ver a maldade que seus

empregados veem e tanto temem.

Mudo o canal da TV e me espreguiço no tapete de pele. Acho que hoje é sexta-feira. Tenho

contado apenas os dias desde minha discussão com

NACIONAIS - ACHERON

Cruel, por isso não me lembro com certeza. E
não importa. Não até setembro chegar e eu precisar
ir à escola. Estou assistindo a um programa
de entrevistas cuja apresentadora é simplesmente a
pessoa mais magra que já vi na vida, quando
ouço a maçaneta da porta sacudir. Levanto-me e
vejo a porta se abrir bem lentamente. Identifico
um braço masculino e ouço sussurros. Desligo a
TV e corro para baixo da mesa de centro da sala
— por sorte sou pequena e caibo bem. Cubro a
boca para diminuir o barulho da minha
respiração.

— Você é tão malvado... — ouço uma voz
ronronar. Uma voz feminina, que definitivamente
não pertence a Sunsung.

O "malvado" dá risada. Não preciso dizer que é
Cruel. Meu coração dispara. *O que*

PERIGOSAS

significa isso?

— Você é que dificulta demais as coisas para mim, minha linda... — ele diz.

Ouço a porta se fechar num baque.

— Prometeu que iria comigo — resmunga a mulher e eu quase posso vê-la fazendo um

beicinho ridículo e se oferecendo toda para Cruel.

Ouço um estalo. Depois mais dois. Beijos. Eles estão se beijando.

— Eu prometi — Cruel arfa —, não é?

A mulher ri, estridente.

— Meu pai vai amar você.

— Ele vai?

— Confie em mim. Ele faz tudo o que quero e me dá tudo o que quero, meu amor.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Cruel ri com maldade.

— E o que você quer?

— Você — ela diz, tentando soar sensual.

Tenho vontade de vomitar, mas sinto que preciso permanecer quieta e escutar o máximo

possível da conversa. Quem seria essa mulher? Por que ela citaria o pai numa conversa íntima

dessas? E como... como Cruel pode perder tempo com esse tipo?

Ouçõ um toque de celular e me sobressalto, batendo a cabeça no tampo da mesa de centro.

Dói. Cubro a boca. Droga.

— Falando no diabo... — diz a mulher. Outro som de beijo. — Tenho que ir agora, meu

amor.

— Pense na minha proposta.

NACIONAIS - ACHERON

Proposta? Que proposta?

Outro beijo nojento.

— Não vou nem dormir de tanto pensar nisso...

— Eu te ligo.

— Eu te espero — Ela ri.

Ouçõ passos. A porta se abre e se fecha. Solto o ar que estava segurando.

— Pode sair agora — Cruel diz, alto o suficiente para que eu saiba que é comigo. *Droga.*

Mil vezes droga. Cerro os punhos e saio de meu esconderijo. Olho para Cruel, parado ao lado do sofá.

— O que pensa que está fazendo? — ele indaga.

— Eu...

— Devia ter anunciado a sua presença — Revira os

PERIGOSAS

olhos.

Mordo o lábio.

— Eu não quis atrapalhar.

Cruel suspira e fita o teto.

— E se eu quisesse que você tivesse atrapalhado?

— Hum? — fico confusa.

Ele olha para mim e sacode a cabeça.

— Esqueça.

Assinto. Não sei o que pensar ou dizer. Ele queria que eu tivesse atrapalhado a conversa?

— Você está bem? — Cruel pergunta, olhando para os próprios sapatos de verniz.

Remexo os dedos.

— Eu? Sim, claro.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Hum — Seus olhos encontram os meus. — Não vai perguntar se eu estou bem também,

sua mal educada?

Arregalo os olhos. *O que há com ele hoje?*

— Ah, desculpe. Você... você também está bem?

— Não sei. O que é estar bem?

Crispo os lábios.

— Aonde quer chegar, Cruel?

— Você disse que me ama, então quer me ver bem, certo?

Suspiro.

— Vai ficar jogando isso na minha cara para sempre? — murmuro.

Cruel enfia as mãos nos bolsos.

— Venha à uma festa comigo, Rosie.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Fico boquiaberta. E então franzo a testa.

— Cruel, você está passando mal?

— Não.

— Usou alguma substância... você sabe... proibida por lei?

Ele ri muito rapidamente.

— Como está seu nível de sanidade? — Encaro-o, verdadeiramente preocupada.

Cruel dá de ombros.

— Só porque quero ir à uma festa com você significa que estou louco?

Pestanejo.

— Bem... sim!

Ele ri de verdade agora. Borboletas brincam em meu estômago. Será que Cruel tem noção

NACIONAIS - ACHERON

do quanto fica espetacular quando sorri?

— Você é a órfã problemática aqui, esqueceu? —
Cruel desdenha. — Vá arranjar um

vestido de gala bonito. Você vai comigo.

Arregalo os olhos, totalmente perdida. Será que ele
está brincando outra vez?

— Vestido de gala? — Crispo os olhos. — O que
você está armando?

Cruel revira os olhos, o que o faz parecer mais
jovem.

— Tem três horas para ficar linda. Não deve ser tão
difícil para você. — Ele pigarreia e se

dirige para a porta. — Chame Agatha para te
ajudar.

— Espere... por que tudo isso de repente?

— Por quê? — Cruel olha para mim por cima do
ombro e sorri torto. — Simplesmente

PERIGOSAS

porque hoje eu quero exibir você.

Sinto minhas bochechas arderem com o olhar que ele me dá. *Por que diabos estou corando*

por causa desse idiota? Sinceramente, não sei o que fazer.

Estou no quarto, maquiada e de cabelo feito, andando de um lado para o outro e mordendo

a unha do polegar. Todos os meus instintos gritam que ir para aquela festa com Cruel não é uma

ideia nada boa. Minha última festa terminou em uma quase tragédia e de jeito nenhum quero que

a situação se repita. E, ainda assim, aqui estou eu, parecendo uma pintura abstrata e usando um

vestido longo caríssimo. Cruel, aquele manipulador idiota, fez questão que eu usasse as roupas que

ele escolheu e Agatha me convenceu a atender seu pedido. Eu quase voei nele com unhas e dentes.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Quem ele pensa que é? — resmungo, fitando-me no espelho da penteadeira. Eu me

odeio por estar numa situação dessas agora. Devia ter protestado mais, devia ter recusado com

todas as minhas forças. Por que aceitei?

O vestido que visto é preto, longo e feito de renda. Ele brilha bastante, é bem colado ao

corpo e cobre meus braços e pescoço. Meu cabelo está parecendo uma animal selvagem, trançado

e cacheado de maneiras que nem sonho em saber como foram feitas. E meu rosto... céus, eu mal me

reconheço. Pareço ter uns vinte e poucos. Talvez por gostar um pouco de parecer mais madura eu

ainda não tenha tirado essa fantasia e desistido de toda essa palhaçada.

Ouçó dois toques na porta já aberta. Cruel surge, lindo de morrer. Ele também está todo de

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

preto, a não ser por leves fios brancos que insistem em aparecer em um dos lados de sua cabeça,

e um par de luvas que segura em uma das mãos. Seus olhos cor de gelo encontram os meus e eu o

vejo engolir em seco.

— Ficou como imaginei — ele diz. E pigarreia.

— Você me imaginou nisso? — bufo.

Um sorrisinho insolente surge em seus lábios e ele posta-se ao meu lado. Encaramo-nos no

espelho. Dou-me conta do quão alto Cruel fica ao meu lado e quão mais bonita eu pareço perto

dele. Devia ser justamente ao contrário — eu devia me sentir complexada comparada a ele. Mas

me sinto melhor.

— Está pronta?

Assinto.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Não vai acontecer nada ruim hoje, vai? —
pergunto, fitando-o de canto de olho.

Cruel suspira. Ficamos ambos em silêncio por
alguns segundos. Acho que sei no que ele está

pensando e ele provavelmente sabe no que eu estou
pensando: Eden.

— Vou ficar ao seu lado a noite toda — Cruel diz,
coçando a testa.

— Ainda não entendo o motivo disso tudo — eu
resmungo, cruzando os braços. — Eu não

sou de festas, principalmente do seu tipo de festa,
com todas aquelas pessoas brilhantes, ricas, com

assuntos que não são do meu interesse e que
definitivamente irão me achar uma...

Cruel segura meu rosto em suas mãos.

— Pare de tagarelar, Rosie.

— Mas eu só...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Shh. Eu disse que vou estar contigo.

Afasto suas mãos.

— Sung também vai?

Cruel revira os olhos azuis.

— Não me lembre de detalhes irrelevantes.

— Achei que vocês fossem melhores amigos e tal...

Ele rosna para mim. Parece mais relaxado do que o habitual.

— Isso foi antes de ela te sequestrar. — Ele veste as luvas brancas. — Não vamos falar

sobre isso, tudo bem?

Crispo os olhos e rio.

— Você parece outra pessoa hoje — comento, tentando conter um sorriso. — O que

aconteceu com todo aquele discurso sobre não ter

NACIONAIS - ACHERON

interesse algum em mim e blá, blá, blá?

Ele me puxa pelo braço e envolve minha cintura com as mãos numa rapidez quase

inacreditável.

— Não sorria assim para mim — sussurra, apoiando o queixo em meu ombro. — Não

quando estamos sozinhos em um quarto.

Engulo em seco, paralisada. Já disse que desprezo com todas as minhas forças o efeito que

Cruel tem sobre mim? Ele se afasta com um sorriso zombeteiro.

— Não leve a sério certas coisas que digo, Rosie.

Ergo uma sobrancelha.

— Quais?

— Muitas.

PERIGOSAS

— Você não faz nenhum sentido, sabia?

— E não é por isso que você me ama?

Faço careta e dou-lhe uma cotovelada no braço.
Cruel ri. Encaramo-nos com certa

estranheza e eu sinto o familiar frio no estômago
que sempre sinto quando penso no quanto gosto

dele. O momento é constrangedor, mas leve. Nunca
tivemos isso antes.

— Posso te pedir um favor? — ele pergunta.

— Pode tentar — brinco.

— Promete que não importa o que aconteça nessa
festa hoje... vai continuar sentindo o que

sente por mim?

Arregalo os olhos, estupefata. O que é isso, agora
ele quer uma garantia de que eu

continuarei apaixonada?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Como assim? — indago, desconfiada.

— Você disse que me ama incondicionalmente, mas eu já expliquei que não posso

corresponder seus sentimentos. Certo?

Qual o problema com ele? Não está com uma expressão zombeteira no rosto, então para

que falar sobre essas coisas? Não é para rir de mim?

— Do que é que você está falando? — Sacudo a cabeça e sinto os brincos prateados

roçarem em meu pescoço.

Cruel enfia as mãos nos bolsos da calça social preta e fita os próprios sapatos.

— Só porque não a amo da mesma forma — Ele me encara —, não quer dizer que eu...

bem... esqueça. Apenas me prometa, tudo bem?

NACIONAIS - ACHERON

Ah, não. Avanço até ele e seguro seu braço.

— Diga — peço, sem titubear. — Isso que você ia dizer...

Cruel se esquivava de meu toque, como se eu tivesse lhe dado um choque forte. De repente

toda a atmosfera leve que compartilhávamos até um segundo atrás desaparece.

— Prometa primeiro — ele pede, entre dentes.

— Não — respondo categoricamente, fechando a cara para ele.

Ele revira os olhos outra vez.

— Você, hein...

Cruel me puxa pelo braço e me conduz escadaria abaixo até o hall de entrada. Eu protesto

e tento me soltar, mas é inútil. Os empregados trazem os casacos de pele dele e o ajudam a vestir.

— A comida dessa festa tem que ser muito boa para compensar tudo isso — resmungo.

Cruel abre um sorrisinho zombeteiro enquanto os empregados abrem a porta.

— A comida não será a melhor parte.

Capítulo 18

— Senhorita — Um empregado alto e magrelo abre a porta do carro de Cruel para mim.

Desço do carro por um lado e Cruel pelo outro, e assim que fito a mansão onde será a festa

fico completamente maravilhada. Parece uma decoração de Natal, mas sem os laços e bolas

coloridos. Há luzes por toda parte, flores belíssimas e pessoas muito bem vestidas.

— Rosie? — Cruel chama.

Saio do transe e olho para ele.

PERIGOSAS

— Hum?

— Meu braço.

— O que tem? — Franzo a testa.

Ele sacode o braço.

— Pegue ele! — sussurra.

— Oh, é.

Tomo o braço de Cruel e nós dois entramos pelas enormes portas da frente, dignas de um

palácio. Logo um casal vem nos receber com taças de alguma bebida borbulhante nas mãos. A

mulher é loura, alta e usa dourado da cabeça aos pés. Ela brilha tanto que meus olhos lacrimejam.

O homem tem pouco cabelo, mas um sorriso simpático e usa um terno provavelmente muito mais

caro do que toda a produção que fizeram em mim.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— DeVil! — ele cumprimenta Cruel, que nem mesmo tira as luvas para apertar a mão do homem.

— Muito bom vê-lo, Carson.

A mulher de Carson pousa seus olhos cheios de glitter em mim.

— Que belezinha temos aqui? — ela cantarola e se inclina para encostar suas bochechas

nas minhas como cumprimento. — Você é uma graça, como se chama?

— Rosie — digo, mas minha voz não parece sair direito.

— Ela é Rosie Vallahar — Cruel se aproxima de mim e passa o braço pelos meus ombros

—, minha protegida.

A expressão do casal despencou.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— A garotinha do incêndio? — arqueja a mulher.

— Achei que fosse muito mais nova... Sinto

muito por seus pais, querida.

Crispo os lábios. Como eles sabem sobre o acidente?

— Obrigada — assinto e olho para Cruel.

Ele entende minha indireta.

— Bem, nós estamos entrando — diz ao casal.

— Sim, sim — O homem sorri. —, fiquem à vontade!

Caminhamos pelo hall até toparmos com um salão excessivamente decorado e iluminado. É

sufocante. Noto que estou segurando o braço de Cruel com muita força e que meus olhos estão

marejados.

Não sei... ver outras pessoas, gente que eu nunca vi

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

na vida, falando sobre a morte dos

meus pais, é tão estranho e faz com que a morte deles pese sobre mim como no dia do acidente.

Sinto-me sem ar e sem ânimo algum para fingir que estou aproveitando a festa.

— Rosie... — Cruel começa a falar.

Eu paro de andar, sem olhar para ele.

— Quanto tempo você quer ficar aqui? — pergunto.

— O quê?

— Quanto tempo vamos ficar nessa festa?

Ele franze a testa.

— Acabamos de chegar. Você já quer ir embora?

— Só diga quanto tempo — Encaro-o. — Eu vou aguentar.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ele olha para mim de um modo estranho que eu não entendo e sinceramente não quero entender.

— Você está bem? — pergunta, por fim.

Abro a boca, mas a chegada de um homem interrompe nossa conversa. Ele chega com um

largo sorriso e cumprimenta Cruel com bastante empolgação. Cruel, porém, sorri com falsidade. Sei

porque é esse sorriso que ele coloca no rosto quando vê alguém que não gosta muito ou que está

fazendo-o perder seu tempo.

— DeVil, você veio! — O homem dá tapinhas na nuca de Cruel.

— Eu não perderia uma reunião dessas por nada — diz Cruel, afastando a mão do homem

com certa elegância. — Como vai, Grantt?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Grantt arqueia as sobrancelhas e ajeita o próprio terno.

— O que posso dizer? O velho se foi e a companhia é finalmente minha — Ele ri. — Agora

terei o reconhecimento que mereço, DeVil! Lembra do quanto falávamos sobre isso? Eu finalmente

consegui.

Uau, ele parece realmente orgulhoso de si mesmo. E então seus olhos pousam em mim.

— Oh, essa é sua nova garota? Estão cada vez mais lindas, DeVil, seu bastardo!

Sinto meu rosto arder. Grantt dá um passo para se aproximar de mim, mas Cruel segura seu

ombro e o afasta novamente com uma elegância que me deixa admirada.

— Sim, ela é mesmo adorável — Cruel sorri e agora os dois estão praticamente de costas

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

para mim. — Como vai Anita? Ouvi sobre o divórcio...

— Nem me lembre — Grantt faz uma careta. — Ela soube sobre a Carmen e a Reesa e

tudo virou um completo inferno. Mas, ei, eu te contei sobre a nova linha da Parry?

Grantt fala muito. Sobre seis assuntos ao mesmo tempo e eu estou prestes a tirar meus

sapatos e fazê-lo engoli-los quando Cruel finalmente o dispensa e me conduz às pressas para uma

mesa reservada a nós. Tenho vontade de beijá-lo por isso — bem, não literalmente.

Não fazemos nada além de sentar e observar os outros convidados. Cruel me diz os nomes

dos que conhece e conta como os conheceu. A maioria é por causa do trabalho e das viagens que

ele faz. Alguns, por causa do pai. Somos

NACIONAIS - ACHERON

cumprimentados vez ou outra por pessoas que passam

perto de nossa mesa e estou grata porque somos apenas nós dois sentados aqui. Ao menos perto

de Cruel não tenho que fingir que estou gostando da festa.

— Está se divertindo? — ele pergunta, um tempo depois.

— Vou me divertir quando servirem alguma comida — respondo. Um sorriso ilumina seu

rosto. — Seus amigos são... — Tento encontrar uma palavra que não o ofenda ou aos amigos.

— Todos idiotas? — Cruel sugere. — Sim, eu sei. Não são exatamente meus amigos, apenas

faço com que pensem que são.

— Sério?

— Infelizmente eu preciso dessas amizades por

NACIONAIS - ACHERON

causa dos meus contatos no trabalho. De

alguns deles eu consegui me livrar há anos, mas não sabia que estariam aqui hoje.

— Tipo aquele Grantt? — Faço careta.

— Tipo aquele Grantt.

Rio. Mesmo que suas amizades sejam aparentemente todas falsas, talvez Cruel fosse uma

pessoa muito pior se andasse o tempo todo com esse tipo de gente. Ainda assim...

— Você devia arranjar alguns amigos de verdade — digo, tentando soar gentil.

Ele apoia o rosto em uma mão e olha para mim de uma forma que me desconcerta — só

que sei que não é intencional.

— Não preciso de amigos. Tenho Sunsung, tenho os meus empregados e tenho... você.

Qualquer coisa além disso excederia os meus limites.

Engulo em seco. Meu coração bate forte. Minhas mãos estão suando. Em apenas uma frase,

Cruel simplesmente me desmontou. Foi a coisa mais doce que ele disse para mim desde que tomou

a minha guarda. Ele me considera importante para ele. Não a forma como eu o considero, mas

ainda assim... Por que meu coração dói e pula de alegria ao mesmo tempo?

— Você está bem? — Ele toca minha testa com as costas da mão. — Está meio... vermelha.

Por um segundo, quero segurar sua mão e dizer outra vez que o amo. Mas não posso fazer

isso de jeito nenhum. Não posso estragar essa noite em que ambos estamos tão tranquilos um com o

outro. Então eu afasto seus dedos do meu rosto de finjo desdém.

— Estou beeeem — resmungo. — Quando é que vão servir a comida, hein?

A comida é simplesmente divina. Não sei o que colocaram nessa gororoba vermelha e verde,

mas me delicio com o sabor. Meus pais sempre me levavam a um restaurante chique nos meus

aniversários e era sempre incrível, mas nada se compara à comida dessa festa. Agora estou

imensamente grata por Cruel ter me feito vir com ele.

— Ei, Rosie, pare um pouco para respirar — ele comenta, levando o garfo à boca.

Mastigo e engulo.

— Cada segundo a mais é um segundo a menos que tenho para comer essas maravilhas —

rebato.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ele olha ao redor.

— As pessoas vão pensar que eu não te alimento em casa.

Dou risada. Nada me preparou para esta noite e ela não poderia estar melhor. Conversar

com Cruel dessa forma, sem seus joguinhos e meu medo dele envolvidos, é quase surreal. Pergunto-

me o motivo de tão repentina mudança em nossa maneira de nos relacionar. Foi minha confissão?

Foi minha tentativa de fuga?

— Sobremesa? — um garçom oferece, uma meia hora depois de terminarmos o prato

principal.

Arqueio as sobrancelhas para as taças de sorvete com bolo e sorrio para o homem.

— Sim, por favor — digo.

NACIONAIS - ACHERON

— Espere — Cruel toma a taça das minhas mãos e cheira. Então passa o dedo na

cobertura do sorvete e lambe.

— O que você? — começo a indagar.

— Nozes — Ele aponta o indicador para mim. E então fita o garçom: — Ela é alérgica a

nozes. Ah, e também não gosta de calda de cereja. Pode levar isso daqui, sim?

O garçom fica um tanto envergonhado. Eu, meio perplexa.

— Certo, se-senhor — disse o homem, afastando-se.

Olho para Cruel. Ele devolve meu olhar.

— O quê? — pergunta.

— Como você sabe?

— Como eu sei o quê?

PERIGOSAS

— Que sou alérgica a nozes e não gosto de cereja?
— Cruzo os braços.

Cruel se recosta na cadeira e dá de ombros.

— Nós moramos sob o mesmo teto, uma hora ou outra eu saberia — diz com desdém.

Crispo os olhos.

— Hum — resmungo. — E você?

Cruel suspira.

— O que tem eu?

— É alérgico a alguma coisa?

— Eu... Sunsung? — Ele olha para algo atrás de mim.

Viro-me na cadeira e vejo Sunsung adentrar o salão com toda a sua beleza e majestade,

acompanhada por um homem bronzeado e muito bonito. Volto a olhar para Cruel. Ele está tenso,

NACIONAIS - ACHERON

de punhos cerrados e mandíbula trincada. O olhar em seus olhos só pode ser descrito como um

olhar de... ciúmes. Sinto um frio repentino no estômago. Ai, caramba. E se Sunsung for a tal única

mulher que ele é capaz de amar? Se for ela, o jogo acabou para mim. Não posso comparar a

intimidade e os anos de amizade que os dois têm com a convivência tribulosa de pouco mais de um

mês que Cruel e eu temos. Além disso, Sunsung é linda, rica e influente. Não posso alcançá-la.

— Vá falar com ela — digo, antes que me dê conta.

— Hum? — ele permanece olhando para ela.

— Sunsung. Vá falar com ela. Eu... eu preciso ir ao banheiro agora.

— Ah. Certo, eu vou.

Cruel se levanta e sai ao encontro de Sunsung.

PERIGOSAS

Engulo em seco e me levanto. Pergunto a um garçom onde fica o banheiro e ele me instrui.

Olho-me no espelho enorme e suspiro. Estou bonita. Mas não o suficiente. Lavo as mãos,

ajeito o vestido, arrumo o cabelo. Estou mesmo me escondendo no banheiro para não ter que

encarar Cruel e Sunsung? Estou. Os dois se tratam como amigos na maioria das vezes, mas aquele

olhar de Cruel quando ela chegou... foi feroz. Como se ele quisesse escondê-la daquele outro

homem.

Apoio as mãos na pia e suspiro. Então ouço risadas femininas e me escondo em uma das

cabines. Não quero ser vista.

— Eu ouvi que ele levou um fora vergonhoso dela no ano passado — diz uma mulher, rindo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Mas é lógico! — diz outra. — Sunzinha é uma rainha e DeVil é só um rico mimado. Eu

não a culpo por chutá-lo, mesmo que ele tenha aquele rosto maravilhoso.

— Quando for à falência, só restará isso pra ele! — a primeira gargalha.

— Como assim? — a outra sussurra.

— Meu marido me disse que a administração de DeVil é tão ruim que o vice presidente e os

outros acionistas estão pensando em tirá-lo do cargo.

Cubro a boca, chocada.

— Não brinca! Ele é mesmo tão mau presidente?

— E como! Meu marido disse que ele quase não aparece na empresa e, quando aparece,

se tranca no escritório e fica desenhando roupas ridículas. Um mimado!

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— O que vai acontecer se o tirarem da presidência?

— Eu não sei e não ligo. Talvez meu marido seja promovido! — Ouço um bater de palmas.

Elas conversam por mais um tempo, sobre assuntos aleatórios e então deixam o banheiro.

Solto a respiração que eu nem sabia que estava prendendo e saio da cabine, ainda sem

acreditar no que ouvi. Eu nem sabia que Cruel é presidente de uma empresa. Ele vai mesmo

perder o cargo assim, do nada? Não podem fazer isso, não é? Ele é o chefe, certo?

— Rosie?

Dou um pulo, assustada, e vejo Sunsung me encarando na entrada do banheiro.

— Oi — digo, apoiando-me na pia.

— Como você está linda — Ela se aproxima e me abraça de leve.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Obrigada — Sorrio amarelo.

— Acredita que acabei de encontrar Cruel e ele estava todo nervosinho? — Ela joga a

cabeça para trás e ri. — Ele não me quer perto de você. Moleque imaturo.

Franzo a testa.

— Ele... Ué, por quê?

— Quem sabe? — Ela começa a retocar o batom vermelho. — Ele fica uma graça quando

está com ciúmes, não é?

Mordo o lábio.

— Acho que sim.

— Quer usar? — Ela me oferece o batom.

— Não, obrigada. Ah, Sunsung... posso te perguntar uma coisa?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ela me encara.

— Hum?

— É possível... que Cruel deixe de ser o presidente da empresa dele?

Sunsung joga a cabeça para trás, gargalhando.

— Tenho pena de quem tentar tirar a presidência dele, Rosie. Mesmo você é incapaz disso, queridinha.

— Não, eu não iria...

— Vaaamos voltar para a festa! — Ela bate palmas.

— Com certeza Cruel quer te exibir

para todo mundo, não quer?

Suspiro. Não dá para ter uma conversa séria com Sunsung. Deixamos o banheiro e logo vejo

Cruel vindo em nossa direção tempestuosamente. Ele se aproxima e me puxa pelo braço sem dizer

NACIONAIS - ACHERON

nada, conduzindo-me para a saída do salão.

— Não, Cruel... Ei, espera...

— Já cansei dessa festa ridícula — ele resmunga, sem diminuir o passo. — Vamos embora.

— Por quê? Você estava tranquilo até...

— Não fique perguntando.

Chegamos ao carro e os empregados me ajudam a entrar. Cruel está irritado, mas não mais

do que o normal e ainda bem que não é comigo.

— Vamos a um lugar diferente agora — ele diz após um tempo em silêncio.

Encaro-o.

— Vamos? Aonde?

Ele suspira.

— Espere e verá.

Capítulo 19

"Cemitério Particular Piece of Heaven." É o que diz o letreiro dourado fixado no topo dos enormes

portões de ferro. Não consigo conter minha inquietação. Olho assustada para Cruel. Está chovendo

lá fora.

— O que estamos fazendo num cemitério? — pergunto com urgência.

Ele olha para mim e suspira, inexpressivo.

— Eu disse que você deveria vir comigo — murmura. — E não é só por causa da festa. —

Olha para o motorista e estende uma mão. — August, as capas.

O motorista, sem sequer olhar para trás, entrega-lhe uma sacola verde-musgo. Cruel abre e

tira algo de dentro.

PERIGOSAS

— Aqui, vista — Ele me passa algo feito de couro.

— Isso... é uma capa de chuva? — Faço careta.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Rapidamente, ele veste a dele.

— Vista logo e cubra o rosto com o capuz — Cruel aponta o dedo para meu rosto. — Não

podemos ser vistos de maneira alguma. Entendeu?

— Por quê?

Ele abre a porta e sai. Visto o que descubro ser uma longa capa de chuva, que cobre mais

de mim do que o necessário, e cubro a cabeça com o capuz. Cruel abre a porta para mim e me

puxa pela mão. Tropeço no meio-fio, mas ele me impede de cair, puxando-me pelo braço.

— Não temos muito tempo.

— Quer me dizer o que está acontecendo? — sussurro, mesmo sem saber o motivo pelo qual

ele quer ser tão discreto.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Cruel me conduz até a entrada do cemitério e um guarda noturno chega com uma lanterna

e chaves. Ele está ensopado.

— As câmeras estão desligadas? — Cruel pergunta a ele, enquanto o homem destranca um

portão pequeno de ferro.

— Como o senhor solicitou — o guarda assente.

Entramos e Cruel entrega algo ao guarda.

— Vocês têm meia hora até o final do meu turno — informa o homem.

— Certo.

Cruel me puxa pela mão e eu mal posso ver o que está diante de mim por causa do capuz,

da chuva e da ausência de luz no cemitério. Meus sapatos estão encharcados e eu tropeço a cada

dez passos. Estou assustada. O que está

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

acontecendo, afinal?

Caminhamos em silêncio — apenas ouvindo os sons de nossos sapatos contra a água da

chuva no chão de paralelepípedos. E, após uma eternidade, paramos diante do que parece ser um

coreto de ferro, todo branco. No centro, rodeadas por flores, há duas lápides grandes e bonitas.

Olho para Cruel, confusa.

— Vá em frente — ele diz, empurrando-me de leve na direção do coreto.

Engulo em seco. A passos vacilantes, caminho até chegar mais perto das lápides e meu peito

dói assim que leio os nomes gravados nelas. Cubro a boca. Adam Vallahar. Helena Vallahar. Meus

pais. São os túmulos dos meus pais.

— Cruel... — balbucio. — Como...?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Caio de joelhos sobre as flores e já estou aos prantos. Porque sinto falta deles. Porque estou contente por haver algo sólido e real que me lembre dos dois. Porque eles serão lembrados por mais gente além de mim. Não sei por quanto tempo choro, mas me lembro que o guarda noturno disse que só tínhamos meia hora, então trato de me controlar e recompor. Baixo o capuz e Cruel vem correndo levantá-lo outra vez.

— Eu disse para cobrir o rosto — ele sussurra, bem perto de mim. Sinto seu peito em minhas costas.

— Como eles estão aqui? — fungo. — Você... você fez isso?

Cruel hesita.

— Sei como é perder alguém. Achei que você precisava de algo assim.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Viro-me para olhar para ele.

— Cruel, eu... eu nem sei o que dizer — Enxugo o nariz na manga da capa de chuva. —

Obrigada. Obrigada de verdade.

Vejo uma sombra de sorriso em seu rosto, mas ele desvia o olhar do meu.

— Na verdade, o crédito não é todo meu — ele diz.
— A ideia foi de Agatha e Sunsung

comprou as flores.

Não consigo conter um sorriso.

— Obrigada, Cruel...

Ele suspira. Ficamos em silêncio, sentados no chão, observando as lápides dos meus pais.

— Eu... só não entendo o motivo de todo esse segredo — sussurro. — Por que entramos

aqui escondidos?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— É complicado, Rosie — Cruel franze a testa.

— Sou capaz de entender.

Ele engole em seco e desvia o olhar. Posso ver que ele quer me contar, mas algo o está

impedindo.

— Outro dia eu conto tudo — responde, por fim.

— Precisamos ir agora.

De volta ao carro, penso que vamos conversar bastante, mas as palavras simplesmente não

saem da minha boca. Acho que é a primeira vez que fico sem fala perante a algo que alguém fez

para mim. Olho para Cruel de canto de olho e o vejo fitando as gotas de chuva que escorregam

pelo vidro da janela. Parece que, quanto mais eu o conheço, mais enigmático ele se torna. Achei

que eu fosse só seu brinquedo, seu novo passatempo, e que ele logo se cansaria de me

NACIONAIS - ACHERON

humilhar e

me deixaria de lado para viver minha vida em paz.
Mas isso? Toda essa gentileza e cuidado

comigo? Por mais que eu goste e esteja grata, não
parece ele.

Chegamos à casa ainda sem dizer nada um ao
outro. Cruel entrega nossas capas de chuva

ao motorista e o manda dar um fim nelas sem que
ninguém perceba. Todo esse suspense me deixa

desconfiada. Será que Cruel não quer que mais
ninguém saiba que no fundo ele é um coração

mole que ajuda garotas órfãs pagando pelo túmulo
dos pais delas? Será que tudo uma questão

de reputação?

— Rosie — Ele cutuca meu ombro —, você devia
entrar. Parece cansada.

Não posso evitar perguntar:

NACIONAIS - ACHERON

— E você?

Ele crispa os lábios.

— Eu vou... visitar uma... amiga. — Coça o queixo, desviando o olhar. — Entre e vá dormir.

Suspiro. Bem, agora ele se parece mais com o verdadeiro Cruel.

— Boa noite — digo, com certa rispidez.

Cruel olha para mim e sorri de modo zombeteiro.

— Ah, não me diga que quer que eu a coloque para dormir? — Sacode a cabeça, rindo.

Mordo o lábio. De repente, quero muito deixá-lo irritado.

— Eu quero — digo. Seu sorriso desaparece e ele me fita nos olhos. Tomo coragem para

dizer: — Gosto bem mais de você quando é gentil, sabe? E hoje... hoje eu mesma vi que você pode

ser gentil.

Cruel suspira.

— Não, Rosie...

— É verdade. Você não se sente bem quando sorri?
Quando faz algo legal para alguém

simplesmente porque acha que é a coisa certa a
fazer? Ou quando...

— Por favor, não comece com isso — Ele sacode a
cabeça.

— Isso o quê?

— Tentar me transformar em alguém que eu não
sou e nem quero ser.

Franzo a testa.

— Eu? Cruel, eu só acho que...

— Não quero saber o que você acha — ele
interrompe. Então apoia a mão na testa. — Ah,

eu sabia que você entenderia tudo errado, eu sabia...

Encaro-o.

— O que eu entendi errado?

Seus olhar tempestuoso de sempre está de volta e eu posso ver o quanto está lutando com as palavras.

— Eu não amo você, Rosie — Cruel se aproxima de mim, os dentes trincados com força. —

Eu já disse que nunca vou amá-la da maneira como quer, está claro? Tudo o que fiz ou faço por

você é porque você disse que me ama e porque nós vivemos sob o mesmo teto. Preciso manter

nossa convivência o mais pacífica possível para que você não... não... Enfim, você precisa entender

que isso aqui — Ele gesticula, apontando para mim e depois para ele — não pode passar do que

tivemos hoje à noite.

— Eu sei que você não me ama — rebato, sentindo meu peito doer. — E eu não estava

falando sobre isso!

— Estava sim — Ele aponta o dedo para mim. — Sei o que você está pensando. Está

estampado nessa sua expressão ingênua. No fundo você acha que vou me apaixonar por você,

não é?

Tento abrir a porta do carro e fugir como uma boa covarde, mas Cruel puxa meu queixo,

obrigando-me a olhar para ele.

— Admita — ele rosna, o rosto a centímetros do meu. — Admita que quer que eu ame você.

Meu coração martela em meus ouvidos e minhas mãos estão suadas. Não fico perto dele

assim há um certo tempo e tudo em mim grita e anseia por mais proximidade. Mal posso respirar.

Minhas mãos malucas assumem o controle e agarram o colarinho da camisa de Cruel, puxando-o

para ainda mais perto. Nossos lábios, braços, peitos e pernas se encontram, roçam e trombam, e

eu posso jurar que estou em chamas. Por um segundo tenho medo que Cruel me afaste e rejeite de

novo, mas quando eu o beijo, ele não apresenta qualquer resistência. Eu o beijo e o abraço,

sabendo que essa será a última vez que ele se permitirá ficar num espaço tão apertado comigo.

Gravo seu cheiro, a textura de sua pele e de seus lábios. E então fico tão sem fôlego e tão tonta

que tombo para o lado, arquejando. É o fim do nosso beijo.

— Sua pequena... — Sinto a respiração de Cruel

PERIGOSAS

em meu pescoço.

— Eu... precisava... disso...

Cruel me puxa pelos ombros e me senta direito no banco do carro. Suas mãos vão para o

meu rosto e eu o encaro.

— Não faça isso outra vez — ele pede, quase suplicante.

— Cruel...

— Vem cá.

Ele me puxa num abraço e abre a porta do carro. Comigo nos braços, adentra a casa e

sobe a escadaria até chegar ao meu quarto. Entramos e ele me deita na cama.

— Durma — diz.

— Isso não vai se repetir — suspiro, magoada.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Melhor que não se repita mesmo. Rosie... você é só uma garota. Nunca mais beije um

homem daquela maneira, entendeu?

Viro-me e fico de costas para ele.

— Não era um homem. Era você.

— E eu não sou homem agora?

Olho para ele por cima do ombro e faço careta.

— Aceite isso — Cruel diz. — Você se declarou para mim e eu a rejeitei. É hora de seguir

em frente, não acha?

— Estou com sono — resmungo. — Vá embora.

Ele não diz mais nada, apenas apaga a luz e deixa o quarto.

Abraço meu travesseiro, sentindo-me pequena, ingênua, envergonhada, rejeitada, inútil e eu

NACIONAIS - ACHERON

poderia inundar este quarto com as minhas lágrimas.

Mas eu não choro.

Capítulo 20

Acordo com dor de cabeça. Elas têm se tornado mais frequentes nos últimos dias, por mais que só

durem até a hora do almoço. Levanto-me da cama, escovo os dentes, troco de roupa e desço para

o café da manhã. Hoje é sábado, o que quer dizer que Cruel e eu nos veremos durante as

refeições.

A festa e os acontecimentos daquela noite ficaram para trás. Mal sei quantos dias se

passaram desde então — e, sinceramente, não me importo. Cruel parou de me provocar e de

mexer comigo. Está distante, gentilmente frio e me trata como uma de suas responsabilidades. No

início, fiquei magoada e cheia de ressentimentos característicos de quem levou um fora, mas acabei por me acostumar. É para o melhor, de qualquer forma.

Chego à sala de jantar e sento-me à mesa tranquilamente.

— Bom dia — digo a Cruel.

Ele baixa o jornal que está lendo.

— Bom dia, Rosie. Dormiu bem?

— Como sempre — Sirvo-me de suco de laranja.
— E você?

Ele meneia a cabeça, querendo dizer um mais ou menos.

— Estou com dor outra vez — resmungo, entre um gole e outro de suco.

— De novo?

Dou de ombros. Cruel dobra o jornal e o deixa de lado.

— Ah, eu já arranjei tudo — diz e leva a xícara de café aos lábios.

Minhas aulas na escola começam na próxima semana e Cruel insistiu em escolher um lugar

que fosse me dar a "melhor assistência em termos de ensino". Em outras palavras, ele vai me enfiar

em uma escola de ricos cheia de frescuras.

— Mesmo? — pergunto, sem muito entusiasmo. — Você foi rápido.

— Meu dinheiro é que foi.

— Achei que não me quisesse fora da casa — Dou de ombros, pegando um bolinho de coco.

Visitei o túmulo dos meus pais outras duas vezes, sempre acompanhada por seguranças e

durante a noite. Como se ninguém pudesse saber

dessas visitas. De início, Cruel não gostou muito da ideia, mas Agatha me ajudou a convencê-lo de que eu precisava ir. Ele não foi comigo nenhuma outra vez.

— Rosie, o juiz determinou que você precisa de uma boa educação e fez um acordo para que fosse fora daqui — Cruel gesticula para as paredes. — Então, estou de mãos atadas.

Suspiro.

— Você pode contratar um professor particular para mim — resmungo.

Cruel revira os olhos.

— Não trarei gente estranha para minha casa.

— Você me trouxe — brinco.

Ele arqueia uma sobrancelha.

PERIGOSAS

— É, estou reconsiderando abandoná-la à beira de um rio, então seja boazinha.

Apoio os cotovelos na mesa.

— Tem certeza de que é uma boa escola? — indago preguiçosamente.

Cruel desdobra o jornal e volta a ler, me ignorando sem rodeios. Olho para ele e vejo a

expressão adulta e centrada que tem ocupado seu rosto nos últimos dias. Ele deve passar por

dores de cabeça bem piores que as minhas enquanto cuida dos negócios do pai e de seus

próprios. Isso me lembra a conversa entre as duas mulheres que ouvi no banheiro, durante aquela

festa. De repente, dou-me conta de que não contei nada a Cruel. Aliás, como se conta a alguém

que seus subordinados querem tirá-lo do cargo porque ele não faz o trabalho direito?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Ei, Cruel — chamo.

— Hum? — Ele mantém os olhos no jornal.

— Preciso contar uma coisa. Algo que ouvi outro dia, naquela festa. É importante.

— Hum... — ele assente.

Tomo fôlego.

— Bem, eu estava no banheiro, quando duas mulheres chegaram e começaram a falar

sobre você e o seu cargo de...

O celular dele toca, interrompendo. Cruel baixa o jornal e tira o aparelho do bolso.

— Um segundo — diz para mim.

Apoio o queixo na mão e aguardo.

— É mesmo? — Cruel diz ao telefone. — Mas a reunião foi remarcada... Eu sei... Sim, eu

NACIONAIS - ACHERON

assinei... É... Tudo bem, faça isso... De qualquer forma, eles não podem rejeitar a oferta... Certo, chego em meia hora.

— Cruel...

Ele sacode a cabeça.

— Depois você me conta — Veste o paletó apressadamente. — Preciso sair.

— Mas é importante... — Levanto-me.

— Comporte-se, Rosie.

E saiu.

Volto a me sentar e abocanho uma rosquinha, preparando-me para apreciar mais um dia

inteiro na companhia dos empregados da casa, que têm sido meus únicos amigos. Jogo cartas e

xadrez com Joxer e Paul, fofoco sobre celebridades com Darla e Yuki e converso sobre tudo e

qualquer coisa com Agatha. E todos eles gostam de mim. Parece que minha vida não está nada

ruim, levando em conta que minhas outras opções eram o orfanato ou viver por conta própria. Sou

grata por ter sido acolhida por Cruel, mesmo que ele tenha me humilhado e tirado vantagem de

minha queda por ele. No final, ambos deixamos marcas um no outro enquanto tentávamos nos

entender. E eu espero que as coisas entre nós permaneçam como estão agora: em paz. Posso amá-

lo à essa distância que ele impôs e para mim é o suficiente.

— Rosie, seu material escolar chegou — Agatha anuncia ao entrar em meu quarto. Estou

lendo um livro de Shakespeare que convenci Cruel a comprar para mim.

— Mesmo? — Fecho o livro. — Não vão me

mandar para um colégio de freiras, vão?

Agatha apoia as mãos nos quadris.

— Qual o problema com colégios de freiras? — ela resmunga. — Eu mesma frequentava

um dos mais conceituados na minha época.

Dou risada.

— É por isso que você é toda assim?

— Assim? Assim como? — Agatha torce meu nariz.

— Ai! Agatha! Ai!

Ela solta e vejo um breve sorriso iluminar seu semblante. Agatha não é de sorrir muito, mas

quando sorri fica mais jovem e mais bonita.

— Estou aliviada, sabia? — ela diz.

— Por quê?

PERIGOSAS

Agatha senta-se na minha cama ao meu lado.

— Porque você e o senhor DeVil finalmente pararam de brigar. Estou mais sossegada

sabendo que nada de ruim vai acontecer a nenhum dos dois.

Cutuco-a com o cotovelo.

— Ei, ele ainda ameaça me largar à beira de um rio, sabia? — brinco.

Agatha estala a língua.

— Você o mudou bastante, Rosie. Ele parece menos... menos transtornado depois que você chegou.

— Claro — Reviro os olhos —, ele vivia descontando seus desaforos em mim.

— Não é o que eu quero dizer.

Seguro a mão dela.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu sei. E não me incomodo mais por ter testemunhado os piores momentos dele. Conheço

Cruel bem melhor agora. E se você diz que ele melhorou, fico feliz.

Agatha assente.

— Isso é ótimo, Rosie. Acho que... já posso te contar sobre ela.

Franzo a testa.

— Ela?

Agatha suspira.

— A pessoa pela qual você me perguntou outro dia...

— Poderia ser... a única mulher que Cruel foi capaz de amar? — Arregalo os olhos.

Agatha assente.

— Não sei se você ainda vai pensar tão bem dele

após ouvir tudo, mas acho que já está na hora de saber.

Aperto sua mão.

— Conte, conte...

— Bem, há duas coisas que você precisa saber sobre essa história — Ela gesticula com os

dedos. — Primeira: não acaba bem. Segunda: vai mudar toda a sua perspectiva a respeito do caráter do senhor DeVil.

Engulo em seco. A coisa parece bem séria, mas eu não hesito.

— Eu quero saber tudo.

Capítulo 21

Eles eram simplesmente o casal perfeito: Cruel DeVil e Serena Cooper. Semelhantes em diversos

aspectos, mas o que realmente chamava a atenção era a maneira como eram diferentes e sabiam

lidar com as diferenças um do outro. Serena era agitada, cheia de ideais e caprichosa. Cruel era

centrado, metódico e dono da verdade. Eles se completavam. Conheceram-se durante uma festa

dada pela empresa do pai de Serena e, à primeira vista, não se entenderam bem. Mas que amor

de verdade tem um início perfeito? Cruel a achou cativante; Serena o achou a pessoa mais

misteriosa do mundo. E não houve como interromper o sentimento que só crescia dentro deles.

Para Serena foi fácil encontrá-lo novamente após a festa, pois ele havia acabado de subir

ao cargo de diretor geral da empresa do pai. Eles almoçaram juntos no dia em que se

reencontraram. E no dia seguinte. E no outro

NACIONAIS - ACHERON

também. Depois vieram os jantares sofisticados e passeios durante os fins de semana. Era evidente a afeição que sentiam um pelo outro. Estavam apaixonados. A madrasta de Cruel, no entanto, soube do envolvimento deles e movida por inveja contou tudo ao marido, pai de Cruel, Collumbus DeVil. Ele reprovou o relacionamento e informou a situação ao pai de Serena, que teve a mesma reação. Eles não podiam ficar juntos se não fosse vantajoso para as empresas de seus pais — e, de fato, não era.

Serena e Cruel lutaram. Nunca haviam lutado por nada que queriam antes, pois sempre

tiveram tudo o que seus corações desejavam. Só que dessa vez era completamente diferente. Eles

se queriam mais do que qualquer outra coisa e ninguém seria capaz de separá-los. Decidiram

renunciar a tudo por seu amor: fugiriam para outro país e viveriam juntos. Que outra alternativa

tinham? Poucos dias antes da fuga, Cruel recebeu uma proposta de seu pai. Uma proposta

bastante tentadora. O jovem sempre foi voltado para a indústria artística da moda e tinha o sonho

de criar sua própria linha de roupas exclusivas que fariam sucesso pelo mundo todo. Collumbus

disse que lhe permitiria realizar esse sonho e faria de tudo para torná-lo famoso, mas com apenas

uma condição: Cruel deveria enganar Serena para que ela viajasse como haviam combinado e

deveria abandoná-la definitivamente. O plano do casal foi descoberto.

Um peso esmagador caiu sobre as costas de Cruel. Como seu próprio pai podia obrigá-lo a

escolher entre o sonho da sua vida e a pessoa que ele mais amava no mundo? Como era possível

tanta frieza?

Por dias Cruel permaneceu submerso em angústia e indecisão. Ele amava Serena com todas

as suas forças, mas seu maior objetivo de vida estava bem à sua frente, ao toque de sua mão. O

que faria? O que faria? O que faria? Com apenas um dia faltando para sua fuga com Serena, ele

entrou em desespero. Arquitetou todos os planos possíveis até encontrar o que mais o satisfizesse. Ele

mentiria e enganaria o pai, dizendo que escolheu deixar Serena. Então enviaria uma mensagem

para ela marcando um novo ponto de encontro e lhe contaria absolutamente tudo. Pediria por

paciência; eles poderiam se encontrar às escondidas até que Cruel se estabelecesse como estilista

renomado e ganhasse o próprio dinheiro. E então fugiriam. Sim, era um plano perfeito. No entanto,

o destino sempre sacode a toalha quando fazemos planos. Ele é uma criança travessa que tem prazer em bagunçar vidas.

Cruel anunciou sua decisão ao pai: iria enganar e abandonar Serena. Collumbus ficou

satisfeito. Não porque o filho fez o que ele queria, mas porque seu plano secreto funcionou: Cruel

não sabia que o pai havia chamado Serena para escutar toda a conversa entre os dois. E ela

ouviu tudo. Ouviu o homem que mais amava dizer que a trairia. Seu coração se quebrou em mil pedaços.

Quando viu que Serena estava ali, Cruel correu até ela e tentou convencê-la de que tinha um

plano. Ele lhe contou tudo e foi totalmente sincero. Serena, no entanto, estava envenenada pelas

mentiras de Collumbus e pelo que acabara de

escutar. Ela tentou fugir dele. Ele a seguiu. Eles discutiram. Ele disse que a amava mais do que tudo. Ela deu-lhe um tapa. Ele tentou beijá-la. Ela o empurrou e correu diretamente para uma avenida movimentada. Não viu o carro que veio em sua direção. Não ouviu seu amado gritar seu nome e dizer, pela última vez, que a amava.

Não sentiu mais nada, nunca mais.

Naquele dia, Serena perdeu a vida e Cruel perdeu a alma.

Capítulo 22

Abraço meus joelhos, fitando meus dedos do pé. Agatha agora está em silêncio, olhando para o

nada com uma expressão nostálgica. Não sei o que pensar do que ela me contou. Tudo está muito

embaralhado em minha mente a ponto de eu confundir minhas emoções. Sinto um aperto no

peito,

uma dorzinha irritante que parece crescer conforme tenho consciência dela.

Serena. Então era ela. A história do passado dos dois é forte e martela em minha cabeça

incessantemente. Ela morreu bem na frente dele, por culpa dele. Tenho certeza de que é isso que

todos pensam. Eu também acho que Cruel tem certa culpa — não pela morte dela, mas por não

encontrar as falhas em seu plano. Ele devia ter contado tudo à Serena o quanto antes e devia ter

dito que enganaria o pai. Por que ele não fez isso?

— Bem... — Agatha suspira. — Agora você sabe tudo. Está com medo dele?

— Medo? Não.

Agatha assente, pensativa.

PERIGOSAS

— As coisas ficaram difíceis aqui na casa após a morte dela — diz. — O senhor Collumbus

e o senhor Cruel viviam em guerra. Certa vez... acho... acho que o senhor Cruel tentou matar o pai.

Arquejo.

— Tentou?

Agatha dá de ombros.

— Como Collumbus morreu? — pergunto.

— Faz seis meses — Agatha remexe as mãos. — Ele estava em uma viagem de negócios e

o carro capotou. Morreu na hora.

— Hum. E a madrasta de Cruel?

Agatha hesita.

— Eu não a vejo desde o velório do senhor Collumbus. Ela mora fora da cidade.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Assinto. Como a minha, a família de Cruel foi toda destruída. Os membros da dele, no

entanto, causaram danos irreparáveis uns aos outros e eu me pergunto como cada um deles se

sentiu após a morte de Serena. O que se passou pela mente de Collumbus? E da madrasta? Será

que ficaram contentes com a morte de uma pessoa que seu filho e enteado amava?

— Não sei como encará-lo agora — desabafo. — Tenho certeza de que ele não queria

que eu soubesse sobre Serena.

— Ele não fala sobre ela há muito tempo. Como você soube de sua existência?

Engulo em seco.

— Cruel me disse, mas me privou dos detalhes.

— Se me permite dizer, Rosie... Acho que o senhor DeVil a trouxe aqui por um motivo maior

NACIONAIS - ACHERON

do que o próprio entretenimento. Mesmo com a companhia da madame Sunsung, ele era

terrivelmente solitário e muito mau educado com todos ao seu redor. No dia em que você chegou

foi a primeira vez que ele não terminou uma frase me chamando de idiota. Eu sinceramente acho

que você está aqui porque ele sentiu a necessidade de ter não uma amante, nem uma substituta

para Serena, mas uma amiga de verdade. Alguém para quem ele pode se mostrar

verdadeiramente e que, ainda assim, não vai rejeitá-lo.

"Não era para se apaixonar por mim!"

"Não posso corresponder seus sentimentos. Não vou. Só que ainda assim..."

"Promete que não importa o que aconteça nessa festa hoje... vai continuar sentindo o que

sente por mim?"

"Quero que fique perto de mim."

Agatha está certa. Eu coloquei meus interesses amorosos antes da pessoa que eu digo que

amo. Eu não consegui enxergar o que ele realmente precisa. Alguém para quem ele pode se

mostrar verdadeiramente. Sim. Ele me trouxe na esperança de que eu fosse esse alguém. E o que

eu fiz? Cobrei dele sentimentos que trouxeram memórias ruins e o machucaram.

Deus, como sou egoísta!

— Rosie... — Agatha acaricia o topo da minha cabeça. — Não chore...

Enxugo as lágrimas apressadamente.

— É culpa minha... — Fungo. — Eu não consegui enxergar isso, Agatha... Eu estraguei tudo...

PERIGOSAS

Ela me abraça.

— Está tudo bem, está tudo bem...

— Não está. Agatha, imagine como foi pra ele citar Serena... como foi ter que dizer que a

única mulher que ele amou está morta? Pode imaginar isso?

— Shiii... Você não tinha como saber, criança.

Mais lágrimas escorrem.

— Eu não devia ter me apaixonado por ele... Não devia...

Alguém bate à porta e Agatha e eu nos separamos. Enxugo as lágrimas com as costas das

mãos e tento disfarçar minha cara de choro. Se Cruel me vir chorando, vai querer saber o motivo.

— Rosie?

Fico aliviada. É Sunsung.

NACIONAIS - ACHERON

— Aigoo, que caras de velório! — exclama, adentrando o quarto. Parece vestida para um ensaio fotográfico.

Agatha se levanta e a cumprimenta com um aceno de cabeça.

— Traga um chá para nós, sim? — Sunsung pede.

Agatha assente, lança-me um olhar solidário e sai. Sunsung sorri, fecha a porta e vem sentar ao meu lado na cama.

— Preciso da sua ajuda — ela sussurra, embora apenas nós duas estejamos no quarto.

Lá vem.

— Para quê?

Ela olha para a porta, desconfortável, e me pede para chegar mais perto. Reviro os olhos e

me aproximo dela. Sunsung tem cheiro de

PERIGOSAS

morango.

— Precisamos colocar em ação a Operação Naja Venenosa — sussurra com a mão em

concha apoiada no rosto.

Faço careta.

— Operação o quê?!

— Shiiii! — Ela cobre minha boca com a mão. — É ultra secreto.

Afasto sua mão de mim.

— Diga algo que faça sentido!

Sungung suspira.

— Ela está vindo para cá.

— Ela quem? — Franzo a testa.

— Como assim Ela quem? É quase setembro!

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— E daí?

— DeVil nunca te disse quem sempre vem visitá-lo em setembro? — Ela ergue uma sobancelha.

Sacudo a cabeça negativamente.

— Aigoo! A Bruxa das Trevas, a Rainha do Pântano do Mal, a Naja Venenosa...

— Ahn...

— A madrasta dele!

Fico boquiaberta.

— O-o quê? — Seguro seu braço. — Está... está falando sério? É sério mesmo?

— E eu brincaria com algo assim?

Cubro a boca. A mulher responsável por destruir a vida de Cruel está vindo?

NACIONAIS - ACHERON

— Como... No que posso ajudar? — Sacudo o braço de Sunsung.

Ela franze a testa para mim.

— É, pela sua reação parece que ele te contou sobre ela — assente. — Preciso que você

tire DeVil da casa amanhã. Tipo, durante o dia todo.

Como é que é?

— Preciso evitar qualquer contato entre DeVil e a Naja — explica Sunsung. — Ele

realmente vai enlouquecer se a vir.

Coço a cabeça.

— Tá, mas por que eu? — Cruzo os braços. — Você mesma pode tirá-lo da casa.

Sunsung faz cara de tédio.

— Eu tenho que recebê-la, é óbvio! Ou você acha

PERIGOSAS

que mais alguém consegue aturar aquela
bruxa? Além disso, ela me idolatra.

Suspiro.

— Isso não vai dar certo. Cruel nunca aceitaria
largar tudo para passar um dia inteiro
comigo...

Sunsung apoia um dedo no queixo, pensativa.
Então, seu rosto se ilumina.

— Relaxe. Eu tenho um plano perfeito.

Por alguma razão, suas palavras me deixam ainda
mais aflita.

Joxer coloca minha mala no porta-malas do carro
enquanto eu me acomodo no banco de

trás do veículo. Estou tiritando de nervoso,
pensando em quão ruim as coisas vão ficar se o

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

plano

de Sunsung ruir. Argh. Eu não devia ter concordado com isso.

São quase cinco da manhã e eu estou me preparando para uma viagem com Cruel para as montanhas. Detalhe: ele foi na frente e pensa que Sunsung e o diretor de arte dela vão encontrá-

lo lá para discutir um novo projeto, quando, na verdade, quem está indo sou eu. Só de pensar em

como ele vai ficar furioso, sinto o estômago embrulhar. Mas é tudo por uma boa causa. Vou ajudar

a mantê-lo longe da madrasta. Sim, preciso manter isso em mente.

O motorista entra no carro e olha para mim do banco do motorista. Reconheço o cabelo

loiro e o rosto bonito.

NACIONAIS - ACHERON

— Olá, senhorita Vallahar — diz Javier, com um sorriso luminoso. — Hoje sou eu quem vai servi-la.

Dou risada.

— Oi, Javier. Como vai?

— Não fiquem de conversinhas — resmunga Sunsung, apoiada na janela de Javier. —

Leve-a logo e volte para me buscar, tenho muitos lugares para ir antes da chegada da Naja —

ela diz a Javier, fazendo um charme óbvio.

Ele sorri e assente, tímido.

— Como desejar, madame.

Sunsung olha para mim.

— Boa viagem!

Quando chegamos ao aeroporto eu já sinto uma

PERIGOSAS

certa falta de ar. Javier me entrega minhas
passagens e me instrui sobre o que devo fazer
quando aterrissar, dizendo Sunsung arranhou
alguém para me levar até onde Cruel estará
esperando — não por mim, obviamente. O gentil
motorista de despede e eu aguardo meu voo. A
última vez em que viajei dentro de um avião foi
durante as férias que passei com meus pais na
praia. De certa maneira, a situação em que me
encontro agora me deixa um tanto nostálgica.

Não demora muito até eu avistar as montanhas
através da janela do avião e, aí sim, começo
a ficar nervosa de verdade. E se Cruel me mandar
embora? E se ficar tão furioso a ponto de
voltar para casa imediatamente e encontrar a
madrasta lá? O que eu faço? Sunsung me diria para
seguir o plano e, bem, eu não tenho outra escolha

NACIONAIS - ACHERON

agora.

Logo que deixo o avião, vejo um homem de terno esperando por mim com uma placa onde

meu nome está escrito. Ele é todo forte e usa óculos escuros. Agarro minha mala e me aproximo

com cautela.

— A viagem foi segura, senhorita Vallahar? — ele pergunta.

Arqueio as sobrancelhas. Ele já sabe quem eu sou.

— Fo-oi sim — gaguejo. E então acrescento rapidamente: — Senhor.

Ele estende a mão para mim. Permaneço estática.

— Sua mala, senhorita — ele pede. Sua voz é muito grave.

Estabanada, entrego minha mala a ele, que suporta o peso com facilidade. Com a outra

mão, ele tira um envelope branco de dentro do bolso do terno e me entrega.

— Madame pediu que eu lhe desse, mas não abra até estar em segurança no carro — ele

murmura.

Pego o envelope.

— O que é?

Ele se aproxima um pouco e diz em voz baixa:

— Dinheiro, chave de um quarto de hotel e os contatos da madame. Tudo para manter a

senhorita segura.

— Ah, entendi — assinto. — E eu... bem... como posso chamar o senhor?

Ele ajeita a gravata.

— Pope.

PERIGOSAS

— Pope? — repito, só para confirmar.

— Sim. — Ele olha o relógio de pulso. —
Precisamos ir agora, senhorita.

Concordo e o sigo até um carro preto e chique.
Pope dirige respeitando assiduamente as

regras de trânsito e não é muito de falar, apesar das
minhas tentativas de puxar algum assunto.

Decido abrir o envelope e encontro nele um cartão
de crédito dourado e brilhante, algumas notas

de cem, um papel de carta com telefones anotados e
uma chave prateada de um quarto no II

Palace Hotel. É bem a cara de Sunsung.

— Ahn... Pope? — chamo do banco de trás.

— Sim, senhorita?

— O senhor DeVil não está hospedado nesse tal
de... II Palace Hotel?

NACIONAIS - ACHERON

Pope sacode a cabeça.

— Não, ele está no destino planejado pela madame, à meia hora daqui.

— Meia hora?

— Sugiro que a senhorita abra essa sacola ao seu lado e vista o casaco e o gorro. O

tempo vai esfriar.

Franzo a testa. Estamos no fim do verão, não faz tanto frio assim. Então me dou conta de

que há lugares em que é frio sempre, não importa qual a estação ou época do ano. Me dou conta

também de que não tenho ideia de onde estou.

— Pope... onde... em que cidade estamos?

— Cidade? — ele resmunga. — Olhe lá fora, senhorita, estamos na estrada para Pico do

Inverno.

PERIGOSAS

Fico boquiaberta.

— Pico do Inverno tipo... o lugar mais frio do país?

— Estremeço só de imaginar.

— Certamente. A senhorita não consultou o destino de sua viagem na passagem de avião?

— Bem... Achei que ficaria na cidade grande.

Que coisa. Por que Sunsung me mandou justo para a Gelolândia? Cochilo por alguns minutos,

apesar de ter dormido durante o voo inteiro. Acordo quando o casaco e o gorro se fazem

necessários e admiro a paisagem pelos dez minutos restantes da viagem. Pope está calado e eu

respeito seu silêncio. Está bem frio. Chegamos.

O lugar mais parece um clube de snowboard, com cabanas de madeira, pistas de gelo e

gente bem agasalhada para todo lado. Parece que estou em outro mundo, deixando todos meus

NACIONAIS - ACHERON

problemas e dramas para trás.

Pope para o carro no estacionamento e nós descemos. Ele carrega minha mala e me

acompanha até a recepção do lugar. Tenho que admitir, é tudo muito aconchegante e bonito e me

lembra da época do Natal. Se não estivesse tão inquieta, eu talvez até me divertisse aqui.

— Bom dia, senhorita — diz a jovem recepcionista, sorridente. — Já possui uma reserva?

— Oh, sim — reviro meus bolsos, à procura do comprovante de reserva do quarto.

Subitamente sinto uma mão pousar em meu ombro.

— Ela está comigo — ouço-o dizer.

Eu congelo. Então suspiro e me viro devagar.

Cruel crispa os olhos para mim, desconfiado.

— Achei que você não chegaria nunca, Rosie.

Capítulo 23

Envolvo a caneca de porcelana com os dedos e saboreio o calor. Cruel e eu estamos na lanchonete

tomando chocolate quente. Ainda estou me recuperando do choque que foi encontrá-lo logo de cara na recepção.

— Como você soube que era eu? — pergunto, fitando minha caneca sobre a mesa.

— Foi por causa desse tom sem graça de loiro que seu cabelo tem — ele diz. — Eu

reconheceria em qualquer lugar.

Suspiro.

— Antes que queira me matar, é melhor que saiba que a ideia foi toda de Sunsung —

argumento.

— Ah, eu sei.

PERIGOSAS

Olho para ele.

— Sabe?

Ele confirma.

— Eu sei de tudo que me diz respeito, Rosie. Não há como manter essas coisas ocultas de mim.

Suspiro outra vez e beberico o chocolate. Olho para Cruel discretamente. Agora posso ver o

quanto a expressão em seu rosto é carregada, mesmo quando ele sorri. A história de seu passado

não sai de meus pensamentos. Será que ele pode ver em meus olhos que eu sei de tudo?

— Você sabe de tudo? — pergunto.

Ele cruza os braços atrás da cabeça e se estica na cadeira com um sorriso presunçoso.

— Que foi? Por essa você não esperava, não é?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Pouso a caneca na mesa.

— Como?

Ele ri.

— Sung me ligou há algumas horas — diz. —
Confesso que fiquei um tanto surpreso. Eu

não sabia que você teria tanta coragem a ponto de
desobedecer a principal ordem que eu te dei.

Mas aqui estamos, não é?

Argh. Ele está irritado. Engulo em seco e o encaro.

— Hum... então... nós vamos embora?

Cruel franze a testa.

— Embora? Por quê? Aquela coreana golpista já
pagou por nossa estadia mesmo. — Ele

me olha de canto de olho. — Não sei você, mas eu
sou totalmente contra o desperdício de dinheiro.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Pigarreio, contendo um sorriso. Engraçado como consigo ver o sentido por trás de suas

palavras e atitudes arrogantes agora. A personalidade de Cruel de repente parece bem mais decifrável.

— O que você quer fazer primeiro? — Ele apoia os cotovelos na mesa, fitando-me.

Encolho os ombros. Ele está falando sério?

— O que eu quero?

— É — Revira os olhos. — Isso aqui é um clube de snowboard. Você sabe patinar e essas coisas?

— Um pouco — meneio a cabeça.

— Certo.

Cruel se levanta abruptamente e me puxa pela mão, quase derrubando minha caneca meio

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

cheia de chocolate quente.

— Ei, deixe eu terminar...

— Vamos logo — Cruel resmunga, me arrastando.

Escolhemos ir primeiro a uma pista de gelo pequena e eu começo a me divertir de verdade.

Caio duas vezes e Cruel não faz questão nenhuma de me ajudar — na verdade, ele só fica

patinando pelos cantos numa tentativa infantil de me ignorar. Depois nós almoçamos, um tanto

quietos. Até agora, tudo corre bem tranquilamente e até parece que Cruel e eu resolvemos tirar um

dia de folga da vida que levamos em sua mansão. Ele até sorri de verdade vez ou outra.

Durante o início da tarde, participamos de uma guerra de bolas de neve e damos uma volta de teleférico.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Parece que estamos de férias — comento, quando nosso passeio termina.

Cruel concorda com um aceno de cabeça, mas não diz nada.

Acabamos nos inscrevendo em uma aula de esqui e eu sou praticamente engolida pelas

roupas acolchoadas e o equipamento de proteção. O professor me confunde com uma criança e

Cruel precisa intervir, dizendo que não é meu pai nem irmão mais velho. Uma senhora olha feio

para ele e resmunga que os homens de hoje em dia estão atrás de esposas muito mais jovens. Fico

envergonhada quando ela diz que eu não devia ter me casado tão nova.

— Intrometida — Cruel rosna quando ela se afasta.

Sinto meu rosto esquentar. Preciso mudar de assunto.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Você... ahn... sabe esquiari?

Cruel dá de ombros.

— Meu pai me ensinou há alguns anos.

— Oh.

— Você sabe? — Ele me encara.

Mordo o lábio e sacudo a cabeça em negativa.

Minhas pernas estão bambas de nervoso e

eu estou assustada. Patinar no lago congelado perto da minha antiga casa é uma coisa, descer

montanhas de neve é outra completamente diferente.

Cruel ri de minha reação.

— Se precisar de ajuda, peça ao instrutor. Eu estarei ocupado demais fazendo você engolir neve.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Faço careta e ele ri mais alto. O professor nos ensina os movimentos básicos, as táticas para proteção e pedidos de ajuda. Foco principalmente nessa última parte. Quando chega a minha vez de descer, estou tremendo da cabeça aos pés. Cruel já está lá embaixo, provavelmente tirando sarro da minha demora.

— Está tudo bem — diz o professor —, pode ir.

Há mais duas pessoas atrás de mim que provavelmente querem que eu ande logo. Mas estou assustada.

— Vocês... vocês podem ir na frente — digo, recuando.

Viro de costas para a descida e começo a me afastar, arrastando os pés com equipamentos pela neve fofa e pesada. De repente tropeço e escorrego. Meus esquis se enroscam e eu caio,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

rolando pela pista que eu deveria descer de pé.

Ouçoo pessoas gritarem, mas as vozes se afastam

conforme eu rolo na neve. Meu corpo bate contra coisas duras e faz manobras que doem, e eu

não consigo parar de rolar. Está muito, muito frio e eu grito até a garganta arder. Bato contra algo

duro e paro de rolar. Faço força para respirar e sinto vários pontos do meu corpo doerem. Meu

nariz e garganta ardem e eu não consigo me mexer. Tampouco chorar. Abro os olhos e vejo que

bati contra um pinheiro de tronco bem largo.

Ouçoo vozes ao meu redor e alguém me puxa.

— Chamem uma ambulância! — grita alguém.

— Os paramédicos já vêm! — outra pessoa diz.

Quero chorar. Todo o meu corpo dói muito e estou com medo de ter ficado paralítica. Não

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

consigo mover minhas pernas e braços, apesar de sentir dor. Isso é bom ou mau sinal?

— Sua idiota! — ouço Cruel gritar, bem perto de mim. — Qual é o problema com você?

Você é estúpida?

— Afaste-se, senhor, os paramédicos...

— Não toque em mim — Cruel rosna para o homem. Então segura meu rosto com as duas

mãos. Não sinto seu toque direito. — Fique acordada, entendeu? Não ouse desmaiar!

— Eu vi ela rolando até aqui embaixo — ouço alguém dizer.

Lágrimas escorrem de meus olhos. Estou apavorada.

— Pernas... — balbucio.

Cruel permanece segurando meu rosto.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— O quê? O que foi?

— Minhas... pernas...

Vejo seus olhos percorrerem meu corpo, mas não consigo ver sua reação por causa da

chegada dos paramédicos. Eles me levantam da neve e me deitam em uma maca. Realizam os

primeiros socorros e correm comigo para a ambulância.

— O senhor é o guardião? — escuto um paramédico perguntar.

— Sou, sou! — Cruel responde.

O cheiro de hospital dentro da ambulância me deixa ainda mais inquieta. Meu coração

martela em meus ouvidos e eu finalmente consigo chorar. Alguém segura minha mão.

— Shhh — sussurra uma paramédica. — Você vai ficar bem, está tudo bem agora...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Cruel... onde... ele está?

— Estou aqui, Rosie — ele diz, atrás da paramédica. Há algo estranho com sua voz. Parece rude, mas instável, como se ele estivesse forçando-a. — Não... não desmaie, entendeu?

— Converse com ela — pede a paramédica. — Para mantê-la acordada.

Ele assente e vem ficar ao meu lado.

— Não sei... o que... aconteceu — eu sussurro.

— O que aconteceu? — rosna, irritado. — Por que você foi tão descuidada? Você podia ter

morrido, Rosie. Morrido! Como pode ser tão egoísta? O que eu faria se você morresse?

— Eu... não...

A ambulância começa a andar. Meus olhos não deixam os de Cruel e os dele estão fixados

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

nos meus. Há algo naquele azul gelo. Medo.
Preocupação. E quando ele segura minha mão com

uma gentileza rústica e sem jeito, tenho certeza:
está preocupado comigo. Paro de chorar e

concentro-me no calor de sua pele fluindo para a
minha. meus olhos pesam. Cruel dá tapinhas em
minha bochecha.

— Não, não. Rosie, fique acordada...

Choramingo e aperto sua mão. A inconsciência me
atinge e eu não resisto.

Sinto-me flutuando, boiando, sem peso algum. Será
que estou dormindo nas nuvens? Respiro

com facilidade, sentindo um cheiro refrescante e
suave de menta e chuva, e meu coração se

acalma. Acho que é essa a sensação de segurança.
Eu poderia ficar assim para sempre — tirando

proveito dessa paz delicada e tão bem-vinda —,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mas sinto minhas pálpebras tremerem e acordo.

Estou desperta, mas não abro meus olhos. Ah, é. Eu sofri um acidente enquanto tentava

esquiar. Tento avaliar a situação em que meu corpo se encontra. Parece que fui triturada em uma

máquina de carne moída e depois esmagada por um rolo compressor. Mas a dor é suportável,

como aquela dor de um dia depois de fazer atividade física hiper pesada. Parece que não

quebrei nada, mesmo que doa.

Finalmente, abro os olhos, esperando encontrar o teto branco de algum hospital. Mas o teto

com o qual me deparo é de madeira escura. Quase não há luz no cômodo. Receosa, tento me

sentar na cama em que estou deitada, mas uma dor nos quadris me faz guinchar. Apoio-me em

meus cotovelos e tento entender onde estou. Algo

NACIONAIS - ACHERON

se mexe perto de meus pés e eu fico alerta.

Ouçõ um ronco. Tem alguém dormindo na beirada da minha cama?

Volto a me deitar. Não pode ser Cruel, pode? Ele não ficaria tão vulnerável perto de mim.

Puxo na memória e alguns flashes do que aconteceu na ambulância surgem em minha mente. Cruel

ficou terrivelmente irritado porque eu me descuidei e me feri, e ficou gritando comigo. É a última coisa de que me lembro.

Suspiro.

Mexo os pés e as pernas para garantir que estão bem. Meu joelho esquerdo estala um

pouco, mas não dói. Então mexo os braços e mãos, que também fazem sons esquisitos, mas

parecem funcionar como de costume. O único

problema é aquela dor no quadril. Acendo a luz do

abajur no criado-mudo ao lado da cama e espio novamente a figura deitada na beira da cama. É

Cruel, sim. Está sentado no chão de madeira, com a cabeça e os braços debruçados no colchão,

dormindo profundamente. Esfrego os olhos, duvidando de que ele seja real, e me aproximo o

máximo que minha condição permite. Cutuco seu ombro duas vezes, mas ele não reage. Meu

quadril dói novamente e eu me ajeito devagar, de modo que minha cabeça fica perto da dele e

meus pés escapem do colchão do outro lado da cama. Eu o observo dormir. Suas costas devem

estar doendo muito e ele deve estar bem exausto. Deve ter me trazido do hospital e caiu de

cansaço. Eu sou sua responsabilidade, afinal.

Hesitante e envergonhada, levanto a mão para tocar

seu rosto e tirar seu cabelo negro dos

olhos. O cheiro de menta e chuva que senti mais cedo vem dele, fresco e suave. Sua mão segura a

minha, de repente, impedindo-me de tocá-lo. Eu congelo. Cruel abre os olhos devagar e

permanece me encarando por vários minutos, sem nenhum de nós dizer nada. Quando estou a

ponto de saltar para o outro lado da cama, ele quebra o silêncio:

— Achei que você fosse morrer — sussurra.

Engulo em seco.

— Eu também achei.

— Por que está tão perto de mim? — Sua testa se enche de vincos. — Você é tão ingênua

ou apenas se faz de idiota?

Não digo nada. Ele continua:

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Você é uma garota ferida e sozinha em um quarto fechado com um homem, Rosie. E

consegue ficar ainda mais vulnerável do que já está. Qual é o problema com você?

— Você não faria nada comigo — sussurro. — Você não me vê dessa forma.

— Só pode estar brincando...

— Você não me enxerga como nada além de sua responsabilidade.

Cruel aperta minha mão.

— Você por acaso tem alguma noção do quanto dificulta a minha vida?

Puxo minha mão e me afasto dele. Ele tem razão. Estou fazendo o que não devia de novo,

tentando me aproximar dele de uma maneira que ele não pode corresponder. Argh. A dor no

quadril é tão forte que meus olhos se enchem de

NACIONAIS - ACHERON

lágrimas, mas eu escondo o rosto nos travesseiros.

Ouço Cruel andar pelo quarto e bater a porta ao sair. Ele estava tão perto de mim e tão bonito...

O que é que eu estou fazendo?

Durmo e acordo duas vezes antes de Cruel estar de volta. Ele parece bastante ocupado

com seu celular para prestar alguma atenção em mim, por isso tenho que pigarrear duas vezes

para ser notada.

— Eu... não devia estar no hospital? — pergunto, sem jeito. — Meu corpo ainda dói.

Cruel desvia o olhar e senta de costas para mim numa poltrona de couro.

— Aparentemente, seus ossos são feitos de ferro — ele diz —, mas não se pode dizer o

mesmo sobre seus músculos. Não houve fraturas, apenas lesões. Você deve estar bastante dolorida

PERIGOSAS

por ter dormido o dia todo também.

Franzo a testa.

— O dia todo?

Ele me olha por cima do ombro.

— Perdeu a noção do tempo? O acidente foi anteontem.

— Oh.

Deve ser por isso que me sinto bem descansada, apesar de dolorida. Mas, caramba,

anteontem? Algo me ocorre e eu sinto meu rosto esquentar. Estou de pijamas — que, por sinal,

ficam enormes em mim — e sem sutiã. Cubro o colo, instintivamente.

— Quem... que-em me trocou?

Cruel olha para mim por cima do ombro de novo e leva um tempo para entender sobre o

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que estou falando.

— Ah, isso. Não se preocupe, uma enfermeira te deu banho e eu te vesti com a primeira

coisa que encontrei na mala.

Arregalo os olhos.

— Você fez o quê? — grito.

Cruel ri com sarcasmo.

— Não exagere. Fiz isso por obrigação.

Atiro um travesseiro nele, ofendida.

— Ah, sua... — Ele ergue o travesseiro para jogar de volta, mas para. Desvio o olhar

quando ele me avalia com os olhos. — Hum. Desculpe. Quis dizer que fiz isso porque foi preciso,

não porque eu quis... ahn... você sabe.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Eu sei — rosno.

Cruel suspira.

— O que você quer jantar? — pergunta ele.

Abraço um travesseiro. Já é hora do jantar?

— Não sei... tanto faz.

— Que tal aquilo que comemos na festa de Carson?

Só de lembrar da comida da festa, sinto muita fome. Mas não quero que Cruel perceba que pode me comprar com comida.

— Pode ser — digo, tentando soar sutil.

Ele dá um sorriso suspeito.

— Vou pedir serviço de quarto. Você quer sobremesa?

Crispo os olhos.

NACIONAIS - ACHERON

— Você é o mesmo Cruel de cinco minutos atrás?

— brinco. — Por que está sendo tão

atencioso?

Ele revira os olhos.

— Você é a mesma Rosie chata de sempre. Sempre pegando no meu pé e levando a sério

tudo o que faço ou digo.

Crispo os lábios.

— É você quem devia ser mais direto então — resmungo.

— Mais direto? — Ele ri. — Eu?

— Sim. Devia dizer sempre o que pensa, não tentar bancar o arrogante descolado —

Reviro os olhos. — Não é como se esse fosse seu verdadeiro eu, de qualquer forma.

Cruel coloca-se de pé, com as mãos nos bolsos do

pulôver.

— Mesmo? E o que você sabe sobre meu verdadeiro eu?

Suspiro.

— Preciso mesmo dizer? — Sacudo a cabeça para ele. — Você fica aí, tentando convencer

a si mesmo de que é um cara ruim, que não liga para os sentimentos dos outros e que só se

importa com você mesmo. Mas nada disso é verdade. Você é determinado, esperto e não gosta de

receber reconhecimento por ajudar as pessoas. Você coloca uma expressão de desdém no rosto

sempre que se importa muito com algo, só para disfarçar seu interesse. Você diz coisas sérias em

tom de piada para que ninguém leve a sério o que você diz e, dessa forma, não conheça suas

PERIGOSAS

opiniões e fraquezas. Você evita ter amigos e evita se envolver emocionalmente com outras

pessoas porque já foi muito machucado e decepcionado e tem medo que a situação se repita. É o

suficiente ou quer que eu continue?

Cruel me encara inexpressivo. Meu coração está quase para explodir. Nem eu mesma me

dei conta de que sei tanto sobre ele até dizer em voz alta. Ele me dá as costas e posso ver seus

punhos cerrados. Suas mãos estão... tremendo? Ele suspira e caminha até estar a dois passos de

mim, perto da cama. Eu olho para seu rosto e vejo dor. Vergonha. Abraço com mais força o

travesseiro, numa tentativa de conter a vontade que tenho de correr os meus dedos por seu rosto e

expulsar aquela expressão de seu semblante.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Ainda assim... — um fio de voz sai de seus lábios. Cruel faz uma pausa e engole em

seco. — Mesmo sabendo de tudo isso sobre mim... e tendo que ouvir minhas inúmeras ofensas... e

tendo suportar minhas oscilações de humor... ainda assim, como você pode dizer que me ama?

Ele está tremendo. As mãos, os braços, os ombros. Tudo tremendo e lágrimas nos olhos azuis.

— Diga! — Cruel grita, assustando-me. — Como você consegue? Como você pode sequer

pensar em me amar, sua idiota? EU SOU UM LIXO! — Ele me segura pelos ombros e me sacode. —

Eu não sirvo para você, entendeu? Eu fiz de tudo para ferir seus sentimentos, te machucar, te

afastar, te manipular! Então por que você não desiste? Por que você não se abala nunca? Por que

você me ama?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ficamos olhando um para o outro, paralisados.
Lágrimas escorrem dos olhos de Cruel num

evento inédito. Eu nunca o vi nesse estado antes.
Desesperado. Inseguro. Derrotado. Eu sei que ele

é mais que isso. Ele me machucou, mas me fez
sorrir. Ele me afastou, mas também me pediu para

estar ao seu lado. Ele me manipulou, mas disse a
verdade quando foi preciso me rejeitar. Eu não

quero que ele se afogue no poço dos próprios
pecados.

Envolvo meus braços em seu pescoço e o abraço
mais apertado do que um dia já abracei

alguém. Meu quadril protesta, mas eu ignoro a dor.
Cruel não me afasta.

— Eu amo você porque você me fez ser alguém
melhor — digo, segurando o choro. —

Você me obrigou a me impor e eu encontrei
coragem escondida bem no fundo de mim. Você

NACIONAIS - ACHERON

me

obrigou a lutar pelo meu ponto de vista cada vez que cometia uma injustiça comigo. Você me

obrigou a ser determinada e lutar por quem eu amo quando rejeitou meus sentimentos. — Afundo

meu rosto em seu peito. É quente. — Você não é um lixo. Você não é mau. Eu não o amaria se

fosse mesmo assim.

— Qual o problema comigo, então? — sua voz está embargada.

Afasto-me para olhá-lo nos olhos.

— Você só está machucado, Cruel. As pessoas se machucam às vezes.

Ele funga e me abraça apertado pela cintura. Faço uma careta de dor.

— Faça um favor a si mesmo — digo, abraçando seus ombros. — Me deixe curar você. Sei

que sou só uma garota órfã que não sabe muito sobre o seu mundo, mas... se me deixar...

— Você é, provavelmente, a única pessoa em toda face da Terra capaz de fazer isso, Rosie.

Capítulo 24

Soltamo-nos do abraço apertado com certa estranheza. Meu rosto esquenta e eu não

consigo olhar Cruel nos olhos. Ele também parece bastante desconcertado. Apoio uma mão no

colchão e me sento, sentindo dor.

— Está doendo? — Cruel pergunta, meio sem jeito.

Faço careta e assinto, voltando a me deitar.

Ele enxuga o rosto rapidamente com as mangas do pulôver e enfia as mãos nos bolsos.

Depois tira e as apoia na nuca.

— Ah, serviço de quarto — lembra. — Você... vai

PERIGOSAS

querer sobremesa?

— Quero, sim.

— Tem um copo d'água e remédios para dor ali —
Cruel aponta para o criado—mudo ao
meu lado.

Assinto, grata.

— Eu já volto — ele diz e deixa o quarto
apressadamente.

Logo que a porta se fecha, eu cubro meu rosto com
as mãos. Risinhos bobos escapam de

minha boca e, apesar da dor, sinto um frio bom na
barriga. Isso tudo realmente aconteceu? Cruel...

me deixou entrar em sua redoma de solidão?
Significa que ele também tem sentimentos por
mim?

Abraço um travesseiro, mais ansiosa do que nunca.
Uma pontada de dor me lembra que

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

tenho que tomar o remédio e é o que eu faço,
apesar de estar de estômago vazio.

Quando Cruel retorna, estou toda mole e sonolenta.
Ele traz com ele sacolas de papel

pardo com um cheiro maravilhoso que não pertence
às comidas chiques da festa de Carson, mas a

hambúrgueres fresquinhos. Fico com água na boca.

— Eles não fazem lasanha norueguesa aqui —
resmunga Cruel —, então eu trouxe isso.

Ele não parece muito satisfeito.

— Aquilo na festa era lasanha norueguesa? — rio.

Cruel deposita as sacolas na mesa de centro do
quarto.

— Você prefere comer na cama ou...?

Estendo a mão para ele.

— Eu agradeceria se você me ajudasse a levantar.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Sentamo—nos um ao lado do outro nas poltronas diante da mesa de centro. Noto que uma

lareira deixa o quarto aquecido e bonito e torna desnecessário o uso de luz elétrica. Cruel e eu

comemos em silêncio, ainda constrangidos. Vez ou outra ele fala sobre assuntos aleatórios e eu

contenho minhas risadas, pois não quero que ele saiba o quanto é fofo quando fica envergonhado.

Parece um novo Cruel agora.

— Ainda está com dor? — ele pergunta, assim que terminamos de comer.

Sacudo a cabeça em negativa.

— O remédio fez efeito, então estou melhor.

— Eu trouxe isso para sua sobremesa — Ele fuça na sacola e tira um pacote de jujubas de dentro.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Sinto meu coração amolecer. Desde pequena,
jujubas são meus doces favoritos e me

lembram muito meu pai. Ele trabalhava em uma
loja de doces que sempre me pareceu quase

mágica e trazia com frequência pacotinhos de
jujubas para mim. Eu ficava acordada até tarde

esperando para comê—las com ele e então minha
mãe escovava meus dentes e os dois me

colocavam para dormir. É claro que Cruel não sabe
nada sobre isso, mas ainda assim seu gesto

significa muito para mim.

Ele me entrega, um tanto irritado.

— Eles não tinham nada melhor que isso na
lanchonete — resmunga.

Pego o pacote e dou risada.

— Eu adoro jujubas. Obrigada.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Cruel nada diz. Abro o pacote, pego uma jujuba e ofereço a ele.

— Não, eu não como esses doces — ele se coloca de pé, de costas para mim. Então se vira

e se aproxima, tomando—me nos braços.

Ele me deita na cama e me cobre com os cobertores, sem olhar para mim.

— Tem mais remédios na gaveta se você precisar
— murmura.

Assinto, mastigando minhas jujubas.

— Estou cansado e tenho certeza de que você também está, então... boa noite — ele coça a

testa. — Eu... estou no quarto ao lado, se precisar.

Sorrio. Realmente estou a ponto de apagar.

— Obrigada. Bo—oa noite.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Nossa viagem de volta é silenciosa e confortável.
Eu durmo bastante por causa dos remédios

para a dor que Cruel me fez tomar e nas poucas
vezes em que acordo, já no avião, ele está ao
meu lado como a personificação da tranquilidade.

É bastante óbvio que as coisas mudaram muito
entre nós dois após a noite passada. Não sei

se Cruel ficou tocado por meu discurso
constrangedor ou por meu acidente. De início,
penso que ele

está com pena de mim, mas não parece muito
provável porque não combinada na com sua

personalidade. Posso até ouvi—lo dizer Pena? Não
tenho tempo nem ânimo para ter pena de

ninguém!, todo esnobe. Tampouco acho que Cruel
está apaixonado por mim. Seria pedir muito dele

em tão pouco tempo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Acordo de vez quando nosso avião pousa e nós desembarcamos.

— Vamos ao hospital agora — diz Cruel, assim que pegamos nossas malas. — Quero que

um médico dê uma olhada em você.

Faço careta.

— Para quê?

— Como para quê? Você sofreu um acidente, esqueceu?

Acidente. Ah, é. Mas... que acidente foi esse mesmo? Minha cabeça dói quando me esforço para lembrar.

Cruel me puxa pelo cotovelo.

— Venha, eu dei ordens ao meu motorista para nos esperar lá fora.

Suspiro.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Tá bem...

— Depois do hospital... hum... você quer... ir a algum lugar?

Dou risada.

— Algum lugar?

Cruel desvia o olhar e coça a testa.

— É, algum lugar. Tipo... sorvete? Ou... ah, tanto faz — ele solta meu braço e começa a andar — eu realmente não sei fazer isso.

Tão fofooo!

— Eu entendi, eu entendi — seguro seu braço, fazendo—o parar para olhar para mim. —

Hospital e depois sorvete. Eu topo.

Cruel revira os olhos e me puxa para a saída do aeroporto. Tento não sair saltando de

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

alegria como uma criancinha contente, mas sinto borboletas no estômago. Argh. Quando foi que fiquei tão boba?

— Qual seu sabor preferido de sorvete? —
pergunto a Cruel.

Ele pensa por alguns instantes.

— Hum... avelã? Eles fazem sorvete de avelã, não fazem?

— Fazem — rio. — O meu favorito é creme com cobertura de chocolate. Uma vez eu experimentei...

Vejo o rosto de Cruel congelar numa expressão infeliz e acompanho sua linha de visão até

me deparar com três carros pretos lustrosos cercados por homens vestidos de preto e com óculos

escuros. Bem impressionante.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Puxa, quem eles vieram buscar? — comento. —
Algum príncipe?

— Maldita — Cruel rosna.

Arregalo os olhos. O que ele...?

Uma senhora desce de um dos carros com a ajuda
de um dos homens de preto. É toda

pomposa, vestida como uma verdadeira dama, um
tanto rechonchuda e baixa. O aperto de Cruel

em meu braço se intensifica e ele me puxa para trás
de si rapidamente.

— Cruel...

— Cale a boca — ele sibila, com urgência no olhar.

Fico em silêncio, confusa.

Ouçó o som de sapatos batendo contra o chão e, de
repente, uma voz feminina diz:

— Oh, meu querido, que saudades!

NACIONAIS - ACHERON

Engulo em seco. É aquela mulher que acabei de ver chegar?

— Dalila — Cruel resmunga. — Por que voltou?

A mulher choraminga.

— Isso é jeito de receber sua mãe tão querida?

Mãe?

— Você devia vir só na próxima semana, Dalila. O que quer aqui?

— Não diga isso, querido... Eu simplesmente fiquei entediada mais cedo esse ano! Dubai

estava tão monótona que eu simplesmente não pude suportar ficar lá por mais tempo.

— Isso é problema seu.

Cruel me puxa pelo braço e começa a caminhar para longe dela, mas a senhora o

intercepta. Nós paramos; ela me vê e eu a vejo. Sua

expressão é quase tempestuosa.

— Quem é essa, Cruel?

Olho surpresa para Cruel. A mulher disse o nome dele.

— Ela não tem nada a ver com você — ele responde, me escondendo novamente.

Os olhos verdes da mulher se crispam para mim.

— Quando Sunsung me contou, não pensei que realmente fosse verdade — resmunga ela.

— Essa... garota... é a que perdeu os pais no incêndio? Como... como você ousou trazê—la para debaixo do seu teto, Cruel?

— Não me repreenda! — Cruel grita, assustando a nós duas. — Você não tem esse direito.

— Você adora me diminuir, não é?

— Não vou mais perder tempo com você...

PERIGOSAS

— Ela chega hoje, Cruel — Dalila segura o braço dele. Os dois trocam olhares significativos

por longos segundos.

De repente Cruel dá—lhe as costas e me puxa junto com ele novamente. Ele rosna

palavrões enquanto nos dirigimos para seu carro e parece tão furioso e fora de si que duvido que

nossos planos de ir tomar sorvete ainda estão de pé.

— Senhor... — o motorista dele abre a porta.

Cruel me empurra para dentro e fecha a porta. Então entrega as malas para o motorista.

— Leve—a para casa em segurança — diz ao homem.

— Sim, senhor.

— Ei, Cruel — tento abrir a porta, mas ele a fecha novamente.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Encaro—o, completamente perdida e ele devolve meu olhar com inexpressividade. Como se estivesse morto.

O motorista adentra o carro, dá partida rapidamente e começamos a andar. Observo,

impotente, pela janela enquanto Cruel fica para trás, encarando—me com a indiferença de

sempre. Sinto uma pontada de dor na cabeça e me pergunto qual foi mesmo o motivo dessa

viagem idiota. Faço muita força para lembrar, mas minha cabeça dói ainda mais e uma única

imagem de Sunsung conversando comigo em meu quarto. Só que não consigo me lembrar sobre o que foi.

Isso me assusta. Muito.

Não consigo me lembrar em detalhes das coisas que fiz antes do... acidente? Foi que tipo de

NACIONAIS - ACHERON

acidente mesmo? Eu fui atropelada por um trenó ou algo assim? Caí da escada da pousada?

O motorista para o carro antes que eu me dê conta e vejo Agatha se aproximar e abrir a

porta para mim. Ela parece preocupada.

— Rosie! Que bom que você está bem! — me abraça com força assim que desço. Fico tonta e cambaleio.

— Agatha...

— O senhor DeVil me ligou e contou sobre o acidente, fiquei tão preocupada!

— Agatha, minha cabeça...

Ela me segurou pelos ombros, firmando—me de pé.

— Oh, querida... Você não está bem. Venha, vamos entrar.

PERIGOSAS

— Não consigo me lembrar, Agatha — apoio—me nela enquanto entramos na casa de

cheiro tão familiar. — E—eu... que tipo de acidente eu sofri? E por que Cruel não veio para casa

comigo?

Agatha acaricia o topo de minha cabeça.

— Você está cansada por causa da viagem e não se recuperou totalmente. Descanse

bastante e depois conversamos.

Ela me ajuda a chegar ao meu quarto e eu caio na cama e abraço meus tão queridos

travesseiros com força. Relaxo. Estou melhor, estou em casa. Não sabia o quanto já estou

acostumada a esse lugar gigante, mas agora sei que é muito. Agatha tira meus sapatos e me cobre

com o edredom cheirando a amaciante. Então

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

apaga a luz e sai.

Eu suspiro. E adormeço em dois segundos.

Acordo assustada em um lugar estranho.

Nunca estive em um quarto assim e, confesso, fico apavorada. Estou deitada em uma boa

cama e coberta confortavelmente. Há pouca iluminação no cômodo, mas vejo que é claro,

arrumado e feminino. É luxuoso demais para o meu gosto e eu me pergunto como foi que eu vim

parar aqui.

Levanto—me da cama e piso em um par de sapatos. São... meus? Eu tenho sapatos tão

bonitos assim. Olho para as roupas que estou usando. Não são as minhas roupas. Mamãe sempre

as comprou e essas aqui definitivamente não foram

NACIONAIS - ACHERON

ela. O que está acontecendo?

Calço os sapatos e eles me servem perfeitamente.
Estranho. Caminho devagar e

silenciosamente até a porta do quarto e abro uma
fresta. O corredor parece de um hotel chique.

Saio do quarto e fecho q porta atrás de mim. Sinto
um cheiro muito familiar, mas não consigo

associá—lo a nenhuma das minhas memórias.
Onde estou? Como vim parar aqui? Onde...

Um homem surge no fim do corredor e me vê. Eu
congelou contra a parede.

Ele diz meu nome cheio de intimidade e se
aproxima. Assustada, saio correndo pelo

corredor até topar com uma parede. O homem está
logo atrás de mim quando me viro e me

encara, aparentemente muito confuso. Minhas
pernas fraquejam. Ele é jovem e bonito, o que quer

PERIGOSAS

comigo? Mais importante, como ele sabe meu nome?

— Rosie? — ele diz, inclinando a cabeça para o lado.

Aperto—me ainda mais contra a parede.

O que ele quer?

— Que—em... — gaguejo. — Quem é vo—você?

Ele arregala os olhos, perplexo por um momento. Vejo uma confusão de emoções tomar

conta de sua expressão e ele dá um passo em minha direção.

— Fique... fique longe de mim! — grito.

— Rosie... está tudo bem — ele diz, cauteloso. — Sou eu, Rosie... você está segura e bem.

Do que ele está falando?

— Se der mais um passo... eu vou gritar por

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

socorro...

Estou tão assustada que vou chorar. Onde estou?
Por que tem um homem me perseguindo?

Onde estão os meus pais?

— Rosie...

— Que lugar é esse? — pergunto, tremendo. —
Como cheguei aqui?

O homem dá outro passo em minha direção e me
segura pelos pulsos.

— Me solte! — grito, sacudindo—me.

— Rosie, sou eu! Olhe para mim! Olhe para mim!

— Não! Não!

Ele me agarra e me prende contra seu peito. Todo o
meu corpo recebe um choque de

adrenalina e eu reúno coragem suficiente para chutá
—lo no meio das pernas. Ele urra e me solta.

NACIONAIS - ACHERON

— Rosie... — arqueja. — Sou eu... Cruel...

— Não se aproxime de mim! — choro e saio correndo.

As paredes do corredor parecem altas e maléficas e começam a se fechar ao meu redor

conforme corro. Cubro a cabeça e grito.

O que está acontecendo comigo?

Capítulo 25

A memória do olhar assustado de Rosie está gravada em meu cérebro como uma tatuagem.

Ela nunca me olhou daquela maneira antes. Nem mesmo na primeira vez em que nos

encontramos na delegacia, no dia em que seus pais morreram e sua vida desabou. Eu pensei que

ela seria como um gatinho assustado para sempre, obedecendo a todos os meus comandos e

temendo me desagradar, mas Rosie se tornou uma garota difícil de intimidar. Até agora.

O médico ao qual eu a levei logo após o acidente na pista de esqui me disse que Rosie

sofreu uma pancada forte na cabeça e que isso poderia resultar em algumas sequelas. Disse que

ela poderia sentir muitas tonturas, ter problemas de visão e que poderia esquecer de algumas

coisas sobre o acidente, como forma de proteger a si mesma da lembrança do trauma. Mas ele

nunca disse que ela esqueceria de quem eu sou.

Ela não pode esquecer de quem eu sou.

Mesmo que eu me sinta um lixo, quero ela do meu lado. Rosie é simplesmente a única pessoa

que consegue enxergar algo de bom em mim, mesmo conhecendo meus defeitos. Quando ela está

por perto, eu me sinto uma pessoa menos pior do

que sou, simplesmente por que aquela garota
tola acredita em mim e diz que me ama. Sei que
sou egoísta o suficiente para mantê—la por perto
para me sentir melhor comigo mesmo e, ainda que
eu não possa corresponder seus sentimentos,
quero fazer por Rosie o que estiver ao meu alcance
para que ela não saia do meu lado tão cedo.

Mas as coisas mudaram agora.

Ela tem medo de mim. Ela esqueceu de tudo.

Será que os sentimentos também desaparecem
junto com as memórias?

— Senhor...

Viro—me a tempo de ver Agatha entrar em meu
escritório, tensa de preocupação.

— Como ela está? — coloco—me de pé,
instintivamente.

Agatha cruza os braços.

— Eu conversei com ela e ela não tem ideia de quem eu sou, senhor — baixa a cabeça. —

No entanto, de alguma forma, ela me ouviu e se acalmou. Está descansando no quarto dela agora.

Suspiro e caminho até a porta. Agatha entra em meu caminho, impedindo—me de prosseguir.

— Deixe—a dormir um pouco, senhor. Rosie precisa de um tempo...

— Eu sei o que estou fazendo — rosno, desviando—me dela.

Caminho a passadas largas até o quarto de Rosie. Eu venho aqui todas as noites para ter

certeza de que ela não desapareceu — no começo, foi para garantir que Rosie não fugisse outra

vez, mas agora tornou—se um hábito difícil de

matar.

Pouso a mão na maçaneta dourada e hesito. Eu me odeio por parecer tão precipitado.

Talvez tudo isso seja culpa minha por mandá—la para casa sozinha. Não, não. Não foi minha

culpa, foi de Dalila. De todas as heranças que meu pai me deixou, sua esposa é, de longe, a mais

inútil e prejudicial de todas. E agora ela me arranjou um casamento por contrato e conseguiu

transformar o inferno que é a minha vida em algo ainda pior.

— Desgraçada... — sibilo, batendo com a testa na porta.

Ah, se eu pudesse fazê—la desaparecer...

De repente, a porta se abre e eu cambaleio. Rosie está diante de mim, as roupas

amassadas, o rosto inchado e os cabelos dourados

PERIGOSAS

bagunçados. Ela me vê e arregala os olhos.

Então ameaça fechar a porta.

— Espere, espere — peço, mais suplicante do que eu gostaria de parecer.

Rosie hesita por um segundo e é o suficiente para que eu consiga irromper no quarto. Ela se

afasta de mim e olha de soslaio para sua cama.

Ah.

Ela acha que eu tenho aquele tipo de intenções.

— Você... — começo a dizer. Por que estou nervoso? Pigarreio. — Pode ficar tranquila,

Rosie, eu... eu não vou nem encostar em você a menos que me peça.

Há certa hostilidade em seus olhos verdes agora. De fato, a "Rosie gatinho assustado" não

voltou — eu sou grato por isso.

NACIONAIS - ACHERON

— Por que eu pediria a você uma coisa assim? —
ela pergunta.

Suspiro, recostando—me contra a parede perto da
porta.

— Você pode até não se lembrar, mas é
completamente apaixonada por mim, Rosie —
digo,

enfiando as mãos nos bolsos.

Ela franze a testa e ri.

— Apaixonada? — Rosie arqueia as sobrancelhas.
— Por que eu me apaixonaria por

alguém tão... tão convencido que não respeita o
espaço das outras pessoas?

— Acontece que você perdeu parte de suas
memórias — resmungo —, então não se lembra
de tudo o que nós, hum, passamos juntos.

Rosie hesita e me avalia da cabeça aos pés. Suas

expressões parecem muito mais fortes e

ela parece quase... feroz? Não sei bem se essa é a palavra certa para descrever uma garota

pequena de dezessete anos, mas é a única que me vem à cabeça quando olho para Rosie.

— Nós... — Ela hesita e desvia o olhar. Mas então respira fundo e pergunta: — Nós somos namorados ou algo assim?

Oh.

Não pensei que ela iria tão direto ao ponto assim.

— Bem... — pigarreio. — Algo... algo assim.

Rosie ri com sarcasmo. Não parece convencida.

— Nós já nos beijamos? — ela cruza os braços.

Engulo em seco.

— Algumas vezes.

— Hum. E nós já...

Desvio o olhar. Do que essa maluca pensa que está falando?

— Não — responde categoricamente. — Nós apenas nos beijamos.

Pelo canto do olho, vejo—a assentir. Toda essa situação fica mais estranha a cada segundo.

Rosie está estranha. É como se ela erguesse barreiras que me impedem de me aproximar. A Rosie

normal nunca fez isso antes.

— A sua voz é familiar — ela diz, de repente. — Seu rosto e o modo como você fala, nada

disso é muito estranho para mim. Por isso eu... eu acredito no que está dizendo.

Olho para ela. O sarcasmo e a petulância já não estão mais presentes em sua expressão.

PERIGOSAS

— Hum — assinto.

— Eu tenho muitas perguntas — ela diz, fazendo careta.

— Pode perguntar o que quiser — dou de ombros.

Rosie me olha com desconfiança.

— Você vai me responder?

— Sim — dou de ombros.

— Qualquer coisa que eu perguntar?

Suspiro.

— É, pergunte o que quiser — resmungo. — Vou me esforçar para responder.

Ela assente e senta—se na poltrona, pensativa.
Passa os dedos pelos cabelos e fica

encarando as unhas dos dedos das mãos pelo que parece uma eternidade.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Quero começar pela que mais está me incomodando — Rosie diz, finalmente.

— Vá em frente — gesticulo com uma das mãos.

Ela morde o lábio.

— Onde estão os meus pais?

Não vejo Rosie há dois dias.

Coube a mim contar—lhe sobre a tragédia que tirou a vida de seus pais e destruiu todos os

seus pertences. Ela ficou simplesmente desolada e se trancou no quarto. No primeiro dia, não

permitiu nem que mesmo Agatha entrasse. No segundo, mais controlada, fez uma refeição sozinha

e trancou a porta novamente. Sei de tudo isso porque pedi aos empregados para me relatarem o

que ela fizesse de meia em meia hora.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Paranoico, eu sei.

Infelizmente, não consigo esconder minha inquietação por muito tempo. Quero levá—la a um

médico que faça suas memórias voltarem o quão antes possível, porque preciso da antiga Rosie de

volta. Odeio — detesto com todas as minhas forças — admitir isso, mas preciso dela. E, para tirá—

la de casa, preciso que ela queira sair de casa.

Ajeito os papéis sobre a mesa de meu escritório e reviso mais uma vez as cláusulas dos

contratos. A segunda coisa mais inútil que meu pai me deixou foi o cargo de presidente em sua

empresa. Meu vice presidente e os outros funcionários dedicam todos os segundos de suas vidas

para encontrar e revelar ao mundo alguma falha que eu, por acaso, venha a ter. São um bando

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

de lobos disfarçados de ovelhas, apenas esperando que eu dê um passo em falso para me

derrubar de uma vez por todas. Eu simplesmente finjo que não sei de nada e capricho na atuação

quando eles estão ao meu redor. Eles acham que confio neles e acham que são importantes para a

empresa. Pobres coitados. Uma ordem minha e estão todos na rua.

Sunsung me contou que soube de alguns rumores sobre a insatisfação deles com meu

gerenciamento, na última festa de Carson. Por algum motivo, isso me incentivou ainda mais a

desenvolver meus joguinhos e pegá—los em suas próprias armadilhas. Sei muito bem que o

principal incitador é Otavius, o vice presidente. Ele será o primeiro a cair pelas minhas mãos e

todos os outros não suportarão a pressão. Vão entregar uns aos outros.

NACIONAIS - ACHERON

Ouçõ três toques na porta já aberta do escritório.

Sunsung adentra o cômodo com seu andar de gata perspicaz.

— Muito bom dia, querido — ela diz, acomodando —se numa cadeira de frente para mim.

— É — resmungo, fitando os contratos.

Sunsung apoia os cotovelos sobre a minha mesa. Detesto que ela faça isso.

— E então, como ela está? — pergunta, como quem não quer nada.

Encaro—a.

— Você veio até aqui só para me perguntar isso?

Sunsung revira os olhos e ri.

— Aigoo, não aja como se não estivesse tiritando de preocupação... — Ela ergue uma

sobrancelha para mim. — Você realmente se

tornou um lolicon pervertido, não é? Eu sabia!

Bato a mão na mesa com força. Qual é o problema com essa mulher idiota?

— Loli...! Você é doente? Que direito você tem de dizer algo assim? — aponto o dedo para

ela. — Não é você que vive dando em cima daquele motorista?

— Cale a boca — ela dá um tapa em meu dedo. — Pare de fugir do assunto. Você sabe

muito bem que o relacionamento de vocês é estranho e errado, DeVil. Ela tem dezessete e você, vinte e seis. Isso é...

— Eu sei — rosno.

— Se o juizado de menores sequer desconfiar, você vai perder a guarda dela e ainda pode parar na cadeia...

PERIGOSAS

— Eu sei.

— Eu entendo que surge o desejo de estar perto quando se começa a desenvolver

sentimentos por alguém...

Bato na mesa mais uma vez.

— Que sentimentos? — Coloco—me de pé, inquieto. — Não tem isso de sentimentos,

Sung.

Ela não diz nada, o que é realmente assustador. Sung sempre tem algo a dizer sobre

tudo.

— Rosie... Rosie é só a garota sob minha guarda — murmuro, fitando minha estante de livros

velhos e empoeirados. — Eu vou... vou cuidar dela e... vou fazer o possível para que ela fique

bem, como um guardião deve fazer. Não há

NACIONAIS - ACHERON

possibilidade alguma de existir essa coisa de sentimentos. Por que você me aborrece com esses assuntos, sua idiota?

— Ah, me desculpe se eu só apontei o óbvio —
Sung se levanta.

Olho para ela e ela devolve meu olhar. Está mais séria do que de costume. Nós discutimos assim ocasionalmente, mas o olhar em seu rosto parece bastante agourento hoje.

— Faz tempo que eu não o vejo assim — ela sussurra.

Trinco os dentes.

— Vá embora.

E ela vai.

— Ela virá, senhor — diz Agatha, assim que

irrompe na sala de jantar.

— Mesmo? — dou um pulo da cadeira, derrubando um copo vazio na mesa.

Agatha me olha de um jeito estranho e eu pigarreio, tentando disfarçar. Eu pedi que ela

chamasse Rosie para jantar comigo hoje. Mesmo que não se lembre, nós jantávamos juntos quase

sempre antes de Rosie perder a memória. Esse tipo de coisa não deve mudar agora, certo?

Os empregados servem o jantar no mesmo horário de sempre, mas Rosie demora a chegar.

Talvez ela não se lembre que eu simplesmente odeio atrasos e odeio mais ainda que me façam esperar.

— Devo servir—lhe o jantar, senhor? — pergunta um empregado.

— Aguarde mais um pouco — digo.

PERIGOSAS

Se ela disse que viria, ela virá. Bebo duas taças de vinho e sinto meu estômago queimar de fome.

Onde ela está?

— Senhor... o jantar...

— Eu disse para aguardar! — grito.

Mais duas taças de vinho. E nada de Rosie. Será que Agatha mentiu para mim?

— Senhor — o empregado se aproxima da mesa.

— A comida já está fria, o senhor ainda

vai esperar mais um pouco?

Rio.

— Eu? Esperar?

Bebo um último gole de vinho e atiro a taça contra a parede com força.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Quem aquela idiota pensa que é para me fazer esperar por tanto tempo?

— A—acalme—se, senhor... — gagueja o empregado.

Empurro—o para fora do meu caminho e me coloco de pé. Deixo a sala de jantar

completamente tonto e cambaleio até bater com a testa contra uma parede. Eu nunca fico bêbado,

tenho nojo de gente bêbada. O que aquela garota maldita me fez fazer...?

Sem perceber, chego até a porta de seu quarto. Bato, chuto e grito para que ela abra.

Alguns empregados, inclusive a traidora da Agatha, aproximam—se para tentar me convencer a

me afastar, mas eu os mando embora sob ameaça de demissão. Grito o nome de Rosie e digo

coisas que nem eu mesmo entendo. Bato muito na porta e ameaço arrombá—la.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Então Rosie finalmente abre.

Me puxa pela gravata.

E me dá um tapa na cara.

Cambaleio para frente e caio de queixo no chão.

— Sua... — balbucio, sentindo meu estômago embrulhar.

Minha visão fica completamente turva e a última coisa que vejo é Rosie com uma expressão incrivelmente corajosa no rosto.

Capítulo 26

A primeira coisa que sinto é uma dor de cabeça forte que parece pulsar no ritmo de meus batimentos cardíacos. Depois, uma ardência no estômago e gosto de bile na boca. Parece que estou deitado.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Eu nunca tive boas experiências com o álcool e isso se deve a um período da minha

adolescência em que eu bebi mais do que me atrevo a admitir. Em um curto período de tempo,

entrei em vários comas alcoólicos, cada um deles por causa da morte de minha mãe. Eu era um

viciado. Larguei o álcool após um acidente que traumatizou meu corpo e o fez evitar

instintivamente minhas bebedeiras; desde então, não consigo beber mais do que uma taça ou duas

— o que é realmente uma droga, pois me afogar em inúmeras garrafas de vinho e vodca seria

ideal para meus padrões de vida atuais.

Cubro o rosto com o braço quando uma luz é acesa, onde quer que eu esteja. Resmungo e

sinto ânsia de vômito. Uma mão me puxa pela nuca e me inclina diante de um balde branco vazio.

NACIONAIS - ACHERON

Coloco minhas tripas para fora, sentindo a garganta arder.

— Achei que Agatha estivesse mentindo sobre essa coisa de você não poder beber.

Abro os olhos e levanto o rosto, procurando a dona da voz. Rosie está a um palmo de

distância de mim, apoiando meu ombro e me encarando com certa curiosidade. Dou uma rápida

olhada ao redor, constatando que estou no quarto dela, em sua cama. A memória do tapa que ela

me deu me atinge e eu quero gritar com ela e dizer coisas que a façam se sentir mal, mas sua mão

em meu ombro me impede. É quente, suave e pequena.

— Consegue se lembrar de como chegou aqui? — ela pergunta, falando alto e devagar

como se eu fosse um idiota.

PERIGOSAS

— Estou de ressaca, não surdo — resmungo. — E eu me lembro de tudo.

Rosie franze a testa e me entrega uma toalha. Enxugo a boca e o rosto com ela e esfrego os olhos.

— Desculpe pelo tapa — ela diz —, você me assustou.

Não quero falar sobre isso.

— O que estou fazendo aqui? — Olho ao redor, para o quarto dela. Através da janela,

vejo o sol nascer aos poucos. — Que horas são?

Rosie suspira e se levanta da poltrona onde estava sentada. Ela vai até as cortinas e as fecha.

— É bem cedo e você precisa descansar. Sugiro que durma mais um pouco.

NACIONAIS - ACHERON

— Você ficou aqui comigo?

Ela me olha por cima do ombro. Seu olhar não é mais o familiar olhar de devoção que ela

costumava me lançar sempre que eu dizia algo que a fizesse se sentir bem. Agora Rosie parece

mais firme, mais difícil de decifrar. Não gosto disso.

— O quarto é meu, não é?

— Devia ter chamado alguns empregados para me levarem para meu quarto, não precisava

tentar cuidar de mim. — Reviro os olhos.

— Eu me senti meio culpada quando te vi desmaiar após levar um tapa.

Crispo os olhos e olho diretamente para ela.

— Você definitivamente perdeu suas memórias.

Rosie suspira.

PERIGOSAS

— Esse assunto de novo?

— Você não fez nenhum progresso nesses últimos dias? — pergunto. Minha cabeça lateja. —

Não se lembrou de nada?

— Quanto mais você fala nisso, menos quero me lembrar.

— Tão petulante... — Trinco os dentes.

Rosie prende uma mecha do cabelo loiro atrás da orelha e caminha até a beira da cama,

perto de meus pés.

— O que quer que eu seja para você... não parece... saudável.

Eu sei disso.

— Então... não me pressione. Não sei se quero me lembrar de tudo.

— A velha Rosie iria querer — murmuro.

NACIONAIS - ACHERON

Os olhos dela estão vermelhos.

— Não sei nada sobre essa velha Rosie. Sei que eu sou a Rosie verdadeira, que não se

lembra de nada depois que desmaiou no quintal dela, na casa dela, e que de repente não tem

mais família nenhuma.

Ela cobre a boca com a mão e me dá as costas. Seus ombros tremem e ela tenta sufocar o

choro. Eu odeio isso, essa situação. Preciso levá-la a um médico novamente, a alguém que faça suas

memórias retornarem o quanto antes possível, porque, sinceramente, não sei como lidar com essa

nova Rosie.

— Chame algum empregado — peço, empurrando as cobertas de cima de mim com as

pernas. Piso com os dois pés no chão e vejo o quarto rodar de modo vertiginoso. Num segundo,

Rosie me segura pelos ombros, impedindo-me de me estatelar de cara no chão.

— Eu disse para descansar. Você está um trapo — ela diz, empurrando-me para a cama.

Resmungo algo que nem eu entendo e acabo cedendo.

— Você não precisa ficar aqui — murmuro para ela, puxando as cobertas até o queixo.

Rosie senta-se à beira da cama e dá um longo suspiro.

— Você disse que eu era apaixonada por você, não disse? — ela indaga, erguendo uma sobrancelha.

Era? Bufo.

— Você não era, você é. Só não consegue se lembrar.

Rosie crispa os lábios.

— Sei...

— Por que está me perguntando isso?

Ela mexe nas unhas das mãos.

— Porque estou tentando compreender esse relacionamento esquisito que você insiste em

dizer que temos. — Ela me encara de olhos franzidos, como se tentasse enxergar debaixo da

minha pele. — Quero saber o que me fez me apaixonar por você.

Reviro os olhos. No fundo, ela é a mesma manteiga derretida de antes.

— Não é óbvio? — Rio. — Você ficou toda encantada pelo meu charme e carisma desde

que nos vimos pela primeira vez. Não resistiu a mim.

Rosie reprime um sorriso.

PERIGOSAS

— É mesmo?

— Obviamente — assinto uma vez.

— E como você me conquistou? — Ela cruza os braços.

Franzo a testa.

— O que quer dizer?

— Quais foram as coisas legais que você fez por mim? Me levou a passeios? Comprou presentes e esse tipo de coisa?

— Por que você acha que eu faria algo assim? — Sacudo a cabeça.

Rosie se levanta e se aproxima de mim com um olhar bastante presunçoso.

— Você faria porque é óbvio que também gosta de mim.

Jogo a cabeça para trás e rio, mas uma onda de

NACIONAIS - ACHERON

vertigem me atinge. Rosie segura minha
mão.

— Não fique se mexendo tanto — ela resmunga,
parecendo irritada.

Fecho os olhos e respiro fundo. Por impulso,
seguro a mão dela. Como foi que permiti que

essa garota órfã, pequena e tão simples de ler
bagunçasse tanto a minha vida? Como não me dei

conta de que ela já estava tão profundamente ligada
a mim de modo que não consigo mais me

imaginar sem ela aqui? Como pude permitir isso?

Ela tenta soltar minha mão, mas não deixo. Posso
usar essa ressaca como desculpa para

essas minhas ações inconsequentes.

— Fique — peço, num fio de voz.

De olhos fechados, tudo que ouço é sua respiração

se alterar por um segundo, como se ela estivesse surpresa, mas sua mão não deixa a minha.

— Rosie? — chamo, instantes depois, ainda de olhos fechados.

— Hum — ela responde.

— Responda com sinceridade.

— Sim.

— Você acha que... acha que eu posso fazer com que a você de agora, a "Rosie

verdadeira" como você se chama... se apaixone por mim outra vez?

Não sei de onde vem essa pergunta. Não sei o que diabos está acontecendo com meu

maldito coração que de repente está acelerado demais e ansioso demais pela resposta dela. Eu,

que lutei tanto para matar todas as chances de nutrir

sentimentos por alguém, estou colocando

minhas expectativas nas mãos de uma garota. Não é do meu feitio ser tão imprudente. Eu sou frio,

sou calculista, não faço nada sem obter algo vantajoso em troca. O que Rosie pode me dar? Ela é

só...

— Se vai fazer com que eu me apaixone novamente, eu não sei... — sua voz é pouco

trêmula, mas clara. Abro os olhos a tempo de olhar bem para ela e ouvi-la dizer: — Mas você

pode tentar.

Abro os olhos e uma luz forte me atinge. Pisco várias vezes até me habituar e tento localizar

o lugar onde estou. Ainda é o quarto de Rosie e o sol ilumina bastante todo o cômodo, mas Rosie

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

não está mais aqui. Ouço o som de algo vibrando e vejo meu celular sobre a penteadeira dela.

Droga, por quanto tempo eu dormi?

Espreguiço-me e me levanto. Não posso me dar ao luxo de ficar deitado o dia todo sob os

cuidados daquela garota, quando tenho uma maldita empresa para gerenciar. Minha gravata está

pendurada da cabeceira da cama e meus sapatos estão debaixo da poltrona onde Rosie se

sentou antes. Recolho-os e me recomponho. Vou ao banheiro, lavo o rosto e pego uma das inúmeras

escovas de dente com as quais abasteci o armário — imaginei que rosa fosse a cor favorita da

maioria das adolescentes, mas Sunsung me disse outro dia que a cor favorita de Rosie é branco.

Bem, tanto faz. Não é como se eu tivesse que agradá-la em tudo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Alguém bate à porta assim que deixo o banheiro. É uma empregada da qual não lembro o

nome, segurando um telefone nas mãos.

— É o vice presidente, senhor — ela diz.

Suspiro e pego o telefone.

— Sou eu — digo.

— Presidente, onde é que o senhor está?

Trinco os dentes.

— Estou em casa agora. Tive um imprevisto.

— A reunião com os acionistas estrangeiros é em dez minutos! — ele grita, agitado.

Argh. Essa é a pior parte de presidir uma companhia: reuniões com um bando de lobos que querem roubar meu cargo e me ver derrotado.

— Certo. Estou a caminho.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Desligo o telefone antes que ele possa dizer mais alguma coisa e vou até meu quarto. Tomo

um banho e visto roupas limpas. Meu estômago ronca, mas não tenho tempo para comer. Vou até o

escritório e encho minha pasta vazia com os documentos e contratos necessários para a reunião e

peço a um empregado que prepare meu carro.

Assim que chego ao hall, vejo Rosie descer as escadas com uma mochila nas costas e vestindo

um... uniforme?

Congelo. Como pude esquecer? As aulas dela já começaram, mas devido ao acidente da

pista de esqui ela não pode comparecer. É lógico que vá à escola agora que está recuperada.

— Oh — Ela para ao pé da escada ao me ver. —
Você já acordou?

NACIONAIS - ACHERON

— Eu estaria aqui de pé se ainda estivesse dormindo? — Reviro os olhos. Para que fazer essas perguntas idiotas?

— Uau, que mau humor — Rosie caminha até mim.

Seu cabelo está bem preso no topo da cabeça e ela agora parece ter uns doze anos. É irritante.

— Fiquei aliviada por saber que o acidente aconteceu antes das aulas começarem — diz. —

Seria ainda mais estranho enfrentar meus colegas de classe se eu não me lembrasse de nenhum deles.

Ajeito minha gravata.

— Se você diz.

Ficamos em silêncio no hall, sozinhos. Eu

simplesmente odeio me forçar a começar um assunto

com alguém e, por algum motivo, começar um assunto com Rosie parece a coisa mais difícil do

mundo agora. Minha mente fica em branco.

Permaneço encarando o corredor, esperando que

algum maldito empregado chegue e anuncie que meu carro está pronto.

Ah, sim. Tinha me esquecido desse detalhe. Olho para Rosie.

— Pediu a um empregado para preparar um carro para levar você? — pergunto.

Ela arqueia as sobrancelhas.

— Eu... eu posso fazer esse tipo de coisa?

Crispo os lábios, tentando conter um sorriso. Às vezes ela é tão hilária.

— Senhor! — Um dos empregados chega correndo

ao hall. — Lamento a demora. O carro
está pronto.

Assinto.

— Certo, obrigado.

O empregado arregala os olhos. Argh. Esqueci que
geralmente eu não uso essa palavra. Ele

pisca duas vezes, meio confuso, mas logo se volta
para Rosie, prestativo.

— A senhorita gostaria que lhe preparasse um carro
também?

— Ah, se você puder... — Rosie sorri.

Seguro o braço do empregado, parando-o.

— Ela vai comigo.

— Oh. Certo. Como quiser, senhor.

Ele abre a porta da frente para nós dois. Percebo

que Rosie está me encarando, mas finjo

não notar. Caminhamos até o carro e nenhum de nós diz nada até que o veículo esteja em

movimento.

— Não achei que você pretendia ser um pai para mim — Rosie comenta, com um sorriso

zombeteiro no rosto.

Olho confuso para ela.

— Pai?

— Levar à escola no primeiro dia de aula é algo que geralmente os pais fazem — Dá de

ombros. Reviro os olhos. De onde ela tirou essa idiotice?

— É, tanto faz. Eu não tenho nada a ver com seu pai nem nada desse tipo.

— Tem razão — Rosie assente. — Nós até nos

PERIGOSAS

beijamos, não é?

Encaro-a, espantado.

— O que há com você? Que atrevimento...

Ela dá uma risada irritante e solta um longo suspiro.

— Não me lembro de nada — diz —, mas você parece bastante familiar para mim. Fico

confortável em conversar assim, sem me preocupar em fazer você me achar interessante, bonita ou

esperta. Acho que éramos bem próximos mesmo.

Engulo em seco.

— É bom que você não se lembre de nenhum de nossos beijos — digo, fitando a janela.

— Por quê? — Rosie pergunta.

Trinco os dentes.

NACIONAIS - ACHERON

— Porque... porque nenhum deles foi real. Não para mim.

Nenhum a não ser aquele último beijo, o que ela me deu após visitarmos as lápides de seus

pais. Já tinha decidido não encostar nessa garota nunca mais, mas eu fui pego com a guarda

baixa naquela noite. Todos os beijos que roubei dela foram para provocá-la, para jogar com seus

sentimentos e ver até onde ela aguentava meu temperamento sem enlouquecer. Mas eu nunca

imaginei que ela me roubaria um beijo. Rosie me desestruturou. E eu odeio que façam esse tipo de coisa comigo.

— Com o que você trabalha? — ela pergunta, minutos depois. Parece tensa, mas finge bem.

Talvez essa nova Rosie seja mais forte do que gentil.

PERIGOSAS

— Sou presidente de uma companhia e estilista —
respondo categoricamente. — Mas você

já sabia disso.

— Hum. Agora você está indo para a companhia ou
vai costurar roupas?

Viro-me para ela, irritado.

— Costurar?! — exclamo, indignado. — Eu não
costuro roupas, eu disse que sou estilista! Por

acaso você faz ideia do que é ser um estilista?
Céus, que estúpida...

Rosie cobre a boca, rindo quase
descontroladamente. Volto a encarar a janela,
resmungando.

— Você é fácil de tirar do sério — ela murmura,
cutucando-me com o cotovelo.

— Só porque é você — sussurro para mim mesmo
e torço para que ela não tenha ouvido.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Por que quando se trata de Rosie meu coração fica tão inquieto? Ela é tão irritante e cheia

dessa energia incômoda. Como sou capaz de sequer tolerá-la?

— Estou um pouco nervosa em ir à escola hoje — ela comenta, agora mais séria. — Agatha

me disse que é uma escola cara e que lá os estudos são bastante puxados... Fico preocupada em

me encaixar.

— Não há necessidade — rebato. — Você dá conta, vai ficar bem.

Ela hesita um segundo, mas abre um sorriso muito iluminado para mim e eu desvio o olhar. Isso

é frustrante. Como um ser humano pode sorrir assim?

Quieto, coração, quieto. Antes que as coisas fiquem perigosas.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 27

O carro para diante da imponente entrada da DeVil SA. Pego minha pasta cheia daqueles

documentos inúteis e desço sem olhar para Rosie, que fica para trás. Não quero que ela sorria ou

diga coisas estranhas para mim outra vez. Assim que meu motorista fecha a porta, um punhado de

repórteres me cerca com seus microfones esquisitos e câmeras desconcertantes. Eu já enfrentei

situações parecidas quando assumi a empresa, mas hoje parece que estão em maior número.

— Senhor DeVil, uma palavrinha? — pede uma repórter.

— Senhor DeVil, qual a verdade sobre Ann Lee?

— pergunta outro.

— Ann Lee é sua namorada oficial?

— É verdade que ela está vindo de Paris para vocês

NACIONAIS - ACHERON

se casarem?

Cerro os punhos.

Mas que droga esses tabloides andam inventando dessa vez? São sempre os mesmos

rumores, sempre as mesmas suposições... por acaso essa gente não tem imaginação?

Sim, Ann Lee está vindo para cá.

Sim, é porque eu pedi que ela viesse.

Não, nós não vamos nos casar.

Ann Lee é minha irmã.

Minha maior vontade é dizer todas essas coisas aos berros para que me deixem em paz. Eu

queria gritar para a mídia internacional que todas as visitas que tenho feito a Paris são por causa

de Ann Lee, a irmã fora do casamento que minha mãe concebeu. Tenho vontade de contar toda a

história de como ela foi expulsa do país e afastada de todos por meu pai. O mundo não sabe o

tipo de monstro que ele era.

No entanto, eu não posso dizer nada. Foi o último pedido de minha mãe, naquela maldita

cama de hospital: “Guarde o meu segredo. Proteja sua irmã da ira do seu pai e do mundo”. E eu

prometi que faria isso e o tenho feito até hoje.

Respiro fundo e me concentro em não sair distribuindo socos e chutes.

— Ann Lee virá — digo ao repórter mais próximo.
— Ela é uma amiga muito próxima e

está vindo passar um tempo aqui. É só o que tenho a dizer.

Os seguranças da empresa finalmente chegam para me escoltar até a entrada e afastam

os repórteres parasitas de cima de mim. Olho para

NACIONAIS - ACHERON

trás por cima do ombro a tempo de ver meu carro se afastando. Pergunto-me se Rosie viu ou ouviu o que acabou de acontecer. De qualquer forma, ela não tem nem ideia de quem é Ann Lee e eu prefiro que continue não sabendo de nada.

A única de sabe é Sunsung e já é o suficiente.

— Presidente!

O alto e magrelo Secretário King surge completamente do nada carregando sua prancheta idiota.

— Hum, oi — resmungo. — A reunião já começou.

— Sim, senhor. Lamento informar, mas o senhor está quase meia hora atrasado.

Reviro os olhos.

— Vamos logo.

— Ah, sim, senhor.

Irrompo na sala e o lobos de terno ficam em completo silêncio. O chefe dos lobos, Vice

Presidente Otavius, coloca-se de pé com seu familiar sorriso falso estampado na cara

rechonchuda.

— Presidente — Ele meneia a cabeça, todo condescendente. —, pensamos que não viria mais.

— Ora, por que não viria? — rebati.

— O Presidente teve um contratempo, mas está tudo certo agora — Secretário King

interfere.

Otavius ri com desdém, o que me faz querer saltar a mesa e estrangulá-lo. Ele permaneceu

na cola do meu pai durante anos, à espera de

NACIONAIS - ACHERON

receber o comando da empresa quando o

Presidente se aposentasse, mas um inesperado obstáculo entrou em seu caminho: eu. Desde então,

Otavius me odeia. A empresa toda sabe disso.

— Bem — Encaminho-me para minha cadeira na cabeceira da da mesa de reunião. —,

atualizem-me.

Sorrio para os acionistas e eles entreolham-se, um tanto desconcertados. Imagino que não

esperavam um Presidente tão jovem. Eu não me considero o empresário mais experiente, mas sei

tomar boas decisões e evitei crises na companhia.

A reunião segue normalmente durante várias horas. Sinto os olhos atentos de Otavius sobre

mim o tempo todo. Assim que os acionistas chegam a um consenso e assinam os contratos, todos se

PERIGOSAS

levantam e se cumprimentam. Eu suspiro discretamente — é o fim de mais um dia exaustivo.

— Presidente, a madame Sunsung deixou um recado sobre o desembarque da senhorita

Ann Lee — o Secretário King me diz, assim que ficamos sozinhos na sala.

— Ela já chegou?

— Chegará pela manhã, senhor.

Assinto.

— Confirme a reserva no hotel e um carro para buscá-la — digo a ele e deixo a sala.

Topo com Otavius, sorrindo como uma serpente.

— Ann Lee? — ele pergunta, erguendo uma sobrancelha. — Deve ter mesmo muito tempo

de sobra para trazer sua namoradinha para passar as férias aqui, não é?

NACIONAIS - ACHERON

Suspiro.

— Já não basta abrigar aquela órfã? — Otavius ri.

Fuzilo-o com os olhos. Ele sabe sobre Rosie?
Como?

— Levando em conta essa sua reação, você não
queria que eu soubesse, não é? — Ele

apoia uma de suas mãos em meu ombro. — Me
pergunto o motivo de haver uma garota vivendo

com você. Ela é menor de idade, certo? O que será
que aconteceria se...

Afasto sua mão de mim.

— Não fale sobre coisas que você não entende.

O sorriso dele não se abala e ele dá de ombros.

— Aceite um conselho — diz. — Fazer das
mulheres seu foco principal lhe trará desgraças.

Fazer de garotas seu foco principal lhe trará uma

PERIGOSAS

vida atrás das grades. Concentre-se em sua empresa, Presidente.

— Seu...

— Presidente! — ouço o Secretário King chamar, chegando com uma pilha de papéis nos

braços. — Preciso de algumas assinaturas!

Otavius ajeita a minha gravata.

— O dever o chama.

Se ao menos eu ainda andasse armado...

Começa a chover logo que entro no carro. Meus ombros e costas doem e tudo o que eu mais

quero é chegar em casa, tomar um banho quente e dormir dias a fio. Meu celular toca, exibindo a

foto de Sung no visor.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Sim? — atendo.

— Eu peguei Rosie emprestada.

— Você o quê? — grito.

— Eu precisava de uma companheira de compras!
Além disso, a Rosie sem memória é bem
mais divertida...

— Você é doente? Como pode dizer isso?

— Foi só uma brincadeira, idiota.

Suspiro. Por que ela vive complicando a minha
vida?

— Você prometeu que não a tiraria da minha vista
outra vez. Leve-a para casa
imediatamente.

— Que possessivo!

— Sunsung, você sabe que foi o juiz Iparis quem

NACIONAIS - ACHERON

estabeleceu essa condição — rosno. —

Rosie não deve ser vista por aí. Você sabe o motivo.

Ouçõ-a resmungar do outro lado da linha.

— Tá bem.

Fico aliviado. Em sua última reunião comigo, o juiz Iparis — responsável pelo caso do

incêndio que tirou a vida dos pais de Rosie — disse que as investigações estavam rumando para

um final surpreendente. Ele me disse que o caso pode não ter sido um acidente. Isso me deixou

inquieto. Se alguém realmente quis ferir a família Vallahar e Rosie foi a única que sobreviveu, ela

não está segura se ficar sozinha. Por isso ela não deve deixar minha casa, por isso deve estudar

em uma escola cuja segurança é exemplar e por isso eu mesmo coloquei pessoas para vigiá-la

aonde quer que vá.

Porque se Rosie está comigo, eu vou protegê-la a qualquer custo.

Meu carro e o de Sunsung adentram a casa praticamente ao mesmo tempo, o que me leva a crer que ela me ligou enquanto já estava a caminho daqui. Desço do carro e caminho diretamente para a porta de entrada, onde dois empregados aguardam para pegar minha pasta e meu casaco. Vejo uma das empregadas vir em minha direção.

— Atenda Sunsung por mim — digo-lhe e subo as escadas.

— DeVil! — ouço me chamarem.

Olho por cima do ombro a tempo de ver Sunsung e Rosie passarem pela porta. Empregados

as cercavam com sacolas e caixas de compras.

— O que é tudo isso? — pergunto irritado.

— Algumas coisinhas que comprei para o novo quarto de Rosie — Sung sorri, animada.

Olho para Rosie e vejo que ela não está vestindo suas roupas de escola.

— Onde está seu uniforme? — pergunto.

Ela olha para as próprias roupas e dá de ombros.

— Sung me obrigou a vestir outra coisa...

Reviro os olhos e dou-lhes as costas. Vou para meu quarto, tomo um banho quente e deito-

me para dormir. São quase oito da noite, mas não sinto fome ou vontade de comer nada. Apesar

do cansaço, rolo na cama sem conseguir dormir e o rosto daquele ordinário do meu Vice Presidente

vem em meus pensamentos.

PERIGOSAS

Não era para ele saber sobre Rosie. Eu fui muito bem instruído pelo juiz Iparis de que devia

manter a permanência dela nesta casa em segredo da mídia e do pessoal da companhia. Alguns

rumores se espalharam na cidade durante os primeiros dias em que Rosie estava aqui, mas cuidei

para que fossem abafados e esquecidos. Para a diretoria da escola e os prováveis colegas que

ela fará, Rosie é minha irmã mais nova que passou a vida inteira estudando em casa e que agora

decidiu ter mais convívio social educativo. Então, como Otavius descobriu?

Ouçõ quatro toques na porta.

— Senhor, visita! — grita uma empregada.

Rosno.

— Eu disse que não queria ser incomodado!

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Mas, senhor, é da polícia!

Sento-me na cama, surpreso. Polícia? Aqui? Eu fui mais do que claro quando disse que não

queria ninguém da polícia em minha casa. O que essa gente quer?

— Diga que descerei em minutos! — grito para a empregada do outro lado da porta.

— Sim, senhor!

— E diga à Agatha para manter Rosie no quarto, não importa o que aconteça!

— Sim, senhor.

Solto um longo suspiro e me levanto para me vestir. Ligarei para o juiz assim que esse

policia for embora. O combinado foi que eles me deixassem em paz quando Rosie viesse morar

aqui.

NACIONAIS - ACHERON

Deixo meu quarto e desço as escadas, armado de um discurso que fará esse policial dar

meia volta e ir embora assim que me escutar.
Chego ao hall de entrada e vejo uma mulher de meia

idade. Meu cérebro logo faz uma associação imediata. É aquela mesma policial que eu encontrei

na delegacia quando fui buscar Rosie, aquela que ficou me encarando com toda a desconfiança

do mundo. Não escondo minha insatisfação ao vê-la e ela também não me encara de um jeito

muito amigável.

— Sou a policial Mac, senhor DeVil — Ela estende a mão como cumprimento.

Não respondo a seu gesto.

— O que quer aqui? — pergunto categoricamente.

A policial abaixa a mão.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu venho como representante do juiz Iparis — diz. — Ele está longe cuidando de um

caso e me pediu para fazer uma visita à Rosie.

— Rosie está bem. Não há motivos para se preocupar.

— Não duvido disso, mas ainda assim eu gostaria de falar com ela.

— Iparis me garantiu que vocês, policiais, não ficariam xeretando por aqui — interrompo,

ríspido. — Se veio apenas para conferir se Rosie está bem e saudável, pode ir agora.

— Senhor DeVil! — ela exclama. O olhar em seu rosto é de indignação. — O senhor quer

mesmo dificultar as coisas assim?

— Dificultar as coisas é a especialidade dele — ouço uma voz atrás de mim.

Olho por cima do ombro e vejo Sunsung se

aproximar, vindo da sala de jantar. Tem aquele

sorriso presunçoso de sempre nos lábios, o que indica que ela está executando um de seus planos.

— Perdoe a falta de educação dele, policial — ela diz, me encarando com um ar de

superioridade. Eu conheço Sunsung a vida inteira e ela nunca deixou de me olhar desse jeito.

— Quem é a senhorita? — policial Mac pergunta, um tanto mais relaxada.

Sunsung abre um sorriso cativante e falso.

— Sou amiga da família DeVil, policial. E de Rosie também.

— Entendo.

— Gostaria de vê-la? — Sunsung propõe.

— Ei — rosno para ela, lançando-lhe um olhar de alerta.

— É para vê-la que estou aqui — responde a policial.

Sunsung ri.

— Então venha comigo, por favor...

Seguro o braço dela com força. Será que ela não entende que eu não quero Rosie

envolvida com a polícia?

— Relaxe, querido — Sunsung sussurra e puxa seu braço.

A policial me lança um olhar desconfiado e segue Sunsung na direção da sala de jantar. Eu

vou imediatamente atrás das duas, borbulhando de raiva.

Rosie e Agatha estão sentadas à mesa, conversando tranquilamente sobre algo que muito

provavelmente não me interessa, até que nós entramos. Rosie se coloca de pé e olha para a

policial, para Sunsung e depois para mim, confusa.
Eu não a culpo, ver policiais em sua casa é

realmente incômodo.

— Rosie, essa policial veio ver você — cantarola
Sunsung.

Rosie encara a mulher, confusa.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta.

— É uma visita de rotina, querida — a policial
responde — Era para o próprio juiz estar

aqui, como no mês passado, mas ele precisou
atender a um compromisso inadiável. Não sei se
você

se lembra, mas eu fui a policial responsável por
você após o... acidente.

— Ah — é tudo que Rosie diz.

— Posso fazer algumas perguntas a você... em
particular? — Ela olha para mim por cima

PERIGOSAS

do ombro. Resmungo. Que mulher irritante.

Olho para Rosie e noto que ela está me encarando.

NACIONAIS - ACHERON

— Tudo bem — ela responde, inexpressiva.

Eu suspiro. Pronto, acabou tudo. Assim que a polícia souber que Rosie sofreu um acidente e

perdeu a memória, eles começarão a especular sobre a maneira como eu venho cuidando dela.

Talvez pensem que eu causei o acidente e a fiz perder a memória para esconder algo. Talvez me

achem negligente. Eu sei que será assim porque sei quais são os boatos que as pessoas espalham

sobre o tipo de pessoa que eu sou. Até agora, nada disso me incomodou. Não ligo de ser

chamado de deflorador de virgens, destruidor de boas condutas ou qualquer uma dessas

porcarias. Mas não vou aceitar que levem Rosie embora por causa dessas calúnias.

— Fiquem à vontade — diz Sunsung, puxando-me pelo braço. — Vamos, Agatha.

— Sim, madame.

Deixamos a sala de jantar e Sunsong fecha as portas. Seguro-a pelo braço e a empurro contra a parede.

— Você perdeu o juízo, sua idiota?

— Quem perdeu o juízo aqui foi você! — ela rebate. — Onde estava com a cabeça

quando falou com a policial daquele jeito? Quer levantar ainda mais suspeitas sobre você?

— Suspeitas — desdenho. — Eu não ligo para o que pensam, só preciso manter Rosie longe dessa gente.

— E eles querem mantê-la longe de você, imbecil — Ela me empurra. — Não dê motivos

para que façam isso. Coopere com a polícia.

Rosno e dou um soco na parede.

— Você não entende!

— O que é que eu não entendo?

— Não foi um acidente, Sunsung! — desabafo. — Foi assassinato. Alguém queria sumir com

a família Vallahar e Rosie foi a única que sobreviveu.

Ela arregala os olhos e fica sem fala por alguns instantes.

— Mas de onde foi que você tirou essa loucura?

— Não é loucura! O próprio juiz me revelou suas suspeitas. É por isso que eu preciso mantê-

la aqui, escondida e longe dos olhos dessas pessoas não confiáveis.

Sunsung suspira.

— E por que você está me contando isso? — ela pergunta calmamente.

PERIGOSAS

Franzo a testa.

— Como assim? Você é a pessoa em quem eu mais confio no mundo.

Ela sorri e desvia o olhar.

— Nesse caso... eu vou ajudar.

Assinto. Por mais que Sunsung às vezes seja uma pedra no sapato, ela pode ser bastante útil

quando quer.

— Preciso fazer uma ligação — ela diz. — Meu pai queria que eu jantasse com ele, mas

estou completamente sem paciência para olhar para ele hoje.

— Eu vou esperar Rosie sair — digo.

Sunsung apoia a mão em meu ombro.

— Relaxe. Vai ficar tudo bem.

NACIONAIS - ACHERON

Assinto outra vez.

Andando de um lado para o outro eu espero por quase meia hora até que Rosie e a policial

Mac deixem a sala de jantar. Sunsung junta-se a nós enquanto eu conduzo a mulher para a saída,

usando toda a educação que meu bom senso me permite.

— Obrigada por me receber, Rosie — diz a policial e lança um olhar ranzinza para mim. —

Tenham uma boa noite.

— Igualmente — respondo, fechando a porta apressadamente.

Suspiro e olho para Rosie.

— O que ela ficou perguntando?

Rosie dá de ombros.

— Ela perguntou sobre a minha rotina e... — Seus

olhos vão para o chão. — Ela quis saber

como você me trata.

— Nada que nós não imaginávamos — sorri
Sunsung. Ela olha para o relógio de pulso

prateado. — Bem, preciso ir agora. Vejo você em
nossa próxima maratona de compras, Rosie!

Rosie sorri.

— Sim.

Troco um breve olhar cúmplice com Sunsung e um
empregado abre a porta para deixá-la

sair. Assim que Sunsung coloca os pés para fora, a
policia Mac volta correndo com o celular nas

mãos e uma expressão chocada no rosto.

— É o juiz Iparis! — ela exclama, sem fôlego.

Olho confuso para Sunsung e ela também parece
não compreender.

— O que tem o juiz? — pergunto.

— Está morto. Acabo de ser informada que o carro dele capotou na estrada e ele não

sobreviveu. O juiz Iparis está morto!

Capítulo 28

Leva alguns segundos para eu me dar conta do que a policial está dizendo. Juiz Iparis, morto?

Não tem como isso ser verdade. Não, isso não pode ser verdade. Ele é quem estava de olho nas

investigações do que realmente ocorreu na noite do incêndio na casa dos Vallahar e o único em

quem confio para tomar conta do caso. Com ele morto, quem solucionará o mistério?

Aproximo-me da policial e seguro-a pelos ombros.

— Acalme-se e diga o que aconteceu — peço, tentando manter a calma para não sacudi-

la.

Ela respirou fundo.

— Um oficial da minha unidade acabou de ligar informando sobre o acidente. Ele disse que

foi há menos de vinte minutos, numa curva fechada na estrada. O juiz estava voltando para cá...

Sacudo a cabeça e a solto.

— Não pode ser. Tem certeza de que era mesmo ele?

— Acha que a polícia se enganaria sobre o acidente de um representante da justiça, senhor

DeVil? — a policial rebateu, fuzilando-me com o olhar.

— Isso é horrível — Sunsung lamenta, atrás de mim.

— Preciso retornar à delegacia — diz a policial. Então olha para Rosie por cima do meu

ombro. — Não hesite em me ligar caso precise de alguma coisa, Rosie. Não importa o lugar ou a hora.

— Obrigada, policial — Rosie responde, num fio de voz.

Policial Mac deixa a casa e os empregados fecham a porta da frente. Sunsung vai embora

após alguns instantes e Rosie e eu ficamos sentados na sala de estar, em silêncio. Normalmente ela

subiria para seu quarto ou eu mesmo a enxotaria. Mas hoje há algo estranho no ar e parece que

não sou o único a sentir isso. É uma sensação fria e agourenta.

— Hum... — Rosie murmura, chamando minha atenção. — Esse juiz Iparis era seu amigo?

Apoio os cotovelos nos joelhos.

— Não, não era.

— Você parece mal.

— Ele me mantinha informado sobre o andamento das investigações sobre... a morte dos seus pais.

As sobrancelhas dela se arqueiam.

— Os meus... Ele... — Rosie franze a testa. — Eu sabia que o nome dele não me era estranho. Juiz Iparis.

É a minha vez de franzir a testa.

— Como assim? Consegue se lembrar da última visita dele?

Rosie sacode a cabeça.

— Não, não, eu me lembro dele bem antes disso.

— Ela trinca os dentes, fitando o tapete

de pele. — Meus pais falaram nome dele e de alguns outros durante uma conversa há algum

tempo. Não me lembro muito bem do assunto, mas era algo sobre a linhagem da família.

— Linhagem da família? — indago. — Algo como... uma herança?

As pessoas matam por heranças. Talvez os pais de Rosie fossem herdar algo de algum

parente e alguém não queria que herdassem.

— Não tenho certeza se era isso — Rosie olha para mim. — Mas sinto... sinto algo estranho

com essa notícia sobre a morte do juiz. Acho que meus pais ficariam tristes ao saber.

— Eles eram conhecidos, então?

Rosie dá de ombros e vejo que ela se esforça de verdade para lembrar.

— Não eram amigos, mas... conhecidos? Acho que o juiz os ajudou em algo. Eu realmente

não me lembro de nada mais específico.

Suspiro.

— Obrigado por me contar.

Ficamos em silêncio por bastante tempo, até que vejo Rosie começar a tombar a cabeça de

sono. Eu não entendo o que ela ainda está fazendo aqui quando pode simplesmente subir para

seu quarto e dormir. A velha Rosie faria isso.

— Rosie — Cutuco seu ombro.

Ela arregala os olhos e pisca várias vezes.

— Eu dormi? — Sacode a cabeça.

— Vá para o seu quarto — resmungo. — Está tarde.

Ela suspira.

— Posso confessar uma coisa?

Olho desconfiado para ela.

PERIGOSAS

— Não vai dizer que me ama incondicionalmente outra vez, vai?

Rosie ri e faz que não com a cabeça.

— É só que... eu realmente achei que você fosse uma pessoa ruim quando acordei aqui,

completamente sem memória. Mas você é só normal. Nem bom, nem ruim. E mesmo que eu não me

lembre do último mês que vivi aqui, de tudo o que eu te disse ou dos meus sentimentos em relação

a você, quero que sejamos amigos.

Franzo a testa.

— Amigos?

Ela assente, sonolenta. Fico sem resposta. Não imaginei que ela diria algo assim.

— Ahn... é, tanto faz. — Pigarreio. — Vá dormir.

NACIONAIS - ACHERON

— Tudo bem. Boa noite.

Resmungo um boa noite e a vejo deixar a sala.
Assim que fico sozinho, saco meu celular do

bolso e busco pelo último contato da minha agenda,
um número que minha mãe me recomendou

caso eu precisasse de um serviço especial. E eu
preciso.

— Alô? — Uma voz masculina atende no quarto
toque.

— Noel?

— Depende. Quem quer saber?

— O filho de Cassandra DeVil — respondo sem
hesitar.

— Cassandra? Cassandra morreu tem um tempão!

Reviro os olhos.

— Eu sei bem disso. Ela me deu seu número antes

PERIGOSAS

de morrer e eu preciso contratar os seus serviços.

Ele dá uma risada rouca.

— Você está muito mal informado, meu rapaz — ele diz, ainda rindo. — Eu me aposentei

há cinco anos.

— Você vai trabalhar para mim — insisto.

Noel hesita.

— Vou?

— Pago o que você pedir. Só preciso que faça o serviço direito e sem falhas.

— Você é mesmo filho de Cassandra?

— Sou. Vai aceitar o trabalho ou não?

Ele ri.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— E eu tenho escolha? Sua mãe foi minha primeira namorada.

Faço uma careta de nojo.

— Certo, poupe-me dos detalhes.

— Onde posso encontrá-lo? — ele pergunta.

— Amanhã às cinco nos Café Surplus. Você garante sucesso no serviço?

Noel dá outra risada.

— Você sabe com quem está falando, garoto? É claro que garanto, só me diga quem eu

preciso proteger e está feito.

Suspiro.

— Certo. Encontre-me no local marcado amanhã e eu lhe darei todas as informações.

— Como quiser.

NACIONAIS - ACHERON

Colocarei Noel para proteger Rosie, além de cercá-la por meus seguranças já contratados e

vou me concentrar em finalizar a investigação do incêndio que matou os Vallahar. As insinuações do

Otavius e morte do juiz Iparis me fizeram sentir ameaçado e isso eu não posso permitir. Ninguém

vai me ameaçar, muito menos se isso envolver Rosie, que não tem absolutamente nada a ver com

meus problemas e os de seus falecidos pais. Ela é só uma garota inocente e eu não sei quando foi

que comecei a me importar tanto com sua segurança, mas agora essa é a minha prioridade. Usarei

de todos os meus recursos para tirar toda essa história a limpo de uma vez por todas.

Se minha mãe ainda estivesse viva, era isso que ela faria.

PERIGOSAS

Ajeito a gravata e as mangas da camisa de frente ao espelho do guarda-roupa. Um fio

escapa de meus cabelos já penteados para trás e eu reprimo um rosnado. É um fio branco. Eles

estão nascendo cada vez mais rápido e, não importa quantas vezes eu tinha, nunca dura muito.

Sung sempre implicava comigo quando éramos mais novos, dizendo que eu fui

amaldiçoado por uma bruxa e por isso de um dos lados da minha cabeça nascem muitos fios de

cabelo branco. Não há um motivo aparente para isso, por mais que eu consulte especialistas e

busque razões plausíveis. Um deles me disse que é um problema emocional — e essa foi a

justificativa mais idiota que já ouvi desde que busco por respostas.

Penteio o cabelo para trás novamente e me aprumo. Suspiro. Meu pai sempre dizia que eu

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

me pareço demais com minha mãe, que não herdei traço algum dele e chego até a crer que ele

duvidava que eu fosse seu filho legítimo. Minha mãe, Cassandra, não era a mulher devassa que a

maioria das pessoas achava que ela era. Ela simplesmente resolveu não se importar com o que

pensavam a seu respeito e passou a viver a vida dela como bem quisesse, sem pensar duas vezes

nas consequências. Foi exatamente isso que a matou. Quando você possui uma posição elevada na

sociedade, não pode se dar ao luxo de fazer o que quiser e esquecer de suas responsabilidades

para com o mundo. Isso é covardia. Foi a única coisa útil que meu pai me ensinou, justamente por

causa da displicência de minha mãe.

Ouço alguém bater à porta e digo para que abra.

NACIONAIS - ACHERON

— Bom dia, senhor — É Agatha, que atualmente parece viver só para Rosie. — O café da manhã já está na mesa.

— Não tenho tempo para isso agora. — Visto meu terno.

Agatha hesita.

— Ahn... a senhorita Rosie já está lá. Acredito que ela queira tomar o café da manhã com o senhor.

Rio com desdém. Às vezes eu me esqueço de como Rosie pode agir como uma montanha-russa. Olho para Agatha.

— Pois diga à ela que eu tenho coisas mais importantes a fazer do que me sentar à mesa

com uma garota que fez aquela desfeita gigantesca no jantar do outro dia.

— Oh... como quiser, senhor.

Caminho até a porta e paro ao lado de Agatha.

— Ah, sim, diga também que não voltarei para o almoço e provavelmente terei um

compromisso inadiável no jantar. Ela não deve se incomodar tanto, não é mesmo?

— Não, senhor.

Fuzilo-a com os olhos. Agatha arqueia as sobrancelhas.

— Ah, claro... claro que ela vai ficar bastante aborrecida, senhor.

Rosno e deixo-a para trás. Caminho pelo corredor e desço o lance de escadas a tempo de

ver Rosie se esgueirar clandestinamente para dentro de meu escritório. Olho para meu relógio de

pulso. Estou meia hora atrasado para o trabalho. Rosno pela segunda vez em menos de cinco

PERIGOSAS

minutos. Essa garota...

Vou até o escritório e abro a porta silenciosamente, com o objetivo de flagrá-la fazendo o

que quer que ela foi fazer ali dentro. Entro e fecho a porta atrás de mim. Ela não me nota,

entretida com não sei o que na minha estante de livros. Está vestindo seu uniforme escolar e sua

mochila está nas costas. Os cabelos estão soltos, roçando os cotovelos. Por algum motivo, sinto um

nó em minha garganta e quase me engasgo com o simples pensamento de dizer algo para ela.

Cerro os punhos. Que diabos está havendo comigo?

Antes que eu possa dizer ou fazer alguma coisa, Rosie se vira com uma pilha de três livros

nas mãos e se assusta, derrubando-os. Minhas mãos querem instintivamente ajudá-la a recolhê-los,

mas eu as controlo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Ah... Eu... — ela gagueja, abaixando-se para pegar os livros do chão.

Tento parecer frio. Suspiro.

— O que está fazendo no meu escritório?

— Eu só... precisava pegar alguns desses livros...

Enfio as mãos nos bolsos da calça.

— Que livros? Para quê?

— Agatha me disse que você tinha uma coleção de literatura clássica aqui. Eu preciso deles

para um trabalho da escola.

É só isso?

— Bem, podia ter me pedido — digo. — Não sabe que é uma tremenda falta de educação

entrar num escritório privado sem a devida autorização?

NACIONAIS - ACHERON

Rosie morde o lábio, sem conseguir me encarar.

— Desculpe.

Esfrego a testa com a mão. O que há com essa garota? Como ela pode oscilar tanto entre

comportada e petulante?

— Certo, certo. — Gesticulo com a cabeça para que ela saia. — Se já pegou o que

precisa, vá embora. Você tem aula agora, não tem?

Ela assente, olhando para as paredes.

Antes, as intenções de Rosie sempre estiveram bem claras para mim, mas agora eu

simplesmente não a entendo mais. É como voltar ao primeiro dia em que ela veio morar nesta casa,

e isso me aborrece.

— Sabe — digo, fazendo-a se sobressaltar —, acho que seria bom você consultar um

médico outra vez. A respeito da sua memória.

Rosie segura os livros com mais firmeza.

— Por quê? — pergunta, na defensiva.

Tento soar despreocupado.

— Bem, precisamos saber se suas lembranças irão retornar. Você não gostaria disso?

— Não é como se me fizessem falta...

Sim, mas para mim fazem! Assinto.

— Agatha disse que você estava me esperando para o café da manhã — comento.

— Ah — Rosie sorri, sem graça —, na verdade eu já comi. Perguntei à ela se você

demoraria muito para descer e ela subiu para te chamar.

Rosie queria saber se eu demoraria a descer? E logo em seguida eu a pego bisbilhotando

meu escritório? Parece suspeito. Suspeito até demais. Caminho até ela e tiro os livros de duas mãos

abruptamente. Isso a surpreende e ela dá um passo para trás, contra a estante de livros. Encaro-a fixamente.

— Qual é o verdadeiro motivo de você estar aqui?

Os olhos verdes dela encontram os meus e, de repente, ela não está mais nem um pouco assustada ou surpresa.

— Eu não vim roubar nada, se é o que está pensando — diz, petulante outra vez.

Olho para os livros em minhas mãos e leio seus títulos: Psicologia básica, O segredo por trás das memórias humanas e Perda de memória recente: por que acontece?.

Arquejo, surpreso, e volto a olhar para Rosie.

PERIGOSAS

— Você quer recuperar as suas memórias... —
murmuro.

— Não é questão de querer — ela diz, novamente
na defensiva.

— Rosie...

— Sinto como se um pedaço de mim estivesse
faltando, como se eu tivesse dormido por uma

eternidade e acordado sem saber quem eu sou. Eu
tenho flashes de memória de palavras, cheiros

e rostos que eu não conheço e tem você... — Rosie
olha para mim com os olhos marejados. Cerra

os punhos e parece tomada pela raiva. — Você está
em meus sonhos o tempo todo, dizendo coisas

que me machucam e me deixam feliz, mas eu não
sei o que é real e o que é inventado, eu não sei

se são memórias ou se é meu coração inventando
coisas...

NACIONAIS - ACHERON

Ela respira fundo, recuperando o fôlego. Eu simplesmente fico ali, parado, porque não sei o

que dizer ou fazer. Rosie quer recuperar as memórias porque está sofrendo ou porque quer

mesmo se lembrar? Não pensei que chegaria a me perguntar isso, mas o que eu sou para ela

agora? Ontem à noite ela disse que queria que fôssemos amigos, mas até que ponto disse a

verdade? Como sei que Rosie não está mentindo outra vez, como fez assim que eu a flagrei com os

livros nas mãos?

Esfrego os olhos. Não. Eu não quero lidar com isso agora.

— Preciso sair — digo, com mais rispidez do que queria. — Não se atrase para a escola.

Dou-lhe as costas e começo a caminhar para fora do escritório, mas Rosie me puxa pelo

braço. Viro-me para olhar para ela.

— Por que eu me apaixonaria por você? — ela pergunta, entre dentes. — Diga...

Engulo em seco e puxo meu braço. Será que ela tem noção de que acaba de apunhalar

meu orgulho?

— Você nunca se apaixonou por mim — digo, impassível. — Era tudo mentira.

Isso a pega de surpresa novamente.

— O quê?

Abro um dos meus sorrisos frios que somente eu sei o quanto são falsos.

— Você é apenas uma garota inocente, uma pobre criança órfã que eu resgatei por conta

de uma dívida que meu pai tinha com o seu. Eu sou herdeiro de um império empresarial e estilista

renomado — Dou de ombros. — Somos completamente diferentes, Rosie.

— Eu...

— Você pode ter dito vez ou outra que me amava, mas o que você sabe sobre amor, não é

mesmo? — Rio. — Se você não se lembra de nada, já é prova suficiente. Você nunca esteve

apaixonada por mim.

Rosie aperta as mãos contra o peito e respira fundo. Nós nos encaramos por longos e

intermináveis segundos. Eu sei que será melhor assim. Eu não preciso que ela me ame, ou ao menos

goste de mim. Nunca deveria ter me sentado ao lado dela naquela noite na cozinha, para começo

de conversa. Nunca deveria ter roubado aquele beijo atrás da cortina. Nunca deveria ter lhe

agradecido por dizer que me amava. Foram muitos

erros. Foi tudo errado. Sunsung está certa, ela é uma garota e eu sou adulto. O que quer que tenha começado a florescer entre nós está fadado ao completo fracasso. Assim como tudo na minha vida.

Capítulo 29

Salto do carro e sou recebido rapidamente pelo Secretário King com sua prancheta irritante. Olho para o prédio alto do hotel onde Ann Lee me aguarda. Ela deve estar furiosa porque não a acolhi em minha casa, como prometi em Paris. Mas o que eu podia fazer? A imprensa, meus empregados e Rosie não pode nem sonhar que ela é minha irmã. Secretário King conversa com a recepcionista e ela telefona para o quarto de Ann Lee. Ela me pede para esperar por ela na cafeteria do hotel.

PERIGOSAS

— Você pode ir agora — digo ao Secretário King.

— Eu ligo se precisar de mais alguma

coisa.

Ele hesita.

— O senhor tem uma reunião em meia hora,
Presidente.

Suspiro e lanço-lhe um olhar de reprovação. Ele
ajeita os óculos quadrados, nervoso.

— Certo, certo. Eu direi ao Vice Presidente que o
senhor teve um imprevisto.

— Você é pago para isso.

Secretário King assente e deixa o hotel
rapidamente. Eu me encaminho para a cafeteria e

peço café para mim e para Ann Lee. Talvez isso a
deixe um pouco menos furiosa comigo.

Eu a vejo antes que ela me veja. Está vestida como
uma modelo e seus cabelos estão mais

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

curtos e tingidos de loiro. Isso faz com que
fiquemos ainda menos parecidos, o que é realmente

bom. Assim que seus olhos me encontram, ela
fecha o semblante e caminha a passadas
barulhentas

até minha mesa.

Nós nos encaramos.

— Sente-se. — Dou um gole em meu café.

Ann Lee bufa, puxa a cadeira e senta de frente para
mim.

— Você já foi mais cavalheiro, Crudy —
resmunga.

Pouso a xícara de café ruidosamente no pires.

— Não me chame assim.

Ann Lee abre seu sorriso diabólico.

— Oh, queira me desculpar, irmãozinho —

NACIONAIS - ACHERON

sussurra. — Eu vivo esquecendo que você odeia esse apelido.

— Você é impossível.

— Eu acho muito melhor do que chamá-lo de Cruel

— Ela faz beicinho. E então faz careta.

— Não sei onde Cassandra estava com a cabeça quando colocou esse nome nojento em você.

Ann Lee nunca chamou nossa mãe de mãe. Meu pai batia nela quando o fazia, então minha

irmã passou a chamá-la de Cassandra para evitar punições desnecessárias. Eu só soube disso

recentemente.

— E então — Ann Lee se apruma, batendo as unhas pintadas de vermelho na mesa —, veio

me buscar?

Bebo mais um gole de café. Agora é a parte difícil.

PERIGOSAS

— Bem...

— Não, não — Ela pousa o indicador sobre meus lábios. Tem uma expressão manhosa no

rosto. — Não vai me dizer para ficar nesse hotel sem graça sozinha, vai?

Afasto seu dedo.

— Eu virei visitá-la todos os dias.

Ela me dá um tapa no ombro.

— Mentiroso!

As pessoas ao nosso redor olham e eu começo a ficar irritado.

— Não comece a bancar a criança — murmuro, trincando os dentes. — Você pode fazer o

que quiser, desde que fique no hotel.

— Você pode fazer o que quiser, desde que fique no hotel — Ann Lee me imita de um jeito

NACIONAIS - ACHERON

nojento. — O caramba! Por que eu não posso sair?

— Você sabe meus motivos. Estou protege...

— De novo essa conversa? — Ela sacode a cabeça.

— Quando é que você vai perceber

que eu não sou mais uma criança? E, aliás, o seu pai já morreu. Ninguém vai ficar fuçando na nossa

história para tentar me matar de novo.

Esfrego a testa. Ela fica pior a cada vez que nos vemos. Saco minha carteira e seleciono um

dos cartões de crédito — o mais brilhante — e coloco sobre a mesa. Ann Lee arregala os olhos. E

olha para mim. Sorrio e ergo uma sobrancelha.

— Crudy...

— Sim, é isso mesmo que você está pensando, irmãzinha — murmuro, como quem não quer

nada. Empurro o cartão para mais perto dela.

PERIGOSAS

Ann Lee morde o lábio.

— Isso é suborno, Crudy — ela choraminga.

— Você pode comprar o que quiser aqui nas lojas do hotel — assinto. — Tudo o que quiser.

Ela me fuzila com os olhos — parecidíssimos com os da minha mãe.

— Você é mesmo cruel.

Rio e cruzo os braços atrás da cabeça.

— É só eu ficar aqui no hotel, certo? — pergunta.

— Uhum.

— Crudy...

— É pegar ou largar, irmã.

Ann Lee revira os olhos e pega o cartão com as pontas dos dedos. Seus olhos não deixam

os meus, desconfiados.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Sem truques?

— Sem truques — dou uma piscadela.

— Ah, mas Crudy... — ela choraminga. — Eu me sinto presa aqui e as pessoas não são nem

um pouco interessantes!

Reviro os olhos.

— Você é que não sabe fazer amigos.

O rosto de Ann Lee de repente se ilumina e ela segura minha mão.

— Falando em amigos, como está Sunsung? Ela sabe que estou aqui? Ela vem me ver?

Tiro minha mão do meio das dela.

— Sunsung tem mais o que fazer do que bancar sua babá outra vez.

— Mas eu quero agradecer! Graças à ela, consegui meu primeiro contrato e eu...

NACIONAIS - ACHERON

— É, é, eu sei da história...

Ann Lee faz beicinho outra vez, piscando os olhos.

— Não incomode Sunsung, ok? — advirto. — Ela é muito ocupada.

— Você está insuportável, sabia? Tão mandão! Você não é tão sério, Crudy, o que está

acontecendo? — Ela cutuca meu ombro. — Estão pegando no seu pé na empresa de novo?

Suspiro. São tantos motivos que eu nem sei por onde começar. E nem quero. Bebo o último

gole de café e me levanto.

— Já vai?

— Não sei se você sabe, mas tenho um império empresarial para gerir — Sorrio com ironia.

— Vá comprar uns sapatos novos.

Ann Lee se coloca de pé, dá a volta na mesa e me

PERIGOSAS

abraça pela cintura. Suspiro. Detesto
quando ela fica melosa desse jeito.

— Volte logo, idiota.

— Voltarei, infelizmente — resmungo.

Afasto os braços dela e saio sem dizer mais nada.
Às vezes me sinto mal por deixá-la

sozinha em apartamentos e hotéis que alugo para
ela. Eu me considero uma pessoa

emocionalmente forte, mais forte do que todo
mundo, mas menos do que Ann Lee. Então isso me
conforta.

Contato meu motorista e vou para a empresa,
atrasado mais uma vez para uma reunião.

Otavius me olha de canto do olho inúmeras vezes,
como se soubesse de algo que eu não sei. Isso

me irrita tanto, que várias vezes cogito saltar a

NACIONAIS - ACHERON

mesa e avançar sobre ele.

Ao fim do expediente, recebo uma ligação de minha madrastra.

— Pronto para o jantar desta noite? — ela indaga, antes mesmo que eu possa dizer

alguma coisa.

— E eu tenho escolha?

Ela ri.

— Achei que você fosse fugir, como da outra vez. Isso diz muito sobre seu caráter. Você

cresceu.

— Como se você soubesse algo sobre crescer ou amadurecer, não é? — Rio. — Você nem

teve filhos.

Ela não diz nada e sei que ganhei.

PERIGOSAS

— Esteja lá às oito em ponto! — grita, antes de desligar.

Preciso me lembrar de mandá-la para uma ilha deserta.

Volto para casa e encontro Rosie andando ao redor da fonte da entrada. Desço do carro e

me aproximo, para mandá-la para dentro.

— Rosie?

Ela olha por cima do ombro, de olhos arregalados. Tem um caderno e um lápis no colo.

— O que está fazendo aqui fora?

Ela ergue o caderno e o sacode. Vejo o desenho de um arbusto nele, feito a lápis.

— Dever de casa — ela diz, bem baixo.

Enfio as mãos nos bolsos. Um silêncio constrangedor nos atinge. Pigarreio.

NACIONAIS - ACHERON

— Está indo bem na escola? — pergunto.

Ela assente e algumas mechas de seu cabelo escapam de trás de sua orelha. Ela as

recoloca distraidamente. De novo, Rosie está agindo toda retraída. Parece que a qualquer instante ela pode entrar em pane e começar a gritar comigo.

— Diga à Agatha que pode servir seu jantar quando estiver com fome — digo.

— Você não vai jantar? — ela pergunta, mas vejo que é mais por educação do que interesse.

— Não — eu digo. — Hoje vou jantar com minha noiva.

— Noiva?

Rosie me encara genuinamente surpresa e imediatamente eu me arrependo de ter dito sobre

minha noiva à ela. Eu quis provocar-lhe alguma reação. Eu quis que ela dissesse alguma coisa.

— Eu... não sabia que você...

— É um casamento arranjado — interrompo, desviando o olhar. — É para o bem da

empresa e do legado de meu pai.

Rosie ri ligeiramente.

— Achei que esse tipo de coisa só acontecia nos filmes — diz, mais para si mesma do que

para mim.

— De qualquer forma, hoje vou demorar para voltar para casa. Tente não incendiar tudo.

Dou-lhe as costas e começo a caminhar. De repente me dou conta do trocadilho maldoso que

acabo de fazer com incêndio. Paro de andar e olho para Rosie por cima do ombro. Ela agora está

de costas, juntando suas coisas, não consigo ver seu rosto. Engulo em seco. Por que estou me

importando tanto com os sentimentos dela?

Meu celular toca. É Noel.

— Sim?

— Sua princesa é realmente agitada — ele diz, rindo.

— O quê?

— Ela é bastante popular na escola e sabe como despistar os seguranças que você colocou

atrás dela. Gostei da garota.

Suspiro.

— Rosie saiu das dependências da escola?

— Sim. Foi almoçar com outras garotas em uma lanchonete perto da escola. Havia um

garoto junto.

Cerro o punho que não está segurando o celular.

— Certo — digo. — Continue com seu bom trabalho.

Dalila está à minha espera quando desço do carro, em frente ao restaurante bastante

iluminado. A julgar por seu rosto rígido, ela fez mais uma cirurgia plástica. Há um luxuoso buquê de

rosas em suas mãos.

— É realmente inacreditável — Ela ri. — Meu querido enteado é de fato surpreendente...

Aproximo-me dela, impassível, e tomo o buquê de suas mãos.

— O que veio fazer aqui? — pergunto.

PERIGOSAS

— Eu sabia que você iria esquecer de trazer um presente para sua noiva. E, como sempre,

eu estava certa.

Trinco os dentes. Talvez eu devesse atirá-la no meio da avenida de uma vez.

— Por que eu estou aceitando fazer isso, mesmo?

— resmungo.

Dalila abre um sorriso falso e se aproxima de mim.

— Simplesmente porque uma das condições que seu pai estabeleceu para a liberação da

sua herança foi um casamento vantajoso para a companhia — Ajeita minha gravata. — É tudo

para o seu bem, querido. Eu sei o quanto você ama o dinheiro.

Olho para ela com repugnância. Lembrando-me de que ela foi a delatora. Foi ela quem

arruinou minha vida e a de...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

O rosto de Dalila de repente se ilumina e ela olha para algo atrás de mim. Acompanho sua

linha de visão e vejo um carro branco chegar e parar. O motorista salta do veículo e corre a abrir

a porta para — deixe-me adivinhar — minha noiva descer. Assim que a vejo, meus ombros

murcham. Ela é alta, bonita e se veste tão bem quanto uma modelo. Em meu interior, eu estava

torcendo para que ela fosse feia, ou baixa demais, ou tivesse muito mal gosto para roupas, mas

como posso encontrar um defeito em uma figura graciosa como essa?

— Presidente DeVil? — ela me identifica. Sorri.

Dalila já não está mais por perto e eu não sei como proceder. Quero atirar esse buquê de

rosas na sarjeta, largar a garota falando sozinha e voltar para o silêncio do meu quarto. Talvez

NACIONAIS - ACHERON

chegar a tempo de jantar com Rosie e saber mais sobre como ela está indo na escola.

Mas não posso.

Eu preciso do dinheiro da herança que meu pai me deixou. Tenho dívidas de minhas

tentativas frustradas de me estabelecer como estilista — a maior parte delas com Sunsung. Tenho

que administrar a empresa de meu pai e impedir que ela caia nas garras de Otavius. Portanto,

tenho que me casar com uma estranha filha de outro poderoso empresário. Mesmo que eu a odeie.

— Olá — digo. — Você está incrivelmente bonita.

Ela caminha até mim e sorri. Tem covinhas em ambas as bochechas e olhos impactantes.

Estende a mão para mim.

— Meu nome é Suzy Sullivan — Ela abre um

NACIONAIS - ACHERON

sorriso ainda mais brilhante. — Eu não tenho intenção nenhuma de me casar com você, mas estamos sendo filmados, então continue sorrindo e me leve para dentro. Por favor.

Congelo, embasbacado. O que ela acabou de dizer?

— Vamos entrar? — Ela envolve o braço ao redor do meu, conduzindo-me ao restaurante.

Permaneço encarando-a, completamente confuso. Ela não quer casar comigo? Qual o

problema com ela? Nós nos sentamos à mesa e Suzy não para de sorrir por um segundo. Um

garçom vem anotar nossos pedidos, mas ela o dispensa, dizendo que demoraremos para decidir o que vamos comer.

— Certo — diz, ainda sem deixar de sorrir —, eu fui forçada a vir aqui e acredito que

você também. Então, vamos simplesmente pular as formalidades e abrir o jogo, tudo bem?

— Ahn...

— Eu sei tudo sobre você desde que completei vinte anos — Seu sorriso finalmente vai

sumindo aos poucos. — Meus pais me educaram para ser a perfeita esposa de um milionário e me

fizeram estudar você desde aquele acidente com a sua namorada. Eu ensaiei para essa noite

cinquenta mil vezes e sei exatamente como seduzir você e fazer com que se apaixone por mim.

Mas, sabe de uma coisa? Eu não quero.

— Você...

— Eu já tive o suficiente disso tudo, Presidente DeVil. Eu tenho meus próprios sonhos e

objetivos. Quero ser detetive. Ou entrar para o exército. Ou trabalhar na NASA. Eu quero fazer

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

coisas que ninguém por aí está fazendo. E sei que estou tagarelando sem parar feito uma louca

descontrolada, mas é que meu tempo está acabando...

— Seu tempo...

Ela toma fôlego.

— Eu tenho um namorado e nós queremos sumir do mapa por uns tempos. Não vou me casar

com você, desculpe.

Franzo a testa.

— Não precisa me pedir descul...

— Eu sei sobre a condição da herança do seu pai.

Arregalo os olhos. Quem é essa maluca, afinal?

— Então... — Ela não para de falar. —, vamos simplesmente dizer que nos odiamos à

NACIONAIS - ACHERON

primeira vista e acabar com essa palhaçada. Fique à vontade para pedir o que quiser comer, por minha conta.

Suzy se levanta e simplesmente sai andando tranquilamente do restaurante, com um sorriso assustador estampado no rosto.

Fico em estado de choque na cadeira.

O que diabos acabou de acontecer aqui?

Capítulo 30

— Ah, não pode ser! Você é boa desenhista também?

Olho espantada para cima e me deparo com os olhos enormes e azuis de Cat. Rio, sem

graça, e cubro meu desenho apoiando os cotovelos na carteira. Ela puxa uma cadeira e senta-se ao meu lado.

PERIGOSAS

— Rosie, você é de verdade? — Ela cutuca minha bochecha.

Afasto seu dedo.

— Você está exagerando...

— Não, é sério — Cat puxa a folha de debaixo dos meus braços e ergue contra a luz da

janela da sala de aula. — É tão bonito... Você podia ir para a faculdade de artes desenhando tão

bem assim.

Olho para o desenho do cisne que comecei a esboçar e suspiro. Atualmente, eu não tenho

certeza de absolutamente nada. Estou assustada e apreensiva com o fato de que eu perdi só um

mês da minha memória — mas parece que perdi anos. Saber que não tenho mais meus pais

comigo, que não tenho família alguma e que não tenho casa me fez mais mal do que eu pensei ser

NACIONAIS - ACHERON

possível. Isso mexeu com a minha identidade.

E ainda tem aquele cara, aquele senhor DeVil. Não consigo entender o que ele quer de mim.

Primeiro diz que eu sou apaixonada por ele e depois diz que inventou tudo? Se não fosse pelo

fato de que ele está presente em todos os flashes de memória que eu tenho, eu já teria deixado a

casa dele faz tempo. Mas preciso descobrir que tipo de acidente sofri e quais memórias perdi.

— Rosie, pode me emprestar as anotações do primeiro período? — pergunta Henrietta, a

garota que senta atrás de mim.

— Claro — Abro minha pasta de anotações e estrego as folhas para ela.

— Fico te devendo uma!

Fiquei surpresa pela maneira como todo mundo nessa escola é sempre muito educado e

disposto a ajudar. Parece que sempre que eu peço um favor a alguém, essa pessoa se sente

honrada, como se eu permitir que me ajudem fosse um privilégio que proporciono a eles. É um

tanto estranho, mas acho que vou me acostumar rápido.

O sinal toca e os alunos que estão fora da sala rapidamente entram para assistir à aula. Eu

me ajeito em minha cadeira e abro meu livro de geografia. Cat ainda está do meu lado, mexendo

no celular.

— A aula vai começar — digo, para que ela vá para o seu lugar.

Cat faz careta.

— A professora vai demorar um tempinho. Me disseram que teve uma diarreia e está se

recompondo — Ela faz aspas com os dedos, rindo.

— SÉRIO?

Cat agita o celular.

— O Ben Chucles acabou de me mandar mensagem. Tem uma festa amanhã, depois do

Baile do Boas Vindas — Ela me cutuca. — Você vem?

Ah, eu tinha me esquecido desse Baile. Dou de ombros.

— Não me decidi ainda.

— Vamos, Rosie, não seja tão careta. Você tem cara de quem gosta de curtir uma boa festa.

Tenho um repentino flash que me deixa tonta. Nele vejo uma mesa diante de mim e me

lembro de um cheiro de comida maravilhoso, comida de uma festa chique à qual eu fui com... e

BUM! Bato em uma parede e não consigo me lembrar de mais nada. Isso acontece com mais

NACIONAIS - ACHERON

frequência a cada dia. É frustrante.

— Ei — Cat agita a mão diante dos meus olhos. —, você está bem?

Sorrio.

— Estou, estou. Eu... gosto de festas. Talvez eu dê uma passada.

Cat abre um largo sorriso.

— Isso!

A professora adentra a sala de aula e é recebida por alguns risinhos inconvenientes. Não

resisto e dou umas risadas também. Ela pigarreja e coloca seu material sobre a mesa.

— Vejo que estão todos bem alegres hoje... — resmunga, cruzando os braços e batendo a

ponta do pé direito repetidamente no chão. — Faz com que eu queira passar um bom dever de

casa logo na primeira semana de aula, o que acham?

Algumas cabeças se abaixam e os risos param. Satisfeita, a professora começa a caminhar

de um lado para o outro, olhando para as paredes. Ela não é tão velha, mas as roupas que usa

fazem parecer que tem quase cinquenta anos e os cabelos tingidos de vermelho escuro não

ajudam muito.

— Temos um novo aluno chegando hoje. Ele veio de fora da cidade direto para cá, então

deem a ele um descanso, tudo bem?

— Aluno novo? — alguém pergunta.

Alguns rostos se voltam para mim.

— Mais um?

Crispo os lábios, um pouco desconcertada. Pelo

menos a atenção que depositaram em mim

nesses meus dois primeiros dias agora será voltada ao aluno novo.

Alguém bate à porta e a professora abre rapidamente. Um funcionário da secretaria entra,

acompanhando de um garoto de jaqueta, fones de ouvido e óculos descolados. Imediatamente

inicia-se um burburinho na sala e a professora repreende a turma.

— Este é o novo colega de vocês, garotos — diz o cara da secretaria. Ele olha para o

garoto: — Apresente-se.

O garoto suspira, totalmente inexpressivo. Parece muito entediado.

— Meu nome é Theo Baek. Prazer.

A sala fica em silêncio. O garoto tem um sotaque carregado e, analisando mais

cuidadosamente, vejo que tem um alargador na orelha direita e olhos levemente puxados, como os de Sung. Ele é bonito de um jeito meio largo.

— Pode se sentar lá no fundo, Theo — diz a professora —, e seja muito bem-vindo.

Theo passa ao meu lado em seu caminho para as carteiras do fundo e, de relance, vejo

curativos nos dedos das duas mãos dele. Será que ele é um daqueles encenqueiros?

— Peixe novo no mercado — sibila Cat, olhando maliciosamente para as costas de Theo. Ela

me pega olhando e pisca para mim.

Tenho sorte de estar sentada na primeira cadeira, de forma que toda a atenção que o

garoto novo está recebendo fique toda nele e eu possa me concentrar na aula sem ter alguém me

observando de canto de olho. Suspiro. *Obrigada*

por aparecer, Theo.

— Bem... — a professora praticamente grita, tentando chamar a atenção da turma. —

Vamos dar início à aula de hoje...

Estou quase dormindo na aula de geometria, no último período, quando a sineta toca e todos

se levantam para ir embora. Cat se pendura em minha carteira enquanto junto meu material e

começa a tagarelar:

— Theo Baek, dezoito anos, filho de estrangeiros que acabaram de se mudar para cá.

Temos as aulas de geografia, educação física e artes com ele. Solteiro.

Rio e faço careta para ela.

— Você definitivamente tem o dom da fofoca — digo, levantando-me. — Já pensou em ser

jornalista?

— Ah, confesse. É uma delícia olhar para ele!

— Estou contente que ele veio para cá — confesso.

— Ninguém vai ficar me encarando nas

aulas porque não sou mais a novata.

Cat me cutuca com o cotovelo.

— Ele parece exalar simpatia — ela diz, irônica.

Rio.

— É sério, eu acenei mais cedo para ele e ele simplesmente desviou o olhar.

— Você devia estar sendo muito agressiva — brinco. — Seus sorrisos são brilhantes demais para olhos desacostumados.

Cat suspira.

— Bem, o que posso fazer se nem o novato aguenta

o meu brilho?

Dou risada e caminhamos para fora da sala. Somos as últimas a sair. Há alguém parado do

lado de fora, encostado na parede. Sinto um frio constrangedor na barriga ao reconhecer a

pessoa. É Theo.

Cat e eu olhamos uma para a outra, envergonhadas. Ele olha para nós duas por meio

segundo e vai embora, sem expressar emoção alguma. Sinto meu rosto arder de vergonha.

— Ai... Ele não ouviu a gente, ouviu? — Cat coça a cabeça.

Olho para a figura de jaqueta desaparecendo pelo corredor da escola.

— Espero que não.

— Tem certeza de que não quer uma carona? — pergunta Cat, pela milésima vez. — Você

PERIGOSAS

mora longe da cidade, não mora?

Sacudo a cabeça.

— Não, tudo bem. Meu ônibus sai daqui a pouco, então tenho que correr.

Agatha, a empregada que cuida de mim na casa DeVil, me instruiu a dizer que moro fora

da cidade com meu irmão mais velho e que venho e vou embora da escola de ônibus todos os dias.

Mas a verdade é que DeVil sempre manda um motorista para me buscar em uma rua morta a

cinco quadras de distância da escola.

Despeço-me de Cat e sigo caminhando bem lenta e despreocupadamente até que ela

desapareça com o carro que os pais lhe deram de presente. A maioria dos alunos vai embora em

seus próprios carros ou de carona com os pais e amigos, então eu quase sempre sou a última a

NACIONAIS - ACHERON

deixar a escola para que não me vejam.

Avisto o carro preto parado no lugar de sempre e corro até lá. O motorista abre a porta

para mim e eu entro rapidamente. O caminho até a minha nova casa é longo e eu tiro um cochilo

tranquilo no banco de trás até chegarmos.

— Olá, querida... — Agatha me recebe à porta da casa. — Está com fome?

Apesar de achá-la um pouco irritante, Agatha sempre parece ler minha mente e sempre

sabe do que preciso. Eu meio que confio nela. Sorrio e assinto.

— Estou sim.

— Guarde sua mochila, vou preparar algo para você comer agora mesmo.

— Obrigada.

PERIGOSAS

Subo para o quarto e deixo minha mochila na poltrona. Pego meu bloco de notas e lápis de desenho e desço para a cozinha. As cozinheiras Darla e Yuki fazem um escândalo ao me ver e me enchem de bolo e suco até que Agatha interfere e pede que me deixem em paz.

— É melhor comecem a preparar o jantar! Tagarelas...

— Vou tomar um pouco de ar, Agatha — digo, saindo da cozinha.

— Esp... Rosie? — ela me chama. — Vai lá fora?

Encaro-a.

— Vou. Por quê?

Ela fica me encarando, parecendo surpresa.

— Ahn... Não é nada. É que você não costumava sair muito... antes...

NACIONAIS - ACHERON

Crispo os lábios. Outra vez me comparando com a Rosie que eu era antes de perder a memória.

— Se precisar de mim, estou lá fora — digo.

Vou ao jardim principal, à procura de algumas flores que eu possa desenhar. Após algum

tempo perambulando, não encontro nada além de arbustos e árvores e verde por todo. Vou até a

frente da casa e me deparo com a fonte, que parece bem bonita nesse fim de tarde, e começo a

fazer um esboço dela. Não gosto, rasgo e jogo fora. Começo a rabiscar um arbusto e o som de um

carro se aproximando me sobressalta. À essa hora da tarde, deve ser o senhor DeVil chegando do

trabalho.

— Rosie? — Ouço-o chamar e me retraio um pouco. Olho para ele por cima do ombro. Mais

PERIGOSAS

uma vez sou pega de surpresa, porque ele é muito bonito. — O que está fazendo aqui fora?

Ergo o meu bloco de notas com meu desenho feio do arbusto. Não posso dizer que estou

procurando flores e coisas para desenhar. Ele é capaz de vir para cima de mim com aquela

história de que a antiga Rosie não fazia isso.

— Dever de casa — minto, sacudindo o caderno.

Ele desvia o olhar e enfia as mãos nos bolsos. Aproveito essa sua distração para avaliá-lo.

Ficamos em silêncio até que ele pigarreia e volta a olhar para mim.

— Está indo bem na escola? — pergunta.

Quero, sinceramente, contar que as horas que passo na escola são a melhor parte do meu

dia. Que tenho uma amiga maluca e gentil chamada Cat e que todo mundo é muito legal comigo.

NACIONAIS - ACHERON

Mas não digo. Não sei se temos um relacionamento bom o suficiente para eu me abrir dessa

maneira. Então limito-me a apenas assentir.

— Diga à Agatha que pode servir o seu jantar quando estiver com fome — ele diz,

assumindo uma postura fria.

Não era isso que eu queria. Estamos mais distantes.

— Você não vai jantar? — pergunto, tentando fazer com que ele fale mais.

Uma estranha frieza toma conta de seu olhar e DeVil parece me encarar com certa

hostilidade.

— Não — ele diz. — Hoje vou jantar com a minha noiva.

Olho surpresa para ele, achando que está brincando, mas ele permanece sério. Ele... tem

uma noiva?

— Eu... não sabia que você...

— É um casamento arranjado — ele diz, com a voz morta e o olhar frio de encontro ao

meu. — É para o bem da empresa e do legado do meu pai.

Ele tem uma noiva? Ele... vai se casar com alguém? Isso está mesmo acontecendo? Engulo em

seco e rio de nervoso. O que há comigo?

— Achei que esse tipo de coisa só acontecia nos filmes — digo e logo desejo ter ficado de

boca calada.

— De qualquer forma, hoje vou demorar a voltar para casa. Tente não incendiar tudo.

DeVil me dá as costas e caminha para dentro da casa sem dizer mais nada. Cerro meus

punhos, deixando o bloco de notas e o lápis caírem no chão. Abaixo-me para pegá-los. Meu peito

dói e meu coração bate muito forte. Por que estou assim? Por que de repente sinto um incômodo

tão grande? É por ele? Por quê? DeVil não significa nada para mim. Eu não tenho sentimentos por ele.

Incomodada, desisto de tentar desenhar e vou para o meu quarto. Tiro meu uniforme e tomo

um bom banho. Quero esquecer sobre essa história de noiva e casamento. Vou me focar

inteiramente nos meus estudos, me formar no ensino médio e conseguir uma bolsa na faculdade

bem longe daqui. Não tenho mais tempo para pensar em romances que eu tive ou não no último

mês, afinal aquela Rosie não existe mais.

— Rosie? — Ouço Agatha bater na porta do meu

quarto, um tempo depois. — O jantar

está na mesa. Venha logo, antes que esfrie.

— Já vou!

Guardo meu livro de cálculo, visto um roupão florido e deixo meu quarto. Assim que fecho a

maçaneta atrás de mim, viro-me e vejo DeVil no topo da escada. Encaro-o, surpresa. Ele dá um

longo suspiro e continua a andar, passando por mim no corredor sem dizer nada.

— Você... — começo a dizer. Ele para no meio do caminho. Minhas mãos tremem, sem

nenhuma razão aparente. — Você disse que...

— Eu não quero falar sobre isso — ele me interrompe. Parece abalado.

— Está tudo bem? — pergunto, cruzando os braços.

Ouço-o rir com sarcasmo.

— O que você quer que eu diga? — DeVil se vir para mim, com um sorriso zombeteiro no rosto.

— Eu...

— Vai pedir para que eu não me case? — ele me interrompe. Seus olhos estão vermelhos e

marejados. — Vai me pedir para esquecer a herança do meu pai? Vai me pedir para olhar só

para você? Onde... onde você está? Onde está a garota que disse que iria tentar me curar?

— DeVil, eu não...

— Por que está me chamando assim? — Ele ri e meu coração se parte. — Você... você se

esqueceu do meu nome? Você... como pôde?

— Não fale assim — peço. — Eu não me esqueci

porque quis e você sabe disso...

Ele ri mais uma vez e parece que o sangue em minhas veias congela.

— Quer saber, eu realmente acreditei por um segundo que você, de alguma forma, pudesse

me mudar — suas palavras saem engasgadas e entrecortadas. Ele não parece estar em seu juízo

perfeito. — Eu quis você para mim, quis manter você perto de mim porque você disse que me

amava incondicionalmente. Pensei que ao menos uma pessoa nessa droga de mundo via algo bom

em mim porque, sinceramente, eu não vejo — ele engole em seco. — Ah, mas você não liga para

nada disso, não é? Porque você não é e nunca será a Rosie verdadeira, a Rosie pela qual eu me

apaixonei!

Arregalo os olhos e dou um passo para trás

NACIONAIS - ACHERON

enquanto outro flash de memória me atinge

como um tijolo na cabeça: Um quarto escuro. Um homem desconhecido tentando me machucar.

Alguém vindo ao meu resgate. Estou salva.
Cambaleio e me apoio na parede, esforçando-me para

respirar.

— Cruel... — o nome escapa entre meus dentes trincados e eu começo a ver estrelas. Eu me

lembrei do nome dele. Cruel. Mas por que Cruel? Por que um nome tão maldoso para alguém que

sofreu tanto? Como... como sei que ele sofreu?

Olho para ele. Sua expressão é indescritível de tão surpresa. Toda a cor sumiu de seu rosto

e sua boca forma um O. Sacudo a cabeça, tentando recobrar o equilíbrio.

— O que você disse? — ele pergunta, a voz

trêmula de expectativa. Dá um passo em minha direção, mas eu recuo contra a parede.

— O que você fez para ganhar esse nome? Por que te chamam de Cruel?

Ele cerra os punhos e desvia o olhar.

— Não é agradável — rosna, fitando a parede.

— Não interessa.

Com as costas das mãos ele enxuga o rosto, evitando olhar para mim. Sua boca se contorce,

tentando reprimir uma onda de choro. Dou alguns passos até ele e, hesitante, eu o abraço. Não é

um abraço romântico ou com segundas intenções. Eu o abraço porque o homem diante de mim está

tão devastado que a qualquer momento acho que ele pode simplesmente estourar. É um abraço de

força, um abraço de ajuda.

Eu estou aqui, quero dizer. Está tudo bem.

Cruel DeVil finalmente irrompe num choro silencioso que sacode a nós dois. Ele parece um menino desamparado, deixado para trás sem amor ou cuidado algum. Minha pergunta ainda paira no ar, agourenta.

— Rosie... — ele chora meu nome, fazendo lágrimas brotarem de meus olhos. — Meu pai me deu esse nome porque eu não sou bom — Soluça. — Eu não tenho nada que vale a pena salvar. Eu não sou bom. Ele... ele me deu esse nome porque eu matei meu irmão gêmeo.

Capítulo 31

Sinto um frio na barriga e por um momento quero entrar em pânico. Como assim ele matou o próprio irmão gêmeo? Com que tipo de pessoa estou lidando aqui? Espera, ele tinha um irmão

PERIGOSAS

gêmeo? Eu já sabia disso?

Seus braços de repente ficam rígidos e ele os ergue, parecendo não saber o que fazer.

Então me segura pelos ombros e me afasta. Funga. Enxuga o roto na manga da camisa. Apesar de

aparentar estar fora de si, Cruel não cheira a álcool e duvido que usaria drogas durante um

jantar com a própria noiva.

Ai, "própria noiva". Isso me incomoda de um jeito estranho.

— Por que... — ele balbucia, me afastando contra a parede. Então seus olhos cor de gelo

olham persistentemente diretamente para os meus.

— Por que você sempre arranca de mim meus

piores segredos?

Pisco, sem entender. Eu conhecia outros de seus segredos? Quais?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Ah, é — Ele ri sem humor. —, você não se lembra.

Suas mãos sobem de meus ombros para os dois lados do meu rosto e eu sinto minha pele

esquentar. Cruel disse que já nos beijamos, mas eu realmente não tenho recordação nenhuma de

algum contato físico entre nós, então eu me retraio perante ao seu toque.

— Olhe para mim — ele pede, sussurrando.

Meus olhos voam para seu rosto. Está triste.

— Esqueça o que ouviu aqui, tudo bem? — Cruel engole em seco. — Não fará bem nenhum

a você ficar pensando nesse assunto.

Suas mãos deixam meu rosto e ele dá um passo para trás. Sinto um repentino frio, que me

parece estranhamente bem familiar. Num gesto impetuoso, seguro o pulso dele.

NACIONAIS - ACHERON

— Não me fará bem? — Franzo a testa. — Do que é que você está falando? Você não está bem, você...

Cruel ergue a mão, interrompendo-me.

— Eu sou crescido. Sei lidar com meus problemas. Cuide de você mesma, tudo bem?

Dessa vez sou eu que rio sem humor. É inacreditável.

— Nunca... — arquejo. — Nunca ouvi um pedido de ajuda mais desesperado que esse.

Cruel trinca os dentes.

— Pedido de ajuda? — Ele me mede com os olhos da cabeça aos pés. — O que é que

você sabe sobre ajudar alguém? O que é que alguém como você pode fazer?

— Alguém como eu? — Sacudo a cabeça. — Espere, por que estamos falando de mim? O

PERIGOSAS

problemático aqui é você!

— Problemático? — ele fica boquiaberto. —
Ninguém nunca ousou me chamar assim!

Crispo os olhos.

— Nem mesmo o seu psiquiatra?

— Quem você pensa que eu sou? — Cruel grita,
desconcertado. — Por que eu iria a um

psiquiatra?

Suspiro. Que infantil.

— Talvez ajude, sabe — digo calmamente. — Ter
alguém com quem conversar, contar sobre

seus problemas sem ser julgado ou tratado de forma
diferente...

Cruel pestaneja.

— Posso conversar com você, então. — Dá de
ombros.

NACIONAIS - ACHERON

Franzo a testa.

— O quê?

Cruel cruza os braços, fazendo toda aquela pose de mandão.

— Seja minha psiquiatra. Ouça o que tenho a dizer, sem julgamentos.

— Mas... — *Ele ficou louco por acaso?* — Por que eu?

Cruel abre os braços, gesticulando ao nosso redor.

— Há mais alguém nesta casa que saiba sobre quão arrogante, imaturo e egoísta eu sou?

— E você admite... — murmuro.

Cruel continua, sem se importar:

— Por acaso mais alguém testemunhou o quanto tenho estômago fraco para álcool? Mais

alguém sabe sobre Serena e sobre o que eu acabei

PERIGOSAS

de te dizer agora sobre meu nome? Mais

alguém sabe que eu me odeio?

Engulo em seco.

Ele disse em voz alta. Ele se odeia. Que situações extremas uma pessoa precisa enfrentar na

vida para chegar ao ponto de odiar a si mesma? Quer dizer, a autopreservação é um dos instintos

mais primitivos do ser humano. Se alguém se odeia, significa que automaticamente não vai zelar

por si mesmo? Será que... será que Cruel já tentou coisas como suicídio?

Fecho os olhos. Não gosto de pensar nisso. Por que estou achando que vou me arrepender

disso mais tarde?

— Tudo bem — digo, com seriedade e olho para ele.

NACIONAIS - ACHERON

Cruel arqueia as sobrancelhas ligeiramente.

— Sério? — Por um segundo ele parece genuinamente surpreso. Então pigarreia e se recompõe. — Certo.

— Quando começamos?

Ele me olha em dúvida.

— Começamos o quê?

Suspiro.

— Essa coisa de ouvir sobre os seus problemas pode tomar muito do meu tempo —

respondo, pensativa. — Sabe, esse é meu último ano na escola, então eu realmente tenho que me

empenhar nos estudos se quiser entrar em uma boa faculdade. Também estou pensando em me

inscrever em alguns clubes para aumentar as atividades extracurriculares do meu histórico, por

isso

preciso me programar. Então, quando você quer começar?

Cruel fica me encarando por alguns segundos e sacode a cabeça.

— Você é mesmo outra pessoa.

Cruzo os braços.

— Por que diz isso?

— Bem, a Rosie de antes não hesitaria em ouvi sobre os meus problemas. Na verdade, ela

foi bastante invasiva.

Reviro os olhos.

— Eu já disse que essa Rosie não existe mais.

Ele ri com sarcasmo.

— Não precisa me lembrar disso.

Sinto raiva. Muita. Por que Cruel simplesmente não se concentra na Rosie real, que está na

frente dele agora? Por que tem que ficar mexendo no passado e falando sobre uma Rosie tão

irritante? Cerro meus punhos. Tenho vontade de gritar.

— Rosie! O jantar já esfriou! — Agatha surge no topo da escada. — Por que está

demorando tan...

Seus olhos vão de mim a Cruel e ela os arregala.

— Oh, perdão...

— O jantar já foi servido? — pergunta Cruel.

— Si-sim, senhor — ela assente. — Mas a mesa está posta para apenas uma pessoa, já

que o senhor disse que jantaria fora.

Cruel franze a testa e bate o pé no chão repetidas

vezes. Então vira-se e olha para mim.

— Agora — diz.

Franzo a testa.

— Agora o quê?

Cruel segura meu pulso e me puxa escadaria abaixo atrás dele. Agatha vem atrás, tão

confusa quanto eu.

— O que está fazendo? — pergunto, assim que chegamos ao hall.

— Preparem o meu carro. — Cruel grita aos empregados.

Tento puxar meu pulso, mas os dedos dele estão segurando-o com firmeza.

— O que está fazendo? — repito, começando a ficar irritada.

— Não seja tão irritante e só espere, tudo bem? —

PERIGOSAS

Seus olhos dão uma rápida checada no

roupão que estou vestindo e olha para Agatha. —
Está frio, traga um dos meus casacos.

Ela arregala os olhos.

— Um dos seus casacos, senhor?

— Por acaso eu gaguejei? Vá logo!

Um empregado corre a abrir a porta ao mesmo
tempo em que Agatha chega com um

casaco pomposo de pele. Cruel finalmente solta
meu pulso, pega o casaco e, quando penso que ele

vai me abraçar, me cobre com o casaco que quase
chega aos meus pés.

— Você enlouqueceu? — grito.

Cruel abre um sorriso travesso.

— Eu devia contratar você como modelo freelancer
um dia desses...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Dessa vez ele pega minha mão e me puxa para fora da casa, em direção ao carro que nos

espera com a porta aberta. Por algum motivo, eu não resisto e reclamo pouco. Noto que meu

coração está disparado assim que nós nos sentamos no banco de trás do carro e tiro minha mão

de dentro da de Cruel.

— Aonde vamos? — pergunto, agitada.

— Vamos jantar e você vai ouvir tudo o que tenho a dizer — ele responde categoricamente.

Olho para o enorme casaco de pele, horrorizada.

— Você ao menos devia ter me deixado trocar de roupa!

— Qual é o problema com o meu casaco?

— Qual "não" é o problema — grito, indignada. — Eu não quero que as pessoas me vejam

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

assim! Estou usando pantufas, Cruel!

Ele revira os olhos, saca o celular do bolso e disca um número velozmente. Diz para a

pessoa do outro lado da linha algumas palavras numa língua que provavelmente é francês, ri vez

ou outra e desliga, todo satisfeito.

— Problema resolvido.

Encaro-o.

— O que você fez?

Cruel sorri para mim com toda a arrogância do mundo.

— O que você queria que eu fizesse? Aluguei um restaurante só para nós dois, é claro.

Quando Cruel disse que alugou um restaurante só para nós, não estava brincando.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Não consigo ler o nome do lugar porque as letras da fachada são rebuscadas e estranhas

— provavelmente para parecerem chiques —, mas tenho quase certeza de que é um restaurante

francês. Isso me lembra algo relacionado a Cruel e a Paris, porém não consigo me lembrar o que seria.

Descemos do carro e adentramos as portas de vidro do lugar, que já cheira a comida boa.

Cuspo discretamente alguns fiapos do enorme casaco de pele e sigo Cruel pelo restaurante. Todas

as luzes estão acesas, mas parece que o lugar está abandonado. O interior é feito de madeira e

tem grandes janelas de vidro. Há vasos bonitos de plantas em todos os cantos e as mesas são

elegantes. É um lugar aconchegante, admito.

Um homem de avental preto chega e nos

NACIONAIS - ACHERON

cumprimenta alegremente. Parece feliz em ver

Cruel e sorri com gentileza para mim.

— Gostariam de deixar seus casacos... — Ele estende as mãos para nós.

— Não, ficaremos com eles — Cruel interrompe.

O sorriso do homem não vacila. Ele deve ser acostumado a atender clientes temperamentais.

— Como quiser. Venham por aqui.

Nós o seguimos até uma mesa mais reservada, onde a comida já está servida, esperando

por nós. Meus estômago ronca. Parece deliciosa.

— Fiquem à vontade — diz o homem de avental.

— Se precisarem de mim, é só chamar —

Ele indica um sino de prata com cabo de madeira no canto da nossa mesa.

Contenho uma risada. Parece coisa de filme. Cruel

PERIGOSAS

toma seu lugar à mesa e eu faço o mesmo, sentado-me de frente para ele.

— Você costumava gostar dessa comida — ele diz.

Arqueio as sobrancelhas.

— Você me levava para jantar?

— Não — Ele franze a testa. — Nós fomos à uma festa certa vez... e você amou a comida.

Parecia uma esfomeada.

Dou risada.

— Bem, parece uma delícia.

— Coma logo e pare de falar — Cruel resmunga, mas não parece irritado.

Assim que provo a primeira garfada, eu me lembro. Uma festa chique com gente esnobe.

Algo importante aconteceu naquela noite, mas tudo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

o que me vem à mente é o sabor celestial da comida.

Suspiro, mastigando.

— O que foi? — Cruel pergunta.

Sacudo a cabeça.

— Só estava tentando me lembrar de uma coisa.

— Ei, não fale enquanto come...

— Foi você quem me perguntou!

Ele ri ligeiramente, sacudindo a cabeça.

— Certo — diz, depois de engolir mais uma garfada. — Vamos focar em mim agora.

Reviro os olhos e bebo um gole de água — que parecia mais gelada do que está agora.

— Não sei se sou a pessoa certa para ouvir você — digo. Então algo me vem à mente. —

NACIONAIS - ACHERON

Aliás, o que aconteceu com o jantar com a sua noiva?

Cruel me encara com dureza e apoia os cotovelos na mesa.

— Não quero falar sobre isso — rosna.

Apoio meus cotovelos na mesa também e encaro-o com os olhos crispados, até ele devolver meu olhar.

— O objetivo disso — Gesticulo para a mesa de jantar. —, é você me contar sobre seus

problemas. Não é? Então pare de ser tão...

— Eu fui rejeitado! — Ele bate com o punho na mesa, fazendo-me dar um pulo.

Nós nos encaramos. Sua expressão é sombria é ele parece realmente irritado. Ao que tudo

indica, seu orgulho foi ferido.

PERIGOSAS

— É mesmo? — indago, como se não fosse nada de mais. Dou mais uma garfada na

comida, esperando que ele continue a falar.
Funciona.

— Ela já tem alguém — Cruel fita seu prato quase vazio, com raiva. — E é toda autoritária,

sabe? Ela não parou de falar desde que nos sentamos à mesa e tem os objetivos de vida mais

estranhos, como ser astronauta. Quem em sã consciência quer ser astronauta? É muito mais

vantajoso se casar comigo e ter uma vida confortável — Seus olhos voam para o meu rosto.

—,

não é?

Arqueio as sobrancelhas.

— Ah, sem dúvida — assinto.

— Ela nem mesmo me deixou completar uma frase.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Como se o que eu tinha a dizer não

tivesse a menor importância. Estou me casando por interesse? Sim. Mas isso não significa que ela

pode tomar uma decisão dessas sozinha...

— Bem, na verdade ela pode.

Cruel me fuzila com os olhos.

— Está do lado dela?

— Eu não estou do lado de ninguém — Ergo as mãos em rendição. — Só estou dizendo que

ela pode muito bem recusar seu "pedido de casamento" — Faço aspas com os dedos. —, para

seguir a vida dela como ela bem entende. Você poderia ter feito a mesma coisa, se quisesse.

Cruel rosna e desvia o olhar do meu.

— Você não entende.

NACIONAIS - ACHERON

— É a primeira vez que te rejeitam, não é? —
Tento conter um sorriso.

— Eu, bem... não parece correto chamar isso de
rejeição...

Cruel DeVil é uma criança mimada. É egoísta,
arrogante e faz uma tempestade em copo

d'água quando não consegue o que quer. Argh, ele
vai me dar muito trabalho.

— Bem, acho que você deve seguir em frente agora
— digo, após alguns segundos em

silêncio. — Tenho certeza de que há outras garotas
por aí que morreriam para casar com você.

Cruel nada diz. Apenas fita seu prato, pensativo,
como se estivesse tentando resolver um

enigma. Não parece que consegui animá-lo.

— Não é tão simples, Rosie... — murmura, ainda
sem olhar para mim. — Ela precisa ser

adequada, precisa oferecer vantagens à minha companhia. De que adianta uma fila de

pretendentes se nenhuma delas se encaixa no meu plano?

Engulo a comida. Então é realmente um casamento arranjado, por puro interesse. Isso é de

partir o coração.

Olho para Cruel e o visualizo daqui a dez anos, sentado atrás de sua mesa no escritório da

empresa. Sobrecarregado, ranzinza e infeliz. Sua esposa, uma qualquer que não faz nada além

de gastar o dinheiro dele. Os filhos — se é que Cruel terá filhos —, crianças tão mimadas e

insuportáveis quanto o pai. Cerro meus punhos. É um quadro desesperador e que me deixa

inquieta e desconfortável.

— Você... — digo — Talvez você devesse

continuar procurando.

Ele olha para mim com uma expressão cansada e permanecemos nos encarando pelo que

parece uma eternidade. Eu desvio o olhar e pigarreio

— E que tal aquela sua amiga... a que me levou às compras outro dia? Sunsung? — Sorrio.

— Ela não se encaixa no seu plano de garota ideal?

Cruel faz careta.

— Sunsung não. De jeito nenhum.

— Ela parece gostar muito do você.

— Ahn? — Ele franze a testa. — Por que acha isso?

Dou de ombros.

— Quando saímos para fazer compras ela ficou falando um monte sobre como nós

brigávamos e que você simplesmente não gosta nada de mim e que eu deveria focar nos meus

estudos de agora em diante... — Olho para Cruel e dou risada. — Parece muito óbvio para mim

que ela quer me afastar de você.

Cruel fica sem fala. Eu pensei que ele tiraria sarro da situação ou faria algum comentário

irônico, mas ele está mais sério do que antes. O que está acontecendo?

— Ela disse mesmo isso? — pergunta.

— Disse. Há algo errado?

Cruel suspira e se recosta na cadeira.

— Ah, lá vai ela outra vez...

— Seja mais claro, por favor — peço.

— Sim. É. Acho que agora eu posso contar a você. Bem, o negócio é que Sunsung e eu meio

PERIGOSAS

que namoramos na época de escola. Nossas famílias sempre foram muito próximas e nós nos

conhecemos desde sempre, então era só uma questão de tempo até que nos envolvêssemos, mas...

Tentei esconder minha surpresa bebendo um gole d'água. Algo em mim se agitou ao ouvir

isso.

— Mas? — indago, mais ansiosa o que pretendia.

Cruel dá de ombros.

— Somos muito parecidos. Não deu certo e ela...

— Ela te rejeitou — adivinho.

Ele me olha com raiva.

— Você está adorando isso, não está?

Sorrio.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Adorando o quê? Ouvir suas confissões?

Cruel revira os olhos.

— De qualquer forma, é estranho que Sunsung tenha dito essas coisas a você. Ela

costumava tentar jogar você para mim antes.
Chamou você para festas, comprou vestidos e até
arranjou uma viagem para nós às montanhas.

Arqueio as sobrancelhas.

— Oh.

— É.

Que constrangedor. Eu estive com Cruel nas
montanhas? Só nós dois? Meu rosto queima e
sinto um frio na barriga.

— Então... Sunsung não? — pergunto, sem
conseguir olhar para ele diretamente.

NACIONAIS - ACHERON

Ouço sua risada.

— Sung não — responde, suavemente.

Olho para ele e flagro-o olhando para mim. Devo estar enxergando coisas, pois vejo no

fundo de seus olhos uma inédita doçura que faz meu coração bater mais forte. Eu não sabia que

Cruel era capaz de olhar para mim assim.

— Obrigado por me ouvir, Rosie — Ele assente uma vez. — Quer sobremesa?

Capítulo 32

Durante a sobremesa, falamos sobre coisas que gostamos de comer e beber. Cruel me conta que

nunca fica bem quando bebe álcool, pois seu corpo se lembra da época em que ele se

embriagava para tentar amenizar dor que foi perder a mãe. Aparentemente, ele teve uma

adolescência bastante agitada, mas resolvo deixar esse assunto para outro dia.

De certa forma, sinto-me bem por ouvi-lo. Ele se expressa de uma maneira diferente do que

eu pensei e é uma pessoa fácil de compreender quando olhada de perto. A Rosie de um mês atrás

fez um bom trabalho em amolecê-lo, pois ele não apresenta muita resistência ao responder as

coisas que eu pergunto. Parece que estamos nos entendendo.

— Olhe a hora — Cruel confere seu relógio de pulso. — Vamos para casa.

Assinto.

— Espere, vou pagar a conta — diz e se levanta.

Empilho nossos pratos e junto nossos copos. As mangas do casaco estavam atrapalhando

enquanto eu comia, por isso o tirei, mas agora estou

PERIGOSAS

com frio e volto a vesti-lo. Apoio os braços na mesa e suspiro. Tenho que adiantar meu trabalho de cálculo assim que chegar em casa.

Um zunido chama minha atenção para o celular de Cruel sobre a mesa. Parece que ele

recebeu uma mensagem. Meus dedos coçam e uma vontade gigante de dar uma olhada toma

conta de mim. Escorrego minha mão pela mesa e alcanço o celular. Sinto falta do contato com um

aparelho desses — o meu antigo celular se foi com o restante das minhas coisas no incêndio, e

Cruel não parece muito disposto a me deixar tão comunicável com o mundo a ponto de me

comprar um novo.

Dou sorte porque o celular dele não tem senha. Vejo uma notificação de quatro chamadas

perdidas e nove mensagens de alguém chamada

NACIONAIS - ACHERON

Ann Lee. A última mensagem está bem visível e diz "Crudy! Você não vem me ver de novo? Já estou com saudades!".

Torço o nariz. Crudy? Mas que apelido é esse? Ouço passos e deixo o celular exatamente

onde peguei. Cruel se aproxima despreocupadamente e junta suas coisas.

— Tudo certo. Vamos — Ele olha para mim. — Que foi?

— Hum? — Noto que estou encarando-o fixamente. — Ah, nada. Vamos.

Deixamos o restaurante e vamos diretamente para casa. No caminho, decido perguntar

algumas coisas a Cruel — coisas que me distraiam e me façam esquecer a mensagem que vi em

seu celular, que por algum motivo me deixou desconfortável. Olho para ele do meu lado do banco

de trás e vejo-o encarando a janela do carro. Faço careta. Não consigo imaginá-lo atendendo por

Crudy de jeito nenhum.

— Cruel? — chamo, despreocupada.

— Hum? — Ele continua olhando pela janela.

— Sobre os meus pais... — É o primeiro assunto que me vem à mente. — A polícia já

investigou o acidente? Sabem como aconteceu?

Cruel inclina a cabeça ligeiramente para o lado, sem olhar diretamente para mim. Parece

cauteloso.

— Eu não sei sobre isso. Não tenho contato com o caso.

— Aquele juiz que morreu sabia de alguma coisa?
— pergunto.

Ele dá de ombros.

PERIGOSAS

— Ele compartilhou alguns poucos detalhes comigo, mas eu não o conhecia tão bem. Ele só nos visitou uma vez, logo quando você chegou.

Assinto.

— Sinto falta dos meus pais mais do que imaginei ser possível — desabafo, recostando-me

no banco. — Tenho vontade de contar tudo a eles. Sobre a escola, sobre meus amigos, sobre

você...

Cruel dá uma risada sarcástica.

— Nós nunca nos conheceríamos se eles ainda estivessem aqui, Rosie — ele diz. E

acrescenta, mais baixo: — Além disso, duvido que gostariam de mim.

Suspiro. Estou ficando com sono.

— Eu já te disse. Você não é melhor ou pior do que

NACIONAIS - ACHERON

qualquer outra pessoa. Eles não o
julgariam.

Cruel também suspira.

— Serei sincero — Ele tomba a cabeça e olha para mim. — Eu nunca quis ser seu guardião

e o dia em que você chegou foi um dos dias em que eu estava em meu pior estado, mas sou grato

a você por me suportar. Por não ir embora quando teve a chance.

Olho para ele, tentando me manter acordada.

— Você deve ter sido um cretino comigo...

— Eu fui.

— Então, o que foi que eu vi em você que fez meu coração bater tão forte?

Cruel dá um meio sorriso.

PERIGOSAS

— Foi o meu charme natural...

Dou risada.

— É mesmo?

— Sim. As mulheres não resistem.

Crispo os olhos.

— Ah, mas aquela tal de Suzy resistiu...

Cruel me cutuca com o cotovelo, segurando uma risada.

— Não comece.

Rio, sacudindo a cabeça. Gosto disso, desse clima agradável entre nós.

O carro passa por uma lombada, sacudindo-nos, e eu tombo para mais perto de Cruel,

quase batendo a cabeça em seu ombro. Nós nos encaramos, muito próximos, e ele desvia o olha

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

para a janela, pigarreando. Eu me afasto e encosto a cabeça contra o banco. Estranho como de

repente o carro parece tão quente.

Chegamos à casa e o motorista abre a porta do carro para mim. Salto e logo tiro o casaco

de pele, pendurando-o em meu braço.

— Está frio — Cruel se aproxima. —, fique mais um pouco com ele.

— Estou bem. É muito extravagante para mim.

Ele franze a testa e ri.

— Mas esse é um dos mais modestos...

— Então não quero nem imaginar que tipo de coisas você considera exageradas — brinco.

— Está tarde — Ele checa o relógio de pulso. — Você tem aula amanhã bem cedo, não

tem?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Assinto, enquanto subimos os degraus em direção as portas da frente. Então elas se abrem

num estrondo e eu vejo duas mulheres. Uma delas vem correndo em nossa direção e a outra é

Sunsung, a amiga asiática de Cruel.

— Você demorou! — resmunga a mulher que vem correndo. É loira, alta, magra. Bonita de doer.

Cruel arregala os olhos ao vê-la e olha para mim, boquiaberto.

— O que é isso?

A loira se aproxima e o segura pelo colarinho, parecendo uma lunática. Olho de esguelha

para Sunsung e a vejo encarar Cruel de forma acusadora, como uma mãe que se zanga com o

filho por ele chegar muito tarde em casa. Então o rosto dela se volta para mim, mas eu desvio.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Eu queria sair para jantar! — reclama a loira sacudindo Cruel pelos ombros.

Ele segura os pulsos dela.

— Quem deixou você sair do hotel, sua desmiolada?

Arregalo os olhos. Eu nunca o vi falar assim com ninguém. Parece irritado, mas não de

verdade... É estranho. Qual o relacionamento dele com essa mulher?

— Sunsung me trouxe porque disse que você estava se sentindo sozinho — ela diz, cheia de

gestos —, mas assim que chegamos uma velha disse que você tinha saído com... — Ela olha de um

lado para o outro até me achar. Sua testa se franze e ela faz uma careta. — Quem é essa

coisinha?

Engulo em seco e olho para Cruel.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Oh, Deus — Ele suspira e olha para mim com um pedido de desculpas estampado no

rosto. Aproxima-se de mim e apoia a mão em meu ombro. — Ann Lee, esta é Rosie, minha

protegida. Rosie, esta é Ann Lee... minha...

— Sou irmã dele — Ann Lee dá dois passos e fica de frente para mim.

Por um momento, me esqueço de respirar. Cruel... irmã... o quê?

— Pra-prazer — gaguejo.

— Oh, olhe como ela está intimidada pela minha beleza — Ann Lee cantarola, piscando os

olhos carregados de maquiagem.

Antes eu estivesse. Como Cruel tem uma irmã e eu nunca soube? Quer dizer, eu sabia antes

de perder a memória? Bem, ela se lembraria de mim se já tivéssemos sido apresentadas, certo?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Mas, Crudy, por que ela é sua protegida? —
Ann Lee pergunta.

Faço muita força para não explodir em gargalhadas.
Crudy. Então foi ela quem escreveu a

mensagem com esse apelido totalmente ridículo.

— Rosie perdeu os pais e eu tenho cuidado dela
desde então — Cruel responde, a

contragosto.

— Mesmo? — Ann Lee apoia a mão no queixo,
lançando-me um olhar avaliativo dos pés

até a cabeça. Então começa a me rodear
resmungando sons estranhos.

— O que está fazendo? — Cruel a puxa para longe
de mim. — Vá embora. — Ele olha

para Sung por cima do ombro de Ann Lee. —
Leve ela de volta, por favor?

Ann Lee o empurra.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Qual o problema? Por que não posso ficar aqui com você? Por que você sempre me isola

de todo mundo?

Ela parece prestes a chorar, mas Cruel não cede e a segura pelo braço.

— Rosie, entre — ele rosna para mim.

Cruel puxa Ann Lee pelo braço e a faz entrar no carro mais próximo. O motorista se

aproxima, mas ele o dispensa com um gesto e assume o volante. Fico ali parada, assistindo.

Nunca

passou pela minha cabeça que Cruel pudesse ter algum parente vivo e, de certa forma, me sinto

desconfortável em ver o quanto o relacionamento dele com a irmã parece conturbado. Se eu

tivesse um irmão nunca me afastaria dele.

— Você deve estar cansada de causar problemas —

NACIONAIS - ACHERON

uma voz diz atrás de mim.

Olho por cima do ombro e vejo Sunsung me encarando, inexpressiva.

— Eles são mesmo irmãos? — pergunto.

— É claro. Mas DeVil não traz Ann Lee para morar com ele por um simples motivo.

Franzo a testa.

— Qual?

— Você. — Ela ri sem humor. — Ele realmente te tornou a prioridade número um, não é?

Como foi que eu não notei isso acontecendo?

Engulo em seco. Por que ela está falando assim?

— Ele me disse que você tentava nos juntar, antes de eu perder a memória — eu digo.

Sunsung cobre a boca, rindo.

PERIGOSAS

— Até mesmo eu gosto de fazer algumas brincadeiras, Rosie — desdenha. — Mas não

passam disso: brincadeiras. Você é uma garota órfã, pobre, sem atrativo nenhum. DeVil é um

homem charmoso, importante e herdeiro de um império. Diga-me, sinceramente, qual a possibilidade

de vocês dois ficarem juntos?

Olho fixamente para ela, decepcionada.

— Por que está me dizendo isso? Eu... eu me lembro um pouco de você. Você sempre foi

como uma amiga para mim. Por que está dizendo essas coisas?

— Oh, ouvir isso te incomoda? — Sunsung ergue as sobrancelhas. — Será que você está

apaixonada por DeVil de novo?

— É claro que não! — respondo rápido demais.

NACIONAIS - ACHERON

Sunsung sorri.

— Então, estou te fazendo um favor como amiga e te trazendo de volta à realidade. Não

precisa agradecer.

Os poucos flashes de memória que tive nos quais Sunsung estava presente me deram a

entender que ela era amiga de Cruel e minha amiga. Agora, já não tenho tanta certeza. Nós duas

nos encaramos durante alguns segundos — uma tentativa minha de compreender os motivos por

trás de suas palavras —, até Agatha surgir à porta aberta.

— Rosie, você voltou... — Ela pousa a mão sobre o peito. Seus olhos procuram alguém. —

Onde está o senhor DeVil?

— Ele foi devolver Ann Lee ao hotel — Sunsung responde categoricamente, sem deixar de

me encarar. — Cuide de Rosie.

Agatha pisca duas vezes.

— Sim, madame.

— Boa noite para vocês duas — Sunsung passa por mim, fria.

— Boa noite — Agatha e eu respondemos ao mesmo tempo.

Entro em casa com Agatha e ela me faz uma série de perguntas sobre onde Cruel e eu

fomos, o que fizemos, sobre o que falamos. Dou-lhe uma versão resumida enquanto comemos

biscoitos na cozinha e subo para escovar os dentes. Enquanto troco de roupa, um desenho dos

meus pais chama minha atenção e eu me espanto ao ver minha própria assinatura no canto inferior

da folha. Quando eu desenhei isso? E por que está tão bem feito?

PERIGOSAS

Ouçõ dois toques na porta e abro. Sinto um leve desapontamento ao ver Agatha.

— O senhor DeVil chegou — ela sussurra —, caso queira saber.

Contenho um riso.

— Obrigada.

— Boa noite.

— Boa noite, Agatha.

Minha cabeça tomba na mesa e eu acordo assustada. Cat olha assustada para mim e

começa a dar risada.

— Que horas você foi dormir ontem, garotinha devassa? — Ela me cutuca com o cotovelo.

— Está pescando, minha amiga.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Esfrego os olhos. Estou mesmo bastante sonolenta.

— Não fui dormir tão tarde...

— Você precisa de café — Ela me dá dois tapinhas na testa. — Tem que aguentar até altas

horas hoje à noite.

Franzo a testa e olho para ela.

— Por quê?

Cat fica de queixo caído.

— Como por quê? Esqueceu do Baile de Boas Vindas?

Arqueio as sobrancelhas. Esqueci completamente.

— Não...

Cat revira os olhos turquesa.

— Você não me ouvir falar sobre meu vestido nas últimas duas horas? Em que órbita você

NACIONAIS - ACHERON

está, Rosie?

A verdade é que estou preocupada com Cruel e eu nem mesmo sei o motivo. Ver sua irmã

ontem à noite me causou um efeito inesperado e uma forte impressão de que Cruel possui muito

mais segredos do que me contou. Quero mais do que nunca saber como foi que seu irmão gêmeo

morreu.

Durante o almoço, Cat e eu nos sentamos à mesa do refeitório com suas amigas do segundo

ano e todas as garotas não falavam de outra coisa a não ser o baile. Uma delas, Keke, contratou

uma limusine — mesmo que ainda não seja seu ano de formatura — e convenceu os pais a

estenderem o toque de recolher. Outra, Becca, ainda não arranjou um par. Cat está radiante e, por

um segundo, deixo-me contagiar por sua animação.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Rosie — Ela olha para mim. —, você também não tem um par ainda, não é?

Remexo minha comida com o garfo de plástico.

— Tudo bem. Não é como se esse fosse o baile mais importante do ano.

As outras duas garotas quase me fulminam com os olhos.

— Pode não ser para você, formanda — murmura Keke —, mas para nós é o único baile. É

nossa chance de marcar presença e começar o ano com uma boa impressão.

Franzo a testa.

— Boa impressão?

Keke olha para Cat.

— Você não ensinou nada à ela? — Então volta a me encarar com um ar superior. — Esse

NACIONAIS - ACHERON

baile é importante para quem quer subir na "cadeia alimentar", entende? Se nós, do segundo ano,

deixarmos uma boa impressão nos veteranos e novatos, seremos praticamente celebridades no ano que vem.

E ela continuou falando sobre as mil vantagens de estar no topo dessa "cadeia alimentar"

até me dar sono outra vez. Minha cabeça tombou para frente e as três olharam para mim.

— Eu estou falando com você! — Keke pareceu chocada. — Que falta de educação.

— Fique na sala de aula dormindo, se somos tão entediados... — resmunga Becca.

As duas pegam suas bandejas de comida e levantam-se ao mesmo tempo, deixando a mesa.

Esfrego os olhos. Ao meu lado, Cat dá risada.

— Você deve ter ido dormir bem tarde mesmo.

PERIGOSAS

— Acho que vou para a enfermaria dormir um pouco — suspiro.

— Tudo bem, vejo você na próxima aula — Cat pega sua bandeja e deixa a mesa.

Com os olhos querendo fechar, vou para a enfermaria. Fico perdida por um momento, mas encontro os corredores certos e a tão pacífica e silenciosa sala. Bato na porta duas vezes e entro.

A enfermeira está conversando com aquele garoto novo e eu a vejo entregar-lhe uma cartela de comprimidos.

— Se tiver problemas para dormir novamente, quero que procure um médico, tudo bem? —

Ela sorri para ele.

O garoto assente ao mesmo tempo em que a enfermeira nota a minha presença.

— Em que posso ajudar? — Ela sorri para mim.

NACIONAIS - ACHERON

Parece um anjo.

O garoto também me nota, olhando para mim por cima do ombro inexpressivamente.

— Eu... gostaria de descansar aqui um pouco, se for possível.

A enfermeira ri.

— Durante o intervalo para o almoço? É a primeira vez que isso acontece. — Ela tira o

jaleco branco e os óculos. — Fique à vontade. Estou saindo para fazer uma pausa, então você

pode descansar. E você — Ela aponta para o garoto. —, não se esqueça do que eu disse.

Ele assente. A enfermeira passa por mim e deixa a enfermaria. Olho para o garoto, mas ele

está analisando sua cartela de comprimidos. Ele não vai sair?

— Você... — começo. — Você está doente?

Ele olha para mim sobressaltado, como se acabasse de notar minha presença.

— Oh... não. — Ele guarda a cartela no bolso do uniforme. — Você está?

Rio.

— Não, eu só vim dormir.

Ele enfia as mãos nos bolsos.

— Certo. Eu vou indo.

Observo-o sair da enfermaria e fechar a porta atrás de si. Suspiro e deito-me na cama

mais próxima. Fecho os olhos e relaxo, mas simplesmente não consigo pegar no sono. Acordo de

cinco em cinco minutos até ficar irritada o suficiente para desistir de dormir. Minha cabeça começa

a doer. Levanto-me da cama e uma vertigem

estranha me atinge, deixando-me completamente

tonta. Apoio as duas mãos na cama, tentando recobrar o equilíbrio. A dor em minha cabeça

aumenta e subitamente passa. Pouso a mão no peito e sinto meu coração disparado. É então que

os flashes de memória me atingem. Sons de vozes masculinas gritando. Vidros se quebrando. Calor.

Muito, muito calor.

— Você está bem? — A enfermeira irrompe na enfermaria, olhando-me com preocupação.

Esfrego os olhos e minha respiração de estabiliza aos poucos. A enfermeira me entrega um

copo d'água com cuidado.

— Por que estava gritando? — ela pergunta, vasculhando meu corpo com os olhos

assustados.

PERIGOSAS

Bebo um gole de água.

— Eu... eu estava?

Ela assente.

— Sente-se mal? Onde está doendo?

Sacudo a cabeça negativamente.

— Não, não... Eu só fiquei um pouco tonta quando me levantei. Estou bem — Sorrio. E é

verdade.

— Tem certeza?

Confirmo. Para o meu alívio, a sineta toca, indicando o fim do tempo livre para o almoço.

— Vou para a sala — Ajeito a minha saia de uniforme.

A enfermeira me olha com preocupação até que eu saia da enfermaria. Termino de beber a

NACIONAIS - ACHERON

água que ela me deu e joga o copo no lixo mais próximo. Dobro um corredor e trombo em três garotas que vinham na direção oposta.

— Olhe por onde anda, anã — Uma delas me dá um empurrão no ombro.

— Você não tem olhos? — rosna outra.

Abro a boca para responder, mas elas me empurram para fora do caminho e se afastam.

Suspiro e viro-me para continuar a andar até minha sala. Vejo o garoto novo, aquele da

enfermaria, parado no meio do caminho. Ele me encara e revira os olhos. Então dá um sorriso

sarcástico, como se me achasse a pessoa mais ridícula do mundo. E vai embora.

Capítulo 33

— Não. De jeito nenhum. Nem por cima do meu cadáver.

PERIGOSAS

Esta é a resposta de Cruel quando toco no assunto do baile, assim que ele volta do trabalho.

Não tenho tempo de dizer que é um baile tradicional de boas vindas e que toda a minha turma estará lá, porque ele simplesmente diz que não e me deixa falando sozinha.

— Por que não? — insisto, seguindo-o até o seu escritório. — Não é como se eu realmente

precisasse da sua permissão. Você sabe disso, não sabe?

Ele contorna sua mesa e senta-se arrogantemente em sua poltrona.

— Então por que está me pedindo permissão?

— Eu... Eu não estou! Só achei que você gostaria de saber onde estarei hoje à noite...

Ele arqueia as sobrancelhas.

— Hoje?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— É, o baile é hoje — Reviro os olhos. E acrescento: — Todos os meus amigos estarão lá, então será estranho se eu não for.

Cruel começa a vasculhar seus papeis distraidamente. Cruzo os braços, esperando que ele diga alguma coisa. Surpreendo-me quando ele tira os óculos do bolso da paletó e os coloca. Meus olhos se arregalam levemente. Caramba, ele fica muito bonito de óculos.

Seus olhos voam para meu rosto e eu me pergunto se pensei alto.

— O que ainda está fazendo aqui? — Cruel resmunga.

— Eu...

Ele me dispensa com um gesto.

— Estou muito ocupado. Vá, vá a esse baile. Faça o que quiser...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Sorrio, animada.

— Tudo bem — Viro-me para deixar o escritório.

— Mas tenho uma condição.

Paro no meio do caminho. Argh.

— Qual? — Suspiro, olhando-o por cima do ombro.

Cruel recosta-se na cadeira.

— Vai levar dois seguranças para te acompanharem, a noite toda.

Faço careta.

— Você está sendo ridículo, Cruel.

— Tudo bem, então não vá — Ele sorri e vejo que está impondo essa condição de

propósito, para que eu desista de ir.

Tombo a cabeça para trás, reclamando.

NACIONAIS - ACHERON

— Certo — digo. — Eu aceito essa sua condição idiota.

O sorriso some de seu rosto e seus olhos voltam a focar nos papéis dispostos na mesa. Ele não tem jeito mesmo.

— Faça o que quiser — diz.

Deixo o escritório e corro para meu quarto, para revirar o meu guarda-roupa. A Rosie de

antes deve ter feito muitas compras em lugares bem caros, pois as roupas que encontro são, no

mínimo, incríveis. Os vestidos de grife são um tanto extravagantes, o que me faz me perguntar que tipo de garota eu era há um mês.

— Rosie, que bagunça! — Agatha irrompe no quarto. — Por que está espalhando suas roupas assim?

PERIGOSAS

Ela parece espantada. Rio de sua expressão.

— Eu tenho um baile na escola hoje.

— Um baile? Ma-mas... — Ela olha estupefata para os vestidos espalhados pelo quarto. —

O senhor DeVil... o que ele acha disso?

Dou de ombros.

— Ele disse que posso ir.

— Disse?

— Sim. Mas terei seguranças me seguindo — resmungo.

Agatha pousa a mão no peito e suspira, aliviada.

— Ainda bem.

Olho para ela, inconformada.

— Ainda bem?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Rosie, tente entender que o senhor DeVil é um homem poderoso. Homens poderosos

atraem inimigos poderosos. Ele quer evitar que algo ruim aconteça com você.

Franzo a testa.

— O que poderia acontecer de tão ruim em um baile de escola? — questiono. — Tenho

certeza de que já passei por situações mais perigosas — o incêndio que tirou meu pais de mim vem vem à mente.

Agatha arregala os olhos e fica pálida. Ela deve ter pensado o mesmo que eu. Suspiro.

— Pode me ajudar a escolher? — pergunto, gesticulando para os vestidos.

Agatha dá um meio sorriso e assente. Minutos depois estou diante do espelho da minha

penteadeira, usando um vestido lilás de mangas

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

compridas e saia de tule, sandálias prateadas e
cabelo preso num rabo de cavalo bonito. Agatha
acaba de fazer milagres, porque me sinto
incrível.

— Quem será seu par, Rosie? — ela pergunta,
dando os retoques finais em meu cabelo.

Dou de ombros.

— Não tenho um.

— Ninguém convidou você?

Crispo os lábios.

— Os garotos da escola não chegam muito perto de
mim. São gentis, mas sempre ficam
distantes. É quase como se tivessem... medo de
mim. Faz sentido?

Agatha engole em seco.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Talvez não estejam acostumados a ver uma garota tão bonita de perto.

Dou risada. A verdade é que isso não incomodou muito nesses primeiros dias de aula, só que

parando para pensar agora, é bastante estranho. Sei que a escola tem uma política um tanto

rígida e que o contato físico entre garotos e garotas é praticamente proibido, mas comigo a

cautela dos garotos é quase um exagero. Bem, de quase todos. O garoto novo não sorriu para

mim e me olhou com desprezo da última vez que nos vimos. Talvez porque ele acabou de chegar.

Desço as escadas sentindo um friozinho agradável na barriga. O que meus pais diriam se

me visse agora? Minha mãe elogiaria minha roupa? Meu pai me diria para ter juízo? Que

saudades dos dois...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Seus seguranças já estão esperando. — Vejo Cruel parado no hall de entrada com um

sorrisinho insolente nos lábios. Fico desconfiada, mas resolvo não deixar transparecer.

— Que tal? — abro os braços e dou uma volta para que ele veja meu vestido.

Cruel faz uma careta.

— Quem foi que escolheu isso para você?

Pouso as mãos na cintura, ofendida.

— Fui eu.

Ele revira os olhos.

— Bem, isso explica muita coisa.

Dou-lhe um empurrão no ombro e cruzo os braços. Cruel ri por meio segundo.

— Não pode simplesmente dizer que estou bonita?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Para quê? Você parece tão satisfeita consigo mesma.

Sorrio com arrogância.

— E estou.

Cruel suspira e enfia as mãos no bolso. Seu olhar fica mais sério, mais profundo.

— Divirta-se — ele diz, agradavelmente.

Olho para meus sapatos, constrangida.

— Sim.

Ele ergue meu queixo com o dedo indicador.

— Não saia de perto dos seguranças que contratei nem por um segundo, entendeu?

Afasto sua mão.

— Por que você tem que ser sempre tão mandão?

— Achei que tínhamos um acordo — ele lembra,

NACIONAIS - ACHERON

condescendentemente.

Resmungo, concordando.

— Senhor — Um dos empregados se aproxima —, o carro está pronto.

Cruel assente para ele e volta a olhar para mim.

— Não esqueça do que eu disse — ele sorri forçado e deixa o hall, indo em direção as escadas.

O empregado me acompanha para fora e o motorista abre a porta do carro em que

costumo voltar da escola. Três homens trajados elegantemente de preto aproximam-se e um deles assente para mim em saudação.

— Boa noite, senhorita Vallahar — ele diz. — Creio que não se lembra de mim. Meu nome é

Pope e eu a acompanhei durante sua viagem às

NACIONAIS - ACHERON

montanhas com o senhor DeVil. Hoje sou o responsável por sua segurança, então peço que por favor coopere comigo e com meus colegas.

— Ah, claro... — Tento sorrir.

Adentro o carro e o motorista fecha a porta. O segurança chefe, Pope, senta-se na frente, no banco do passageiro e eu ouço o som das portas de outro carro batendo.

— Meus colegas farão a escolta do seu carro, senhorita — diz Pope, obviamente

percebendo a dúvida em meu olhar.

Suspiro. Até o carro em que ando precisa ser protegido?

— Isso... — Olho para Pope, no banco da frente. — Isso tudo é mesmo necessário?

— Nós só seguimos ordens, senhorita.

PERIGOSAS

Mordo o lábio e recosto-me no banco. O que há com Cruel? O que ele tanto teme para me

cercar de seguranças desse jeito? O que ele está escondendo de mim?

— Sei o que deve estar pensando, senhorita — diz Pope, sem olhar para mim —, mas

entenda que deve haver um motivo para que o senhor DeVil a proteja tanto.

— Eu sei — respondo. — Mas não posso evitar me perguntar que motivo é esse.

— Talvez a senhorita não precise saber. Talvez seja melhor que não saiba.

Ouçó o som da música antes de ver o baile propriamente dito. Instantaneamente, fico mais

animada — afinal, não são um punhado de seguranças que vão estragar minha noite. O motorista

estaciona no estacionamento da escola e Pope abre

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

a porta para mim. Ele está usando óculos escuros, mesmo sendo noite.

Sou escoltada até o ginásio, onde o baile está acontecendo. Vejo de longe o globo de espelhos no teto, refletindo as luzes coloridas por todos os lados, faixas e bexigas decorativas. A música é bem legal e as pessoas parecem agitadas. É divertido.

— Seu nome, por favor? — diz uma moça de uniforme e prancheta na entrada do ginásio.

Levo dois segundos para entender que ela está falando comigo.

— Rosie Vallahar — respondo.

— Do terceiro ano? — Ela checa sua prancheta.

— Sim — confirmo.

Ela assente.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Boa festa.

Sorrio e caminho na direção da entrada. A moça, de repente, barra Pope e os outros

seguranças com o braço.

— O baile é só para alunos — ela diz. — Lamento, mas os senhores não podem entrar.

Contenho um sorriso. Eu não lamento nem um pouco. Pope vira-se para mim, mas não sei se

está me encarando, por causa dos óculos escuros.

— Temos ordens para garantir a segurança da senhorita Vallahar — ele diz à mulher, curto

e grosso.

Ela não se intimida.

— Nós temos nossos próprios seguranças e monitores lá dentro, então não será necessário

— responde a Pope.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Algum problema, Kara? — Um homem alto, robusto e assustadoramente musculoso surge

ao lado da mulher. Ela franze a testa.

— Estes senhores insistem em entrar como seguranças dessa aluna — Kara gesticula com o

queixo na minha direção. —, mas eu já lhes disse que não será necessário.

O homem musculoso me olha de soslaio e vira-se para Pope.

— Eu sou o chefe da segurança do evento, colega. A presença de vocês aqui é

desnecessária e não permitiremos que entrem.

Pope trinca os dentes.

— É apenas um baile de escola — resmunga Kara.

— A garota vai ficar bem.

Pope suspira e saca um celular prateado do bolso. Ele se afasta um pouco e começa a

NACIONAIS - ACHERON

conversar com alguém, preocupado. Ouço o musculoso e Kara sussurrando um com o outro, me

olhando com certa curiosidade. Será que acham que eu sou alguém importante?

Contrariado, Pope volta a se aproximar de nós e me encara com severidade.

— Nós ficaremos aqui e aguardaremos o fim do evento — diz, olhando para mim.

— Ah... certo — assinto, tentando disfarçar minha satisfação.

Ele faz um gesto com a mão e os outros seguranças o seguem de volta ao estacionamento.

Kara olha para mim.

— Pode entrar agora.

Sorrio para ela e dou-lhe as costas, atravessando o arco feito de bexigas prateadas e

papel brilhante desfiado na entrada. Meu primeiro

pensamento ao me deparar com o ginásio todo

decorado foi o quanto tudo estava bonito. É tradição da escola receber os alunos com um baile na

primeira semana de aulas e eles definitivamente capricharam na produção. As toalhas de mesa,

enfeites, bexigas, faixas e fitas são em bonitos tons de prata e branco e tudo brilha muito.

As primeiras pessoas que reconheço são Becca e Keke, mas elas estão tão ocupadas em

tirar fotos com seus parceiros que duvido que falaria comigo mesmo que eu dançasse diante de

seus olhos. Continuo a procurar rostos conhecidos e encontro dois colegas das minhas aulas de

literatura, mas eles simplesmente me cumprimentam e me deixam sozinha. Uma garota que tem

educação física comigo — se não me engano, seu

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

nome é Antonela —, me vê de longe e me

chama para sentar à mesa com ela e seus amigos.
São todos do terceiro ano, como eu, e alguns

até mesmo me são familiares.

— Vocês se lembram da nossa novata, não
lembram? — cantarola Antonela, enquanto me
sento.

— Novata!

— Ei, você veio!

Gesticulo um “oi” para o pessoal.

— Rosie, seu vestido é lindo — elogia Antonela
—, mal posso esperar para ver o que você
vai usar na formatura.

Sorrio, levemente constrangida. Uma garota loira
toca meu braço.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Ouvi dizer que você mora fora da cidade com seu irmão, é verdade?

Confirmo com um gesto de cabeça.

— Você fala? — pergunta um garoto bonito ao lado dela.

Todos na mesa riem, inclusive eu.

— Sim, falo — eu respondo. — Meu irmão gosta de privacidade, então moramos um pouco longe.

— Ele é bonito? — outra garota pergunta, rindo.

Sorrio, sem jeito. Não fui instruída a falar muito sobre meu "irmão fictício", então imagino como deveria responder sem parecer suspeita.

— Bonito? — Arrisco uma risada sarcástica. — Ele com certeza se acha bonito.

As garotas riem.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Pena que não temos as mesmas aulas, não é? —
O garoto bonito diz para mim e dá uma
piscadela.

A garota loira dá uma cotovelada nele e eu engulo
em seco. O clima fica meio estranho na
mesa.

— Então... — Antonela abre um sorriso radiante.
— Quem vai ser o primeiro a pisar na
pista de dança?

— Cindy vai — Uma garota de vestido azul aponta
para a loira, rindo.

— Você é que vai! — ri Cindy.

Distraio-me observando o ginásio, à procura de
Cat.

— Ei, o novato já chegou? — pergunta um garoto
de gravata borboleta.

NACIONAIS - ACHERON

— Ele vem? — Cindy faz uma cara de nojo.

— É bom que ele venha — O garoto bonito ao lado de Cindy cerra os punhos, se exibindo.

— Tenho umas contas a acertar com ele.

— Vocês brigaram mesmo? — pergunta Antonela, de olhos arregalados. — Peter, ele

acabou de chegar à cidade...

O garoto bonito, Peter, dá de ombros.

— Isso não muda o fato de que ele é um encrenqueiro irritante.

— Encrenqueiro? — pergunta escapa da minha boca antes que eu possa me conter.

Todos me encaram. Peter sorri com malícia.

— Nem todos os novatos são legais como você, Rosie — diz. — Mas não se preocupe, não

vamos deixar aquele moleque chegar perto de você.

Cindy dá uma cotovelada nele outra vez e sussurra algo, irritada. Ela olha para mim com

nada menos que fúria. Volto meus olhos para as outras mesas, fingindo que não estou aqui. Então

vejo Cat chegar com um garoto alto e me levanto num reflexo instintivo. Antonela olha para mim.

— Rosie, não ligue para...

— Cat acabou de chegar — Sorrio para ela. — Eu falo com você depois?

Ela olha de soslaio para seus amigos e assente, compreensiva. Aceno rapidamente para os

outros e deixo a mesa, aliviada. O olhar mortal de Cindy realmente me deixou desconfortável.

— Rosieeeeeee! — Cat corre para me abraçar, os cabelos castanhos enrolados sacudindo.

— Oi, oi — Dou risada.

— Esse é Gabriel — Ela me apresenta seu parceiro.

Tímido, Gabriel me oferece sua mão e eu o cumprimento sorrindo.

— É um prazer — digo.

— Você veio sozinha? — Cat arregala os olhos. — Veio sozinha mesmo?

Faço careta.

— Vim.

— Uau, corajosa. — Cat puxa meu braço e o de Gabriel, toda alegre. — Não importa,

vamos nos divertir hoje e pelo resto do ano. Certo?

— Certo — Sorrio.

Enquanto cruzamos o ginásio, vejo o garoto novo de relance. Está encostado em uma

pilastra, ao fundo, fitando o chão. Ele parece bem mais sério de terno.

Cat é, definitivamente, um espírito festivo. Nós nos

PERIGOSAS

sentamos à uma mesa só nossa e eu

simplesmente não consigo parar de rir das piadas e comentários que ela faz sobre os outros

estudantes. Gabriel também parece se soltar conforme ela tagarela e, quando me dou conta, nós

três estamos pulando e nos sacudindo na pista de dança em meio aos outros alunos que dançam.

Por um momento, eu me esqueço de todos os meus problemas e simplesmente me diverto com os

novos amigos que fiz. É quase como voltar à vida.

— Preciso... de uma... bebida — arqueja Cat, quando terminamos de dançar a milésima

música da noite.

— Eu pego para você — diz Gabriel e eu noto que ele tem pequenas sardas nas

bochechas. Lembro-me de Cat me dizendo que ama sardas nas bochechas e rio sozinha.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Vou ao banheiro — digo, passando as costas da mão na testa. — Estou pingando — Rio.

— Eu iria com você — Cat apoia as mãos nos joelhos. —, mas preciso dar um descanso às minhas pobres e lindas pernas.

— Encontro vocês na nossa mesa, então.

Vou ao banheiro feminino e limpo meu rosto o máximo que posso sem tirar a maquiagem.

Lavo as mãos e, quando estou prestes a sair, Cindy e a outra garota de vestido azul entram. Nós

nos encaramos e as duas simplesmente me ignoram, voltando a conversar sobre o que quer que estivessem conversando antes de me verem. Suspiro e deixo o banheiro.

Dois garotos passam correndo por mim e um quase me derruba. Viro-me para reclamar, mas

eles simplesmente desaparecem através de uma

NACIONAIS - ACHERON

porta atrás das arquibancadas. Ouço gritos de
mais garotos e as engrenagens do meu cérebro
começam a girar. Meus olhos correm para o lugar
onde eu vi o garoto novo parado e ele já não está
mais lá. Bem, já se passaram algumas horas,
então é natural que ele esteja com os amigos ou
tenha ido embora. Certo?

Começo a caminhar para a mesa onde Cat e Gabriel
provavelmente me esperam, quando

vejo dois professores e três seguranças vindo na
minha direção. O professor se aproxima de mim,
severo.

— Você está vindo de lá? — Ele aponta para a
porta de ferro, a uns quinze passos de
onde estou.

— N—não, eu...

PERIGOSAS

Ele segura meu pulso e me puxa com ele e com os seguranças na direção da porta, que

descubro dar para os fundos da escola. O professor a abre e todos nós vemos aquele garoto

bonito, Peter, acertar o garoto novo no estômago enquanto os dois garotos que vi correndo

seguram os dois braços dele. Assim que eles notam nossa presença, soltam o garoto novo, que cai

de cotovelos no chão de pedregulhos. Peter, antes de costas, vira-se. Sua boca está sangrando.

— Mas que merda vocês estão fazendo aqui, seus demônios? — berra o professor, ainda

segurando meu pulso.

Os seguranças se aproximam dos três garotos de pé, que imediatamente colocam os braços

atrás da cabeça com expressões de tédio. Parecem que já passaram por essa situação antes.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Limpos — diz um dos seguranças e eles se afastam dos garotos.

O professor finalmente me solta e caminha até Peter. Eu devia aproveitar essa chance para

sair de fininho, mas não consigo tirar os olhos do garoto novo, que tosse e cospe sangue no chão.

— Você quer arruinar o meu baile, seu idiota? — O professor bate o dedo indicador na

testa de Peter. — Detenção de três dias! Para os quatro!

— Sim, professor — os três dizem em uníssono. O garoto novo ainda está no chão e

ninguém parece se importar.

Fico boquiaberta. O professor não vai deixar isso passar assim, como se não fosse nada,

vai? Peter e seus amigos acabaram de bater em alguém em desvantagem e o professor só vai

NACIONAIS - ACHERON

repreendê-los? E o garoto que apanhou também vai ser punido?

— Como estão limpos, dessa vez deixarei só com uma punição leve — ele diz, confirmando

meus temores. Então finalmente parecem notar o garoto novo caído no chão. — O mesmo vale

para ele. Voltem logo para a droga do baile.

O professor e os seguranças passam por mim como se eu fosse invisível. Os amigos de Peter

também. Mas, Peter...

— Você chamou o professor? — Ele enfia as mãos nos bolsos e me encara de um jeito

intimidador.

Dou um passo para trás.

— Não. Eu não tenho nada a ver com...

Peter me empurra e eu quase caio de bunda no

chão.

— Não sei como era na sua antiga escola, Rosie, mas aqui delatores não são bem vistos...

— Eu não chamei o professor! — insisto.

O que ele vai fazer, me bater? De certa forma, essa situação me é familiar. Minha cabeça

começa a doer e eu sinto que já passei por isso antes. Um flash de memória me atinge. Um quarto.

Um homem.

Instintivamente, me abraço e grito a ponto de fazer minha garganta arder. O que são... o

que são essas memórias? O que aconteceu naquele quarto com aquele homem? O que aconteceu

comigo?

— É, grite mesmo — Peter me empurra de novo e dessa vez eu caio para trás.

PERIGOSAS

Uma sensação de pânico domina meu corpo e eu me encolho quando ele dá um passo para

perto de mim. De repente, Peter congela. Arregala os olhos e ergue as mãos, em rendição.

— Saia daqui — rosna uma voz.

É o garoto novo. Ele está de pé e... isso na mão dele é um revólver? Um revólver de

verdade? Céus, ele está apontando a arma para a cabeça de Peter!

— Eu não vou repetir! — o garoto grita.

Peter corre em disparada de volta para a festa, mas para quando chega à porta. Ele olha

para trás com um sorriso malicioso, aponta o dedo para o garoto novo e depois para mim.

— Vocês dois estão completamente ferrados.

Capítulo 34

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Você está bem?

A voz dele me sobressalta. É baixa e gutural, intimidando-me. Sinto minhas mãos e cotovelos

arderem, mas me encolho. Ele tem uma arma. O garoto novo tem uma arma e é só isso que me

importa agora.

Ele se aproxima devagar e eu me abraço, querendo desaparecer.

— Ei — chama, soando quase calmo —, você está machucada.

— Não estou, não... — choramingo.

— Você... — Ele dá mais um passo.

Levanto a mão e olho para ele.

PERIGOSAS

— Por favor, não se aproxime! — peço.

Vejo, no entanto, que suas mãos estão vazias. Não há arma alguma e ele simplesmente me

encara com o rosto inchado e muito sujo de sangue. Será que o revólver foi coisa da minha

imaginação? Uma lembrança, talvez?

— Eu guardei — ele murmura, como se pudesse ler meus pensamentos.

Olho para suas roupas, procurando algum sinal da arma. Ele não está mais de terno e sua

camisa branca está suja de terra e sangue, assim como sua calça que parece ser jeans. Onde ele

guardou a arma.

— Não vou machucar você — ele suspira.

— Por que tem uma arma com você? — pergunto, me levantando.

NACIONAIS - ACHERON

Ele estala a língua e desvia o olhar.

— Se tinha uma arma — continuo —, por que permitiu que te batessem tanto?

Seus olhos levemente puxados voltam para o meu rosto.

— Que tipo de pessoa você acha que eu sou?

— O tipo que carrega uma arma dentro da escola — rebato. — Aliás, qual é o seu

problema? Por que arranjou briga com aqueles garotos?

Ele cospe no chão.

— Bom saber que está do lado deles.

Suspiro. Não conheço esse garoto. Não sei o que pensar dele. Não confio nele. No entanto,

ele deve estar com muita dor agora, após apanhar de Peter. E meus cotovelos estão ralados e

ardem, então preciso dar um jeito neles. Limpo a sujeira da parte de trás do vestido.

— Vamos à enfermaria — digo, olhando ao redor para tentar me localizar.

— Enfermaria?

Aponto para o rosto dele.

— Você precisa limpar esses machucados. — Aponto para um de meus cotovelos ralados.

— E eu preciso limpar os meus.

Vejo-o hesitar, sem jeito.

— Certo — diz.

O interior da escola está mal iluminado, mas conseguimos encontrar a enfermaria. Ele

caminha à minha frente, mancando um pouco e apoiando-se nas paredes vez ou outra. A equipe

de limpeza vai ficar furiosa ao ver manchas de

PERIGOSAS

sangue pelos cantos.

— Acho que eles guardam curativos nos armários
— digo, assim que entramos. Vejo que há

uma pia no canto da sala, perto das camas. — Tente lavar um pouco do sangue...

— Eu já ia fazer isso — Ele se dirige à pia.

Vasculho os armários — ouvindo a água da torneira — e me dou conta de que ele vai

precisar da minha ajuda. O problema é que eu não sei quase nada sobre primeiros socorros.

Encontro bandagens, algodão e uma garrafa de álcool e decido improvisar. Primeiro, cuido dos

meus ferimentos, limpando-os com álcool — o que doeu pra caramba — e cobrindo-os com

esparadrapos. Meus olhos estão marejados devido a dor, mas eu os enxugo rapidamente.

Busco o garoto novo com os olhos e vejo-o

NACIONAIS - ACHERON

examinando seu rosto num pequeno espelho de parede. Um de seus olhos está bastante inchado, o lábio inferior cortado e hematomas começam a se formar em suas maçãs do rosto. Arquejo só de pensar no quanto deve estar doendo.

— Ai — ele arfa, tocando o rosto com as pontas dos dedos. — O que você encontrou aí?

— Vira-se para mim.

Pego a garrafa de álcool, um punhado de algodão e os esparadrapos e vou até ele,

receosa. Ele franze o nariz para mim, tira a arma da parte de trás da calça jeans suja, coloca-a

no chão e empurra para longe com a ponta no tênis. Observo cada gesto seu atentamente.

— Satisfeita? — ele pergunta, irônico.

Não digo nada e puxo-o pelo braço, fazendo-o se sentar em uma cadeira que

provavelmente pertence à enfermeira.

— Você... você vai jogar álcool na minha cara? —
ele fica tenso.

Molho o algodão com álcool e aproximo-o de seu
rosto, mas ele se esquiva.

— Deixe que eu mesmo faço isso! — Segura o meu
pulso.

— Não — respondo. — Eu faço.

— Se doer...

— Vai doer. Aguenta firme.

Ele trinca os dentes e fecha os olhos apertado. Não
grita ou se esquiva nenhuma vez

enquanto limpo seus machucados, mas vejo suas
mãos retorcendo a barra de sua camisa. Após

esterilizar tudo, cubro os pequenos cortes com
esparadrapos e vejo-o relaxar, soltando um longo

PERIGOSAS

suspiro.

— Tem um corte aqui... — Toco sua têmpora esquerda e ele se retrai um pouco. — Talvez

precise de alguns pontos. Você precisa ir ao pronto socorro.

— Estou bem — Ele se levanta, olhando para mim.

— Obrigado.

Nós nos encaramos. Eu suspiro.

— Por que brigou com aqueles garotos?

Ele ri sem humor.

— Qual é, eu não sou como você.

Franzo a testa.

— Como eu?

— É. Você não devia deixar que pisem em você. Devia revidar.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Você está falando sobre o que aconteceu ontem?
Aqueles garotas no corredor?

Ele meneia a cabeça.

— Então você me viu — conclui.

— Vi — confirmo. — E aquelas garotas não
pisaram em mim, só foram mal educadas.

Ele franze a testa.

— É assim que começa, Rosie.

Olho para os seus olhos.

— Como sabe meu nome? — pergunto.

— Como eu não saberia? — Dá de ombros. — A
escola inteira fala de você nas suas

costas. Sobre como é bonita, como é misteriosa,
como deve ser podre de rica... As garotas te

odeiam, sabia?

NACIONAIS - ACHERON

Cruzo os braços, desconfortável. Isso é mesmo verdade? É por isso que ninguém além de

Cat, Antonela e Gabriel tem uma conversa decente comigo? Porque falam coisas sobre mim? Por

isso os garotos não se aproximam e as garotas me olham torto quando passo por elas?

— Chocante, não? — O garoto novo sorri, arregaçando as mangas de sua camisa.

De repente, ele guincha de dor e coloca uma das mãos na região das costelas. Quando

ergue a camisa, me assusto ao ver uma enorme mancha roxa que toma praticamente todo lado

direito de seu tronco. Cubro a boca.

— Dói muito?

Ele me encara com ironia, como se dissesse "O que você acha, idiota?", e guincha de dor.

— Você precisa de um médico — digo. — Isso

PERIGOSAS

pode ser mais sério do que parece...

Ele baixa a camisa e me dá as costas.

— Vou pra casa...

— Ei... o que você...

Ele baixa a cabeça e começa a procurar pela arma que deixou cair no chão. Eu a vejo

antes e corro para pegá-la. Ele me olha com irritação.

— Vamos, me dê — suspira, estendendo uma das mãos.

Dou um passo para trás.

— Só se você parar de bancar o durão.

— Bancar o durão? Você é idiota? Eu já disse que vou pra casa, vão cuidar de mim lá!

Hesito, desconfiada. Por fim, reviro os olhos e devolvo a arma.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Não é da minha conta, de qualquer forma... — resmungo.

— Concordo — Ele ergue o queixo, petulante.

— A propósito, qual é o seu nome?

— Não é como se você realmente precisasse saber.

— Você sabe o meu — ergo uma sobrancelha.

— Eu me apresentei quando cheguei aqui, não me apresentei? — Ele dá de ombros. — Se

não lembra do meu nome o problema é inteiramente seu.

Suspiro, tombando a cabeça para o lado.

— Você geralmente é tão cabeça dura assim?

Ele está quase na porta quando se vira e olha para mim.

— Você não faz ideia — responde.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Então ouço um estrondo e a porta se abre e de repente Pope e os outros seguranças que

Cruel contratou entram e tudo acontece muito rápido e logo o garoto novo está prensado contra a parede, grunhindo de dor.

— Senhorita Vallahar! — Pope me puxa para fora da enfermaria. — Situação sob controle,

nós a encontramos — diz a um walkie talkie.

— Ei! Não, Pope! Espere! — Tento soltar meu braço, em vão. — Ele... Aquele garoto não fez

nada de errado!

— Não proteste, senhorita.

— Mas ele está muito machucado!

— A diretoria da escola está à procura dele — Pope não para de andar pelo corredor, me

arrastando junto. — Um aluno denunciou porte de

NACIONAIS - ACHERON

arma de fogo e eles acionaram a polícia.

Arregalo os olhos.

— O quê?

— Tenho que tirar a senhorita do local imediatamente.

— Mas...

Pope olha para mim por cima do ombro.

— O senhor DeVil sabe de tudo. E está furioso.

Enquanto Pope me leva para casa, ensaio o que vou dizer a Cruel. Odeio admitir que, se eu

estivesse com os seguranças que ele contratou, não teria me envolvido naquela briga idiota e não

teria me machucado. Bem, talvez eu simplesmente estivesse no lugar errado e na hora errada,

afinal foi aquele professor que me arrastou para essa confusão. Mas mesmo se eu disser isso,

PERIGOSAS

tenho certeza de que Cruel vai me culpar e gritar comigo.

— Estou muito encrencada? — pergunto a Pope.

Ele olha para mim e ergue uma sobrancelha grisalha.

— Talvez um pouco.

Apoio a testa no vidro frio da janela do carro. Nem mesmo pude me despedir de Cat e

Gabriel. Pergunto-me se eles ainda estão esperando por mim. O garoto novo também não deixa

os meus pensamentos. O que aconteceu com ele? Será que Peter foi realmente capaz de contar

aos professores que ele tem uma arma? É realmente um caso para a polícia resolver?

Assim que desço do carro, vejo Cruel parado à porta, com as mãos nos bolsos da calça

social e as mangas da camisa azul arregaçadas.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Suspiro e caminho até ele segurando minhas sandálias em uma das mãos. Paro diante dos degraus da entrada e olho para ele. Como sempre, Cruel parece uma visão. Agora ele está tão mais alto que eu e tão altivo. Parece uma estátua de mármore inexpressiva.

Nós nos entreolhamos por um longo tempo. Então ele tira as mãos dos bolsos e desce os

degraus até mim, puxando-me para um abraço desajeitado que me pega desprevenida. Apoia

minha cabeça em seu peito e mantém sua mão em minha nuca.

— Eles me disseram que havia um aluno armado e que você estava com ele — sua voz está

embargada e ele parece furioso. Mas não necessariamente furioso comigo. — Achei que algo ruim

NACIONAIS - ACHERON

tivesse... — Ele me afasta, examinando meu rosto, pescoço e braços. — Quem fez isso? — Ele

aponta para os curativos nos meus cotovelos.

Sutilmente, afasto-me de seu toque. Por algum motivo essa proximidade me deixa inquieta e

febril.

— Eu caí — digo, sem fazer contato visual com ele.

— Pode começar a se explicar — Ele cruza as mãos atrás do corpo.

Franzo a testa e olho para ele.

— Me explicar?

— Você disse que eu estava exagerando em mandar seguranças com você e que um baile

de escola não era nada de mais — Cruel dá de ombros. — Explique como as coisas terminaram

PERIGOSAS

com você sendo refém de um estudante criminoso.

— Refém? — Sacudo a cabeça. — Ele não me fez refém, eu mesma escolhi ficar com ele

porque ele estava...

— Você o quê?

— Ele estava machucado. Eu só quis ajudar.

Cruel franze a testa.

— E ele fez isso com você? — Ele aponta para os curativos. — Quanta gratidão.

— Eu já disse que caí — Reviro os olhos. — Na verdade, não preciso me explicar para

você. Você não é meu pai.

Cruel dá uma risada irônica.

— Acho que às vezes você se esquece que é minha.

Arqueio uma sobrancelha.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Sua? — Cruzo os braços. — Só porque você é meu guardião legal, não quer dizer que

eu sou sua. Você não pode ser dono de uma pessoa.

Cruel faz uma expressão de desdém.

— Não vou discutir isso com você.

— Foi a coisa mais inteligente que você disse hoje
— provoco.

Ele rosna e me puxa pelo braço para dentro de casa.
Meu coração ainda está inquieto com

o abraço que ele me deu e o aperto de seus dedos
em minha pele complica meu raciocínio. Isso

tudo deve ser influência do que eu ouvi dele sobre
estar apaixonada.

— Preciso que tome mais cuidado — Cruel diz,
assim que entramos.

Toda essa paranoia dele já está me tirando do sério.

NACIONAIS - ACHERON

— Com o que exatamente? — pergunto, inquisitiva.

Cruel franze a testa levemente.

— Você ainda pergunta?

— Quero saber por que você contratou aqueles seguranças. — Olho-o diretamente nos

olhos. — O que está escondendo?

Cruel vira o rosto para o outro lado, apoiando as mãos na cintura.

— Só confie em mim, tudo bem? — Volta a olhar para mim.

Seu tom é bastante sério. Ele não parece estar de brincadeira agora.

— Você não pode me contar? — insisto. — Não sou sua... sua ouvinte?

Cruel ri sem humor. Parece desconfortável. Seus olhos azuis não param de vasculhar o meu

corpo, alarmados. Ele, definitivamente, está escondendo algo de mim e deve ser muito sério para

deixá-lo tão preocupado.

— Cruel... — digo seu nome suavemente.

Seus olhos encontram os meus.

— Tenho tantas perguntas... — sussurro.

— Eu sei.

— Não vai responder a nenhuma delas?

Ele apoia uma mão em meu ombro.

— Você devia ir dormir, deve estar cansada.

Afasto sua mão rudemente. Estou cansada, sim, cansada de ouvi-lo me dizer o que fazer.

— Precisamos conversar — digo, de dentes trincados. — Algumas coisas precisam ser

esclarecidas.

Ele suspira e me encara inexpressivamente.

— Nem todas as coisas devem ser esclarecidas —
sua voz é grave e severa. — Algumas

precisam ficar encobertas, guardadas... para que
ninguém se machuque desnecessariamente.

Crispo os olhos, encarando-o sem acreditar no que
ele acabou de dizer.

— Isso não faz o menor sentido.

— Talvez não para você, que vive uma vida segura
e boa.

Jogo a cabeça para trás e rio com sarcasmo. Ele
está brincando comigo, não está?

— Uma vida segura e boa? — repito. — Eu?

Cruel permanece impassível.

— É o que eu venho tentando proporcionar a você,

Rosie.

Abro a boca, mas as palavras não saem. Como chegamos a esse assunto? Cruel é tão... tão

complicado! Por que ele simplesmente não conversa comigo sinceramente? Por que nunca me diz o

que realmente quero saber?

— Vá dormir — ele pede, afastando-se. — Amanhã conversamos. — E desaparece da minha vista.

O que a Rosie de antes viu nele? Ela se apaixonou porque ele é misterioso? Porque é

teimoso e ríspido? Essas não são as qualidades que eu, a Rosie verdadeira de agora, acharia

atraentes em um homem. Cruel teria que ser muito mais do que parece. Gentil, sem que outras

pessoas percebam. Atencioso, sem esperar

NACIONAIS - ACHERON

reconhecimento. Corajoso o suficiente para esclarecer

assuntos que precisam ser esclarecidos. Mas Cruel é só... duro. Talvez uma porta seja mais capaz

de sorrir verdadeiramente do que ele.

Assim que esse pensamento me ocorre, um flash de memória me atinge com — ironicamente

— uma imagem quase surreal de Cruel sorrindo. Gargalhando. É uma memória? Eu... fui eu quem o

fez sorrir desse jeito? Meu coração acelera um pouco, porque é uma lembrança tão bonita. Ele

está tão bonito e... real.

Subo as escadas em direção ao meu quarto, quando, de repente, uma das portas dos

quartos de hóspedes me chama a atenção. Paro no corredor e fico olhando para ela.

Provavelmente já passei por aqui mil vezes, mas,

NACIONAIS - ACHERON

por alguma razão, hoje essa porta parece ter um significado diferente do normal. Giro a maçaneta e abro-a. Instantaneamente meu corpo todo começa a tremer. Não consigo dar um passo sequer para dentro. E então, novamente como um tijolo caindo do céu, uma memória retorna com muita força: Estou chorando e um homem me consola. *Mas por que não consigo ver seu rosto? Espere. Não, ele... ele é mau.*

Por que as mãos dele estão me apertando com tanta força? Ele está muito perto de mim, perto demais.

O quê? O que ele quer fazer comigo? Não! Eu não quero isso!

Sinto minha garganta arder muito e percebo que estou encolhida no chão, no lado oposto

da porta no corredor, gritando muito. Meu corpo inteiro treme e aquela sensação de pânico que

PERIGOSAS

senti no estacionamento quando Peter me empurrou
retorna. Não consigo respirar, não consigo

respirar...

— Rosie!

Cruel e mais dois empregados surgem no corredor.
Eu grito mais uma vez, cobrindo a

cabeça. Mais flashes me atingem e é tão
atormentador e tão doloroso que quero desaparecer.

Mãos me seguram pelos ombros.

— Rosie! Rosie! — Cruel me sacode. — Acalme-
se e olhe para mim!

Sacudo a cabeça. Estou sem ar...

— O que foi? Diga o que há de errado, Rosie!

Então as lágrimas e os soluços chegam. Num
impulso, envolvo meus braços ao redor do

pescoço de Cruel e choro em seu peito. Por algum

NACIONAIS - ACHERON

motivo, isso me dá segurança e me acalma o suficiente para que eu pare de gritar. Sinto que ele me ergue do chão, mas não levanto meu rosto de seu peito para confirmar. Solução alto e choro. Estou com muito medo.

— O carro, prepare o carro! — ouço Cruel gritar aos empregados, comigo ainda nos braços. — Você vai ficar bem, Rosie. Está tudo bem.

Capítulo 35

A primeira coisa que sinto é o cheiro forte de hospital. Não estou totalmente acordada, mas sinto meu corpo sobre algo fofo, muito provavelmente uma cama. Minha respiração está mais

devagar e eu me sinto bastante relaxada. Meus olhos estão muito pesados de sono para que eu

PERIGOSAS

consiga abri-los, então concentro-me em tentar ouvir o que acontece ao meu redor.

De primeira, ouço murmúrios um pouco distantes de pessoas conversando e andando. Devo

estar realmente em um hospital, pois ouço uma frase ou outra dita por alguns médicos ou

enfermeiros. Tentou ouvir mais, mas não há nada além disso. Então eu me concentro em tentar me

lembrar o motivo de vir parar aqui.

Eu me lembrei de algo muito ruim. Horrível. Ainda não sei se parte das imagens que vi em

minhas memórias são lembranças verdadeiras ou só imaginação minha, mas há mais coisa. Há mais

memórias de um outro dia, um dia que mudou minha vida completamente.

Abro os olhos subitamente, sentindo um frio congelante na barriga.

NACIONAIS - ACHERON

Eu me lembro de tudo que aconteceu no dia do incêndio em minha casa.

— Rosie?

Sobressalto-me ao ouvir meu nome e busco a voz que me chamou. É Agatha e está sentada

em uma poltrona ao lado da minha cama. Seu rosto está molhado e seus olhos e nariz estão

vermelhos.

— Agatha...

Sua mão pousa suavemente em minha testa.

— Graças aos céus você está bem — Ela sorri e uma lágrima escorre por sua bochecha.

— Como... como cheguei aqui?

Agatha dá um longo suspiro.

— De acordo com o médico, você teve uma crise de estresse pós-traumático. Você estava —

PERIGOSAS

Ela sacode a cabeça, lembrando-se —, em estado de choque. Eles tiveram que sedá-la porque

você não parava de gritar e chorar pedindo ajuda ao senhor DeVil, mesmo ele estando ao seu

lado.

Fito o teto e respiro fundo. Meus olhos ficam marejados.

— Eu me lembrei de uma coisa ruim, Agatha —
Soluço.

Ela acaricia meus cabelos.

— Eu sei, querida, eu sei. Mas o pior já passou e você está segura agora. — Ela sorri para

mim. — O senhor DeVil vai protegê-la.

— Ele me salvou, não foi? Ele... ele impediu que aquele homem...

— Sim.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Assinto e enxugo as lágrimas que teimam em cair.

— Nunca pensei que algo assim pudesse acontecer comigo.

— Pode acontecer a qualquer pessoa, querida.

Fecho os olhos. Estou calma, provavelmente ainda sob efeito dos sedativos.

— Onde está Cruel? — pergunto à Agatha, ainda de olhos fechados.

— Ele precisou resolver um problema na empresa — ela diz.

Eu preciso falar com ele. Preciso contar a alguém o que me lembro do dia do incêndio. É aí

que uma pessoa me vem em mente.

— Agatha — Olho para ela. —, preciso que me faça um favor.

— Pode dizer — Ela me olha com atenção.

NACIONAIS - ACHERON

— Preciso que chame alguém para mim.

A policial Mac se acomoda na poltrona ao lado da minha cama. Estou sentada, recostada

nos travesseiros — todo o sono e moleza se esvaíram completamente do meu corpo. Olho

amigavelmente para a policial, que sorri.

— Agatha me deixou à par dos acontecimentos — ela diz. — Você está bem, Rosie?

Assinto.

— Agora estou.

— Deve ser um tanto assustador se lembrar de tudo assim, de repente.

— É — confirmo.

Ela apoia os cotovelos nos joelhos, encarando-me com atenção.

PERIGOSAS

— Então me diz, por que chamou por mim?

Ajeito-me na cama, pronta para contar tudo.

— Você é a única policial que eu conheço e eu... eu preciso saber se ainda estão

investigando as causas do incêndio.

— O caso foi remanejado para o departamento de polícia central depois do falecimento do

juiz Iparis — Ela parece desapontada. — Lamento, mas não está mais sob nossa jurisdição.

— E você conhece os policiais de lá, as pessoas que estão investigando?

Ela franze a testa, pestanejando.

— Tenho um colega que trabalha lá, mas eu não o vejo há anos.

— Ah — assinto.

Policial Mac me encara.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Por que quer saber?

Engulo em seco. Eu ensaiei mentalmente tudo o que queria contar à ela enquanto esperava

que chegasse, mas dizer em voz alta é mais complicado. É quase como voltar à minha casa em chamuscas, àqueles momentos sufocantes.

— Policial, eu... — Respiro fundo. — Eu me lembro de tudo. Como o incêndio começou, o que aconteceu com os meus pais... — Olho para ela. — Tudo.

Ela se ajeita na poltrona, inclinando-se para mais perto de mim.

— Mesmo? Pode me contar o que aconteceu?

Crispo os lábios, assentindo.

— Eu me lembro de acordar naquele dia pensando na viagem de férias que meu pai disse

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que faríamos. Nós íamos acampar depois de muito tempo. Ajudei minha mãe com o café da manhã

e fui para o quarto arrumar minhas coisas. Após o almoço, nós recebemos uma visita de um homem

que eu nunca vi antes. Ele parecia ser bem rico e importante e estava sorrindo muito, mas meus

pais não pareciam contentes em vê-lo em nossa casa. Minha mãe me pediu que saísse para

comprar algo... não me lembro bem o que era... e quando eu voltei ele já tinha ido embora. Meus

pais não estavam bem. Estavam inquietos e ansiosos, arrumando malas e guardando coisas em

caixas. Lembro-me de perguntar por que estavam colocando tanta coisa nas malas, afinal nós

iríamos acampar por uma ou duas noites. Minha mãe disse que viajaríamos para outro lugar e que

eu devia guardar mais roupas na minha mala.

Engraçado como só agora eu percebo que eles não

NACIONAIS - ACHERON

me contavam nada do que acontecia em casa.

— Você fez suas malas? — a policial pergunta.

— Sim — confirmo. — Eu fiz minhas malas e tomei um banho. Dei comida para o peixe do

aquário que ficava no meu quarto. Meu pai apareceu à porta, sorrindo de um jeito tenso e eu

entendi naquele momento que alguma coisa séria estava acontecendo, algo que eles não queriam

me contar. Foi então que aconteceu. Ouvimos minha mãe gritar e corremos para a cozinha. Ouvi

vozes — Sacudo a cabeça. —, de homens e eles arrombaram a porta dos fundos. Meu pai... meu

pai sacou uma arma que eu nem sabia que ele tinha. Ele me protegeu, me disse para me esconder

antes que me vissem. — Sinto lágrimas escorrerem por meu rosto. — Foi o que eu fiz. Eu me

escondi no porão e eu só ouvia os gritos... os gritos

da minha — Solução. —. mãe. Do nada, os gritos pararam. Então eu os ouvi quebrando as coisas, a louça, os móveis, os copos, tudo. Quando a casa ficou em completo silêncio, eu saí. Tudo estava pegando fogo, absolutamente tudo, e havia muita fumaça até o teto. Eu corri para a cozinha, tentando encontrar meus pais, mas não havia sinal deles ali. Então deduzi que haviam conseguido escapar e estavam lá fora. Não pensei duas vezes, simplesmente saí por uma janela quebrada, tropecei e caí na varanda. — Engulo em seco e olho para as minhas mãos molhadas com as lágrimas que não param de pingar. — Acho que aí eu desmaiei.

Policial Mac dá um longo suspiro, levanta-se e me abraça.

PERIGOSAS

— Eu sei o quanto foi difícil para você me contar tudo, querida — Ela se afasta e olha para

mim. — Você é muito corajosa.

— Acha que isso pode ajudar em algo? Aqueles... aqueles homens com certeza foram

responsáveis pela morte dos meus pais!

— Vou tratar disso com meus superiores, Rosie. Talvez você tenha que contar isso tudo a eles

num testemunho oficial.

— Eu conto — Seguro as duas mãos dela com força. —, conto quantas vezes for preciso.

Mas me prometa...

— Rosie...

— ... que vocês vão investigar. Que vão encontrar os culpados e vão puni-los.

— Ouça, Rosie...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Meus pais eram pessoas boas! — Soluços irrompem de meu peito, sacudindo-me, e uma sensação de revolta toma conta de mim. — Meus pais não mereciam nada disso, eles deviam estar aqui agora e eu estaria bem!

A policial parece um tanto desconfortável.

— Rosie, ouça-me...

— Eu não quero! — grito. — Você tem que prometer!

— Acalme-se, por favor...

— Só aconteceram coisas ruins comigo depois que meus pais morreram — Choro, sacudindo

suas mãos. — E a culpa é deles... a culpa é toda deles!

— Enfermeira! — a policial chama.

Seguro suas mãos com ainda mais força e ela se

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

coloca de pé.

— Prometa! — grito, tentando segurá-la. — Por favor, prometa!

Dois enfermeiros chegam e um deles puxa meus braços, afastando a policial Mac de mim. O

outro me empurra pelos ombros, fazendo-me deitar na cama. Eu me contorço, gritando para que a

policial prometa que vai pegar as pessoas que mataram meus pais e vai colocá-las na cadeia.

Sinto meu braço arder com uma picada de seringa e pouco tempo depois meu corpo fica todo

mole. Faço força para falar, para manter os olhos abertos, mas é inútil.

Perco a consciência.

Acordo após uma série de sonhos malucos e coloridos que me fazem questionar a realidade.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Há um médico ao lado da minha cama, anotando algo em uma prancheta. Abro os olhos e noto

que a cor do teto é diferente e que estou em outro quarto. A cama é mais confortável e o lugar

não cheira tanto a hospital quanto o outro. Olho para o médico, alto e grisalho, e ele se

sobressalta ao ver que estou encarando-o.

— Oh, você acordou — Sorri, baixando a prancheta. — Como se sente?

— Onde estou? — Apoio-me em meus cotovelos.

— Hospital Psiquiátrico Northville — uma voz do outro lado do quarto responde.

Meus olhos voam para a porta e lá está Cruel. Ele desvia o olhar do meu e entra sorrindo

para o médico.

— Bom dia, doutor — Cruel estende-lhe a mão e os dois se cumprimentam.

NACIONAIS - ACHERON

— Bom dia, senhor DeVil.

— Eu... poderia conversar com Rosie por um momento?

O médico arqueia as sobrancelhas, olha para mim e depois para Cruel.

— Oh, claro. Eu já terminei meu relatório, de qualquer forma — Ele sorri. Parece ser um cara bacana. — Fiquem à vontade.

Assim que o médico deixa a sala, o sorriso de Cruel desaparece e ele fita a parede. Eu não

digos nada e ele também não, por um longo tempo. Suspiro e volto a deitar a cabeça no

travesseiro. De certa forma, estou exausta. O tipo de exaustão que não pode ser solucionada

apenas com uma noite de sono, embora eu sinta que dormi bastante.

— Achei que você tivesse enlouquecido de vez —

PERIGOSAS

Cruel murmura, ainda sem olhar para mim. — Você gritava tanto e chorava tanto...

Olho para ele, deitada.

— Algumas das minhas memórias voltaram — digo.

Seus olhos encontram os meus e eu vejo um lampejo de esperança neles. Cruel cerra os punhos, depois abre as mãos e as enfia nos bolsos. Parece inquieto.

— Do que você — Pigarreia. —, lembrou?

Sento-me na cama e cruzo as pernas. Bato com a mão na ponta do colchão, chamando-o

para sentar-se perto de mim. Cruel hesita, mas acaba se aproximando e se senta à beira da minha

cama. Olho-o diretamente nos olhos. Sinto-me tão grata em relação a ele, que sinto que meu

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

coração vai derreter. Se não fosse por Cruel, eu estria destruída.

— Você me salvou — digo, tentando não desviar meu olhar do dele. — Você me salvou

daquele homem, naquele dia.

Cruel baixa os olhos.

— Eu já disse isso a você — Ele volta a me encarar. — Você é minha. Eu nunca permitiria que alguém te machucasse.

Suspiro.

— Isso é assustador — Eu rio, coçando a testa.

— O quê?

— Quando eu acordei completamente sem memória e me deparei com você, fiquei com

medo. Mas, de alguma forma, eu reconheci a sua voz, como quem reconhece uma música sem

NACIONAIS - ACHERON

lembrar de onde. Só que agora — Eu sorrio, sem graça. —, tudo é ainda mais assustador, porque

meu coração tem batido tão forte a cada vez que eu te vejo.

Cruel franze a testa, confuso.

— Rosie...

Ergo a mão, interrompendo-o.

— Obrigada — digo, sentindo a profundidade dessa palavra como nunca. — Obrigada

por não deixar que me machuquem.

Cruel arqueja sutilmente e inclina-se para mais perto de mim. Tão perto que posso sentir o

cheiro do seu perfume. De perto, seus olhos azuis são ainda mais bonitos.

— Eu já disse, não disse? — ele sussurra. — Independente de você se lembrar do que sente

por mim ou não, eu não esqueci. Mesmo que você diga que nada de bom tenha acontecido após a

mortes de seus pais, eu estou aqui, Rosie. Eu vou cuidar de você.

Surpreendo-me.

— Você ouviu o que eu disse?

Ele assente.

— Sei que você está muito magoada e que ainda há sequelas do acidente aqui — Ele toca

minha testa. — Sei também que não sou nem de perto a melhor pessoa do mundo. Mas quero que

confie em mim. Você... você meu deu um propósito — Ele desvia o olhar, desconcertado.

Não contenho um sorriso, um tanto lisonjeada. Cruel pigarreia, olhando para as paredes.

Suspiro e seguro sua mão, atraindo seu olhar surpreso.

PERIGOSAS

— Obrigada.

Ele estala a língua, fazendo uma careta de irritação.

— Pare de me agradecer. É irritante.

Dou risada.

— Quando posso ir para casa? — pergunto, ainda segurando a mão de Cruel.

Sua expressão se fecha, como se ele tivesse se lembrado de algo ruim, e ele solta minha mão.

— Você não devia ter chamado aquela policial — resmunga — Sabe que eu não quero

que você se envolva com a polícia, não sabe?

— Eu precisava contar sobre o incêndio — argumento — A polícia precisa fazer alguma coisa para encontrar os culpados, Cruel.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ele sacode a cabeça.

— É muito perigoso. Não passou pela sua cabeça que eles podem voltar para encontrá-la?

O caso da sua família saiu nos jornais e eu fiz o impossível para abafar a notícia de que você

sobreviveu, e você simplesmente decide anunciar ao mundo?

Franzo a testa. É por isso que ele tem tentado me proteger tanto? Por acaso... Cruel sabe

que o incêndio não foi um acidente?

— Eu... eu não anunciei ao mundo — rebato — Só contei à policial Mac porque confio nela.

Ela vai me ajudar.

Cruel sacode a cabeça.

— Não, não vai.

Reviro os olhos.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Você não disse que vai cuidar de mim? Então está tudo bem.

— Você não entende, Rosie.

— Então me faça entender!

Cruel trinca os dentes, contrariado, e esfrega a testa.

— Não fique alterada, vai te fazer mal.

De fato, minha respiração está acelerada e meus punhos estão cerrados. O que Agatha

disse que eu tive? Uma crise de estresse? Tento me controlar, respirando mais devagar. Se eu tiver

outra crise de novo, não vão me deixar ir embora tão cedo.

— Quero ir para casa — resmungo.

— Você vai, assim que melhorar.

Faço careta.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Eu já estou melhor.

Ele revira os olhos e olha para seu relógio de pulso.
Suas sobrancelhas se arqueiam

sutilmente.

— Tenho um compromisso agora, Rosie — Ele se levanta da beira da minha cama.

Estendo a mão e seguro a manga de seu terno.
Cruel olha para mim.

— Leve-me com você.

Ele olha para meus dedos segurando sua manga e os solta um por um, lentamente. Então se

inclina e beija o topo de minha cabeça tão rapidamente que me pergunto se realmente aconteceu.

— Eu volto logo.

Observo-o deixar meu quarto e logo o médico de antes retorna, sem a prancheta. Ele sorri

NACIONAIS - ACHERON

para mim, com um ar paterno.

— Como se sente, Rosie?

— Bem — respondo automaticamente, ainda fitando a porta por onde Cruel saiu.

— Mesmo? Você está com o rosto muito vermelho.

Toco minha bochecha instintivamente e olho para o médico. Ele está sorrindo como se

soubesse de tudo.

Capítulo 36

Passo o dia todo no hospital psiquiátrico fazendo alguns exames psicológicos esquisitos,

conversando com o médico responsável por mim e assistindo à TV em meu quarto. Aproveito o

tempo que tenho sozinha para tentar organizar meus pensamentos e memórias recém recuperados.

Penso muito em meus pais, mas não com tristeza

PERIGOSAS

dessa vez. Sinto-me frustrada por eles não

terem me contado absolutamente nada do que estava acontecendo conosco. De certa forma, a

culpa também é minha por não ter batido o pé e exigido que me contassem tudo, mas compreendo

que a Rosie daquela época foi criada para ser gentil e não fazer perguntas. Meus pais sempre me

protegeram das situações mais adversas e sempre fizeram de tudo para me poupar de problemas.

E, vendo até onde cheguei hoje, creio que esse foi um grande erro da parte deles. O fato de que

eu não sabia o que fazer da minha vida sem Adam e Helena Vallahar significa que eles não

estavam me criando para ser alguém independente. Estavam me criando para ser dócil e fraca.

Pela janela do quarto, vejo a noite cair aos poucos e me pergunto se Cruel já está vindo me

NACIONAIS - ACHERON

buscar. Sinto meu rosto esquentar só de pensar nos olhos dele encarando os meus. Acho que agora

começo a entender o que a antiga Rosie viu nele: ele traz uma sensação de segurança. Cruel pode

ser grosso, arrogante e teimoso, mas perto dele me sinto instantaneamente segura e mais confiante.

Não me lembro se me sentia assim há um mês, mas é como me sinto agora e a sensação é muito

boa. É bom ser cuidada.

Ouçoo passos do lado de fora de meu quarto e alguém bate à porta. Irrito-me por ficar

desapontada porque sei que não é Cruel. Puxa, desde quando ele afeta tanto o meu humor?

— Pode entrar — digo.

A porta se abre e eu vejo a figura de Pope surgir, sem os óculos escuros.

— Pope — Arqueio as sobrancelhas.

PERIGOSAS

Ele me cumprimenta com um aceno de cabeça.

— Você veio me escoltar? — Faço uma careta.

— Sim — ele confirma. — Mas também trago notícias que podem ser de seu interesse.

Logo fico curiosa.

— Tipo o quê?

Pope caminha até onde estou parada, perto da janela.

— É sobre aquele garoto armado do outro dia — ele sussurra.

Arregalo os olhos.

— Ai, nossa... — Cubro a boca. — Como pude me esquecer dele? Ele está bem?

— Ele foi levado à delegacia e os pais foram chamados. A polícia o liberou após o

pagamento da fiança e ele está se recuperando em

NACIONAIS - ACHERON

casa.

Mordo a unha do dedão, incapaz de evitar me preocupar com ele. Vendo por um ângulo, o

garoto novo impediu que Peter descontasse sua raiva em mim, apontando uma arma para a

cabeça dele. Foi perigoso? Foi. Mas meio que funcionou. Aliás, preciso para de chamá-lo de

"garoto novo".

— Pope, por acaso você se lembra do nome dele?

Pope nem pestaneja.

— Theo Baek, dezoito anos. Filho de pais abastados, recém chegado à cidade. É fluente em

duas línguas, sendo uma delas a de seu país de nascimento, a Coreia do Sul. Toca três tipos de

instrumentos. Possui doze passagens pela polícia por vandalismo e perturbação da paz, mas não

PERIGOSAS

sei como ele foi liberado com tanta facilidade dessa vez, senhorita, queira me perdoar.

Encaro-o com os olhos arregalados. Como Pope descobriu tudo isso em menos de um dia?

— Então, o nome dele é Theo...

— Sim, parece que o pai dele possui ascendência grega.

Abro a boca, surpresa.

— Bem, obrigada pelas informações, Pope — digo, sem graça.

— A partir de hoje é meu trabalho ser seu segurança pessoal — ele diz, orgulhosamente.

— Tudo o que precisar descobrir, é só me dizer que eu descubro para a senhorita. Também estarei

escoltando-a aonde quiser ir e serei responsável por sua segurança.

Suspiro. Claro, é a cara de Cruel fazer esse tipo de

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

coisa comigo.

Pope fica de guarda do lado de fora do quarto e não me surpreenderia se mais

seguranças estivessem com ele. Deito-me em minha cama de hospital e revivo minhas memórias do

dia do incêndio, buscando algum motivo pelo qual aquelas pessoas fariam algo tão horrível aos

meus pais. Cruel acha que eles podem me encontrar se souberem que estou viva, mas isso não me

preocupa muito. Não acho que quem quer que tenha feito isso sairia por aí me procurando. Afinal,

eles nem mesmo me viram. Talvez nem saibam da minha existência.

É quase noite quando Pope bate à porta e entra. Levanto-me da cama. Cruel veio me

buscar, finalmente?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Hora de ir, senhorita — Pope diz, para a minha alegria.

— Ahn... posso mesmo sair assim? O médico...

— A senhorita já foi liberada. Tenho ordens de escoltá-la até o carro para a sua

segurança.

Sorrio, calço um par de tênis que alguém — provavelmente Agatha — trouxe para mim e

sigo Pope para fora do quarto. Como suspeitei, há mais seguranças no corredor e eles me cercam

enquanto andam. Um paciente nos olha com curiosidade enquanto passamos por ele e eu me

pergunto o que passa por sua cabeça. Não é como se eu me parecesse com alguma celebridade

ou figura da família real, não é?

— Por aqui, senhorita — Pope me conduz.

NACIONAIS - ACHERON

Noto que não estamos nos dirigindo ao saguão principal da entrada do hospital e resolvo perguntar.

— Aonde estamos indo, Pope?

— Vamos sair pelos fundos — ele responde, sem olhar para mim. — Chegaremos ao

estacionamento, onde o carro espera pela senhorita. É mais seguro.

Arqueio as sobrancelhas. Que exagero.

Seguimos — eu e os seguranças — por corredores e escadas até chegarmos ao térreo do

hospital. Pegamos um elevador largo e cheiroso, que dá para o estacionamento quase vazio. Logo

que vejo o carro, sei que era para mim, pois mais seguranças o cercam. A única diferença é que os

"meus" seguranças parecem muito mais amigáveis.

Quando nos aproximamos, um dos seguranças que cerca o carro abre a porta para mim.

Olho de soslaio para Pope, incerta.

— Entre, senhorita — ele me encoraja.

— Vocês não virão comigo?

— Por enquanto não.

Engulo em seco, assentindo. Sinto-me um tanto insegura, mas entro no carro. A porta se fecha

assim que eu me sento no banco de couro e eu me encolho. Isso é uma limusine? É tão grande!

— Então é você — ouço uma voz feminina dizer, dentro do carro.

Vejo uma senhora sentada do lado oposto do carro, de frente para mim. Ela está vestida

muito elegantemente e sorri para mim como se soubesse um segredo que eu não sei. Não deve ter

mais de cinquenta anos e suas joias brilham tanto que eu quase fico cega ao olhar para ela.

Quem é essa mulher?

— Creio que não fomos devidamente apresentadas da última vez... — ela ronrona.

Última vez?

— Ahn...

— Deve estar se perguntando o que eu estou fazendo aqui, não é mesmo?

— Eu... eu não sei quem você, digo, quem a senhora é — Franzo a testa.

Por um segundo ela parece surpresa e sua boca vermelha abre-se em um O.

— Não acredito que ele não contou a você sobre mim! — Ela gesticula com uma das mãos.

— Eu, minha querida, sou a querida mamãe de seu corajoso guardião.

PERIGOSAS

Arquejo, sem conseguir esconder a minha surpresa.
A mãe de Cruel morreu, tenho certeza
disso.

— Oh — Ela faz uma cara de nojo. —, pelo seu
olhar, vejo que você já sabe. Tudo bem,

tudo bem. Eu sou a madrasta mal amada de Cruel.

Arregalo os olhos. Ela disse o nome dele!

— Estava ansiosíssima para conhecer você, minha
doce jovem. Ouvi muito a seu respeito.

— Ouviu sobre mim?

Ela assente, sorrindo.

— Vamos aproveitar que meu querido filho está
ocupado e vamos nos conhecer melhor, sim?

Sinto um frio na barriga. Por que acho que as coisas
não estão tomando um rumo muito

bom?

NACIONAIS - ACHERON

— Eu... eu não estou indo para casa?

Ela joga a cabeça para trás e ri exageradamente.

— É claro que vai, docinho. Mas antes vamos dar um passeio.

Quando me dou conta, estou sentada à uma mesa farta numa sala de jantar luxuosa, diante

da madrasta de Cruel. Tudo cheira muito bem e eu realmente estou com fome, mas por algum

motivo meu estômago se embrulha e meu corpo congela. Estou tão tensa que parece que minhas

juntas enferrujaram.

Eu nunca pensei que poderia encontrar algum parente vivo de Cruel. Ter conhecido —

mesmo que brevemente — a irmã maluca dele já foi quase chocante e agora sua madrasta

praticamente me sequestra porque quer me conhecer. Que família esquisita.

PERIGOSAS

— Você não vai comer, querida? — diz a madrastra, sorrindo para mim. — Está tão

magrinha...

— Oh — Pego os talheres, forçando um sorriso. — Claro que vou.

Ela limpa a boca com um guardanapo dourado.

— Vamos começar.

Olho para ela alarmada, enquanto mastigo um pedaço de frango chique.

— Começar o quê? — pergunto.

— Meu interrogatório, é óbvio! — Ela agita as mãos. — Preciso saber absolutamente tudo

sobre a futura senhora da casa DeVil!

Engasgo com o frango e começo a tossir muito alto, sentindo falta de ar. A madrastra de

Cruel se levanta e alguns empregados se

NACIONAIS - ACHERON

aproximam para me ajudar, mas eu gesticulo que estou

bem e bebo uns goles do suco de laranja que me serviram. Será que eu escutei direito? Ela se

referiu a mim como futura senhora DeVil?

— O que a senhora... o que a senhora disse?

— Senhora? — Ela dá outra risada exagerada. — Oh, não, docinho. Você deve me chamar

de Dalila. D—A—L—I—L—A.

Sorrio sem graça, sentindo minha garganta arder.

— Bem, Dalila, eu não sei que quis dizer com...

— Oh, você não precisa bancar a boazinha comigo, docinho. Eu tenho bons olhos e ouvidos

dentro daquela mansão e sei sobre o que acontece lá mais do que você imagina. — Agora ela

está mais séria. — Sei que meu filho tem

apresentado um comportamento diferente desde que

acolheu você. Na verdade, só o fato de ele demonstrar interesse em abrigar uma pobre órfã já é

algo muito inusitado para a personalidade daquele moleque.

Baixo os olhos para o meu prato. Estou cansada de ouvir esse tipo de coisa.

— De qualquer forma — ela continua, sem aquele toque afetado na voz —, aqui está você.

Quando a vi pela primeira vez você parecia um passarinho assustado. Mas algo em seu modo de

olhar — Os olhos dela buscam os meus. —, está diferente. Gosto disso. Eu não quero ser aquele

empecilho em seu relacionamento com Cruel, por esse motivo você está aqui. Temos muito o que

conversar.

— Eu... eu acho que está havendo um engano — digo. — Cruel e eu não temos esse tipo de

relacionamento. Eu não serei a nova senhora DeVil, ou qualquer coisa parecida.

Dalila ergue uma sobrancelha e me encara como se eu não soubesse nada da vida.

— Seja sincera comigo, docinho — Ela se ajeita na cadeira. — Se Cruel a pedisse para ser

dele para sempre e propusesse casamento, você diria não?

Arqueio as sobrancelhas e abro a boca para responder, mas nada sai. Para falar a

verdade, eu nunca pensei nessa possibilidade. Nunca pensei em Cruel me pedindo em casamento,

nem nada assim. Então eu penso agora. Em como seria estar ao lado dele sem um limite de tempo.

Em dormir e acordar todos os dias ao seu lado. Em dividir uma vida com ele. Em ser importante

para ele. Em amá-lo. E, por alguma razão, meu coração acelera de forma que me deixa

desconfortável. Dalila dá risada.

— Eu sabia. Você está completamente caidinha por ele!

— Ah, não... não é isso...

— Não ouse tentar mentir para mim — Dalila me aponta o indicador, crispando os olhos. —

Se você está apaixonada por Cruel, é óbvio que ele está apaixonado por você também. Sabe,

aquele menino nunca recebeu amor de verdade na vida... a não ser de sua mãe falecida da qual

ninguém se lembra. Então estou certa de que se ele souber como você se sente, ele vai tomá-la

para ele e nunca mais vai soltar. Sim, sim... isso é muito provável.

Engulo em seco, sentindo-me sufocada. Quem essa

mulher pensa que é para falar da minha

vida amorosa desse jeito, como se fosse colunista de uma revista de fofocas?

— Eu... — começo a dizer. — Eu realmente agradeço por me contar as coisas do seu ponto

de vista, mas... Cruel e eu não temos esse tipo de relacionamento. Ele mesmo me disse que precisa

de um casamento vantajoso e eu não tenho nada a oferecer. Estou bastante ciente disso.

— Então você o ama, mas tem medo de ser rejeitada porque não pode oferecer a ele as

vantagens que ele precisa para assumir definitivamente sua tão desejada herança?

Baixo os olhos para minhas mãos, sentindo-os ficar marejados. É isso. Sim, é exatamente isso.

Não pude enxergar sozinha, mas é exatamente como ela disse. A verdade é que eu tenho medo

de amar Cruel. Eu tenho medo porque sei que não há futuro para um relacionamento entre nós

dois. Ele me disse que precisa muito da herança do pai e eu a única maneira de eu ajudá-lo a

consegui-la é saindo do caminho para que ele encontre a pretendente perfeita. É isso.

— Quer um lenço, querida?

Olho para cima e vejo Dalila me oferecer um lenço. Aceito e enxugo meus olhos, tentando

me segurar para não desmoronar na frente dela. Reconhecer que eu amo alguém é algo tão

estranho e novo para mim, que parece que meu coração vai estourar. Desde aquele dia em que

acordei sem memória, um filme com todos os momentos em que Cruel esteve ao meu lado passa por

minha mente. E eu me dou conta que, sim, estou apaixonada por ele. Não devia, mas estou. O

problema é que eu não sei o que fazer com esse sentimento agora.

É, eu gosto dele. E daí?

A mão de Dalila pousa sobre a minha e ela dá leves tapinhas solidários.

— É, minha querida. Eu sei como se sente...

Olho para ela.

— Eu me casei com um bilionário, afinal — Dalila dá de ombros. — Nunca foi fácil. Eu era

uma ninguém. Mas eu fui em frente, docinho, e lutei pelo homem que eu amava e o fiz feliz até seus

últimos dias. Eu fui feliz.

Enxugo o nariz.

— Você... alguma vez se arrependeu de ter se casado com ele? — pergunto. — Você disse

que não era ninguém. Como ganhou confiança para tomar essa decisão?

Dalila abre um sorriso.

— Eu confiei em mim mesma e confiei nele. Você devia tentar algo assim um dia...

As portas da sala de jantar se abrem num estrondo que me faz pular da cadeira. Dalila e

eu ficamos de pé.

— Desgraçada! — Cruel grita, furioso como um animal selvagem.

Ele caminha a passadas largas até nós duas, segura-me pelo braço e me puxa em direção

a saída. Então para na porta e olha para Dalila por cima do ombro.

— Se chegar perto dela outra vez, eu mesmo acabo com você!

Ele se vira e me puxa junto, bufando de raiva.

— Cruel...

— Por favor, não diga nada — ele rosna. — Eu não quero brigar com você.

Cruel me conduz até seu carro e me coloca no banco do carona, na frente. Fico surpresa ao

vê-lo assumir o volante — em geral, quem dirige é seu motorista. Nenhum de nós diz nada por um

longo tempo, mas eu simplesmente não consigo evitar encará-lo como se fosse a primeira vez que o

vejo. De certa forma é, porque agora eu admiti a mim mesma que sinto algo por ele.

— Não acredito que ela foi capaz disso — Cruel resmunga com ele mesmo. Então se dá

conta de que estou encarando-o. — Você... O que você veio fazer aqui?

Hesito.

— Ah... eu...

PERIGOSAS

— Eu fui muito claro com Pope. Ele só tinha um trabalho a fazer, só tinha que levar você

para casa em segurança, aquele inútil...

— A culpa não foi dele — digo, temendo por Pope.

— Vou demiti-lo e fazer com que nunca mais consiga trabalhar em lugar algum!

— Cruel...

Ele dá um suspiro de irritação.

— O que ela disse a você? O que perguntou?

Engulo em seco.

— Bem...

— Ela te humilhou, não foi? Por isso você está com essa cara de choro?

— Ela não me humilhou — Desvio o olhar para a janela. — Nós só conversamos sobre

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

algumas coisas.

— Que coisas?

Mordo o lábio e olho para ele.

— Nada demais... Ela me disse que nós duas já nos vimos antes e que agora eu estou

diferente. Você não contou sobre meu acidente?

Cruel trinca os dentes e vejo que os nós de seus dedos estão brancos tamanha a força com

que ele segura o volante.

— Dalila não precisa saber. Você não faz ideia do quanto ela é sagaz e astuta. Ela faz o

impossível para conseguir o que quer e não mede esforços para destruir a vida das pessoas. Eu

não quero que ela saiba nada sobre você ou sobre nós, entendeu?

Encaro—o. Sobre nós? Tarde demais, ela já sabe

NACIONAIS - ACHERON

até mais do que eu mesma.

— Entendi — respondo.

Cruel pousa a mão em minha testa, como se tentasse sentir minha temperatura.

— Você estava com febre ontem — diz, quando olho para ele, surpresa. — Como está se sentindo?

Suspiro.

— Sinto saudades da minha cama.

— É, essas últimas horas foram cansativas, não foram?

Olho para ele. Parece mais calmo conforme conversamos e fica muito másculo e bonito

dirigindo. Sinto minhas bochechas arderem assim que esse pensamento me ocorre e volto meu rosto

para a janela. Viver sob o mesmo teto que Cruel

agora será muito, muito diferente.

Capítulo 37

Dois empregados recebem a Cruel e a mim à porta da frente, parecendo contentes em me

ver.

— A senhorita nos assustou — diz um deles, e seu rosto me é familiar. Ele deve ter

presenciado minha crise ontem à noite.

— É mesmo, ficamos preocupados — diz outro.

— Estou bem agora — Sorrio, tocada pela preocupação deles. — Obrigada.

Cruel me puxa pela nuca na direção da escadaria.

— Ela precisa descansar agora — resmunga, afastando-me dos empregados. — Voltem a trabalhar.

PERIGOSAS

Eles obedecem imediatamente e nós subimos as escadas lado a lado. De segundo em

segundo eu olho para Cruel de canto de olho, para ver que tipo de expressão há em seu rosto.

Aparentemente ele passa a maior parte do tempo inexpressivo, como se sua mente estivesse em

algum lugar distante e seu corpo estivesse se movendo sozinho.

Caminhamos pelo corredor, até que eu me deparo com a porta daquele quarto e paro no

meio do caminho. Cerro os punhos, fitando a porta. Alguns passos à frente, Cruel também para e

vira-se para olhar para mim.

— Rosie...

— Eu estou bem — interrompo-o. Pigarreio. — Pode me contar o que aconteceu naquela

noite?

NACIONAIS - ACHERON

Cruel olha para a porta e suspira, enfiando as mãos nos bolsos.

— Venha comigo — pede, voltando a caminhar.

Eu o sigo até o final do corredor, onde há uma porta branca com detalhes dourados que

parecem ouro puro. Cruel a abre e entra. Eu o sigo. Entramos em um quarto que é escuro, mesmo

com as luzes acesas. Apesar das paredes serem brancas, a maioria da mobília é feita de madeira

escura e há cortinas pretas cobrindo janelas bem grandes. Há uma prateleira de livros que toma

uma parede inteira e um guarda-roupa enorme perto da cama com dossel, também escura. O

quarto é bem grande e, de certa forma, me é familiar em um ponto ou outro.

— Eu... por acaso já estive aqui? — pergunto a Cruel.

Ele está de costas para mim, mexendo em algo numa escrivaninha de madeira escura.

— Uma vez — responde, ainda de costas.

Cruzo os braços, sentindo-me ainda menor do que já sou.

— Por que me trouxe aqui?

Cruel gesticula para uma poltrona antiga bonita.

— Sente-se, vamos conversar.

Eu faço o que ele diz. Cruel tira o terno, puxa outra poltrona e senta-se de frente para mim,

não muito perto.

Ele me encara com seriedade e, dessa vez, não está inexpressivo.

— Como você mesma lembrou, alguém tentou violentá-la aqui em casa — ele diz,

pronunciando as palavras com calma. — E, de certa

forma, eu... eu sou culpado pelo que aconteceu.

Franzo a testa. *O que ele quer dizer?*

— Era o dia do meu aniversário e Sunsung planejou uma festa enorme aqui, aproveitando a

oportunidade para anunciar nossa nova parceria também. Eu pedi que você fosse à festa, mas

você não queria ir — Ele ri, sem humor. — Até o último momento, você disse que não iria e eu a

mandei ficar trancada no quarto. Eu fiquei realmente fora do sério. No entanto... do nada, lá

estava você — Ele olha para as paredes, relembrando. — Estava mais bonita do que eu jamais vi

e parecia deslocada numa festa tão luxuosa como aquela. E eu... eu fui tremendamente infantil

quando você veio até mim. — Cruel me encara

PERIGOSAS

com os olhos azuis lampejantes, suplicantes. — Eu

humilhei você diante de todos os meus convidados.
Meu orgulho estava ferido porque você foi à

festa porque quis e não porque eu pedi. — Ele volta
a fitar as paredes. — Então você correu

chorando para fora da festa e eu me senti...
satisfeito. Fiquei satisfeito por fazer você chorar.
No

entanto, no segundo seguinte eu me senti realmente
para baixo. Bebi vários drinks, esperando

entrar no clima da festa, mas... — Ele sacode a
cabeça. — Então eu resolvi ir atrás de você.

Engulo em seco.

— Então você me encontrou com ele.

Cruel assente.

— Eu ouvi gritos e sons estranhos assim que pisei
no segundo andar. Corri para o quarto de

NACIONAIS - ACHERON

onde eles vinham e, bem, creio que você já saiba o que aconteceu depois.

Confirmo acenando com a cabeça. Baixo os olhos para meus pés. Então era esse o tipo de

relacionamento que Cruel e eu tínhamos. Será que eu fui àquela festa apenas para provocá-lo? Eu

o odiava?

— Cruel... — o nome escapa de meus lábios num sussurro.

Ele me encara.

— Você me odiava? — pergunto, antes que perca a coragem.

Cruel engole em seco.

— Sim — ele admite, sem tirar os olhos dos meus.

Entrelaço meus dedos, baixando os olhos para eles.

— E agora? — pergunto, hesitante.

Não tenho coragem de olhar para ele,
principalmente se sua resposta permanecer a
mesma.

Meu coração bate tão forte e alto que tenho certeza
de que Cruel é capaz de ouvi-lo. Eu queria

que ele não tivesse tanto efeito sobre mim desse
jeito.

Ele, de repente, está bem perto de mim, um joelho
apoiado no chão e no outro apoia o

braço. Sua mão alcança meu rosto e ele ergue meu
queixo, fazendo-me olhar diretamente para o

oceano de gelo que são seus olhos. Prendo a
respiração.

— E agora? — ele repete minha pergunta, com a
sombra de um sorriso nos lábios. —

Agora há grandes chances de que você tenha me
ganhado.

Arregalo ligeiramente os olhos. Ele quer dizer

NACIONAIS - ACHERON

que...

— Não sei o que Dalila disse a você hoje — Ele tira sua mão de meu rosto. —, mas quero

que saiba que, sim, você é boa o suficiente para estar ao meu lado. Sabe, Rosie, eu cansei de fugir

disso. Já quase perdi você de tantas maneiras que nem consigo mais contar e não quero que algo

assim se repita por causa de meu orgulho.

— Você... você quer dizer...

Cruel dá um peteleco em minha testa.

— Estou dizendo que, se me quiser, eu sou seu, garota burra.

— Ahn?

Cruel fica de pé, outra vez com aquele esboço de sorriso nos lábios.

— Não me faça repetir.

PERIGOSAS

Permaneço encarando-o, meio em choque. Ele... ele acabou de dizer o que penso que

acabou de dizer? Cruel DeVil gosta de mim?

— Você devia ir descansar um pouco — ele diz. — Está muito pálida... — Sua mão se

ergue para me tocar, mas eu desvio.

Levanto-me da poltrona, encarando-o com seriedade.

— Cruel, você está falando sério?

Ele começa a sorrir, mas então para e assume uma expressão mais séria.

— Achei que você fosse se assustar mais — ele diz, avaliando meu rosto. — Achei que

fosse confundi-la, mas decidi ir em frente... Só que a sua expressão é de...

Dou um passo para trás. Não, ainda não. Não quero que ele se dê conta de que gosto dele.

NACIONAIS - ACHERON

Ainda não. Dou-lhe as costas e saio em direção à porta do quarto, mas Cruel me puxa pelo braço.

Seus olhos surpresos me avaliam ainda mais de perto.

— Você... você sente o mesmo por mim? — ele murmura e sei que não é uma pergunta.

Desvio meu olhar do seu, mas ele me puxa pelo queixo outra vez, obrigando-me a encará-

lo.

— Rosie, você se lembrou de tudo?

Afasto sua mão de meu rosto.

— Não.

Cruel fica ainda mais surpreso.

— Então você... você se apaixonou por mim outra vez?

Dou mais passos para trás.

— Não me pergunte assim, eu...

Cruel me puxa pela mão e me abraça apertado. Fico sem ar, mais uma vez pega

desprevenida, enquanto seus braços me envolvem como se nós não nos víssemos há muito tempo.

Sinto meu rosto ficar muito quente quando me dou conta de que abraçá-lo é muito, muito bom.

— É você — ele sussurra contra meus cabelos. — Memórias não importam. O passado não

importa. Eu não vou perder você de novo, Rosie.

Então ele gosta mesmo de mim. Meu coração dá saltos triplos de felicidade e meus olhos

enchem-se de lágrimas. Cruel está certo, o passado e as memórias que perdi não importam mais.

Ainda é um sentimento novo e, de certa forma, cru, mas eu não acho que seja ruim. Uma parte de

mim me alerta de que nós dois juntos não é algo

possível. Cruel precisa de um casamento vantajoso para receber a herança que ele tanto deseja. Eu sou só uma garota órfã que vive de favor em sua casa. Eu não tenho absolutamente nada a lhe oferecer, além do que sinto por ele. Não é o suficiente.

Eu, porém, resolvo ignorar essa minha parte pessimista. Porque quando Cruel me abraça, nada mais importa no mundo.

Ouçõ a porta de meu quarto se abrir e levanto o rosto dos livros para ver quem entra. É

Agatha.

— Rosie? Bom dia. Já está de pé?

— Bom dia... Estou estudando — Mostro um livro de história para ela.

PERIGOSAS

— Faz muito bem — Agatha assente —, mas receio que terá que fazer uma pausa.

— Por quê?

Agatha se aproxima da escrivaninha onde estou estudando.

— Bem, eu não sei o que há com ele hoje, mas o senhor DeVil me mandou chamá-la

imediatamente. Ele disse que é urgente.

Arqueio as sobrancelhas, levantando-me da cadeira.
Urgente?

— Faz ideia do que pode ser? — indago.

Agatha dá de ombros, tão confusa quanto eu. Corro para minha penteadeira e prendo

meus cabelos bagunçados — que, aliás, precisam ser lavados hoje —, tentando parecer mais

apresentável. Só de imaginar os braços de Cruel ao meu redor outra vez, meu estômago gela.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Viro-me para Agatha.

— Como estou? — Abro os braços.

Ela franze a testa.

— Ahn?

Sacudo a cabeça.

— Deixa pra lá — Rio. — Onde ele está?

— É exatamente isso que me preocupa — Ela apoia a mão em formato de concha perto da

boca, como se me contasse um segredo. —, ele está lá fora. No jardim! Não é inusitado?

Sorrio.

— Com certeza.

Deixo Agatha e meu quarto e desço as escadas cantarolando. Cumprimento os empregados

que passam por mim e eles parecem contentes em

NACIONAIS - ACHERON

me ver. A casa parece mais iluminada e noto

que algumas cortinas que antes ficavam fechadas agora estão abertas, recebendo a deliciosa e

dourada luz da manhã de domingo. Passo pela cozinha, cumprimento rapidamente Darla e Yuki, as

cozinheiras tagarelas, e saio pela porta dos fundos de vidro.

O sol da manhã deixa o jardim dos fundos brilhando. Eu nunca vim aqui desde que acordei

sem memória, mas — como várias coisas ultimamente — o lugar me é familiar como um sonho. Há

árvores e arbustos bem podados e cuidados e um grande espaço que bem merecia uma piscina

enorme e bonita. Noto que muros altos e cobertos de hera cercam todos os lados do jardim, como

uma fortaleza. É bonito, mas estranho também. Do

NACIONAIS - ACHERON

que Cruel quer tanto se proteger?

— Aí está ela — ouço-o dizer, não muito longe.

Dou alguns passos para mais perto de onde ouvi sua voz e encontro-o mais ao fundo do

jardim, sentado na grama e rodeado por três cães. Ele está sorrindo para mim, com as mangas da

camisa arregaçadas e os cabelos escuros bagunçados.

— Bom dia — digo, olhando para ele. — Não sabia que você tinha animais de estimação.

Cruel coça as orelhas de um dos cães.

— São os únicos animais que eu gosto: dálmatas.

Sorrio. Ele parece alegre, mais do que eu jamais vi.

— Agatha disse que você me chamou para algo urgente — digo, cruzando os braços.

Cruel franze a testa, tentando se lembrar. Então seu

rosto se ilumina.

— Ah, sim. — Ele se levanta e limpa a parte de trás das calças. — Precisamos conversar

sobre um assunto importante.

Assinto, esperando que ele prossiga. Os cães começam a correr e brincar uns com os outros.

— Bem — Cruel passa a mão pelos cabelos, que agora quase roçam seus ombros. —, creio

que precisamos esclarecer algumas coisas. Sabe, entre nós dois?

Mordo o lábio inferior. Agora é a parte em que ele ri e diz que tudo o que me contou ontem

foi brincadeira? Por algum motivo, acho que Cruel é bem capaz disso.

Ele dá dois passos para mais perto de mim e enfia as mãos nos bolsos da calça social.

— Meu interesse por você é sério — diz,

surpreendendo-me.

Olho para ele de olhos arregalados. Cruel sorri e olha para os próprios sapatos. Então seu

sorriso some e ele volta a me encarar com bastante seriedade.

— Porém, como você sabe, eu tenho problemas sérios com Dalila. Ela me quer à frente dos

negócios da família DeVil e, bem, para isso acontecer por definitivo, eu teria que me casar.

Suspiro. Sim, eu já sabia. Por que pensei que poderia fugir disso?

— Eu sei — assinto, sem conseguir encará-lo.

Cruel nota meu desconforto e suas mãos seguram as minhas.

— O que quero de você é paciência, Rosie — ele diz, os olhos vidrados nos meus. — Eu...

darei um jeito.

Solto suas mãos.

— Cruel — digo —, eu sei mais do que ninguém o quanto admitir seus sentimentos é difícil

para você. E sei que está sendo verdadeiro. Mas...

Ele pousa o dedo indicador sobre meus lábios, me interrompendo.

— Não, Rosie.

Afasto sua mão.

— Me escute — peço. — Eu não tenho nada a oferecer a você além do que sinto. Eu não

tenho família, nem casa e meu futuro é incerto. Mesmo tendo perdido a memória, passei a me sentir

diferente sobre você. Passei a querê-lo muito por perto. Mas, Cruel — minha voz estremece

quando digo o nome dele —, você vive em um mundo totalmente diferente da minha realidade.

PERIGOSAS

Você está destinado a assumir os negócios do seu pai e ser um homem de grande sucesso. Dói em mim dizer isso, mas... eu... eu não quero interferir.

Cruel segura meu rosto com as duas mãos e encosta sua testa na minha.

— Não — ele sussurra. — Mais uma vez, eu serei egoísta. Eu mantereí você do meu lado,

mesmo que tenha que esconder isso do resto do mundo. Ouça bem, Rosie — Ele se afasta para me

fitar nos olhos, ainda segurando meu rosto. —, enquanto você estiver comigo, eu não vou deixar

que nada lhe falte. Você não tem família? Então eu serei sua família. Não tem casa nem futuro?

Sua casa é aqui e seu futuro é comigo — Ele me puxa e me abraça. — Não vou permitir que se separe de mim.

Suspiro alto, sentindo meu coração martelar no

NACIONAIS - ACHERON

peito.

— Por que tão de repente? — pergunto a ele, contra seu peito. — Por que declarar seu

amor por mim tão de repente?

Uma de suas mãos acaricia o topo de minha cabeça.

— Ela iria tirar você de mim se eu não fizesse alguma coisa, Rosie.

Ah, Dalila. Se Cruel soubesse o quanto ela contribuiu para que estivéssemos aqui abraçados

agora, não a odiaria tanto. Não acredito que ela seja uma má pessoa.

— Então... — suspiro —, nós vamos manter isso em segredo?

— Por enquanto — Cruel me abraça mais forte. — Obrigado.

Ergo o rosto, encostando minha testa em seu queixo.

— Pelo quê?

— Por me dar uma chance.

Sorrio, mas ele não vê. Se há alguém grata aqui, sou eu. É um pensamento extremamente

bobo, mas me sinto como uma desbravadora dos mares que são o coração de Cruel. Fazer com

que alguém tão fechado como ele demonstre seus sentimentos me faz sentir, de certa forma,

vitoriosa. Isso quer dizer que há algo especial em mim que o despertou? Eu gosto de pensar isso.

Muito cedo, Cruel me solta, parecendo um tanto constrangido. Olho para ele, admirando-o e

estendo a mão para arrumar seus cabelos. São surpreendente lisos e macios. Ouço alguém

pigarrear atrás de mim e dou um pulo, virando-me para ver quem é. Agatha nos olha com

desconfiança.

PERIGOSAS

— Ahn... — Sorrio amarelo para ela. — Tinha um inseto no cabelo dele.

Ela ergue uma sobrancelha e olha para Cruel, que permanece impassível — afinal, ele é o

patrão e não deve satisfações à ela.

Sinto-me como quem acaba de ser pega fazendo travessuras.

— Eu... eu vou voltar para os meus livros — gaguejo, nervosa.

— Vim chamá-la para o café da manhã, Rosie — diz Agatha, inexpressiva.

— Ah, sim — Sorrio. — Estou mesmo com fome, vamos.

Puxo Agatha pelo braço, praticamente arrastando-a para dentro da casa. Ela não diz nada

e também não me olha mais com desconfiança, mas, de algum modo, sei que viu alguma coisa. Esse

NACIONAIS - ACHERON

é só o começo, mas Cruel e eu precisaremos ser mais cuidadosos se quisermos levar esse

relacionamento — ou seja lá o que for — em frente. E em segredo.

Assim que termino meu café da manhã na cozinha, resolvo assistir à TV um pouco antes de

voltar aos estudos e, enquanto passo pelo hall de entrada, ouço o som de motor de carro do lado

de fora e os empregados correm para abrir a porta da frente.

— Quem é? — pergunto ao empregado mais próximo.

Ele me cumprimenta com um aceno de cabeça.

— É a madame Sunsung.

Franzo a testa. O que ela veio fazer aqui num domingo de manhã?

— O que ela...

PERIGOSAS

Sunsung passa pela porta como uma modelo entrando numa passarela e deixa seus casacos

extravagantes com os empregados. Quando nota minha presença, dá um sorriso radiante.

— Pequena Rosie! — Ela me segura pelos ombros e me dá leves sacudidas. — Como pode

estar tão bonita tão cedo? — Ri.

Fico sem graça.

— Bom dia...

Ela revira os olhos.

— Não venha para cima de mim com "bom dia" — Sacode a cabeça. — Somos amigas,

não somos?

Nós somos?

— Ahn...

NACIONAIS - ACHERON

— Onde está meu DeVil? — ela grita para os empregados. — Digam que preciso vê-lo

imediatamente!

Então ela olha para mim por cima do ombro, de nariz empinado.

— Talvez você tenha que ficar sozinha por alguns dias, querida Rosie.

Franzo a testa.

— Por...

— Vou precisar levar DeVil à um evento de moda em Paris por... não sei... uma semana ou

duas? — Ela ri sem humor. — Você não se importa de ficar sozinha, certo? Vai ter tooooda a casa

só para você!

Cerro os punhos e esforço-me para sorrir.

— É claro que não — digo. — Vai ser muito

divertido.

Capítulo 38

Almoço com Cruel e Sunsung na sala de jantar. Ela simplesmente não para de falar sobre

uma nova linha de roupas que planeja lançar no próximo mês e ele faz alguns comentários sobre

as ideias que tem. Os dois têm uma boa sintonia em se tratando do assunto e parecem bastante

compenetrados. Termino meu almoço e deixo a mesa discretamente.

Algo na maneira como Sunsung me trata está estranha ultimamente. Em certos momentos ela

parece realmente gostar de mim, mas então, de repente, vem me aconselhar friamente, como se eu

fosse alguém em seu caminho. Talvez ela tenha altos e baixos mais frequentes do que a maioria

das pessoas.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Logo a tarde chega e eu permaneço em meu quarto, estudando. Quero muito — muito

mesmo — conseguir uma bolsa de estudos numa faculdade em uma cidade maior, onde eu possa

construir o meu futuro. Não sei onde Cruel se encaixa nisso, principalmente porque descobri que

gosto dele recentemente. De qualquer forma, eu quero que ele me apoie no que quer que eu

escolha fazer.

Após o jantar — e depois que Sunsung vai embora — Cruel e eu caminhamos pelo jardim e

conversamos bastante sobre coisas triviais. Ele me diz que não gosta de doces, a não ser sorvete e

que seu sabor favorito é avelã. Ele tem os dálmatas há dois anos e seus nomes são Um, Dois e Três

porque ele estava sem criatividade para batizá-los. Ele desenha roupas desde o ensino médio e

NACIONAIS - ACHERON

recebeu alguns prêmios por isso.

— Então, seu sonho é ser estilista? — pergunto,
quando nos sentamos num banco de

concreto.

Ele dá um sorriso discreto.

— Eu já sou estilista.

Reviro os olhos.

— Mas você tem outras preocupações agora,
como... a companhia do seu pai. Não é?

— De fato.

— Como você faz as duas coisas ao mesmo tempo?
— pergunto.

— Na verdade, é Sunsung quem coloca a mão na
massa. — Ele dá de ombros. — Eu só

idealizo tudo.

PERIGOSAS

Dou risada.

— E isso é bastante coisa...

Sua mão pousa sobre a minha no banco.

— É bom poder conversar assim com alguém depois de todos esses anos — Cruel olha para

nossas mãos. — É estranho... como o coração de uma pessoa pode mudar tanto.

— Está falando sobre me odiar primeiro e gostar de mim agora? — Cutuco seu braço com

o cotovelo, brincando.

Cruel faz careta, como se não quisesse admitir.

— Interprete como quiser.

— Também gosto que você se abra comigo — digo, fitando-o. — É bom para você mesmo

e... bem... é bom para mim porque posso te conhecer melhor.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Cruel baixa os olhos para seus pés.

— Me conhecer melhor?

Assinto, sorrindo. Ele volta a olhar para mim.

— O que você quer saber? — pergunta, cruzando os tornozelos.

Crispo os lábios e fito as árvores, pestanejando.
Não é sempre que Cruel está tão acessível

assim, então tenho que pensar bem no que vou perguntar.

— Quero saber sobre... — começo a dizer, devagar.
— Hum... talvez... sobre seu passado?

Ele trinca os dentes e desvia o olhar, retirando sua mão de cima da minha.

— Que valor tem o passado? — sussurra, cabisbaixo. — Pergunte.

Engulo em seco, cruzando meus dedos sobre os joelhos.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Sobre seu irmão gêmeo...

— Não.

Olho para ele, sobressaltada. Cruel está de olhos fechados, ainda de cabeça baixa.

Parece... com dor.

De repente, ele se levanta do banco e fica de costas para mim. Seus punhos estão cerrados

e seus ombros, tensos. Eu me coloco de pé também.

— Cruel...

— Não quero falar sobre isso — ele me interrompe.

Engulo em seco novamente, aproximo-me e seguro sua mão. Cruel se retrai um pouco, mas

não me afasta.

— Você não precisa — sussurro. — Está tudo bem.

— Não fique me perguntando essas coisas — ele

NACIONAIS - ACHERON

soa irritado.

— Eu posso esperar até que você esteja pronto para me contar tudo.

Cruel me olha por cima do ombro. Seus olhos estão frios.

— E se eu nunca estiver? E se eu nunca contar meus segredos a você? O que vai fazer?

Sorrio para ele, solidária.

— Você vai conseguir — Aperto sua mão. — Eu estou aqui por você.

Cruel solta minha mão e se vira para mim, parecendo irritado.

— É exatamente por isso que eu não quero falar sobre o passado.

Franzo a testa, confusa. Cruel toca meu rosto com as pontas dos dedos e há tanta solidão

em seu modo de me olhar que meu coração quase

se despedaça. Seguro sua mão contra meu

rosto e sorrio novamente para ele, tentando confortá-lo. De algum modo, quero que ele sinta que

eu estou aqui, que estou ao lado dele e que não o deixarei sozinho.

Então ele aproxima muito seu rosto do meu, até que nossos narizes quase se encostem. Eu

prendo a respiração, lembrando-me que ele me disse que nenhum dos beijos que já meu deu foi

verdadeiro. Cruel se aproxima mais um pouco e eu fecho os olhos. Quando penso que seus lábios

vão encontrar os meus, ele beija minha testa e dá um passo para trás.

— Entre — ele diz, mais tranquilo. — Amanhã você tem aula bem cedo.

Assinto, sentindo-me meio tonta. Meu coração bate enlouquecido.

PERIGOSAS

— Boa noite — digo, passando por ele.

— Durma bem, Rosie.

— Eu vou matar você! — É a primeira coisa que Cat me diz assim que me vê entrar na sala

de aula. Ela corre até mim, apontando acusadoramente o dedo indicador para meu rosto e parece

uma tempestade em forma de gente. — Como você foi capaz de me abandonar daquele jeito no

baile? Para onde você foi?

Suspiro, rindo, e ela me dá um tapa.

— Não ouse rir de mim, sua piranha traidora. Eu achei que algo tivesse acontecido com

você!

Encaro-a.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Por que achou isso?

Cat me puxa para mais perto.

— Sabe aquele novato? Theo? — cochicha, olhando ao nosso redor para checar se não

está sendo ouvida. — Ele foi pego com uma arma e a polícia o levou. Disseram que estava

fazendo uma garota de refém, mas parece que era mentira, porque ninguém encontrou garota

alguma quando o pegaram.

Que bom, meu nome não foi envolvido na confusão. Esforço-me para fingir surpresa.

— Uma arma? Por que ele traria uma arma para o baile?

Cat dá de ombros.

— Estou tentando descobrir. Ele veio para a aula hoje, sabia?

NACIONAIS - ACHERON

Olho para ela de olhos arregalados.

— Ele veio?

Ao mesmo tempo, a porta da sala de aula faz um estrondo, chamando a atenção de todos.

Meu coração quase para quando vejo Theo Baek parado na entrada, apontando o dedo

diretamente para mim. A expressão em seu rosto é muito séria e logo os outros alunos percebem

que ele está me fitando.

— Você! — ele grita muito alto, assustando-me. Então caminha a largas passadas até mim e

me pega pelo braço. Nossos olhares se encontram e eu tenho certeza de que pareço

completamente assustada. Não quero que ninguém descubra sobre o que aconteceu no baile! —

Venha comigo — ele resmunga.

Ó, céus!

Theo me arrasta para fora da sala e eu ouço Cat e os outros murmurando como um enxame

de abelhas. Essa não, todos vão começar a especular sobre nós e em algum momento a verdade

vai aparecer. É sempre assim que as coisas acontecem.

Theo me puxa vários lances de escada acima, até que chegamos à cobertura do prédio por

uma porta de saída de emergência. Ele fecha a porta e finalmente me solta, ficando de frente

para mim. Enfia as mãos nos bolsos da calça de uniforme e me encara com petulância.

— O que você quer? — pergunto, agora mais irritada do que assustada.

— O que eu quero?

Cruzo os braços.

— Diga logo.

Ele se abaixa e senta no chão, sorrindo para mim como uma criança travessa.

— Eu quero que você seja minha amiga.

Olho para ele como se, de repente, ele tivesse ganhado quatro olhos extras.

— Você está brincando, não é? — Ergo uma sobrancelha.

— Não — Ele sacode a cabeça. — Acho que somos compatíveis para uma amizade longa e duradoura.

— O que te faz pensar que eu quero ser sua amiga?

Ele ri.

— Eu estava esperando você perguntar. — Theo começa a andar ao meu redor

distraidamente. — Sabe, nós somos os únicos novatos do último ano, então muuuita gente fala sobre

nós. No entanto, ninguém realmente se aproxima de mim o suficiente para criar laços e acredito

que o mesmo aconteça com você.

— Aonde quer chegar? — suspiro.

Ele para de andar e sorri para mim, crispando os olhos. É engraçado.

— Quer dizer que talvez eu seja seu único provável amigo aqui.

— Errou. Cat é minha amiga — Dou-lhe as costas, começando a caminhar de volta para a sala.

— Ela não estava com você quando Peter tentou te bater! — Theo diz, fazendo-me parar

assim que chegou à porta.

PERIGOSAS

Viro-me e olho para ele. Não está mais sorrindo engraçado para mim. Reparo nos band-

aids em seu rosto e mãos e me pergunto se aquele ferimento em seu abdômen está melhor. Cruzo

os braços e franzo a testa para ele.

— Você está tentando me fazer retribuir o favor que me fez ameaçando Peter com aquela

arma? — pergunto, irritada.

Theo dá de ombros.

— Pelo menos você é esperta.

— Eu teria ficado bem sem sua ajuda — desdenho.

— Talvez ele nem mesmo me batesse

de verdade. Tenho certeza de que só estava querendo me assustar.

Theo dá uma risada irônica, sacudindo a cabeça, e me olha de lado.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Não acredita mesmo nisso, acredita?

Trinco os dentes. *É claro que não.*

— De qualquer forma, não acho que possamos ser amigos. Não temos nada em comum.

Ele dá um sorriso genuíno dessa vez.

— Meio dia, no ginásio — diz, começando a tomar o rumo da porta.

Fico confusa.

— O que isso quer dizer?

Theo apoia a mão no batente da porta e olha para mim por cima do ombro, com um sorriso

gatuno nos lábios.

— Estarei esperando você lá, sua lerda — E vai embora.

Suspiro. Mais essa agora.

NACIONAIS - ACHERON

— Cat, o que mais você sabe sobre o garoto novo?

— pergunto, assim que nosso primeiro

período acaba.

Ela se vira na cadeira para olhar para olhar para mim de testa franzida.

— Por que pergunta?

Fico na dúvida se conto tudo à ela. Cat é tão legal e divertida, mas não sei se pode

guardar um segredo desse e, além disso, não quero envolvê-la em confusão. Theo Baek parece ser

a encarnação da palavra confusão.

— Ah...

— Soube de alguma fofoca? — Ela se aproxima mais apoiando os cotovelos na minha

carteira. — Já tem alguém de olho nele?

PERIGOSAS

— De olho nele? — Franzo a testa. — Por que alguém faria isso?

— Você é cega, por acaso? Ele é muito lindo!

Reviro os olhos.

— Que exagero. Lindo mesmo é Cru... — Arregalo os olhos e cubro a boca instintivamente.

Droga, falei demais.

E Cat não deixa passar.

— Lindo? — Ela puxa meu braço. — Quem? Quem é lindo?

— Ahn... — O que eu digo? O que eu digo?

Cat abre um sorriso enorme e aponta o dedo indicador para meu rosto.

— Você está namorando alguém?

— Não! — digo, rápido demais.

NACIONAIS - ACHERON

Ela joga a cabeça para trás, gargalhando.

— Está sim!

— Shh! Não estou — Cubro a boca dela com a mão.

Mas Cat não se convence e fica me atazanando durante toda a manhã. Ela me faz milhões

de perguntas sobre "meu namorado" misterioso e eu permaneço negando tudo. Isso só faz com

que ela insista ainda mais, a ponto de eu precisar deixar a sala com a desculpa de precisar ir ao

banheiro. Preciso pensar no que dizer para fazê-la esquecer esse assunto.

Olho-me no espelho do banheiro e ajeito meu blazer e a gravata do uniforme. Penso em

minha conversa com Cruel ontem à noite e suspiro alto, apoiando as duas mãos na pia. Acho que

tenho que me esforçar para entendê-lo. Cruel

PERIGOSAS

passou por muito mais sofrimento do que consigo me

lembrar e ter que relembrar tudo e contar para mim deve ser doloroso. Preciso manter isso em mente.

Encaro meu reflexo e, por um segundo, ele parece se mexer sozinho.

— Oh! — Levo um susto e pulo para longe da pia, com a mão no peito. Eu... o que eu acabei de ver? Estou tendo alucinações?

Sacudo a cabeça ao mesmo tempo em que a porta do banheiro se abre e uma garota loira

entra. Reconheço-a imediatamente. É aquela que ficou me encarando com raiva no baile porque

Peter não parava de me cantar. Cindy. Assim que me vê, ela para e sorri.

— Oh, oi — diz e se debruça na pia para retocar a

NACIONAIS - ACHERON

maquiagem.

— Oi — Assinto em cumprimento, já tomando o rumo da saída do banheiro.

— Você realmente não se toca, não é? — Cindy diz bem alto, sem tirar os olhos do próprio reflexo.

Paro de andar e olho para ela. Está falando comigo?

— Como é? — pergunto.

Cindy se vira, olhando para mim com uma expressão tão arrogante que me dá nos nervos.

Ela me mede com os olhos da cabeça aos pés.

— Primeiro o meu Peter — ela resmunga —, e agora aquele novato?

Franzo a testa. Do que ela está falando?

— Não se faça de idiota — Ela dá um passo na minha direção. — Eu vi vocês dois

correndo juntos sabe lá pra onde!

Engulo em seco. Ela me viu com Theo hoje mais cedo?

— Você acha que só porque é bonita pode sair roubando todos os garotos assim? — Ela

me dá um leve empurrão no ombro. — Quem você pensa que é, afinal? Você acabou de chegar e

acha que é melhor que qualquer uma de nós?

Cindy ameaça me empurrar de novo, mas eu desvio. Isso a irrita.

— Não sei de onde você tirou essas ideias — digo, tentando não piorar as coisas —, mas

está errada.

Ela dá uma risada estridente.

— Errada? Eu?

— Você gosta de Peter, não gosta?

PERIGOSAS

Os olhos dela se arregalam.

— E o que isso tem a ver com você, sua piranha?

— É melhor tomar cuidado com ele — advirto. — Ele... ele é violento e...

Dessa vez Cindy me empurra com força e eu bato com as costas na parede do banheiro.

— Você é podre mesmo! — ela rosna. — Está realmente tentando me voltar contra ele?

Você é idiota? Eu o conheço muito mais do que você!

Trinco os dentes. Ela já está acabando com a minha paciência. Suspiro.

— Olha, Cindy, eu realmente quero voltar para a minha sala agora, então... — começo a

andar na direção da saída.

Cindy, no entanto, me puxa pelo braço.

NACIONAIS - ACHERON

— Nem adianta tentar fugir!

E é aí que eu perco as estribeiras de vez e a empurro com ainda mais força do que ela me

empurrou. Cindy fica furiosa e vem em minha direção como um touro irado. Ela me agarra pela

gola da camisa e me sacode. Seguro seus cotovelos, tentando afastá-la de mim. Cindy é mais alta

e tem braços e pernas mais compridos que eu, então é mais fácil para ela me acertar, mas não

desisto. Uso a altura dela a meu favor e chuto uma de suas canelas.

Cindy dá um grito exagerado e me solta, afastando-se para se apoiar na parede. Ela me

fita com ainda mais raiva e, no momento em que parece pronta para saltar sobre mim de novo,

alguém entra no meio de nós duas: Theo.

— Se vocês vão mesmo brigar, deviam fazer isso

PERIGOSAS

com menos roupas — ele brinca, mas ouço

seriedade em sua voz, apesar de ele estar de costas para mim.

Cindy o olha com desprezo e escorrega para o chão.

— Ela começou... — Chora, abraçando os próprios ombros.

Theo olha para mim por cima do ombro, estala a língua e me puxa pelo braço banheiro afora.

— Você tem noção de que acabou de entrar em um banheiro feminino? — ralho com ele,

tentando soltar meu braço inutilmente.

Theo continua andando e me arrastando junto pelo corredor.

— Você tem noção de que...

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Senhor Baek e senhorita Vallahar! — ouço uma voz masculina gritar atrás de nós.

Theo para de andar e eu paro também. Nós nos viramos e vemos dois inspetores

acompanhados de Cindy caminhando em nossa direção. Cindy manca e faz caretas de dor.

— O que foi que essa... — silvo, com raiva.

— Fique atrás de mim — diz Theo e não parece estar de brincadeira.

Não quero sua proteção, mas ele me empurra para trás dele. Os inspetores e Cindy se

aproximam.

— Para a diretoria, vocês dois — diz um deles, careca e rabugento.

Theo dá um passo na direção dos homens, petulante.

— Por quê?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

O outro inspetor, alto e negro, agarra Theo pela gravata.

— Simplesmente porque você entrou no banheiro feminino enquanto duas garotas estavam

lá dentro, garoto — ele rosna. — Onde tem na cabeça?

Theo aponta para Cindy.

— Ela — Theo aponta para Cindy. —, estava batendo nela — Aponta para mim. — Eu

estava só de passagem, mas ouvi gritos.

O inspetor careca olha para mim e depois para Cindy. Ela começa a chorar.

— Não foi isso que aconteceeeeeeu — grita, e minha vontade é bater com a cabeça dela na parede.

— Para a diretoria, os três.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

E nós vamos. Theo parece tranquilo, Cindy não para de bancar a vítima e eu brinco com a

barra de minha saia de uniforme, enquanto esperamos para conversar com o diretor. No fim, Cindy

e eu recebemos uma advertência por brigar e eu descubro que Theo devia estar em casa,

suspenso pelo episódio da arma no baile. Ele ganha mais um dia de suspensão.

Entro em pânico quando o diretor diz que vai chamar nossos responsáveis imediatamente e

já imagino o que Cruel dirá — se é que ele vem mesmo. *Droga*. Ele me disse para ser discreta na

escola e não causar problemas.

A mãe de Cindy é a primeira a chegar e conversa em particular com o diretor. Cindy é

levada embora, fitando-me com raiva até sair de minha vista. Theo e eu ficamos sentados em

NACIONAIS - ACHERON

silêncio, esperando por nossos responsáveis.

— Vallahar — chama um inspetor.

Levanto-me. *Será que Cruel realmente veio?*

— Boa sorte — sussurra Theo, o que não ajuda em nada.

Acompanho o inspetor e me deparo com ninguém mais, ninguém menos que Sunsung, vestida

como uma super modelo e acompanhada por um homem bonito. Assim que me vê, ela abre um

sorriso. Noto que está de mão dada com o homem, que também sorri.

— Aqui está nossa Rosie briguenta — Sunsung ri, sacudindo a cabeça. — DeVil me pediu

para vir. Já conversei com seu diretor, querida, está tudo bem.

— Mesmo? — Tento sorrir.

— Então você é a Rosie de quem minha Sunsung tanto fala... — diz o homem ao lado dela, sorridente.

— Sou — assinto.

Sunsung dá dois tapinhas no peito dele.

— Acho que vocês não foram apresentados — ela diz. — Esse é meu noivo, Rosie.

Arqueio as sobrancelhas. Sunsung tem um noivo? O homem estende a mão para mim, gentil, e eu a pego, cumprimentando-o.

— Muito prazer. Meu nome é Eden.

Capítulo 39

Olho fixamente para Eden, o noivo de Sunsung, e tenho a sensação de já tê-lo visto antes

em algum lugar. Mas simplesmente não me lembro de onde. Isso me incomoda um pouco.

— Como você sabe, DeVil é muito ocupado — diz Sunsung, assim que deixamos o prédio da

escola e começamos a tomar a direção do carro —, então ele me pediu que cuidasse de você.

Você não deveria se meter em confusões assim, Rosie...

Caminho atrás dela e de seu noivo, um tanto constrangida. Não sei o que é pior: o fato de

que Sunsung está bancando minha mãe e me dando um sermão ou o fato de que Cruel vai ficar

desapontado comigo, com certeza. O que me deu para entrar numa briga com Cindy? Por que eu

não aguentei suas provocações e simplesmente saí em silêncio? Mais importante, o que é que deu

em Theo para entrar no banheiro daquele jeito?

O motorista de Sunsung é jovem e bonito, mas olha para nós com uma expressão um tanto

PERIGOSAS

rabugenta enquanto abre a porta do carro. Por um momento, penso ter visto ele olhar feio para

Eden. Sunsung adentra o carro primeiro e quando estou a ponto de entrar também, ouço alguém

chamar por mim do outro lado da rua. Ergo a cabeça e vejo Pope acompanhado de mais dois

seguranças — todos usando óculos e ternos escuros — aproximando-se. Suspiro.

— Oi, Pope.

— Temos ordens do senhor DeVil para levar a senhorita Vallahar para casa — ele diz a

Eden, que permanece de pé ao meu lado.

Sunsung coloca a cabeça para fora do carro, sorrindo.

— Oh, olá! Que bom vê-lo, Pope!

Ele assente como cumprimento.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— É um prazer, madame Yook.

— Nós vamos levar a pequena Rosie para um passeio — ela diz, fazendo charme.

Pope olha para mim, em dúvida. Depois que ele me colocou naquele carro com a madraستا

de Cruel, não sei se confio mais no que ele diz que tem ordens para fazer.

— Bem... Essas foram as ordens que...

— O próprio DeVil me ligou pedindo que cuidasse dela — Sunsung interrompe, menos

simpática.

— Mas...

— Eu assumo a responsabilidade — Sunsung insiste.

Pope trinca os dentes, desconcertado. Tento conter um sorriso de satisfação. Sunsung é tão

NACIONAIS - ACHERON

legal às vezes!

— Desde que a senhorita Vallahar esteja segura, não vejo problemas — ele diz, por fim.

Sunsung me puxa pela mão.

— Garanto que ela estará perfeitamente segura.

— Nós cuidaremos dela — diz Eden, soando confiável.

Pope vira-se para mim e me olha por cima dos óculos escuros, como se me perguntasse se

está tudo bem. Dou-lhe um sorriso ligeiro e tranquilizador e entro no carro. Eden entra logo atrás

de mim e fecha a porta.

— DeVil é tão exagerado quando se trata de você, Rosie... — resmunga Sunsung.

Noto que estou sentada entre ela e seu noivo e fico um tanto sem graça. Por sorte, o

motorista de Sunsung é tão simpático que deixa o clima no carro bem mais leve. Ele me pergunta

se eu me lembro dele e quando digo que não, se apresenta novamente. Seu nome é Javier.

— Então quer dizer que você não se lembra de nada desde o acidente com seus pais? —

pergunta Eden, parecendo impressionado.

Sacudo a cabeça.

— Eu perdi algumas poucas memórias do dia do acidente e algumas outras da época em

que meus pais estavam... vivos. Mas o último mês em que vivi na casa DeVil sumiu das minhas

lembranças por completo.

— É mesmo? — Ele franze a testa.

— Tenho me lembrado de uma coisa ou outra, mas... — Engulo em seco, pensando na crise

que me fez ir parar num hospital psiquiátrico. —, é doloroso lembrar.

Sunsung acaricia meu ombro.

— Você não deve se esforçar muito — diz, parecendo séria e sincera. — Cedo ou tarde

essas memórias retornarão.

— Ou — Eden sorri para mim. —, você pode simplesmente seguir em frente. Não é

saudável se apegar ao passado.

Crispo os olhos, virando o rosto para encará-lo.

— Mas... são minhas memórias. Eu quero lembrar de tudo.

Eden desvia o olhar.

— Sim, sim...

Sunsung tagarela sobre uma maratona intensa de compras que precisamos fazer e eu acho

tudo muito divertido, até chegarmos ao shopping e vasculharmos praticamente todas as lojas à

procura de um par de sapatos importados que ela simplesmente necessita — palavras dela, não

minhas. Percebo que Eden me observa bastante com uma expressão muito desconfiada, o tempo

todo. Essa sensação de me lembrar de seu rosto mas não saber de onde me incomoda a cada

minuto que passa.

Depois de encontrar o tão desejado par de sapatos, Sunsung nos arrasta para a praça de

alimentação e me manda escolher algo para comer enquanto ela vai retocar a maquiagem no

banheiro. Eden fica comigo.

— E então — ele começa a dizer, assim que Sunsung sai de cena —, qual o seu

relacionamento com DeVil?

NACIONAIS - ACHERON

Viro-me para ele, pega de surpresa. *Que tipo de pergunta é essa?*

— Ahn?

Eden ri.

— Sung disse que ele está muito diferente ultimamente e que parece ser por sua causa

— Dá de ombros. Então críspa os olhos para mim.

— Me pergunto o motivo.

Desvio o olhar para um restaurante vegetariano com cores vibrantes. *O que digo a ele?*

— Eu... eu não acho isso — murmuro.

— Hum? — Eden inclina a cabeça, para me ouvir melhor.

— Não acho que ele tenha mudado por mim — Sorrio, sem graça. — Ele não é do tipo que faria algo assim.

Eden dá outra risada.

— Não é mesmo. — Seu olhar encontra o meu e parece tão frio que me dá arrepios. — Por

isso eu me pergunto que tipo de pessoa é você para causar uma mudança tão grande na vida

dele. Estou muito intrigado, sabia?

Baixo os olhos para meus sapatos. *O que ele quer dizer com intrigado? O que ele sabe sobre*

Cruel para ficar falando essas coisas estranhas?

— Vamos nos sentar ali — Ele gesticula com a cabeça para uma das mesas da praça de

alimentação e anda até lá. Eu o sigo e observo algumas mulheres darem risadinhas e lançarem

olhares para ele. Sung não vai gostar nada disso.

— Que tal jogar um jogo de perguntas e respostas enquanto esperamos por nossos

PERIGOSAS

pedidos? — Eden sugere, depois de pedirmos porções de comida mexicana.

Hesito, olhando para ele. *O que ele quer saber de mim?*

— Pode ser — Dou de ombros.

Eden apoia os cotovelos na mesa e franze a testa para mim. Eu não consigo olhá-lo

diretamente nos olhos.

— Você tem algum interesse amoroso em DeVil?
— ele dispara.

Arregalo os olhos.

— Interesse amoroso? — repito, um tanto chocada.
— Não, não... é claro que não.

Eden apoia a mão no queixo.

— Não acho que esteja sendo sincera.

— Por que fica me perguntando essas coisas?

NACIONAIS - ACHERON

— Já disse que estou intrigado — Ele dá de ombros. — E curioso.

Franzo a testa.

— Por quê?

Eden se recosta na cadeira, sem tirar os olhos de mim. Estou com um mau pressentimento.

— Você tem a sensação de já ter me visto antes, não tem? — ele indaga, sorrindo.

Encaro-o.

— É porque nós já nos vimos uma vez, Rosie.

— Já?

Sung finalmente volta do banheiro, interrompendo Eden e me deixando frustrada. Se

saber de onde eu o conheço significa recuperar um pedaço da minha memória — mesmo que seja

pequeno — eu quero muito isso. Além do mais, ele

parece conhecer Cruel e é noivo da melhor
amiga dele. Deve ser um cara legal.

— O que vocês pediram? — ela pergunta e noto
que sua maquiagem está mais forte.

— Comida mexicana — eu respondo. — Eden
estava me dizendo que nós já nos vimos
antes.

Sunsung olha para ele, surpresa, e Eden trinca os
dentes, lançando-me um olhar um tanto
duro. *Ops. Não era para dizer?*

— Onde? — ela pergunta a ele, evidentemente
irritada.

— Ahn... — Eden coça a testa. — Foi bem
brevemente, no aniversário de DeVil.

Franzo a testa. Eu o conheci no aniversário de
Cruel? No mesmo dia em que fui atacada? De

punhos cerrados, olho para Eden. Não. Não, não tem como ter sido ele. Olhando-o agora tenho

certeza de que é uma boa pessoa. Abro a boca, pronta para pedir mais detalhes sobre como nos

conhecemos, quando Eden de repente olha para algo atrás de mim e se coloca de pé como se sua

cadeira estivesse em chamas. Sunsung e eu o encaramos, confusas.

— Preciso ir ao banheiro — diz, deixando a mesa.

Sunsung olha para mim, rindo.

— Ele não é lindo? Não parece um príncipe?

Assinto, sorrindo amarelo. Então sinto uma mão pousar sobre meu ombro.

— O que você está fazendo aqui?

Engulo em seco, reconhecendo essa voz. *Ai*. Olho por cima do ombro e ergo a cabeça,

deparando-me com um Cruel muito zangado. Ele me puxa pelo braço, levantando-me da cadeira e olha para Sunsung, irritado.

— O que foi que eu pedi a você? — vocifera.

Ela revira os olhos carregados de maquiagem e olha para as unhas.

— Estávamos só fazendo as minhas compras, DeVil, não seja tão dramático.

Cruel bate com a mão na mesa, fazendo-a dar um pulo.

— Eu disse para levá-la para casa!

Sunsung coloca-se de pé num salto, furiosa.

— Eu não sou a babá desse seu bichinho de estimação! — ela grita — Não venha

descontar sua raiva acumulada em mim!

— Por que você não pode fazer o que eu peço, pelo

menos uma vez na vida?

— Parem por favor! — interfiro, puxando a mão de Cruel que segura meu braço.

Cruel simplesmente fica quieto. Sunsung me encara e joga a cabeça para trás, rindo. Ela

aponta o dedo para o rosto de Cruel e ri ainda mais, quase sem fôlego. As pessoas ao nosso

redor começam a encarar, curiosas.

— Então é assim agora? — Sunsung tenta retomar o fôlego, abanando-se com a mão. —

Agora ela manda e você imediatamente obedece, DeVil?

Ele não diz nada, mas sinto seu aperto em meu braço ficar mais forte. Suspiro. Não quero

que eles dois briguem.

— Vamos embora? — sussurro para Cruel e ele finalmente me encara. Há muita raiva em

PERIGOSAS

seus olhos, o suficiente para me assustar um pouco. Ele não diz mais nada, simplesmente me puxa

com ele e começa a caminhar para fora dali. Eu me permito ser conduzida em silêncio, numa

tentativa de não piorar as coisas para o meu lado. Ainda estou esperando uma bronca dramática

por ter me metido numa briga na escola.

Noto que Cruel evita passar muito perto das pessoas que circulam pelo shopping e, quando

não pode evitar, ele faz de tudo para não tocá-las e nem deixar que o toquem. Isso tudo sem

soltar meu braço nem por um momento e sem dizer absolutamente nada.

Quatro seguranças nos esperam do lado de fora das portas giratórias da saída, sendo um

deles Pope. Tenho certeza de que ele foi correndo contar a Cruel onde eu estava. *Traidor.*

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Senhor, senhorita — O motorista abre a porta do carro preto que nos aguarda bem em frente ao shopping.

Cruel solta meu braço e adentra o veículo. Então volta e me puxa para dentro, fechando a porta atrás de mim.

— Nunca mais faça isso — ele sussurra, segurando-me pelos ombros.

Suspiro, revirando os olhos.

— Eu só saí para me divertir.

— Acha realmente que está em posição de sair para se divertir depois do que fez hoje? —

Ele me sacode um pouco, fitando-me com seriedade. — Tem ideia do quanto fiquei preocupado?

Tento me desvencilhar dele, mas não funciona.

NACIONAIS - ACHERON

— Se estava tão preocupado, por que você não... —
fico quieta. *Argh*. Tenho que parar de

falar a primeira coisa que me vem à cabeça.

— Não o quê? — Cruel insiste em saber.

Mordo o lábio, irritada.

— Não era para você estar no trabalho agora? —
resmungo.

Cruel me solta devagar.

— Está irritada comigo?

Cruzo os braços e viro o rosto para a janela.

— O que você acha?

Ele ri sem humor.

— Acho que você não tem motivo nenhum para
isso. Quem deve estar irritado com você sou

eu!

PERIGOSAS

— Só porque eu saí com Sunsung? — grito.

— Porque você se meteu em confusão na escola, dispensou seus seguranças e saiu por aí

sem rumo com aquela doida! O que há de errado com você, hein?

Fuzilo-o com os olhos.

— Então o problema sou eu?

— É, o problema é você! O mundo todo gira ao seu redor e você é a única preocupação

que eu tenho na vida!

— Não seja sarcástico comigo!

— Rosie, o que eu preciso fazer para que você entenda que não está segura sozinha?

Suspiro. Lá vai ele outra vez.

— Não quero discutir isso com você de novo... — digo, olhando para ele.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Cruel franze a testa.

— Então aja como uma pessoa madura e me escute.
Você precisa ficar perto de mim ou
dos...

— Será que você não percebe que está me
sufocando? — grito, interrompendo-o.

Nossos olhares se encontram e vejo que Cruel
parece surpreso. Estou tão irritada agora que

preciso me conter para não gritar um monte de
coisas ruins para ele. Por que ele sempre briga

comigo? Por que sempre quer me controlar e ditar o
que devo e não devo fazer? Por que ele não

foi pessoalmente me buscar na escola, se se importa
tanto comigo?

Eu não digo mais nada e Cruel também não.
Chegamos em casa minutos depois e ele

rapidamente deixa o carro e entra pela porta da

NACIONAIS - ACHERON

frente sem nem olhar para mim ou dizer

qualquer coisa. Eu suspiro e olho para Pope, que se aproxima.

— Por que você contou a ele? — pergunto, chateada.

Ele tira os óculos escuros.

— O que quer dizer, senhorita?

— Por que contou a ele que eu saí com Sunsung?

Pope franze a testa.

— Mas... eu não fiz isso, senhorita. Eu segui a senhorita, a madame Sunsung e o noivo dela o

tempo todo para ter certeza de que estava segura com eles. Não tive tempo de relatar tudo ao

senhor DeVil.

Baixo a cabeça, pensativa. Então... então Cruel não foi atrás de mim simplesmente porque

lhe disseram que eu estava fazendo compras com Sunsung?

— Como ele soube onde eu estava? — pergunto a Pope, já começando a me sentir mal.

Pope sacode a cabeça.

— Eu realmente não sei, senhorita.

Mordo o lábio, sentindo-me infantil e ridícula. Fiquei toda irritada com Cruel por ter

mandado Sunsung me buscar na escola e pensei que ele só tinha ido atrás de mim porque

desobedeci suas ordens de não sair por aí sem seguranças. Mas... e se ele foi até o shopping

porque estava realmente preocupado? E se ele só não foi me buscar na escola porque realmente

não podia ir? *Argh. Como eu sou idiota!*

Entro na casa pensando numa maneira de me entender Cruel. Subo para o meu quarto, tomo

banho e desço para o jantar, esperando encontrá-lo e conversar com ele para colocar as coisas

em ordem. Mas acabo jantando sozinha, porque Cruel não aparece para comer. Pergunto à

Agatha sobre ele e ela me diz que está trancado no quarto desde que chegou. Admito que talvez

eu tenha exagerado um pouco dessa vez, mas será que ele precisa agir como uma criança mimada

e se isolar? Que dramático.

Sento-me nos primeiros degraus da escada e decido esperá-lo descer. Uma hora ele vai

descer, não vai? Ele deve estar com fome. Será que está com muita raiva? Será...

— O que está fazendo?

Dou um pulo dos degraus, dando-me conta de que acabei caindo no sono aqui mesmo. Cruel

está de pé diante de mim e é a primeira vez que eu

o vejo usando um roupão de banho. Seus cabelos estão molhados e ele está cheiroso. Fico sem graça e não consigo olhar diretamente para ele. Esfrego meus olhos, sentindo uma dorzinha incômoda nas costas por ter cochilado na escada.

— Eu só peguei no sono.

— É, eu notei.

Mordo o lábio. É melhor dizer tudo a ele de uma vez e tirar esse peso que sinto sobre meus ombros. Respiro fundo.

— Cruel, me desculpe — vou direto ao ponto, ainda sem olhar para ele. — Eu acho que

fiquei irritada demais e exagerei um pouco. Você... você não me sufoca, você...

Cruel me puxa contra seu peito e enlaça minha cintura com um dos braços. Ele ergue meu

PERIGOSAS

queixo, obrigando-me a olhar para ele. Sinto sua respiração em meu rosto e tenho certeza de que ele pode ouvir meu coração disparado.

— Como é que você me ganha com tão poucas palavras? — ele sussurra, mais para ele mesmo do que para mim.

Então Cruel aproxima seu rosto do meu ainda mais me dá um beijo suave e lento que faz

minhas pernas ficarem bambas. Minhas mãos seguram com força a gola de seu roupão para

impedir que eu saia flutuando de felicidade por aí e ele me dá outro beijo, ainda mais delicado. É

como se tivesse medo de me quebrar ou machucar. Seus braços me envolvem e ele me abraça

forte, encostando a bochecha no topo da minha cabeça.

— Eu nunca me perdoarei por isso — Cruel

NACIONAIS - ACHERON

sussurra, me balançando como se estivesse a me ninar. — Como deixei que você tenha tanto controle sobre mim?

Recosto meu rosto em seu peito e suspiro alto. Borboletas brincam em meu estômago e eu

tenho vontade de gargalhar e sair pulando. Deixo escapar uma risadinha e Cruel me afasta para me encarar.

— Você está rindo? — ele pergunta, de testa franzida.

Cubro a boca e sacudo a cabeça, sem conseguir segurar outra risada. Cruel crispa os lábios

com força, mas também deixa escapar um sorriso enorme. Isso faz com que ele fique ainda mais

bonito e eu envolvo meus braços em sua cintura abraçando-o com força. Talvez eu goste de Cruel

mais do que achei possível. Levanto a cabeça e

olho para ele, com o queixo encostado em seu peito.

— Isso quer dizer que estamos bem? — Rio mais uma vez.

Ele morde o lábio inferior, pestanejando.

— Só se você me prometer uma coisa — diz.

Arqueio as sobrancelhas, curiosa.

— O quê?

— Que vamos brigar mais vezes para nos reconciliarmos assim sempre.

Capítulo 40

Algumas semanas se passam desde minha briga no banheiro com Cindy e meu beijo com

Cruel no pé da escadaria.

Ainda é estranho pensar que temos um

PERIGOSAS

relacionamento meio que secreto e, de certa forma, isso deixa as coisas um pouquinho mais emocionantes. Na frente das outras pessoas, Cruel me trata

com a frieza característica dele, mas quando saímos para caminhar pelo jardim ou estamos

sozinhos durante as refeições parecemos adentrar um mundo só nosso. Conversamos sobre muitas

coisas — nada do passado dele ou do último mês do qual não me lembro, mas sim coisas do

presente. Cruel me conta sobre seu trabalho na companhia do pai e eu conto como tenho me saído

na escola. Falamos de coisas boas e ruins do nosso dia a dia.

Eu me sinto feliz ao vê-lo sorrir quando me vê e quando segura minha mão enquanto

fazemos nossas caminhadas. Penso que muito poucas pessoas — talvez nenhuma — enxergam

NACIONAIS - ACHERON

Cruel como alguém gentil e até divertido quando quer. Eu me sinto sortuda por ser capaz de estar com ele.

Na escola, as coisas vão bem. Ao menos, eu não briguei com mais ninguém e Cat parou aos

poucos de me perguntar sobre meu namorado misterioso quando comecei a ignorá-la. Ultimamente,

ela e Gabriel, o garoto com quem foi ao Baile de Boas Vindas, estão mais grudados que chiclete e

eu tenho mais tempo para ficar sozinha e me concentrar nos estudos. Bem, teria se não fosse por um pequeno e irritante detalhe: Theo Baek.

Ele simplesmente está em todos os lugares da escola aos quais eu vou e sempre tenta me

ajudar, de um jeito ou de outro. Ele parece se meter em menos encrencas enquanto me segue e

PERIGOSAS

talvez seja por isso que eu não o mando parar de uma vez.

Hoje eu acordo bem cedo para terminar um desenho para a aula de artes e desço para

tomar o café da manhã com Cruel.

— Dormiu bem? — ele sussurra para mim, quando os empregados se distraem.

Sorrio discretamente para ele e assinto. Então gesticulo perguntando se ele também dormiu bem.

— Acho que sonhei com você — ele sussurra.

Encaro-o, de olhos arregalados, e abro a boca para dizer algo. Nesse momento, um

empregado entra na sala com um telefone sem fio em mãos. Cruel se levanta e recebe o aparelho.

— Sim? — diz para a pessoa do outro lado da linha. — Como é?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

E deixa a sala de jantar, provavelmente indo se fechar no escritório. Essa é a parte difícil

do nosso "relacionamento". Parece que eu o vejo cada vez menos por causa de seu trabalho. E

quando ele não está trabalhando, eu preciso estudar. O que nos resta são os cafés da manhã,

jantares e caminhadas pelo jardim depois que os empregados não estão mais por perto — isso

quando eu não adormeço cedo demais ou quando Cruel vai visitar a irmã no hotel.

— Senhorita, o carro já está pronto — diz o empregado que trouxe o telefone.

— Ah, sim.

Termino de beber o meu suco e limpo a boca com um guardanapo antes de deixar a sala.

Pego minha mochila com Agatha e sigo para o carro que me aguarda para me levar à escola.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Estou grata por finalmente ser sexta-feira e animada porque Cruel me prometeu que amanhã iríamos jantar fora juntos.

Assim que chego ao portão principal da escola, eu o vejo encostado nas grades. Camisa

para fora da calça, cabelos cor de cobre meio bagunçados e nó da gravata frouxo. Ao menos

hoje ele teve a decência de trazer um ou dois livros.

— Ah, oi, Chihuahua — Theo me cumprimenta com um aceno.

Reviro os olhos. Como se não bastasse me seguir por aí, ele me deu esse apelido porque diz

que eu sou mais baixa do que um ser humano normal.

— Bom dia — rosno, passando por ele.

Theo, é claro, vem atrás de mim.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Uau, parece que alguém acordou com uma nuvem negra sobre a cabeça.

Faço careta para ele.

— Estava bem ensolarado antes de eu ver você — murmuro.

Ao invés de ficar ofendido quando eu o ofendo, Theo sorri. Sempre.

— E então, o que vamos estudar hoje à tarde? — ele pergunta, enquanto caminhamos pelo corredor dos armários.

Franzo a testa, parando em frente ao meu armário.

— Você devia olhar na sua grade de horários.

Ele apoia o braço no armário ao lado do meu.

— Acho que não tenho uma.

— É claro que tem — Rio. — Todo mundo tem. Como você tem assistido às aulas até hoje?

NACIONAIS - ACHERON

Theo franze a testa e dá de ombros.

— Eu só... sigo você por aí.

Suspiro alto, pendurando minha mochila no gancho dentro do armário.

— Achei que quisesse uma amiga — comento —, não alguém para seguir por aí como um esquisitão.

— Você me acha esquisito? — Ele ri. — Já se olhou no espelho? — Bagunça minha franja.

Afasto sua mão com um tapa.

— Não toque no meu cabelo.

Ele ri outra vez. Pego meus livros de artes e fecho a porta do armário.

— Então somos amigos? — Theo pergunta, despreocupados.

— Mesmo se eu disser que não, você vai continuar

PERIGOSAS

no meu pé — Dou de ombros. — Não
tenho escolha, tenho?

Theo me dá um soquinho leve no braço.

— Ótimo. Eu pago o almoço de hoje.

Reviro os olhos.

— Você tem feito isso a semana toda. Eu posso
comprar minhas próprias refeições, sabia?

— É, mas eu quero ainda mais motivos para que
você se sinta em dívida comigo, Chihuahua.

Um dia você terá que me comprar muuuuita
comida para me compensar.

Dou risada e sacudo a cabeça. Ao menos Theo é
simples de entender. De primeira achei que

ele fosse um delinquente ou algo do tipo que logo
se tornaria o brigão da escola, mas agora,

passando quase todos os dias com ele, vejo que é

NACIONAIS - ACHERON

divertido — mesmo que em 80% do tempo seja irritante.

Logo que entramos na aula de artes, Cat vem correndo nos receber com os olhos brilhando

— provavelmente ouviu alguma fofoca "bombástica". Ela passou a aceitar que onde eu estiver,

Theo também estará, mas às vezes compete com ele pela minha atenção. Parece que estou cercada de crianças.

— Terminou o desenho, Rosie? — Cat pergunta, puxando-me para sentar ao lado dela.

— Terminei — suspiro, aliviada.

— Posso ver?

Pego meu livro de desenho e abro na página onde desenhei uma paisagem praiana. Cat

fica boquiaberta e Theo olha por cima do ombro dela para ver também.

— Caramba, Chihuahua — Theo arqueia as sobrancelhas. —, você tem talento.

Cat afasta o desenho dele.

— Não a chame assim!

— É. Obrigada, Cat.

PERIGOSAS

Nesse momento, a professora entra na sala e todos tomam seus lugares. As aulas se seguem

normalmente e eu almoço com Cat, Theo e Gabriel. Nessas últimas semanas, fiz o possível para

ficar fora do radar do pessoal popular para não gerar mais conflito com Peter e com Cindy — e

parece que deu certo. Antonela, a presidente de turma, aparece para nos cumprimentar e mais

uma vez eu fico com inveja de sua graciosidade. Ela poderia ser eleita Miss Universo que eu não

ficaria surpresa.

Após o almoço, tenho tempo vago e vou à biblioteca. Theo me segue, implorando para que

eu o ajude com o dever de matemática.

— Sabe, a maioria dos meninos é boa em matemática — resmungo, assim que nos sentamos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

à uma das mesas de estudos.

Theo faz uma careta.

— E a maioria das formandas tem mais de um metro — rebate.

Deixo escapar um sorriso.

— É sério, você precisa se organizar com seus horários de aulas — digo, olhando para ele.

— Se quiser, posso ir com você à secretaria pedir que façam outra cópia para você.

Theo franze a testa.

— Mas e se nossos horários forem muito diferentes?

Junto as duas mãos em um gesto de oração.

— É tudo o que eu quero — brinco, fazendo drama.

Theo me dá uma cotovelada no braço, mas ri.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Você... — começo a dizer, num tom mais sério.

— Você parou de se meter em brigas, não

parou? Como estão as coisas em casa?

Theo me contou que ele e os pais vivem em pé de guerra. O pai dele parece ser rico e tinha

expectativas gigantes em relação a ele, mas Theo não quis atendê-las. Então ele passou a ser

ignorado pelo pai e só não saiu de casa porque sua mãe pediu que não o fizesse. Revoltado, Theo

costuma provocar brigas desnecessárias para descontar sua raiva da família em alguém.

Quando ele me contou tudo isso, comecei a entender melhor o que aconteceu naquele dia,

no baile.

— Eu só volto para casa quando tenho sono — diz Theo, após um momento em silêncio.

Tombo a cabeça para o lado, olhando para ele.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Tem brigado?

Ele baixa os olhos.

— Só quando me provocam — Dá de ombros.

Suspiro.

— Você devia conversar com seus pais. Sabe disso, não sabe?

Ele me ignora e abre seus livros de matemática, sem me encarar.

— Me pergunto que caminho você escolheu seguir que é tão diferente do que seu pai

queria para você... — digo, apoiando os cotovelos na mesa.

Olho para Theo e o vejo abrir a boca, depois fechar e abrir outra vez. Ele olha para mim,

vê que estou olhando e desvia o olhar.

— Outro dia eu conto — murmura. — Vamos

NACIONAIS - ACHERON

estudar matemática agora. Eu amo
matemática.

Suspiro. É, fica para outro dia.

Assim que desço do carro, voltando da escola, eu a
vejo. Ela está parada diante da porta

de entrada, vestida como a garota rica que
obviamente é. Ajeito a mochila nas costas e
caminho

até os degraus da entrada, prestando atenção aos
sons que meus sapatos fazem nas pedrinhas do

chão. Ela logo nota minha presença e vira-se para
mim, meio surpresa.

— Ah, é a garota do outro dia — ela murmura,
medindo-me da cabeça aos pés. — Por

que está usando uniforme?

— Talvez porque acabei de voltar da escola? —
respondo, forçando um sorriso.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Escola? Então... você realmente é uma criança?

Suspiro. Isso já está ficando cansativo.

— Argh — Ela faz cara de nojo. — Quantos anos
você tem?

Passo por ela e viro a maçaneta da porta. Por um
segundo, penso em entrar e deixá-la

para fora de pé nesses sapatos de saltos enormes.
Mas então me ocorre que, apesar de já não

gostarmos muito uma da outra, ela ainda é irmã de
Cruel. Ela é meio que dona dessa casa

também.

— Hum... não vai entrar? — pergunto, contrariada.

Por um segundo, ela fica surpresa. Então empina o

nariz e me empurra para o lado,

entrando no hall primeiro. Entro e fecho a porta atrás de mim, enquanto dois empregados chegam às pressas.

— Senhorita Ann Lee!

— Aqui — Ela tira o casaco e joga na cara de um deles. — Onde está aquele idiota?

— Ahn... não sabíamos que viria hoje, senhorita. — diz o empregado que acaba de ser

acertado pelo casaco. Ann Lee o fuzila com o olhar e dá um suspiro dramático.

— Ah, eu não tive escolha. Crudy realmente não me trata bem.

— Eu acho que ele ainda não voltou do trabalho — digo, tomando o rumo da escadaria.

— Ah, mas eu não vim falar com ele — ela rebate.

Paro no meio do caminho e me viro para olhar para ela. *O que Ann Lee está querendo?* Ela

sorri, presunçosa.

— Isso mesmo, queridinha. Eu vim falar com você.

Franzo a testa. O que ela teria para tratar comigo?
Ann Lee se aproxima de mim e envolve

o braço no meu, como se fôssemos melhores
amigas, sorrindo.

— Onde podemos conversar com mais calma?

Levo-a para a sala de TV, aonde quase ninguém
vai, e peço a um dos empregados que

avise que não queremos ser incomodadas até o fim
de nossa conversa — seja lá sobre o que ela

for. Sentamo-nos diante uma da outra em duas
poltronas e não posso evitar ficar um tanto nervosa.

É a irmã de Cruel que está aqui, na minha frente, e
eu simplesmente não sei o que dizer. Parte de

PERIGOSAS

mim quer impressioná-la e a outra parte quer que ela vá embora imediatamente.

— Bem... aqui estamos nós — ela diz, agora mais séria.

Engulo em seco e assinto. Ann Lee ri.

— Você parece nervosa — Ela abana uma das mãos.

— Não, imagine... — Dou um sorriso amarelo.

Ann Lee suspira e cruza as pernas. Olho para o par maravilhoso de sandálias douradas

que ela usa, com pulseiras e brincos combinando. Os três somados provavelmente custam uma

mansão.

— Serei direta — diz Ann Lee, aprumando-se. — Cruel tem me falado sobre você.

Arqueio as sobrancelhas, surpresa. Então tento disfarçar, rindo.

NACIONAIS - ACHERON

— So-sobre mim?

— É. Não precisa fazer essa cara — Ann Lee fecha seu semblante. — Eu sei sobre vocês

dois.

Fico sem fala. Cruel contou a ela?

— Caso esteja se perguntando, não. Ele não me contou. Eu descobri sozinha porque ele

simplesmente não parava de falar sobre você — Revira os olhos. — Infelizmente, você é a nova obsessão dele, querida.

Mordo o lábio inferior. Infelizmente? Obsessão?

— Você deve saber que Cruel não se relaciona como uma pessoa normal desde que uma

namorada dele morreu há alguns anos. Ele simplesmente não consegue.

— Espere, espere — interrompo, de olhos

arregalados. — Uma namorada dele morreu?

Como assim? Eu já sabia disso? Espere... sim. Sim, eu já sabia. Qual era mesmo o nome dela?

— É, foi trágico na época. Mas esse não é o ponto.

— Ann Lee dá de ombros. — Eu me

senti no dever que vir aqui conversar com você e alertá-la sobre algumas coisas. Cruel

provavelmente pediu que você guarde segredo sobre vocês dois, não pediu?

Assinto, um tanto hesitante. É estranho falar sobre nosso relacionamento com alguém de fora.

Ann Lee se ajeita na poltrona, olhando-me com seriedade.

— Então é bom que você tome muito cuidado, Rosie — Seus olhos castanhos fitam os meus

com certa urgência. — Ele fez a mesma coisa comigo, quando soube sobre mim. Ele me acolheu e

disse que estava feliz por ter uma irmã mais nova. Ele... ele me prometeu que viveríamos juntos e

que eu o ajudaria a se tornar um estilista de sucesso. Mas ele me escondeu, Rosie — Ela baixa os

olhos. — Cruel me escondeu de todo mundo e por muito tempo ele era a única pessoa com quem

eu conversava. Eu sei que sou a "filha bastarda" — Ela faz aspas com os dedos, com uma ironia

triste. —, e que não tenho os mesmos direitos que ele sobre a herança da família DeVil. Mas a

coisa é bem mais grave que isso. Acho que... acho que ele tem vergonha de mim.

Eu me compadeço um pouco dela. Não sabia que Ann Lee se sentia desse jeito.

— E ele vai fazer a mesma coisa com você, Rosie — Seus olhos voltam a fixar os meus. — Eu

já vi isso acontecendo antes e vai acontecer de

novo.

Franzo a testa. O que ela quer dizer?

— Ann Lee...

— Não. Deixe eu terminar — ela me interrompe, erguendo a mão. — Você... você realmente

acredita que esse relacionamento é saudável para você? Realmente acredita que Cruel assumiria

você como sua namorada, sua noiva e futuramente sua esposa? Seja sincera comigo, você acredita nisso?

— Eu não estou pedindo que ele faça isso.

Ela ri e sacode a cabeça.

— Ainda não. Mas você vai. Como eu pedi e ele simplesmente me afastou ainda mais.

Cerro meus punhos. O que ela está querendo dizer com tudo isso? Que Cruel tem vergonha

de mim?

— Ann Lee... — Engulo em seco. — Eu não sei o que você acha que está me dizendo ou que

quer me fazer pensar, mas... eu confio em Cruel. Ele mudou muito, todo mundo me diz isso...

Ela arqueia as sobrancelhas e dá uma gargalhada.

— Mudou?

Levanto-me da poltrona.

— Não vou ficar aqui ouvindo você me ofender e ofender seu próprio irmão.

Ela se coloca de pé também.

— Eu não estou ofendendo ninguém! — ela levanta a voz. — Eu só queria alertá-la sobre o

tipo de homem com quem você está se relacionando!

— Por quê? Por que você se incomoda tanto com

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

nosso relacionamento?

— Porque eu era exatamente como você!

Hesito ao ver que os olhos dela estão marejados.

— Eu... eu...

— Acho que é melhor você ir embora — digo, sem olhar para ela.

Ouço-a suspirar.

— Ele vai usá-la e depois escondê-la do mundo para que você não o abandone. Não diga

que eu não avisei.

Fico estática, olhando para o tapete de pele enquanto Ann Lee deixa a sala. Suas palavras

reverberam em mim, mas não quero aceitá-las. Não vou aceitá-las. Posso dizer pelo jeito como

Cruel olha para mim que o que temos é verdadeiro. Ele não tem vergonha de mim.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Subo para meu quarto, tomo um bom banho e faço a lição de casa até chegar a hora do

jantar. A todo momento as coisas que Ann Lee disse me assombram e posso jurar que vi meu

reflexo no espelho se mexer outra vez. Eu não devia, mas estou preocupada. Agora, mais do

nunca, quero provar que Cruel e eu estamos sérios um com o outro — porque eu sei que estamos.

Ele me aceitou, mesmo eu sendo só uma garota órfã e sem dinheiro algum, e não vai ser uma irmã

invejosa quem vai nos separar. Eu passei por muita coisa para estar com ele agora e não vou

permitir que essas inseguranças me atrapalhem.

Desço para a sala de jantar e encontro Cruel sentado à mesa. Ele sorri para mim, de boca

cheia, tão fofo que eu sorrio de volta. Sento-me à mesa de frente para ele e comemos num silêncio

NACIONAIS - ACHERON

tranquilo.

— Como foi seu dia hoje? — ele me pergunta,
enquanto os empregados retiram nossos
pratos.

Dou de ombros.

— Foi bem normal.

— Nada de novo na escola? — Ele bebe um gole
de suco.

Por algum motivo, não contei a Cruel que tenho um
amigo que me segue para toda parte.

Sempre falo sobre Cat, Antonela, Gabriel e até
Cindy. Mas não vejo motivo nenhum para trazer

Theo aos nossos assuntos.

— Nada de novo — Sacudo a cabeça.

— Eu soube que Ann Lee esteve aqui — Cruel
apoia os cotovelos na mesa, encarando-me

com seriedade. — O que ela queria?

Cerro os punhos embaixo da mesa.

— Ah, ela... ela só queria me conhecer melhor —
respondo, esforçando-me para olhá-lo nos

olhos. — Estava usando roupas tão brilhantes e
caras — brinco, mudando o foco da conversa. —

Vocês são sempre tão extravagantes?

Cruel dá um meio sorriso.

— É um dos legados da minha mãe — ele brinca
também.

Relaxo um pouco.

— Ela deve ter sido uma pessoa incrível.

Cruel franze a testa.

— Não muito. Ela era bastante normal, por trás das
roupas e joias. — Ele seca os lábios

com o guardanapo. — Me diz, Ann Lee não disse nada estranho a você, disse?

Esse assunto de novo?

— Estranho? Não, não.

Cruel ri.

— Duvido. Ela não te pediu dinheiro nem nada disso?

— Ela costuma fazer esse tipo de coisa? —
Arqueio as sobrancelhas.

— De tempos em tempos. Tudo o que ela quer é a minha atenção, sabe. Mas tenho que

impor alguns limites para que isso tudo não acabe em algum escândalo que prejudique a imagem

da companhia.

Olho para ele.

— E... a imagem da companhia é tão importante

assim?

Cruel dá uma risada fraca.

— É claro que é. Eu não sou nada sem essa companhia. Detesto que ela seja meu ponto

fraco, mas o que posso fazer?

— Então você faria qualquer coisa para proteger a imagem da companhia? — pergunto,

sentindo minhas mãos tremerem um pouco.

Quero que ele diga que não. Quero que ele diga que, mesmo que algo acontecesse à

imagem da companhia, tudo ficaria bem e que ele daria um jeito.

— Eu faria — Cruel responde, fitando a parede. — É algo que eu protegeria com a minha

vida, Rosie.

Capítulo 41

NACIONAIS - ACHERON

É sábado de manhã e eu acordo animada. Hoje Cruel e eu sairemos para jantar e, apesar

da visita agourenta de Ann Lee ontem, eu não poderia estar mais otimista. Quero contar a ele que

estou pensando em tentar uma bolsa numa faculdade de desenho e que quero começar a fazer

alguns cursos extracurriculares que a escola oferece após as aulas. Acho que estudar é o melhor

que consigo fazer por mim mesma agora e, quem sabe, em um futuro não muito distante, eu possa

ajudar Cruel com seus desenhos e esboços para coleções de roupas?

— Acordou do lado certo da cama hoje? — brinca Agatha, assim que a encontro ao pé da

escadaria.

Sorrio.

— Acho que sim.

Ela ajeita as toalhas que está carregando nos braços, equilibrando-as.

— Quer ajuda? — ofereço, mas recuo assim que ela me lança um olhar de alerta.

— Já conversamos sobre isso, Rosie.

Ah, é. Cruel praticamente proibiu seus empregados de aceitarem ajuda minha para

qualquer tarefa que eles tenham que fazer. É óbvio que eu achei essa atitude ridícula, mas os

empregados levam as ordens dele tão a sério e alguns até passaram a me ignorar. Vez ou outra,

escondida, eu ajudo Agatha a dobrar roupas, regar plantas no jardim e uma vez até mesmo lavei

alguns pratos para Darla enquanto Cruel estava fora.

— O senhor DeVil saiu bem cedo — diz Agatha.

— Saiu? — fico surpresa.

— Ele disse que tinha assuntos importantes a tratar na empresa e que volta no final da tarde.

Suspiro. Espero que ele não tenha se esquecido de nosso jantar hoje.

Tomo meu café da manhã e assisto à TV até me cansar. Depois leio um pouco e já é hora do

almoço. Parece que a cada minuto do dia eu fico mais irritada e o motivo é tão patético que eu

não me atrevo a pensar muito nele.

Após comer três pratos do que quer que seja que me serviram no almoço, decido que não

vou passar a tarde toda de sábado sentada dentro de casa. Eu fiz algo parecido uma vez:

enquanto Cruel estava fora, saí com Cat para comprar alguns materiais para um trabalho de

química e ele nem desconfiou. Desde que eu esteja

PERIGOSAS

acompanhada de Pope e dos seguranças, acho que posso ir a qualquer lugar sem que Cruel tenha que ficar sabendo — afinal, estarei segura.

Com esse pensamento, decido sair da casa de novo.

Subo para meu quarto e visto uma calça jeans de marca e um suéter roxo que Sunsung comprou para mim da última vez que saímos para as compras. Prendo o cabelo num rabo de cavalo meio bagunçado e desço para chamar por Pope. Geralmente é Cruel quem o chama para me acompanhar para a escola e ficar de olho em mim lá — o que eu acho um verdadeiro exagero, aliás —, mas da última vez eu usei o telefone do escritório para contatá-lo. E é o que faço agora.

Em dez minutos, Pope e mais três seguranças chegam à mansão. Fico responsável por

NACIONAIS - ACHERON

convencer os seguranças de Cruel que guardam a casa que eu ficarei bem e não demorarei a

voltar. Como eles gostam de mim, é quase fácil.

— Por favor, Dimitri... — peço ao gigante chefe dos seguranças, antes de entrar no carro.

— Se algum empregado perguntar por mim, diga que me viu andando por aí, está bem? Não

deixe nem mesmo Agatha saber que saí!

— Contanto que a senhorita fique com seus seguranças... — ele diz, franzindo as

sobrancelhas.

Ergo a mão direita, como juramento.

— Prometo.

— Está bem.

— Ah — Dou um sorriso amarelo. —, seria bom se o senhor DeVil não ficasse sabendo de

PERIGOSAS

nada, como da outra vez.

Ele suspira, mas assente.

— Obrigada — Bato palmas.

Entro no carro dirigido por Pope e de soslaio vejo os outros seguranças entrando em um

segundo carro, que irá nos escoltar. Mesmo vivendo isso todo santo dia, ainda não me acostumei a

ser seguida e vigiada por seguranças. Na escola, faço o máximo para ser discreta na entrada e

na saída — e peço que eles sejam discretos também — , mas alguns alunos os viram certa vez e

durante um ou dois dias correram rumores de que havia uma celebridade estudando conosco. Até

Cat acreditou nisso.

Assim que chegamos ao centro da cidade, peço a Pope que pare o carro perto de uma

NACIONAIS - ACHERON

cabine telefônica.

— Pode usar o meu telefone, se deseja ligar para alguém — ele diz, bancando o chato.

Faço careta.

— Eu posso cuidar disso sozinha. Você tem uma moeda? — Estendo a mão.

Pope revira os olhos claros e tira a carteira do bolso. Ele coloca um punhado de moedas na

minha mão e eu derrubo uma ou duas.

— Obrigada — cantarolo, abrindo a porta do carro.

Assim que entro na cabine, um dos seguranças do carro de trás também desce e fica do

lado de fora, de braços cruzados. Tão irritante.

Tiro do bolso da calça o número de celular que Theo me deu, caso eu precisasse falar com

ele — bem, na verdade ele meio que exigiu que eu

ligasse para ele se precisasse de algo ou

quisesse apenas conversar. Pego o telefone e mordo o lábio, imaginando se ele não vai achar

ridículo meu convite para visitar a biblioteca central em pleno sábado.

— Alô? — ele resmunga, atendendo no quarto toque.

— A-alô? Theo?

Posso ouvi-lo hesitar do outro lado da linha.

— Chihuahua?

Reviro os olhos.

— Esse é o telefone da sua casa? — pergunta.

— Não, é um telefone público. Estou no centro da cidade agora e... de repente eu me

perguntei se você... se não estiver ocupado... se você não gostaria de ir à biblioteca comigo?

PERIGOSAS

Ele hesita novamente e só o que eu ouço são os chiados da sua respiração.

— Inacreditável — seu tom é despreocupado. —
Você vai mesmo me fazer pegar um

ônibus para ir estudar num sábado?

Mordo o lábio.

— Não tem problema se você estiver...

— Nós vamos tomar sorvete depois, não vamos?

Franzo a testa.

— O quê?

— Sorvete, sabe? Aquela sobremesa doce e gelada.

— Eu sei o que é um sorvete! — ralho.

Ouço sua risada.

— Você só dificulta a minha vida — ele brinca. —
Tudo bem, tudo bem... Te vejo na

NACIONAIS - ACHERON

biblioteca!

— Ah, ok!

Desligo o telefone e guardo o papel com seu número. Saio da cabine, volto para o carro e

digo a Pope para me levar à biblioteca central.

— Preciso que vocês façam como na escola —
peço a ele. — Vou encontrar meu amigo e

ele não pode saber que eu tenho seguranças
sinistros que me perseguem por todos os lugares.

— Não somos sinistros — ele rebate.

— Estou falando sério!

Vejo pelo espelho retrovisor ele revirando os olhos
e dando um suspiro.

— Como quiser, senhorita.

Chegamos à biblioteca e Pope combina o seguinte
comigo: dois seguranças ficarão do lado

PERIGOSAS

e fora e os outros vão entrar e se espalhar pela biblioteca de modo que não pareçam estar me protegendo e que ainda assim possam me ver e assegurar que estou bem. Por mim, todos ficavam do lado de fora, mas não quero dificultar as coisas.

Eu simplesmente acho a biblioteca maravilhosa e mais acolhedora que qualquer uma outra

que eu tenha visitado. Há enormes prateleiras que vão até o teto, lotadas de livros bonitos de

todos os tamanhos. As janelas são grandes e há um pequeno café nos fundos, o que me conquista

logo de cara. Quem sabe Theo desiste do sorvete e nós ficamos por aqui mesmo?

Uma funcionária gentil me recebe e eu lhe peço alguns livros sobre a história da arte. Sento-

me em uma das mesas de estudo e folheio-os durante algum tempo até me dar conta de que Theo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

está sentado à mesa diante de mim, de braços cruzados.

— Oh — Fico surpresa e fecho o livro. — Há quanto tempo chegou?

Ele tomba a cabeça para o lado e crispa os olhos.

— O suficiente para já estar com sono...

Empurro os livros para ele ver e nós começamos a conversar sobre os projetos da aula de

artes. Conto-lhe que pretendo fazer os cursos extras na escola e tentar uma bolsa numa faculdade

de desenho. Theo brinca o tempo todo, mas não me desencoraja. Isso é legal nele — por mais que

eu o tenha trazido a uma biblioteca lotada dos livros de que ele tanto foge, ele ainda fica do meu

lado e torna a atmosfera divertida e leve. Acho que por isso eu não o afastei quando ele começou

a me seguir por aí. É porque preciso de um amigo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Quando vamos para o que realmente importa?

— Theo resmunga, preguiçoso, e se

debruça na mesa.

Eu rio.

— O que quer dizer?

Ele olha para mim, fazendo careta.

— O sorvete.

— Podemos tomar sorvete depois...

— São quase cinco horas, Chihuahua — ele suspira. — Quanto tempo mais você precisa

para ficar lendo isso tudo? Sabia que você pode levá-los para casa?

Suspiro.

— Estou cansada daquela casa — desabafo, antes que possa me conter.

NACIONAIS - ACHERON

Sinto os olhos de Theo em meu rosto, mas não olho para ele. De repente, Theo se coloca de

pé e segura meu pulso. Olho para ele, confusa, e ele me puxa até que eu me levante.

— Theo, o que...

Ele simplesmente dá um sorriso de lado.

— Vamos sair por aí.

Arregalo os olhos. Eu não posso! E quanto aos seguranças?

— Theo, eu não...

— Eu sei — ele sussurra e não sei exatamente a que está se referindo. — Só me siga e

corra o mais rápido que puder.

Arquejo. E quando Theo corre, eu vou atrás dele. Theo abre uma das portas de entrada da

biblioteca e nós disparamos feito dois malucos.

PERIGOSAS

Meu coração está tão acelerado, que acho que vai escorregar pela minha garganta e pular para fora através da minha boca. Ouço alguns gritos e olho por cima do ombro a tempo de ver Pope e os outros seguranças correndo atrás de nós. Parte de mim se sente mal, porque eu prometi que não me afastaria deles. A outra parte não está nem aí.

Desviamos de algumas pessoas na calçada e Theo segura minha mão outra vez para

atravessarmos a rua em meio a um trânsito quase caótico. Não olho mais para trás e me concentro

em desviar dos carros e motos que por poucos não nos acertam. Atravessamos e continuamos a

correr por várias ruas até que dobramos a esquina para uma rua morta e Theo para de correr,

apoiando-se numa parede de tijolos vermelhos.

NACIONAIS - ACHERON

— Que... loucura... — ele diz, sem fôlego.

Também estou com dificuldade para respirar, mas dou risada.

— Ele... vai me matar... — sibilo.

— Seu irmão? — Theo me encara.

Acho que falei alto demais.

— Ahn, é — Apoio as costas na parede de tijolos.

— Ele... colocou seguranças atrás de você, não é?

Arregalo os olhos. Como Theo descobriu?

— Eu tenho notado há alguns dias, sabe... — ele responde, como se pudesse ler meus

pensamentos. — Você sempre é a última a ir embora, então eu meio que fiquei preocupado e

seguí você um dias desses.

Franzo a testa.

— Por que fez isso?

— Seu irmão é do tipo super protetor ou vocês são aqueles ricos anônimos?

Se tem uma coisa que Cruel não é, é uma rico anônimo. Volto meu rosto para as latas de

lixo diante de nós. Não quero alimentar ainda mais essas mentiras sobre "meu irmão" e enganar

Theo. Na verdade, se eu pudesse, seria cem por cento sincera com ele e contaria toda a verdade.

Mas não posso.

— Ele é... super protetor — minto, num fio de voz.

Theo suspira.

— Entendi.

— Não vamos falar sobre isso — Olho para Theo.

— Vamos... vamos só fingir que não

tenho seguranças atrás de mim e ir tomar sorvete.

PERIGOSAS

Theo me encara, sério, e depois sorri. Ele estende a mão para mim.

— Faço qualquer coisa por sorvete.

Pego sua mão e nós corremos — só por precaução — até a sorveteria que Theo diz ser sua

favorita. É pequena e parece antiga, mas tem um cheiro delicioso de algodão doce. Fazemos

nossos pedidos e nos sentamos nos degraus da entrada, observando raro movimento da rua.

— Como você descobriu esse lugar? — pergunto, entre uma colherada e outra. — Não é

bem a sorveteria mais chamativa do mundo, sabe.

Theo ri.

— Eu gosto justamente por isso. Só o pessoal desse bairro vem aqui.

— Hum... Então você é todo a fim de coisas exclusivas.

NACIONAIS - ACHERON

Ele assente uma vez.

— Pode ter certeza que sim.

— Que sabor você escolheu? — pergunto, olhando para seu copo.

Theo afasta-o de mim.

— É o melhor sabor do mundo, o sabor Theo. E eu não posso deixar qualquer pessoa experimentar.

Arqueio as sobrancelhas.

— Qualquer pessoa?

Ele me olha de canto de olho e ri. Então me passa seu copo de sorvete. Passo o meu para ele.

— Hum — experimento. — Tem gosto de...

— Não vale falar — ele me interrompe. — É uma

receita secreta.

Dou risada.

— Eu gostei.

— O seu é muito comum — Theo resmunga, devolvendo-me o copo. — Você não sabe

absolutamente nada sobre sorvetes.

— Não é como se você fosse especialista no assunto — Reviro os olhos para ele.

Theo sacode a cabeça, rindo. Terminamos nossos sorvetes e ficamos sentados nos degraus,

conversando. Ele me conta sobre as brigas nas quais se envolveu e sobre as vezes em que passou

noites na delegacia. Eu conto que nunca briguei com ninguém antes de Cindy e que meus pais

sempre foram muito rigorosos ao me ensinarem a ser uma pessoa pacífica. Theo diz que pessoas

pacíficas geralmente são meio burras. Não sei se concordo.

Levanto-me do degrau e estico as pernas.

— Acho melhor voltarmos à biblioteca. Está ficando tarde.

Theo se levanta também e limpa a parte de trás da calça.

— Tarde? Não é tão tarde ainda. Você tem algum compromisso?

Começo a sacudir a cabeça, mas então meu estômago gela assim que me lembro que Cruel

e eu temos um jantar hoje. Cruel e eu temos um jantar hoje! Como eu fui capaz de esquecer?

— Ai, não — rosno, brava comigo mesma. — Eu tenho que voltar agora mesmo, Theo!

Ele arqueia as sobrancelhas.

— Lembrou de algo que precisa fazer, não é?

PERIGOSAS

— Sim! — choramingo.

— Urgente?

— Muito!

Ele me puxa pelo braço e começamos a correr de volta à biblioteca. Em minha mente, já

começo a imaginar todos os piores desfechos para o dia de hoje — e o primeiro deles é Cruel

chegando em casa e não me vendo lá. Isso me incentiva a correr muito mais rápido e Theo me

acompanha em minha pressa.

Chegamos à biblioteca, mais uma vez ofegantes, e eu olho ao redor à procura de Pope e

dos outros.

— Que horas são? — pergunto a Theo.

Ele tira o celular do bolso e confere.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Quase sete.

— Argh — Esfrego a testa.

Eu nunca devia ter saído de casa!

— Senhorita Vallahar! — ouço alguém gritar e viro-me imediatamente ao reconhecer a voz.

Graças aos céus, é Pope. Ele mais um segurança correm em minha direção e ao se

aproximarem, me puxam para longe de Theo, como se ele fosse uma ameaça.

— Lupo, chame a polícia — pede Pope, fitando Theo enquanto me segura pelo cotovelo.

— O quê? — Olho para Theo e depois para ele. — Polícia? Ele é meu amigo!

— Ele praticamente sequestrou a senhorita! — rebate Pope.

Puxo meu braço, desvencilhando-me dele e vou para o lado de Theo.

NACIONAIS - ACHERON

— Me sequestrou? — grito, inconformada. — Qual é o seu problema? Eu claramente saí

correndo com ele por livre e espontânea vontade!

Theo ergue as duas mãos em sinal de rendição.

— Olha, eu realmente não quero criar problemas.

Suspiro e olho para Pope.

— Por favor, vamos embora.

Ele lança um olhar irritado para Theo e assente, gesticulando para que eu o siga.

— Chihuahua — Theo me puxa para mais perto dele e coloca algo no bolso de trás da

minha calça jeans tão discretamente que só noto depois que ele o faz. — Até mais.

— Até mais — assinto.

Sigo Pope e o outro segurança, Lupo, até o carro e peço que ele dirija como se sua vida

PERIGOSAS

estivesse em jogo. No banco de trás, enfio a mão no bolso da calça e puxo um objeto retangular

que Theo deixou para mim. Fico quase boquiaberta ao ver que é um celular. O celular dele. Fico

praticamente eufórica.

O carro para quando o sinal fica vermelho e, contendo-me para não dar gritinhos de

alegria, olho pela janela.

E é aí que eu vejo através das enormes janelas da fachada de um belo restaurante chique,

na primeira mesa enfeitada com flores, rindo com uma mulher incrivelmente bonita e coberta de

joias. Cruel. O tempo parece correr em câmera lenta e eu fixo meus olhos na figura dele,

perguntando-me se não estou vendo coisas. Meu corpo parece entrar no piloto automático e eu

abro a porta do carro. Minhas pernas se movem

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sozinhas caminhando entre os carros e eu ouço,
como um som distante, Pope gritando e chamando
por mim. Mas eu não paro de andar. Chego ao
restaurante e abro a porta. Caminho diretamente
para a primeira mesa, onde eu o vi, e constato
com os meus próprios olhos. Está engajado em
algum assunto que parece de extrema importância e
sorri para a mulher sentada à sua frente. É ele. É
Cruel.

Minhas pernas tremem. Eu poderia ter um milhão
de reações e atitudes. Poderia me

aproximar mais, gritar com ele e fazer um
escândalo. Poderia acusá-lo de me trair. Poderia
brigar

essa mulher — seja lá quem for — como fiz com
Cindy. Mas eu simplesmente caminho para trás,

um passo lento de cada vez. Porque eu não tenho
direito nenhum de fazer qualquer uma dessas

NACIONAIS - ACHERON

coisas. Cruel e eu não somos namorados ou noivos. Nós não estamos oficialmente comprometidos.

Nosso relacionamento só existe entre nós dois. Mas e quando estamos separados? O que eu sou

para ele quando ele não está comigo?

Eu bem devia saber. Ele precisa de uma esposa, uma pretendente vantajosa. Seus

sentimentos podem até ser genuínos em relação a mim, como são os meus em relação a ele. Mas o

próprio Cruel me disse que faria qualquer coisa por sua preciosa companhia e ele precisará se

casar para conseguir a herança. Ele mesmo me contou tudo isso e, ainda assim, eu criei

expectativas grandes e pesadas e elas estão me sufocando agora. Ann Lee estava certa. É hora

de acordar para a realidade agora.

Segurando minhas lágrimas com mais força do que

PERIGOSAS

nunca, afasto-me das mesas e caminho

para fora do restaurante. Tudo ainda parece
acontecer em câmera lenta e eu me apoio no braço

de Pope assim que ele me encontra na calçada.
Voltamos para o carro e eu não digo nada

enquanto ele me dá bronca. Recuso-me a olhar pela
janela outra vez e recuso-me a chorar. Chega

de choro. Chega de bancar a pobre garota órfã. Às
vezes as pessoas precisam perder algo para

encontrarem a sua força. Pois bem, eu vou abrir mão
desse amor que nunca foi, de fato, possível.

Vou abrir mão dos meus sentimentos vãos e
deixarei Cruel livre para alcançar seus verdadeiros
e

principais objetivos.

E, assim, encontrarei meu próprio propósito.
Encontrarei a minha própria força.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 42

Olho pela janela do meu quarto assim que ouço o ronco do motor de um carro. Posso ver

Cruel saltar para fora e caminhar apressado para dentro de casa. Ele está usando um casaco de

pele extravagante como sempre. São quase onze da noite agora.

Debruço—me em minha poltrona e dou uma última revisada no meu dever de casa e na

ficha de inscrição para os cursos extras na escola. Faço anotações dos meus novos horários em

numa agenda e começo a organizar meus livros e cadernos sobre a escrivania. Sinto-me, de

certa forma, eficiente. Acho que meus pais ficariam satisfeitos ao me ver cuidando do meu futuro.

Ouçó dois toques na porta. Eu já jantei, então provavelmente não é Agatha. Será que... Vou

até a porta, mas hesito em abrir. Se for Cruel, o que eu faço? O que digo a ele? Giro a maçaneta.

É mesmo ele.

— Rosie, eu... — silva, olhando-me com um pedido de desculpas estampado nos olhos azuis.

— Oi — Dou um leve sorriso.

— Sei que prometi um jantar a você hoje, mas...

Sacudo a cabeça.

— Não, está tudo bem — interrompo-o, antes que ele comece a inventar desculpas que não

quero ouvir. — Eu tinha muita coisa para fazer, de qualquer forma.

Ele franze a testa e posso ver que está confuso.

— Você... não está magoada?

Apoio-me na porta aberta e sorrio outra vez.

— Por que estaria? Nós podemos jantar juntos um outro dia, não podemos?

Cruel me encara de um jeito estranho, como se estivesse tentando interpretar algum sentido

oculto por trás das minhas palavras. Mas sei que ele não vai conseguir, porque não há sentido

oculto. Eu resolvi não ser afetada pelo que vi hoje e resolvi aceitar a realidade como uma pessoa

sensata. Eu estou bem.

Ele levanta a mão e toca meu rosto bem suavemente.

— Sua pele é tão macia... — ele sussurra, pensativo. "Você tem gosto de sanduíche."

Retraio-me assim que esse pensamento me atinge. É uma memória. Cruel disse isso para mim na...

cozinha... O que aconteceu naquela noite? — Amanhã a empresa fará uma confraternização na

PERIGOSAS

casa de campo do Vice Presidente — diz Cruel, tirando a mão de meu rosto. Ele se aproxima de

mim até nossos olhos estarem frente a frente. — Você quer ir comigo?

Surpresa, arqueio as sobrancelhas.

— Isso... é sério? — gaguejo. — Você disse que não me queria fora da casa.

— Acho importante levá-la comigo amanhã — Ele dá de ombros.

Franzo a testa.

— Por quê?

Cruel desvia o olhar.

— Vai ficar mais segura junto comigo.

Ele dá dois passos para trás, saindo do quarto, mas eu seguro a manga de seu terno,

impedindo-o.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Eu... — Encaro—o. Estou em um conflito interno. Parte de mim — a parte sonhadora e apaixonada — quer muito ir à confraternização com ele. Porém, a outra parte — a realista e sensata — sabe que eu não posso permanecer nessa ilusão de crer que ficaremos juntos apesar de tudo. Quanto mais perto eu analiso nossa relação, menos acredito que ela terá futuro.

— O que há de errado, Rosie? — Cruel franze a testa, sério.

Solto sua manga e esforço-me para sorrir.

— Não é nada.

Ele suspira, avaliando-me.

— Sabe que pode me contar qualquer coisa, não sabe?

Assinto, ainda forçando um sorriso. Cruel apoia a mão no topo da minha cabeça e beija

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

minha testa tão rapidamente que me pergunto se não imaginei coisas. Ele parece tão

envergonhado por demonstrar afeto que fica fofo.

— Boa noite — ele pigarreia e sai apressadamente.

Suspiro e fecho a porta, desmanchando meu sorriso falso. Espero realmente que ele não

tenha notado o quanto estou confusa com tudo isso. Espero que amanhã ele fique ocupado o

suficiente para que não precise me ver fingindo outra vez.

Deito-me em minha cama e imediatamente dou um pulo assustado quando o celular que Theo

deixou comigo começa a tocar. Desastrada, tropeço nos meus sapatos e corro para revirar os

bolsos da calça jeans que deixei no banheiro após o banho. Tiro o aparelho do bolso e fito o visor

para saber quem é que está ligando. O nome *Sou eu*

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

brilha na tela, mas eu não atendo. Coloco o
celular no colchão e cubro-o com um travesseiro
até que pare de tocar. De jeito nenhum Cruel
pode saber que tenho algo assim comigo. Quando o
toque para, ouço o som que indica que uma
mensagem chegou. Deslizo o dedo pela tela,
desbloqueando o celular, e vejo que o tal de Sou eu
foi quem mandou a mensagem.

"Chihuahua, atende o telefone!"

Reviro os olhos. Quando ele vai parar de me
chamar desse jeito? O aparelho toca

novamente e dessa vez eu atendo.

— Estou prestes a jogar meu dever de casa no lixo
— ele diz imediatamente, antes mesmo

que eu possa fala qualquer coisa.

Vou até o banheiro, fecho a porta e sento-me sobre

NACIONAIS - ACHERON

a tampa fechada do vaso sanitário.

Não quero que ninguém da casa me ouça.

— Você... você está mesmo fazendo o dever? —
pergunto a Theo, surpresa.

— É claro, o prazo de entrega é segunda, na aula —
ele responde, como se fosse a coisa

mais óbvia do mundo.

Franzo a testa.

— Sim, na minha aula. Você nem mesmo sabe sua
grade de horários!

— Dá no mesmo — resmunga. — Como você fez o
exercício três?

Ajudo Theo o máximo que consigo e passamos um
bom tempo ao telefone, discutindo sobre

os assuntos da escola e dos cursos. Ele diz que
também pretende fazer um curso extra, mas — por

PERIGOSAS

mais que eu peça várias vezes — não me conta qual.

— Estou com sono... — resmungo, enquanto volto para o quarto. — Acho melhor irmos

dormir.

Ouçoo suspírar do outro lado da linha.

— Eu gostaria de desaparecer — ele diz, soando tão sério que eu quase fico preocupada.

Dou uma risada sem graça.

— Do que você está falando?

— Gostaria de sumir comigo amanhã, Chihuahua?
— sua voz de repente parece mais

animada. — Não precisa ser durante o dia todo, eu te devolvo antes de escurecer.

Deito-me em minha cama.

— Você, hein... — suspiro. — Amanhã tenho um

NACIONAIS - ACHERON

compromisso.

— Outra vez?

— Outra vez — resmungo. — Não é como se eu realmente quisesse ir, mas... Sei lá, acho

que devo.

Theo dá outro longo suspiro.

— Entendi.

Mordo o lábio e de repente fico mesmo preocupada com ele.

— Theo, você não vai fazer nenhuma bobagem, vai? Isso de desaparecer... você não pode

fazer isso. Entendeu?

Ouço sua risada. Parece forçada.

— Não se atreva a se preocupar comigo, Chihuahua. Eu não vou a lugar algum. Ainda não.

Amarro meus cabelos num rabo de cavalo alto. Eles parecem mais ondulados ultimamente e

acredito que seja porque eu os mantenho presos a maior parte do tempo. Ajeito meu vestido azul

bebê, olhando-me diante do espelho de todos os ângulos possíveis. Sinto-me bonita de uma maneira natural.

São quase nove da manhã e Agatha bate à porta de meu quarto, abrindo-a. Ela parece

tranquila e sorri para mim.

— Está bonita, Rosie — ela diz.

Forço um sorriso. Isso tem se tornado cada vez mais frequente desde ontem.

— Obrigada.

— O senhor DeVil já desceu e espera pela

NACIONAIS - ACHERON

senhorita.

Dou uma última ajeitada no cabelo e no vestido,
pego a bolsa de mão que Sunsung comprou

para mim em um dia do qual não me lembro, e
deixo meu quarto.

Desde ontem à noite eu tenho pensado em como
agir perto de Cruel de agora em diante.

Depois de vê-lo se encontrar com outra mulher,
parece que meu lado sentimental foi sobrepujado

pelo racional e os meus sentimentos têm sido cada
vez mais colocados em segundo plano. Ver Cruel

seguindo com seu projeto de alcançar sua tão
desejada herança me fez mudar meu foco de uma

maneira estranhamente repentina. Eu me dei conta
de que preciso cuidar de mim mesma, porque

ninguém fará isso por mim. Agatha comentou outro
dia que eu poderei viver por conta própria

PERIGOSAS

assim que completar dezoito anos. Meu aniversário não vai demorar muito. É hora de acordar e

deixar essa paixonite por Cruel de lado, antes que eu me machuque ainda mais ou que acabe

machucando-o.

Todos esses meus pensamentos determinados tornam-se um pouco distantes e nebulosos assim

que vejo Cruel parado ao pé da escada. Ele veste um terno bonito e seus cabelos parecem um

pouco molhados, penteados para trás. Quando seu olhar me encontra, ele esboça um sorriso e

baixa os olhos para o chão, parecendo encabulado. Isso faz meu coração vacilar. "Foco", digo a

mim mesma. "Mantenha o foco, Rosie". Desço as escadas e me aproximo dele.

— Seria estranho dizer que você fica ainda mais bonita quando está preocupada? — Cruel

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sussurra, sem me olhar nos olhos.

Engulo em seco.

— Eu... eu não estou preocupada.

Cruel revira os olhos.

— Claro que não está — diz, irônico. — Não se preocupe — Ele finalmente olha

diretamente para mim. —, todos vão gostar de você.

Franzo a testa.

— Por que de repente você quer me apresentar ao pessoal da sua companhia? — indago,

desconfiada. — Achei que queria me manter aqui dentro pra sempre... — resmungo.

Cruel suspira, enfiando as mãos nos bolsos.

— Você é tão curiosa. Espere e verá.

NACIONAIS - ACHERON

Reviro os olhos e sigo-o até o hall, onde os empregados nos aguardam com as portas da frente abertas. Caminhamos até o carro e eu logo procuro pelo motorista, que aparentemente não está ali dentro. Cruel me puxa pela mão e abre a porta do passageiro para mim. Olho para ele, surpresa.

— Você vai dirigir? — pergunto, encarando-o.

Cruel não olha para mim.

— Entre logo — resmunga e contorna o carro até chegar à porta do motorista.

Entro no carro e fecho a porta, hesitante. Durante o trajeto, não tiro os olhos das mãos de

Cruel no volante. Observo os nós de seus dedos compridos e esguios ficarem brancos tamanha a

força com que ele o segura. Ele está nervoso por dirigir? Será que contratou um motorista todo

esse tempo porque não dirige bem? Engulo em seco. Não, ele não seria tão irresponsável.

— Humm... esse evento da sua companhia... — começo a dizer.

— Sim? — Cruel mantém os olhos fixos na estrada.

— Bem, é muito formal?

Ele sacode a cabeça.

— Não necessariamente. É apenas uma reunião entre os acionistas e investidores na casa de

campo do Vice Presidente com nossas... nossas famílias.

Assinto devagar. Mas algo sobre essa "reunião" ainda me incomoda.

— Se é uma reunião com as famílias... — Olho diretamente para Cruel. —, você não devia

trazer sua irmã, Ann Lee?

Cruel franze a testa e engole em seco. É, o relacionamento entre os dois é exatamente como

ela mesma me disse: ele tem vergonha de tê-la na família. Ann Lee nem mesmo vai aos eventos da

companhia e aposto que ninguém lá sequer sonha que ela existe.

Observo os nós dos dedos de Cruel ficarem mais brancos conforme ele segura o volante

com ainda mais força. Então, abruptamente, ele vira o carro e para no acostamento. Fica olhando

para o painel por alguns segundos, estático, e suas mãos soltam o volante devagar. Encaro-o com

curiosidade. Cruel está passando mal?

— Eu... — ele sussurra —, queria fazer isso um pouco mais tarde.

— Fazer o quê? — Franzo a testa.

Cruel gesticula com a cabeça na direção do porta-

luvas.

— Abra — diz, categórico.

Abro o porta luvas e encontro uma sacola de pequena e prateada. Olho em dúvida para

Cruel e ele assente uma vez. Pego a sacola.

— Abra — ele repete.

É um presente para mim? Brincos? Um colar? Ou melhor, um celular realmente meu? Abro a

sacola e tiro de dentro uma caixinha de veludo vermelho. Uau, são mesmo brincos — será que são

muito caros? Não consigo conter um sorriso lisonjeado e, por fim, abro a pequena caixa. Meu

sorriso desaparece imediatamente. Meu coração para de bater por meio segundo. Fico

completamente paralisada. Não são brincos. É um...

— Cruel... — minha voz treme e eu olho para ele,

completamente sem saber como reagir. —

Isso... isso é um...

Cruel trinca os dentes, parecendo irritado.

— É — ele resmunga. — Um anel de noivado.

Cruel pega a caixinha de mim, tira o anel dela e puxa minha mão. Só então noto que estou

com o corpo todo tremendo e que mal consigo respirar direito.

— Isso... isso — gaguejo.

Cruel coloca o anel em meu dedo, com a cara fechada.

— Cruel... — sibilo, completamente chocada.

Ele finalmente olha para mim.

— Era para eu ter feito isso ontem, mas tive compromissos importantes — diz, fitando-me

nos olhos. — Isso — Ele aponta para o anel em meu dedo paralisado. —, é uma resposta à sua

pergunta. Não estou levando Ann Lee comigo simplesmente porque é você quem eu quero do meu

lado. Nós vamos nos casar assim que você fizer dezoito anos. Então eu a trarei comigo a todos os

eventos da companhia, porque nós dois seremos família. Está claro agora?

Levo alguns segundos para perceber que ele está falando sério.

— Você enlouqueceu?! — grito, numa explosão que tenho contido há dias. — Você

realmente perdeu o resto de juízo que tinha, Cruel? Como... como pode simplesmente me dizer esse

tipo de coisa?

— Como é que é? — Ele franze a testa.

— Que raio de pedido de casamento foi esse? —

continuo gritando, indignada. — Aliás,

porque é que você está me pedindo em casamento?
Você tem alguma noção do que isso significa?

Cruel crisca os olhos.

— É claro que sim!

— Cruel, eu... eu tenho só dezessete anos!

— Eu posso esperar — Ele dá de ombros, sério.

Sacudo a cabeça, boquiaberta.

— Isso... isso não faz o menor sentido! Você não
pode se casar comigo se quiser receber a

herança do seu pai, esqueceu?

Ele suspira.

— Não, não esqueci.

— Eu não tenho absolutamente nada de vantajoso
para a sua companhia e não tenho nada

PERIGOSAS

a oferecer a você!

Cruel meneia a cabeça.

— Você já é o suficiente — ele rebate com simplicidade e olha para mim. Vejo que já está completamente decidido.

Sacudo a cabeça outra vez, ainda sem acreditar no que está acontecendo. Eu devo estar em um daqueles sonhos reais demais.

— Eu sou só... eu — sussurro. — Sou imatura e infantil e teimosa e às vezes eu realmente quero bater na sua cara.

Cruel desvia o olhar, esboçando um sorriso.

— Eu sei de tudo isso.

— Talvez eu nunca amadureça. Talvez nós dois continuemos como estamos para sempre,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

nesses altos e baixos sem fim. Isso não preocupa você?

Cruel suspira e solta seu cinto de segurança, virando-se para mim.

— Eu costumo pensar muito antes de tomar uma decisão, Rosie. Eu me esforço muito para

não ser uma pessoa do tipo impulsiva, guiada pelas emoções. Então, quando digo que quero me

casar com você futuramente, é porque tenho pensado nisso há um tempo. Não muito, para ser

sincero, mas o suficiente para ter certeza. — Ele segura meu queixo com as pontas dos dedos. —

Portanto... apenas diga que sim.

Sinto meu rosto ficar vermelho e de repente o carro está quente demais. Viro o rosto para

olhar pela janela, esquivando-me do toque de Cruel. Céus, o que eu faço? O que é que eu faço

NACIONAIS - ACHERON

agora? Eu me armei de tantas certezas de que ele se casaria com outra mulher e me deixaria

cuidar de mim mesma, que simplesmente não sei como reagir. Não posso dizer não, mas também

não estou cem por cento certa de que devo dizer sim. Quer dizer... me casar? Tão cedo? Tudo bem

que meus sentimentos por Cruel são fortes demais para ignorar, mas... casamento? Quando foi que

nos tornamos tão comprometidos um com o outro? E quanto aos meus estudos e planos para a

faculdade? O que vai acontecer com meu futuro?

Dou um pulo assustado quando Cruel liga o carro. Ele não diz nada e parece inexpressivo.

Num impulso, seguro seu braço. Seus olhos azuis encontram os meus e, num reflexo completamente

involuntário, eu digo:

— Si-sim.

Cruel esforça-se em vão para conter o sorriso brilhante. E eu tenho vontade de esfregar minha cara no asfalto quente.

Capítulo 43

A casa de campo do Vice Presidente é simplesmente cinematográfica. Assim que Cruel para

o carro no estacionamento pavimentado — e gigante —, manobristas chegam para estacioná-lo e

um empregado vem nos acompanhar ao que ele chama de Salão de Festas. Eu me sinto

praticamente uma celebridade e olho para tudo com uma admiração um pouquinho deslumbrada.

Há arranjos coloridos de flores por toda parte, chafarizes bonitos e passarinhos cantando. Levo um

susto quando Cruel segura minha mão e me puxa com ele salão adentro. O anel de noivado pesa

PERIGOSAS

em meu dedo e eu me sinto fria e febril ao mesmo tempo — se é que isso faz algum sentido. Tento

decifrar a expressão em seu rosto, mas não vejo mais do que a indiferença de sempre. Cruel não

olha para mim. Por um momento, tenho vontade de puxar minha mão, voltar para o carro e ficar lá

até a confraternização acabar. Mas não serei tão infantil. Não posso ser. Eu meio que estou noiva

agora, não é?

Noiva.

É uma palavra pesada quando penso que se refere a mim. Por mais que meu coração bata

tão forte por Cruel, eu não cheguei ao ponto de sequer sonhar com a possibilidade de um

casamento entre nós. Agora mesmo eu ainda acho que ele está tremendamente equivocado e que

a qualquer momento pode olhar para mim, tirar o

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

anel de meu dedo e dizer que tudo não passou
de um impulso dele. Na verdade, espero que ele
faça isso. Porque não quero que ele acorde
casado comigo e perceba que cometeu um erro.

— Senhor DeVil! — O empregado gesticula para
portas de vidro grandes bonitas.

Através do vidro, vejo mesas ricamente decoradas e
pessoas bem vestidas e sorridentes

sentadas, comendo e conversando umas com as
outras. É quase como um daqueles restaurantes de

cassino — não que eu já tenha frequentado um
pessoalmente — repletos de luxo, boa comida e

gente gastando dinheiro à toa.

Cruel pressiona minha mão bem de leve e suspira.
Olho para ele e vejo que está

preocupado. Tenso. Então retribuo seu ligeiro
aperto, numa tentativa de confortá-lo.

NACIONAIS - ACHERON

Definitivamente

há homens mais velhos lá dentro que trabalham para ele e depositam expectativas gigantes sobre

seus ombros. Cruel é jovem e tenho certeza de que comete erros. Eu mal consigo imaginar quão

estressante toda essa responsabilidade deve ser.

Os empregados abrem as portas para nós e alguns rostos voltam-se na nossa direção. As

pessoas se levantam e nos cumprimentam conforme passamos entre suas mesas. Recebo olhares

curiosos e críticos — especialmente das mulheres — enquanto tento sorrir e ser devidamente

educada. Por fim, Cruel e eu nos dirigimos para uma mesa menor que as outras, de apenas quatro

lugares onde um casal está sentado. Observo a mulher se levantar e sair sem mais nem menos

antes que nos sentemos e o homem se levanta para

NACIONAIS - ACHERON

nos receber. O aperto de Cruel em minha mão

se intensifica. O homem se aproxima com um sorriso enorme no rosto. É robusto, tem ombros largos

e é meio careca. Cruel veste sua máscara de simpatia forçada e troca um aperto de mão rígido com ele.

— Otavius — diz, entre dentes.

— Que bom que finalmente chegou, Presidente — diz o homem. — Pensei que faria uma

desfeita, como da última vez.

Cruel sorri com presunção.

— Tenho um motivo especial para estar aqui hoje — responde.

Otavius fica curioso.

— Oh, é mesmo?

Cruel assente.

— Espero que não se sinta ofuscado, como da última vez.

Otavius força um sorriso.

— De modo algum. — Então seus olhos finalmente constataam minha presença sob a asa de

Cruel. — Ora, ora... mas quem é essa belezinha?

A mão de Cruel que antes segurava minha mão, apoia-se em minha cintura. Fico

desconcertada.

— Vice Presidente Otavius, eu gostaria de apresentar Rosie Vallahar — diz Cruel, a voz

cortante como gelo e os olhos fixos no rosto de Otavius —, minha noiva.

Por um segundo, vejo os olhos de Otavius esbugalharem-se, mas ele faz um bom trabalho

disfarçando o mais rápido possível. Cruel não deve ter notado. A atmosfera de repente fica tão

tensa que eu quase sinto seu peso fisicamente. Então Otavius estende a mão para mim como

cumprimento.

— É... é um imenso prazer, minha jovem senhorita.

Aperto sua mão áspera, sentindo os olhos de Cruel sobre mim.

— Igualmente — respondo, sorrindo.

Argh. Se eu soubesse que seria assim, teria ficado em casa fazendo meus deveres da

escola. Nós nos sentamos à mesa e eu fico esperando que a mulher que estava com Otavius

retorne, mas o tempo passa e não há sinal algum dela. Somos servidos e, graças à comida, eu fico

um pouco mais satisfeita por ter vindo. Cruel e Otavius discutem sobre assuntos da companhia

PERIGOSAS

alfinetando um ao outro de cinco em cinco minutos.
Não sei quanto tempo se passa até que eu

finalmente decido deixar a mesa e vou ao banheiro.
Cruel me olha com um lampejo de

preocupação, mas logo volta a atacar Otavius com
mais sarcasmo.

Nem preciso dizer que o banheiro do lugar é
maravilhoso — mais bonito até do que o meu

banheiro na casa de Cruel. Olho-me no espelho,
ajeito o cabelo e me apoio na pia, olhando de

soslaio para a coisa assustadora em meu dedo. De
jeito nenhum estou pronta para me casar,

mesmo que seja apenas quando eu completar
dezoito. Há muita coisa que eu ainda quero fazer e

muita coisa que eu preciso acertar comigo mesma,
antes de entrar de cabeça em um

relacionamento tão sério.

NACIONAIS - ACHERON

Por outro lado, só de pensar em Cruel vestindo um terno bonito e me dizendo votos

apaixonados, me faz querer esquecer todos os meus planos e preocupações e simplesmente casar

com ele de uma vez. Cerro meus punhos. Argh. O que eu faço?

Deixo o banheiro e, no caminho de volta à mesa, trombo com um dos empregados, que

cambaleia para frente e quase derruba a bandeja com copos de vidro. Meu estômago gela.

— Desculpe! — arquejo, sentindo-me uma idiota desastrada.

O empregado se recompõe e vira-se para mim.

— Isso é jeito de me cumprimentar, Chihuahua?

Fico muito — muito — boquiaberta ao ver que Theo é o empregado. *O que ele? Como? Por*

que ele?

PERIGOSAS

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, engasgada.

Ele usa uma das mãos para cobrir minha boca e segura a bandeja com a outra.

— Não grite, sua escandalosa! — sussurra.

Afasto sua mão, olhando estupefata para ele.

— Explique — rosno. — Você está me seguindo?

Theo franze a testa. Então joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada forçada.

— Eu? Seguindo você? Ah, me poupe.

Cruzo os braços.

— Você trabalha para essa gente?

Theo suspira e assente, parecendo entediado.

— Algumas coisas você é obrigado a fazer, não é?

Suspiro também.

NACIONAIS - ACHERON

— O que você veio fazer aqui? — Ele franze a testa, olhando-me com curiosidade. — Está

toda arrumada... você veio com o seu irmão?

Trinco os dentes. *Droga*. Não quero mentir para Theo.

— E-eu...

Theo ergue uma das mãos, interrompendo-me.

— Espere aqui que eu volto já.

— Não, eu... eu não quero atrapalhar seu trabalho.

— Fique aqui — ele diz e me dá as costas.

Suspiro. Como é que eu consigo me meter em tanta enrascada num só dia?

Recosto-me na parede e vejo Theo desaparecer cozinha adentro, discutindo com outros

empregados que passam por ele. Por algum motivo, sinto-me mais à vontade sabendo que ele está

aqui. Talvez eu possa dar umas escapadas da guerra de orgulho que provavelmente está

acontecendo na mesa entre Cruel e Otavius, e ir dar uma olhada no lugar com ele. Estou tão

curiosa que eu poderia ficar explorando essa casa de campo gigante por horas.

Subitamente, sinto uma mão acariciar meu ombro de um jeito pegajoso e me esquivo num

pulo. Será que me confundiram com alguém?

— Olá, Rosie...

Franzo a testa, completamente pega de surpresa.

— E-Eden?

O noivo de Sunsung está, de alguma forma, perto demais de mim e me olha de um jeito que

me parece familiar demais. Com muita... malícia.

— Lembra de mim? — ele sibila, abrindo um

sorriso tão sujo que me deixa arrepiada de medo.

Quem... quem é esse Eden? Onde está Sunsung? O que é que está acontecendo aqui?

— Ahn, o que você está fazendo aqui?

Eden franze a testa.

— O que estou fazendo? Ora, foi você quem me chamou aqui...

Franzo a testa. *Ele está bêbado ou o quê?*

— Eu? Eu não chamei você.

Eden abre outro sorriso feio.

— É claro que chamou... você me atraiu, cadelinha.

Mais uma vez, como um tijolo, uma memória me atinge com tanta força que eu cambaleio

para trás. Minha garganta se fecha e meu corpo fica

paralisado. Minha mente se esqueceu, mas

meu corpo se lembra muito bem. Olho para Eden.
Foi ele. Foi ele o homem que tentou me violentar.

— É... você — engasgo, prestes a gritar.

Mas o grito não sai. Eden dá um passo em minha
direção e, por puro reflexo, eu me viro e

corro na direção da primeira porta que vejo, que dá
para o lado de fora do salão. Lágrimas

jorram de meus olhos. Eden está logo atrás de mim.
Não olho para trás, mas tenho absoluta

certeza de que Eden está em meu encalço. Posso
ouvir o som de seus passos ruidosos, pesados e

sujos ecoando em meus ouvidos e flashes da noite
em que ele tentou me violar me atacam. Eu corro

gritando, mas parece que minha voz não sai, porque
não me ouço gritar. Tento despistá-lo fazendo

curvas e serpenteando entre os carros luxuosos do

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

estacionamento, e procuro desesperada por

algum empregado ou manobrista. Tem que haver
alguém aqui fora! Tem que haver alguém aqui

fora!

Sinto dedos me puxarem com força pelo braço, mas
consigo me esquivar e corro ainda mais

rápido. Faço mais curvas. Grito por socorro. O
estacionamento parece um labirinto sufocante e
sem

fim. Escondo-me atrás de uma caminhonete e me
encolho, mal sentindo o ar entrar sair de meu

corpo. Minha garganta está queimando e minhas
mãos tremem tanto que parecem capazes de

realizar movimentos involuntários. Acho que
consegui despistar Eden. Preciso arranjar um jeito

seguro de voltar para dentro e para perto de Cruel.

De repente, sinto um puxão no cabelo e tombo para

NACIONAIS - ACHERON

trás, caindo de bunda no chão. Eden é

veloz e sobe em cima de mim, cobrindo minha boca com sua mão grande e áspera. Mordo-o e me

contorço usando todas as minhas forças, mas ele mal parece sentir dor. Com uma das mãos, Eden

pega algo no bolso e cobre meu nariz com um pedaço de pano, impedindo-me de respirar e eu

me contorço ainda mais, esperneando e gritando e chorando.

— Você gosta de brincar de pega-pega? — ele sussurra em meu ouvido. — Deveria ter

corrido mais rápido...

E eu perco a consciência.

Talvez eu devesse ter partido com meus pais.
Talvez aquele dia do incêndio realmente fosse

PERIGOSAS

meu último dia de vida. Mas, por algum motivo, não foi. Por algum motivo, apenas eu escapei viva

— e desde então minha vida não tem sido nada tranquila ou pacífica. Cruel apareceu, Sunsung

apareceu, Eden apareceu, Theo apareceu... e nenhum deles têm tornado as coisas mais fáceis para

mim. Mas do que é que estou falando, afinal? Estou reclamando por ter sobrevivido? Estou

reclamando por ter me apaixonado, desapaixonado e me apaixonado outra vez?

Percebo que estou recuperando resquícios de memórias simples do último mês na casa de

Cruel. Sei os nomes dos empregados e me lembro-me das conversas fiadas e brincadeiras entre

nós. Lembro-me de ir ao salão de beleza com Sunsung certa vez. Lembro-me de Cruel me beijando

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

no chão da cozinha e de como ele pisou em meu coração sem um pingo de misericórdia em sua

festa de aniversário. Lembro-me de nossas discussões e do tanto que ele me fez chorar. Todas as

lembranças são dolorosas, constrangedoras e eu — por um segundo — desejo nunca ter me

lembrado delas. No entanto, sei que há mais coisas nebulosas no fundo de minha memória,

esperando para serem reveladas.

Num estalo, recobro a consciência — fácil assim. Antes de abrir os olhos, recordo-me de que

a última coisa de que vi foi Eden em cima de mim, cobrindo meu rosto com um lenço e colocando-

me para dormir. Mexo os dedos das mãos e dos pés, para garantir que nada está fora do lugar, e

finalmente abro os olhos bem devagar. Estou deitada no que parece uma cama de hospital em um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

quarto de paredes marrons, sem nenhuma mobília ou janelas e bem pouco iluminado. Há uma

máscara de oxigênio me ajudando a respirar e uma agulha picando meu braço direito. Quero me

mexer e me sentar, mas meu corpo está tão mole que simplesmente não responde. Até mesmo

mover os dedos já me deixa cansada. Sem dúvida Eden me sedou. Umedeço os lábios e sinto

lágrimas encherem meus olhos.

Onde é que eu estou? E o que aconteceu comigo enquanto estive desacordada? Por um

momento, um desespero terrível toma conta de mim e eu faço uma força descomunal para tentar

me erguer da cama. Todo esforço, no entanto, é inútil, pois meus braços e pernas simplesmente não

respondem. A única coisa que sinto é meu coração muito acelerado e as lágrimas escorrerem de

NACIONAIS - ACHERON

meus olhos involuntariamente.

De repente, a única porta do quarto se abre, aumentando meu desespero. Minha visão está

embaçada por causa das lágrimas, então eu pisco com força para tentar enxergar a figura que,

lentamente, adentra o quarto. Quando a vejo, quero chorar de alegria.

— Sunsung... — minha língua está mole, mas consigo dizer seu nome de forma inteligível. Ela

para e olha para mim. Está usando um casaco de pele felpudo e bonito e calças boca de sino. Por

algum motivo, não parece surpresa em me ver. A expressão em seu rosto é de... desprezo. —

Você... — sibilo, mas sou interrompida por sua risada cortante.

— Tem ideia de quanto é precioso ver toda essa decepção em seu olhar, Rosie? — Ela

apoia as mãos nos quadris. Olho confusa para ela.
O que está acontecendo? — Você

provavelmente não tem ideia do que eu estou
fazendo aqui, não é? Afinal, eu sou a melhor amiga

do homem que você tanto ama e faz sentido eu vir
aqui resgatá-la, não faz? — Sorri e apoia a

mão no queixo. — Então... por que não estou
tirando-a dessa cama? Por que estou aqui parada

tagarelando enquanto a porta está aberta para que
possamos fugir? É o que você deve estar se

perguntando...

Engulo em seco com dificuldade. Sung dá
alguns passos para mais perto da cama.

— Deixe-me esclarecer as coisas, querida. Eu não
estou aqui para salvar você.

Tento cerrar os punhos, mas meus dedos mal
respondem. Do que Sung está falando? Ela

ri mais uma vez.

— Você é mesmo muito lenta, Rosie. Realmente não percebeu nada? Os sinais que eu dei foram tão claros...

— Eu... não... — murmuro.

Sunsung senta à beira da cama e me olha de um jeito assustador e penetrante.

— O fato de você existir estava fora dos meus planos e sinceramente eu fiquei

extremamente surpresa ao descobrir quem você realmente é. — Seus olhos perfuram os meus como

se eu fosse a pessoa que ela mais odeia no mundo.

— Quem diria que Collumbus DeVil esconderia

tamanho segredo? Aquele maldito... — Sunsung, desvia o olhar, parecendo tomada pela raiva. Ela

logo se recompõe e volta a sorrir para mim de um jeito macabro. — Mas não é certo falar coisas

PERIGOSAS

ruins sobre pessoas mortas, não é? Preste atenção no que vou dizer: você vai se comportar como

uma boa menina e irá conosco para um lugar bem legal, entendeu?

Ela é maluca. Dá para ver em seu semblante. Ela está por trás disso com Eden? O que eles

querem de mim? Por que as coisas fazem cada vez menos sentido?

— Não — soluço. — Não vou.

Sung se coloca de pé, rindo.

— Não é como se você tivesse escolha, querida.

Ela mal acaba de falar e Eden entra no quarto com uma maleta pequena e prateada.

Encolho-me quando ele se aproxima da cama, veste um par de luvas médicas e abre a maleta,

tirando uma seringa e pequenos frascos de dentro. Meu coração dispara outra vez. *Não, não, não.*

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Quem é a nossa cadelinha boazinha? — Eden cantarola, puxando meu braço para ele.

Resisto com toda a força que tenho, mas ele é muito mais forte que eu e injeta o que quer

que seja aquela droga em mim. Irrompo em um choro silencioso, sentindo-me inútil e impotente.

Quais as chances de alguém vir me resgatar? Quais as chances de eu conseguir fugir sozinha? O

que eu posso fazer contra Eden e Sunsung? Fecho os olhos, sentindo as extremidades de meu corpo

ficarem entorpecidas. Estou perdida.

— Está tudo pronto? — ouço Sunsung perguntar, irritada. — Precisamos levá-la

imediatamente.

— Não se preocupe — diz Eden —, tudo está correndo como planejado.

— Temos que agilizar as coisas.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu sei.

— Está cada vez mais difícil colocar DeVil para procurar por ela na direção errada. Sinto

que ele logo vai começar a desconfiar de mim.

— Apenas continue a plantar pistas falsas. Logo ele vai parar de procurá-la.

Ouçó um suspiro.

— Temo ter subestimado os sentimentos dele por essa... essa coisa. Afinal, o que ele vê nela?

— De fato — diz Eden. — Quando você me pediu para atacá-la naquela festa, eu

sinceramente achei que estava brincando comigo. Quer dizer, olhe só para ela. Adam e Helena a

criaram para ser um bebê indefeso. Se não fosse tão bonita, seria completamente inútil.

— Sim. Parece mentira que ela é a filha legítima de Collumbus DeVil...

Capítulo 44

"— Se, algum dia, algo ruim acontecer ao papai e a mim... prometa-me que irá procurar por um homem chamado Collumbus DeVil.

— Por quê? Quem é ele, mamãe?

— Não importa agora, meu amor. Apenas lembre-se de encontrá-lo. Ele cuidará de você."

Sunsung deve ter dito errado. Eu devo ter ouvido errado. Eu? Filha de Collumbus DeVil?

Impossível. Completamente fora da realidade. Esse sedativo que Eden aplicou em mim é realmente

muito forte, pois estou até tendo alucinações malucas como essa. Pensar nessa possibilidade me

deixa mais atordoada do que já estive em toda a minha vida e eu grito mentalmente que não é

verdade. Meus pais são Adam e Helena. Meu sobrenome é Vallahar.

NACIONAIS - ACHERON

Eu não posso ser irmã de Cruel. É simplesmente impossível.

Abro os olhos com certa dificuldade, como se minhas pálpebras estivessem grudadas. Fito um

teto branco e começo a sentir o cheiro forte e característico de hospital. Sinto calor e noto que

meus cabelos estão soltos. Por algum motivo, estou muito encolhida e abraçada a mim mesma. Tento

mexer os braços e me assusto quando sinto algo prendendo-os. Não é o efeito do sedativo. Estou

enrolada em um cobertor?

Sento-me no cama com dificuldade e, assim que vejo o que está limitando meus movimentos

dos braços, entro em pânico. É uma camisa de força. Imediatamente, entro em desespero e começo

a me contorcer. Não quero chorar, mas choro e grito até minha garganta arder. Rolo até me

equilibrar e conseguir me levantar da cama. Estou descalça e o chão é tão frio que parece que

estou pisando em agulhas. Mais uma vez, tento inutilmente me livrar do aperto da camisa. O que

está acontecendo aqui, afinal? Onde estou? Como vim parar aqui? Por que eu estou aqui?

Vejo uma janela minúscula na parede branca e corro — cambaleando — até ela. Grito por

ajuda, porque não consigo alcançá-la o suficiente para ver o que tem do outro lado. Ouço um

estrondo do lado de fora e me afasto da porta, cautelosa. Com um som eletrônico, a porta se abre

e uma médica de óculos e jaleco adentra o quarto com dois enfermeiros. Volto para perto da

cama, temendo que façam algo contra mim.

— É um alívio que esteja acordada, querida — diz a médica, com um sotaque forte. Ela é

quase tão baixa quanto eu e tem o cabelo muito liso preso num rabo de cavalo baixo. Há

seriedade em seu semblante.

— Quem é você? — grito para ela. — Onde é que eu estou?

Ela tira uma prancheta — não sei de onde — e suspira, como se me achasse entediante.

— Você não se lembra de nada?

— Ahn? — soluço.

O quê? O que mais eu posso ter esquecido? Sinto uma pontada de dor na cabeça e as

memórias me atingem com força, como uma onda poderosa, fazendo-me sentir tontura. Eu achei

que tinha sido apenas um sonho, mas aparentemente Sunsung e Eden me entregaram a um grupo

de homens de branco em uma ambulância após me

manterem presa e sedada. Lembro-me de

entreouvir algo sobre um escândalo na companhia DeVil e sobre alguém entrando em crise. Tudo

isso me deixa preocupada até os ossos, mas o que mais me aflige é pensar que Cruel está

enfrentando tudo sozinho quando, na verdade, deveríamos estar passando por isso juntos. Porque

nós somos...

Não. Não quero pensar nisso agora. Preciso arranjar uma maneira de sair daqui. Olho para

a médica e engulo em seco.

— Consegue se lembrar agora? — ela pergunta, ríspida. — Sabe há quantos dias está

sendo tratada aqui?

Não preciso nem pestanejar.

— Fui sequestrada e fiquei em cativeiro por seis

dias, se as minhas contas estiverem certas.

Meus sequestradores me internaram contra a minha vontade e sem nenhum motivo. Estou aqui há quase duas semanas.

A médica parece surpresa.

— Muito bem.

— Mas eu não devia estar aqui — acrescento, entre dentes. — Eu não sou louca e não estou doente. Preciso voltar para o meu...

— Para o seu irmão? — ela interrompe, com um sorriso presunçoso.

Engulo em seco novamente. Como ela sabe?

— Não acha que isso já foi longe demais? — A médica cruza os braços, abraçando a prancheta.

PERIGOSAS

Franzo a testa.

— Do que está falando?

Ela revira os olhos e ri.

— Se realmente quer se curar e sair daqui, precisa parar de insistir nessa história de

sequestro e de ser irmã de um herdeiro milionário.

Abro a boca, chocada. Ela... ela acha que eu estou inventando tudo? Avanço para mais

perto dela, mas um dos homens de branco bloqueia meu caminho. Ele é alto e feio.

— Você... — Desvio dele e olho para a médica. — Você realmente acha que estou

inventando? É a verdade! Sunsung e Eden me tiraram de uma festa da empresa e me sedaram!

Eles me sequestraram e me mandaram para cá!

A médica dá um sorrisinho diabólico.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Vejo que realmente não está pronta para se curar, querida.

— Eu... Você... — Tento mover os braços, mas a camisa me limita. — Tire... tire já isso de

mim! — grito, sentindo a garganta arder. — Por favor, por favor, acredite no que estou dizendo!

Meu nome é Rosie Vallahar e eu estou sob a guarda de Cruel DeVil! Ele na verdade é meu irmão e

eu preciso voltar para ele!

O homem alto e feio me afasta da médica, segurando-me pelos ombros.

— Voltaremos a conversar quando estiver mais calma — ela diz, dando-me as costas.

Grito ainda mais e tento desvencilhar-me do homem. O outro, também de branco, se

aproxima e eu vejo uma seringa em suas mãos. Grito mais alto e me afasto para o fundo do

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

quarto. Não quero que me coloquem para dormir de novo. Não quero. Não quero. Não quero.

Mas lutar é inútil.

Caminho pelo corredor até o refeitório e sinto os olhos deles em minhas costas o tempo todo.

Atravesso a porta dupla e logo ouço os murmúrios e conversas nas mesas. Acomodo-me em uma

mesa vazia e apoio os cotovelos no tampo de plástico. Suspiro. Tudo está acontecendo rápido

demaís. Tão rápido que mal consigo acompanhar.

Hoje faz dois meses que não vejo Cruel. Nem Agatha. Nem Theo. Nem Cat. Por mais que eu

sinta saudades deles o suficiente para que esse sentimento se transforme em dor física, não há

nada que eu possa fazer a não ser esperar. E fingir. Esperar e fingir que tudo o que me dizem

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

aqui é uma grande mentira.

Os médicos da Casa Appa Para Doentes Mentais acreditam que eu sofro de graves

alucinações e distorço a realidade a ponto de não saber o que é real na minha própria vida. Eles

dizem que meu verdadeiro nome é Eva Mendes e dizem que fui deixada aqui por meus pais, que

já não sabiam mais o que fazer comigo. Eles dizem que estou louca e me mostram imagens da casa

onde supostamente cresci e de lugares que eu supostamente frequentei. Eles dizem que estou

melhorando, pois agora atendo por meu "verdadeiro nome" e que eu logo voltarei para casa.

Mas eu só finjo. Porque eu sei quem eu sou. Meu nome é Rosie Vallahar e eu perdi meus

pais, Adam e Helena, em um incêndio há quase cinco meses. Collumbus DeVil, que supostamente é

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

meu pai verdadeiro, é também pai de Cruel DeVil, o homem que eu amo e que não consigo aceitar

como irmão. Parte de mim é apaixonada por meu amigo metade coreano Theo Baek e a minha

melhor amiga é uma fofoqueira de nome Cat. Uma empregada na casa de Cruel chamada Agatha

é quase uma mãe para mim. Eu adoro desenhar.

Contudo, não posso dizer nada disso a ninguém, porque vão me trancar naquele quarto

vazio e me vestir com aquela camisa de força outra vez. Então eu simplesmente concordo com tudo

o que eles dizem e participo tranquilamente das atividades do hospício — como, por exemplo,

almoçar com os outros internos e fazer as atividades recreativas. Geralmente, eu fico sozinha, mas

quando há médicos e enfermeiros de olho em mim, tento me enturmar com as pessoas que estão

NACIONAIS - ACHERON

realmente doentes e vejo muita coisa. A maioria foi abandonada pela família e possui traumas de

infância. Me corta o coração ver a maneira como são tratados aqui.

— Olá, Eva — minha médica especializada, a baixinha com a prancheta, aproxima-se da mesa onde estou sentada.

Dou um sorriso sereno para ela. Já me acostumei tanto a fingir ser essa Eva, que nem me surpreendo mais com as saudações dela.

— Boa tarde, doutora Susan — digo.

— Como se sente hoje?

Dou de ombros.

— Normal.

Ela puxa uma cadeira e senta-se de frente para mim.

PERIGOSAS

— Normal? Onde estão seus amigos?

— Hoje eu quero almoçar sozinha — respondo.

Ela franze a testa levemente.

— Por quê?

Sorrio.

— Não quero ter que dividir meu frango frito com ninguém — brinco.

Às sextas-feiras, o refeitório serve um frango frito muito bom e eu sempre digo aos médicos

o quanto gosto dele. Só que a verdade é que eu reservo esse dia para ficar sozinha e pensar. Eu

relembro a mim mesma quem eu sou e as pessoas que gosto e articulo meus planos de vingança.

Sim, vingança. Sunsung. Eden. A doutora Susan. Eles não perdem por esperar minha saída daqui.

Porque eu vou sair daqui. Toda a fúria que venho

NACIONAIS - ACHERON

guardando comigo todo santo dia vai finalmente ser colocada para fora. E todos que tentaram me machucar vão se arrepender pelo resto de suas vidas.

Olho para meu reflexo na bandeja de comida, enquanto espero pela minha vez de ser servida na fila. Faz alguns dias que cortaram meus cabelos na altura dos ombros e desde então eles estão mais lisos e escorridos do que antes. Parecem mais claros também, mas talvez seja só impressão minha. A direção da Casa Appa não permite que as mulheres deixem os cabelos crescerem muito, por medidas de segurança — algumas até mesmo têm as cabeças raspadas, mas só quando realmente não conseguem se controlar. Já ouvi rumores de que uma mulher ateou fogo

PERIGOSAS

nos cabelos da outra e que uma vez uma das internas arrancou os próprios cabelos durante um ataque de nervos.

— Vê se não rouba o pedaço maior outra vez — resmunga alguém atrás de mim na fila.

Olho por cima do ombro e preciso levantar o rosto para olhar diretamente para o rosto da

mulher. Ela é muito alta e tem a pele escura e brilhante. Parece uma modelo num ensaio fotográfico

no hospício.

— Perdão?

Ela crispa os lábios e me mede com os olhos.

— Esquece.

Engulo em seco. Que ranzinza.

— Eu tenho observado você — ela diz, mais baixo.

NACIONAIS - ACHERON

— Você não é doida. Por que está aqui?

Franzo a testa, cautelosa.

— O que quer dizer com isso? — pergunto, dando um passo conforme a fila anda.

Ela suspira.

— Não precisa me olhar assim. Eu não sou interna. Servi no exército e vi muita coisa ruim lá,

então me mandaram aqui para uma "recuperação psicológica" — Ela faz aspas com os dedos. —

Sei reconhecer alguém em seu juízo perfeito e você parece bem normal para mim. Qual é o seu nome?

— Eva — respondo, instintivamente. Dou mais um passo na fila.

— Bem, Eva, é bom saber que não estou rodeada

só de gente maluca.

Olho para ela com indignação.

— Não fale assim — digo, soando ríspida. — Essas pessoas só estão doentes. Não é nada

demais.

Ela ergue uma sobrancelha para mim.

— Exatamente por serem doentes que quero que fiquem longe de mim. Eu faria o mesmo se

esse lugar estivesse cheio de pessoas com sarampo.

Reviro os olhos.

— Como veio parar aqui? — ela pergunta.

Todo o meu corpo fica tenso. Olho diretamente para ela, imaginando se toda essa conversa

fiada não é na verdade uma armação da doutora Susan para me avaliar. Ela já fez algo assim

uma vez.

— Eu não... não estava bem — respondo, nem desviar os olhos. — Meus pais não sabiam o

que fazer comigo e me internaram aqui. Agora estou melhorando.

Ela arqueia as sobrancelhas.

— Bom para você.

Chega a minha vez de ser servida e eu peço uma porção extra de frango frito, como

sempre. Volto à minha mesa solitária e começo a comer tranquilamente. A mulher da fila se

aproxima de repente e ocupa a cadeira diante de mim. Fico parada, encarando-a sem esconder

meu desconforto.

— Eu gosto de almoçar sozinha às sextas — resmungo.

PERIGOSAS

Ela me encara e faz careta.

— Azar o seu.

— Ei — protesto. — O que você quer, afinal?

Ela ergue uma asa de frango.

— No momento, quero comer em paz — murmura.

Reviro os olhos e volto a me concentrar em meu frango. Ignoro-a completamente e ela vai

embora assim que termina de comer. Durante o jantar e o almoço do dia seguinte, a situação se

repete e nenhuma de nós duas diz nada uma para a outra e tudo parece bem. Até que, no

domingo, ela não aparece o dia todo. Na segunda, eu a vejo de longe e seu olho direito está

machucado. Ela não volta a se aproximar de mim.

Por algum motivo, isso me incomoda mais do que ter que dividir minha mesa com ela. Decido

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

tirar essa história a limpo e vou falar com ela durante o jantar, na terça-feira, na fila.

— Ei — cumprimento.

Ela olha para mim, engole em seco e me ignora, virando o rosto para o outro lado. Franzo a

testa, surpresa. Após o jantar, ouço o toque de recolher e todas as internas tomam a direção da

ala onde ficam os dormitórios femininos, inclusive eu. Em meus primeiros dias aqui, fiquei isolada em

um quarto vazio, só saía para ir ao banheiro e o único contato que tinha com alguém era através

dos médicos e enfermeiros que vinham me ver, por isso sou grata por agora ter vizinhas.

Caminho pelo corredor seguindo o fluxo de internas que conversam umas com as outras sob

os olhares atentos dos enfermeiros que nos cercam. Do nada, sinto alguém cutucar meu ombro.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Não se vire — sussurra a voz.

Continuo a andar, mas um pouco mais devagar.

— Quem é você, realmente? — a voz pergunta.
Tenho quase certeza de que é a mulher

que veio do exército.

Engulo em seco. Mais perguntas.

— O que quer dizer?

— Eles me disseram para ficar longe de você.
Disseram que você está entre os casos

especiais. Eles... eles bateram em...

Olho para ela por cima do ombro ligeiramente. Seu
olho está mesmo machucado. Mas... por

quê? Isso aqui é uma casa de recuperação para
pessoas com doenças mentais, por que eles

bateriam em uma paciente?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Quem fez isso com você? — sussurro.

— Olhe, eu não sei quem você é ou quem essa gente pensa que você é — ela soa ríspida

—, mas não quero me meter em confusão.

— Quem fez isso com você? — repito.

Ela hesita.

— Foi um enfermeiro alto.

Arregalo os olhos. Só há um enfermeiro alto aqui e ele é um dos responsáveis por mim. Olho

para ela, alarmada.

— Qual é o seu nome? — pergunto.

Ela hesita outra vez.

— Helena.

Engulo em seco. É o mesmo nome que o da minha mãe.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Precisamos conversar sobre isso — digo. —
Encontre-me no banheiro feminino daqui a
uma hora.

— Eu disse que não quero me meter em encrenca,
você é surda? — Helena rosna.

Vejo um dos enfermeiros olhar para nós duas.
Disfarço, misturando-me com outras internas e
logo perco Helena de vista.

Chego ao meu quarto, que é minúsculo comparado
ao que eu tinha na casa de Cruel, e me

enfio debaixo das cobertas. Em vinte minutos,
todas as luzes serão apagadas e os enfermeiros que

passarem para me checar precisam acreditar que
estou dormindo. Costuma haver vigias cuidando

dos corredores durante a noite, mas nas noites de
sexta-feira eles chegam mais tarde porque

ficam jogando pôquer na sala de vigilância — sei

NACIONAIS - ACHERON

disso por causa das minhas várias tentativas de fuga discreta. Só espero que Helena atenda meu pedido de me encontrar no banheiro. Preciso de algumas respostas.

Há algum tempo eu tenho notado que certos médicos e enfermeiros me tratam de uma maneira diferente, me observando e me tratando com rigidez. De início, pensei que fosse porque a doutora Susan tem uma implicância inegável comigo, mas depois do que Helena me contou no corredor... não sei. Para falar a verdade, se Sunsung e Eden estivessem me monitorando esse tempo todo, eu não ficaria surpresa. É até meio óbvio que eles façam exatamente isso.

Depois que tudo fica em absoluto silêncio e as luzes se apagam, deixo o quarto sorrateiramente e vou ao banheiro feminino. Mês

passado eu costumava me esconder em uma das cabines e chorar a noite inteira.

Espero Helena por vários minutos, até ficar preocupada. Quando ela finalmente aparece, me assusta.

— Seja rápida — sussurra, apoiando uma das mãos na pia do banheiro quase sem luz

alguma. Suspiro.

— Preciso saber o que disseram a você sobre mim. Por que pediram que se afaste?

Helena range os dentes.

— Eles me perguntaram o que eu queria com você e eu respondi que você parecia ser a

menos louca daqui — ela responde, dando de ombros. — Então me disseram para deixá-la em

paz, porque tinha gente de fora muito poderosa

PERIGOSAS

olhando por você.

Cerro os punhos. Sung e Eden. Eu sabia.

— Eu disse que não estava nem aí para quem você é e que só queria conversar com

alguém. E um dos enfermeiros me deu um soco — Helena olha para mim com raiva. — Por que

você acha que ele fez isso?

Franzo a testa.

— Posso confiar em você? — pergunto, já sabendo que posso.

Helena me olha com desprezo.

— Você tem muita atitude para uma garota do seu tamanho. Qual a sua idade? Quinze?

— Posso confiar ou não? — insisto.

Ela suspira e desvia o olhar.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Sabe por que me mandaram para cá? — Helena murmura, como se estivesse falando

sozinha. — Porque eu matei duas de minhas companheiras de batalhão. Fui insubordinada. Isso

tudo não passa de uma punição porque meu psicológico está todo ferrado. Não sou exatamente o

tipo de pessoa em quem você pode depositar sua confiança tão facilmente.

Cruzo os braços.

— Por que você as matou?

Helena me encara com um olhar duro e sei que ela está revivendo mentalmente as mortes

de suas companheiras.

— Elas me pediram. Foi uma situação excepcional.

— E não disse isso às pessoas que mandaram você para cá?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ela ri com sarcasmo.

— Os motivos não importam. Eu matei. Eu desobedeci ordens. O que é isso, você me chamou aqui para uma terapia?

Engulo em seco.

— Meu verdadeiro nome é Rosie Vallahar e eu vim para cá porque meus sequestradores

resolveram me trancar aqui. Os dois são pessoas poderosas e sem dúvida estão de olho em mim.

Você é a primeira pessoa a quem digo isso nos últimos dois meses, porque todos dizem que estou

maluca ao alegar essa verdade, então, por favor, preciso que não conte o que ouviu aqui a

ninguém.

Helena não parece nada chocada. Ela cruza os braços também e me encara.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Por que está me contando isso?

Abro um sorriso.

— Você é do exército. Você sabe algumas coisinhas sobre lutar e fugir de ambientes super

vigiados, não sabe?

Helena joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada muda.

— Tem certeza de que não é maluca também?

— Não haja como se uma fuga nunca tivesse passado pela sua cabeça — ralho.

— Você quer que eu te ensine a lutar? Olhe só para você!

— Não é uma questão de querer — rosno, assumindo uma postura mais ríspida. — Eu

preciso sair daqui. Eu tenho contas a acertar com algumas pessoas e você pode me ajudar.

NACIONAIS - ACHERON

Helena suspira, baixando a cabeça.

— Eu quero ficar longe de problemas, garota.

— Eu também queria — digo, sentindo um aperto no peito. Penso em tudo o que eu poderia

ter evitado se simplesmente não tivesse ido com Cruel àquele maldito evento. — Mas não é como

se tivéssemos escolha, certo? Os problemas nos encontram.

Ela suspira e apoia as duas mãos na pia. Murmura coisas para si mesma por vários

segundos.

— Eu... — começa. — Eu só vou te ensinar algumas táticas de defesa pessoal. Não vou me

envolver em seus planos de fuga e nem nessa confusão toda em que você está metida. Vou ajudá-

la, se você me deixar fora disso.

PERIGOSAS

Mordo o lábio. Sinceramente, eu queria uma companheira de fuga. Mas isso é melhor do que nada. Estendo a mão para ela, para selarmos o acordo. Helena me encara e aperta minha mão, assentindo uma vez. De repente, um alarme escandaloso soa, assustando a nós duas e luzes vermelhas começam a piscar no corredor. Eu conheço esse alarme, apesar de nunca tê-lo ouvido pessoalmente.

— Que barulho todo é esse? — Helena grita, cobrindo as orelhas.

Um misto de sentimentos me atinge. Eu não devia permitir que isso acontecesse, mas uma onda de expectativas me atinge e meus dedos das mãos começam a tremer. Porque esse é o alarme de invasão. Quer dizer que alguém de fora acaba de entrar aqui dentro.

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 45

Puxo Helena pelo braço e nós duas deixamos o banheiro apressadamente. Luzes vermelhas

piscam intensamente sem parar e alguns enfermeiros cruzam nosso caminho e trombam na gente —

mas não parecem se importar conosco. Seguimos pelo corredor e eu avidamente procuro o hall

principal, que é o mais próximo da saída que já consegui chegar.

Minha garganta está apertada e meu coração martela em meus ouvidos. Será que

finalmente...

— Ei, vocês!

Helena e eu olhamos para trás ao mesmo tempo e vemos um trio de vigias correr em nossa

direção. Eles têm aquelas armas de choque nas

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

mãos e parecem furiosos. Helena me empurra

para frente, para continuar correndo, e nós seguimos pelo corredor que não parece ter fim.

Dobramos uma esquina, atravessamos as portas duplas e chegamos à sala de espera para

visitantes que nunca chegam. O lugar também brilha em vermelho, mas está vazio. Ouço os passos

dos vigias e puxo Helena comigo para nos escondermos atrás do balcão de atendimento. Estamos

a pouco menos de vinte metros da porta que dá para o hall principal. Meus pés coçam de vontade

de correr até lá.

Os vigias chegam à recepção e eu os ouço xingar e conversar entre si. Eles derrubam coisas

e deixam o lugar na mesma velocidade com que chegaram. Viro-me para Helena.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Alguém de fora entrou aqui — digo, arfando. — Não posso afirmar, mas... talvez seja...

— Seu resgate? — ela adivinha, olhando-me com frieza.

Engulo em seco.

— Eu tento não criar expectativas — respondo.

Helena dá um sorriso irônico.

— Não existe isso de resgate, garota. Ninguém nesse mundo é realmente responsável por

você a não ser você mesma. Resgate-se.

Cerro os punhos.

— Se tem algo que eu realmente tenho feito durante esses últimos dois meses presa nesse

inferno, foi cuidar de mim mesma. Mas sei que tenho pessoas que se importam comigo lá fora. É tão

NACIONAIS - ACHERON

ruim assim querer que venham me tirar daqui? É tão ruim querer ser salva?

Helena desvia o olhar.

— Não passa de ilusão — Ela sacode a cabeça, com uma expressão séria e pesada. —

Quando você realmente precisa, eles... eles nunca estão lá.

Nesse instante, um estrondo ensurdecedor ecoa do corredor e nós nos deitamos no chão,

cobrindo a cabeça. Parece... parece uma explosão.

— O que foi isso? — arquejo.

Há muita poeira e fumaça na recepção agora.

— Explosivos — responde Helena, categoricamente. — Eu reconheceria esse som em qualquer lugar.

Levanto-me do chão devagar e ela me puxa de

volta.

— Está maluca? — grita. — Fique abaixada! Não sabemos o que está acontecendo!

De repente, o alarme para. Tudo fica quase completamente escuro e eu ouço mais sons de

explosivos, mais baixos que o primeiro. O que é que está acontecendo aqui, afinal?

— Venha — Helena começa a se arrastar para fora de nosso esconderijo.

Eu a sigo. Não parece haver ninguém por perto e os barulhos estranhos cessam. Nós ficamos

de pé e corremos para o hall principal como se nossas vidas dependessem disso — e, de certo

modo, dependem. Assim que atravessamos as portas duplas, nos deparamos com os vigias e

enfermeiros espalhados por todo o lugar, portando armas de choque e cassetetes. Eles notam

PERIGOSAS

nossa presença e eu me sinto a maior idiota do mundo por deixar que isso aconteça. Viro-me para gritar para que Helena corra, mas ela me puxa pela gola de minha camisa e me empurra contra as portas, de volta à recepção.

— Corra! — Helena grita, olhando para mim por cima do ombro. — Estou logo atrás de você!

Encaro-a, surpresa, e a vejo balbuciar algumas palavras que não entendo. Não hesito e

levanto-me do chão, correndo mais do que achei que conseguiria. Volto ao corredor e vejo

paredes destruídas, muita fumaça e poeira e fios elétricos soltando faíscas. Viro-me para ver se

Helena está atrás de mim, mas não a vejo. Cerro os punhos. Eles a pegaram. Droga, eles a

pegaram. Sem pensar muito coerentemente, dou

NACIONAIS - ACHERON

meia volta e corro para onde acabei de sair. Espio por uma fresta na parede destruída a tempo de ver Helena ser jogada no chão, de joelhos. Está cercada pelos vigias. O enfermeiro alto e feio está lá também. Entro em desespero. O que eles farão com ela? O que eu faço para impedir?

— Você não aprende mesmo, não é? — ouço o enfermeiro dizer à ela. Ele sorri como um maluco e tira algo do bolso do macacão branco.

Minha garganta se fecha, assim que vejo o que é. Não, não, não, não. Por que um enfermeiro tem um revólver? Ele aponta a arma diretamente para a testa de Helena, que não demonstra temor algum. Ela o encara diretamente nos olhos com uma expressão tão forte e corajosa que o deixa sem graça.

PERIGOSAS

— Qual é, vai olhar assim para mim? Vai mesmo? Quer que eu estoure a sua cabeça?

— Senhor... — um dos vigias tentar argumentar, visivelmente incomodado com a situação.

O enfermeiro aponta a arma para ele, que se afasta imediatamente.

— Não tente bancar o santo agora, Brett — Ri o enfermeiro. — Você também é parte disso.

— Eu... eu não quero mais... ferir essas pobres pessoas...

O enfermeiro arqueia as sobrancelhas e abre um sorriso ainda maior e mais assustador.

— Ah, não quer? Você não quer?

— Não — responde o vigia, trêmulo.

— Muito bem.

O enfermeiro dispara dois tiros contra ele, que cai como um boneco quebrado no chão.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Todos os outros vigias dão passos para trás, atordoados. Noto que lágrimas grossas escorrem dos

meus olhos e que minhas mãos tremem tanto que parecem que vão quebrar. Que tipo de monstro é esse homem para matar alguém a sangue frio?

Vejo que Helena permanece encarando-o fixamente, sem nem mesmo tremer. Por um

segundo, penso tê-la visto olhar de soslaio para mim e sorrir, mas deve ser só minha imaginação. O

enfermeiro volta sua atenção para ela e aponta a arma para sua cabeça novamente. Quero fazer

alguma coisa, quero impedir que ele a machuque, mas o que eu posso fazer? O que eu devo fazer

para salvá-la?

— Você devia ter me obedecido — cantarola o enfermeiro.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

E dispara. O corpo de Helena cai para o lado, mole e sem vida. Cubro meus ouvidos e grito,

sentindo uma onda de angústia e culpa tomar meu corpo. Sinto mãos me puxarem pelos ombros e

tento me esquivar com socos e chutes até o estranho me virar e me obrigar a olhar para ele.

Arregalo os olhos e fico completamente paralisada. Então abraço-o com força pela cintura e choro

tanto que acho que meu coração vai sair pela boca.

— Shhh... shhh — Seus braços me envolvem com força.

— É... você... de verdade? — Soluço como se estivesse tendo uma convulsão.

Ele passa um dos braços por trás de meus joelhos, me tirando do chão. Olho para seu rosto

sujo, mas reconhecível. Ele esforça-se para sorrir, mas vejo que está preocupado.

NACIONAIS - ACHERON

— Sim, Chihuahua — diz. — Sou eu de verdade. Vamos sair logo daqui.

Abro os olhos, assustada e sem saber onde estou. Então as memórias voltam todas de uma vez e eu sinto um aperto doloroso no peito ao mesmo tempo em que um alívio enorme relaxa meu corpo. Estou agora enrolada em um cobertor quente e aconchegante, deitada no banco de uma cabine de trem. No banco de frente para mim, Theo está dormindo sentado, com a cabeça apoiada na janela. Cubro meu rosto com as duas mãos e choro. Por Helena. Porque eu finalmente consegui sair daquele lugar maldito. Porque Theo veio me buscar.

Lembro-me de uma de nossas conversas durante um dia no almoço. Estranho como sempre,

PERIGOSAS

Theo me perguntou o que eu faria se ele de repente desaparecesse do nada, sem deixar rastro

algum. Eu brinquei e disse que daria uma festa e ficaria feliz por não ser mais seguida para todos

os lados. Ele deu risada e disse que, se a situação fosse inversa e eu desaparecesse, ele me

encontraria de qualquer forma.

E ele me encontrou. De alguma forma, Theo realmente me encontrou.

— Você é uma chorona, sabia? — ouço-o resmungar, ainda de olhos fechados. — Tem gente aqui querendo dormir.

Soluo e sento-me no banco acolchoado.

— Eu...

— É, eu sei. Você está grata e tudo o mais.

— Deixe-me agradecer direito — digo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Theo abre os olhos, mas não se mexe. Encaro-o, sentindo meus olhos encherem-se de

lágrimas outra vez.

— Muito... muito obrigada por...

Ele revira os olhos e suspira, vindo sentar-se do meu lado. Apoio a cabeça em seu ombro e

choro tudo o que tenho para chorar. É um choro de tristeza, de alívio, de receio, de medo, de

gratidão...

— Não consigo nem imaginar o que você passou lá dentro, Chihuahua — Theo murmura. —

Mas acabou.

Fungo, enxugando o rosto com as costas da mão.

— Como... como você me encontrou? Como conseguiu me tirar de lá?

Ele hesita.

NACIONAIS - ACHERON

— Eu conto depois. Não é muito agradável.

Olho para ele, tão feliz por ver um rosto conhecido que tenho vontade de sair saltitando.

Feliz por ter certeza de que eu sou eu e que todos aqueles médicos cretinos estavam errados. Feliz porque eu sou mesmo Rosie Vallahar.

Theo e eu desembarcamos em uma estação ferroviária lotada de gente. Fico completamente maravilhada ao ver que flocos de neve flutuam ao nosso redor, indicando a chegada de uma nevasca. Enrolada no cobertor quente, paro de andar e começo a observá-los voando para todas as direções até pousarem no chão e derreterem.

— Chihuahua? — Theo me chama, alguns passos à frente.

Eu o sigo e nós chegamos ao saguão principal, onde há ainda mais pessoas andando de

PERIGOSAS

uma lado para o outro, com malas crianças no colo.

— Por que está tão agitado por aqui? — pergunto.

— O que quer dizer? — Ele me olha de lado. — Hoje é véspera de Natal.

Paro abruptamente, pega de surpresa. Theo para também.

— Natal? — murmuro. — Eu realmente fiquei lá por tanto tempo?

Theo apoia a mão em meu ombro e suspira.

— Vamos.

— Aonde estamos indo?

— Deixar você segura — Ele passa o braço por meus ombros e me puxa com ele para

seguirmos andando.

Assim que deixamos o saguão, Theo me conduz a um estacionamento subterrâneo e abre a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

porta de um carro com a chave que tira do bolso. O carro é bem comum e nada extravagante

como os de Cruel. Theo entra e, de dentro, abre a porta do passageiro para mim.

— Entre aí.

— Você vai me levar para a minha casa? — pergunto, entrando no carro.

Theo liga o veículo.

— Sua casa? — ele diz, com certa ironia. — Sua casa não foi reduzida à cinzas?

Olho para ele. Como?

Theo me encara, sem sombra de humor no olhar.

— Não precisa mais ficar inventando irmãos falsos e desculpas vazias, Chihuahua. — Ele

suspira, apoiando as duas mãos no volante. — Eu sei quem você é.

NACIONAIS - ACHERON

Engulo em seco.

— Como descobriu?

— É uma longa história.

— Não é como se eu estivesse com pressa — rebato.

Theo suspira e manobra o carro para sair do estacionamento. Ele dirige em silêncio por

vários minutos e eu não o pressiono a dizer nada. Estou muito ocupada olhando para a paisagem

lá fora, semi coberta de neve.

— Você... — Theo começa a dizer, baixo. — Você foi dada como morta há uns dois meses

— Ele não olha para mim. — Depois que desapareceu daquela festa na casa de campo, o

Presidente da companhia DeVil procurou por você feito um maluco. Uma semana depois,

encontraram seu corpo na beira da estrada. Estava... estava muito... difícil de reconhecê-la... Mas o

Presidente reconheceu. Você estava usando um anel.

Rapidamente, olho para o dedo em que Cruel colocou o anel de noivado, após me pedir em

casamento no meio da estrada. Eu me esqueci completamente disso. Como pude? E como... como

assim, encontraram meu corpo?

— Todos ficaram muito atordoados e até mesmo os jornais cobriram o caso — Theo

continua. — Como o seu suposto corpo estava bastante danificado, não havia como saber o que

fizeram com você antes da sua morte e isso mexeu muito com as pessoas... — Ele faz uma pausa e

dobra uma esquina. — Em nossa escola, a comoção foi geral. Eles até penduraram um retrato seu

PERIGOSAS

no mural principal e eu tive que ficar olhando para aquela coisa todos os dias...

Engulo em seco, sentindo um aperto no coração. Sung e Eden forjaram minha morte e me

esconderam num hospício? Por quê? Se seu objetivo era se livrar de mim, por que simplesmente não

me mataram? E se eu estou viva e bem, de quem é o corpo que encontraram na estrada?

— Isso é aterrorizante. — sussurro.

Theo me olha de soslaio.

— Explique-me... como você me encontrou — peço, sentindo um nó na garganta.

Ele dá um longo suspiro.

— Vou explicar, assim que chegarmos.

Abraço-me, pensando em Cruel. O que ele deve ter passado nesses últimos meses? Será que

NACIONAIS - ACHERON

se culpou? Será que sentiu mesmo minha falta? O que ele fez esse tempo todo? Será que tem se

alimentado direito? Tem ido ao trabalho sem se atrasar?

Theo estaciona o carro na garagem de um pequeno apartamento de dois andares feito de

tijolos vermelhos. Nós descemos do carro e adentramos o lugar. Logo noto que Theo está muito

familiarizado com todas as portas e cômodos, como se conhecesse cada centímetro do apartamento

como a palma de sua mão. Ele me instala em um quarto simples no segundo andar e me entrega

uma bolsa de pano com roupas.

— Tome um banho e fique agasalhada. Estarei lá embaixo fazendo alguma coisa para

comer.

Durante o banho, quero chorar, mas não consigo.

NACIONAIS - ACHERON

Estou completamente pasma e apavorada

com tudo o que Theo me contou, mas minhas emoções parecem não querer se manifestar. Então eu

simplesmente tomo meu banho em silêncio. Visto calças e uma camiseta muito maiores que eu e me

agasalho com um moletom azul escuro. Olho para os tênis brancos genéricos que são minha única

memória palpável de meu tempo na Casa Appa. Eu os calço. Deixo o quarto e me deparo com o

corredor curto que dá para a escada de madeira — que, por sua vez, leva ao primeiro andar.

Vejo pequenos quadros em uma das paredes, mas nenhum deles é de Theo. Eles retratam uma

jovem asiática e bonita e um rapaz loiro vestindo uniforme do exército. Eles parecem felizes e

apaixonados e, por algum motivo, me são muito familiares.

De repente, começo a ouvir música. Não qualquer música, mas música muito bem tocada no piano.

Curiosa, deixo os quadros na parede e desço as escadas, seguindo o som da música até

uma porta entreaberta. Olho através da fresta e vejo Theo sentado diante de um piano de

madeira, os dedos voando nas teclas como se a música os fizesse ganhar vida própria. Ele parece

muito mais sério e adulto enquanto toca e há tanta intensidade em seu olhar e em seus movimentos,

que, por um momento, sinto-me emocionada. Até que ele para, suspira, organiza algumas partituras

e então se dá conta de que estou aqui.

— Chihuahua — Seu rosto fica muito vermelho e ele se coloca de pé. —, há quanto tempo

está aí?

Abro a porta completamente e me apoio no batente.

— Por que nunca me disse que é um prodígio no piano? — pergunto, cruzando os braços.

Theo desvia o olhar, constrangido.

— Não é como se fosse grande coisa...

— É esse o caminho que você resolveu seguir, que deixou seu pai tão furioso? — pergunto,

lembrando-me de uma conversa que tivemos sobre o família dele.

Theo parece surpreso.

— Você... você se lembra disso?

Assinto.

— Você quer seguir carreira na música? É isso?

Theo morde o lábio e suspira, assentindo.
Aproximo-me dele e sento-me ao seu lado no

banco de frente para o piano. Olho de lado para ele.

— Você tem um dom incrível. Sabe disso, não sabe? — digo. — Não importa o que digam,

você deve investir nisso.

Theo apoia os cotovelos nas teclas e esfrega a testa com uma das mãos.

— É. Acho que está na hora de eu contar toda a verdade a você.

Franzo a testa.

— Sobre como você me encontrou?

— Sobre tudo.

Viro-me para ele, dando-lhe toda a minha atenção.

— Eu sabia tudo sobre você antes mesmo de conhecê-la — Seus olhos fixam nos meus por

um instante, mas logo ele os baixa para as teclas do piano. — Minha independência financeira

PERIGOSAS

dependia de eu me aproximar de você e ganhar sua confiança. Meu papel era cooperar com os

planos do meu pai e, em troca, ele me deixaria livre de todas as expectativas e responsabilidades

que tinha para mim. Era uma tarefa simples: conhecer você e descobrir onde você vivia, quem era

sua família e por que o Presidente DeVil parecia se importar tanto com você. Então eu me transferi

para o seu colégio e grudei em você com a desculpa de que queria um amigo. Relatava todas as

nossas conversas para o meu pai e seus parceiros, como... como um espião... Mas aí as coisas

mudaram. Não me pergunte quando, nem por qual motivo, mas tudo mudou assim que eu conheci

você de verdade e comecei a ficar ansioso para vê-la na escola e para levá-la a lugares

diferentes e ver outras das suas expressões

NACIONAIS - ACHERON

incríveis. Eu queria que você ficasse feliz quando estava comigo e queria que me contasse mais sobre você. — Ele faz uma pausa. Então olha para mim de novo. — Eu parei de contar sobre você ao meu pai. Nós brigamos muito e ele me expulsou de casa "até que eu recobrasse meus sentidos" — Theo faz aspas com os dedos, rindo com ironia.

— Foi aí que ele resolveu contratar profissionais para investigá-la e... bem, eles descobriram coisas ainda mais sérias do que o interesse de DeVil por você. O que descobriram tirou meu pai do sério e ele resolveu tomar uma decisão drástica, mas eu nunca soube qual era. Até ver você na casa de campo aquele dia... Tudo se encaixou. Ele ia se livrar de você.

Coloco-me de pé, um tanto quanto chocada.

— Quem... quem é o seu pai? — balbucio,

encarando Theo.

Ele suspira.

— Creio que você o conheceu na casa de campo.
Ele é o Vice Presidente da companhia

DeVil e seu nome é Otavius. — Theo faz outra
pausa e sei que há mais coisas chocantes vindo. Ele

se coloca de pé e enfia as mãos nos bolsos de sua
calça jeans rasgada. — Ele está por trás de

tudo, Rosie.

Mordo o lábio, dando-lhe as costas. Se Theo me
chamou pelo meu nome, é porque a coisa é

mesmo mais séria do que parece. Otavius. É aquele
homem robusto a quem Cruel me apresentou

na confraternização. Ele pareceu surpreso ao me
ver, mas agora entendo que foi tudo fingimento.

Ele provavelmente já esperava que Cruel me
levasse lá. Ele tinha tudo esquematizado. E eu não

PERIGOSAS

duvido que seus parceiros são Sunsung e Eden, que ficaram encarregados de fazer o trabalho

sujo.

Céus. Isso está mesmo acontecendo? É tudo porque eu, supostamente, sou filha de Collumbus

DeVil? Que provas essa gente tem disso? Como podem me atacar sem mesmo tirar essa história a

limpo? Por que eu seria uma ameaça a eles? O que posso fazer? Volto a olhar para Theo, que

encara as teclas do piano com um olhar morto. Isso me incomoda. Esse tipo de expressão nunca

devia estar em seu rosto.

— Então... — sussurro. — Você me encontrou porque sabia onde seu pai estava me

mantendo presa? — pergunto.

Ele olha para mim.

NACIONAIS - ACHERON

— Não — responde. — Meu pai nunca quis prender você. A ordem era eliminá-la, pelo que eu soube. Os dois parceiros dele não quiseram matar você e forjaram uma morte falsa, com um corpo que roubaram de um necrotério. Um deles, uma mulher, teve a ideia de interná-la em um hospício e apagar você do mapa sem que meu pai soubesse que ainda estava viva. Eu os encontrei e eles me venderam a informação do lugar onde você estava. Depois disso, foi fácil achar você e invadir o lugar com ajuda de alguns amigos do meu pai que serviram no exército. Esses dois estão bem longe daqui agora.

Sinto minhas pernas estremecerem e caio de joelhos no chão. Theo se aproxima de mim, preocupado, e me segura pelos ombros. Sunsung e Eden tinham ordens para me matar. Eles deviam

PERIGOSAS

me matar e acabar logo com tudo isso. Mas não o fizeram. Eles... eles me salvaram? As pessoas

que eu mais detesto no mundo são responsáveis por poupar a minha vida? Cubro a boca com as

duas mãos. Soluços sacodem meu corpo, mas eu não derramo uma lágrima.

— Olhe só para isso — Theo pega minhas mãos e dobra as mangas do moletom, que ficam

muito compridas em mim. — Você é mesmo tão pequena...

Olho para ele.

— Theo, sinto que vou enlouquecer a qualquer momento — sussurro. — Como... como pode

isso tudo estar mesmo acontecendo? Por que comigo?

Theo suspira e segura minhas duas mãos. Ele esboça um sorriso gentil.

NACIONAIS - ACHERON

— Sei exatamente como você se sente. Meu pai é um monstro desgraçado — Ele ri com

amargura. — Mas, ei, você vai superar isso. Vai superar e ficar mais forte para enfrentar tudo o

que ainda vem pela frente.

Mordo o lábio.

— Como tem tanta certeza disso?

Ele sorri de verdade agora.

— Olhe só a quantas coisas você sobreviveu, Chihuahua. Você é praticamente imortal à essa

altura — Ele me dá um soco leve no braço. — Além disso, a partir de hoje, eu não sairei do seu

lado. Vou enfrentar tudo com você, não importa por cima de quem eu tenha que passar.

Encaro-o.

— Você salvou a minha vida, Theo. Como vou

retribuir?

Vejo que a pergunta o surpreende e seus olhos percorrem cada centímetro do meu rosto até

me deixar com vergonha. Ele também fica envergonhado a ponto de enrubescer de novo. Então

bagunça meus cabelos e se coloca de pé.

— Fique do meu lado. E me deixe ficar do seu — ele diz. — Não peço nada além disso.

Capítulo 46

Theo definitivamente não é muito bom na cozinha, pois queima a lasanha pronta que estava

no forno e nós somos obrigados a encomendar comida pronta em plena véspera de Natal.

É quase surreal estar aqui com ele. De instante em instante eu me pego esperando acordar

naquele quarto apertado da Casa Appa, com

NACIONAIS - ACHERON

enfermeiros me olhando feio e me dizendo que estou louca. Ir para lá me fez tanto mal que me pergunto se não fiquei realmente louca — nem que só um pouco. Assim que Theo me contou sobre seus motivos para se aproximar de mim e sobre seu pai, senti como se o chão sob meus pés tivesse desaparecido. Eu passei a confiar muito nele conforme passávamos os dias juntos, e não queria que fosse tudo mentira. Não queria perder meu único amigo.

— Sinceramente — ele começa a dizer, enquanto desembramos a comida que acabaram de entregar —, eu achei que você ficaria magoada comigo.

Coloco dois pratos na mesa e olho para ele.

— Por qual motivo, exatamente?

Ele suspira.

— Bem, não é como se eu tivesse as melhores intenções quando nos conhecemos. Eu não queria ser seu amigo, eu queria espionar você.

Cruzo os braços, assentindo.

— Hum — murmuro. — E isso importa agora?

Ele hesita. Franze a testa e me olha, confuso.

— Realmente não está nem um pouco brava comigo?

Suspiro.

— Você quer que eu grite e bata em você? Vai se sentir melhor se eu fizer isso?

Theo faz careta.

— Como se você soubesse bater em alguém...

— Ei — rosno —, eu joguei Cindy no chão, caso

não se lembre.

— Cindy não conta, ela é muito magra.

— Não vou gritar ou bater em você — digo. — É Natal.

Theo apoia as duas mãos na mesa, fitando os pratos. E dá um longo suspiro.

— Me desculpe — Ele me encara, sincero. — Você é a única pessoa que posso chamar de

amiga. Mesmo que não tenha começado com sinceridade, hoje... hoje as coisas são diferentes.

Ando até ele e dou dois tapinhas no topo de sua cabeça. Sorrio.

— Não precisa se desculpar.

Theo afasta a minha mão e reclama que está com fome. Nós nos sentamos e comemos rindo

e brincando, como se estivéssemos no refeitório da escola. Ele me conta sobre como as coisas

ficaram esquisitas lá quando eu desapareci. Diz que Cat chorava pelos cantos e que as pessoas

falavam sobre mim com pesar nos corredores. As redes televisivas e jornais acompanharam o caso

até um mês atrás, quando a polícia parou de fornecer informações sobre a caça ao meu assassino.

Mas há algo que eu estou ainda mais ansiosa para saber.

— Theo...

— Hum? — Ele olha para mim, mastigando.

Baixo os olhos para meu prato já vazio.

— Como... como estava Cruel DeVil na última vez que teve notícias dele? — pergunto, sem

graça.

Theo pousa os talheres no prato e termina de mastigar.

— Eu estava esperando que você tocasse no assunto.

— Ele... estava bem?

Theo sacode a cabeça em negativa.

— As coisas ficaram feias na companhia após um certo rumor se espalhar. Diziam que DeVil

não é o verdadeiro herdeiro do falecido Collumbus e várias histórias sobre a infidelidade de

Cassandra DeVil também começaram a ganhar força. Pelo que eu entendi, as ações da empresa

caíram muito e o pessoal começou a exigir que DeVil deixasse a presidência.

— Ma-as... eles... eles não têm esse direito! — fico inconformada. — Cruel tem um

testamento provando que Collumbus deixou toda a herança para ele!

Theo dá de ombros.

— Meu pai foi o primeiro a apoiar a saída dele da empresa. Acredito até que Otavius

tenha sido responsável por espalhar esses rumores.

— E o que aconteceu?

— As coisas ficaram feias o suficiente para terminarem num tribunal.

— Não acredito — rosno.

— Os advogados analisaram o testamento e alegaram que, se Crue DeVil fosse mesmo filho

de Collumbus, não haveria uma "cláusula" exigindo que ele se casasse para então receber a

herança. E, então...

— Então o quê?

Theo olha para mim com receio.

— Ele deixou a empresa — suspira.

Coloco-me de pé num pulo. Não. Isso não está certo. Não podem tirar a companhia de Cruel

com base em meros rumores criados por um monstro como Otavius. Isso não pode estar

acontecendo.

— Cruel não desistiria assim — sibilo, sentindo minhas mãos tremerem de raiva. — A

companhia é a coisa mais importante para ele. Ele não desistiria sem lutar, Theo...

Theo levanta-se e recolhe os pratos, levando-os para a pequena pia.

— E ele lutou — diz, olhando para mim por cima do ombro. — Mas você estava morta, o

que queria que ele fizesse?

Franzo a testa para ele.

— Como você sabe de tudo? Como sabe que Cruel e eu...

PERIGOSAS

— Eu sou um bom espião — Ele sorri. — E tenho dinheiro.

Faço careta.

— Isso é perturbador.

— Se não fossem meus incríveis talentos de James Bond, você não saberia de metade das encrencas em que está metida, Eva Mendes.

Abro a boca, levemente ofendida.

— Não me chame desse jeito. Odeio esse nome.

Theo cruza os braços.

— É bom se acostumar. Esse é o seu nome agora.

— Não é, não.

— Rosie Vallahar foi dada como morta, Chihuahua. Você não pode sair por aí dizendo que esse é o seu nome.

NACIONAIS - ACHERON

Cruzo os braços também.

— Posso sim.

— Não, não pode.

— Não aceito ser chamada de Eva Mendes — Faço careta.

— Devemos mudar seu nome oficialmente para Chihuahua, então? — Ele abre um sorriso.

Pego a caixa vazia de comida pronta que pedimos e jogo nele. Theo gargalha e eu adoro

PERIGOSAS

o som da sua risada. Olho pela janela de relance e vejo flocos de neve caírem aos montes. Dou um grito animado.

— Está nevando!

Theo acompanha minha linha de visão e dá outra risada.

— Você nunca viu neve, Chihuahua?

— É claro que já vi.

Lembro-me como se fosse ontem de minha viagem com Cruel para as montanhas — a causa

de minha perda de memória recente. Lembro-me daquela noite após o meu acidente de esqui,

quando ele finalmente percebeu o que sinto por ele e me disse que eu era a única pessoa capaz

de curá-lo. Se eu era a única, como ele deve estar agora? Sem mim e sem a companhia, o que

NACIONAIS - ACHERON

sobrou de Cruel DeVil? Sinto meu coração doer tanto que volto a me sentar, debruçando-me sobre

a mesa. A cozinha de Theo é pequena, fofa e aconchegante e estar aqui com ele hoje é um

presente de Natal além das minhas expectativas. Mas eu preciso voltar para Cruel.

— Esses sentimentos são complicados, não são, Chihuahua? — ouço Theo murmurar, parado

ao lado da janela. — Desde que eu passei a me importar com você, eu soube.

Olho para ele e ele olha para mim. Meu coração acelera.

— Eu, preciso voltar...

— Eu sei — Ele diz e força um sorriso. — Eu sei melhor do que ninguém sobre toda essa

situação. Vou ajudá-la a voltar para ele, mas, como eu disse antes, as coisas estão diferentes

agora. Rosie Vallahar morreu e toda a herança de Collumbus está nas mãos de advogados que

são controlados pelo meu pai. Se você quer mesmo voltar, precisa fazer o que eu digo.

Franzo a testa.

— O que quer dizer?

Theo esboça um sorriso travesso e cruza os braços.

— Se você é realmente a herdeira legítima de Collumbus que, apesar das tentativas de

assassinato, está viva e bem, precisa recuperar o que é seu.

Arqueio as sobrancelhas.

— Você... você quer dizer que...

— Sim — Ele se aproxima, apontando o dedo indicador para mim. — Vamos acabar com

esse reinado de terror do meu pai. Vamos levar

NACIONAIS - ACHERON

você de volta para Cruel, se é o que você quer.

Vamos fazer você recuperar o que é seu por direito.

— Então eu sou mesmo herdeira de Collumbus —
assinto.

Theo apoia a mão em meu ombro.

— Junte toda a sua raiva acumulada e a sua
coragem, Chihuahua.

Abro um sorriso e digo:

— Vamos virar aquela companhia de cabeça para
baixo.

Theo olha para o relógio na parede. Ele marca
00:01.

— Feliz Natal, Chihuahua.

Eu sorrio. De fato, é um feliz Natal.

Olho para meu reflexo no espelho, sentindo-me estranha. Theo me emprestou dinheiro para comprar algumas roupas — eu insisti que pagaria tudo depois — e todas as que eu comprei são de um estilo muito distante do que eu costumava usar. Hoje visto uma calça jeans muito escura, uma blusa branca e uma jaqueta de couro preta. Pareço ter vinte anos, levando em conta o corte de cabelo que me fizeram na Casa Appa. É a aparência que preciso ter a partir de agora, preciso me comportar como alguém que retorna para tomar o que é seu por direito e tirar toda essa história confusa a limpo.

— Está pronta? — Theo adentra a porta da frente, trazendo um pacote pardo que cheira a café da manhã.

Deixo meu reflexo no espelho e viro-me para olhar

NACIONAIS - ACHERON

para ele. Já faz quase uma semana que

estou vivendo aqui em seu apartamento, mas não é como se Theo ficasse aqui o tempo todo. Como

ele me disse uma vez, é seu costume voltar para casa apenas para dormir. Ele tem sido a melhor

parte de meu dia, pois eu odeio ficar sozinha mais do que tudo agora.

— O que trouxe? — pergunto, seguindo-o até a cozinha.

Theo dá um meio sorriso e tira uma fatia branca de bolo embrulhada de uma forma tão

bonita, que sinto pena de estragar.

— Feliz ano novo — Ele me entrega a fatia e tira outra de dentro do pacote.

— Bolo?

— Uhum. Minha mãe sempre me comprava bolo branco no primeiro dia do ano — Ele

desembrulha a sua fatia. — Diz que faz o ano começar doce e puro. Brega, não?

Sacudo a cabeça.

— De jeito nenhum, parece uma delícia.

Comemos bolo e vamos para a sala discutir os últimos detalhes do que Theo gosta de

chamar de "nossa missão".

— Eles ficarão simplesmente malucos se descobrirem, então você precisa se esconder sob a

identidade de Eva Mendes por enquanto — Ele me instrui, parecendo tão sério que mal o

reconheço.

— Sim — confirmo com a cabeça.

Theo me entrega uma pasta azul com alguns documentos.

— Está tudo aqui. Sua nova identidade, passaporte,

cartas de recomendação, tudo. — Ele

me olha com certa preocupação. — Agora é com você.

Olho para ele, comovida.

— Você é incrível, sabia? — digo a ele.

Theo baixa os olhos e dá um sorriso constrangido.

— Você não deve dizer esse tipo de coisa para mim. — Ele se levanta e pega as chaves de

cima da mesa de centro. — Vamos?

Assinto, sentindo um frio na barriga. O plano é começar por baixo: vou me infiltrar na

companhia DeVil como estagiária por algum tempo, pois Theo insiste que eu tenha alguma noção

de como a empresa funciona, de quais são os pontos fracos e quais são os pontos fortes. Então,

PERIGOSAS

quando chegar o momento certo, revelarei minha verdadeira identidade, vou expor Otavius à

imprensa e contar tudo o que ele me fez. Então vou assumir meu papel como filha legítima de

Collumbus DeVil e encontrarei Cruel, não importa onde ele esteja. Afinal, ele é meu... meu...

Theo e eu vamos de moto até a estação de trem. Viajamos por uma hora e chegamos à uma

cidade maior, onde há aeroporto e de onde vou partir de volta para casa. Antes de embarcar,

Theo me puxa para um abraço, envolvendo meus ombros com seus dois braços. Eu o abraço

também, pela cintura, e suspiro. Nunca poderei retribuir o que ele fez por mim, não o suficiente.

Theo foi o único que não acreditou na minha morte e até mesmo arriscou a vida para me encontrar.

Ele foi o apoio que encontrei quando estava prestes a enlouquecer e me deu agora a chance de

NACIONAIS - ACHERON

voltar para casa e recuperar o que eu nem sabia que era meu.

— Não desapareça — peço, ainda abraçada a ele.

— Esqueceu do que eu disse? — ele brinca, apoiando o queixo no topo da minha cabeça.

— Estarei do seu lado e você do meu. É a minha recompensa.

— É — Sorrio.

Theo me afasta e me olha nos olhos. Há certa melancolia em seu semblante, mas quando ele sorri, fica mais brilhante.

— Vá em segurança.

— Fique em segurança — rebato. — Não se meta em brigas e pare de passar tanto tempo

fora de casa. Você precisa descansar. Pratique piano; eu quero ouvir quando nos encontrarmos

novamente.

Ele revira os olhos.

— Entendi, mãe.

Dou risada. Theo toca o topo de minha cabeça e suspira.

— Vá.

Pego o táxi, já me sentindo em casa, de volta à minha cidade. Sempre pensei no quanto é

inusitado uma cidade tão pequena ter aeroporto e hotéis luxuosos, mas hoje estou grata por isso.

Theo reservou um quarto para mim em um hotel tão chique que parece um sonho. Tenho o prazo

de um mês para ficar hospedada aqui, que é o equivalente ao meu estágio-espião na companhia

DeVil.

Assim que me acomodo em meu quarto, tomo um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

banho e como um pedacinho do bolo

branco que guardei do café da manhã. Vou para a sacada, observar a noite cair devagar, e olho

na direção da estrada que leva para a mansão DeVil. Cerro meus punhos, sentindo meus olhos

ficarem marejados. Nunca pensei que fosse sentir tantas saudades daquele lugar, do qual eu já

chamei de inferno e do qual eu quis muito fugir. Meu peito dói quando lembro do que vivi ali e das

pessoas ao meu redor. Dói quando me lembro de Cruel, porque agora eu lembro de tudo.

Decido ir ao restaurante do hotel, porque só a ideia de ficar muito tempo em um quarto

sozinha me deixa incomodada. Além disso, será bom ficar atenta às fofocas sobre os últimos

acontecimentos na cidade. Procuro uma mesa vazia, mas não muito afastada das outras que estão

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

ocupadas. Eu nunca fui de prestar muita atenção aos assuntos alheios, mas Theo me pediu para

não me envolver com estranhos e passar o mais despercebida possível por onde quer que eu vá,

então é só o que me resta.

Peço meu jantar e logo começo a ouvir as reclamações de uma jovem mulher a respeito no

cronograma de provas da universidade que irá atrapalhar sua festa. Depois entreouço uma mãe e

uma filha discutirem sobre o limite do cartão de crédito. E assuntos assim. Quando servem meu

jantar, paro de prestar atenção aos ruídos ao meu redor e só me concentro na comida maravilhosa

diante de mim. Não é como se a comida pronta que eu e Theo comemos todos esses dias fosse

ruim, mas nada se compara à uma boa comida de restaurante.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

É quando termino de comer que ouço uma voz bastante familiar. Levo algum tempo para

identificar de onde ela vem e, quando finalmente vejo sua dona, congelo completamente. Ann Lee.

Mas que droga. De todos os hotéis da cidade, por que ela tem que se hospedar logo no meu?

— Gostaria de experimentar a sobremesa do dia?
— pergunta o garçom, enquanto retira

meu prato vazio da mesa.

Sacudo a cabeça.

— Ah, não... obrigada. Eu já quero pagar, por favor.

— Como quiser — ele assente e se retira.

Levanto-me da cadeira sem nem sequer olhar na direção de Ann Lee e caminho fingindo

tranquilidade até o balcão para pagar minha conta. Ela não pode me ver aqui. Ninguém que eu

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

conheci antes de desaparecer pode saber que estou viva. Ainda não. Pago a conta

apressadamente e viro-me para tomar o caminho do elevador, mas esbarro com força em alguém.

Tudo parece acontecer em câmera lenta. Olho para cima, vejo seu rosto e quase tenho um ataque cardíaco.

É ele.

Cruel. Eu esbarrei em Cruel. Ele está bonito e está bem vestido e está a menos de um metro

de distância de mim. Cruel está bem. Cruel não está desamparado. Cruel está com a irmã. Cruel

não está na rua.

Antes que eu possa sequer pensar em dizer-lhe qualquer coisa, ele murmura um "perdão" e

se afasta sem nem mesmo olhar na minha direção. Observo-o caminhar até o balcão do

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

restaurante, completamente cabisbaixo, como se não tivesse forças suficientes para levantar a

cabeça. Noto que seus ombros estão tensos e rijos e um vislumbre de seu semblante me faz concluir

que, não, Cruel não está nada bem. Fico sem fôlego conforme as lágrimas chegam e cerro os

punhos. Sem tirar os olhos das costas dele, dou dois passos para trás, sentindo meu coração se

despedaçar. O que eu mais queria no mundo era reencontrá-lo e correr para os seus braços como

se não houvesse amanhã. Mas há o plano que devo seguir. Não posso ser vista. Não podem se dar

conta de que estou viva. Afastar-me dele desse jeito me machuca tanto que acho que vou

desmoronar, e eu tento evitar essa dor correndo para o elevador que me levará de volta ao meu

quarto.

NACIONAIS - ACHERON

Dói deixá-lo assim. Muito. E dói ainda mais saber que Cruel esbarrou em mim e simplesmente não me reconheceu.

Capítulo 47

Ajeito minha camisa verde-água no espelho do elevador e respiro fundo. Estou a caminho

da sala do agora Presidente Otavius, prestes a começar meu primeiro estágio na empresa do meu

verdadeiro e falecido pai. Minhas mãos não param de tremer, porque sei que ficarei frente a

frente com o homem por trás de meu sequestro e tentativa de assassinato. Não posso evitar pensar

em Theo toda vez que seu pai me vem à mente. Como parte do plano, ele precisa estar longe da

cidade para que ninguém desconfie de nosso envolvimento, por isso voltei sozinha. Pergunto-me

como ele realmente se sente sabendo que estou

tramando contra Otavius.

As portas do elevador se abrem e eu vejo um longo corredor diante de mim. Alguns

funcionários circulam por ali, segurando pastas, pranchetas e falando ao celular. Um deles, um

homem de meia idade com um relógio dourado gigante no pulso, se aproxima de mim, parecendo apressado.

— Você por acaso é nossa nova estagiária? — ele pergunta, olhando para mim com desconfiança.

Respiro fundo.

— Sim, sou eu mesma — Sorrio, falando de uma forma suave e esnobe, bem diferente de como eu costumo falar geralmente.

Ele checa sua prancheta.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Senhorita... Eva Mendes? — Vejo seus olhos me avaliando com ainda mais desconfiança.

— Achei que estivéssemos contratando jovens estagiárias, qual a sua idade?

— Tenho dezoito anos — Sorrio outra vez.

Ele arqueia levemente as sobrancelhas e assente.

— A senhorita parece mais velha pessoalmente — murmura. — Acompanhe-me.

Com certeza é a maquiagem. Pesquisei na internet várias formas de usar maquiagem para

parecer mais adulta e comprei roupas que também me fazem parecer mais velha. Tudo isso para

criar Eva Mendes sem traços de Rosie Vallahar. Ou assim eu espero.

Sigo o homem de relógio enorme até uma sala cuja placa dourada na porta dizia Vice

Presidente. Paramos diante dela e eu engulo em

NACIONAIS - ACHERON

seco enquanto ele gira a maçaneta e coloca a cabeça para dentro. Ouço-o dizer algo a alguém e a pessoa lá dentro responde — é uma voz feminina. O homem se afasta da porta e uma mulher alta, de óculos e blazer sai da sala. Ela olha para mim e me cumprimenta com educação.

— Bom dia — diz, apertando minha mão —, você deve ser a nova estagiária, a senhorita

Mendes.

Dou um sorriso genérico.

— Sim, sou eu.

— Meu nome é Marisa e eu sou responsável pelo treinamento de estagiários aqui na

companhia — ela diz. — Você foi muito bem recomendada a meus superiores e estamos ansiosos para efetivá-la após o período de treinamento.

Pronta para começar?

Aqui vamos nós.

— É claro.

Vejo que são quase seis da tarde quando termino de organizar a última pilha de

documentos em ordem alfabética. Hoje faz cinco dias que estou trabalhando na companhia DeVil e

tudo o que tenho feito é organizar arquivos e pastas e servir xícaras de café. Durante a manhã,

recebo treinamento de secretariado e administração de empresas, depois há uma hora livre para

almoço e então eu vou para a ala de estágio, trabalhar no escritório.

Não tive nem mesmo um vislumbre de Otavius durante essa primeira semana. Tudo o que

PERIGOSAS

ouvi foram rumores de funcionários, dizendo que os acionistas e investidores fariam uma reunião

para eleger o Presidente da companhia e que Otavius é um forte candidato, pois possui uma

grande porcentagem de ações na empresa. Isso me deixou aflita. Ninguém fala sobre Cruel e nem

mesmo há indícios de que querem seu retorno. Ele foi um Presidente tão ruim assim? Por tantas

vezes eu o vi passar horas trancado em seu escritório com seus documentos, ir à inúmeras reuniões

e sempre colocar a empresa acima de tudo. Como puderam derrubá-lo com meros rumores?

Arrumo minha mesa pequena, pego minha bolsa, pasta e casaco e deixo o escritório quando

o relógio indica seis horas e dez minutos da tarde. Os outros funcionários também estão desligando

seus computadores e juntando suas coisas, aliviados

NACIONAIS - ACHERON

— afinal, é sexta-feira. Atravesso o corredor
vazio e entro no elevador. Quando as portas estão
prestes a se fechar, alguém coloca o braço
para dentro e elas abrem novamente. Surpresa, olho
para o homem que acaba de entrar e meu
sangue congela: Otavius.

Ele entra no elevador falando ao telefone e parece
não se dar conta da minha presença

ali. Aperto minha pasta contra o peito e fito meu
reflexo no espelho do elevador. Estou inquieta.

Não tem como ele me reconhecer, certo?

— Você é um imbecil, Secretário King — Otavius
vocifera ao telefone. — Sabe o que

acabei de fazer? Tem alguma noção? Eu acabei de
sair de minha sala e não havia ninguém com

meu café e o elevador não estava pronto para mim!
Como pode deixar um absurdo desses

PERIGOSAS

acontecer, seu inútil? Não. Não, eu não quero saber. Se algo assim acontecer novamente, eu vou

rebaixá-lo, ouviu? Rebaixá-lo! Você e aquela cadela da sua esposa terão que encontrar outro

lugar para tirar dinheiro!

Engulo em seco. A forma como ele fala me lembra um pouco da grosseria de Theo.

— E quanto a DeVil? — ele pergunta de repente, atraindo minha total e completa atenção.

— Você tem mantido o olho nele? O quê? Onde? Ora... ele... ele não faria isso. Aquele moleque é

um nada sem o dinheiro de Collumbus. Além disso, a garota está morta e não há nenhum herdeiro

oficial agora. Ligue para meu advogado novamente e pressione-o até que ele aceite minha oferta.

Use chantagem, se for preciso. Sim, seu inútil. Eu sei!

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Cruel perdeu todo o dinheiro? Isso não pode ser verdade. Como... como puderam tirar tudo

dele assim, de repente? Baseados em quê? Por que ninguém fez nada contra isso? Ele é Cruel

DeVil!

Meu sangue, antes gelado de medo, agora ferve em minhas veias como lava ardente. Tenho

vontade de apontar o dedo para a cara gorda de Otavius e xingá-lo de todos os nomes mais

baixos que me vierem à cabeça. Quero esfregar em seu nariz que eu sou a herdeira legítima de

Collumbus e que, embora tenha tentado, ele não me matou. Quero humilhá-lo como ele acaba de

fazer com Cruel e com seu secretário ao telefone. Quero fazê-lo sofrer até implorar por minha

misericórdia de joelhos. Mas ainda não é o momento certo, então eu simplesmente me contento em

NACIONAIS - ACHERON

trincar os dentes e cerrar os punhos com toda a minha força.

As portas do elevador se abrem para o hall de entrada e eu sou a primeira a sair.

— Ei, você! — ouço a voz nojenta de Otavius gritar atrás de mim.

Eu paro, congelada, e meu sangue parece gelo outra vez. Engulo em seco e me viro

lentamente para olhar para ele. Vejo-o se abaixar, pegar algo do chão e caminhar até mim com

uma folha de papel em uma das mãos. Ele me entrega a folha, olhando para mim com uma

expressão bastante amigável.

— Você deixou cair isto — diz.

Ergo a mão e pego a folha de papel rapidamente, para que ele não note o quanto estou

tremendo.

— Obrigada — digo, fazendo muita força para olhá-lo nos olhos. Então viro-me para continuar a andar.

— Espere — ele chama novamente.

Eu paro de andar outra vez e me encolho. Droga. Ele me viu, ele me reconheceu. Eu

estraguei tudo. Otavius caminha até mim e vejo que sua testa está franzida.

— Qual o seu departamento? — pergunta.

— Sou só uma estagiária, senhor — respondo, sem encará-lo diretamente nos olhos.

— Entendo — ele assente. — De certa forma, você me parece familiar...

Dou uma risada forçada.

— O senhor deve ter se enganado — eu digo. — Acabei de me mudar para cá e...

— Já sei — Ele aponta o dedo para o meu rosto e eu quase tenho um ataque cardíaco. —

Aquela modelo que veio da França no ano passado... qual o nome dele? Amy Lee?

— Ann Lee? — o nome escapa de meus lábios antes que eu possa me conter.

Otavius sorri.

— Sim! Exatamente! Vocês são muito parecidas — Ele gargalha. — Por um momento achei

que ela estava aqui na minha companhia, que coisa!

"Sua companhia?", quero perguntar. Mas ao invés disso, eu sorrio.

— O senhor só está sendo gentil. Ela é uma modelo e eu só...

Otavius dá dois tapinhas em meu ombro, deixando-me completamente chocada.

— Ah, não seja modesta, minha jovem. — Ele olha

para o relógio de pulso. — Olhe só a

hora, preciso ir. Passe bem!

Vejo-o se afastar e deixar a companhia pelas portas da frente, completamente congelada

no meio do hall. Acabo de me lembrar de algo tão chocante que acho que minha cabeça vai

explodir. No dia do incêndio que matou meus pais, um homem os visitou antes do desastre. Acredito

que ele mandou aqueles homens incendiarem minha casa depois. Ele era sorridente e rico. Ele

parecia capaz de manipular meus pais.

Como eu não me dei conta disso antes? Aquele homem era Otavius.

— Você tem certeza disso? — pergunta Theo, do outro lado da linha, após um longo minuto

em silêncio.

Assim que voltei para o hotel, saquei o celular e liguei para o número que ele me deu.

Contei-lhe tudo sobre meu encontro com Otavius e sobre minha lembrança dele em minha casa no

dia do incêndio. Agora Theo parece um tanto... chocado.

— Certeza absoluta — digo. — Eu guardei o rosto daquele homem com cuidado, assim que

me lembrei daquele dia. Sabia que era importante.

— Entendo — ele murmura, e posso imaginar a expressão raramente séria em seu rosto. —

Bem, isso... isso é novidade para mim — sua voz treme. — Rosie, eu... eu realmente não sei o que

dizer. Ele é meu pai e...

— Você não precisa dizer nada — interrompo, sentindo meu coração doer por ele. — Theo,

PERIGOSAS

você já fez mais do que o suficiente por mim e eu não quero mais envolvê-lo nisso. Otavius é seu

pai, apesar de tudo o que ele fez. Não precisa continuar me ajudando a derrubá-lo.

— Não comece — Theo rosna. — Esqueceu da minha recompensa? Estou do seu lado.

— Mas...

— Rosie, eu não sou um garotinho iludido que acha que o pai é um super herói — ele me

interrompe, zangado. — Eu sei quem Otavius é, muito melhor do que você. Não fique aí se

preocupando comigo à toa.

Dou um longo suspiro.

— Só estou pensando em como você se sente, tudo bem?

Ele dá uma risada irônica.

NACIONAIS - ACHERON

— Está mesmo pensando em mim ou não quer que a sua consciência fique pesada por estar

armando contra o meu pai?

Abro a boca para retrucar, mas a resposta não vem. Sinto um aperto no peito. Será que é

isso mesmo? Estou tentando afastar Theo para me poupar da culpa?

— Preciso desligar — ele diz. — Vê se se cuida.

E a linha fica muda, antes que eu possa responder.

Caio de costas na cama, perguntando-me o que é que estou fazendo com a minha vida.

Vale mesmo a pena continuar com esse plano maluco bolado por dois adolescentes que querem se

vingar de um homem cretino? Será que todo esse esforço e todas essas minhas tentativas de

manter minha verdadeira identidade em segredo valerão de alguma coisa?

PERIGOSAS

Afasto esses pensamentos e peço serviço de quarto — já que seria arriscado demais ir

comer no restaurante outra vez. Sonho com o rosto sorridente e falso de Otavius entrando pela

porta da frente de minha casa. Em meu sonho, digo aos seus pais que ele é mau, mas eles não

acreditam. Eles dizem que ele é de confiança. Que é amigo. Isso me faz lembrar que eles o

receberam de livre e espontânea vontade naquele dia em casa, o que indica que já o conheciam.

Mas qual poderia ser o relacionamento de meus pais com Otavius? O que ele estava fazendo em nossa casa?

Conforme os dias passam, aprendo muito sobre o trabalho em escritório e sobre como a

companhia funciona. Tenho muitas dúvidas e Marisa — minha supervisora — se esforça bastante

NACIONAIS - ACHERON

para sanar todas elas. Sinto-me produtiva, aprendendo e trabalhando com algo que eu nunca

imaginei ser capaz de fazer. Talvez esteja no meu sangue — e é bem estranho pensar nisso. Vez

ou outra, faço algumas perguntas discretas aos funcionários que trabalham no mesmo escritório

que eu. Sobre a companhia, sobre o que aconteceu nos últimos quatro meses e sobre o escândalo

envolvendo Cruel.

— Admito que sinto falta de vê-lo por aqui — comenta uma das funcionárias, lixando as

unhas enquanto balança em sua cadeira giratória.

— Ele era tão bonito e misterioso, você

precisava ver...

— Como ele foi demitido? — pergunto, como quem não quer nada.

— Ah, o nosso Vice Presidente é muito esperto —

responde um funcionário cuja mesa está

no lado oposto da minha. — Parece que o antigo Presidente deixou um testamento todo cheio de

suspeitas sobre o suposto filho e isso levou o caso ao tribunal. Foi uma confusão.

Assinto.

— Mas, ficou comprovado que o Presidente não é filho legítimo dele?

O funcionário dá de ombros.

— Não sei. Mas ele deixou o cargo, não deixou?

— É mesmo uma pena — a funcionária comenta, suspirando.

E ninguém me dá nenhuma nova informação. Eles nem mesmo parecem lamentar a saída de

Cruel — o que me diz muito sobre como ele comandava isso aqui.

— Eva — Marisa aparece no escritório, parecendo inquieta.

Coloco-me de pé imediatamente.

— Sim, senhora?

Ela faz um gesto para que eu me aproxime e vou até ela rapidamente.

— Preciso que você seja a assistente na reunião de hoje. Pode fazer isso?

Dou de ombros. Fiz algo parecido há uns dois dias sem problema algum. É basicamente

servir café e bolachas para os diretores e investidores enquanto eles discutem sobre lucro e números.

— É claro, eu faço — assinto.

Marisa apoia a mão em meu ombro.

— Mas essa reunião é importantíssima. Os

acionistas e investidores estarão presentes, assim como o Vice Presidente — Ela me dá um olhar de advertência. — Tudo precisa ser perfeito, entendeu? O café, os aperitivos, o seu serviço...

Dou um sorriso confiante.

— Pode deixar, tudo vai sair perfeito.

Isso não deixa Marisa mais tranquila.

— Conto com você, Eva.

Organizo a bandeja de café com aperitivos e equilibro-a em meus braços. Parece que a

reunião vai durar horas, pois estão usando a sala principal e todos os assentos estão ocupados. Um

dos secretários abre a porta para mim e eu respiro fundo antes de entrar. Deparo-me então com

os homens mais importantes encarregados de manter a companhia de meu pai funcionando e não

PERIGOSAS

posso evitar me sentir nervosa. Por sorte, todos estão absortos na discussão e mal notam minha

presença. Vejo outras duas assistentes servindo xícaras de café e copio seus gestos. Quando me

aproximo da cadeira de Otavius, ele acena ligeiramente com a cabeça para mim, mas não parece

me reconhecer — nem da festa na casa de campo e nem daquele dia no elevador. Sirvo seu café,

secretamente desejando ter cuspidido na bebida. Então vou até o próximo assento e sirvo outra

pessoa.

Pelo que ouço, estão discutindo sobre o cargo vago de Presidente. Um senhor de idade

avançada com os dedos cheios de anéis dourados argumenta que é preciso colocar um homem de

fibra à frente da empresa o mais rápido possível. Outro sugere que alguém com uma visão mais

NACIONAIS - ACHERON

moderna e aberta deve subir ao cargo. Otavius opina dizendo que o novo Presidente deve

conhecer a companhia como ninguém. E eles começam a discutir. Termino de servir o último deles,

quando ouço as portas da sala de reunião se abrirem num estrondo. Todos os olhares voltam-se na

direção da figura pomposa que acaba de entrar. Eu mal posso crer no que meus olhos estão

vendo. Por muito pouco a bandeja com ainda duas xícaras de café não escorrega de minhas mãos.

Coberto por o mais extravagante dos casacos de pele, de óculos escuros e com um enorme

sorriso debochado nos lábios, Cruel DeVil entra na sala como se fosse a pessoa mais importante do

mundo. Instintivamente, eu me encolho em um canto, de forma que ele não consiga notar minha

presença ou ver meu rosto.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— O que pensa que está fazendo aqui? — O velho dos anéis coloca-se de pé, zangado.

Outros imitam seu gesto.

Cruel sorri, simplesmente, e tira os óculos de sol.

— O que parece que estou fazendo? Estou chegando para a reunião de escolha do novo

Presidente — Ele ri e é maravilhoso ouvir sua voz outra vez.

Os homens na sala entreolham-se. Alguns parecem impressionados, mas a maioria está com

expressões nada felizes.

— Você perdeu esse direito assim que foi desmascarado — resmunga um deles. —

Collumbus não é seu pai e você não tem nada que opinar aqui, não é seu direito.

Cruel pousa a mão sobre o peito, fazendo-se de ofendido.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Puxa, o que colocaram no café de vocês? Estão tão ranzinzas hoje... — Vejo seus olhos

varrerem a sala até encontrarem Otavius. — Oh, olá, meu estimado Vice Presidente. Otavius o

cumprimenta com quase imperceptível meneio de cabeça. — Querem saber? Senti muito a falta de

todos vocês e de todas essas carinhas amigáveis — Cruel abre os braços, deixando o casaco de

pele cair no chão e revelando um terno incrível e totalmente preto. — Oh, eu ainda estou de luto,

como podem ver, mas fiz um esforcinho extra para estar aqui hoje. Então, por favor, sejam

condescendentes comigo.

Engulo em seco e desvio o olhar para o chão. Cruel está de luto? Por mim?

— O que, exatamente, você deseja aqui? — pergunta Otavius, entre dentes.

NACIONAIS - ACHERON

Cruel sorri para ele como um garotinho travesso e toma uma dos assentos.

— É simples, meu caro Otavius — Cruel pisca —, eu vim ajudar a escolher o meu sucessor.

Apesar de, como vocês disseram, eu não ser o herdeiro legítimo, fui o Presidente da companhia por

tempo suficiente para ser capaz de escolher o meu substituto. — Ele tira um pequeno livro do bolso

da calça. — Está aqui, nas normas da empresa. Eu andei estudando, sabe?

Ouçõ suspiros e resmungos, mas ninguém — nem mesmo Otavius — se opõe ao que Cruel

diz. Meu coração bate tão forte que parece que vai estourar. Preciso sair daqui antes que ele me

veja!

— O que está fazendo? — Uma das duas assistentes se aproxima de mim, sussurrando. —

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Vá servi-lo!

Como é que é?

— Eu? — Arregalo os olhos.

Ela me olha como se eu tivesse ganhado um terceiro olho.

— Você é a única que tem duas xícaras sobrando, vá logo, antes que chamem a nossa atenção!

Antes que eu possa pedir que ela faça isso em meu lugar, a assistente se afasta e não vejo

sinal da outra. Droga. Mil vezes droga. Discretamente, solto meus cabelos para que cubram parte

de meu rosto e caminho cautelosamente até o assento onde Cruel está sentado. Sinto seu cheiro

familiar e meu coração martela em meus ouvidos. Céus, vou explodir. Seguro a xícara e estendo-a

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

para ele. Minha mão treme tanto que tenho que tomar cuidado para não derrubar o café.

— Senhor — sussurro, para que ele não reconheça minha voz.

Cruel vira o rosto para olhar para mim, mas eu desvio rapidamente e olho direto para o

chão. Ele pega a xícara e eu me afasto rapidamente, sentindo minhas veias tão geladas que acho

que vou morrer. Deixo a sala às pressas, tremendo da cabeça aos pés.

Ao menos, consegui vê-lo. Consegui ouvir sua voz e checar se ele está bem. Ele ainda é o

mesmo Cruel arrogante de sempre, mas, vendo-o agora, notei algo em seus olhos que ele não

possuía antes. Parecia... maturidade. E preciso confessar que ele estava completamente maravilhoso

naquele terno.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Eva! — Marisa se aproxima de mim no corredor. Ela me entrega uma pasta marrom. —

Preciso que entregue isso à Leda na sala de arquivos. Sabe onde fica?

Assinto e troco a bandeja pela pasta.

— Você soube? — Ela arqueia uma sobrancelha, falando mais baixo. — O ex-Presidente

DeVil está aqui e todas as funcionárias estão alvoroçadas.

Tento fingir naturalidade.

— É mesmo?

Marisa assente.

— Todas acham que têm uma chance. Ele ainda está solteiro, afinal — Ela dá de ombros.

Sorrio.

— É... Ele está, não está?

NACIONAIS - ACHERON

Capítulo 48

Quando finalmente entrego a pasta à Leda na sala de arquivos, noto que meu expediente chegou

ao fim. Retorno ao escritório e começo a juntar minhas coisas, sem conseguir tirar o que aconteceu

hoje da cabeça. Foi por muito pouco que Cruel não me reconheceu, por muito pouco todo o plano

que Theo e eu arquitetamos não foi por água abaixo e por muito pouco eu não perco tudo. Se eu

tivesse sido descoberta naquela sala hoje, seria o fim.

— Se ele realmente voltar, a secretária serei eu! — ouço uma das funcionárias dizer.

Há quatro delas amontoadas ao redor de uma mesa, dando risadinhas e fazendo

comentários desnecessários.

— Sem chance! — protesta uma outra, de óculos.

PERIGOSAS

— Duvido que ele volte, mas você pode oferecer um tratamento pessoal, não é? — Ri

aquela que vi lixar as unhas.

Todas gargalham, como um bando de hienas. Eu quero ignorá-las e sair sem dizer nada,

mas sinto minhas veias ferverem cada vez que elas o mencionam em suas conversinhas sujas.

— Ele não devia nem ter vindo aqui — digo alto, à caminho da porta.

As quatro olham para mim, como se só agora notassem minha presença.

— Uh, alguém está se fazendo de difícil... — Ri a funcionária de óculos.

As outras riem também.

— Não preciso me fazer de difícil — Cruzo os braços. — Só acho que, se ele não é mais o

Presidente, devia ficar longe da empresa. Está

NACIONAIS - ACHERON

atrapalhando o trabalho de todo mundo.

— Está dizendo isso só porque te pediram para servir o café dele?

Reviro os olhos e dou-lhes as costas, seguindo meu caminho. É inútil conversar com elas.

Parecem um bando de meninas do colegial falando sobre o garoto mais bonito da escola.

Entro no elevador e aperto o botão do primeiro andar ao mesmo tempo em que vejo um

homem caminhar em minha direção, como se quisesse entrar também. Mas ele me vê e para no

corredor. Eu olho para ele e vejo seu rosto ficar pálido enquanto ele me encara, boquiaberto. É

Cruel. Droga, é Cruel!

Aperto o botão para que as portas se fechem e, no momento em que ele está prestes a

alcançar o elevador, elas me obedecem. Caio de

joelhos no chão, com as mãos sobre o peito —

acho vou vomitar o meu coração! — e fico
repetindo a mim mesma que isso não acabou de

acontecer. *Cruel não me viu, Cruel não me viu,*
Cruel não me viu. Talvez ele pense que foi uma

alucinação. Ele pode achar que viu coisas e
esquecer o que aconteceu. Afinal, para ele eu estou
morta.

Chego ao primeiro andar e corro para fora, para
pegar um táxi. Minhas mãos estão

tremendo muito. Quando o táxi finalmente para e
eu abro a porta para entrar, sinto uma mão fria

me puxar pelo braço. De alguma forma, sei que é
ele. Eu sinto. Congelo, sem me mexer um

centímetro sequer, e não me viro para olhá-lo.
Acabou, está tudo arruinado.

Ele me puxa e me vira de frente para ele,

segurando-me com as duas mãos com muita
força. Olho para o chão. *Não me veja, não me veja,
não me veja!* Uma de suas mãos seguram meu
queixo e me obrigam a olhá-lo nos olhos. Só então
me dou conta de que estou chorando e ele
também. Ofegante e de olhos e nariz vermelhos,
Cruel DeVil olha para mim como se fosse a
primeira vez que me visse. Seus olhos não param
de examinar meu rosto e seus dedos apertam
minha pele com força. Então Cruel me encara com
raiva e me sacode, gritando.

— O que é que está acontecendo? — sua voz é
cortante como gelo. — Que merda

significa isso? — Eu soluço, sem dizer nada. —
Vo-você — a voz dele falha e ele baixa a cabeça.

Suas lágrimas pingam na calçada. — É você? É
você de verdade dessa vez? — Seus olhos azuis

PERIGOSAS

encontram os meus e parecem queimar. Cruel me sacode outra vez. — Estou perguntando se é

você!

— Sim! — grito, olhando para ele. — Sou eu. Eu não... não estou... morta...

Ele tira uma das mãos de mim e cobre a boca, dobrando-se para frente.

— Todos... todos os dias... eu a vi todos os dias em alucinações que estavam me deixando

maluco! — Cruel olhar acusadoramente para mim. — Todas as manhãs, todas as tardes e noites...

Não importa o que eu fazia, você estava lá! E nunca era real! Nunca! Como quer que eu acredite

que é você de verdade agora? Como posso ter certeza de que não enlouqueci de vez?

Sacudo a cabeça. Bem, dane-se. Ele já descobriu tudo.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Dessa vez é real, seu idiota. — Puxo-o pela gravata e beijo-o. Um beijo longo e

demorado, cheio de saudade e felicidade. Nossos lábios parecem sentir tanta falta uns dos outros,

que se unem automaticamente. Passo meus braços ao redor do pescoço de Cruel e ele enlaça

minha cintura com os seus abraçando-me. Agora sou eu que duvido que isso seja real. Ele está

mesmo aqui? Ele me reconheceu? Estou sonhando?

Afasto-me dele e dou um passo para trás.

Surpreendentemente, meu táxi ainda está com a

porta aberta, esperando por mim. Olho para Cruel e sua imagem fica embaçada por causa das

minhas lágrimas. Preciso deixá-lo.

— Eu amo você — digo e entro no táxi tão rápido que fico tonta. — Dirija! Dirija! — grito

para o motorista, que obedece imediatamente.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Cruel tenta protestar batendo no vidro da janela, mas logo que o carro começa a andar ele

fica para trás, como uma figura distante. Eu me abraço e começo a chorar muito. Não me

arrependo de tê-lo deixado, mesmo que meu coração pareça estar sendo rasgado. Ficar ao lado

de Cruel agora não será nada bom para mim, não nesse momento. Eu preciso dedicar todo o meu

foco e atenção ao plano. O plano é mais importante. A verdade é mais importante.

Volto ao meu quarto no hotel, tomo um longo banho e tento me distrair assistindo à TV. Mas é

obviamente inútil, pois meu corpo sente tanto a falta de Cruel que não quer colaborar com minha

mente já decidida a ficar longe dele. E logo agora que estou me acostumando à rotina e aos

procedimentos de meu trabalho na companhia... Céus, por que ele teve que aparecer lá hoje? Por

NACIONAIS - ACHERON

que teve que me seguir?

Saco o celular que Theo me deu e ligo para ele, que atende no terceiro toque.

— E aí, Chihuahua? — sua voz parece despreocupada.

Mordo o lábio.

— Estou perdida — desabafo.

— Perdida? Como assim? Onde você está agora?

— Não, não é isso — digo. — Estou perdida no sentido de que não sei o que fazer, Theo.

Hoje, hoje eu vi Cruel na empresa. E ele me viu. Nós nos vimos e agora ele já sabe que estou viva.

Ouçõ Theo arquejar.

— Como é que é? — ele parece bastante surpreso.

— O que ele... Eu podia jurar que ele

nunca mais apareceria lá, Chihuahua. É sério.

PERIGOSAS

— Todos foram pegos de surpresa também.

— E o que ele disse? Ele revelou sua identidade?

Suspiro.

— Não. Nós nos encontramos do lado de fora, então... — Sinto lágrimas inundarem meus

olhos. Sinto tanto a falta dele.

Theo também suspira.

— Então está tudo bem — ele diz.

Franzo a testa.

— Não, não está! — rebato. — Ele vai me procurar outra vez, vai querer anunciar ao

mundo que estou viva e vai atrapalhar tudo o que planejamos!

— Você parece estar numa montanha-russa de emoções hoje, Chihuahua.

NACIONAIS - ACHERON

Fungo.

— Cale a boca.

— Talvez seja bom que ele saiba sobre você, afinal... — Theo diz, de um jeito pensativo.

— Como pode ser bom? — resmungo.

— Você precisa pedir a ele que mantenha distância por enquanto. Há uma maneira de contatá-lo sem ser pessoalmente?

Franzo a testa, pensativa. Então uma ideia me vem à mente.

— Eu estou hospedada no mesmo hotel que a irmã dele. Posso pedir à ela que converse com ele por mim.

— Irmã dele?

Ops. Ah, era um segredo.

— Esqueça — digo. — Posso resolver isso sozinha.

Ouçó Theo dar um longo suspiro.

— Tudo bem. Mas fique sempre atenta e não confie totalmente em ninguém, entendeu? Não

quero ter que ir correndo salvá-la outra vez.

Reviro os olhos.

— Não banque o durão, Theo. Sei que você queria estar aqui, monitorando tudo de perto.

— Quem sabe eu não te faço uma surpresa um dia desses e apareço à sua porta?

Mordo o lábio. Tê-lo aqui seria um alívio, pois eu teria em quem confiar e para quem contar

sobre tudo o que tenho aprendido na empresa. E Theo é mestre em me fazer sentir melhor.

— Faça isso — digo. — Me faça uma surpresa e volte logo para cá. Estarei esperando.

Ele dá risada.

— Se você estiver esperando, não será surpresa, Chihuahua.

— Posso fingir que fico surpresa.

— Por que tenho a impressão de que você é uma péssima atriz?

— Idiota.

— Vá descansar, miniatura de gente. Amanhã ligo para você.

Desligo o telefone sem dizer mais nada e vou direto para a cama. Deito de barriga para

cima, fitando o teto como se ele pudesse solucionar todos os meus problemas. Suspiro. Amanhã

entrarei em contato com Ann Lee e pedirei sua ajuda. Talvez eu confie nela um pouco, depois da

última conversa que tivemos sobre Cruel. De certa forma, ela estava certa, afinal. Ele considera a

companhia algo muitíssimo importante e faria qualquer coisa por ela. Mas, de algum jeito, a maneira como ele me olhou hoje me fez ter certeza de que seus sentimentos por mim são autênticos, mesmo que mal administrados. Meu peito queima com o mero pensamento de que os meus também são verdadeiros.

Preciso ter sucesso no plano e colocar um fim nisso tudo de uma vez por todas. Só assim voltarei para Cruel.

Eu a vejo caminhar graciosamente até uma das mesas do restaurante, usando um vestido rosa esvoaçante e um casaco de plumas — ou seja lá o que for aquela coisa felpuda. Um garçom chega para anotar seu pedido e ela faz gestos esnobes. Sinto-me uma espiã, observando-a por

PERIGOSAS

cima do cardápio da minha mesa. É verdade que Ann Lee e eu não nos demos muito bem nas

outras vezes em que nos encontramos, mas eu espero sinceramente que ela ouça o que tenho a

dizer hoje. O fato de que ela tentou me alertar sobre o temperamento de Cruel naquele dia me

faz querer muito confiar nela.

Afinal, ela é filha da esposa de meu pai, penso, dando-me conta de que não faço ideia de

quem é minha mãe verdadeira. Isso é assustador.

Munida de toda a minha confiança, levanto-me de minha cadeira e caminho até a mesa em

que Ann Lee está sentada, mexendo em um dos brincos. Sento-me de frente para ela, sem

cerimônias e baixo o capuz branco de meu casaco.

Ela olha para mim e arregala os olhos, pega de surpresa.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Céus! — arqueja, colocando-se de pé.

— Olá — digo casualmente.

Ela apoia a mão no peito, olhando para mim com espanto.

— Vo-você... você é um fantasma?

Sacudo a cabeça.

— Negativo. Sente-se, vamos conversar.

Ann Lee franze a testa, hesitante.

— Você está viva... — Dou de ombros. Ela volta ao seu lugar devagar, sem tirar os olhos de

mim. — Meu irmão já sabe? — pergunta, avaliando-me, como se para saber se estou realmente

aqui. — Ela sabe que você está...

— Sim — interrompo. — Ele já sabe e é exatamente sobre isso que vim falar com você.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ann Lee franze a testa de me encara de forma manhosa.

— Você não pode ser a Rosie de verdade —
Aponta para meu rosto. — O que é todo esse

delineador e esse batom? E você cortou o cabelo?
Tem ideia de como Crudy amava seu cabelo?

Dou um longo suspiro, tentando ignorar a última
pergunta que ela fez, e inclino-me para

mais perto.

— Sou eu — sussurro. — Mas agora atendo por
Eva Mendes até que toda essa confusão

termine. Preciso de um grande favor seu.

Ela cruza os braços.

— Você tirou tudo de meu irmão, sabia? — Fuzila-
me com os olhos. — Por causa dessas

fofocas ridículas sobre ser a verdadeira filha de
Collumbus DeVil. Isso nem faz o menor sentido!

NACIONAIS - ACHERON

— Bem, algum sentido deve fazer, já que o tribunal não permitiu que Cruel fique com a

herança — rebato, erguendo uma sobrancelha.

Ann Lee desdenha.

— Até parece.

Sacudo a cabeça.

— Isso não vem ao caso agora. Preciso que você envie uma mensagem a Cruel para mim —

peço.

Ela franze a testa.

— Por que eu?

— Não posso encontrá-lo porque estou escondida — digo. — Ninguém pode saber de

minha verdadeira identidade na empresa, principalmente o Vice Presidente Otavius. Cruel

descobriu por engano que estou aqui e agora eu preciso afastá-lo para que ele não se envolva

ainda mais nisso tudo.

A expressão séria no rosto de modelo de Ann Lee me surpreende. Não sabia que ela era

capaz de fazê-la.

— Então, você quer que eu diga a ele que você me disse para pedir que ele se afaste de

você? — Ela me olha com preocupação. — Tem certeza, Rosie? Você vai... O que você vai fazer

sozinha?

— Não estou sozinha — asseguro. — Diga isso a ele também. Diga que estou bem e que

assim que as coisas forem resolvidas, eu o procurarei para acertarmos tudo entre nós.

Ann Lee suspira.

PERIGOSAS

— Isso não vai dar certo. Se eu contar a Crudy que vi você, ele vai me estrangular até que eu conte onde e quando.

— Mas você não pode! — Trinco os dentes. — Estou fazendo isso porque não quero que

ele perca mais do que já perdeu. Então, por favor, se você tem alguma consideração por ele, dê

esse recado e não diga mais nada.

Apoio meus cotovelos na mesa. Sei que ela está certa. Cruel é terrivelmente determinado

quando quer algo, mas que outra escolha eu tenho?

— Certo — Ann Lee diz, após pensar por alguns segundos. — Mas quero deixar claro que

farei isso por ele, porque ele é meu irmão. Você parecia ser algum tipo de salvação, algo que o

faria melhorar e ser uma pessoa melhor, mas quase o matou quando desapareceu — seus olhos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

castanhos olham acusadoramente para mim, tempestuosos. — Você não tem ideia do que ele teve

que passar e, por mais que eu quisesse ajudar, ele não deixava ninguém se aproximar. Eu nunca vi

meu irmão tão mal, Rosie, nem mesmo quando aquela Serena morreu. Então, considere-se avisada

— Ela aponta o dedo para mim. — Nunca mais faça meu irmão sofrer, ou eu mesma dou um fim em você.

Nesse instante o garçom que vi mais cedo chega com o pedido dela. Ann Lee pega sua

bolsa e se levanta da cadeira, sem tirar os olhos severos dos meus.

— Perdi o apetite — diz ao garçom. E vai embora sem dizer mais nada.

O garçom e eu nos entreolhamos e eu suspiro.

NACIONAIS - ACHERON

— Pode me dar, eu pago por isso — digo a ele.

Como a salada que Ann Lee pediu, sentindo as palavras dela martelarem em minha cabeça

como tijolos. É a segunda vez que fico pensativa após uma conversa nossa e isso me incomoda.

Quer dizer, não é como se eu tivesse desaparecido porque quis. Eu nunca faria nada que pudesse

ferir Cruel, não de propósito. Mas, ainda assim, sinto-me perturbada. Olho para minha mão, para o

dedo onde aquele anel de noivado deveria estar e sinto minha garganta ficar apertada. Sinto

muita raiva. Mais do que senti em qualquer outro momento da minha vida. Eu teria sido feliz com

Cruel nesses quase seis meses em que ficamos separados. Teríamos brigado muito e nos

reconciliado todas as vezes. Nosso relacionamento teria progredido. Nós estaríamos juntos todos os

PERIGOSAS

dias, como sempre. No entanto, Otavius arruinou tudo. Não só partes do meu psicológico, mas um futuro que eu nunca terei. Ele arruinou minha vida por inteiro.

Retorno ao meu quarto, tomo um longo banho e durmo cedo. Tenho sonhos violentos com

enfermeiros da Casa Appa e acordo suando frio. Perco o sono. É quase de manhã, então decido

levantar e fazer uma caminhada enquanto o sol não nasce. Visto-me e cubro a cabeça com um

boné preto que esconde meu rosto quase completamente. Calço tênis e me alongo.

O parque em frente ao hotel é quase um ponto turístico devido aos monumentos bonitos que

um artista estrangeiro fez e deixou expostos aqui, mas agora está vazio e silencioso. Caminho,

sentindo o frescor do início da manhã renovar minhas forças. Ouço meu celular tocar e vejo o

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

nome

de Theo brilhar no visor.

— Alô?

— Tenho duas grandes notícias, Chihuahua — ele diz, com animação. — Está sentada?

— Está muito cedo para me ligar — resmungo. — Que notícias?

— Estou aqui — Ele ri.

Arqueio as sobrancelhas.

— O-o quê? Você voltou?

— Você ia morrer de saudades se eu demorasse muito.

Sorrio involuntariamente.

— Onde você está agora?

— Shh. Confidencial.

NACIONAIS - ACHERON

— Diga de uma vez — resmungo.

— Estou na delegacia de polícia, mas dessa vez não é porque me meti em encrenca. Na

verdade, acho que é a primeira vez que venho aqui por livre e espontânea vontade...

Dou risada.

— Qual a outra grande notícia? — pergunto-me, sentando em um dos bancos de concreto

do parque.

— Está sentada agora?

Reviro os olhos.

— Estou, diga logo.

— Certo, certo. Anunciaram hoje um evento empresarial onde os representantes das maiores

companhias da região vão se encontrar para falar de um projeto beneficente que eu não entendi

muito bem. E adivinha quem vai representar a companhia DeVil?

— Otavius — digo sem pestanejar.

— Exato — posso quase ouvir uma risada em sua voz. — O evento será transmitido para a

televisão, Chihuahua. É o momento perfeito.

Sinto um frio na barriga. É o momento perfeito é o nosso código para colocar a próxima

fase do plano em prática: a exposição do alvo. Theo e eu planejamos expor Otavius diante de

toda a empresa, mas isso parece ainda melhor. Muito melhor. Todas as outras companhias saberão

o cretino que é esse homem e ele será desmascarado de forma que muito mais gente vai poder

testemunhar. De fato, é o momento perfeito.

— Você conseguiu algo aí na delegacia? —

NACIONAIS - ACHERON

pergunto a ele, sentindo uma carga de entusiasmo repentina.

— Entrei em contato com aquela policial que você recomendou — ele responde, referindo-

se à policial Mac. — Estamos fazendo um progresso lento, mas tudo corre conforme o plano.

— Contou sobre mim? — indago, surpresa.

— Era a única forma de convencê-la a colaborar — Theo soa arrependido. — Ela disse

que estava bastante desconfiada que as pessoas no comando da companhia DeVil estivessem

envolvidas no incêndio na sua casa, desde a morte de um tal de juiz Iparis. Então decidiu me

ajudar quando contei que você está viva.

Suspiro, aliviada.

— Obrigada por conseguir a ajuda dela — digo. —

PERIGOSAS

E pelas duas grandes notícias.

Theo dá risada.

— Não fique tão emotiva. Conseguiu contatar DeVil?

Meu sorriso se desmancha.

— Sim — respondo. — Eu me encontrei com a irmã dele ontem à noite.

— Não parece ter sido muito bom.

— Ela vai colaborar, é só o que importa.

— Chihuahua...

Coloco-me de pé.

— Eu preciso me aprontar para o trabalho agora. Falo com você mais tarde?

— Vamos jantar em algum lugar escondido — ele diz.

NACIONAIS - ACHERON

— Certo. Até mais tarde.

Mal sento-me em minha cadeira giratória na mesa do escritório e já ouço Marisa chamar

por mim, adentrando a sala. Nas outras mesas, os funcionários conversam com entusiasmo sobre o

evento que Theo mencionou. Dizem que será algo grande. Eu sorrio internamente. Será grande e

inesquecível.

— Eva!

Coloco-me de pé.

— Sim?

Marisa se aproxima de minha mesa e me entrega uma prancheta com folhas em branco, que

geralmente é usada apenas pelas secretárias do departamento presidencial. Olho para ela,

confusa, e vejo que ela está sorrindo.

— Adivinha quem acaba de ser miraculosamente promovida?

Meu queixo cai.

— O quê?

Os funcionários se aproximam para nos rodear, curiosos.

— Como é que é?

— Eva não é mais estagiária?

— Mas já?

Olho estupefata para Marisa, que me dá tapinhas nas costas.

— E não é uma promoção qualquer, querida Eva.

— Não? — franzo a testa.

— O Vice Presidente em pessoa solicitou que você

seja sua nova secretária pessoal em
treinamento!

— O QUÊ? — o grito escapa de minha boca antes
que eu possa me conter, mas todos

acham que é devido à surpresa de ser promovida.

Isso está mesmo acontecendo? Eu... serei treinada
para estar ao lado de Otavius como sua

secretária? Cuidarei de sua agenda e de todos os
seus horários? Isso... isso é...

— Isso é demais! — uma das funcionárias me
cumprimenta.

— Parabéns, Eva — diz outro.

Ouçõ alguns resmungos e murmúrios sobre como
uma estagiária como eu não é qualificada

o suficiente para tal cargo, mas ignoro todos eles.
Estou em choque. Será que Theo tem algo a ver

com isso? Como é possível?

Acompanho Marisa até minha nova sala, que compartilharei apenas com mais duas

secretárias pessoais. As duas se apresentam como Lola e Elana, e Marisa me diz que elas serão

responsáveis pelo meu treinamento. Eu as cumprimento com as mãos trêmulas, ainda sem acreditar

no que está acontecendo. Arrumo minha mesa e anoto informações importantes que Lola me

recomenda. Elana me ensina a organizar a agenda do Vice Presidente e me aconselha a respeito

dos compromissos que não devo adiar nunca. Nós três almoçamos juntas e voltamos a tempo de

encontrar alguém parado de pé na sala de espera, diante da sala de Otavius.

Eu o reconheço imediatamente e, quando ele se vira para olhar para nós, todo o meu corpo

NACIONAIS - ACHERON

congela. Seus olhos azuis prendem-se tanto a mim que tenho certeza de que Lola e Elana podem perceber.

— Oh, senhor DeVil — diz Elana, educada. — Boa tarde.

Seu olhar deixa o meu e ele a cumprimenta com um sorriso contido.

— Olá.

— O senhor veio tratar de assuntos com o nosso Vice Presidente outra vez? — pergunta

Lola.

Cruel olha diretamente para mim e dá um meio sorriso atrevido que me deixa com vergonha.

— É claro. Por que outro motivo eu estaria aqui?

Olho para uma parede. Lola dá uma risada

simpática.

— O Vice Presidente chegará em meia hora. Sinta-se à vontade para esperar por ele aqui.

— Certo — Cruel responde e sinto seus olhos em mim. — Eu posso esperar o tempo que for preciso.

Capítulo 49

Eu simplesmente não consigo me concentrar no trabalho. Cruel praticamente se convida a esperar pelo Vice Presidente em nossa sala, enquanto conversa com Lola e Elana como se elas fossem as pessoas mais interessantes do mundo. Eu nem sabia que ele era tão charmoso, mas bastam algumas

de suas palavras suaves para cima das secretárias e elas logo cedem a todos os pedidos dele.

— Eu adoraria um café agora... — ele murmura, fingindo um bocejo.

Sentada em minha mesa, reviro os olhos. Ele não pode estar falando sério. Elana levanta-se

de sua cadeira como se tivesse sentado em um prego.

— Eu pego — ela diz, para minha surpresa. — O senhor quer que eu traga o de sempre?

— Oh, aquele que só você sabe fazer?

— Sim, senhor — ela assente.

Cruel dá um sorriso radiante.

— Se não for abusar de sua bondade...

Elana cobre a boca e dá uma risadinha.

— De forma alguma, senhor. É como nos velhos tempos. Eu volto já.

Ouçó Lola, na mesa ao lado, rir também e dou um longo suspiro. É realmente assustador o

que as pessoas podem conseguir com beleza e um

pouco de charme. Cruel levanta-se da poltrona onde estava sentado e bate com a mão na própria testa.

— Puxa, como sou descuidado! — exclama.

Lola e eu olhamos para ele, intrigadas, e nos entreolhamos.

— Algum problema, senhor? — ela pergunta, parecendo sinceramente preocupada.

Cruel esfrega a testa e apoia as duas mãos na cintura.

— Acabo de me lembrar que sou alérgico ao pó de café usado aqui na empresa. Só posso

tomar café feito do pó dinamarquês que comprei na semana passada... Que descuido meu!

Bato com a cabeça em minha mesa. Ele definitivamente só pode estar brincando.

— Bem... — Lola coloca-se de pé lentamente. Ela

parece ser mais cautelosa que Elana. —

Eva pode ir avisar Elana sobre isso — Ela olha para mim —, não pode, Eva?

Ergo a cabeça. É minha chance de deixar a sala.

— Claro que posso — Sorrio, evitando propositalmente olhar para Cruel.

— Oh, não — ele diz, gesticulando com uma das mãos. — Ela é apenas uma novata. Duvido

até que saiba como chegar à cozinha.

Lola fica sem graça enquanto eu sinto meu sangue esquentar. Ele está me diminuindo?

— Bem — Lola sorri —, Eva é uma ótima secretária em treinamento...

— Mas não é uma secretária, é? — Ele me lança um olhar petulante. Então suspira. —

Esqueça. Eu mesmo vou até lá.

— Não, senhor — Lola interrompe, deixando sua mesa. — Eu vou. O Vice Presidente deve

estar chegando e o senhor precisa estar aqui para encontrá-lo.

Cruel meneia a cabeça numa atuação tão barata que me dá vontade de atirar algo na

cara dele. Lola olha para mim e eu cogito implorar que ela não vá.

— Anote qualquer telefonema e recado que receber enquanto estivermos fora — diz.

— Po-pode deixar — assinto.

Ela deixa a sala numa caminhada graciosa e eu desejo simplesmente desaparecer. Abro

uma pasta de arquivos e os deposito na mesa para começar a organizar. Preciso manter minha

mente focada no trabalho e evitar quaisquer distrações e presenças desnecessárias. Não leva

muito tempo para eu notar uma presença desnecessária em particular rondando minha mesa.

— Estou ocupada, senhor — aviso, mantendo o olhar nos papéis.

Ouçoo se aproximar atrás de minha cadeira, mas não me viro para olhar. Não posso.

Preciso ignorar Cruel para evitar qualquer suspeita sobre quem eu sou e para deixá-lo fora do

plano. Eu quero distância dele para terminar isso tudo sozinha.

— Você errou aqui — Sinto sua respiração no topo da minha cabeça e todo o meu corpo se

enrijecer quando Cruel se inclina, passando os braços ao meu redor, para mexer nos arquivos

sobre a minha mesa. Sinto o calor de seu peito em minhas costas. Percebo que estou prendendo a

respiração. Cruel faz algumas anotações e noto que há mesmo um erro de digitação no texto, mas

PERIGOSAS

com seu queixo tão próximo à minha orelha e seu cheiro tão característico, não consigo me

concentrar. Ele apoia as duas mãos na mesa, de forma que eu não possa me mexer sem encostar nele.

— Por que está fazendo isso? — murmura, com seriedade na voz.

Engulo em seco.

— Não se envolva — respondo rapidamente.

— Estou envolvido desde o dia em que você veio morar em minha casa — ele rebate. —

Por acaso tem alguma ideia do que passei nos últimos meses por sua causa?

Não respondo.

— Eu achei que tivesse te perdido para sempre — ele continua, falando baixo. — Pensei

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que você estava morta, quando, na verdade, tudo era parte de seu plano de vingança. Que esperta.

Arregalo os olhos e viro-me para olhar para ele.

— O-o quê?

Cruel dá um sorriso amargo.

— Está surpresa porque descobri tudo? E se eu disser que coloquei alguém para segui-la

desde que nos reencontramos outro dia? Acha que não sou capaz disso?

— Você enlouqueceu?

Cruel gira minha cadeira, colocando-me de frente para ele.

— Quanto disso tudo você planejou, hein? — Seus olhos parecem tempestades. — Desde

quando você decidiu desaparecer daquele jeito?

NACIONAIS - ACHERON

Empurro-o pelos ombros.

— Idiota! — rosno. — Acha que eu desapareci porque quis? Por que queria vingança?

— É exatamente o que eu acho! — Ele aponta o dedo para meu rosto. — Eu vi sua

expressão quando a pedi em casamento naquele dia. Eu vi como você ficou depois que coloquei

aquele maldito anel em seu dedo. Atrapalhei seus planos, foi isso? Você não estava contando com meus sentimentos?

Olho para ele, estupefata. Que tipo de psicopata Cruel acha que eu sou?

— O que aconteceu com você? — minha voz sai num sussurro.

— Você nunca mais foi a mesma depois que perdeu suas memórias — sua voz soa sombria.

Coloco-me de pé e dou um passo para mais perto

dele. Meu peito queima de indignação.

— Eu recuperei todas as minhas memórias — digo a ele, cerrando os punhos. — Eu me

lembro de tudo de ruim que você me fez passar. Eu me lembro do desprezo e da humilhação. Eu

me lembro da maldade nos seus olhos. Eu me lembro de absolutamente tudo.

Cruel trinca os dentes. Vejo que há lágrimas em seus olhos e que seus punhos estão

cerrados. Ele está fazendo muita força para não chorar.

— Você... — sua voz está trêmula — vo-você se lembra de tudo e ainda assim...

— Eu me lembro de tudo e ainda assim amo você — completo, como se estivesse ditando

uma sentença. — Por isso quero que você fique longe. Essa vingança é assunto meu. Achei que Ann

Lee já tivesse dito isso a você.

— Você deveria me dizer pessoalmente.

— Eu não posso — rebato. — Não agora. Se você realmente sente algo por mim, quero

que atenda a esse meu pedido. — Olho-o fundo nos olhos. — Fique longe disso.

Cruel desvia o olhar, rindo com sarcasmo.

— Se eu sinto algo por você? — Ele ri. — Se eu sinto algo por você?

— Cruel...

— Sabe como me senti quando vi você naquele elevador? — Ele me segura pelos ombros.

— Sabe como me senti quando descobri que tudo o que vivi nos últimos meses foi só um pesadelo

e que você está viva e bem?

— Sei — digo, sem nem pestanejar. — É como eu

me sinto desde que me apaixonei por
você.

Cruel me puxa pela nuca e me beija com urgência,
segurando meu rosto com as duas mãos.

Sinto lágrimas em meus olhos, pois a saudade que
tenho dele faz meu peito doer. O jeito como ele

me olhou antes de me beijar me fez lembrar do
motivo pelo qual eu ainda acredito em meu amor

por ele: sei que, por mais que não diga com
frequência, ele também me ama. Sem fôlego, eu o

afasto e dou dois passos para trás.

— Lola e Elana já devem estar voltando — digo,
enxugando uma ou outra lágrima que

teima em cair.

Cruel se aproxima e segura meu braço.

— Você não está segura aqui.

PERIGOSAS

Afasto sua mão.

— Eu sei o que estou fazendo, Cruel.

— Não posso deixar que se arrisque assim...

— Eu não estou sozinha!

Ouçõ passos apressados vindos do corredor e Cruel e eu olhamos ao mesmo tempo para a

figura que acaba de chegar à sala. Ele entra com uma sacola plástica em uma das mãos e um

sorriso enorme no rosto, mas, assim que vê Cruel, esse sorriso desaparece. Seus olhos pousam em

mim, confusos.

— O que está acontecendo aqui, Chihuahua?

— Theo... — o nome dele escapa de meus lábios e Cruel olha para mim.

Theo se aproxima da minha mesa, sem tirar os olhos de Cruel.

NACIONAIS - ACHERON

— O que ele faz aqui? — pergunta, enquanto deposita a sacola em minha cadeira.

Isso vai me dar muito trabalho.

— Quem é seu amigo, Rosie? — pergunta Cruel.

— Shhhh! — Cubro a boca dele com uma das mãos e olho para a porta, checando se não

vem ninguém. Onde estão Lola e Elana quando mais preciso delas? — Nunca me chame assim aqui dentro, esqueceu? Meu nome é Eva Mendes.

Cruel afasta minha mão e faz careta.

— É um péssimo nome.

— Cale a boca — resmungo. Viro-me para olhar para Theo. — O que faz aqui? Vão

suspeitar se o virem falando comigo.

— Eu trouxe coisas para comer. — Ele ergue uma sobrancelha. — Mas parece que você já

PERIGOSAS

tem companhia.

Reviro os olhos.

— Ele já está de saída, não é? — encaro Cruel.

Ele me ignora completamente, cruza os braços e olha para Theo com a testa franzida.

— Eu conheço você.

Theo não se intimida.

— Eu também conheço você.

Os olhos de Cruel de repente se arregalam e ele olha acusadoramente para mim,

apontando o dedo para Theo.

— Você anda por aí com o filho de Otavius?

— Shhh! — Abaixo seu dedo, entrando na frente de Theo. — Ele é meu amigo e me ajudou

muito.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Não me diga que ele faz parte do seu plano super secreto... — Cruel crispa os olhos.

— Contou a ele sobre o plano? — Theo indaga atrás de mim.

Bato o pé no chão com força.

— Ai, parem com isso vocês dois! — digo, mais alto do que devia. — Sumam daqui e me deixem trabalhar.

— Ela está falando com você — Cruel diz a Theo.

— Nossa, que infantil — Theo rebate.

Suspiro alto e desisto de tentar conversar com os dois. Retorno à minha mesa e começo a

guardar os documentos de volta na pasta. Mesmo não olhando para eles, sinto que ambos me

acompanham com os olhos e isso me deixa ainda mais irritada.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Perderam alguma coisa? — resmungo.

Cruel dá uma risada irônica.

— Você vai mesmo agir assim? — pergunta, dramático. — Vai confiar no filho do homem de quem quer se vingar?

Bato com o punho na mesa e olho para ele.

— Já chega. Nós já falamos sobre isso.

— Eu me recuso a ficar sentado assistindo enquanto você se arrisca sozinha — Cruel ergue

o queixo, todo autoconfiante. Theo puxa uma cadeira e senta ao meu lado, passando o braço por meus ombros.

— Pode ficar despreocupado — Ele sorri para Cruel —, estou cuidando muito bem dela.

— Você está me pedindo para te matar, garoto? — Cruel rosna.

NACIONAIS - ACHERON

Afasto o braço de Theo.

— Vocês parecem duas crianças — reclamo. —
Caso não tenham notado, eu preciso

trabalhar de verdade aqui. Então calem a boca ou
saíam.

— Relaxe, Chihuahua, não é como se alguém
viesse fiscalizar se você está trabalhando ou

não — Theo se espreguiça na cadeira.

Cruel estala a língua.

— Do que você a chamou?

Theo dá outro sorriso debochado.

— É um apelido muito íntimo, você não entenderia.

— Você quer mesmo morrer.

— Ei! — grito, furiosa.

No mesmo instante, Lola entra na sala de olhos

arregalados, carregando uma pilha pequena de pastas. Parece que ela me ouviu gritar.

— Hum... está tudo bem aqui? — pergunta, andando até sua mesa.

Cruel e Theo estão perto demais da minha mesa para que nada tenha acontecido. Quero me esconder no meio dos papéis.

— Eu e o senhor DeVil estávamos fazendo um jogo de apostas aqui — Theo responde tranquilamente e com um sorriso travesso nos lábios. — Pedimos que Eva fosse a juíza e ela o pegou trapaceando.

— Eu?! — Cruel franze a testa, indignado.

— Sou muito rígida com esse tipo de coisa — digo, sorrindo amarelo.

— Desculpe pelo barulho — acrescenta Theo.

Lola sorri.

— Tudo bem — diz, educada.

— Meu pai ainda vai demorar muito para chegar aqui? — Theo muda de assunto.

Lola confere seu relógio de pulso.

— Ele deve estar aqui dentro de cinco minutos.

— Certo — Ele sorri.

Vejo Cruel revirar os olhos, mas sou a única. Eu sempre me perguntei como seria um encontro

entre Cruel e Theo, mas nunca pensei que ficaria tão irritada com ambos. Parece que voltaram aos

doze anos, com provocações e comportamentos imaturos.

— Seu café, senhor DeVil — Elana retorna com uma bandeja, após uma eternidade. —

Perdoe a demora. Eu mandei que buscassem o pó

de café importado que o senhor costuma tomar.

— Oh — por um momento, Cruel fica desconcertado. Mas então veste a máscara de charme

manipulador novamente. — Você continua é atenciosa como sempre.

Elana sorri, radiante. Pelo que tenho observado das duas, Lola e Elana adoram ser úteis e

prestativas. Parecem quase boas demais para serem de verdade, tamanha sua graciosidade e

educação. Pergunto-me se Otavius nunca as tratou como trata aquele secretário com quem o ouvi

falar ao celular no elevador outro dia.

Ouçõ passos vindos do corredor e, pela porta aberta, posso ver Otavius passar cercado

por seus secretários. Instintivamente, coloco-me de pé, como me instruíram a fazer quando o visse.

Lola e Elana fazem o mesmo.

— Antes tarde do que nunca — Cruel resmunga e começa a caminhar na direção da porta.

— Um momento — Theo interrompe, entrando em sua frente. — Acredito que a preferência seja minha.

Cruel franze a testa.

— Preferência?

— Como filho do Vice Presidente, tenho alguns privilégios, não tenho? — Theo abre outro sorriso travesso.

Cruel apoia as mãos na cintura, assumindo uma postura autoritária.

— E como Presidente, eu...

— Presidente? — Theo dá risada. — Tem certeza?

— Seu...

— Ah, senhores... — Lola interfere. — Acabo de consultar a agenda do Vice Presidente e

temo que nenhum dos dois poderá vê-lo agora. Ele entrará em reunião neste exato momento.

— Outra reunião? — Cruel parece inconformado.

— E eu nem mesmo fui convocado?

— É que é uma reunião para quem trabalha aqui — provoca Theo.

Cruel trinca os dentes e olha com raiva para Theo, mas, antes que possa fazer algo, seu

olhar encontra o meu e eu gesticulo discretamente para que ele não faça nada. Cruel suspira.

— Esqueça — ele diz à Lola. — Voltarei em outro momento.

— Podemos agendar uma...

Cruel sacode a cabeça, interrompendo-a.

— Não há necessidade. Estarei aqui todos os dias, de qualquer forma.

Meu estômago gela. Como é que é?

— Vai? — A expressão brincalhona no rosto de Theo desaparece. — Por quê?

— Quer dar a notícia a todos, Elana, querida? — Cruel sorri para a secretária.

Ela prende uma mecha de cabelo atrás da orelha e sorri, sem graça.

— O senhor DeVil possui uma porcentagem considerável das ações da empresa e, por isso,

é capaz de ocupar um cargo aqui na companhia — ela explica. — Na próxima segunda-feira, ele

será oficialmente nomeado Diretor Geral do nosso departamento.

Cruel olha na minha direção e dá um sorriso que só pode ser descrito como descarado. Theo

PERIGOSAS

e eu nos entreolhamos, tentando disfarçar nossa surpresa e preocupação. Isso não fazia parte de nosso plano. Muito pelo contrário, nós contávamos com o afastamento de Cruel para agir com mais liberdade dentro da empresa. Agora trabalhar aqui será como pisar em ovos. Por que esse idiota simplesmente não faz o que eu pedi?

Duas semanas se passam desde a nomeação de Cruel como Diretor Geral do meu departamento. Ficou muito óbvio que Otavius não estava nada satisfeito — e ainda não está — com a reaproximação de Cruel à companhia, mas ele não teve muita escolha. As ações que Cruel possui não dependem de seu vínculo com Collumbus, pois ele as comprou através do lucro que

NACIONAIS - ACHERON

gerou como estilista. Aliás, acredito cada vez menos que sejamos irmãos.

Mesmo que toda a história de minha verdadeira família ainda seja nebulosa e incerta, as

atitudes de Cruel me fazem crer que ele sabe mais do que eu. Ele tem agido como se não fosse

mesmo filho de Collumbus e isso me dá algumas pistas. Apesar de trabalharmos praticamente

juntos, Cruel e eu quase não nos vemos ou nos falamos. Isso me deixa mais tranquila, pois a data

da transmissão ao vivo — também conhecida como o dia em que Otavius será desmascarado —

se aproxima. Theo e eu temos revisado todas as partes do plano que ainda faltam ser executadas

e corrigimos um detalhe ou outro que é atrapalhado por algum contratempo. Em teoria, estamos

prontos. Mas Theo insiste que precisamos de planos B, C e D caso algo dê errado.

PERIGOSAS

Eu tenho me empenhado muito em meu treinamento como secretária particular e até mesmo

acho que Otavius já confia em mim — o que é ótimo. Já o flagrei destratando vários funcionários,

mas ele nunca demonstrou hostilidade alguma em relação a mim ou às outras secretárias. Se eu

não conhecesse seus feitos e sua verdadeira natureza, diria que ele é só um homem de meia idade

estressado por causa do trabalho. Porém, não sei se algum homem de meia idade estressado

assassinaria uma família inocente e depois tentaria se livrar da única filha que sobreviveu. Vai

saber.

Hoje é segunda-feira e, pelas minhas contas, faz quase três meses e meio que trabalho na

companhia DeVil. Meu aniversário está bem próximo, o que me deixa ainda mais inquieta e

NACIONAIS - ACHERON

ansiosa. Eva Mendes já tem dezoito anos, mas Rosie Vallahar ainda tem dezessete. Fico imaginando

se — se é que eu realmente sou filha de Collumbus — me farão assumir uma posição na empresa.

Isso me deixa bem menos assustada agora que já trabalho aqui dentro.

Terminando de organizar a agenda de Otavius para amanhã, recebo um chamado dele

para ir até sua sala. Pegó minha prancheta e uma caneta.

— Hoje ele está de bom humor — diz Elana, enquanto digita algo no computador.

Lola ri.

— Lembra quando ele deu um carro de presente para uma das secretárias?

— Ele fez isso? — Arqueio as sobrancelhas.

As duas confirmam.

— Quem sabe hoje não é seu dia de sorte, Eva?

Dou uma risada forçada. Seguindo a lógica de que eu sou filha de Collumbus e que tudo

nessa empresa me pertence, não faz sentido Otavius me presentear com algo que em tese já é

meu. E, mesmo que eu não seja, nunca aceitaria um presente desse monstro.

— Volto já — despeço-me delas e deixo a sala.

Bato à porta antes de abrir e Otavius me pede para entrar. Ele está com uma pilha de

papéis sobre a mesa e parece bastante irritado, mas assim que me vê, abre um enorme sorriso.

— Oh, você está aqui — Coloca-se de pé.

— Sim, senhor — assinto, educada e centrada.

— Tenho uma tarefa para você.

Otavius contorna sua mesa e caminha até as poltronas do outro lado da sala. Eu o sigo.

Diante das poltronas há uma televisão de última geração que mostra um vídeo pausado.

— Sente-se — ele pede, postando-se ao lado da TV e de frente para mim.

Hesito por um momento, mas me sento em uma das poltronas.

— Preciso que avalie este vídeo para mim — ele diz. — Sua opinião, como minha futura secretária pessoal, é muito importante.

— Certo — Forço um sorriso.

Otavius assente uma vez e dá o play no vídeo. A imagem na tela ganha vida e vejo que se

trata de um vídeo do parto de alguém. Há uma mulher inconsciente na cama de uma sala de

hospital e os médicos ao seu redor a operam. A

PERIGOSAS

pessoa que está filmando treme muito e fica um

pouco difícil discernir o que está acontecendo, até que a câmera se aproxima e flagra o momento

exato em que um bebê é retirado de dentro da barriga da mãe. Noto que há muito sangue, mais

do que haveria numa cirurgia cesária normal. O bebê não chora e logo é levado por uma das

enfermeiras. No entanto, a cirurgia não é encerrada ainda. Crispo os olhos para tentar ver melhor.

O médico retira outro bebê da barriga da mãe e esse, por sua vez, chora muito alto. A pessoa

filmando aproxima a câmera quando o médico mostra o bebê à mãe, que acorda aos poucos e

não parece nada feliz. Então algo chocante acontece e ela começa a ter convulsões. Ouço gritos e

a câmera perde o foco. O vídeo se encerra aí.

NACIONAIS - ACHERON

Olho para Otavius, completamente confusa. O que ele quer de mim?

— A expressão em seu rosto me diz que você ainda não entendeu sobre o que se trata isso

— ele observa.

— Ahn...

— É uma triste história — Ele começa a caminhar pela sala com os braços cruzados nas

costas —, sobre um príncipe que se apaixonou por uma plebeia. Eles não chegaram a ficar juntos,

pois a plebeia era na verdade uma vadia interesseira que o trocou por outro ainda mais rico. O

irônico é que, mais tarde, ela também foi abandonada, grávida de gêmeos que não teriam futuro

algun sem o pai. O nobre príncipe não poderia ficar de braços cruzados enquanto sua amada

estava em apuros, não é mesmo? — Ele dá uma risada curta e áspera. — Como um tolo ainda

apaixonado, ele cuidou dela até o dia do parto. Mas a plebeia vadia estava muito doente. O que

você acaba de ver é a filmagem do trágico parto dela, registrado pelo próprio príncipe tolo. Ela

morreu assim que o gêmeo mais novo nasceu e... bem... o mais velho já estava morto, de qualquer

forma. Os médicos disseram que o próprio irmão o matou. O príncipe, transbordando de

compaixão pelo filho de sua amada, adotou-o como se fosse seu próprio herdeiro. Não é uma

história tocante?

Sinto meu estômago embrulhar e seguro a prancheta em meu colo com mais força. Olho

para Otavius e ele devolve meu olhar.

— Você não acha o que o gêmeo mais novo fez

muito... cruel? — Engulo em seco. Por que eu sinto que o controle da situação está escapando por entre meus dedos? — Sabe, Eva Mendes é um nome muitíssimo original — Otavius caminha em minha direção e para a um metro de distância da poltrona onde estou sentada. — E você fez um trabalho quase impecável tentando se infiltrar em minha companhia como uma doce, inocente e esforçada estagiária. Mas temo que tenha me subestimado, querida. — Otavius se inclina e toca meu rosto com o dedo indicador. — Eu nunca esqueço um rosto, Rosie Vallahar.

Levanto-me num pulo, mas ele me empurra de volta para a poltrona.

— Acho que temos um sério problema para resolver aqui, não é mesmo?

Capítulo 50

NACIONAIS - ACHERON

Não digo nada. Até porque não tenho ideia do que dizer. Estou completamente em choque,

olhando para Otavius sem querer acreditar que o plano — o nosso plano perfeito — está

arruinado de vez. Minhas pernas tremem muito e eu sinto minhas mãos tão geladas que tenho

calafrios. Otavius cruza os braços e me encara com uma satisfação maldosa, como se sentisse

prazer em me ver desse jeito.

— O que achou da história que contei? — ele pergunta, com uma risada fria na voz.

Engulo em seco.

— Você não sabia nada sobre o seu papai príncipe, certo? — Ele dá tapinhas no topo de

minha cabeça, bagunçando meus cabelos.

Arregalo os olhos, conforme as peças do quebra-cabeça vão se encaixando em minha

mente. Collumbus DeVil é o príncipe tolo. A plebeia é mãe de Cruel, de quem eu nunca tinha ouvido

falar antes. O gêmeo morto é a razão pela qual Cruel recebeu esse nome. O príncipe, Collumbus, adotou como filho o gêmeo que sobreviveu, Cruel.

Parece que meu cérebro vai explodir devido ao choque. Agora as coisas começam a fazer

sentido.

— Então... — encontro minha voz —, você admite que eu sou a única e legítima filha de

Collumbus DeVil?

Otavius joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada.

— Você ainda tinha dúvidas? É tão tola e ingênua quanto seu pai...

Cerro meus punhos.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Quem... quem é a minha mãe?

Otavius suspira, encarando-me com desprezo.
Então segura meu rosto com uma das mãos

enormes, apertando minhas bochechas.

— Como foi que você entrou nesta empresa sendo
tão lenta? — ele sussurra, sacudindo a

cabeça. — Alguém deve ter dado um
empurrãozinho, não é? Vamos, diga-me quem a
colocou aqui

dentro e eu conto tudo sobre sua mamãezinha.

Esquivo-me do aperto de sua mão e coloco-me de
pé.

— Eu fiz tudo sozinha.

Viro-me para dar logo o fora daqui, mas Otavius
me puxa de volta pelo braço. Ele me

empurra de volta para a poltrona.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Aonde pensa que vai? — rosna, deixando de lado toda ironia e sarcasmo.

— Se encostar em mim outra vez, vou gritar — ameaço, sentindo meu coração martelar em meus ouvidos.

Otavius trinca os dentes.

— Grite o quanto quiser, ninguém poderá ouvi-la.

— Por que não me deixa em paz? — grito, sentindo uma onda de pânico tomar conta de

mim. — Já não basta ter matado meus pais e ter me tirado do lado de Cruel?

Sua mão enorme alcança meu pescoço e o aperta com força.

— Ah, você está falando sobre Adam e Helena? — Otavius cantarola. — Eles eram apenas

peões num jogo muito maior do que a inútil existência deles. Quando descobri que estavam com

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

você, tive que dar um fim na ideia de família perfeita. — Ele intensifica o aperto em meu pescoço

e eu tento afastar suas mãos. — Mas, nunca imaginei que você fosse sobreviver. E duas vezes!

Quem diria que uma menininha indefesa seria tão difícil de matar.

Começo a ficar sem ar e tento arranhar a mão de Otavius que aperta meu pescoço sem

piedade. Ele guincha de dor e me solta, empurrando-me para o chão. Levanto-me rapidamente e

corro para a porta, mas Otavius está logo atrás de mim e me impede de sair.

— Eu não terminei de falar! — Ele me empurra contra a parede.

— Socorro! — grito, com todas as minhas forças.
— Socorro! Alguém me ajude!

NACIONAIS - ACHERON

Otavius cobre minha boca com uma das mãos.

— Você vai ficar quieta e ouvir tudo o que tenho a dizer, desgraçada — ele grunhe, como

um animal enfurecido.

Contorço-me, debatendo mãos e pés na tentativa de afastá-lo de mim. Tenho tanto nojo dele

que sinto o gosto de bile subir pela minha garganta.

— Você vai fazer o que eu mandar — ele diz, fitando-me nos olhos. — Eu sei de todo o seu

plano ridículo, garotinha maldita. Sei de todos os detalhes, todos os pontos fortes e fracos. Sabe

como? — Ele aproxima os lábios de meu ouvido e sussurra: — Eu arranquei cada palavra daquele

lixo que sou obrigado a chamar de filho.

Arregalo os olhos, sentindo todo o sangue em minhas veias virar gelo. Theo. O que ele fez

com Theo? O que fez com o próprio filho?

Otavius se afasta e me solta. Há um sorriso macabro em seus lábios e eu estremeço,

apoiando-me contra a parede.

— Você quer saber onde ele está agora? Quer saber como ele está?

— Ele é seu filho...

— Ele é um erro! — Otavius berra, irado. — Ele está compactuando contra o próprio pai!

Quem é o traidor aqui?!

— O que fez com ele? — pergunto, sentindo meu peito doer. Se esse homem é capaz de

ferir o próprio filho, o que ele fará comigo agora?

— Não fiz nada comparado ao que farei se você não fizer exatamente o que eu mandar

— ele diz, implacável.

PERIGOSAS

Cubro os olhos com as mãos. É o fim. Como posso continuar a seguir o plano sem Theo? O

que vai acontecer com ele se eu fizer isso? Por que as coisas não dão certo ao menos uma vez?

Respiro fundo e tento normalizar minha respiração e batimentos cardíacos. Preciso ser mais

fria do que nunca agora. Afasto as mãos de meu rosto e olho para Otavius, que me encara cheio

de expectativa. Não tenho muita escolha agora. Mesmo que eu finja não me importar com Theo e

blefe, sei que Otavius vai tentar me matar — ele já tentou duas vezes, uma terceira não será

problema. Ainda bem que consegui manter Cruel fora de tudo isso.

— O que você quer que eu faça? — pergunto, sentindo minha garganta arder.

Otavius abre outro de seus sorrisos maldosos.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Que bom que finalmente perguntou —
cantarola. — Achei que eu teria que usar um
pouquinho mais de força bruta contra você.

— Diga de uma vez.

Ele ri.

— Muito bom, muito bom, agora você está se
comportando como uma verdadeira adulta —

Bate palmas. — O príncipe tolo ficaria orgulhoso
de sua filha.

Trinco os dentes.

— Certo, direi o que quero que você faça —
Otavius ajeita a própria gravata. — Como

bem sabe, haverá uma conferência entre os líderes
das maiores companhias da região para um

projeto benéfico. Eu, como futuro Presidente,
representarei a companhia DeVil e farei um

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

discurso que será transmitido pela rede de televisão nacional. Andei pensando em várias formas

de me promover como novo dono de tudo isso, sabe? — Ele apoia a mão no queixo. — Já ensaiei

meu discurso centenas de vezes e já escolhi as melhores roupas que me deixarão muito

apresentável. No entanto, eu sou um homem um tanto dramático. Não há nada que eu goste mais

do que causar fortes emoções às pessoas ao meu redor, entende? É exatamente aí que você entra,

minha querida órfã — Ele bate palmas. — O que poderia ser mais tocante do que a história do

Vice Presidente que encontrou a filha perdida de Collumbus DeVil, que todos pensavam ter sido

assassinada? Uaaau, será emocionante, não acha? E não acaba por aí — Dá uma risada. — O

ponto alto de meu espetáculo será quando a doce e inocente herdeira disser, em rede nacional e

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

diante de todos os líderes empresariais, que ela confia todos os seus direitos sobre a companhia e

toda a sua gorda herança a seu heroico salvador, como um humilde gesto de gratidão. E então as

cortinas se fecham. Será lindo, não será?

Cerro os punhos, sentindo as lágrimas inundarem meus olhos. Isso não pode estar

acontecendo. Ele não pode fazer isso. Alguém precisa impedir esse monstro de uma vez por todas.

— Você... — minha voz treme e eu me esforço para olhá-lo nos olhos. — Você quer que me

expor como filha de Collumbus... para que eu entregue tudo o que me pertence... a você?

— Oh — Otavius sacode a cabeça, estalando a língua. — Falando assim você estraga toda

a beleza e grandiosidade da coisa, querida.

— Como você pode ser tão... tão...

NACIONAIS - ACHERON

Otavius sorri.

— Poupe os elogios.

Trinco os dentes.

— Se eu fizer isso... — Começo a dizer e sinto uma lágrima escorrer por minha bochecha

—, você vai deixar Theo em paz e nunca mais vai me procurar ou tentar atrapalhar a minha vida?

Se eu... se eu der a você tudo isso... a companhia, a minha fortuna, os meus direitos... você vai me deixar viver a minha vida?

Otavius aproxima-se e dá novamente tapinhas no topo de minha cabeça. Ele parece uma montanha perto de mim.

— A culpa não é minha se sua vida é uma desgraça, Rosie Vallahar — diz calmamente. —

Assim que conseguir tudo o que quero, você não

terá utilidade alguma para mim. Por que eu teria o trabalho de ir atrás de você?

Solução. Posso fazer isso. Posso trocar tudo isso pela minha felicidade e paz. Uma vez que ele

tiver tudo, eu desaparecerei de sua vista e ele nunca mais me encontrará. Nunca mais me fará mal.

Theo ficará livre também, esteja ele onde estiver agora. E Cruel... será que ele aceitaria

desaparecer comigo?

— Tudo bem — eu digo, após minutos em silêncio.

— Farei tudo o que você me pedir, desde

que cumpra sua palavra. Liberte Theo de onde quer que você esteja mantendo-o preso e deixe

que ele siga a própria vida.

Otavius olha para mim, radiante de ganância.

— Tão jovem e tão sábia... — Ele apoia a mão

grande em meu ombro. — Você faz bem.

Ele saca o celular do bolso, digita um número e apoia o aparelho na orelha.

— Tudo correu como planejado — diz, com voz grave. — Deixe o garoto ir. Com discrição.

Invente uma desculpa para os ferimentos. Certo.

Sinto meu peito doer. Ferimentos? Otavius desliga o celular e o coloca de volta no bolso. Olha

para mim e sorri — e em seu sorriso eu vejo traços que me lembram Theo. Sinto meu estômago

embrulhar.

— Então... estamos acertados, querida — Seu olhar é de advertência. — Espero que não se

esqueça de seu compromisso comigo. Eu sei bem que pessoas são suas maiores fraquezas e posso

ter mais cartas escondidas na manga do que sua mente de menininha pode imaginar. Seja

prudente, sim?

Assinto, sem dizer nada. Mais do que nunca, quero matá-lo. Quero fazê-lo sofrer. Muito. Não

porque ele vai tirar todos os meus bens e direitos de mim, mas porque ele acaba de ameaçar as

pessoas que eu amo. Isso é imperdoável.

— Você pode ir agora, secretária Mendes — Ele abre a porta da sala para mim. — Ah,

antes que eu me esqueça...

Paro e olho para ele, imaginando o que mais virá.

— Sua mãe é Cassandra DeVil, esposa de Collumbus — Ele sorri. — Isso faz de você uma

herdeira ainda mais legítima, não faz?

Engulo em seco e lanço-lhe um olhar homicida. Então deixo a sala e ouço a porta se fechar

atrás de mim. Corro pelo corredor até chegar à

NACIONAIS - ACHERON

minha sala. Lola está no telefone e eu não vejo

Elana. Pego o celular que Theo me deu e corro para pegar o elevador, que me leva até o terraço

do prédio.

Digito o número dele e apoio o celular na orelha, esperando que ele atenda e diga que

acabou de acordar e está bem em seu quarto de hotel. Mas ele não atende. Ligo mais uma vez e

outra e outra, mas não há resposta. Então entro em desespero, pois agora tenho cem por cento de

certeza que a ameaça de Otavius é real. Ele vai atingir as pessoas que amo se eu não fizer suas

vontades. Caio de joelhos no chão, chorando a ponto de sentir todo o meu corpo se sacudir.

Acabou. Foi tudo em vão. Tudo o que Theo e eu planejamos está arruinado e, por minha culpa, ele

foi ferido pelo próprio pai. Otavius ganhou mais

NACIONAIS - ACHERON

uma vez. O que posso fazer agora? Que
escapatória tenho sobrando?

— Você parece péssima — ouço alguém dizer atrás
de mim.

Assustada, dou um pulo e me coloco de pé, alerta.
É Cruel, olhando para mim com sua cara
esnobe.

— Você está chorando? — Seu rosto assume uma
expressão preocupada agora e ele se

aproxima, segurando meus ombros. — Rosie —
sussurra meu nome —, o que houve?

Sacudo a cabeça e o abraço com muita força,
apoiando minha cabeça em seu peito. Nem

mesmo aqui em seus braços, o lugar mais seguro
para mim no mundo, posso escapar de Otavius.

Tenho certeza de que Cruel é o próximo em sua
lista de ameaças.

PERIGOSAS

Cruel não diz nada enquanto eu o abraço e choro a ponto de sacudir nossos corpos unidos.

Coloco para fora todo o choro que mantive reprimido nesses últimos meses, derramando um rio de

lágrimas. Sinto-me um tanto mais confortada porque sei que Cruel está aqui comigo e que sou

capaz de tocá-lo. Minha mente ainda não acredita completamente que nós nos reencontramos de

verdade e fica me dizendo que logo vou acordar naquele quarto de hospício. Mas meu coração

tem certeza e está tão aflito agora, que acho que vai explodir. Não posso deixar que Otavius

mexa com Cruel outra vez. Ele já tirou a presidência e parte do dinheiro dele. Ele me tirou de

Cruel. Preciso protegê-lo para que nada disso volte a acontecer e irei até o fim do mundo se isso

NACIONAIS - ACHERON

significa que ele vai ficar bem.

Quando minhas lágrimas finalmente cessam, sinto as mãos de Cruel em minhas costas. Elas

me acalmam, mas sei que é só um efeito temporário. Logo a aflição estará de volta.

— Achei que você me queria longe — Cruel murmura, suspirando, enquanto apoia o queixo

no topo de minha cabeça. — Não que eu esteja reclamando...

— Eu senti sua falta — digo, com a voz embargada. — Queria dizer isso desde aquele dia

em que nos reencontramos. Pensei em você em todos os dias, por mais que me doesse.

— Sei disso. É porque você me ama.

— E você me ama.

Ele roça o queixo em minha cabeça três vezes, assentindo. Suspiro.

— Finalmente admitimos — digo, sentindo um calorzinho bom no peito.

— É. Eu geralmente odeio admitir esse tipo de coisa, sabia? — ele resmunga. — Acho que devo te amar muito.

Sorrio e sinto uma lágrima escorrer até cair sobre a camisa dele. Não posso perdê-lo. Ficar sem Cruel outra vez é inconcebível.

— Diga — Ele me afasta, segurando meus ombros. — Por que está chorando assim?

Sacudo a cabeça rapidamente.

— Só estou com medo — digo. E não é mentira. — Às vezes não acredito que sobrevivi e que finalmente estou aqui com você.

Cruel franze a testa.

— Precisamos falar sobre isso. Conte-me tudo

sobre todos os lugares em que você esteve e

o que fizeram com você — Ele segura minhas mãos. — Eu... hum... não preciso saber sobre o plano,

mas quero saber sobre todas as outras coisas que você enfrentou enquanto estivemos separados.

E eu conto tudo a ele. Conto sobre Eden e Sunsung, sobre a Casa Appa, sobre Helena e

sobre o resgate de Theo. Observo várias expressões cruzarem o semblante de Cruel: raiva,

agonia, preocupação... Mas antes que ele diga qualquer coisa, eu volto a abraçá-lo pela cintura,

deitando minha cabeça sobre seu peito. Suspiro. Seus braços me envolvem e me apertam com

força.

— Eu devia ter prestado mais atenção naquele dia — ele murmura. — Devia ter dobrado

PERIGOSAS

seu número de seguranças e instruído Noel a... —
Trinca os dentes e ouço sua respiração ficar

instável. — É tudo culpa minha, Rosie. Tudo isso.
Eu nunca poderei me perdoar pelo que aquele

doente fez a você. Eu não...

Sacudo a cabeça, erguendo o rosto para olhá-lo.

— Não. Otavius planejou tudo isso simplesmente
porque eu sou quem sou.

Cruel desvia o olhar e fita o horizonte.

— Então você já sabe de tudo.

Suspiro.

— Quando acho que sei, sou surpreendida — digo,
pensando no vídeo que Otavius me

mostrou. — Cruel, você... você sabe de toda a
verdade?

Seus olhos azuis permanecem distantes.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Talvez eu saiba. Mas não faço muita questão de buscar por isso. — Ele olha para mim

com seriedade. — Eu sei quem sou e sei quem você é. Já basta.

Crispo os lábios.

— Eu realmente achei que nós dois éramos irmãos, quando descobri — murmuro, olhando

para o chão. — Isso me atormentou.

Cruel dá de ombros.

— Eu nunca acreditei nisso.

Meus olhos voltam para os seus.

— Quando você descobriu que sou filha dele? — pergunto. — Desde quando você sabe?

Ele pestaneja por alguns segundos.

— Talvez... quando me tiraram da presidência.

NACIONAIS - ACHERON

— Entendo.

Cruel segura meu rosto com uma das mãos,
apertando minhas bochechas até que meus

lábios formem uma boca de peixe.

— Você está toda preocupada com isso — diz —,
mas, por algum motivo, acho que há mais

alguma coisa que não está me contando.

Afasto sua mão e esfrego minhas bochechas. Quero
muito contar tudo a ele, mas não acho

prudente. Preciso contatar Theo primeiro e saber se
ele está bem. Theo é um gênio e tenho certeza

de que vai surgir com uma solução brilhante para
toda essa bagunça de ameaças. Ele sem dúvida

tem um plano B. Sacudo a cabeça.

— Não é nada que você precise saber — respondo
a Cruel, sendo o mais verdadeira

possível. Seguro sua mão. — Tudo vai ficar bem.

Ele me olha com desconfiança, mas assente.

— Precisamos voltar ao trabalho — Lembro e começo a arrumar minha camisa desalinhada.

— As pessoas podem começar a desconfiar e eu não...

Cruel me interrompe com um beijo apaixonado.

— Você envelheceu uns dez anos depois que começou a trabalhar — Sorri, com os lábios

ainda bem próximos dos meus. Cerro um dos punhos e dou-lhe um soco na barriga.

— Argh — Ele dá risada, cobrindo com as mãos o lugar onde foi atingido. — É isso que eu ganho por beijá-la?

Puxo-o pela gravata e começo a ajeitá-la.

— Recomponha-se, Diretor. O senhor ainda tem

um longo dia de trabalho pela frente.

— Trabalho nunca foi muito uma das minhas vocações — ele resmunga.

Ergo uma sobrancelha.

— Vocações? Você tem alguma? — brinco.

Cruel finge estar ofendido.

— Como pode dizer isso? Acha que ser naturalmente bonito não é uma vocação? Tenho vinte e seis anos de prática e posso afirmar que...

Interrompo-o com um beijo rápido, que o deixa paralisado.

— Vamos voltar ao trabalho.

Não consigo me concentrar em nada durante todo o restante do dia. Repasso mentalmente todas

as palavras de Otavius, tentando encontrar alguma brecha que possa salvar meu plano de

vingança, mas não consigo pensar em nada. Tento contatar Theo inúmeras vezes, sem sucesso. A

cada segundo, minha preocupação com ele só aumenta e Lola e Elana começam a perceber.

— Eva, você está passando mal? — pergunta Lola, aproximando-se para medir minha

temperatura pousando a mão em minha testa.

Dou um sorriso fraco.

— Estou bem.

— O Vice Presidente acabou de me mandar um recado, Eva — diz Elana. — Ele pediu que

você cheque sua caixa de e-mails.

Sinto meu sangue gelar.

— Certo, obrigada — Forço um sorriso outra vez.

PERIGOSAS

Assim que meu turno acaba, volto ao hotel sentindo um peso esmagador sobre os meus

ombros. Paro diante da porta de meu quarto e encosto a testa nela. Suspiro alto, fazendo força

para não chorar novamente. Abro a porta e caminho para dentro a passos lentos. Tiro meu casaco

e bolsa e os deixo cair no chão. Só então noto a figura de capuz preto sentada em uma das

poltronas. Fico paralisada.

— Quem é você? — arquejo. — Como... como entrou aqui?

Ele levanta o rosto e baixa o capuz. Sua face está tão coberta de sangue e hematomas que

quase não o reconheço.

— Theo!

Corro até ele e o abraço com força. Sinto meu coração doer tanto que acho que vai

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

explodir. Afasto-me e fico de joelhos diante dele para olhá-lo.

— Céus... — Eu choro, tocando seu rosto com as pontas dos dedos. — O que aquele

monstro fez com você?

Theo está com a mandíbula tensa e uma expressão sombria assustadora. Suas mãos

seguram as minhas gentilmente.

— Vamos matá-lo — diz, com voz gutural.

Eu fungo e olho fixamente em seus olhos.

— O quê?

— Eu quero matar Otavius. Quero que ele pare de fazer da minha vida um inferno por

causa de sua ganância, de uma vez por todas.

Ergo uma das mãos e toco de leve seu rosto.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Theo...

Ele me fuzila com os olhos.

— Você não tem ideia do perigo que correu hoje — ele rosna. — Eu estava assistindo à

toda a conversa entre vocês. Ele contratou alguém para matá-la ali dentro se você não tivesse

concordado com as vontades insanas dele! Ele ia matá-la, Rosie!

— Não importa — eu digo, com a voz trêmula. — Quando eu der o que ele quer, tudo isso

terá um fim. Você está aqui, você está vivo... isso é o mais importante para mim agora.

Theo sacode a cabeça e vejo seus olhos ficarem vermelhos. Ele sacode a cabeça para

disfarçar as lágrimas.

— Não. Não terá um fim.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Theo...

— Nós dois estamos juntos nisso, não estamos? —
Ele me segura pelos ombros. — Eu e você.

A minha recompensa.

Assinto, sentindo uma lágrima escorrer por meu
rosto.

— Sim, estamos juntos nisso. Mas ameaçar a vida
dele só colocará você e todas as outras

pessoas que eu amo em perigo. Eu não quero isso!

Theo trinca os dentes, pega o abajur de cima do
criado mundo e o atira no chão. Vejo seu

rosto se contorcer de dor.

— Isso se tornou pessoal, Rosie! — ele grita. —
Até agora eu quis ajudá-la porque quero

compensar você por tudo o que aquele desgraçado
a fez passar. Mas a partir do momento em

NACIONAIS - ACHERON

que ele ameaçou a minha mãe também... — Dá um soco no braço da poltrona. — Quero matá-lo!

Arregalo os olhos.

— Otavius ameaçou sua mãe?

Theo me encara.

— Acha que eu deixaria que me capturassem e me batessem por nada? — responde.

Minhas mãos tremem. Otavius definitivamente não tem limites. Alguém precisa pará-lo de

uma vez, antes que seja tarde... mas tirar a vida dele? Eu seria capaz de colaborar com um plano

que envolva assassinato?

— Ele matou seus pais adotivos... — Theo murmura, com voz baixa e rouca — tentou matá-

la mais vezes do que você imagina, tirou você do seu namorado perfeito, ameaçou atingir as

PERIGOSAS

peessoas próximas a você... e ainda assim você pensa duas vezes se quer matá-lo? — Bate na poltrona outra vez.

— Não é tão simples! — rebato.

— Foi simples para ele!

— Mas eu não sou uma assassina!

— Não dê uma de moralista agora, Rosie, nós dois sabemos o quanto você quer dar um fim

àquele maldito!

— Eu quero que ele viva para sofrer tanto quanto eu sofri!

Theo dá uma gargalhada sarcástica que me deixa com raiva.

— Você é mesmo uma frouxa...

Coloco-me de pé, cerrando os punhos.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Você é que é frouxo, seu idiota! — grito. — Mesmo que seja um assassino e não valha

nada, ele ainda é o seu pai! Seu pai! Como você pode estar bem com isso? Como pode dizer tão

facilmente que quer matá-lo? Por acaso você sabe como é perder um pai, seu mimado de merda?

Eu perdi dois! Ouvi coisas horríveis sobre um deles e ainda assim eu nunca iria pensar nessa

perversidade que você está pensando agora!

Theo se levanta e aponta o dedo para mim.

— Não venha dizer esse tipo de coisa para mim. Não se atreva. Você não tem ideia do que

ele me fez passar.

Eu suspiro. Olho fixamente para Theo outra vez.

— Não importa agora — murmuro. — Eu não quero que você seja assombrado por ser

NACIONAIS - ACHERON

assassinato do seu próprio pai. Não você.

— A decisão não é sua — Ele segura meu pulso. —
Eu vim pedir sua ajuda, não a sua
permissão.

— Se algo acontecer com você, como é que eu fico,
hein? — Trinco os dentes, fazendo força
para não chorar.

Theo percebe meu estado e me solta.

— Eu vou matá-lo, Rosie — diz, com a voz
assustadoramente tranquila. — Vou matá-lo para
que você nunca mais precise chorar.

Capítulo 51

Theo e eu não dizemos nada por um bom tempo,
enquanto eu uso o pouco que sei de primeiros

socorros para cuidar de seus ferimentos. Ele parece
mais melancólico do que nunca e eu

PERIGOSAS

simplesmente não sei o que dizer ou fazer para melhorar a situação.

Tudo fica cada vez mais complicado. Por mais que eu odeie Otavius com todas as minhas

forças, não quero que Theo o odeie também. Porque Theo é a melhor pessoa que eu conheço. Ele é

sincero, leal e transmite uma energia boa que faz com que eu sempre o queira por perto. Só de

olhar em seus olhos, posso dizer que ele é alguém incrível que merece viver o melhor de tudo.

Então não quero que ele perca isso tendo pensamentos sombrios que podem resultar em atitudes

que irão obscurecê-lo. Não quero que ele se torne outra pessoa.

— Hoje mais cedo — Theo murmura, quebrando o silêncio tenso entre nós —, você ligou

NACIONAIS - ACHERON

para mim?

Confirmo com a cabeça.

— Perdi meu celular — Ele revira os bolsos da calça jeans cheia de furos.

Seu rosto está quase completamente coberto pelas bandagens que coloquei e, por mais que

eu tenha insistido, Theo se recusa a ir ao pronto socorro fazer um check-up. Então sua aparência me incomoda.

— Você contou algo a ele? — pergunta, deitando-se de barriga para cima na cama.

Suspiro, acomodando-me na poltrona. Pedi serviço de quarto, mas parece que eles tiveram

problemas e estão demorando a trazer o nosso jantar.

— Não contei sobre o que Otavius me pediu — respondo. — Mas nós conversamos sobre

PERIGOSAS

algumas coisas.

— Ele achou que vocês eram irmãos?

— Eu achava — admito. — Até assistir àquele vídeo e ouvir tudo de Otavius. Collumbus e

Cassandra eram meus pais, não de Cruel. É tudo muito... estranho.

Theo assente.

— Ele nunca conheceu a mãe, não é?

— Nem o pai — completo.

— Por que você gosta dele?

Mordo o lábio. Acho que nunca falei sobre isso com ninguém.

— É inevitável — digo, sem jeito.

Theo olha para mim.

— Achei que ele fosse duro com você.

NACIONAIS - ACHERON

Franzo a testa.

— Por que pensa isso?

— Conversei bastante com aquela sua amiga policial — ele suspira. — Ela me contou sobre

as fofocas dos empregados a respeito de vocês dois. Sei que Cruel DeVil é uma pessoa difícil de lidar.

— Ele é infantil, teimoso e arrogante — concordo.

— Mas sabe ser gentil e, por incrível que pareça, é generoso.

Theo dá uma risada fraca.

— Não acredito que estou aqui perdendo tempo e falando de outro cara.

Eu rio. Então paro e penso que não deveria estar fazendo isso agora. Não quando tenho

uma montanha de preocupações pesando de forma

esmagadora sobre meus ombros.

— Theo — minha voz sai num miado —, o que eu faço agora?

Ele se apoia nos cotovelos e me encara. Há dureza em seu semblante.

— Você sabe exatamente o que é preciso ser feito.

E, nesse instante, o serviço de quarto chega.

Corto o dedo com uma folha de papel almaço e dói tanto que meus olhos se enchem de

lágrimas. Ou talvez eu só esteja em busca de uma desculpa para chorar. Peço um curativo para

Elana e resolvo o problema. Queria resolver tudo com tal simplicidade.

Vários dias se passam desde minha conversa nada amigável com o monstro encarregado da

PERIGOSAS

vice presidência da companhia. A cada vez que nos vemos, ele me trata como se nada tivesse

acontecido. Sorri, abre portas para mim como um cavalheiro e me deixa sair do trabalho mais

cedo. Lola e Elana dizem que sou sortuda e os outros funcionários com quem eu costumava dividir a

sala me parabenizam toda vez que me veem. É sufocante e perturbador.

Vejo Cruel vez ou outra pelos corredores e em uma ou outra reunião, e nós raramente nos

falamos. Mas, ainda assim, sei que ele tem mantido os olhos sobre mim de uma forma ou de outra.

Assim que abro meu e-mail hoje, sinto meu estômago gelar.

[CONFIDENCIAL — ROSIE VALLAHAR]

Minhas mãos tremem, porque sei que foi enviado por Otavius. É provavelmente meu discurso

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

para empossá-lo de todos os meus bens e direitos.
Cerro os punhos, afastando minhas mãos do

mouse. Cheia de raiva, sinto meu coração disparar
e meu sangue esquentar.

Não posso fazer isso.

Collumbus e Cassandra podiam não ser perfeitos —
ele era severo e impassível e ela era

um tanto devassa e inconsequente —, mas duvido
que apoiariam minha decisão de entregar tudo

a Otavius sem ao menos lutar. Não é algo que um
DeVil faria e eu posso muito bem ver isso em

Cruel. Se ele estivesse na minha posição, lutaria
pelo que é seu por direito. Cruel faria qualquer

coisa pela companhia.

Levanto-me de minha cadeira e deixo a sala a
passos largos e raivosos. Paro diante da

porta da sala de Otavius e, assim que ergo o punho

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

para bater, ela se abre. O rosto rechonchudo

e odioso dele surge, sorridente. Baixo minha mão, mesmo que minha vontade seja esmurrá-lo.

— Recebeu meu recado, querida?

Trinco os dentes.

— Acha que vai conseguir se safar disso? — rosno, falando baixo. — Acha realmente que

pode me chantagear e sair impune?

Ele arregala os olhos, sem deixar o sorriso debochado sumir.

— Puxa, quanta bravura — Bate palmas duas vezes. — É realmente muito dramático todo

esse seu posicionamento. Por acaso se esqueceu de nossa conversa tão marcante?

— Não esqueci de uma palavra sequer. Mal tenho dormido, pensando em cada uma de suas

NACIONAIS - ACHERON

palavras desprezíveis, seu...

Otavius me dá dois tapinhas no topo da cabeça. O segundo dói.

— Não tente bancar a corajosa. Entre — Ele gesticula para dentro de sua sala. —, vou

lembrá-la do motivo pelo qual você vai colaborar comigo.

Abro a boca para recusar, mas ele me puxa pelo ombro e me empurra até a TV diante das

duas poltronas. Vejo que há quatro imagens na tela, como aquelas nas câmeras de segurança que

monitoram vários pontos ao mesmo tempo. Meu coração vacila e minhas pernas bambeiam. As

pessoas nas imagens são Cruel debruçado na mesa de seu escritório, Ann Lee conversando com um

rapaz à mesa do restaurante do hotel, minha turma na sala de aula durante a aula de matemática

e... Agatha. O que Agatha faz ali?

Olho para Otavius, furiosa.

— Convenhamos que o primeiro motivo para você colaborar comigo é bem óbvio, não é? —

Ele sorri, apoiando a mão no queixo. — Romance é a melhor parte de toda história, ainda mais

quando está fadado à tragédia.

— Você...

— Sobre o segundo motivo, você deve estar um tanto confusa — Ele aponta para a imagem

de Ann Lee. — Afinal — Sorri. —, não é do dia para a noite que se aceita o fato de que tem uma

irmã, não é?

Sinto como se tivesse levado um soco no estômago. *Droga*. Ann Lee é a filha que Cassandra

teve fora do casamento. É óbvio que ela é minha

irmã por parte de mãe. Como não liguei esses pontos? Qual é o meu problema?

— Sua turma de escola e a empregadinha são os motivos mais interessantes, não são? —

Ele ri. — Quem diria que a filha de um homem tão seco quanto Collumbus seria tão dada à suas amizades com pessoas de nível inferior...

Impulsivamente, avanço sobre ele numa tentativa e esganá-lo, mas suas mãos enormes

impedem as minhas e Otavius me empurra para o chão. Olho para ele e sou acertada por um

tapa forte no rosto. Fico tonta e desnorteada.

— Nunca mais...

Ouçó um estrondo e vejo Cruel cruzar a porta da sala. Ele se aproxima como uma onda

furiosa e empurra Otavius para longe de mim. O

Vice Presidente parece surpreso por um segundo,
mas logo vejo seu sorriso sádico retornar.

Cruel vem até mim e eu me apoio nele para ficar de pé.

— Por que está caída assim? — ele pergunta e vejo muita, mas muita raiva em seus olhos.

— Que cena tocante... — murmura Otavius.

Cruel o agarra pelo colarinho e o sacode.

— O que fez com ela, seu miserável?

Otavius ergue as duas mãos, em sinal falso de rendição.

— Só estávamos conversando...

Cruel o empurra novamente e ele quase cai contra uma das poltronas.

— Nunca mais — Cruel aponta o dedo para o rosto de Otavius. —, ouse dirigir a palavra

à ela. Nunca mais olhe na direção dela. Nunca mais pense nela.

— Ou o quê? — Otavius crispa os olhos.

Cruel acerta o rosto dele com um soco que o faz cambalear.

— Ou vou matá-lo e dar seus restos aos meus cães.

Seus olhos azuis encontram os meus e estão mais irados e tempestuosos do que jamais vi.

Cruel me puxa pelo braço e me tira da sala de Otavius apressadamente.

— Theo me contou tudo — ele rosna, caminhando tão rápido que eu quase tropeço em

meus próprios pés enquanto sou levada junto. — Como pôde fazer isso? Como pôde sequer

pensar em fazer parte de toda essa sujeira?

— Eu...

PERIGOSAS

— Cale a boca — Cruel interrompe. — Eu estou assumindo a frente disso tudo agora.

Afinal, eu sou o Presidente desta companhia e você é minha noiva. Qualquer um que tentar tirar

qualquer uma das duas de mim vai pagar com a vida.

— Está me colocando no mesmo nível de uma empresa? — rebato.

Cruel me olha de soslaio.

— Você é dona disso tudo, sua tonta. Você e a companhia são uma só — Ele para, após

dobrar a esquina de um corredor deserto. Então me puxa contra seu peito e me segura pelos

ombros. — Farei o impossível para proteger as duas.

Cruel me arrasta através de uma das saídas de emergência e nós descemos vários degraus,

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

que dão para o estacionamento subterrâneo da empresa. Começamos a caminhar entre os vários

carros estacionados e noto que Cruel parece muito nervoso. Inquieto. Como se algo estivesse para

acontecer. E de fato acontece.

Ouçõ sons de vários passos se aproximando e olho por cima do ombro a tempo de ver um

grupo de homens de terno se aproximarem. Paro de andar e aperto o braço de Cruel, chamando

sua atenção. Um dos homens está com uma arma apontada para nós e, dessa distância, duvido que

ele erre o alvo. Cruel acompanha minha linha de visão e para de se mexer. Sinto uma tensão

crescente tomar conta do lugar.

Por um segundo, achei que meu pequeno ato de rebeldia contra Otavius sairia impune.

Realmente desejei que ele deixaria passar ao menos

NACIONAIS - ACHERON

uma vez. Mas parece que não é para ser.

Esse homem não vai descansar enquanto não tirar tudo de mim.

Cruel me puxa para trás dele, tenso. Seus dedos tremem.

— Cruel...

— Shh — ele sussurra e ergue as duas mãos para o alto, em sinal de rendição.

O homem armado baixa o revólver ligeiramente.

— Estão aqui a mando do Vice Presidente, não estão? — diz Cruel, alto e claro. — Deixem

a garota ir — isso soa como uma ordem. — Eu é que tenho assuntos a tratar com ele, ela não tem nada a ver com isso.

Um dos homens dá uma risada rude.

— Poupe-nos de todo esse drama, senhor. Passe a

PERIGOSAS

garota para cá e ninguém se fere.

— Acho que você não me entendeu, seu cretino...

— Cruel diz entre dentes.

Todos os homens de terno tiram suas armas e as apontam para nós. Meus dedos agarram o

braço de Cruel com força. Ele tem que sair daqui, ele não pode se machucar.

— Quem está com problemas de compreensão é o senhor — diz outro deles. — Entregue a

garota e siga seu caminho.

É a vez de Cruel dar uma risada. Ele está nervoso. Só me restam duas opções: entregar-me

e tentar poupar Cruel de ser ferido — se é que eles não o farão mesmo que eu me renda — ou

deixar que ele realmente assuma as rédeas de tudo isso e nos tire daqui. Nenhuma das duas

parece ter um fim satisfatório.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Faremos o seguinte — grita um dos homens —, contarei até três. Se não entregar a

garota, atiraremos nos dois.

Cruel me empurra para trás, quase me derrubando no chão e dá um passo adiante,

estufando o peito.

— Atirem! — grita. — Atirem em mim se realmente acham que vão sair impunes disso!

Um dos homens atira, mas não acerta Cruel. Nesse momento, vejo uma van preta se

aproximar em alta velocidade, bater na lateral de um dos carros estacionados e parar entre Cruel

e os homens armados. A porta traseira da van se abre e eu vejo Theo. Puxo Cruel pelo braço e

nós corremos para dentro da van como dois malucos. Ouço tiros e gritos, mas agora estamos

seguros.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Theo acaba de salvar a minha vida outra vez.

— Você está atrasado! — ralha Cruel, ofegante. — Eu não sabia mais como enrolá-los.

Theo estala a língua, acomodando-se no banco da frente ao lado do motorista que ainda

não sei quem é.

— O que foi aquela cena de "atirem em mim"? — Theo faz careta para ele. — Você acha

que isso aqui é o quê? Uma novela?

— Alguém pode me dizer que droga é essa que está acontecendo aqui? — eu interrompo a

discussão boba dos dois. Meu coração ainda está acelerado e minhas mãos e pernas tremem.

Cruel e Theo me encaram. Theo desvia o olhar e vira-se para frente, ignorando-me

completamente. Ao meu lado, Cruel toca meu ombro e minha testa.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Você está bem? — pergunta.

Afasto sua mão, irritada.

— Por que isso tudo está acontecendo? — Olho na direção de Theo. — Expliquem!

Cruel trinca os dentes.

— Theo colocou uma escuta na sala de Otavius — diz ele. — Ele tem te observado o tempo

todo através das câmeras da empresa e, quando você decidiu ir à sala dele hoje, Otavius acionou

seus seguranças particulares. Theo disse que eles tinham ordens para emboscá-la e levá-la a um

lugar combinado.

Cerro os punhos e olho para Theo. Ele ainda me ignora.

— Theo me ligou imediatamente e me contou tudo.

— Cruel segura meu queixo e me faz

NACIONAIS - ACHERON

olhar para ele. — Como você pôde sequer pensar em esconder isso de mim, Rosie? De mim?

Engulo em seco, fitando seus olhos intensos.

— Eu queria lidar com tudo sozinha. Eu posso lidar com tudo sozinha.

— Mas você não precisa — ele rebate, franzindo a testa. — Não quando todos nós estamos envolvidos.

Afasto sua mão, sem deixar de olhar para ele.

— Eu não quero que nenhum de vocês se machuque por um problema entre mim e Otavius.

— Isso não é só sobre você e ele! — Theo grita, do banco da frente.

Vejo um misto de tristeza e mágoa em seu semblante.

— Ele é meu pai e você é minha única amiga — suas palavras soam duras —, então estou

metido nisso até o pescoço e, por mais que você tente me afastar, eu não vou a lugar algum.

Entendeu agora? Terei que desenhar?

Mordo o lábio e olho para a janela. Já estamos fora da empresa, mas o motorista não

diminui a velocidade. Quero ignorar o que Theo acaba de dizer, mas não posso, porque sei que

ele está certo. Seu envolvimento é inevitável e, por mais que eu queira, não tenho o direito de

excluí-lo. No entanto, ainda assim, quero protegê-lo porque ele me protegeu e continua me

protegendo.

— Você tem algum plano genial? — pergunto, após um longo silêncio na van.

Pelo canto do olho, vejo Theo olhar para mim.

— E quando é que eu não tenho um plano?

PERIGOSAS

Viro o rosto para encará-lo.

— Desde que não envolva Cruel, eu topo qualquer coisa — resmungo.

— Como é que é? — Cruel reclama, ao meu lado.

Olho para ele.

— Você não tem motivos para fazer parte disso.

— Ah, claro — ele assente, irônico. — Até porque o último grande plano de vocês foi um sucesso, não foi? Entendi.

Dou-lhe uma cotovelada nas costelas.

PERIGOSAS

— Se algo der errado e você estiver por perto,
Otavius vai querer usar você para me

atingir — argumento.

— E você espera que eu fique sentado só olhando?

— Ele segura meu pulso. — Tem

certeza de que me conhece?

— Não dificulte as coisas, Cruel.

— Não dificulte você.

Theo dá um longo e alto suspiro.

— Chihuahua — ele chama e eu sei que as coisas
estão começando a melhorar entre nós

—, por mais que eu deteste trabalhar com gente
rica e mimada, precisamos de toda ajuda

possível.

— Exatamente — Cruel assente em concordância.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Então pensa duas vezes e olha para

Theo, ofendido: — Você me chamou de quê?

Reviro os olhos.

— Certo — suspiro. — Suponhamos que eu concorde com isso tudo, o que fazemos agora,

Theo?

Ele franze a testa.

— O dia do evento empresarial está bem próximo e nós precisamos aproveitar essa

oportunidade de ficar mais perto de Otavius — Ele apoia o braço no banco e se vira de frente

para Cruel e para mim. — Precisamos fazê-lo acreditar que você ainda vai fazer aquela

declaração na frente de todos, Chihuahua, e que ele ainda possui controle sobre a situação.

— E quando ele menos esperar, nós o pegamos —

NACIONAIS - ACHERON

completa Cruel.

Theo assente. Franzo a testa preocupada.

— Quando você estiver diante de todos, estaremos com você de uma maneira ou de outra

— diz Theo, me encarando. — Não precisa se preocupar com absolutamente nada.

— Não é com isso que estou preocupada — admito.

— Pare de tentar nos poupar — Theo sacode a cabeça. — Se colocar um fim nessa história

e deixar você livre de Otavius significa que a gente vai se machucar, que assim seja. Eu não ligo.

Suspiro e esfrego a testa. Não há como argumentar contra isso, não agora. Já tive muita

adrenalina para um dia só. Recosto-me no banco da van. Olho para Cruel e o vejo encarar Theo

com uma expressão estranha que não sei descrever,

mas que parece um tanto agressiva. O que
será que se passa em sua mente agora?

Capítulo 52

Ajeito meu blazer azul marinho e suspiro,
encarando a outra eu que vejo no espelho. Hoje

estou vestida como a perfeita secretária: camisa de
botões, uma saia discreta, meia calça

combinada com um par de sapatos de salto baixo e
um blazer para me fazer parecer mais séria.

Meus cachos naturais começam a querer tomar
forma nas pontas de meus cabelos que agora

começam a passar de meus ombros. Optei por uma
maquiagem suave, mas que deixe madura.

Sinto-me dentro de uma armadura, indo para a
guerra. Coincidentemente — ou talvez não

— hoje é meu aniversário. Hoje me torno
legalmente dona e herdeira da companhia, dos bens

NACIONAIS - ACHERON

e

de todo o patrimônio da família DeVil, a minha família. Só de pensar nisso, já sinto uma terrível

vontade de me trancar no banheiro e vomitar o dia todo. Estou aterrorizada. Hoje todos os

empresários parceiros da companhia e a mídia saberão quem eu realmente sou. Eu espero

descobrir também.

Ouçõ duas batidas na porta de meu quarto no hotel. Espio através do olho mágico e vejo

Theo, usando preto da cabeça aos pés. Abro a porta para ele.

— Isso era para ser algum tipo de disfarce? — resmungo. — Parece que você vai assaltar

um banco.

Ele ergue o queixo, petulante.

— E você parece ter trinta anos.

Faço careta e volto a me olhar no espelho. De certa forma, me sinto mesmo mais velha —

principalmente por hoje ser meu aniversário —, mas não tanto quanto deveria. Quero ser madura

o suficiente para resolver meus próprios problemas sozinha e lidar com essas situações adversas

sem colocar a vida de ninguém em risco. Só que ainda não sou.

— Isso é para você — Theo me entrega um objeto do tamanho de uma unha em forma de

fone de ouvido.

— O que é?

— Coloque no ouvido e esconda com o cabelo. Vamos nos comunicar através disso.

Arqueio as sobrancelhas, impressionada e examino o pequeno objeto.

— Onde você consegue essas coisas?

Theo tira uma mochila das costas.

— A vantagem de se ter dinheiro é que dinheiro compra tudo. Você está pronta?

Assinto. O celular de Theo toca e ele atende tranquilamente.

— Sim? É, estamos de saída... Eu sei. Não se preocupe com isso. Certo. — E desliga.

Olho para ele.

— Quem era? — pergunto.

Theo suspira, mexendo na mochila.

— Seu namorado.

Pigarreio.

— Ele não é meu namorado.

— É mesmo? — Theo soa distraído.

— Estamos noivos.

— Sei.

Mordo o lábio. Faz tempo que Theo não faz piadas ou tira sarro de mim como fazia antes.

Desde nossa discussão sobre o plano de assassinar Otavius, ele tem me olhado menos nos olhos e

tem me ignorado. Não consigo entender o que está acontecendo.

— Vamos — Ele volta a colocar a mochila nas costas.

— Você está bem? — pergunto.

Theo olha para mim.

— Estou. Fique focada no plano.

— Acha que consigo fazer isso?

Ele dá dois passos para perto de mim e apoia as duas mãos em meus ombros.

PERIGOSAS

— Eu não me arriscaria se não acreditasse em você.
A Rosie Vallahar gentil que conheci

precisa ser deixada de lado para que a Rosie
Vallahar forte assuma. Entende isso? Você é a

herdeira de um império — Seus dedos apertam
meus ombros levemente. — Aja como tal.

Engulo em seco e assinto. A Rosie gentil e a Rosie
forte... Isso me lembra de meus pais, Adam

e Helena, que queriam me criar para ser as duas
coisas. Porém, eles só se preocuparam com meu

lado gentil e agora eu preciso me forçar a ser forte.
Preciso encontrar minha própria força

sozinha.

Theo e eu saímos separados, sem dizer mais nada
um outro. Espero no saguão do hotel pelo

motorista que o próprio Otavius contratou para me
levar ao evento e, quando o vejo,

NACIONAIS - ACHERON

imediatamente reconheço seu rosto. É Javier, o motorista loiro e bonito que trabalhava para

Sung. Achei que nunca mais o veria outra vez.

— Javi...

Seu rosto assume uma expressão tensa e ele sacode a cabeça de modo discreto. Entendo

seu gesto na mesma hora. "Estamos sendo observados, finja que não me conhece".

— Olá, senhorita Vallahar — ele me cumprimenta formalmente. — Hoje eu a levarei a seu

destino.

Assinto.

— Muito bem — minhas palavras soam frias.

Com olhares cúmplices, Javier e eu seguimos para o carro e nenhum de nós diz uma

palavra. Minhas mãos já estão geladas e eu bato o

pé no chão do veículo repetidamente, ansiosa.

Toco com discrição o pequeno aparelho em meu ouvido, esperando ouvir a voz de Cruel ou de

Theo a qualquer momento. Reviso todos os passos do plano mentalmente durante o trajeto.

Quero muito perguntar a Javier se ele sabe algo sobre o paradeiro de Sunsung. Era óbvio

que ele estava apaixonado por ela na época em que era seu motorista, mas será que ele sabe

sobre as coisas que ela fez? Será que sabe que ela foi responsável por me sequestrar e,

surpreendentemente, salvar a minha vida?

Contenho minha vontade de sanar todas essas dúvidas,

porque o momento não é para isso. E, por algum motivo, sinto que Javier está aqui para me ajudar,

então teremos tempo para conversar quando toda essa bagunça chegar ao fim — ou assim

espero.

Assim que Javier para o carro diante uma construção toda espelhada e moderna, meu

coração dispara de vez. Lá dentro há gente muito importante, gente com quem terei que negociar

e lidar quando assumir a frente da companhia DeVil e que sem dúvida vai me avaliar em todos os

aspectos assim que eu me anunciar como filha de Collumbus. Javier abre a porta para mim e eu

respiro fundo antes de descer do carro.

Assim que piso na calçada de concreto, sou recebida por uma onda de repórteres e flashes

de câmeras que me ofuscam. Javier me ajuda a passar por eles com certa dificuldade. Ouço meu

nome ser mencionado por vozes alteradas e vejo, à minha direita e atrás de uma grade de

contenção, um amontoado de gente curiosa

NACIONAIS - ACHERON

chamando pelo meu nome. Eles já se referem à mim

como Rosie DeVil, o que significa que Cruel já deu o primeiro passo em sua parte do plano:

espalhar a notícia de que estou viva. Isso fará com que todo o esquema de Otavius de instabilize

ligeiramente, afinal todos já estarão esperando por meu pronunciamento.

— Rosie? — Javier sussurra, chamando minha atenção.

— Ah, sim.

Eu volto a caminhar com ele e uma equipe de segurança chega para nos escoltar para

dentro. De repente, perco Javier de vista e um dos homens me segura com força pelo braço. Ele e

mais outros três me conduzem a um corredor que dá para uma espécie de camarim. Otavius está

sentado em uma cadeira de veludo vermelho, encarando a si mesmo num espelho. Assim que eu e

os homens entramos, um deles fecha a porta.

— Você finalmente chegou — comenta Otavius, virando-se para olhar para mim. — Por um

momento, pensei que iria voltar atrás em nosso acordo. Mas você é uma juvenzinha muito esperta.

Suspiro, cerrando os punhos. Sinto um nó na garganta.

— Quero que isso termine logo — digo, tentando soar firme. — Onde está meu discurso?

Otavius se levanta, sorrindo.

— Que apressadinha...

Ele estala os dedos, um de seus homens tira um envelope preto do bolso e entrega-lhe.

Otavius brinca com o envelope, me rodeando como

PERIGOSAS

um abutre. Tenho cada vez mais nojo desse homem.

— Aqui está — Ele me entrega o envelope.

O papel é áspero e parece pesado em meus dedos. Mas, quando chegar a hora certa, eu

vou rasgar pedaço por pedaço dessa farsa toda.

— Você lerá em alto e bom tom cada palavra nesse discurso — diz Otavius, voltando a me

rodear. — Obedecerá a cada indicação presente aí e dará a ênfase necessária para atingir

todas as minhas expectativas. Esse é o meu maior e mais grandioso espetáculo, Rosie — Sua mão

pousa sobre meu ombro e o aperta com força. —, nada pode dar errado. Fui claro?

Trinco os dentes. Esse maldito não sabe o que o aguarda.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Sim — respondo.

— Maravilha — Ele bate palmas. — Devemos tomar nossos lugares no salão principal. É

hora do show.

De fato, será um show inesquecível.

Minhas pernas tremem enquanto eu subo os degraus que dão para o palco de carpete

preto, onde Otavius me espera diante de um microfone que já acho aterrorizante. Ele estende a

mão para mim, encarando-me como se fosse a melhor pessoa do mundo e eu tenho vontade de

saltar sobre ele com dentes e unhas. Dou passos vacilantes e, pressionada por seu olhar, pouso

minha mão na sua e ele me coloca bem na frente do microfone. Eu já não ouço nada. É como se

meus ouvidos estivessem entupidos de algodão. Tudo o que consigo discernir é a salva de palmas

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

das pessoas nas mesas diante de mim, olhando para mim, comentando sobre mim. Em minhas mãos

está o envelope com meu famigerado discurso.

Otavius dá dois tapinhas em um de meus ombros e eu sei que é hora de começar a falar.

Ergo o rosto e fito minha plateia cheia de gente rica e importante que Otavius pretende enganar

através de mim. Há homens e mulheres bem vestidos e apresentáveis, com toda a sua atenção

voltada para mim, a garota baixinha diante do microfone. Meus dedos tremem enquanto eu abro o

envelope e tiro a folha de meu discurso de dentro dele. Leio a primeira linha mentalmente antes de

começar e me aproximo do microfone.

— Senhoras e senhores, boa noite — eu quase não ouço a minha própria voz e sinto meu

coração bater muito forte. — Meu nome é Rosie

NACIONAIS - ACHERON

Vallahar e... e agora eu apresento-me a vocês

como Rosie DeVil, filha legítima de Collumbus e Cassandra DeVil.

Levanto os olhos do papel e vejo as pessoas aplaudindo.

— Eu... — continuo a ler —, venho hoje esclarecer os rumores sobre o acidente trágico que

muitos pensaram que sofri.

"Acidente?", penso comigo mesma. "Assassinato é acidente agora?"

— Estou bem e saudável, pois tudo não passou de um grande mal entendido. Peço... peço

desculpas por causar tanto alvoroço e preocupação e agradeço a todos pelos gestos de

solidariedade a mim e à minha família. — Faço uma pausa e respiro fundo, lendo mentalmente a

próxima linha antes de continuar. Atrás de mim,

NACIONAIS - ACHERON

Otavius me dá uma cutucada discreta para que eu continue. Engulo em seco. — Hoje é um dia muito especial para mim — minha voz treme —, pois...

pois hoje atinjo a maioridade e serei inteiramente responsável por meus atos e minhas decisões à partir desse momento.

É agora.

Agora é o ponto alto do show de Otavius. Eu quase posso ver seu sorriso malicioso cheio de

contentamento. É uma pena que as coisas não sairão da maneira que ele planejou.

Respiro fundo e ergo a cabeça, encarando novamente as pessoas diante de mim e

procurando pelos rostos familiares que — seguindo nosso plano — devem estar aqui. Logo vejo

um deles e uma onda de alívio me atinge. É a policial Mac. E ela não veio sozinha.

Cerro minhas mãos em punhos, deixando meu discurso cair como folha morta no chão.

— A companhia DeVil é preciosa e muita gente tem se dedicado de corpo e alma para

manter essa empresa no topo — digo, ao mesmo tempo em que ouço Otavius xingar atrás de mim.

— Sei que sou muito jovem e minha experiência é quase nula, mas eu tenho um desejo imenso de

aprender. Quero aprender a gerir essa companhia de forma que meus pais ficassem orgulhosos de

mim. Quero contribuir para o crescimento e para o sucesso de todos que trabalham lá e quero, um

dia, ser uma Presidente da qual os funcionários de orgulhem. Esse é o único legado que meus me

deixaram e eu quero fazer tudo com excelência. — Faço outra pausa e respiro fundo. — Por isso

decidi que irei tomar a frente de...

Sinto alguém puxar meu braço e me afastar do microfone. É Otavius. Tão vermelho de ódio que acho que ele vai explodir.

— Vamos com calma — ele diz ao microfone, forçando um sorriso. — A jovem senhorita

DeVil se empolgou devido ao clima desse dia tão emocionante, não é, querida? — Ele olha para mim. — Ela fará um pronunciamento muito importante agora. O pronunciamento certo.

Otavius me coloca de volta na frente do microfone, mas não deixa de me ameaçar.

— Estou com seus amigos. Seja boazinha ou darei um fim em todos — sussurra rapidamente.

Viro o rosto para olhar para ele, estupefata.

— Eu acho que ela será uma excelente Presidente!
— alguém grita bem alto, do meio das mesas.

Busco a figura com os olhos até encontrá-lo. É Theo, olhando em nossa direção com uma

expressão desafiadora. Engulo em seco. Isso não faz parte do plano. Ao meu lado, Otavius xinga

entre dentes. As pessoas acompanham Theo com olhares curiosos enquanto ele caminha até a

frente do palco. Então levanta o dedo para o pai e volta o rosto para a plateia.

— Esse homem está chantageando Rosie Vallahar para que ela lhe passe a presidência e

todos os seus bens!

Algumas pessoas exclamam e outras arregalam os olhos, todas chocadas. Meu coração

quase para. O que Theo está fazendo?

— Ele ameaçou matar as pessoas mais próximas à ela se ela não colaborasse!

— Quem deixou esse garoto de rua entrar aqui? —

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

esbraveja Otavius, fingindo que não
conhece o próprio filho. — Segurança! Segurança!

Uma fila imensa de seguranças se aproxima de
Theo apressadamente, mas ele tira algo do

bolso da calça preta e ergue para o alto. É uma
arma prateada. Lembro-me bem de ver avisos

por todo o prédio proibindo a entrada de qualquer
tipo de armas — já que essa é, supostamente,

uma festa —, então assim que se dão conta do que
Theo tem na mão, as pessoas se levantam e

começam a correr. Até eu me sinto em perigo.

Nesse momento, a policial Mac e mais uma dúzia
de outros policiais armados aproximam-se

do palco, fazendo os seguranças recuarem. Olho
para Theo a tempo de vê-lo virar-se para o pai

a apontar a arma na direção dele.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Sem pensar duas vezes, Otavius me agarra e me usa como escudo, recuando. Theo trinca os

dentes e engatilha a arma.

— Vamos! — grita Otavius. —Vamos, atire em mim, seu cachorro infeliz! Não consegue com

sua amiguinha aqui, hein? — Sinto seu hálito podre em meu rosto. Otavius gargalha. — Encolha:

vai se vingar de mim ou salvar a vida dessa maldita?

Theo dá um passo adiante e Otavius envolve meu pescoço com uma das mãos enormes e

cheias de anéis. Eu grito, porque dói pra caramba.

A policial Mac se aproxima, cautelosa.

— Senhor, por favor! Não torne as coisas ainda piores! Deixe a menina em paz!

— Qual é, Theo! — Ele ri. — Chamou a polícia? Não é capaz de lidar com isso sozinho?

NACIONAIS - ACHERON

Olho para Theo a tempo de vê-lo baixar a arma.

— Talvez ele não seja capaz — diz uma voz feminina atrás de nós —, mas eu sou.

Ouçó o som alto de uma arma sendo engatilhada, o que indica que a pessoa está bem

próxima. O aperto da mão de Otavius em meu pescoço diminui lentamente e de repente ele me

empurra para frente. Caio de joelhos e me viro imediatamente para ver quem é que está atrás

dele. Meu coração parece parar por um segundo. É Sunsung. Ela está ferida e um pouco suja, com

uma arma apoiada na nuca de Otavius e uma expressão tão sanguinária no rosto bonito que eu

quase corro para me esconder de medo.

— Você. Matou. Eden — ela rosna, exalando ódio puro.

Otavius ergue as mãos em rendição.

PERIGOSAS

— Sua vadia. Como, como conseguiu escapar?

Alguém ri, chamando minha atenção, e vejo Cruel caminhando com a graciosidade de uma

pantera para mais perto de Otavius e Sunsung.

— Encontrá-la foi mais fácil do que tirar doce de criança — Cruel cantarola, sorrindo. —

Você deixa rastros muito óbvios, querido Vice Presidente. Tão descuidado.

— Seu...

— O que faremos com ele agora, Sunsung? — pergunta Cruel, retoricamente. — Ele está

por trás do acidente de carro que matou Collumbus. Ele ordenou o incêndio que matou os pais de

Rosie. Ele matou Eden, seu noivo. E ele continua falando em matar as pessoas... — Estala a língua

duas vezes, rodeando Otavius. — Algumas pessoas realmente não conhecem seus limites.

NACIONAIS - ACHERON

Sunsung engole em seco.

— Farei tantos buracos em seu corpo, que não sobrar  nada para enterrarem, seu

miserável. — Sunsung parece possessa.

— Senhor DeVil, senhorita Yook — chama a policial Mac. — Afastem-se do suspeito. A

polícia cuidar  dele.

Sunsung d  uma gargalhada. Ela parece mais fora de si do que nunca.

— Suspeito? Você... você tem algum atraso mental, policial?

— Isso é desacato! — grita outro policial.

— A polícia não dará a ele o que ele realmente merece — Sunsung agarra os poucos

cabelos de Otavius, apoiando a arma na têmpora do homem. — Esse homem aqui me prometeu

PERIGOSAS

coisas absurdas se eu fizesse certos favores para ele. Sondar a mansão DeVil, interferir nas

investigações do incêndio na casa dos Vallahar, matar um juiz, sequestrar e matar uma pirralha... E

o que eu ganhei com tudo isso? Esse lixo matou meu noivo e me manteve cativa num buraco no fim do mundo por quase um mês!

Vejo uma expressão de descrença e choque no rosto da policial Mac.

— Senhorita Yook, você... o juiz Iparis?

— Agora entende o que tive que fazer, policial? —
Sunsung choraminga. — Entende o

motivo pelo qual esse homem precisa pagar?

— Você nem amava Eden! — grita Otavius.

Sunsung abaixa a arma e dá um tiro no joelho dele. Otavius grita de forma aterrorizante e

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

os policiais avançam sobre ela, que deixa a arma cair no chão. Parece totalmente fora de si.

Coloco-me de pé lentamente. Cruel corre até mim e me abraça com força, enquanto uma

sensação de alívio toma conta de mim. Acabou. Ele está bem, eu estou bem.

— Você está bem? Está ferida? — Ele segura meu rosto com as duas mãos.

— Estou bem — Passo meus braços ao redor de sua cintura enterrando meu rosto em seu peito.

Cruel me afasta para olhar para mim.

— O que você fez foi perigoso — ele diz, exalando preocupação. — Não devia ter dito

aquelas coisas sobre ser Presidente, Rosie. Otavius descobriu na hora que algo estava errado! E se

ele tivesse te matado ali mesmo? — Suas mãos

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

seguram meus rosto outra vez. — O que eu faria se você...

Sacudo a cabeça.

— Não vamos falar sobre isso agora.

— Eu acho que ela foi genial — diz Theo, parado nos degraus do palco com sua arma ainda na mão.

— Não estamos pedindo opiniões aqui. — resmunga Cruel, revirando os olhos.

Olho para Theo e sorrio, grata. Ele devolve meu olhar e suspira, dando um meio sorriso

aliviado. Caminho em sua direção e é nesse momento — enquanto os policiais estão distraídos

demaís em levar Sunsung dali — que vejo, pelo canto do olho, Otavius se arrastar até alcançar a

arma no chão com uma das mãos. Vejo tudo

NACIONAIS - ACHERON

acontecer em câmera lenta, a cada batida do meu coração. Otavius aponta a arma para Cruel e pragueja alto. Minhas pernas parecem se mover sozinhas e eu corro de volta para ele e o abraço, lançando meus braços ao redor de seu pescoço.

A última coisa que ouço é o som do disparo da arma.

Capítulo 53

Acordo devagar, aos poucos, ouvindo o estridente e repetitivo som de bipes intermináveis. Sinto

meu corpo todo rígido e dolorido, como se eu tivesse passado muito tempo na mesma posição sem

me mover. Algo pica um de meus braços e eu sei que é uma agulha. Lentamente, abro os olhos. Ver

o teto de um quarto de hospital não me surpreende nem um pouco — parece que eu sempre

termino em um, no fim das contas.

Ouço um leve exclamar de surpresa ao meu lado e viro o rosto para tentar ver quem é.

Meus olhos focam em Ann Lee, que está sentada em uma cadeira ao lado da minha cama com uma

revista no colo. Ela olha para mim com uma expressão que nunca vi em seu rosto antes:

preocupação. Isso me intriga. Ela já sabe que temos a mesma mãe?

— Oi — sussurra, enquanto fecha a revista.

Tento encontrar minha voz, mas, quando abro a boca, ela não sai direito.

— Como se sente?

Pigarreio.

— Parece... que eu dormi por anos... — murmuro.

Ann Lee assente.

PERIGOSAS

— É o efeito dos sedativos e anestésias. Tiveram que operar você duas vezes para que

ficasse nova em folha. — Ela suspira. — Você tem uma sorte gigante, sabia?

Dou uma risada sarcástica que mais parece uma tosse.

— Sorte é tudo o que eu não tenho — digo. Mordo o lábio, apreensiva. — Eu... eu me

machuquei muito feio?

— Você foi atingida no ombro esquerdo, mas parece que alguns estilhaços da bala se

espalharam — Ela faz careta. — Os médicos tiveram um trabalhão para tirar tudo aí de dentro.

Assinto.

— E Cruel? — Sento-me na cama, sentindo o curativo na parte de trás de meu ombro. —

Ele está bem, não está?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

A expressão no rosto de Ann Lee se transforma numa carranca rabugenta.

— Não devia ficar tão preocupada com aquele idiota. Ele saiu ileso, graças ao seu grande ato de amor e sacrifício.

Suspiro, aliviada. Naquele momento, eu não pensei em mais nada a não ser impedir aquela

bala de atingir o corpo de Cruel, mesmo que tivesse que usar o meu próprio para isso. Lembro-me

de abraçá-lo e encarar seus olhos azuis arregalados e aterrorizados. Valeu a pena, já que ele

está bem.

— Olhe só para essa sua cara... — resmunga Ann Lee.

Eu a encaro.

— O que foi?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Ainda acredita que ele é o seu príncipe misterioso, não é? — Ela se senta na beira da

cama, mais perto de mim. — Permita-me ser bem direita: ele não se importa com você, mesmo que a ame.

Reviro os olhos.

— Isso não faz o menor sentido.

— Faz — Ann Lee rebate. — Com Cruel isso faz muito sentido. Você já deve saber que ele

é péssimo em admitir e em demonstrar seus próprios sentimentos, mas o problema dele não é só

esse. Ele é blindado, Rosie. Após a morte do "amor da vida dele" — Ela faz aspas com os dedos.

—, ele não é capaz de transmitir amor a ninguém, mesmo que ame a pessoa e tudo o mais. Eu sei disso, eu mesma vi.

NACIONAIS - ACHERON

Esfrego os olhos.

— Eu não quero falar sobre ele com você — digo, fitando-a com firmeza.

Ann Lee para de falar, olhando para mim com certa surpresa. Então suspira.

— Não diga que não avisei — resmunga baixo.

— Você já sabe sobre nós duas? — pergunto abruptamente, tentando mudar de assunto.

Ann Lee engole em seco e olha para baixo, desconcertada.

— Sei.

— É.

Ouço-a dar um longo suspiro.

— Eu sempre quis uma irmã mais nova sabia? — ela diz, soando distante e pensativa. —

Queria ensinar a ela como fazer penteados legais,

usar maquiagem, dar foras em caras idiotas...

Mas, de certa forma, é estranho que agora isso seja verdade. Mais estranho do que consigo dizer.

Concordo.

— Eu sei — digo. — Para mim é igualmente estranho. Eu já tinha me acostumado a não ter mais família alguma.

— Eu também — Ela olha para mim de um jeito melancólico.

Meu coração dói. Por mais que eu queira defender Cruel, nada justifica ele ter abandonado

a garota que antes pensava ser sua irmã. Eles eram a única família um do outro, afinal. Ou será

que ele sempre soube que Ann Lee e ele não eram filhos de Cassandra?

De repente, Ann Lee se levanta e caminha até uma mesa pequena no canto do quarto, sobre

a qual há uma caixa decorada e bonita. Ela traz a caixa até mim e me entrega, sem olhar

diretamente na minha direção.

— É para você.

Fico surpresa. Pego a caixa, que em meus braços parece enorme, e tiro a tampa devagar.

Há vários objetos estranhos dentro. Um cobertor de lã costurado pela metade, uma escova de

cabelo pequena, fraldas de pano dobradas, um par de sapatos brancos de bebê, um urso de

pelúcia do tamanho da minha mão e três envelopes azuis. Em meu íntimo, acho que sei o que é tudo

isso, mas olho para Ann Lee para ter certeza.

— Isso tudo... era para ser... meu?

Ela assente devagar.

— Encontrei enquanto vasculhava o quarto dela na

mansão de Cruel. Estava trancado há anos.

Analiso cada um dos objetos com muito cuidado, sentindo os meus olhos ficarem marejados.

Por ter sido, de certa forma, entregue a Adam e Helena, eu achei que não tivesse recebido amor

nenhum de minha mãe biológica. Mas ver todas essas pequenas coisas me faz enxergar um

significado por trás do gesto dela de guardar tudo isso: talvez ela não pudesse ficar comigo por

algum motivo.

— Por muito tempo eu fiquei remoendo as últimas palavras que Cassandra me disse antes

de morrer — Ann Lee volta a sentar na cadeira ao lado da cama. — Assim que descobri que

somos irmãs, tudo se encaixou e eu finalmente entendi o que ela queria dizer.

PERIGOSAS

Fungo, contendo a emoção.

— Quais palavras?

Ann Lee suspira.

— Se um dia você a encontrar, cuide dela. Foram as palavras exatas dela.

Enxugo uma lágrima e dou risada. Ann Lee olha para mim, confusa.

— O quê?

Sacudo a cabeça.

— Não é nada. Essa... essa só é uma situação estranha.

Ela assente e abana os olhos, tentando disfarçar as lágrimas.

— É. Certo. Como... como foi um pedido dela, eu vou fazer um esforço extra e ficar de olho em você.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Estendo minha mão mole e dormente e Ann Lee a segura, hesitante.

— Nem pense em dizer coisas melosas — Ela aponta o dedo para o meu rosto. — Você

continua sendo uma pirralha baixinha e sem graça, não importa o que aconteça.

— E você continua a ser uma esnobe metida — rebato.

Ann Lee franze a testa e então sorri levemente.

— Posso conviver com isso.

Soltamos as mãos e eu volto a mexer nas coisas da caixa, feliz por algumas peças do

quebra-cabeça da minha vida finalmente se encaixarem. Descubro que os três envelopes contém

cartas de Cassandra e, por mais ansiosa que eu esteja para lê-las, decido fazer isso quando

NACIONAIS - ACHERON

estiver sozinha.

Ann Lee começa a me atualizar sobre o que aconteceu enquanto estive no hospital. Sunsung

foi detida por tentativa de homicídio e internada temporariamente em um instituto de reabilitação

social; parece que ela tem sérios desequilíbrios emocionais. Otavius está preso e as investigações a

respeito de seus inúmeros crimes já começaram. Apesar de meu ódio por ele ter sido —

subitamente — substituído por indiferença, espero que a justiça seja feita e ele pague por tudo o

que fez a mim e à outras pessoas.

— Isso tudo aconteceu tão rápido... — comento, impressionada.

Ann Lee dá de ombros.

— Bem, não é como se você estivesse aqui há pouco tempo, Rosie. Já faz vários dias.

PERIGOSAS

Arregalo os olhos.

— Quantos?

Ela franze a testa, tentando se lembrar.

— Hum... não tenho ideia. Nunca fui muito boa com números, sabe?

— E a companhia? — pergunto, preocupada. — Quem está tomando conta de tudo?

Ann Lee faz a mesma careta rabugenta de quando mencionei Cruel mais cedo e eu

imediatamente já sei a resposta.

— Ah — assinto.

— Qual é a desse "ah"? Está tudo bem para você deixar ele comandar tudo?

— O que posso fazer? Quem melhor para cuidar da empresa que o próprio Presidente? —

Dou de ombros.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Ex.

— Olha, eu confio em Cruel para cuidar dessas coisas por mim, tudo bem?

Ann Lee suspira, sacudindo a cabeça.

— Você não devia...

Ergo a mão, interrompendo-a.

— Não. Não vamos falar sobre isso.

— Como quiser — Ela se levanta e pega sua bolsa do chão. — Preciso ir agora. Não faça

nada estúpido e melhore logo.

Dou um sorriso tímido.

— Certo. Cuide-se!

— Você também!

Ann Lee começa a sair no exato momento em que uma enfermeira entra dizendo que vai

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

trocar meu soro — ou algo assim. Ela deve ter uns vinte e poucos anos e é bastante sorridente.

— Que bom que acordou — diz, mexendo na bolsa de soro. — Muita gente está

preocupada com você.

— É?

Ela assente.

— Você tem visitas todos os dias.

Mordo o lábio.

— E... você tem cuidado de mim todos esses dias?

— pergunto.

— Tenho sim.

— Então, hum, por acaso você sabe se um rapaz veio me visitar?

Ela olha para mim e sorri ainda mais.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Um rapaz? Seu namorado?

Fico encabulada.

— É, meu namorado — Rio. — Ele é alto, cabelos escuros, olhos azuis... Consegue se

lembrar dele?

A enfermeira franze a testa e sacode a cabeça negativamente.

— Não, não vi ninguém como ele por aqui. Você recebeu visitas de uma policial, de um

garoto que disse ser seu amigo, de colegas da escola, de uma senhora idosa e de sua irmã, que

vem aqui todos os dias.

Meus ombros se encolhem. O que ela está dizendo?

— Você tem certeza?

Ela assente.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Nós registramos todas as visitas, para que o pessoal da imprensa não entrasse para incomodar você.

Forço um sorriso. Ele não veio?

— É claro, obrigada.

— Talvez seu namorado venha hoje, não se preocupe — Ela dá uma piscadela para mim.

Cruel não veio me ver nem uma vez? Como isso é possível? Será que ele ao menos checkou se estou bem?

— Vou deixá-la no soro por mais um tempinho, tudo bem?

Assinto e logo a enfermeira deixa meu quarto. Arranco a agulha de meu braço e todos os

fios que me conectam às máquinas e me levanto da cama, arrependendo-me imediatamente.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Minhas pernas moles vacilam e eu quase caio, mas seguro as grades de apoio da cama com

firmeza. Respiro fundo e a tontura passa. Flexiono os pés e os joelhos várias vezes, aquecendo-os.

Vejo um cardigã de lã comprido pendurado na cadeira onde Ann Lee estava sentada e o visto —

pois essa camisola de hospital não cobre quase nada. Pego as cartas de Cassandra e deixo o

quarto, caminhando devagar.

O hospital está agitado e eu vejo vários enfermeiros andando de um lado para o outro.

Sem que ninguém note, pego o elevador e vou para a cobertura. Assim que abro a porta que dá

para o terraço, vejo a paisagem noturna da cidade e ela está tão bonita que me faz chorar. Ou

talvez eu só esteja chorando porque, lá no fundo, estou começando a duvidar do amor de Cruel

NACIONAIS - ACHERON

por mim.

Fico olhando para as cartas de Cassandra em minhas mãos, sem coragem para abrir. O

vento bagunça meus cabelos. Está frio aqui no terraço, mesmo que não seja mais inverno, e logo

estou tremendo tanto que decido voltar para meu quente e aconchegante quarto de hospital. Meu

rosto está provavelmente muito inchado para que eu passe despercebida pelos enfermeiros, mas

ainda assim caminho pelos corredores com tranquilidade quase sem ser notada.

— Está se sentindo bem? — pergunta um enfermeiro, enquanto passa por mim.

Assinto.

— Estou voltando para o quarto.

— Se precisar de ajuda, é só chamar alguém.

— Obrigada.

Retorno ao meu quarto com a tênue esperança de que — não importa como — Cruel esteja

lá dentro esperando por mim, com um pedido sincero de desculpas. Chego a hesitar diante da

porta, sentindo um aperto no coração, mas, assim que a abro, não vejo nada além do quarto vazio.

Sinto uma raiva violenta de mim mesma por ser tão ingênua e tão idiota. Não é nenhuma grande

novidade, afinal essa não é a primeira vez que Cruel me decepçiona, mas me sinto tão mal que

acho que vou explodir. Deve haver uma explicação bastante sensata para o fato de que ele não

se importou em nem mesmo vir me ver e checar se estou bem. Afinal, eu tomei aquele tiro por ele.

Eu entrei na frente dele para que ele não fosse ferido. E em troca Cruel simplesmente me esquece

aqui? Me deixa aos cuidados de outras pessoas sabendo que ele é o único que eu quero ver?

Como ele se atreve?

Noto que minhas mãos estão segurando as cartas com tanta força, que elas estão ficando

amassadas. Caminho até a cama e as coloco sobre o travesseiro. Olho para elas por um longo

tempo. Talvez eu não queira saber nada sobre minha mãe biológica, nem sobre qualquer coisa que

ela tenha a dizer para mim através dessas cartas. Nada vai mudar, de qualquer maneira. Me

apegar ao meu passado — que eu nunca conheci de verdade — não vai contribuir em nada para

o meu futuro. Eu vou me concentrar em melhorar e sair logo desse hospital.

— Você ainda não as abriu? — Ann Lee pergunta,

olhando para as cartas que deixei sobre
a caixa, no canto ao lado da cama de hospital.

Estamos juntando minhas coisas, pois finalmente
recebi alta do hospital e vou embora com

Ann Lee — provavelmente de volta para o hotel
onde nós duas nos hospedamos coincidentemente.

Parece que passei uma eternidade aqui dentro, o
suficiente para decorar o formato de cada

objeto do quarto e o rosto de cada enfermeira que
cuidou de mim. Theo me mandou uma caixa de

doces e porcarias com um cartão que dizia que ele
não estava na cidade, mas que voltaria logo. A

idosa que a enfermeira mencionou outro dia não
voltou a me visitar, mas Ann Lee garantiu que era

Agatha e que eu a veria em breve. Cat e Antonela,
minhas amigas da escola, vieram me visitar

duas vezes e me atualizaram de tudo que tem

PERIGOSAS

acontecido por lá — nós todas choramos bastante, principalmente porque foi a primeira vez que elas me viram depois da notícia de que estou viva se espalhar.

Ah. Esse é outro detalhe: agora sou meio famosa. Uma das enfermeiras me contou que o

peçoal da imprensa estava fazendo de tudo para tentar entrar e falar comigo, conseguir uma

entrevista. Aparentemente, minha vida parece interessante o bastante para que as emissoras de TV

acampem ao redor do hospital, aguardando pela minha saída.

Cruel não veio me ver. Nem mandou recado ou presente algum. E eu tenho me importado

cada vez menos com isso.

— Lerei depois — respondo à Ann Lee, enquanto preendo meu cabelo com um elástico.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Ela olha para mim e suspira. Tem feito isso bastante nos últimos dias e eu vejo que realmente está se esforçando para cuidar de mim, mesmo que eu não esteja sendo a pessoa mais receptiva do mundo agora. Caminho até o canto onde deixei a caixa e a pego nos braços, sentindo-a mais pesada do que antes. Abro a tampa e guardo as cartas no fundo.

Ann Lee chama seus seguranças para levar minhas coisas para o carro e nós duas nos dirigimos à recepção para assinar os papéis de alta. Ouço pessoas murmurarem e apontarem para nós conforme caminhamos até o balcão principal e fico irritada. Terei que me acostumar com

isso?

Depois de assinar tudo que precisa ser assinado, Ann Lee e eu somos escoltadas até uma

NACIONAIS - ACHERON

SUV preta cercada na frente e atrás por outros dois carros pretos. Não fico surpresa. O que me

deixa desconfortável é a quantidade de repórteres e curiosos tirando fotos e gritando perguntas

para mim. Se eu pudesse, faria com que todos desaparecessem.

— Vamos voltar para o hotel? — pergunto à Ann Lee, assim que nosso carro começa a

andar.

— Hotel? — Ela franze a testa e joga o cabelo para trás num gesto esnobe e teatral. —

Por que iríamos para aquele hotel?

Franzo a testa.

— Vamos para outro?

— Estamos indo para casa, Rosie. Para a sua casa.

Olho para ela. Minha casa? Ela não pode estar se

referindo a...

— É exatamente isso que você está pensando —
Ann Lee sorri para mim.

— Mas, mas... aquela mansão é dele...

— Dele? — Ann Lee faz careta. — Ele não é um
DeVil. Pode até ter a própria fortuna como

estilista e tudo o mais, mas a casa e tudo o que
estiver no nome da família DeVil te pertence e

apenas a você, Rosie.

Olho para a janela. Em alguns momentos, parece
que não sei mais quem eu sou. Primeiro

órfã, depois única herdeira e agora milionária. Tudo
tem acontecido tão rápido, que eu mal

consigo assimilar e diferenciar a realidade das
minhas divagações. Agora eu tenho uma irmã, uma

companhia, muito dinheiro e o peso de um
sobrenome importante, que sem dúvida exigirá de

NACIONAIS - ACHERON

mim

mais do que estou pronta a dar. Eu não sei ser ninguém além de Rosie Vallahar — e, ainda assim,

toda confusa. Será que esperam que eu seja algo mais que isso, algo mais que eu?

Retornar à mansão DeVil me traz lembranças fortes e ao mesmo tempo é completamente

diferente de antes. Ann Lee me conta que veio há alguns dias dar uma olhada na redecoração a

casa e nas reformas necessárias que estavam fazendo aqui — foi quando encontrou a caixa que

Cassandra deixou para mim.

— Achei que você iria gostar de uma mudança em tudo isso aqui — ela diz, assim que

entramos pela porta da frente.

E ela está certa. Ver esta casa redecorada me faz sentir melhor do que pensei. Talvez eu

até consiga ficar confortável aqui. Mas algo ainda me incomoda.

— Quando disse a ele para sair? — pergunto à Ann Lee, referindo-me a Cruel.

Ela franze a testa.

— Eu? Eu não disse nada. Cruel me ligou e disse que a casa estava desocupada. E ainda

teve o atrevimento de desligar na minha cara, imbecil... — ela resmunga.

Suspiro. Não estou surpresa. Parece que Cruel está tentando cortar qualquer contato entre

nós e me afastar de forma que todo o drama seja poupado. Depois do que ele fez, que seja, eu

não vou mais me importar.

Instalo-me em meu velho quarto, que está quase intacto — a não ser pela cama e guarda-

roupa novos. Pedi à Ann Lee para se mudar para cá

comigo, assim eu me sentiria bem menos

sozinha nessa casa gigante, mas ainda há certo constrangimento entre nós duas. Não nos gostamos

logo de cara, então é natural que levemos algum tempo para entrar em sintonia. Ao menos, ambas estamos tentando nos dar bem de verdade.

— Vou pedir que tragam todas as suas coisas para cá — ela diz, assim que entro em meu

quarto. — O que achou da nova cama? É bem mais bonita, não é?

Dou um sorriso fraco.

— É mesmo.

— Você... quer comer alguma coisa... ou algo assim?

Olho para ela. Ann Lee está se esforçando tanto que quase não parece ela mesma.

PERIGOSAS

— Você pode escolher o jantar — digo, tentando soar amigável. — Algo gostoso.

Vejo-a sorrir.

— Tem um restaurante francês maravilhoso que abriu no mês passado e você não vai

acreditar nas sobremesas que eles servem lá...

Deixo que ela seja minha maior distração, pois Ann Lee gosta muito — muito — de falar.

Depois que tomo um bom banho e descanso por algumas horas, ela me ajuda a escolher um vestido

bonito e sapatos que combinam e nós saímos para jantar no tal restaurante francês. De fato, as

sobremesas lá são completamente surreais de tão boas. É estranho ir a restaurantes sem ter que

contar o dinheiro necessário para pagar a conta, mas eu acho divertido. Também é ótimo porque

Ann Lee e eu conversamos bastante sobre a

NACIONAIS - ACHERON

bagunça que é a história de nossa família.

Ela me conta das poucas lembranças que tem de Cassandra, nossa mãe e conta o que sabe

sobre tudo o que aconteceu com ela. As duas saíram da casa de Collumbus assim que Ann Lee

nasceu e viveram em Paris até que ela completasse um ano — obviamente porque as coisas

estavam bem feias depois que Collumbus descobriu sobre a traição da esposa. Cassandra decidiu

voltar e tentar uma reconciliação com o marido quando Ann Lee estava prestes a completar dois

anos e, por um tempo, eles viveram todos juntos — meus pais, Ann Lee e Cruel — como uma família

aparentemente normal. Collumbus e Cassandra realmente tentaram se reconciliar e foi de numa

dessas tentativas que eu fui gerada. Porém, minha mãe não era uma pessoa que podia se encaixar

PERIGOSAS

nos padrões exigidos da esposa de um "homem de elite" e ela e Collumbus brigaram feio por um

motivo que Ann Lee não sabe me dizer. Os dois se separaram antes que ela soubesse que estava

grávida outra vez e Cassandra voltou a Paris, com Ann Lee. A gravidez foi perigosa para sua

saúde e ela ficou internada por bastante tempo até que eu nascesse — e então me escondeu de

todo mundo, de alguma forma.

— A última lembrança que tenho dela é naquela cama de hospital, dias depois do seu

nascimento — conta Ann Lee, com um olhar distante. — Ninguém sabia sobre você na época, Rosie

— Seus olhos buscavam os meus. — Nós teríamos te encontrado, se soubéssemos que era preciso

procurar por você. Lembro-me que só Cruel foi ver Cassandra no hospital. Collumbus não quis.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Acho que estava ressentido demais de seja lá o que ela tenha feito para ele.

— Cassandra era muito infiel, não era? —
pergunto, sentindo-me, de certa forma, mal por
meu pai.

Ann Lee assente, suspirando.

— Ela nunca amou Collumbus, sabe? E deve ter
pensado que você era fruto de um dos

casos amorosos dela, por isso escondeu você do seu
pai.

— E como sei que sou mesmo filha de Collumbus?

— Franzo a testa, fazendo a pergunta

que venho querendo fazer há muito tempo.

Ann Lee crispa os olhos.

— Você não leu as cartas dela ainda, leu?

Baixo os olhos.

NACIONAIS - ACHERON

— Não.

— Pois devia. Pode ajudar a esclarecer todas essas dúvidas.

Pedimos mais sobremesa e eu fico refletindo sobre tudo o que ela me contou. Mesmo que o

lar onde cresci não tenha sido verdadeiro, foi mil vezes menos conturbado e polêmico do que o lar

onde eu deveria ter crescido. Quem eu teria me tornado se Collumbus e Cassandra tivessem me

criado? Eu seria uma mistura estranha de Cruel e Ann Lee?

Assim que voltamos para casa, noto que há um carro parado do lado de fora. O motorista

para nosso carro e os seguranças que nos escoltam no carro de trás saem para checar quem é o

visitante.

— Mas é mesmo um desgraçado... — murmura

Ann Lee, entre dentes.

Vejo uma expressão de repulsa familiar em seu semblante.

E sei exatamente quem veio nos visitar.

Capítulo 54

Através da janela, eu o vejo descer do carro.

Meu coração acelera, mas eu cerro os punhos. Faz muito tempo que não sinto tanta raiva

dele como agora. Todas as minhas frustrações e decepções retornam aos meus pensamentos —

todas causadas por ele e somente ele. A pessoa que brincou comigo e me usou como se eu fosse

um simples passatempo, a pessoa que me maltratou e humilhou, a pessoa que fez com que eu

acreditasse que nutria sentimentos por mim, a pessoa por quem levei um tiro e que me esqueceu

PERIGOSAS

num hospital quando eu mais precisava dele.

Cruel.

Abro a porta do carro e salto para fora, caminhando a passadas largas e enfurecidas.

Seguranças tentam me conter, mas eu grito e eles se afastam. Ouço Ann Lee chamar por mim, mas

eu a ignoro. Toda a minha atenção está concentrada na figura de terno de quem me aproximo a

cada passo e, quando estou próxima o suficiente para que ele me veja, cerro um punho e acerto

seu rosto com toda a força que tenho. Dói.

Cruel não chega a cambalear, mas fica desnorteado.

— Suma daqui — rosno.

Impassível, ele levanta o rosto para olhar para mim.

— Vejo que está recuperada.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Desgraçado — sibilo, empurrando-o. — Quem
você pensa que é para aparecer na

minha frente desse jeito? O que veio fazer aqui?
Pedir desculpas? Implorar por perdão?

Seus olhos encontram os meus.

— Não.

Trinco os dentes e ergo o punho para bater nele
outra vez, mas ele para minha mão antes

que atinja seu rosto.

— Vim tratar de negócios — sua voz soa tranquila.

Tenho vontade de esganá-lo, mas recuo. Ele deve
estar brincando comigo. Só pode estar

bancando o durão outra vez, quando suas reais
intenções são outras.

— Negócios — Rio alto, sacudindo a cabeça. —
Essa é sua desculpa?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Minha desculpa?

— Por que veio aqui? — Cruzo os braços. — Diga a verdade.

Ele suspira.

— Eu vim porque preciso conversar com você sobre algumas exigências dos investidores.

Franzo a testa.

— Investidores?

— Você é a dona da companhia agora e depois daquele seu showzinho no encontro de

empresários, todos acham que será a nova Presidente. As ações estão instáveis e nossos

investidores não acreditam que você seja capaz.

Sinto uma pontada de dor no meu orgulho quando ele diz isso.

— Como sabe o que eles acham? Como... como

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

sabe de tudo isso? — Encaro-o. — Você

realmente deixou de me visitar porque estava enfiado naquela empresa?

— Então essa é a grande questão — Cruel murmura.

Dou uma risada irônica.

— O que deu em você, Cruel? Acha que o mundo gira ao seu redor?

— Você é quem acha isso — ele me interrompe, apontando o dedo para mim. — Você é

que está me batendo e gritando comigo simplesmente porque eu não fui vê-la no hospital. Pois

saiba que companhia precisava de mim. O que você queria que eu fizesse? Quem iria manter a

ordem quando o Vice Presidente foi preso e o novo Presidente ainda não foi escolhido? Quem iria

NACIONAIS - ACHERON

cuidar de tudo?

— A companhia precisava de mim? — repito, indignada. Lágrimas chegam aos meus olhos e

eu fico com ainda mais raiva. — Eu! — grito, dando-lhe um soco no peito. — Eu precisava de você!

— Outro soco. — Eu esperei por você e você não veio! — Mais um soco. — Você não estava lá!

Cruel fica parado enquanto eu desconto toda a minha raiva nele. Então segura meus dois

punhos e me puxa para mais perto, olhando-me com aquela expressão impassível que eu detesto.

— Eu não tenho tempo para brincar de casal feliz com você, Rosie — ele diz, baixo. —

Quando um problema ameaça a empresa, o Presidente deve solucioná-lo. Sabe quantas pessoas

seriam prejudicadas se algo acontecesse e nossas ações comesçassem a despencar? Sabe quantas

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

peessoas teríamos que dispensar?

— E isso importa agora? — desvencilho-me dele.

— Eu levei um tiro por você!

— EU SEI! — Cruel grita, silenciando-me.

Ficamos nos encarando como dois animais selvagens e eu vejo certa raiva em seus olhos.

Tenho certeza de que os meus não parecem nada amigáveis também.

— Você podia ter me visitado — digo, entre dentes. — Só uma vez... era só o que eu

queria.

— Eu não tinha tempo para isso — sua voz soa cortante.

— Ah, você não tinha tempo?

— Estou aqui agora, não estou?

Dou uma gargalhada.

NACIONAIS - ACHERON

— Agora? Agora eu quero que você desapareça da minha frente!

Cruel suspira.

— Bem, é uma pena. Vim com um plano para ajudar a companhia e ele requer um trabalho em equipe que envolve nós dois.

Cerro os punhos.

— Você só pensa na companhia?

— E você não? — ele rebate. — Ela é sua, afinal de contas.

Dou-lhe outro empurrão e Cruel novamente me segura pelos punhos. Quero que ele vá

embora. Quero que desapareça completamente. Nada do que ele disser justifica sua ausência, não importa quão plausíveis são suas desculpas.

— Eu ouvi o que você tinha a dizer — Cruel

murmura, soltando-me devagar. — Agora é minha vez.

— E se eu não quiser ouvir?

Ele dá de ombros.

— Então boa sorte para lidar com os investidores sozinha.

— Acha que não sou capaz?

— Se a questão fosse capacidade, eu não me daria ao trabalho de vir aqui.

Sinto que ele está, de certa forma, me ofendendo.

— Diga. Diga o que quer e vá embora de uma vez.

Cruel suspira e enfias as mãos nos bolsos da calça.

— Não vai me convidar para um café?

— Não — respondo sem pestanejar. — Você não é mais bem-vindo aqui.

Vejo uma sombra de sorriso em seus lábios, o que me deixa ainda mais irritada. É como se

ele soubesse de algo que não sei e fica zombando de mim por isso.

— Como eu já disse — Cruel começa —, os investidores estão inseguros sobre você

assumindo a presidência da companhia, visto que completou dezoito anos agora e nem mesmo

concluiu o ensino médio ainda.

— Não os culpo, eles não me conhecem — murmuro.

— De fato.

— Posso colocar alguém no cargo de Presidente até que eu esteja pronta para assumir?

— É o que eles esperam que você faça — ele assente.

Franzo a testa. O problema é que não conheço

absolutamente ninguém capaz de comandar

bem a companhia, a não ser Cruel. E não quero pedir isso a ele. Não quero dar meu braço a

torcer novamente.

— Você disse que tem um plano para ajudar — resmungo, sem olhar para ele. — Qual é?

Cruel tira as mãos dos bolsos e cruza os braços.

— Eu estava esperando que você perguntasse...

Reviro os olhos.

— Diga de uma vez e vá logo embora.

— Certo, como quiser. Estou aqui para propor um acordo — Ele dá dois passos para mais

perto de mim. —, que os próprios investidores sugeriram. Como você bem sabe, sou Presidente há

certo tempo e conheço muito bem como todo o trabalho deve ser feito e tenho todos os requisitos

para o cargo. Os investidores e acionistas confiam em mim e eu possuo uma porcentagem

razoavelmente grande das ações da companhia, o que me torna parte do conselho que toma as

decisões importantes. Em outras palavras, eu sou a melhor opção que você tem agora. Não, espere

— Ele apoia a mão no queixo e finge surpresa. —, eu sou a única, não sou?

Crispo os olhos.

— Uau, você parece tão satisfeito consigo mesmo...

— E estou.

Estalo a língua, desdenhando. É claro que eu sei que tudo o que ele disse é a mais pura

verdade. E não quero ceder. Mas que outra escolha eu tenho? Quem mais pode assumir esse cargo?

— Você... — digo devagar, contrariada e evitando olhá-lo nos olhos — assumiria a

presidência... se eu pedisse?

— Se você me pedisse? — ouço uma risada em sua VOZ.

— É.

— Não.

Olho para ele, pega de surpresa. Não é isso que ele quer?

— Não?

— É óbvio que não, Rosie. Você me conhece, não conhece? Eu até faço uma gentileza ou

outra... mas só se me beneficiar de alguma maneira.

Suspiro alto, revirando os olhos.

— Ah, como pude esquecer? — resmungo. — O que você quer, hein?

Cruel me olha nos olhos.

— O que eu quero? Simples — Ele dá de ombros.

— Vamos nos casar.

Arregalo os olhos e olho para ele como se, de repente, Cruel tivesse ganhado um par extra

de olhos. Ele não faz nada a não ser esboçar um sorriso.

— Você deve ter enlouquecido — digo.

Dou-lhe as costas e começo a andar pelo gramado.

— Qual é, Rosie — ouço o dizer. — Nós íamos nos casar, de qualquer forma.

Olho para ele por cima do ombro.

— Não íamos, não.

Ele franze a testa.

— Não?

PERIGOSAS

Ergo a mão onde estava o anel que ele me deu ano passado.

— Eu perdi o anel. O noivado acabou — Volto a caminhar.

— Posso te dar outro.

— Eu sou rica agora, esqueceu? — respondo, sem me virar. — Compro quantos anéis eu

quiser antes mesmo que você pense em ir à uma joalheria.

— E seu eu te disser que estou com o anel aqui e agora?

Paro de andar. Cruel ficou maluco ou eu é que perdi a cabeça?

Viro-me para olhar para ele e a expressão em seu rosto é tão bonita que eu sinto como se

tivesse levado um soco no estômago. Cruel realmente acha que vou cair nessa novamente? Nós já

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

vivemos essa mesma situação tantas vezes que me canso só de tentar me lembrar. Ele sempre me

ganha no final. É como se estivéssemos infinitamente brincando de gato e rato, sendo que o final

da brincadeira já foi determinado. O gato vence. Parece inevitável, certo?

Mas eu estou cansada.

Eu entreguei meu coração a Cruel sem pedir nada em troca, mas ele nunca fez o mesmo

comigo. Nunca senti sinceridade em suas palavras e em seus gestos — não o bastante para me

fazer aceitar seu pedido de casamento (que agora mais parece um acordo empresarial).

E eu devo culpá-lo?

Sempre fui eu quem insisti para que déssemos certo. Sempre fui eu que corri atrás dele,

NACIONAIS - ACHERON

não importa onde ele estivesse. Sempre fui eu. Isso é o que chamam de amor unilateral?

Olhando para Cruel agora, não consigo negar meu amor por ele. Eu o amo e talvez isso

não mude tão cedo. No entanto, agora as coisas estão diferentes. Eu estou diferente. Tenho

responsabilidades, deveres e objetivos diferentes. Não sou a mesma Rosie frágil e desamparado

que veio morar nessa casa. Tampouco sou a Rosie forte que quero me tornar. Se eu voltar para

Cruel mais uma vez, sei que vou me perder em meu caminho para me tornar essa pessoa.

Não posso. Desta vez, não.

— Desculpe — digo, olhando fundo em seus olhos que agora parecem preocupados —,

mas terei que recusar sua oferta, Cruel.

— O quê?

Dou um sorriso fraco.

— Obrigada por oferecer seus serviços...

— Rosie...

— ... mas eu não estou disposta a aceitá-los dessa vez.

— O que você está dizendo? — Ele começa a caminhar na minha direção. Eu nunca vi uma

expressão tão inquieta em seu rosto. — Rosie, eu... eu... você sabe como me sinto...

Faço um gesto para meus seguranças de prontidão e eles interceptam Cruel antes que ele

chegue até mim.

— Rosie? Rosie! Ei!

Dou-lhe as costas e caminho devagar até onde Ann Lee está parada, esperando por mim.

Ela me olha como se estivesse vendo alguém

bastante ferido e eu dou-lhe um sorriso fraco. Ann Lee

apoia a mão em meu ombro e nós tomamos o rumo da porta da frente da minha casa.

Meu peito dói bastante agora. Mas eu sei que vai passar.

Não se passam nem dois dias até que Cruel venha falar comigo outra vez. Ele vem à minha

casa e nós trocamos pouquíssimas palavras entre as grades do portão, cercados por três dos meus

seguranças. Ele me chama de mesquinha. Diz que estou criando uma situação desnecessária entre

nós simplesmente porque ele não foi me visitar no hospital. Eu ouço tudo o que ele tem a dizer,

desejo-lhe um bom dia e volto para dentro. No dia seguinte, ele me liga. Demoro a atender, certa

de que Cruel vai desistir se eu simplesmente o ignorar. E ele desiste.

Tem sido difícil evitá-lo em meus pensamentos, mas eu me esforço bastante. Distraio-me

sendo aconselhada por um consultor financeiro — que Ann Lee e eu escolhemos para me ajudar

em meus primeiros passos administrando a companhia — e em breve começarei a ter aulas

particulares em casa. Meu coração dói sempre que me lembro do quanto Cruel me decepcionou e

eu faço dessa dor um incentivo para permanecer afastada dele. Minha irmã tem me feito muito

bem, surpreendentemente. Conhecendo-a melhor, posso enxergar através da fachada esnobe e

irritante que ela criou para si mesma e nós nos damos bem — apesar das discussões que temos às

vezes.

PERIGOSAS

Theo voltou à cidade, mas nós só conversamos por telefone. Ele está bastante ocupado

envolvido nos detalhes da investigação sobre Otavius e cuidando da mãe. Contou que ela está

arrasada e que todas as responsabilidades da família estão sobre seus ombros agora. Eu sinto sua

falta.

A campainha toca enquanto eu desço as escadas e sei que é meu consultor quem veio me

ver. Ann Lee e eu não contratamos empregados para fazer tarefas por nós — a não ser cozinhar

e faxinar a casa —, então sou eu quem abre a porta e recebe o Dr. Filis. Ele é um homem alto,

magro, careca e simpático. Conheceu Collumbus e já participou de reuniões da companhia, então é

bastante confiável.

— Boa tarde, Dr. Filis.

NACIONAIS - ACHERON

— Boa tarde, senhorita Vallahar — Ele me cumprimenta com um aperto de mão.

— Novidades sobre a última reunião?

Conduzo-o para a sala de estar enquanto ele me atualiza do que tem acontecido nesses

dias na companhia. Infelizmente, eu não tenho saído muito de casa a pedido da polícia — pois a

qualquer momento eles podem solicitar meu depoimento para o caso Otavius e eu meio que sou

uma "testemunha valiosa que precisa ser mantida em segurança" — e por isso o Dr. Filis agora é

meus olhos e ouvidos lá dentro. Ele me conta que há uma reunião marcada para daqui a uma

semana entre investidores, acionistas e a administração da empresa, à qual eu provavelmente precisarei comparecer.

— Como o senhor DeVil está lidando com a

gestão? — pergunto, oferecendo-lhe uma porção de biscoitos que deixei sobre a mesa de centro. Evito dizer o nome de Cruel em voz alta, até quando estou com Ann Lee. Theo me perguntou como vão as coisas com ele, mas eu desconversei e mudei o rumo da conversa. Afinal, agora o relacionamento entre mim e Cruel é apenas profissional.

Dr. Filis mastiga e engole um biscoito antes de responder.

— Ele trabalha em silêncio, mas é eficaz. Parece ter melhor rendimento agora do que quando era Presidente e dono da companhia.

— Entendo.

— Pretende mantê-lo no cargo de Diretor Geral?

— Oh, não. É provisório.

PERIGOSAS

— Então já está negociando a compra das ações que ele possui, certo? — Dr. Filis arqueia

as sobrancelhas.

Esse é o detalhe que mais tem tirado minha paz: saber que Cruel possui uma porcentagem

da companhia e que, por isso, é capaz de opinar e votar em questões importantes lá. Não tenho

nem ideia de como propor um acordo a ele. Não quero nem vê-lo, na verdade. Depois da

proposta de casamento absurda que ele me fez após praticamente me abandonar no hospital,

tudo o que quero dele é distância.

— Não há outra forma de recuperar as ações que ele possui? — pergunto, incomodada. —

Ele realmente as comprou no próprio nome ou será que elas na verdade são minhas?

Dr. Filis sacode a cabeça negativamente.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Isso foi investigado no ano passado. As ações são dele, compradas com o lucro que ele obteve fora da companhia.

Trinco os dentes. Dr. Filis franze a testa para mim.

— Algo a incomoda sobre ele?

Meus olhos voam para seu rosto. Meu total desconforto com Cruel está tão aparente assim?

— É... bem... — murmuro. — O senhor DeVil me propôs uma espécie de acordo.

— Mesmo?

— Mas é um tanto inconveniente — Faço careta.

Dr. Filis se ajeita no sofá, intrigado.

— De que forma?

Suspiro. Terei que dizer em voz alta?

— Ele me pediu em casamento.

NACIONAIS - ACHERON

As sobrancelhas grisalhas do Dr. Filis se arqueiam.

— Casamento? Quando a senhorita acaba de chegar à maioridade?

Assinto. Ele fita as paredes durante alguns segundos e eu quase posso ver as engrenagens

trabalhando em seu cérebro. Então ele gesticula, chamando minha atenção.

— Pode ser uma proposta plausível, senhorita.

Olho para ele, chocada.

— Como é que é?

— Não consigo ver solução maior para tal problema. Afinal, ele era o Presidente e de

qualquer forma já possui o nome DeVil. Todas as ações dele pertenceriam a você, que continuaria

sendo a dona da companhia e dos bens.

— De forma alguma! Eu teria que dividir os bens

com ele!

— É possível estabelecer algumas condições.

Coloco-me de pé, inconformada.

— Desculpe-me, Dr. Filis, mas não há possibilidade de que eu me case com ele. Nenhuma. Eu

me recuso.

Dr. Filis engole o biscoito que estava mastigando e se levanta devagar, olhando para mim com serenidade.

— A escolha é sua, no fim das contas. Mas tenha em mente que o senhor DeVil possui forte

influência dentro da empresa, principalmente entre os investidores. Tê-lo como adversário pode

não ser muito inteligente.

Cerro os punhos.

PERIGOSAS

— Eu pensarei em uma solução melhor — digo, determinada.

Dr. Filis suspira, como se não acreditasse muito em mim, e diz que precisa ir embora. Levo-o

até a porta e me despeço, sentindo-me um tanto angustiada. Eu queria que ele surgisse com uma

solução para esse problema com Cruel, não que me incentivasse a me atirar no abismo que é esse

casamento!

Saio para caminhar pelo jardim e noto a presença sutil dos seguranças que me

acompanham sempre que eu coloco os pés para fora da casa. Quando ouço o som de carro, corro

para a entrada a tempo de ver Ann Lee chegar com nosso almoço — eu pedi que ela trouxesse

pizza. Minha irmã sorri ao me ver, mas noto que há algo errado com ela.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— O cheiro está maravilhoso — comento,
ajudando-a com a caixa.

— Eu só frequento os melhores lugares, irmãzinha
— Ela joga os cabelos claros por cima do

ombro daquela forma teatral que só ela faz. — E
isso inclui as pizzarias.

— Dr. Filis veio agora à tarde — comento,
enquanto entramos pela porta da frente.

— Ah, é? Ele gostou dos biscoitos importados?

— Não parou de comer — Rio. Mas meu riso fica
fraco. — Nós falamos sobre uma reunião

da empresa e sobre... ele.

Ann Lee olha para mim. Nós entramos na cozinha e
eu coloco a caixa da pizza sobre o

balcão.

— Falaram? — Ela faz careta.

NACIONAIS - ACHERON

Suspiro.

— Eu quase entrei em choque quando ele disse que aquela proposta parece ser uma boa

ideia, acredito — Rio com ironia.

Ann Lee abre os armários e pega pratos para nós duas. Eu pego os talheres.

— Talvez seja — ela diz.

Deixo um garfo cair no chão. Encaro-a em choque outra vez.

— O quê? — balbucio.

Ann Lee senta-se em um dos bancos e apoia os cotovelos no balcão.

— Eu sei o que eu sempre digo. E, não, não volto atrás: Cruel não te merece, nem se

renascesse mil vezes — Seus olhos encontram os meus. — Mas há rumores estranhos sobre a

PERIGOSAS

companhia estar em risco, Rosie. As coisas estão ficando tensas...

— Não sabia que você estava tão por dentro do que tem acontecido lá — resmungo,

desviando o olhar.

— Rosie...

— Vamos só jantar logo — interrompo-a.

Ann Lee faz bico, mas não retruca. Nós jantamos em silêncio e eu me despeço dela

rapidamente antes de subir para o meu quarto. Vejo, pendurado um quadro pequeno na parede,

um desenho que eu mesma fiz de Adam e Helena, meus pais. É incrível como eu me pareço com

eles — tanto que achei por toda a minha vida que era realmente filha dos dois.

Instantaneamente, penso em Cassandra.

NACIONAIS - ACHERON

Vou até meu guarda-roupa e pego a caixa que ela deixou para mim. Tiro os três envelopes

do fundo e sento-me em minha cama com eles nas mãos. É hora de ler essas cartas.

Capítulo 55

"Querida filha,

não sei nem por onde começar. Aliás, eu gostaria de ter visto seu rosto ao menos mais uma

vez para poder imaginar a expressão que você está fazendo agora. Infelizmente, não tive essa

oportunidade, mesmo você tendo nascido há apenas dois dias. Sei que me arrependerei disso pelo

o resto da minha vida. Você deve ter um monte de perguntas sem resposta quando essas cartas e

os meus presentes chegarem às suas mãos e eu quero muito tentar esclarecer tudo. Só espero que

você compreenda e não me odeie tanto.

PERIGOSAS

Seu pai é Collumbus DeVil e ele é um bom homem na maior parte do tempo. Ele é inteligente,

sagaz e sabe ser gentil quando quer. No entanto, nós dois somos diferentes demais para que

consigamos viver juntos em harmonia e por isso nós nos distanciamos cada vez mais. Sei que ele me

odeia e parte de mim o odeia também, pois machucamos muito um ao outro. Apesar de tudo, você

é a única filha que consegui dar a ele e não tem culpa de absolutamente nada que tenha

acontecido ou que ainda aconteça entre nós dois. Gosto de pensar que Collumbus e eu unimos

nossas melhores características e geramos você, que é boa e pura o suficiente para não cometer os

mesmos erros que cometemos. Não se sinta culpada por absolutamente nada.

Eu fui uma mulher fraca por toda a minha vida,

NACIONAIS - ACHERON

mas finalmente sinto que tomei a atitude

certa quando mandei você para longe hoje de manhã. Seu pai não seria capaz de acreditar em

mim se eu dissesse que você é filha dele, porque eu — a mulher fraca — não fui fiel. Tenho uma

filha com outro homem, que pode ser considerado a pessoa que seu pai mais odeia no mundo. O

nome dele é Otavius e você deve ficar longe dele, não importa o que aconteça. Ele é parte do

motivo pelo qual você precisa ser afastada dessa bagunça toda.

Adam e Helena são velhos amigos meus e eu confiaria minha vida a eles — na verdade, já

confiei, no momento em que entreguei você. Não se ressinta dos dois, por favor. Eles salvaram as

nossas vidas mais vezes do que eu gosto de admitir.

As minhas mãos estão tão frias agora, que mal

consigo segurar a caneta. Estou doente,
minha filha. Muito. Mas lutarei com todas as
minhas forças para enfrentar tudo isso e reencontrá-
la
algum dia. Talvez eu mesma possa explicar tudo,
ao invés desses pedaços frios de papel. Eu quero
muito ver você e saber que tipo de pessoa você vai
se tornar. Acho que terei orgulho de você, de
qualquer forma. Porque você é a melhor coisa que
me aconteceu.

Com amor, sua mãe."

"Querida filha,
quantos anos você deve ter agora? Dez? Vinte?
Trinta? Espero que essas minhas palavras
não demorem muito para chegar até você.

PERIGOSAS

Quero pedir perdão, mas não sou muito boa nesse tipo de coisa. Também não sei se você é

capaz de me perdoar, depois de tudo o que eu fiz você passar. Mas quero que saiba que, mesmo

que isso soe errado, não me arrependo de afastá-la de mim e de seu pai. Você precisa crescer

longe de toda essa realidade de ganância, orgulho e competição na qual sua família está se

afogando. Minha maior esperança é que, quando você estiver com essas cartas em mãos, seja

crescida o suficiente para entender o que quero dizer e os motivos pelos quais eu fiz o que fiz.

Só vi seu rosto quando a segurei em meus braços assim que você nasceu, mas meu amor por

você surgiu assim que eu soube que estava grávida. Esse amor é muito mais forte do que eu

imaginava. E ele cresceu a cada dia, a ponto de me fazer questionar todas as minhas escolhas e

NACIONAIS - ACHERON

meus planos para o futuro. Eu quero mudar e ser alguém melhor. Quero ser responsável, corajosa e quero que as pessoas gostem de estar perto de mim. Você já é tudo isso, não é? Aposto que é.

Consigo imaginá-la bonita e sorridente, atraindo a atenção e admiração de todos que a conhecem.

Como você me mudou, talvez possa mudar outras pessoas também — pessoas que estão perdidas

em seus próprios mundinhos de escolhas erradas e atitudes obscuras. Como você iluminou minha

vida, ilumine as delas também. Sei que você é capaz disso desde que olhei para você pela

primeira vez.

Não sei se tenho o direito de dizer isso, mas eu amo você. Isso nunca mudou e nunca vai

mudar, não importa o quanto estejamos separadas. Você é minha filha, para sempre. Não importa

PERIGOSAS

onde esteja.

Com amor, sua mãe."

"Querida filha,

talvez essa seja a última carta que escrevo. Na vida. Estou fraca e os médicos chamaram

minha família para me ver, o que só pode significar uma coisa.

É importante que você saiba que seu pai adotou uma criança cujos pais ninguém sabe quem

são. É um garoto adorável, mas caprichoso e esperto demais para o meu gosto. Parte de mim o

ama como o filho que nunca tive, mas a outra parte teme pelo rumo que a vida dessa criança

tomará. Collumbus quer torná-lo herdeiro de tudo o que possuí porque acredita que nós dois nunca

NACIONAIS - ACHERON

concebemos uma criança nossa. Isso me aflige tanto que mal tenho dormido.

Ainda assim, fico aliviada porque você está longe. Otavius — o pai de minha filha e o

homem que seu pai tanto odeia — veio me visitar em segredo hoje. É um homem ganancioso que

não mede esforços para tomar tudo o que é de seu pai. Entrei em desespero quando ele disse que

sabe de seu nascimento e que vai encontrar você, mas não pude contar a ninguém. Pedi ajuda aos

meus médicos para encobrir o fato de que eu tive uma criança há três dias e eles têm me ajudado

mais do que eu esperava. Mas Otavius descobriu. Ele tem esse dom de descobrir segredos. Sei que

ele vai tentar de tudo para encontrá-la e tirar toda essa história a limpo — o que significa que

fará mal a você. Então, por favor, fique longe dele e de qualquer coisa que possa levá-la até ele.

PERIGOSAS

Quando a hora certa chegar, você deve encontrar seu pai. Deve contar a ele tudo o que lhe

contei nessas cartas e deve ter paciência para que ele assimile tudo. Estou certa de que ele vai

acolhê-la assim que souber a verdade, pois você é o que ele mais quis desde que nos casamos.

Você é a única filha dele. E, quanto ao garoto que ele nomeou herdeiro, não se preocupe. Cuidei

para que ele assuma toda a herança apenas se obter um casamento vantajoso para a empresa —

o que duvido que fará até que você encontre seu pai.

Não tenha medo de assumir seu lugar de direito, minha filha. Tudo o que seu pai e eu

conquistamos em nossas vidas será seu e você deve lutar para conquistar seu espaço, não importa

o que custe. Você é nossa filha, é uma DeVil. E nós não deixamos de lutar pelo que acreditamos e,

NACIONAIS - ACHERON

para conquistar nossos objetivos, vamos até o fim.
Você entende, não entende?

Seu pai e eu estaremos com você até o fim, apesar
de tudo. Você não está sozinha. Eu

gostaria de estar com você agora, mas está cada vez
mais difícil respirar. Não sei se passarei

desta noite. Portanto, se não nos encontrarmos, viva
por mim. Viva uma boa vida e faça escolhas

nas quais você acredite de todo o seu coração. Seja
alguém de quem você mesma tenha orgulho.

E, por favor, nunca desista da bondade, por mais
que o mundo seja um lugar mau.

Eu amo você.

Com amor infinito, sua mãe."

Capítulo 56

— Você é um completo idiota, sabia?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Sunsung me olha com deboche, apoiando os cotovelos sobre a mesa branca. As olheiras

escuras sob seus olhos lhe dão um ar fantasmagórico e ela parece mais magra. Mas ainda é

Sunsung e ela sabe ser detestável quando quer. — Ainda não acredito que veio chorar para mim

— Sorri e se espreguiça como uma gata. — Você continua o mesmo covarde patético de sempre,

não é? Primeiro com Serena e agora com aquela pobre coitada da Rosie. Puxa, Cruel, como você

se aguenta? — Ela apoia uma mão no queixo. — Pode me explicar? Eu... eu realmente não

entendo.

Suspiro, olhando fixamente para ela.

— Não vim aqui para ouvir você me ofender — digo.

NACIONAIS - ACHERON

Sunsung revira os olhos.

— Então por que veio?

— O julgamento de Otavius é amanhã, caso você não saiba. Todos nós fomos intimados a

depor como testemunhas e eu quero saber o que você pretende dizer a eles.

Ela arqueia as sobrancelhas e abre um sorriso largo.

— O que eu direi? Hum, vejamos, que tal a verdade?

— Não podemos deixar que ele saia impune disso tudo, Sunsung — digo com firmeza.

Ela joga a cabeça para trás, dá uma gargalhada e então bate com o punho na mesa. Seus

olhos puxados se arregalam ligeiramente.

— Você acha que eu permitiria que aquele desgraçado saísse livre no fim das contas? —

PERIGOSAS

sua voz soa cortante e cheia de raiva.

Recosto-me na cadeira.

— Então estamos do mesmo lado.

— Essa seria a primeira vez — Sunsung rosna. —
A não ser pelo fato de que você está do

lado de Rosie. Mesmo sendo um completo covarde
e deixando ela sozinha, você ainda não desiste

dela. Aliás, a idiota aqui é ela por sempre aceitar
você de volta, não importa o que faça.

Levanto-me tranquilamente.

— Ela não me aceitou.

Sunsung levanta o rosto para olhar para mim.
Parece surpresa.

— O quê? — Ri. — A garota finalmente te chutou?

Suspiro.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Eu fiz com que ela me chutasse.

Sunsung franze a testa, confusa.

— Você fez? O que quer dizer com isso?

Estalo a língua.

— Não é como se fosse da sua conta, de qualquer maneira.

— Qual é, você me conta tudo — ela resmunga.

Lanço-lhe um olhar raivoso e ela recua.

— Sim, eu contava tudo a você. E olhe só onde viemos parar.

Sunsung abre a boca para falar, mas desiste. Ela sabe o que fez. É minha amiga mais

antiga, a pessoa a quem eu contei tudo e em quem eu mais confiava. E essa mesma pessoa tramou

contra Rosie e se aliou ao homem mais desprezível desse mundo. Não quero contar mais nada à

NACIONAIS - ACHERON

ela.

Viro-me para ir embora, mas sinto o aperto de suas mãos em meu braço.

— Você... vai voltar, não vai?

Olho para ela por cima do ombro e puxo meu braço.

— Se eu não vier, quem mais vai rir dessa sua situação desprezível?

Deixo a sala de visitas e uma enfermeira me acompanha até a recepção, onde assino

papéis que registram minha visita a Sunsung. Deixo o lugar sentindo-me um pouco menos

sobrecarregado, ao menos no que diz respeito ao caso de Otavius. Porque todo o resto de mim

está, em poucas palavras, em cacos.

Meu plano de afastar Rosie saiu bem melhor do que eu esperava — o suficiente para me

PERIGOSAS

fazer sofrer mais do que eu achei que sofreria — e parece que ela está aprendendo a caminhar

com as próprias pernas. De fato, é bom que ela esteja se ocupando dos problemas da companhia

ao invés de se envolver nas investigações dos crimes de Otavius como eu estou. Rosie é capaz de

lidar com os investidores, mas não acho seguro que lide de frente com as verdades que essas

investigações podem trazer à tona. Ela sabe que Otavius matou a família que ela amava e foi

responsável pelo assassinato de seu verdadeiro pai, mas as outras revelações por trás dos atos

desse homem não lhe farão bem. Ao menos, não agora.

Estando afastado de Rosie, rejeitado e vivendo sozinho num quarto de hotel, concluí duas

coisas: que meus sentimentos por ela cresceram muito e que eles me assustam. Eu detesto, com

NACIONAIS - ACHERON

todas

as minhas forças, coisas que me assustam. Perder a minha razão e perder o controle sobre a

situação ao meu redor são coisas que têm acontecido demais desde que eu me descobri

apaixonado por ela. Eu, sinceramente, não quero me perder. Não posso perder quem eu sou, do

contrário, o que me resta? Longe dela eu me sinto mais eu mesmo e, pelo que me parece, longe de

mim ela tem crescido muito. Talvez não sejamos uma boa combinação, afinal de contas.

Dirijo até a companhia e faço meu trajeto de sempre para passar na cafeteria e pegar meu

café da manhã fresco. Então subo de elevador até meu escritório e passo a maior parte da manhã

revisando contratos e relatórios. Antes do almoço, sou lembrado por uma das secretárias de que

haverá uma reunião geral durante a tarde e decido almoçar no restaurante da empresa. Os

funcionários ao meu redor olham para mim com curiosidade e eu os ouço murmurar entre si

enquanto tomo meu lugar à mesa. É incômodo.

Após o almoço, volto à minha sala e assino alguns documentos, até que minha secretária

chega para me acompanhar à reunião.

— Todos já chegaram? — pergunto, vestindo meu paletó.

— Sim, senhor.

— Inclusive a senhorita DeVil?

— Perdão? — Ela franze a testa. — Senhori... ah, sim. A senhorita Rosie ainda atende pelo

sobrenome Vallahar. O senhor não soube?

— Não, eu não soube.

PERIGOSAS

Não vejo Rosie há quase um mês — desde aquele dia em que fingi implorar para que ela

me perdoasse. Achei que ela já tinha tomado posse de tudo, inclusive do nome de seus pais. Algo

deve ter acontecido para que ela ainda não tenha se tornado oficialmente uma DeVil, ou talvez

simplesmente não queira abandonar o antigo sobrenome.

Minha secretária e eu vamos à sala de reunião, onde os diretores de outros setores e

gerentes estão conversando entre si sentados à longa mesa, em cuja cabeceira está Rosie, sentada

como uma rainha. Ao seu lado está o Dr. Fillis, um rosto que eu não via há certo tempo e que me

transmite certo alívio — ao menos a garota sabe escolher seus aliados. Sento-me em minha cadeira

silenciosamente e gesticulo para que minha secretária me entregue a pasta com as pautas a

NACIONAIS - ACHERON

serem

discutidas nessa reunião. Lanço um rápido olhar de esguelha para Rosie e vejo que ela já está

olhando para mim. Seus olhos verdes parecem cautelosos e frios. Bom. Ela vai precisar de toda a

firmeza que tiver, se é que vai assumir a presidência tão jovem.

— Vejo que todos estão aqui — diz Rosie, atraindo todos os olhares da sala —, então já

podemos começar.

Os diretores e gerentes ajeitam-se em suas cadeiras.

— Essa é a primeira reunião oficial da qual participo — ela diz, dando um sorriso discreto

—, então quero me desculpar antecipadamente por todo e qualquer erro que possa cometer. Estou

me esforçando muito para aprender sobre como gerir a companhia e peço mais uma vez pela

NACIONAIS - ACHERON

paciência de todos. Quero lembrá-los de que toda a ajuda que puderem me dar é bem-vinda —

seu sorriso fica mais largo e todos os homens na sala o correspondem.

Parece que, de alguma forma, ela já os ganhou. Talvez seja toda essa baboseira de filha

legítima, mas vejo que todos os gerentes e todos os diretores olham para ela com certo respeito.

Bem, eles respeitavam Collumbus, é claro que respeitariam a filha dele.

Rosie conduz a reunião de forma quase impecável. Vejo que suas mãos finas tremem, mas

ela faz o possível para esconder seu nervosismo. Ela pede que os projetos futuros da companhia

lhe sejam apresentados e pede conselhos sobre contratos a serem fechados. Também inicia um

questionamento sobre os investidores e acionistas e conta sobre as reuniões que teve com eles. Ela

mal olha em minha direção e eu mal participo das discussões e conversas. Sinto-me um mero

espectador. Até que, como aconteceu quando cheguei, seus olhos encontram os meus. Dessa vez,

vejo algo diferente neles, uma inquietação que ela ainda não demonstrou até agora. Devagar,

cerro meus punhos. Sinto que algo está para acontecer.

— Antes de encerrarmos — Rosie levanta-se de sua cadeira tranquilamente — tenho um

comunicado importante a fazer. — Ela faz uma pausa e troca um rápido olhar com Dr. Fillis. — Sei

que muitos estão curiosos sobre minha decisão de assumir a presidência ou nomear alguém que

assuma temporariamente. — Suspira. — Bem, eu levei em conta vários pontos de vista de várias

pessoas que me aconselharam e finalmente tomei minha decisão. Acredito que será o melhor para

NACIONAIS - ACHERON

a companhia e para todos que dependem dela e isso é tudo o que importa para mim agora.

Contenho-me para não revirar os olhos. Se ela não me nomear como Presidente, não há

mais ninguém que seja aceito ou que saiba como fazer bem o trabalho. Não há solução melhor do

que aquela proposta — absurda, mas racional — que lhe fiz e que esperava que ela não

aceitasse. Ao menos, eu não consigo pensar em nenhuma outra saída.

— Eu decidi nomear um Presidente — Ela sorri e vejo que alguns diretores sorriem também.

—, e espero realmente ter feito a escolha certa.

Varro a sala com meus olhos, tentando imaginar qual desses homens seria capaz de se

adequar aos padrões da presidência. Qual deles seria bom o suficiente para ser escolhido por

Rosie?

— Diretor Geral, Cruel DeVil — Ela estende a mão em minha direção, olhando-me

fixamente nos olhos —, eu o nomeio Presidente da companhia até que esteja apta a cumprir esse

papel eu mesma. Se aceitar, é claro.

Levo alguns segundos para me dar conta de que ela está falando sério. De primeira, não

entendo o que está acontecendo, até que todos os olhos da sala voltam-se para o meu rosto e eu

então sei que sou eu. Rosie está me nomeando como Presidente. Olho para ela e me pergunto que

tipo de expressão há em meu rosto, pois ela parece satisfeita demais ao olhar para mim. Não

estou entendendo nada. Rosie sabe das minhas condições para assumir a presidência. Ela sabe que

para que eu assuma o cargo e lhe entregue todas as

NACIONAIS - ACHERON

minhas ações, terá que se casar comigo. E

ainda assim faz um anúncio desse? O que ela está fazendo, vendendo a si mesma para salvar a

companhia?

A reunião é encerrada, mas eu mal sei como ela acaba ou qual foi a reação dos gerentes e

diretores à minha nomeação. Estou ocupado demais encarando Rosie e tentando entender o que se

passa nessa mente de repente tão enigmática para mim. Ela sempre foi uma pessoa muito simples,

sempre deixou transparecer seus sentimentos e suas intenções e eu nunca tive muita dificuldade de

enxergar por trás de seus olhares. Aquele primeiro dia dela sem memória nem se compara com o

dia de hoje. Parece que eu nem sei mais quem é Rosie Vallahar.

— Surpreso? — ouço sua voz ao meu lado e noto

PERIGOSAS

que a sala já está vazia. Nem mesmo

minha secretária ficou.

Levanto-me como se tivesse levado um choque da cadeira.

— O que é isso? — pergunto, atordoadado.

Ela dá uma risada e então aos poucos fica séria, analisando meu rosto.

— Você não parece feliz — observa, franzindo a testa.

— O que você está fazendo?

— Cuidando da minha companhia — ela responde sem nem pestanejar.

Engulo em seco. Essas palavras parecem tão minhas.

— Você ao menos sabe o que me nomear como Presidente vai custar? — pergunto,

NACIONAIS - ACHERON

friamente.

Rosie dá um passo para mais perto de mim.

— Sei.

Crispo os olhos.

— E está disposta a ir em frente com isso?

Seu rosto fica sério.

— A sua proposta é ridícula, mas eu não encontrei uma solução melhor — Ela dá de

ombros, como se não fosse nada demais. — Você é quase um acionista majoritário e fez um ótimo

trabalho como Presidente. A companhia precisa de você, mais do que eu quero admitir.

— E por isso você vai se vender? — indago, inconformado.

Rosie fica séria e dá um longo suspiro, fitando-me.

PERIGOSAS

— Eu vou cuidar de tudo que pertence à minha família, Cruel, mesmo que tenha que fazer sacrifícios.

Sinto uma pontada no peito. Casar comigo é um sacrifício?

— É seu papel assumir o cargo e passar todas as suas ações para o meu nome, como você

mesmo propôs — Ela aponta o dedo para o meu rosto. — Como condição já estabelecida, eu me caso com você.

Afasto seu dedo para longe.

— Você tá maluca?

— Vamos jantar amanhã à noite, após o julgamento do Otavius.

— Rosie...

— Leve meu anel — ela diz e me dá as costas,

NACIONAIS - ACHERON

tomando o rumo da porta.

Não. Não, eu não quero isso. Rosie vai se casar comigo por obrigação? Por que quer algo

em troca? Céus, onde é que eu estava com a cabeça quando sugeri esse absurdo? Eu nunca pensei

que ela iria aceitar!

Corro até ela e a puxo pelo braço, colocando-a contra a parede. Faz tempo que não

ficamos tão próximos e eu não posso evitar me sentir inquieto.

— Por que está fazendo isso, hein? — pergunto, entre dentes. — Por que está aceitando

essa proposta idiota? Tem alguma noção do que você está fazendo?

Ela me empurra com força e eu me afasto. Há fúria em seus olhos.

— Eu já disse — rosna, erguendo o queixo de

maneira imponente. — Farei qualquer coisa pelo bem da minha companhia.

Eu achei que daria meu testemunho cara a cara com Otavius. Tinha até mesmo imaginado o

que diria e de que forma colocaria minhas revelações para que tudo tivesse mais impacto, mas a

polícia me interrogou numa sala espelhada. Pediram que eu contasse tudo o que sabia sobre

Otavius e tudo o que o homem fez contra mim e contra meu pai. Eu contei, sem deixar nada de

fora. Contei sobre suas ameaças a Collumbus quando o mesmo era vivo, a forma como ele me

tratava quando eu assumi a empresa e até mesmo seu comportamento quando Rosie ficou sob

minha tutela. Contei sobre o sequestro e sobre todo

o mal que ele fez à família de Rosie. Tudo.

Para falar a verdade, eu sinto-me bem mais leve depois de colocar tudo para fora.

Especialmente porque, depois do que aconteceu ontem, não consegui descansar ou dormir nem um

pouco. Ainda me lembro da expressão no rosto de Rosie quando ela disse que faria qualquer

sacrifício pela companhia. E tal sacrifício implica se casar comigo.

Isso não poderia ter acontecido em pior momento. Eu estava tão convicto de que me separar

dela está, de certa forma, fazendo bem a nós dois, que nunca nem imaginei que Rosie poderia

mudar de ideia de repente. Ela nem está fazendo isso porque me ama. Vejo uma frieza diferente

em seus olhos e sinto que dessa vez eu ultrapassei todos os limites que ela é capaz de suportar.

PERIGOSAS

Acho que essa é a pior parte e por isso não consigo ter um momento de paz desde a reunião de

ontem. Eu nunca perderia a chance de me casar com Rosie, mas ela só aceitou esse casamento pela empresa. Isso é loucura.

Onde eu estava com a cabeça?

Por mais que eu nunca vá admitir isso em voz alta, Sung tem razão, como sempre. Eu sou

covarde. E um idiota. E péssimo com planos para afastar garotas amadas. Eu não devia ter

evitado ir ver Rosie no hospital e não feito essa droga de proposta. O certo era dizer à ela que

eu queria me afastar, porque as coisas estavam ficando perigosas demais entre nós. Depois do

que passei quando achava que ela estava morta, nunca mais poderei baixar minha guarda

novamente. Nunca. E Rosie é inconsequente

NACIONAIS - ACHERON

demais para se dar conta do quanto a vida dela está uma droga — em parte por minha causa. Tive que fazer algo.

Eu não sei se posso aguentar outro desses choques emocionais proporcionados por

relacionamentos amorosos. E se Rosie "morrer outra vez"? E se ela simplesmente desaparecer ou

resolver que definitivamente se cansou de mim e me abandonar? Vou enlouquecer se ela me

machucar outra vez, como quando foi sequestrada. Vai me dilacerar saber que algo ruim

aconteceu à ela. Então, não. Não posso mais nem pensar em tentar um relacionamento entre nós

outra vez. Vai dar errado. Vamos machucar um ao outro novamente e, dessa vez, não conseguirei

suportar.

Rosie e eu juntos estamos fadados aos fracasso.

NACIONAIS - ACHERON

Separados, talvez tenhamos a chance de

encontrar um pouco de felicidade. Estou certo de que se disser isso à ela, Rosie irá concordar.

Abrirei mão do casamento e serei apenas o Presidente que ela quer que eu seja. Foi uma proposta

gerada num momento de loucura, afinal de contas. Posso muito bem colocar um fim nisso tudo.

Por outro lado...

Eu a amo.

Infelizmente, eu a amo tanto que tenho tido esses pensamentos e comportamentos que não

fazem o menor sentido. Parece que quando estou longe dela, algo fica faltando e eu não tenho

ideia do que é, mesmo que sinta tanta necessidade disso. Parece que meu coração fica planejando

novas formas de voltar para ela, por mais que

minha mente diga que é perigoso e que não nos fará bem. Acho que finalmente estou ficando realmente louco.

Entro no carro e apoio a testa no volante, sentindo uma onda de pensamentos contraditórios

fervilhar em minha cabeça. Eu amo Rosie? Sim. Quero que ela seja feliz? Com certeza. Ficar ao lado dela é o melhor a fazer agora? Talvez não.

Soco o volante e rosno. O que está acontecendo comigo, afinal?

Ouçoo dois toques no vidro da janela e levanto a cabeça para ver quem bate.

— Você está chorando? — ele grita, franzindo os olhos para tentar enxergar dentro do carro.

Dou um longo suspiro e baixo o vidro, nada satisfeito. Theo Baek é a última pessoa que eu

PERIGOSAS

queria ver agora.

— O que você quer? — pergunto categoricamente.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Puxa, eu vou muito bem, obrigado.

Lanço-lhe um olhar irritado.

— Não tenho tempo para conversa fiada, diga de uma vez o que quer.

Theo suspira e se abaixa, apoiando os cotovelos na janela. Como sempre, ele é uma

negação no quesito vestimenta. Olhar para suas roupas largadas quase queima os meus olhos.

— Precisamos conversar — ele resmunga.

Estalo a língua.

— Nós? — desdenho. — Não temos nada para conversar.

NACIONAIS - ACHERON

— É sobre Rosie.

Encaro-o. Não é segredo que Theo e Rosie têm andado juntos desde que ficaram amigos na

escola. Eu sempre soube da aproximação dos dois e por vezes pedi que um detetive particular —

Noel — os seguisse, mas não pensei que essa amizade se tornaria tão profunda. Foi ele quem a

resgatou daquele hospício, ele que a levou ao hospital quando ela tomou aquele tiro por mim e é

com ele que Rosie tem uma sintonia quase fora do normal. Isso me incomoda, apesar de minha

certeza dos sentimentos dela por mim ser grande. Bem, era grande. Agora não tenho mais certeza

de nada.

— O que tem ela? — resmungo, fitando Theo nos olhos.

— Pague-me uma refeição e eu conto.

PERIGOSAS

Dou uma risada irônica.

— Por que está me pedindo isso? Não é como se você não pudesse comprar sua própria comida...

Olho para ele e vejo que não há rastro de brincadeira em seu semblante. Então me lembro

de que acabo de dizer um monte de merda sobre seu pai e me sinto estranhamente

desconfortável, como se lhe devesse algo. *Argh*. Estou ficando muito mole ultimamente. Reviro os

olhos e suspiro alto. Abro a porta do carro e desço, fechando-a imediatamente atrás de mim.

— Certo, garoto, vamos acabar logo com isso.

Theo decide que quer comer hambúrguer e nós vamos a um restaurante fast-food patético.

As pessoas ao redor nos encaram e eu reconheço o olhar em seus rostos como curiosidade. É

NACIONAIS - ACHERON

porque estou muito bem vestido para frequentar esse tipo de lugar.

— Não vai pedir nada? — pergunta Theo, enquanto abocanha o hambúrguer enorme que

pediu com o meu dinheiro. — É um saco comer com uma pessoa olhando tão feio para a comida da gente.

Faço careta.

— Não me culpe por não conseguir nem olhar para comida de má qualidade. — Apoio os

cotovelos na mesa e olho com seriedade para ele. — Ande logo com isso e diga o que veio dizer.

Theo engole o último pedaço do hambúrguer e bebe um gole de refrigerante ruidosamente.

— Certo — Limpa a boca com um guardanapo de papel. — Eu vim aqui pensando em duas

possibilidades. Se você se recusasse a me comprar

comida, eu iria embora sem te contar nada...

mas se você fosse uma pessoa educada e atendesse ao meu pedido, eu contaria tudo o que

quisesse saber sobre como Rosie está.

Faço uma carranca.

— Puxa, que bondade a sua — resmungo. — O que o faz pensar que eu tenho algum

interesse em saber como Rosie está?

Theo ergue uma sobrancelha.

— Você veio até aqui, não veio?

Fuzilo-o com os olhos.

— Isso é um jogo para você, idiota?

— Talvez — Ele dá de ombros. — Eu só não aguento mais ver Rosie no estado em que está.

Principalmente quando o culpado por ela estar

assim está sentado bem na minha frente.

— Do que está falando.

Theo bate com o punho na mesa.

— Eu sei sobre a sua proposta de merda, DeVil, e estou me contendo com todas as minhas

forças para não encher a sua cara de porrada.

Recosto-me na cadeira. Rosie contou até isso a ele?

— Inacreditável... — sibilo.

— Você tem alguma noção do quanto ela ama você? — ele pergunta, olhando-me com

desprezo. — Você... você ao menos consegue imaginar?

Dou uma risada sarcástica.

— Quem você pensa que é para se meter, hein? — Ergo o queixo, encarando-o. — Que

direito pensa que tem para tomar as dores dela? Ela pediu que você viesse aqui? Pediu que a defendesse?

— Ela não sabe que estou aqui.

— Você nem devia estar aqui — rebato. — Se há problemas entre mim e Rosie, é problema nosso. Meta-se com a sua vida.

Levanto-me da cadeira e dou-lhe as costas, mas Theo me puxa pelo ombro. Eu o afasto com um empurrão.

— Você não pode deixá-la agora! — ele grita, atraindo olhares das pessoas ao nosso redor.

— Suma daqui. — rosno.

Theo aponta o dedo indicador para o meu rosto, vermelho de raiva.

PERIGOSAS

— Sei que você é um covarde e um frouxo e que até agora só fez mal à Rosie. Mas é você

quem aquela idiota ama. Só você! — grita. — Então, ao menos uma vez na vida, tome uma atitude

que vá fazê-la feliz. Você deve isso à ela e sabe disso. Se não souber, eu te faço entender — Ele

me dá um empurrão que me faz cambalear. — Esse é meu primeiro e último aviso, Cruel DeVil: se

você não fizer Rosie feliz, eu a tomarei para mim e farei com que ela esqueça cada fragmento do

amor que tem por você. Ela nem vai se dar ao trabalho de te odiar, porque eu farei com que

esqueça completamente quem você é. Não será muito difícil, já que você já fez metade do trabalho

por mim, não é?

Sinto uma fúria tomar conta de meu corpo e agarro-o pela gola da camisa.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Não ouse me ameaçar, seu merda.

Theo dá risada.

— Não é uma ameaça. É um aviso.

— Você é um babaca — digo entre dentes. — Se gosta dela, porque está me pedindo que

a faça feliz?

Theo me empurra e olha para mim com um misto de raiva e melancolia.

— Ela só enxerga a felicidade do seu lado, mesmo que você seja um lixo. Posso muito bem

renunciar aos meus sentimentos, se isso significa que ela será feliz. Por isso estou aqui — Seus olhos me fitam com certa audácia.

Engulo em seco, tremendamente incomodado. Nunca imaginei que esse garoto estúpido se

sentisse dessa forma em relação a Rosie. Parece

NACIONAIS - ACHERON

algo forte demais para ser chamado de amizade

e perigoso demais para que eu ignore. Meu coração de repente está inquieto e um sentimento de

urgência toma conta de mim.

Então, eu me dou conta de que perder Rosie para outra pessoa é que é o meu maior medo.

Capítulo 57

Salto do carro e corro para os portões fechados — que antes sempre estiveram abertos para

mim. Seguro as grades negras e frias, um tanto ofegante, e tudo o que vejo é o imenso jardim. Há

flores e plantas coloridas agora, o que é totalmente a cara dela. É como se toda a minha casa

estivesse cheia dela agora.

Meu peito queima de ódio e de desespero. As palavras daquele maldito ardem em meus

ouvidos e fazem o sangue em minhas veias correr mais rápido.

Theo quer tirar Rosie de mim.

Ninguém nunca me fez tamanha ameaça e eu nem mesmo sabia o quão assustadora essa

ideia de perdê-la poderia ser. Eu não perderei dessa vez, simplesmente não posso aceitar isso.

Mesmo que Rosie não me ame mais, mesmo que queira se casar comigo só por causa de uma

condição idiota, é do meu lado que ela vai ficar e ninguém no mundo vai me impedir agora.

— Posso ajudá-lo, senhor? — Um segurança se aproxima da grade, avaliando-me da

cabeça aos pés.

Tomo fôlego.

— Estou aqui para falar com Rosie Vallahar — digo, tentando me recompor.

PERIGOSAS

— Perdão? — O segurança franze a testa.

— Sou o noivo dela.

Ele baixa seus óculos escuros.

— Senhor DeVil?

Assinto.

— Lamento, senhor, mas a senhorita Vallahar ainda não voltou de sua audiência.

Trinco os dentes.

— Quando ela chega?

— Não sei, senhor. Ela saiu com a irmã.

Ah, Ann Lee. Não nos vemos há certo tempo. Eu não sei nem como reagiria se a visse agora,

sabendo que ela não é minha irmã por quem me esforcei tanto para tomar conta e esconder

durante todos esses anos. Não é como se

NACIONAIS - ACHERON

tivéssemos sido criados juntos — porque Cassandra simplesmente a levou embora para longe quando éramos pequenos —, mas ter uma irmã, uma última família viva, sempre me confortou. Agora, sabendo da verdade sobre quem eu não sou e quem não é minha família, essa sensação de conforto evaporou. Sou realmente sozinho agora.

— Certo — eu resmungo ao segurança, afastando-me da grade. — Diga... diga a ela que eu estive aqui.

— Como quiser.

Viro-me e caminho de volta ao meu carro, enquanto milhões de pensamentos fervilham em

minha mente. É aí que eu vejo dois carros pretos chegando à mansão, vindos da cidade. Minhas

mãos congelam no volante, enquanto meus olhos buscam pela figura pequena que eu sei que está

PERIGOSAS

dentro de um deles. Assim que a vejo, meu corpo se move sozinho.

Desço do carro, passo pelo portão aberto e caminho até o mais próximo possível dela, até

que dois seguranças me barram. Ann Lee está ali também, toda materna e madura — tanto que

nem parece mais ela mesma. Meus olhos encontram os de Rosie e vejo que ela está um tanto surpresa, mas ainda fria.

— Rosie — chamo, sem levantar muito a voz. — Precisamos conversar.

Ela suspira e olha para Ann Lee. As duas trocam olhares cúmplices que não sei decifrar e

Ann Lee entra na casa. Rosie faz um gesto com a cabeça e os dois seguranças me soltam.

— Não pensei que você realmente viria — ela diz, com um ar arrogante.

NACIONAIS - ACHERON

Ajeito o meu paletó.

— Precisamos conversar — repito, dando um passo para mais perto dela.

Rosie encara seus seguranças e os manda "voltar aos seus postos", ou alguma coisa

parecida. Ela olha diretamente para mim e não sei interpretar a expressão em seu rosto. Parece

magoada, mas há algo mais.

— Venha comigo — ela murmura e me dá as costas.

Eu engulo em seco e a sigo em direção ao jardim dos fundos, onde por várias vezes

conversamos e fizemos algumas caminhadas. Foi nosso melhor momento, acho eu, e também os dias

mais calmos de toda a minha vida. Rosie caminha com uma firmeza tranquila e eu a sigo em

silêncio. Então ela para e vira para olhar para mim.

PERIGOSAS

Há lágrimas em seus olhos.

— Eu realmente achei que, se você tivesse um pingo de consideração por mim, não viria

aqui hoje — diz, e posso ver o quanto ela está irritada por estar à beira das lágrimas. — Mas

bastou uma palavra minha dizendo que aceito sua proposta e você voltou correndo. Quer meu

dinheiro e a minha companhia tanto assim?

Arregalo os olhos.

— O quê? — arquejo. — Acha que estou aqui por isso?

— Você é mesmo inacreditável.

— Eu me dei conta de algo importante.

— Eu não ligo! Você tem mais do que a obrigação de ter uma crise de consciência! Espero

que esteja transbordando de remorso.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Dou um passo para mais perto dela.

— Rosie, escute o que tenho a dizer.

— Não quero — ela recua.

— Escute...

— Escute você! — ela me interrompe, dando-me um empurrão. — Quem você pensa que é

para bagunçar a minha vida desse jeito? Acha que estou aceitando sua proposta porque amo

você? Acha mesmo? Pois está completamente errado, porque eu nunca mais quero sentir nada por

você depois de tudo o que eu...

Puxo-a pela nuca e beijo seus lábios, para fazê-la ficar quieta. Suas palavras e o modo

como sua voz tremeu me fazem ter certeza de que, sim, ela ainda me ama. E eu não a deixarei

negar disso outra vez. Eu beijo Rosie como se fosse

NACIONAIS - ACHERON

a primeira e a última vez, apaixonadamente.

Porque estou e sou completamente apaixonado por ela, ainda que meu orgulho não tenha me

permitido admitir isso nem a mim mesmo.

Surpresa, ela não se afasta de mim ou apresenta alguma

resistência. Meus dedos tocam delicadamente sua nuca e pescoço e as mãos dela pousam em meu

peito e nós nos beijamos de novo e de novo e de novo.

Afasto-a um pouco para olhar diretamente em seus olhos verdes.

— Desculpe — sussurro, de modo que só ela escute. Deposito toda a minha sinceridade

nessa palavra, tanto que meu coração dói. — Sinto muito por não ter acreditado em nós, apesar

de você sempre acreditar. Sinto muito por brincar com os seus sentimentos e por humilhá-la por

PERIGOSAS

incontáveis vezes. Sinto muito por colocá-la em situações perigosas, por afastá-la e por dizer coisas

que a ofenderam. Sinto muito por demorar tanto para perceber o quão grande e devastador é o

meu amor por você. Sinto muito... por tudo.

— Acha... acha que desculpas resolvem tudo? — ela sussurra. — Seu idiota...

Eu a beijo outra vez e sinto o gosto salgado das lágrimas que nem sabia que estava

derramando. Eu realmente devo amá-la demais. Isso é assustador e me tira totalmente da minha

zona de conforto, mas ao mesmo tempo me dá forças e me faz sentir mais vivo do que nunca.

Talvez Rosie realmente seja a cura da qual eu precisei a vida toda.

— Pode dizer isso outra vez? — ela arqueja, piscando os olhos lindos para mim.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Sinto muito...

— Não — Ela sacode a cabeça. — A parte em que você diz que me ama.

Envolvo-a com meus braços e a aperto contra meu peito com força.

— Eu amo você, Rosie Vallahar. Mais do que a companhia, mais do que o dinheiro, mais do que a mim mesmo.

— Não é fácil me amar — ela murmura, afastando-se para olhar para mim. — Sou

indecisa, imatura e crio expectativas desnecessárias.

— Eu sei. Também não é fácil me amar.

— Acho que vamos nos machucar muito se ficarmos juntos — ela diz, com a testa franzida.

— Acho que vamos viver discordando e discutindo, e nosso relacionamento estará longe de ser

NACIONAIS - ACHERON

perfeito.

— Isso é inegável. — Seguro suas mãos. — Eu não sei amar direito e com certeza ainda

vou decepcioná-la muitas vezes. Mas peço que, se você ainda me ama, não desista de mim. Não

ainda.

Rosie olha para mim.

— Isso significa que vamos mesmo nos casar dessa vez? — ela indaga.

Ficamos em silêncio durante alguns segundos, olhando um para o outro. Meu coração bate

tão forte que acho que vou sufocar. Ela, essa garota que entrou em minha vida de modo tão

repentino e de quem fiquei dependente tão rápido, é a única pessoa que tenho e a quem poderei

chamar de família. Dane-se a empresa, dane-se o dinheiro e dane-se o status. Eu só quero ela.

PERIGOSAS

— Sim — digo e nunca tive tanta certeza e incerteza de algo na minha vida. — Nós vamos.

Não preciso da presidência e você pode ficar com todas as minhas ações da companhia. Eu... —

Baixo os olhos. —, eu só quero uma família.

Rosie segura meu rosto com uma das mãos, erguendo-o.

— Isso é uma nova proposta, Cruel DeVil?

Pela primeira vez, sinto meu rosto arder. Rosie é mais do que eu mereço e mais do que eu

poderia esperar. Talvez, se agora em diante eu me dedicar a fazê-la feliz, eu consiga pagar por

meus pecados e conviver melhor comigo mesmo.

Engulo meu orgulho e digo:

— Case-se comigo, Rosie. Sem condições, sem trocas de favores. Só fique do meu lado e isso

NACIONAIS - ACHERON

bastará.

Epílogo

A suave luz do sol da manhã me acorda e eu me espreguiço devagar. Uma de minhas mãos

roça o braço de Rosie e eu esfrego os olhos para poder olhar para ela. Parece um anjo brilhante,

envolta nos lençóis brancos e dorme como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Ela

parece tranquila e feliz. Achei que era impossível que ela ficasse ainda mais bonita do que ontem

à noite naquele vestido de noiva magnífico, mas vejo que estava enganado. Rosie fica linda

adormecida, tanto que parece que vai evaporar como névoa se eu a tocar.

Inclino-me e dou-lhe um beijo na testa. Seus cabelos loiros parecem ouro líquido espalhado

pelo travesseiro e ela resmunga algo em seu sono,

NACIONAIS - ACHERON

algo que eu provavelmente nunca entenderei.

Observo-a incansavelmente até que ela acorda aos poucos — o que é hilário.

— Por que está rindo como um tonto? — Rosie resmunga, tocando meus lábios com os dedos.

— Se alguém te visse agora pensaria que noite passada foi a melhor de toda a sua vida.

Beijo seus dedos.

— Uma das melhores.

Ela franze a testa, sonolenta.

— Uma das? Qual a primeira delas?

Apoio a mão no queixo, fingindo pensar sobre o assunto. Rosie me cutuca com o cotovelo e

eu rio, sentindo uma leve felicidade.

— A melhor noite foi... aquela na pousada, nas montanhas. Quando você me disse todos os

motivos pelos quais me ama. Acho que me apaixonei por você no momento em que me disse tudo

aquilo. — Pigarreio. — E... também foi a primeira vez que eu cuidei de alguém.

— Eu estava machucada, não estava?

— Sim — Dou risada. — Você capotou ladeira abaixo tentando esquiar.

Ela me dá um tapa fraco.

— Não ria de mim! Eu achei que fosse morrer ou ficar paraplégica.

Suspiro. Eu também achei que o pior aconteceria com ela. Rosie acaricia meu rosto com as costas da mão e suspira.

— Estamos casados — ela sussurra.

— Estamos. — Brinco com um cacho dourado de seu cabelo.

Rosie se apoia em seus cotovelos.

— Somos loucos, Cruel...

Dou risada outra vez e a puxo para mais perto.
Rosie passa os braços ao redor de meu

pescoço e dá o mais bonito dos seus sorrisos.

Quando penso que por pouco não a perdi, sinto um
frio na espinha. Demorei vários meses

para convencer Rosie a aceitar meu pedido de
casamento e por vezes acreditei que ela não

aceitaria. Ela fez o que era esperado de uma
herdeira responsável: cuidou da companhia e se

preparou para assumi-la. Nunca vou admitir em voz
alta, mas sinto muito orgulho dela por isso. Aos

21 anos, Rosie está agora em seu segundo ano da
universidade para que esteja apta a assumir o

cargo de Presidente da companhia. Eu passei todas
as minhas ações para ela e tenho me

esforçado mais do que o habitual para manter a empresa nos trilhos.

Também tenho me dedicado muito à moda. Com Sunsong se recuperando fora do país, ficou

difícil arranjar outra parceria, mas acabei sócio de Ann Lee que — por incrível que pareça —

realmente tem um olho especial para as tendências. Além disso, ela é modelo. Nem preciso pagá-la

para usar as roupas que produz. O vestido que Rosie usou ontem em nosso casamento foi criado

por nós dois e é a obra da qual eu tenho mais orgulho. Ela estava deslumbrante, quase bela

demais para ser real. Imagino que tenha herdado a beleza de Cassandra e Collumbus, que eu

sempre pensei que fosse herança minha.

— Precisamos nos vestir logo — resmunga Rosie.

— Tenho uma lista de coisas que quero

PERIGOSAS

fazer hoje e você prometeu ir comigo aonde eu quisesse.

Ergo uma sobancelha.

— Quando foi que prometi isso?

Ela dá um sorriso travesso.

— Ontem, quando se casou comigo.

Eu a puxo para mim outra vez e a beijo. Nosso quarto de hotel parece tão brilhante e feliz

que me questiono se tudo não passa de um devaneio meu. Passei a enxergar Rosie de forma

diferente — depois que ela aceitou de novo se casar comigo —, como alguém que conquistou não

só meus sentimentos mas também minha admiração e respeito. Depois de tudo o que ela passou,

ainda continua gentil sem deixar sua personalidade forte de lado. Ela é determinada e faz o que

NACIONAIS - ACHERON

é certo, mesmo que às vezes seja difícil. Quero aprender a ser alguém melhor ao lado dela e para ela.

Nós nos vestimos e tomamos o café da manhã no hotel, antes de sairmos para visitar a

cidade. Assim que pisamos na calçada, ela fica louca de empolgação. Rosie insistiu que, assim que

a nossa cerimônia de casamento reservada acabasse, queria voar direto para Paris para passar

nossa lua de mel. Ela está quase tão mandona quanto eu era, mas de uma maneira muito mais

engraçada e adorável — para não dizer irresistível — e, infelizmente, agora eu não consigo mais

lhe dizer não. Fazer de Rosie a prioridade da minha vida talvez não seja a coisa mais inteligente a

ser feita, mas é o que mais me faz feliz e eu quero manter essa felicidade para sempre.

Ou enquanto durar.

Ainda me lembro do nervosismo que me atingiu quando a marcha nupcial começou a tocar.

Fiquei animada durante todos os meses que passei organizando o casamento com a ajuda de Ann

Lee, mas a poucos segundos de encontrar Cruel no altar, me senti mais ansiosa do que nunca.

Parecia que correntes elétricas percorriam todo o meu corpo e minhas mãos estavam muito frias.

Pura adrenalina.

Nós nos casamos no jardim da mansão e a cerimônia foi para os mais íntimos. Ann Lee,

Agatha, policial Mac, minhas amigas Cat e Antonela, alguns amigos da companhia e Theo e a mãe

compareceram. Apenas as pessoas que mais nos

NACIONAIS - ACHERON

querem bem e que mais nos ajudaram. Ter minha pequena e preciosa felicidade celebrada por essas pessoas que considero tanto me fez sentir completa e realizada. Gostaria que Adam, Helena, Collumbus e Cassandra estivessem aqui também para compartilhar desse momento. Sei que, de uma forma ou de outra, eles todos estão vivos dentro do meu coração.

— Você está cativante, Chihuahua.

Escolhi Theo para me levar ao altar. Não só porque ele é meu melhor amigo e uma das

pessoas que mais amo no mundo, mas também porque eu soube que foi ele quem fez Cruel

acordar e admitir seus sentimentos por mim. E eu posso ver que Theo está verdadeiramente feliz

por mim, tanto quanto eu ficarei feliz por ele quando encontrar sua parceira ideal. O laço que nos

PERIGOSAS

une é especial demais e eu farei o impossível para mantê-lo intacto.

Cruel estava deslumbrante em seu terno. Apesar de ele ter sussurrado ao meu ouvido o

quanto eu estava bonita, duvido que algo se compare à sua beleza sofisticada. Meus olhos não

deixavam os dele e de vez em quando eu me beliscava de leve, só para garantir que não estava

sonhando ou imaginando tudo aquilo.

Depois de tudo o que passamos, ali estávamos nós dois, fazendo nossos votos e juramentos

de amor eterno. Soa quase como um conto de fadas quando falo desse jeito, mas me lembrando

de tudo o que vivi ao lado dele, estou longe de ser uma princesa encantada. E ele não é um

príncipe. Cruel é um homem real, com problemas reais e que tem lutado contra seus demônios

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

internos nos últimos anos. Eu quis testá-lo e pedi que ele me desse um tempo para pensar sobre

nosso casamento e ele me esperou, devoto e sempre ao meu lado. Sou imensamente grata por isso,

pois não sobrou em mim dúvida alguma sobre a autenticidade de nosso amor.

É segunda-feira de manhã. Saio pela porta dos fundos com meu caderno de desenho e uma

toalha para colocar sobre a grama do jardim. Ouço a risada de Cruel e os latidos dos cães e

sorriso. Busco-o com os olhos e o vejo correndo e brincando com eles como um garotinho feliz. Ele

me vê e para de correr, o que faz com que um dos cães salte em sua direção. Cruel assobia e seus

tão amados animais o obedecem e se acalmam.

Estendo a toalha na grama e me sento, pronta para terminar meu desenho.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Bom dia, esposa — Cruel se aproxima, ofegante e se inclina para me beijar.

Passamos alguns dias em Paris e voltamos para casa ontem, por causa das minhas aulas e

de nossos respectivos trabalhos, mas ainda estamos em clima de lua de mel. O jeito como Cruel

olha para mim ainda me deixa corada e um tanto constrangida, principalmente porque agora não

existe privacidade entre nós. Não estou acostumada a pertencer a alguém de corpo e alma e,

sempre que penso nisso, sinto um frio gostoso na barriga. É bom saber que nós nos pertencemos.

— Está me desenhando outra vez? — Ele se senta ao meu lado, bem perto de mim.

Sorrio, mostrando-lhe os esboços de suas expressões que rabisquei em meu caderno de

desenho.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— Essa é a minha favorita — Aponto para um esboço no qual ele sorri de orelha a orelha.

— Você sempre tem essa expressão no rosto quando brinca com os cães.

Cruel sorri, fazendo charme.

— Dálmatas são os melhores cães do mundo — comenta. — Acho que farei uma coleção

inspirada neles para o próximo inverno.

Franzo a testa.

— Roupas inspiradas em dálmatas?

— Acho que pode se tornar tendência — Ele dá de ombros. — Imagino o que o pessoal de

Paris diria...

Dou-lhe uma cotovelada.

— Você está obcecado por dálmatas ou algo assim?

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Cruel se vira para mim, chegando bem mais perto. Muito.

— Quer me ajudar a desenhar as peças da nova coleção? — Ele sussurra contra a pele de meu pescoço. Faz cócegas.

— Não consigo tomar decisões racionais com você tão perto de mim.

— Só diga que sim.

— Me recuso a desenhar roupas feitas de dálmatas.

Ele ri e se afasta o suficiente para me encarar.

— Não é como se eu fosse fazer uma coleção de roupas feita de dálmatas — Ele ergue

uma sobrancelha e ri. — Eu adoro esses animais. Não sou nenhum psicopata.

Passo meus braços ao redor de seu pescoço e olho para ele.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

— É claro que eu desenho as roupas com você.
Está no meu contrato de casamento.

Cruel passa os braços ao redor da minha cintura e
nós caímos deitados sobre a toalha,

rindo.

— Está?

— Claro, estamos juntos para sempre — Beijo seu
rosto bonito. — E isso inclui desenhar

roupas com estampas de dálmatas, viagens a Paris
e... quem sabe futuramente...

Dou-lhe um olhar significativo e quando Cruel
entende, olha para o lado, sem graça. É lindo

vê-lo corar.

— Ah — Ele ri. — É, tem esse detalhe.

Nós ainda não conversamos muito abertamente
sobre ter bebês e eu acho bastante cedo

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

para trazer esse assunto à tona, mas às vezes me escapa. É algo que quero muito, porém

futuramente e quando nosso casamento estiver mais forte do que nunca.

— Por enquanto — Cruel me puxa contra seu peito. —, somos só você e eu.

Ele me abraça e nós rolamos na grama em meio a beijos e gargalhadas. Para o futuro,

desejo que todos os dias sejam como hoje. Desejo concluir a universidade, assumir o posto de

Presidente até encontrar um sucessor adequado ou algo do tipo — e então me dedicarei à minha

paixão por desenho. Desejo que Cruel seja bem sucedido e que se torne uma pessoa melhor a

cada dia que passarmos juntos. Desejo que esses dias não terminem nunca e que nossa felicidade

seja transbordante.

NACIONAIS - ACHERON

PERIGOSAS

Porque eu serei feliz ao lado de Cruel DeVil para sempre e sempre.

Certo?

Clique [aqui](#) e conheça os outros lançamento da

Editora Ases da Literatura

NACIONAIS - ACHERON

Document Outline

- [CRUEL](#)
- [COPIDESQUE](#)
- [FICHA CATALOGRÁFICA](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)

PERIGOSAS

- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)

NACIONAIS - ACHERON